



Este Livro faz parte, da união de pessoas que gostam da leitura e o repasse, sem fins lucrativos, de fãs para fãs. A comercialização deste produto é estritamente proibida.



Mais uma produção das Divas



Série Shadow

Livro 1 - Cavaleiro de Sombra

Christine Feehan

1ª Revisão: Helena

2ª Revisão, Revisão Final e Formação:

Lunna e Rosângela



SHADOW RIDER

CHRISTINE FEEHAN



JOVE BOOKS, NEW YORK





Resumo

Uma nova série sexy estrelada por uma família do crime de Chicago que esconde um segredo escuro, místico ...

Quer se trate de carros velozes ou mulheres rápidas, **Stefano Ferraro** fica com o que ele quer. Quando ele não é assunto para os paparazzi, ele comanda os negócios da família Ferraro, tanto legítimos e ilegítimos.

Embora a sua atividade criminosa é simplesmente um boato de ser provado, ninguém sabe a verdade real.

Os Ferraro são uma família de ‘cavaleiros de sombras’ capazes de manipular a luz e a escuridão, uma habilidade que Stefano pensa que corre em sua família apenas, até agora ...

Francesca Cappello chegou a Chicago na esperança de uma nova vida. Ela não estava esperando atrair a atenção de um homem com uma fome primal em seus olhos, impulsionado para reclamá-la como sua para proteger e agradar.

E se ele descobrir seu segredo, ele poderia arruinar sua vida...



AVISO

Essa Tradução foi feita pelo grupo Divas de forma a proporcionar ao leitor acesso à obra motivando-o a adquirir o livro físico ou no formato e-book.

O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por Editoras Brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros destina-se, exclusivamente para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho no grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.

Para Alisha Roysum,

Agradecimentos para o apoio principalmente da família.

Não posso dizer o quanto isso significa para mim.

Agradecimentos

Como qualquer livro, há muitas pessoas a agradecer. Por sua ajuda com as traduções italianas, um enorme obrigado a Lillian Pacini. Quaisquer erros cometidos são estritamente meus. Graças a Domini, por sua pesquisa e ajuda com edição; A C. L. Wilson, Sheila English e Kathie Firzlaff, pelas horas noturnas vendo estrelas e reorganizando as idéias; E naturalmente a Brian Feehan, que eu posso chamar em qualquer momento e com uma chuva de ideias, assim eu não me perco uma única hora.



Capítulo *Elm*

Stefano Ferraro puxou as macias luvas de couro, seus olhos azuis escuros fazendo uma longa varredura, lentamente ao redor do bairro. Sua vizinhança. Sua família sabia tudo o que acontecia lá. Era um bom lugar para se viver, o povo fiel. Uma comunidade unida. Era seguro porque sua família a mantinha protegida.

Mulheres podiam andar sozinha pelas ruas à noite. As crianças podiam brincar na rua sem pais temendo por elas.

Ele conhecia cada loja, cada proprietário por nome. O território da família Ferraro começava na fronteira da *Little Italy*¹. Ele conhecia cada polegada de Little Italy também, e os residentes e trabalhadores de lá o conheciam e a sua família. A criminalidade parava na beira do território Ferraro. Essa linha invisível era conhecida até mesmo pelos mais endurecidos criminosos e ninguém se atrevia a atravessá-lo, porque a retaliação sempre era rápida e brutal.

Ele olhou para o relógio, sabendo que ele não tinha muito tempo. O jato estava abastecido e à espera de sua chegada. Ele precisava entrar em seu carro e voar para o aeroporto, *mas* algo o mantinha ali.



Little Italy
Bairro em Nova Iorque

¹ **Little Italy** ou em português "**Pequena Itália**" é um bairro de Manhattan, Nova Iorque. É assim chamado por ter sido ocupado por um grande número de ítalo-americanos durante o início do século XX. Em seu auge, durante a década de 1910, o bairro abrigou cerca de 10.000 ítalo-americanos (cerca de 90% da população da área), configurando o segundo maior enclave da cidade (atrás apenas do Harlem Italiano). Depois da Segunda Guerra Mundial, a maioria dos antigos habitantes foi aos poucos se mudando para o Brooklyn e para Staten Island. Hoje, menos de 10% de sua população possui ascendência italiana, e boa parte de sua área original foi absorvida pelo distrito financeiro e pelo bairro chinês (Chinatown). Suas características culturais permanecem em bares e restaurantes em um curto enclave ainda restante do bairro



Fosse o que fosse, a sensação que tinha era perturbadora. A compulsão para ficar era forte, e quando acontecia, cada Ferraro sabia que havia problemas chegando. Ele cuidadosamente e muito calmamente fechou a porta da *Maserati*², rodeou o capô, e depois se dirigiu para a calçada.

A urgência era sempre sobre trabalho, e nunca nada interferia com os negócios da família Ferraro. Nada. Ele era duro quando jogava, seu trabalho era importante e perigoso e ele mantinha a cabeça no jogo quando era momento de negócios. Ele precisava mexer sua bunda, mas ainda não podia se obrigar, apesar de todos os anos de disciplina, a entrar em seu carro e ir ao aeroporto. A compulsão era forte, não deveria ser ignorada, e ele não tinha escolha, só esperar.

Uma voz chegou até ele acima dos sons normais da rua. Evasiva. Misteriosa. Musical. Ele virou a cabeça quando duas mulheres dobraram a esquina no limite de seu território e começaram a caminhar mais para dentro dele. Ele reconheceu Joanna Masci imediatamente. O tio dela, Pietro Masci, era um residente de longa data do Território Ferraro, nascido e criado lá. Ele possuía a *deli*³ local, um lugar muito popular para os residentes comprarem seus produtos e carnes. Um bom homem, todos na vizinhança gostavam de Pietro e o respeitavam.

Pietro tinha criado Joanna quando seu irmão morreu anos antes.

Não foi Joanna que atçou seu interesse. A mulher andando ao lado dela estava vestida inadequadamente para o clima. Sem casaco. Só um suéter.



² Maserati

³ **deli** – **delicatesse** - Uma delicatessen é uma loja que vende comidas finas e iguarias. A palavra portuguesa delicatessen vem do francês "délicatessen", que significa literalmente "delicadeza", mas também significa "iguaria", comidas finas. Uma loja de delicatessen poderá ser definida no estágio entre um restaurante de fast-food ou um local que serve lanches diferenciados. O diferencial dessas lojas é o de oferecer produtos frescos, como pães e salgadinhos finos, frios variados, sanduíches finos e confeccionados na hora, docinhos especiais e finos, chocolates em diversas formas e finíssimos, diversos tipos de vinhos italianos, franceses, portugueses, chilenos, australianos, dentre outros de sabores exuberantes, além de oferecer diversos tipos de queijos e presuntos.



Havia rasgos em sua calça jeans, que se agarrava amorosamente a seu corpo. E ela tinha o corpo.

Ela não era magra como a maioria das meninas preferia; ela realmente tinha curvas. Seu cabelo era selvagem. Grosso. Muito brilhante. Ela usava parte dele afastado de seu rosto em uma intrincada trança grossa, mas o resto caía pelas costas em ondas. A cor era rica. Vibrante. Um preto verdadeiro. Ele não podia ver os olhos dela daquela distância, mas ela estava tremendo de frio, no clima de Chicago e por alguma razão, ele teve uma reação inteiramente primal com ela tiritando constantemente. Seu intestino atou e uma queimadura lenta de raiva começou em sua barriga.

Não foi sua aparência que captou seu interesse ou o fez ficar absolutamente imóvel. Foi sua sombra. O sol estava jogando a luz perfeitamente para criar altas sombras, completas. As dela eram tentáculos compridos vazados. Finos. Assim como estrias se estendendo na direção das sombras em torno dela. Em todos os lugares onde havia uma sombra, a dela se conectava com os longos tentáculos—com longos tubos. Sua respiração falhou. Seus pulmões pararam.

Ela era a última coisa que ele esperava que fosse acontecer porque ... Francamente ... Uma mulher como ela era muito rara. Ele não sabia como se sentir sobre isso, mas de repente não havia nada mais importante, nem mesmo os negócios da família Ferraro.

Ele pegou o celular e digitou os números, sem tirar os olhos de cima dela. – *Franco, eu vou precisar pegar o helicóptero mais tarde. Tenho negócios a resolver antes que possa sair. Meia hora. Sim. Vou encontrá-lo.* —Ele terminou a chamada, ainda observando as duas mulheres e a estranha sombra quando ele socou outro número.

– *Henry. Eu não vou mais usar o carro. Por favor, devolva-o a garagem para mim.* —A família Ferraro tinha uma garagem com temperatura controlada, com uma frota de vários carros e motocicletas. Todos eles gostavam de velocidade. Henry cuidava de todos os veículos e os mantinha prontos para uso.



Stefano fechou o telefone e deu um passo fora da calçada para atravessar a rua. Ele ergueu a mão imperiosamente e, claro, os carros pararam para ele. Tudo parava para ele quando ele exigia.



Francesca Capello rezou para não desmaiar enquanto caminhava com Joanna para a deli. Ela nunca se sentiu tão fraca na vida. Estava com fome. Ela fez sopa de tomate usando ketchup e água, mas isso foi tudo o que tinha comido durante os últimos dois dias. Se ela não conseguisse esse emprego ia ter que fazer algo desesperado, como perguntar à mulher sem-teto a quem ela tinha dado seu casaco onde era a distribuição de sopa mais próxima.

Talvez não tivesse sido uma grande ideia dar o casaco para a mulher. Suas roupas não eram as melhores para uma entrevista de emprego, mas eram tudo o que tinha. Ela precisava do emprego, e definitivamente não estava muito profissional em sua calça jeans desbotada, de um muito suave azul vintage, com ajuste perfeito, o que era raro encontrar nos brechós. Havia buracos nos joelhos e um pequeno no alto de sua coxa, mas alguns jeans tinham rasgos em destaque. Os de seu jeans eram apenas pelo desgaste real.

— Uau, está lotada, — Joanna observou quando elas pararam em frente a uma porta de vidro. Ela puxou-a e conduziu Francesca para dentro.

Francesca pensou que poderia desmaiar com todos os cheiros de comida. Seu estômago roncou e ela o empurrou com uma mão, na esperança de acalmá-lo. Três pessoas estavam do lado de dentro do balcão e todas as mesas do salão estavam cheias.

— Lugar popular, — observou ela, porque *tinha* que dizer alguma coisa. Ela deixou Joanna fazer a maior parte do contato porque—bem—ela não *podia* falar. Ela não iria explodir em lágrimas na frente de sua amiga. Não depois de tudo o que Joanna tinha feito por ela.



— Eu disse a você. — Joanna deu um sorriso, pegou o braço dela e puxou-a por entre a multidão até a janela do lado oposto a porta. — Podemos esperar aqui até *Zio*⁴ Pietro tenha um par de minutos.

Francesca não achava que ele ficaria livre em breve. Agora todos os cheiros misturados, a deixavam nauseada. Ela não queria vomitar ali mesmo. Ela estava certa de que não iria conseguir o trabalho, e seu estômago estava muito vazio.

Seus pulmões queimavam por prender a respiração, esperando que o tio de Joanna ficasse livre o suficiente para vir entrevistá-la. Joanna tinha prometido o trabalho a ela. Francesca tinha gasto quase todos os centavos—do dinheiro que tinha emprestado de Joanna—para chegar a Chicago, e no pequeno apartamento na periferia de Little Italy. Ela não tinha mais nada para alimentos ou roupas. *Tinha* que conseguir esse emprego. Poderia sobreviver mais uma semana se ela tivesse muito, muito cuidado, mas não por mais tempo. Ela estaria na rua com Dina, a mulher sem-teto. Ela já tinha feito isso uma vez e não tinha sido divertido. Na verdade, ela não estava completamente certa que seu apartamento era melhor do que a rua. Ainda assim, tinha um telhado.

Francesca não conseguia parar de tremer, não importava o quanto tentasse. O frio estava intenso e penetrava direto até os ossos. Após a tempestade selvagem, havia poças por toda parte, impossíveis de evitar, e seus sapatos e meias estavam encharcados. As solas eram finas e a água tinha chegado facilmente dentro de seus sapatos. Não só os pés estavam molhados, mas seus dedos estavam dormentes.

Ainda assim, se ela conseguisse o trabalho, este era o lugar perfeito para ela. O bairro era pequeno. Tudo era a uma curta distância. Ela não possuía carro, ou qualquer outro meio de locomoção. Estava começando de novo, determinada a renascer das cinzas como uma Phoenix, mas sério, se Pietro não se apressasse, ela estaria no chão em breve.

⁴ *Zio* – significa tio em italiano



Se ela não precisasse tanto de comida e se aquecer, ela teria ficado feliz com a evidência de que a loja era popular como uma pequena mercearia especializada e lanchonete. Claramente, Pietro precisava de ajuda. Ela poderia lidar com uma caixa registradora sem problemas. Ela poderia fazer sanduíches. Ela tinha trabalhado em uma *delicatesse* enquanto estudava e estava certa que seria fácil.

A porta se abriu e uma rajada de ar frio entrou na loja, esfriando-a ainda mais. Ela virou a cabeça e congelou. Nunca em sua vida tinha visto um homem mais lindo ou mais perigoso. Ele era alto, de ombros largos, duro como aço e totalmente poderoso. Seu cabelo era cor de azeviche e parecia artisticamente confuso, como se até mesmo ele se recusasse a desobedecê-lo.

Ele usava um *terno de três peças*⁵ carvão escuro listrado que tinha que ter sido feito sob medida na Itália ou França e parecia valer uma fortuna. Sua gravata era cinza escuro para combinar com as listras finas de seu terno sobre uma sombra mais clara da camisa carvão vegetal. Ele usava luvas e um *longo sobretudo de caxemira*⁶ escura. Até mesmo os sapatos em seus pés pareciam ter custado uma fortuna. Ele a fez muito consciente de suas roupas surradas.

Ela não foi a única pessoa que o percebeu. No momento em que ele entrou, todo falatório na loja cessou. Completamente. Ninguém sussurrava. Ninguém se mexia, como se todos estivessem congelados no lugar. Pietro ficou alerta. Ao lado dela, Joanna respirou fundo. A atmosfera na loja foi de conversas amigáveis e mexericos a de perigo.

Seu rosto era esculpido em linhas masculinas e gravado em pedra. Ele tinha uma mandíbula forte coberta por uma sombra escura. Ele era



⁵ Terno de três peças



⁶ Longo sobretudo de caxemira



facilmente o homem mais lindo que já tinha visto. Seus olhos eram de um azul tão intenso que ela quase não acreditava que fosse a cor natural. Os olhos azuis varreram a sala, reparando em tudo e todos. Ela sabia o que ele fazia. Assim como todos na sala. Assim como ela, todos olhavam para ele. Os olhos dele se voltaram para ela. Decidido. Direcionado.

O impacto foi físico. A respiração dela correu de seus pulmões. Ele podia ver através dela. Ela tinha muitos segredos para ele estar olhando para ela e ver tanto. Pior, seu olhar vagou sobre ela, reparando no suéter recortado que moldava os seios e mal chegava à cintura. Seu jeans acabava um pouco abaixo de sua cintura e ela teve que resistir a puxar a bainha do suéter, embora os dedos se enrolassem automaticamente em torno da bainha para fazer exatamente isso. O suéter era uma das poucas coisas que possuía, que estava seca.

Seu olhar viajou de seu jeans a seus sapatos molhados e voltou a seu rosto. Ela desejou que a terra se abrisse e a engolissem. A tensão subiu mais alguns graus. Francesca sabia por quê. Não só este homem era lindo e perigoso, ele estava com raiva. Uma negra barreira de calor intenso encheu o quarto até que ninguém parecia capaz de respirar. Ela podia *sentir* sua raiva brilhando no ar. A sala vibrava com sua fúria.

Ela encontrou-se tremendo e se encolhendo sob aquele olhar azul brilhante. Ela não entendia por que ele a tinha escolhido, mas ele tinha. Seu olhar duro estava fixo nela, e não em qualquer um dos outros clientes, só nela. Ela respirou fundo e soltou o ar, puxando conscientemente a bainha de seu suéter. Quando o fez, sua carranca se aprofundou.

— Sr. Ferraro. —Pietro deu a volta no balcão.

Os ombros de Pietro estavam duros, seu rosto uma máscara de preocupação, seu tom respeitoso. Parecia que ia desmaiar a qualquer momento. Parecia que todos iam. Francesca não entendia o que estava acontecendo, mas Joanna claramente sim. A amiga dela tremia e colocou uma mão no braço de Francesca como se para se firmar.



Estavam todos com medo dele. Francesca podia ver por que—ele era e parecia perigoso. Mas todos na loja? Receosos deste homem. Isso era um pouco assustador. Ela desejou ardentemente que ele parasse de olhar para ela.

O homem, o Sr. Ferraro, deu um passo em sua direção. Ele parecia—um predador. Seu olhar não vacilou. Nem um momento. Se ela não estivesse enganada, ele não piscou, também. A multidão imediatamente se separou, assim como o Mar Vermelho, deixando um caminho direto para ela. Sentia-se mais vulnerável e exposta do que nunca. Ela não podia nem mesmo perguntar a Joanna quem ele era e por que todo mundo tinha medo dele, ou mesmo de onde todos o conheciam, ou por que sua raiva seria dirigida a ela.

Tudo nela se acalmou. A menos que ele soubesse. Oh Deus. Ele não podia saber. Ela não tinha mais nada, nenhum lugar para ir. Se ela não conseguisse este emprego, ela estaria na rua novamente. Seu rosto queimava sob seu controle. Ela sabia que ele viu tudo. Suas roupas de brechó. Seus sapatos molhados. Sua falta de maquiagem. Seu terno facilmente custava milhares de dólares, assim como seu casaco. Suas luvas, provavelmente, custavam mais do que toda a roupa dela quando tinham sido novas. O que ele gastou em seu relógio provavelmente poderia comprar um carro.

Ela se sentiu corar, e não podia parar. Seu olhar baixou, embora se sentisse desafiante. Somente porque ele era rico—e ele era mais do que rico, qualquer pessoa com olhos podia ver que era—não tinha direito de julgá-la.

Deus, mas ele era bonito. Ítalo-americano. Pele cor de oliva. Lindos olhos azuis e cabelos pretos, grossos que faziam uma mulher desejar passar seus dedos por ele. Nenhum homem devia ser capaz de olhar como ele fazia. Ela tentou olhar para longe dele, mas algo em seu olhar firme avisou a ela que não e ela não se atrevia a desafiá-lo.

Ela não podia imaginar alguém o desafiando. Ele não exatamente caminhou até ela. Ele a perseguiu, como um grande gato selvagem emergindo das sombras. Silencioso. Fluído. De tirar o fôlego.



— *Poesia em movimento*, —ela murmurou baixinho. Ela tinha ouvido a expressão, mas agora sabia o que significava, como as palavras poderiam ganhar vida com um homem em movimento.

Ele parou abruptamente. Bem na frente dela. Teria ouvido? Sentiu mais cor rastejando em seu rosto. Um vermelho escuro. Ela estava mortificada de ser escolhida na multidão. Isso já era ruim o suficiente, mas se ele a tivesse ouvido ...

— Sou Stefano Ferraro. Você é? —Era uma exigência, nada menos.

Ela abriu a boca. Nada saiu. Ela realmente se sentiu paralisada de medo. De que ela não sabia. Os dedos de Joanna apertaram seu braço, com força suficiente para levá-la a deixar escapar o nome dela. — Francesca. Francesca Capello.

— Onde diabos está seu casaco? —Sua voz era baixa. Suave. Parecia ameaçadora, como se toda a raiva dirigida a ela, fosse porque ela não tinha um casaco.

Ela estremeceu com sua linguagem e com sua pergunta completamente chocante. Ela levantou o queixo e instantaneamente seus olhos estavam no rosto dele, em um gesto de desafio. — Não é da sua conta, —ela disse, mantendo sua voz igualmente baixa.

Um suspiro coletivo subiu na loja, lembrando-a de que não estavam sozinhos. *Sentia-se* sozinha, como se fossem apenas os dois.

— É da minha conta, —ele voltou. — Você está tremendo tanto que seus dentes estão batendo. Onde diabos está seu casaco?

Ela abriu a boca para dizer-lhe para ir para o inferno, mas não saiu nada. Nem uma única palavra.

— Ela deu seu casaco para a mulher sem-teto, —Joanna informou às pressas. — Quando vínhamos para cá. Nós estávamos caminhando ao longo da Franklin e havia uma mulher sentada sob um beiral lá e estava com tanto frio que Francesca deu seu casaco para ela.



— Dina, —Francesca murmurou.

— Dina? —Repetiu ele.

— Ela tem um nome. É Dina. —ela repetiu, antes que pudesse se conter. Ela sabia que soou arrogante, mas não se importava.

— Estou bem ciente de quem ela é. —disse ele. — Eu gostaria de saber quem você é.

Francesca ficou horrorizada com seu interesse e mortificada por estar no centro das atenções. Ela enviou uma pequena prece para o chão se abrir e engoli-la ali mesmo.

Ela respondeu com um silêncio tão alto que Joanna saltou para preencher a brecha. — Ela é uma amiga, que eu convidei para vir viver na Califórnia. Tio Pietro precisava de alguém para ajudar na deli e ela tem toneladas de experiência. —As palavras tropeçavam umas nas outras em sua pressa de colocar a informação para fora. — Isso é o que estamos fazendo agora, esperando a entrevista.

Francesca estava ciente que todos na loja estavam olhando para ela, inclusive Pietro. Ela sabia que parecia uma desabrigada em suas roupas de brechó, mas realmente, a mulher na rua estava congelando.

Francesca, pelo menos, tinha quatro paredes para protegê-la até o fim do mês, e depois ela estaria compartilhando um caixa de papelão com Dina.

— Entendo. —Stefano Ferraro disse as palavras cuidadosamente, os olhos ainda fixos nela. — Você a conhece, Joanna? Você a garante?

Joanna assentiu com a cabeça vigorosamente, o cabelo escuro voando ao redor do rosto. Francesca podia senti-la tremer, o que era incomum. Joanna sempre teve toneladas de confiança em si mesma. Ela tinha sido popular na escola e sempre, sempre tinha uma opinião a dar. Todo mundo gostava dela, mas ela definitivamente estava tremendo.



Stefano, ainda observava o rosto de Francesca, puxou a carteira, enfiou um punhado de notas no bolso de seu casaco e, em seguida, retirou o casaco. Ele o manteve aberto na frente de Francesca.

Os pulmões dela fecharam. Ela balançou a cabeça e tentou dar um passo para trás, mas bateu no corpo trêmulo de Joanna.

Quem era este homem que todo mundo tinha tanto medo? Francesca sabia que o sangue tinha sumido de seu rosto; ela podia sentir isso. Ela balançou a cabeça de novo, de forma mais vigorosa para que não houvesse nenhum erro que a resposta era um sonoro e enfático não.

A impaciência cruzou seu rosto. — Eu não tenho tempo para besteiras, *bambina*⁷. Coloque seus braços no casaco e saia comigo por um momento. Vamos conversar. — Ele olhou para o relógio muito caro. — Eu tenho cerca de dois minutos e então eu tenho que estar em algum outro lugar.

Ela considerou tentar ganhar os dois minutos para que ele tivesse que sair, mas Joanna e Pietro olharam desesperados. Ele tinha que ser um criminoso. Da máfia. Um dos homens prepotentes que vinham e levavam todo o dinheiro das lojas, como na televisão. Ele parecia muito elegante para isso, mas também parecia poder facilmente quebrar ossos sem derramar uma gota de suor.

Joanna realmente a empurrou para Stefano. Resignada, Francesca virou de costas para ele, deslizando seus braços nas mangas. Para seu horror ele a abraçou para abotoar o casaco comprido em torno dela. *Enjaulando-a*. Ela estava de costas contra seu peito e os braços longos a prenderam enquanto ele abotoava o casaco. Ela sentiu seu calor. Sua força. Pela primeira vez naquela manhã, ela parou de tremer.

Seus braços pareciam extremamente fortes, seu peito um muro de aço. Mais, com cada respiração que ela dava, ela o respirava. Seu perfume. Muito masculino. Picante. Ele a virou para encará-la e então chegou perto dela— muito perto—porque novamente, ela não conseguia respirar. O casaco era

⁷ **Bambina** – significa criança, bebê em italiano



quente. O céu. Suave. Cheirava a ele. E ele cheirava bem. Na verdade, ele deixava seus joelhos fracos, a menos que, na verdade, ele não tivesse nada a ver com isso e ela estivesse apenas com fome.

A mão dele escorregou por seu braço e os dedos algemaram seu pulso em um aperto firme. Ela olhou para ele, preparando-se para o momento em que seus olhos se encontrariam, mas ele estava olhando para o tio de Joanna. Ele não estava sorrindo, mas ofereceu a outra mão.

— Pietro. Bom te ver. Eu confio em você para *cuidar bem* do que é meu. — Sua voz era baixa, sexy. Ela realmente sentia uma estranha vibração em seu corpo, como uma canção, uma nota afinada só para ele.

Ele olhou para ela de novo, e o impacto de seus olhos foi o suficiente para mandá-la para um mini-orgasmo. Esta era a verdade, ela gostasse ou não. Joanna fez um pequeno som, salvando-a, permitindo-lhe virar a cabeça para sua amiga com a declaração de Stefano. A cabeça de Pietro se ergueu e seu olhar saltou para o rosto de Francesca. Francesca franziu a testa, tentando ler a língua local, mas ela não tinha ideia do que era a conversa entre Pietro e Stefano Ferraro.

Rangendo os dentes, ela foi com Stefano porque era hora de mostrar ao homem o que passava em sua mente e não poderia fazer isso na frente de todos. E também porque ele realmente não lhe deu qualquer outra escolha. Não eram apenas Pietro e Joanna olhando para ela, mas, todos na loja também. Ela não queria ou precisava de atenção sobre ela.

Uma explosão de frio atingiu-a quando Stefano abriu a porta e permitiu que ela saísse primeiro. Ela estava muito consciente dele, do corpo duro, movendo tão perto do dela. Ele manteve-a perto com seu aperto, de modo que quando ela dava um passo, seu corpo roçava o dele continuamente.

Ele parou do lado de fora da deli, à direita da porta, sob o beiral. As mãos dela caíram para os botões de seu casaco. Imediatamente sua mão cobriu a dela, impedindo-a de abrir os botões. O corpo dele bloqueava o dela contra o vento, cercando-a. Ele colocou uma mão em sua barriga e a



empurrou gentilmente até que ela deu os três passos necessários para ficar contra a parede do edifício, e então ele facilmente a enjaulou.

— Use o dinheiro para comer alguma coisa. Compre um bom par de sapatos. *Não* dê meu casaco a ninguém. Sou bastante afeiçoado a ele.

Sua voz estava um pouco impaciente, definitivamente autoritária, como se todos no mundo obedecessem—a cada comando seu e eles provavelmente o faziam. Detestava estar de pé na frente do homem mais quente do mundo e que ele pudesse ver que ela não tinha nada. Absolutamente nada. Ela não estava querendo nada dele, também.

— Eu *não* estou pegando o seu dinheiro ou o seu casaco, —ela retrucou.

As mãos dele mantiveram a sua presa. Seu polegar deslizou sobre o dorso da mão dela e mesmo através do macio couro cor de manteiga da luva, o gesto enviou um formigamento pela espinha dela.

— O casaco é um empréstimo, e o dinheiro ... —Ele encolheu os ombros.

— Eu não vou aceitá-lo, —ela reiterou.

— Existe uma razão pela qual *você* está autorizada a ser gentil, e eu sou condenado pelo mesmo gesto? —Perguntou suavemente.

Seus olhos se encontraram o que foi um erro. Um grande erro. Ela sentiu como se estivesse caindo naqueles duros olhos penetrantes. Ela soube imediatamente que ele não tinha lhe dado o casaco, porque estava sendo gentil. Ela só não sabia por que ele o tinha dado a ela. Ou por que ele tinha se interessado por ela.

— Francesca? —Ele perguntou.

Ela tentou não fazer uma careta para ele. — Não, claro que não. É apenas difícil aceitar caridade. —Ela respirou.

— Não é caridade.

Isso era o que ela tinha medo. Seu olhar deslizou para longe do dele. — Eu não posso aceitar ... Isso é ... De você ... Porque você é ... —*Deus*. Ela não



conseguia nem falar. Ele estava muito perto. Rodeando-a com calor. Muito bonito. Perigoso demais. Tudo o que ela não era e nunca seria.

Sua mandíbula endureceu ainda mais, se isso era possível. Ela tinha os olhos fixos na sua muito sexy sombra de barba assim viu muito claramente a sua impaciência. Sua barriga apertou em duros nós de apreensão.

Ela não podia ajudar a si mesma; apertou a mão em sua barriga para tentar parar a tensão que crescia. O olhar dele foi para a mão e, em seguida, voltou para o rosto dela.

— É porque eu tenho dinheiro. —Ele fez uma declaração.

Sua acusação machucou, principalmente porque era verdade. A cor se aprofundou em seu rosto. Ele a fez soar preconceituosa. Ela odiava que ele tivesse chamado a atenção dela, mas a verdade era que teria sido muito mais fácil aceitar o casaco de alguém que tivesse muito menos. Ela prendeu o lábio inferior entre os dentes. Claro que não era a única razão, mas ela não podia enumerar as outras, qualquer uma. Que ele era lindo, superquente. Ou que ele era perigoso e ela achava que ele poderia ser membro do crime organizado.

— Francesca.

Seu estômago deu uma cambalhota. Ele sussurrou o nome dela. Comandando. Ele estava acostumado à deferência. Obediência. Ela respirou.

— Olhe para mim.

Ela deixou escapar o fôlego lentamente e forçou seu olhar por seu belo rosto até que seus olhos colidiram com os dele.

Em seguida, a respiração fugiu de seus pulmões, deixando-a lutando por ar.

— Guarda. A. Porra. Do. Casaco. —Ele mordeu cada palavra.



Ele a assustou demais. Ele não estava tocando ou ameaçando-a, mas ela sentia a ameaça rolar dele em ondas. Não adiantava lutar com ele sobre isso. Ele iria ganhar. Ambos sabiam disso.

— Obrigado. — As palavras tinham o sabor um pouco amargo, mas ela conseguiu jogá-las fora.

Ele acenou com a cabeça e olhou para o relógio novamente. — Arrume algo para comer, — acrescentou, afastando-se dela. — Eu vou voltar pelo meu casaco.

Ela limpou a garganta. — Sr. Ferraro?

Ele girou de volta. Gracioso. Impaciente. — Tenho coisas para fazer, Francesca.

Ela não se importou. Ela tinha que saber a verdade. — Por que todo mundo tem medo de você?

Seus olhos azuis prenderam os dela por tanto tempo que ela ouviu seu coração acelerar. — Porque eu não sou um homem que você possa *foder*.

Ela piscou, um pouco chocada com a honestidade em sua resposta. Ela estava certa de que ele tinha razão. Ele deixou uma sala cheia de pessoas em um ponto morto. Ninguém tinha se movido. Ninguém tinha falado. Ele definitivamente parecia um homem com quem ninguém se atreveria a *foder*.

Ela limpou a garganta. — Eu não gosto desse tipo de coisa.

Ele apertou uma mão em sua barriga de novo, empurrando-a contra a parede, dando um passo para perto dela até que seu calor e o cheiro dele a rodeavam. — Que tipo de coisa? — Seu olhar caiu na boca dela. Manteve-se lá.

Seus lábios tremeram, e um milhão de borboletas levantaram voo em seu estômago. Seu coração disparou. Deus. Ele estava perto. Muito perto. Ele era mais alto que ela, pelo menos, uma cabeça e meia. Seus ombros escondiam a rua atrás dele. Ele cheirava—muito bem. Ela não sabia que um



homem podia ter o cheiro tão bom. Ele estava congelando com frio lá fora e não estava nem mesmo tremendo embora ela estivesse com seu casaco.

— O tipo de coisa com a palavra *F*. —Ela soltou, dizendo a primeira coisa que lhe veio à mente sem pensar.

A sobancelha dele se elevou. Ela não achava que alguém realmente poderia fazer isso. Levantar uma sobancelha. Isso era incrivelmente quente—pelo menos para ele.

— A palavra *F*? —Ele repetiu. — *Dolce cuore*⁸, você não pode sequer dizer *foda*, porra.

Ela sentiu a cor rastejando em seu rosto, embora não soubesse por quê. Não era ela que estava jorrando linguagem inapropriada para uma completa estranha. Ela não estava olhando para a boca dele, embora ela quisesse. Ela resistiu, porque era o educado. Ela não estava pressionando-o contra uma parede e segurando-o lá com uma mão em sua barriga e outra em sua cabeça. Ela não se atreveria a tocá-lo.

Não havia nada a dizer sobre isso, então não disse nada. Ela só ficou lá, esperando que ele a soltasse.

Ele olhou para o relógio novamente. — Eu realmente tenho que ir. Coma. Quero dizer isso, Francesca. Não dê o dinheiro ou o casaco para qualquer outra pessoa. Eu vou saber, e eu não vou gostar disso.

Ela fez uma careta. — Eu deveria ter medo de você?

Pela primeira vez diversão suavizou suas feições. — Só se evitar que dê meu casaco e garanta que você coma hoje. —Ele estendeu a mão, pegou uma mecha de seu cabelo e depois deixou os fios escorregarem por seu punho. — Não se esqueça de comprar um bom par de sapatos.

— Vou usar o seu casaco, mas o dinheiro ... Eu não sei quando eu posso lhe pagar.

⁸ *Dolce cuore* – significa querida em italiano



— Pietro paga um salário decente. —Ele se afastou dela.

— Eu não tenho o trabalho ainda.

— Você tem o trabalho. —Ele levantou a mão e começou a descer a rua, movendo-se facilmente, calmamente. Parecendo mais lindo do que nunca.

— Espere. Como faço para devolver o casaco? —Ela perguntou um pouco desesperadamente. Ele havia deixado claro que queria seu casaco de volta.

— Vou te encontrar.

Ela o viu tomando distância. Observava como as pessoas na calçada saíam de seu caminho. Ele parecia fluir pela calçada, uma força a ser reconhecida. Ela se sentiu um pouco maltratada, como se tivesse estado no meio do mar durante uma tempestade terrível. Ela não se moveu, não por um longo tempo. Ficou encolhida lá em seu longo casaco e forçou-se a respirar profundamente, tentando não se sentir fraca.

Joanna pegou-a pelo braço. — Oh. Meu. Deus. Será que isso aconteceu? Diga-me que não aconteceu. —Ela praticamente balançou Francesca em seu choque.

Francesca olhou pela janela da deli. Ninguém se movia. A atenção de todos na loja permanecia completamente fixa em Stefano Ferraro. Ela mergulhou mais fundo no calor do casaco. A caxemira cheirava a ele. Estava quente como ele. Elegante como ele era.

— O que *acabou* de acontecer? —Francesca perguntou a Joanna. — Porque eu não tenho ideia.

— Ele apenas disse a *Zio Pietro* para contratá-la. *Pedi*u a ele.

— Ele não pode fazer isso. —Francesca franziu a testa, alarmada.

— Sim, ele pode e ele fez. Ninguém vai de encontro a um Ferraro. Ninguém, Francesca.

— Ótimo. Seu tio vai me culpar por alguém entrar e dizer-lhe o que fazer em sua própria loja.



— Não, ele não vai. Ele está animado que vai fazer um favor para Stefano. Isso é raro e significa algo. Você faz um favor para um e *todos* eles sentem que lhe devem. Toda a família. Isso é enorme, ter um Ferraro devendo a você. Zio Pietro estava praticamente dançando ao redor da loja.

— Por que esse homem ficou tão irritado porque eu não tinha um casaco?

Joanna parecia confusa. — Eu não faço ideia. Eu só sei que é muito legal que você atraiu sua atenção. Eu estou em torno a anos, desde que eu era uma menina, e todos eles sabem meu nome e me conhecem, mas eles nunca tiveram esse tipo de interesse em mim.

Francesca cerrou os dentes. — Por quê? — Já sabendo a resposta e não gostando.

— Nós não frequentamos exatamente os mesmos círculos sociais. Essa família é a celebridade total. Todo mundo os conhecem.

Isso não deixava Francesca nem um pouco predisposta a sentir-se melhor sobre o interesse de Stefano Ferraro nela. — Eu não os conheço. E não quero conhecê-los. — O que não era de todo verdade. Ela tinha ouvido o nome. Ela sabia que o nome era associado com um banco internacional e a um hotel de muito prestígio, bem como uma equipe de corrida.

Joanna pegou o braço dela e puxou na direção da porta da deli. — Vamos lá, está frio aqui fora. Zio Pietro quer conhecê-la.

— Você disse *eles*. Há mais de um dele? — Ela sabia que um Ferraro dirigia um carro de corrida, mas com certeza o nome não era tão incomum.

Joanna assentiu solenemente. — E eles são todos tão lindos. Eu não estou brincando com você. Stefano é o mais velho. Ele tem quatro irmãos, igualmente quentes. Uma irmã, totalmente linda. Quando eles andam juntos, as pessoas só olham para eles. Isso é o quão quente eles são. Cada um deles é super legal também, o que os torna todos *escaldantes* juntos. Sou um pouco apaixonada por eles, incluindo sua irmã. Isso é o quão maravilhosos eles são.



Francesca não poderia ajudá-la. Ela começou a rir. Ela não tinha rido em meses. Foi bom ver Joanna novamente. Ela não era complicada, nem ela queria ser. Ela sempre encontrava humor em tudo e adorava se divertir, ir a clubes e dançar a noite toda.

— Não acredito que Stefano Ferraro tenha reclamado você.

A declaração saiu, deixando Francesca se sentindo fraca e mais confusa do que nunca. Quando elas entraram na loja, todos os olhos se voltaram para ela. A deli estava estranhamente silenciosa. Cor coloriu seu rosto. Ela queria virar e correr.

— Joanna, venha para trás do balcão ajudar enquanto eu falo com a sua amiga, — Pietro ordenou, acenando para sua sobrinha.

Joanna apertou a mão de Francesca. — Zio Pietro, esta é a minha melhor amiga, Francesca Capello.

— Sim, sim, você fala sobre ela o tempo todo, — disse Pietro, radiante. Ele acenou em direção aos clientes.

— Depressa, antes de eles irem para outro lugar. Eu vou cuidar de Francesca para você.

Ele indicou para Francesca segui-lo e ela o fez, através da multidão, para trás do balcão. Uma vez atrás do balcão, estava perto do cheiro de comida e o estômago dela roncou novamente. Ela encontrou-se puxando o casaco em torno dela como um escudo, tentando se esconder de todos os olhos olhando para ela. Tentando esconder o fato de que ela estava morrendo de fome. Ela seguiu Pietro através de um corredor estreito para o escritório um pouco confuso.

Pietro acenou para uma cadeira. — Sente-se. Vou lhe dar um formulário, mas só porque eu preciso de suas informações. Uma mera formalidade.

Ela estremeceu, desejando que fosse fácil para uma pessoa classe média obter uma nova identidade. Ela realmente fez perguntas, apenas para descobrir que seria impossível quando ela não tinha dinheiro e não conhecia ninguém criminoso, apenas um, então ela permaneceu Francesca Capello.



Seus dedos agarraram o exterior do casaco, recolhendo o material em seu punho, segurando tão apertado que os nós dos dedos ficaram brancos.

— Diga-me como você conhece Stefano Ferraro. Parecia que você acabou de conhecê-lo, mas ele disse ... —Ele parou de falar, claramente à procura de mais informações.

Ela olhou por cima da mesa de Pietro, seu coração começando a falhar. Ela *precisava* deste trabalho. Ela não era boa em mentir, mas ... Ela não sabia o que fazer como responder a ele. — Sinto muito, Sr. Masci. Eu nunca coloquei os olhos nele antes de hoje. —Ela disse a verdade. Ela descobriu que estava tremendo da cabeça aos pés. Ela tinha que trabalhar. Ela se inclinou em direção a ele. — Por favor. Eu sou uma trabalhadora muito dura. Eu tenho toneladas de experiência. Realmente.

Ela simplesmente não podia listar todas as referências. Nem uma única.

Pietro recostou-se na cadeira, franzindo a testa para ela. — Você nunca pôs os olhos sobre ele antes de hoje? —Ele repetiu sua negação suavemente. Pensativo. — Ele *reclamou* você. Ele me pediu para cuidar de você para ele. Você tem alguma ideia do que isso significa para nós? Como você pode não o conhecer?

Ela estava ficando desesperada. Comida tinha sido escassa nas últimas semanas. Esconder-se em edifícios antigos para se manter viva quando você estava sendo caçada poderia fazer alimentos não ser uma primeira prioridade. A viagem de ônibus foi longa.

Ela tinha que guardar seu dinheiro para tentar obter um lugar para ficar. O que não deixava muito para alimentos. — Eu conheci Joanna na escola— na faculdade. Quando ... Coisas me aconteceram ... À minha família, ela foi amiga o suficiente para me ajudar. Peguei um ônibus para Califórnia porque ela pensou que eu poderia trabalhar em sua deli e construir uma nova vida aqui.

Ele colocou as duas mãos sobre a mesa. Reto. Inclinando-se em direção a ela. Os olhos penetrantes. Seu coração se afundou. — Você está fugindo da lei?



O alívio foi tão forte que ela queria chorar. Ela balançou a cabeça. — Não senhor. Eu não estou. Eu tenho alguns problemas em voltar para casa, mas eu não estou com problemas com a lei. Eu realmente preciso desse emprego. Eu não tenho muito dinheiro ... — Isso a fez lembrar das notas dobradas com que Stefano Ferraro tinha recheado o bolso de seu próprio casaco quente.

— Por que Stefano Ferraro pediu um favor meu por você? Será que ele conhece sua família?

Ela balançou a cabeça, sentindo-se tonta. — Eu te juro, eu não o conheço. Eu não sei por que ele me deu o seu casaco, ou agiu da maneira que ele fez.

— Ele levou-lhe lá fora e teve uma conversa com você. O que ele disse?

— Nada. Ele não queria que eu desse seu casaco. Ele disse que eu tinha que comprar alguns sapatos com o dinheiro. Ele estava sendo gentil.

Algo em seus olhos mudou. — Os Ferraro são um monte de coisas, mas eles não são amáveis. Ele quer que cuide de você. A minha sobrinha também pediu. Vou contratá-la. Você pode começar amanhã. Preencha os papéis, e vou buscar comida. Parece que você não tem comido há tempos.

Francesca teve que admitir que ela não achava que Stefano tinha ajudado por bondade, mas certamente a expressão de Pietro era gentil e ela caiu com alívio. Ela iria esquecer todo o incidente estranho com Stefano, tratá-lo como se fosse um gesto amável. Ela não iria gastar seu dinheiro, mas usaria o casaco e depois iria pendurá-lo com cuidado em seu apartamento até que ela descobrisse como devolvê-lo para ele.

Ela preencheu o formulário, deixando quase tudo em branco. O nome dela. Seu número de seguro social. Era isso. Não havia mais nada que ela pudesse dizer a ele com segurança.



Capítulo Dois

Joanna jogou um punhado de revistas sobre a mesa na frente de Francesca. — Olhe. Diga-me que estou errada sobre a família Ferraro.

Francesca suspirou. Ela conseguiu comer duas refeições, graças a Joanna e seu tio. Ela manteve as refeições pequenas, e estava feliz por isso. A comida parou em seu estômago como se seu corpo tivesse esquecido de como processá-la. Seu primeiro dia de trabalho tinha sido muito bem sucedido e Pietro ficou satisfeito. Os clientes da deli dobraram em um dia. Ela manteve a cabeça baixa e trabalhou duro, evitando os olhos fixos. Pietro não se importava se eles olhavam para sua mais nova funcionária. Ele se preocupava com a caixa registradora, que estava cheia. O que significava que o jarro de gorjetas estava cheio também.

Francesca sorriu quando Joanna folheou uma das revistas para mostrar-lhe uma manchete. *IRMÃOS FERRARO. CARROS RÁPIDOS E MULHERES MAIS RÁPIDAS.* Havia uma série de fotografias de Stefano Ferraro em um carro de corrida com um sorriso enorme, um grande troféu e uma mulher em seus braços, olhando para ele. Quatro homens muito quentes e uma mulher excepcionalmente bela o circulavam, todos sorrindo para ele. Joanna estava certa. Eles eram lindos.

— Bem, isso me deixa fora. Eu não possuo um carro, e não poderia considerar correr na pista rápida não importa quem estava falando sobre mim. — Francesca deveria estar sentindo alívio, mas quanto mais ela virava as páginas das revistas e via modelos, cantoras, atrizes e herdeiras adornando os braços dos machos Ferraro, mais ela se sentia um pouco doente.

— Uau. Se considerarmos que um décimo dessas coisas é verdade, eles vivem a vida no limite. Festas. Corrida de carros. Jogar pólo. O que ele estava



fazendo na loja de seu tio? Eu não acho que ele colocaria os pés em um lugar que foi classificado em menos de cinco estrelas.

— A família Ferraro possui a maior parte dos edifícios no nosso bairro. Não as casas, mas os prédios de apartamentos, e todo o espaço da loja. Eles são muito práticos. Seus pais realmente compram no bairro. Eles frequentemente entram e conversam com Zio Pietro.

— Você está me dizendo que estas pessoas são realmente amigos de todos vocês? — Ela não podia evitar a descrença em sua voz.

Joanna sacudiu a cabeça. — Não amigos exatamente. Não estou dizendo que frequentamos os mesmos círculos. É mais como eles são a realeza e todos nós os conhecemos de vista. Eles mantêm um olho nas coisas.

Francesca olhou para os rostos ridiculamente bonitos com mulheres em seus braços, mulheres abarrotadas de diamantes—e ela simplesmente não podia vê-los andando pela vizinhança e frequentando as lojas locais.

— Eles são da *máfia*?

Joanna respirou fundo e olhou em volta. — Francesca! *Sheesh*. Você está louca? Você não pode fazer uma pergunta como essa onde qualquer um possa ouvi-la.

— Bem. Eles são? — Ela insistiu.

Joanna parecia desconfortável. — Eles mantem o bairro seguro.

Francesca olhou para as páginas abertas novamente. Pareciam *playboys*, mas se ela chegasse muito perto, se estudasse seus rostos, ela podia ver o perigo à espreita sob toda aquela beleza. O sino sobre a porta anunciou um cliente e Francesca olhou para cima quando se levantou. Seu coração gaguejou. Outro Ferraro. Definitivamente. Não Stefano, mas certamente um dos seus irmãos. Seu olhar afiado percorreu a loja até que parou sobre ela. Seu estômago reagiu, com a sensação de um grande mergulho. Ela olhou para Joanna. A amiga dela estava congelada, a boca aberta, a mão sobre as revistas.



Francesca as fechou cuidadosamente e orou para que aqueles olhos afiados já dissecando as duas não tivessem visto o que elas estavam olhando. Ela forçou seu corpo a se mover, dando a volta para trás do balcão.

— Posso ajudá-lo? — A voz saiu um pouco estrangulada. Ela tinha segredos. Homens como os Ferraro—famosos—tão ricos que pensavam que possuíam tudo em seu mundo, poderiam arruiná-la. Ela sabia por experiência própria que eles não pensariam duas vezes em destruir qualquer um que ficasse em seu caminho.

— Olá, Joanna, —o recém-chegado disse, olhando para Francesca, não Joanna. — Você quer nos apresentar?

Joanna deu um pulo tão rápido que quase derrubou sua cadeira. A esta hora do dia a deli estava relativamente quieta. Lotes de clientes vinham esporadicamente até o próximo grande movimento. Alguns deles estavam ali, mas não pararam de falar, assim como fizeram quando Stefano tinha entrado.

— Claro. Giovanni Ferraro, esta é minha amiga Francesca Capello.

Giovanni estendeu a mão. Francesca não tinha escolha, era pegá-la ou parecer rude. Apesar das declarações sobre a família Ferraro manter o bairro seguro, Joanna parecia ansiosa. Giovanni fechou a mão em torno da dela.

— Você é nova na nossa vizinhança. —Giovanni fez uma declaração.

Francesca assentiu. — Existe algo que eu possa fazer por você?

— *Mamma* gostaria que eu levasse um *tiramisu*⁹ de Pietro. Ela quer, e não vai conseguir vir à loja hoje. Será que você embala seis pedaços?



⁹ O *tiramisù* [tiramì'su] (em vêneto, tirame-sú; em italiano, tirami su, de tira + mi + su: "levanta-me" ou "puxa-me para cima", assim chamado por ser muito energético) é uma sobremesa tipicamente italiana, possivelmente originária de Treviso, região do Vêneto, e que consiste em camadas de biscoitos de champagne, também chamados de biscoitos tipo inglês ou palitos a la reine (ítem este que pode ser substituído por pão de ló) embebidas em café (confeiteiros/as profissionais geralmente dão preferência ao uso do café solúvel, tipo Nescafé, por ele permitir maior precisão no controle da receita) entremeadas por um creme à base de queijo mascarpone, creme de leite fresco, ovos, açúcar, vinho do tipo Marsala e polvilhadas com cacau em pó. Mas a receita original comporta muitas variações.



Francesca assentiu. Aliviada. Ele tinha uma razão legítima para vir para a loja. O que ela sabia? Joanna disse que a família frequentava a loja. Seu estranho encontro com Stefano a deixou nervosa, isso foi tudo. Ela colocou o pedido em uma das caixas de transporte, alinhando-a com cuidado, sabendo que Pietro iria querer que a caixa fosse extra especial.

— Como você está estabelecendo-se no bairro? — Perguntou Giovanni.
— Todo mundo está te tratando bem?

Francesca sentiu a tensão na loja subir um degrau. Ela ergueu o olhar lentamente ao encontro do dele. Essa não era uma visita casual. Ela não sabia por que a pergunta inocente chamou a atenção dela, mas a família Ferraro continuava a ter interesse nela. Campainhas de alarme começaram a gritar nela. Talvez nem Chicago fosse seguro para ela. Ela tentou não olhar como se estivesse pirando. Joanna estava. Seu rosto tinha ficado pálido e ela torcia os dedos ansiosamente, esperando pela resposta de Francesca. A loja inteira parecia estar esperando.

— Todo mundo tem sido maravilhoso, —ela respondeu, e olhou para o seu espaço de trabalho, cuidadosamente colocando cada pedaço dentro da caixa.

— Não há queixas, então? —Ele perguntou.

Seu coração deu um pulso. Ela sentiu como se estivesse pisando em ovos, um movimento errado e algo terrível aconteceria. Ela só não sabia o quê.

— Nenhuma. —Ela colocou a caixa sobre o balcão.

Giovanni se aproximou quando lhe entregou o dinheiro para o tiramisu.
— Compre uns sapatos. —Sua voz era baixa. Apenas entre os dois.

Seu olhar saltou para o dele. Recusou-se a desviar o olhar. Ela não ia discutir com ele, mas não ia gastar o dinheiro de Stefano. Nem um centavo. Para nada. Pietro a deixava comer na lanchonete e ela tinha cuidado para não abusar desse privilégio, mas ela não tinha mais fome, então não precisava do dinheiro de Stefano. A família Ferraro parecia estar obcecada com seus sapatos novos.



— Não o irrite, —Giovanni aconselhou. — Compre os sapatos. Você sempre pode pagá-lo de volta. Inferno ele estará em casa em breve e você não quer vê-lo irritado.

— Ele o enviou para me espionar? —Ela assobiou.

Ele sorriu para ela, completamente arrependido. Ele parecia quase tão lindo como seu irmão. E tão arrogante como. — Nós estamos cuidando de você, —ele admitiu. — Ele vai fazer da nossa vida um inferno, se não o fizermos. Então, compre os sapatos e me impeça de ganhar um nariz quebrado. Eu gosto do meu do jeito que está.

Ela mudou de assunto. — Espere aí. Eu tenho o casaco lá dentro, você pode ...

Giovanni se afastou do balcão. — Não vai acontecer, mulher. Você lhe dá o casaco em pessoa. Ele me mataria com esse casaco. Use-o. Ele vai verificar isso, também. Compre alguns sapatos e vista a porra do casaco. Deixe-o de bom humor para variar.

O que isso significava? Stefano parecia estar de bom humor quando estava sorrindo para as câmeras com todas aquelas mulheres penduradas em seu braço.

Giovanni se afastou de Francesca, o que foi bom porque ela poderia ter jogado algo nele. — Joanna, você não vai ao clube há algum tempo.

Joanna tinha fechado o resto das revistas, empilhando-as e virando-as, portanto, apenas a parte de trás das capas apareciam. Francesca estava bastante certa de que era tarde demais. Giovanni tinha visto o que elas estavam fazendo. Não havia nenhuma dúvida em sua mente que ele iria informar a seu irmão também.

— Você está frequentando os clubes dos nossos concorrentes? —O tom de Giovanni era brincalhão, mas Joanna ficou nervosa.

— Eu amo o clube, —ela disse, — mas o preço é um pouco alto, e eu geralmente nem consigo chegar mesmo se eu aparecer com a taxa da entrada.



O rosto de Giovanni escureceu. — O que você disse?

— Está tudo bem, realmente. Eu entendo. É um local quente. Eu não tenho exatamente as roupas ...

— Isso é besteira. — Ele puxou um cartão de sua carteira e entregou a ela. — Ignore a *porra* da fila e mostre ao porteiro. Se eles não a colocarem para dentro, ligue para o número no cartão e eu vou lidar com isso. Você é uma das nossas. Eles vão deixá-la entrar quando você quiser. Vá este próximo fim de semana e traga Francesca. Eu estarei lá e Stefano também. Nós temos uma reunião. Se houver algum problema, é só chamar.

Francesca ficou horrorizada. Chocada, também. Giovanni parecia realmente irritado. Não por causa dela, mas em nome de Joanna, e isso fez Francesca achá-lo um pouco melhor. Ele não gostou que Joanna tivesse sido barrada na entrada no seu clube. Ainda assim, ela não iria a nenhum clube quente. O que ela iria vestir? Os jeans rasgados dela? Sem chance.

Elas viram Giovanni sair, e, em seguida, Francesca saiu de trás do balcão. — O que no mundo foi isso?

— Eu não sei, mas é evidente que a família está cuidando de você, — disse Joanna. Ela levantou o cartão. — Você acredita que ele me deu isso? Ele estava com raiva deles não me deixarem entrar. Ele disse para saltar a fila também. Você pode imaginar isso? Eu fui ao clube um par de vezes, mas geralmente afastam-me da porta.

— Isso é terrível. Esnobe.

— Os Ferraro claramente não são esnobes, — disse Joanna, agitando o cartão para ela. — Nós podemos ir dançar, Francesca.

— Eu não posso ir, — Francesca protestou. — Eu não teria o dinheiro para entrar, muito menos algo para vestir. Sério, Joanna vá com seus amigos ou sozinha. De jeito nenhum eu vou a um clube, especialmente com um dos Ferraro lá.

— Proprio. Eles o possuem. Eles têm vários negócios, e esse é apenas um. O negócio principal da família é um banco internacional. Eles também



têm o hotel, que é top. As estrelas de cinema ficam lá. Em todo o caso, você tem que vir comigo. Eles vão esperar você. —Joanna pressionou o cartão contra seu coração. — Vou encontrar algo para você vestir.

— Não. —Francesca se jogou no assento ao lado de Joanna. — Eles estão me observando. Ele mesmo disse isso. Por que eles fariam isso? Você acha que eles descobriram sobre ... —Ela parou de falar, e alcançou a mão de Joanna. — Eles correm nos mesmos círculos. Se eles falarem a alguém que estou aqui, vou ter que fugir de novo e eu não tenho dinheiro suficiente.

Esponaneamente veio a lembrança do dinheiro que Stefano tinha enfiado no bolso de seu casaco. Seria roubar pegá-lo e desaparecer. Tinha a sensação de que se ela fugisse, Stefano iria encontrá-la. Ele nunca permitiria que ela o roubasse sem caçá-la. Ela estremeceu com o pensamento. Ela não o queria vindo atrás dela. Ele seria implacável e ela duvidava que houvesse muita misericórdia nele.

Joanna sacudiu a cabeça. — Você está sob a proteção de Stefano. Isso é o que ele quis dizer quando disse ao meu tio para cuidar do que era dele. Claramente a família Ferraro está olhando por você.

Francesca olhou ao redor da sala, pegou a pilha de revistas, apoiou-se nelas e baixou a voz ainda mais. — Está maluca? Eu não posso deixar que me investiguem. Você sabe disso. Ninguém pode saber nada sobre mim. Ter Stefano Ferraro mostrando qualquer interesse em mim, por qualquer motivo, mesmo que ele esteja apenas preocupado com o meu bem-estar, é perigoso.

Joanna parecia esmagada. — Eu *amo* esse clube. Celebridades vão lá. As estrelas de cinema, Francesca. Não é como se eles me notassem, mas eu consigo vê-los de perto. Alguns dos pilotos da NASCAR também vão. Os *barmans* fazem truques incríveis, como você vê nos filmes, e a música é assassina. É o melhor lugar de dança em Chicago.

— Ele disse que você poderia ir a qualquer hora, —Francesca lembrou suavemente. — Não tem absolutamente nada a ver comigo.

Joanna suspirou e assentiu. — Acho que você está certa. Que horas você sai?



— Seu tio disse cinco. Está quase na hora.

Francesca não tinha que olhar o relógio para saber que estava perto do final do seu turno. Seus pés a estavam matando, os dedos dormentes de frio. Ela tinha medo de estar congelando. Ela desejava mergulhar em uma banheira. O pequeno apartamento tinha apenas um chuveiro, e a água não era muito quente. Ainda assim, ela não iria reclamar. Ela tinha um teto sobre sua cabeça e o tio de Joanna lhe pagava um salário muito melhor do que ela previu, o que significava que se ele continuasse lhe pagando as horas que tinha prometido, ela poderia pagar mais um mês de aluguel.

Se ela comesse apenas uma refeição por dia na lanchonete, ou beliscasse um pouco ao longo do dia, ela economizaria dinheiro.

Eletricidade e água estavam incluídas no aluguel. Ela não tinha um telefone celular ou um carro. Ela procuraria brechós para ver se poderia encontrar algo que precisasse.

— Por que o grande suspiro? — Perguntou Joanna.

— Por que seria um negócio tão grande para a família Ferraro eu comprar um par de sapatos? — A tentação estava lá. Seus pés estavam tão frios que ela queria chorar, para não mencionou, que os sapatos eram grandes demais, ela tinha bolhas do constante atrito.

— Isso é relevante?

Francesca assentiu, inclinando-se na mesa. — Giovanni me disse para comprar sapatos ou seu irmão iria ficar bravo. Ele disse para não deixá-lo com raiva.

— Ele disse isso? — Joanna pareceu chocada.

— Eu não entendo por que Stefano se importaria em primeiro lugar. Não é da sua conta. Será que ele sai pelas ruas e procura as pessoas com buracos em seus sapatos e obriga que comprem novos? Será que ele tem uma loja de sapatos que precisa de clientes? E por que ele enviou seu irmão aqui para ter certeza de que eu realmente comprarei os sapatos?



— Uau. — Joanna abanou-se. — Isso é só ... *uau*.

Francesca revirou os olhos. — Não comece. Não é *uau*. É assustador. Talvez seu irmão tenha um fetiche por sapatos e meus sapatos não seguem suas normas para o bairro.

— É *uau* e você sabe disso. Ele é gostoso. Ele é rico. E está interessado em você.

Francesca endureceu. — Ele não está. Não gosto disso. Dê outra olhada nessas revistas e veja de que tipo é aquele homem. Não é para mim. Eu não sou nenhuma modelo. Eu sou baixa e tenho um monte de curvas. Todas as corridas no mundo não vão me livrar dos meus ... — Ela indicou os seios generosos. — Ou a minha bunda. Para não mencionar, eu não vi uma mulher ítalo-americana em todo o harém.

Joanna começou a rir. — Talvez ele esteja tentando adicionar uma.

Francesca não poderia deixar de rir com ela. — Eu não penso assim.

— Você é linda, Francesca, —disse Joanna, decepcionada. — Realmente, realmente bonita. Seu rosto é impecável. Nenhuma dessas modelos tem nada de você. Seu rosto. Seu cabelo.

— Minha linda figura, —Francesca disse sarcasticamente. — Eu não sou um tamanho zero.

— Você tem uma figura encantadora. Eu sempre tive inveja de sua cintura fina.

Joanna era alta e magra. Ela poderia facilmente ter sido modelo. Ela gostava de comida e comia mais do que Francesca podia imaginar qualquer mulher comer sem ganhar peso, mas ela simplesmente não o fazia. Cada um dos seus amigos da faculdade a invejava.

— Eu não ganho peso na cintura, apenas na parte superior ou na parte inferior. Sem pizza para mim. —Francesca *adorava* pizza, e elas iam para sua primeira pizza de Chicago. Joanna disse-lhe que o melhor lugar era ali mesmo na vizinhança Ferraro. Era assim que ela se referia ao território ou



bairro, como se eles fossem donos de tudo. Talvez eles fossem. Pelo menos dos edifícios.

— Você vai comer pizza, —disse Joanna. — Você não será capaz de resistir. Este lugar faz a melhor. Dá orgasmos.

Francesca começou a rir novamente. — Você é tão louca. —Seu sorriso desapareceu. — Joanna. Sério. Obrigado. Eu não sei como vou recompensá-la. Eu me sentia tão desesperada e estava apavorada o tempo todo. —Ela estava ainda aterrorizada, mas não tão sem esperança. E Joanna a lembrou de amizade, família e risos.

— Não seja absurda. Estou muito feliz que você veio. Tenho amigos aqui, mas não a melhor amiga. Você é minha total *best*¹⁰. Em qualquer caso, você já me pagou. Eu tenho o cartão de Giovanni Ferraro e posso furar a fila e entrar no clube ou ligar para ele.

Francesca sorriu. — Ai está. Eu sou boa para você entrar em clubes. — Ela olhou para o relógio. — Eu tenho que voltar ao trabalho. Vou limpar tudo para o próximo turno. Pietro deve estar de volta até lá.

Joanna esperou por ela e elas saíram juntas, Francesca todo tempo envolta no casaco de caxemira de Stefano Ferraro. Ela tinha considerado deixá-lo em seu apartamento, mas não se atreveu. Seu apartamento não era muito seguro. A fechadura estava com defeito e às vezes não chegava a trancar. Ela comunicou ao proprietário e ele prometeu colocar uma nova fechadura, mas ela não ia deixar o casaco em um lugar que alguém poderia entrar e roubar.

Quem diria que a responsabilidade sobre um casaco iria deixá-la um pouco louca?

Parecia bobo levar o casaco para o trabalho, quando estaria aquecida, então ela usava, inalando o cheiro de Stefano em cada respiração que dava. Ela o pendurava cuidadosamente no escritório de Pietro, em vez de na

¹⁰ Best – melhor



pequena sala de descanso dos funcionários. Pietro não se importava. Na verdade, ele parecia feliz que ela deixava o brasão em seu escritório.

Ela mergulhou a mão no bolso. O dinheiro estava lá. Todo ele. Ela não tinha contado, mas achava que ia desmaiar quando descobrisse o quanto ele deixou. — Para onde vamos, Joanna? Eu achei que você tinha dito que a pizzeria era do outro lado? — Eles estavam saindo do território Ferraro e a pizzeria era no fim dele. Elas tinham andado três quadras, passando todas as empresas. Duas ruas mais e ela sabia que começavam as residências. Passaram seu prédio. Marcava o limite do bairro Ferraro e o bloco seguinte era parecido com seu prédio, pobre em comparação.

— Só uma loja de sapatos abre esta tarde, a menos que vá ao grande shopping e, teríamos de pegar o ônibus.

Francesca interrompeu. — Eu não sei se quero gastar dinheiro em sapatos. Sério, Joanna, eu teria que pagá-lo e eu tenho que ter cuidado para poder pagar o aluguel. Ter um teto sobre minha cabeça é mais importante que qualquer outra coisa no momento. E eu posso tentar encontrar sapatos ...

— Não diga. Você não vai encontrar sapatos em um brechó. De jeito nenhum. Você não vai colocar seus pés em algo que alguém usou.

— Sério? Joanna, eu não tenho dinheiro. Eu não posso me dar ao luxo de ser exigente agora. Se Stefano Ferraro vai perder a cabeça porque eu não comprei sapatos, deixar todos loucos e socar seu irmão, então eu preciso encontrar um par de sapatos, mas não tenho que gastar o seu dinheiro com eles.

— Socar seu irmão? — Joanna repetiu. — Será que Giovanni disse que Stefano bateria nele?

Francesca deu de ombros. — Algo parecido. Ele mencionou que não queria um nariz quebrado.

— Oh. Meu. Deus. Eu estou ainda mais apaixonada pelos irmãos Ferraro. *Todos* eles. Eles são tão quentes. E legais. E *lindos*. Posso sonhar sujo



sobre eles por uma eternidade. —Ela pegou o braço de Francesca. — Aqui. É esta loja. Vamos entrar. Você pode ver se encontra algo que você gosta.

Francesca não se conteve. Ela estava cansada de ter os pés congelando, meias molhadas e pés dormentes de frio. Mais uma vez a mão penetrou no bolso para as notas cuidadosamente dobradas. Ela deu um suspiro profundo e assentiu. Era uma coisa louca para fazer, dever dinheiro a Stefano, mas a tentação, quando seus pés a estavam matando depois de ficar em pé durante todo o dia, era maior do que ela podia deixar passar.

Era embaraçoso experimentar sapatos quando os dela se encontravam em tal condição horrível. Joanna conhecia o gerente e conversou durante todo o tempo, permitindo a Francesca permanecer em silêncio. Ela não conseguia olhar para o homem. Ele tinha boa aparência e flertou escandalosamente com Joanna. Aparentemente, eles tinham ido à escola juntos.

Por isso Francesca levou alguns minutos para perceber que Joanna estava deliberadamente distraíndo-o, sabendo como Francesca estava envergonhada sobre o estado de seus sapatos. Sentia-se com muita, muita sorte de ter uma amiga tão boa.

Empurrando as meias molhadas em seus sapatos, ela rapidamente pegou as meias quentes e secas que Joanna entregou a ela. Claramente, juntamente com sapatos, Joanna esperava que ela comprasse meias mais grossas. Convencida, Francesca não perdeu tempo discutindo. Puxou-as e, em seguida, permitiu que o vendedor a ajudasse com as botas que tinham chamado sua atenção. Elas eram alinhadas e pareciam um milagre em seus pés. Elas realmente serviam e quando ela se levantou e caminhou pela loja, teve que resistir a fazer ruídos que podiam ter soado um pouco com um orgasmo. Ela ia ficar com as botas. Não se importava que elas custassem mais do que todas as peças de roupa que ela possuía juntas.

— Eu vou sair com elas da loja, —ela anunciou. — Você pode jogar meus sapatos velhos fora, meias e tudo.



Joanna riu. — Esse é o espírito. Ostentação é definitivamente uma ordem.

Francesca tirou o dinheiro do bolso do casaco e caminhou com o vendedor e Joanna até o balcão. Cada passo era o paraíso. Mantendo as mãos abaixo do balcão, de modo que o vendedor não visse, ela contou as notas. A maioria era de cem. Havia algumas de vinte e duas de dez.

Ela sabia que a cor deixou seu rosto e seu coração quase parou de bater antes de acelerar.

Ela pegou o braço de Joanna e arrastou-a para longe do balcão. — Oh. Meu. Deus. Joanna. Há mais de mil dólares aqui. Eu tenho andado por aí com esse dinheiro no bolso do casaco. O que ele estava pensando?

Joanna olhou boquiaberta para ela. — Você tem certeza?

Francesca balançou a cabeça lentamente. — Positivo. Eu contei duas vezes. — Ela olhou para o balcão. O vendedor estava observando-as de perto.

— Algo está errado?

Pela primeira vez, Francesca olhou para o nome no blazer. *Mario Bandoni* estava totalmente em Joanna. Embora ele estivesse perguntando a Francesca se algo estava errado, ele estava olhando para Joanna com uma suavidade em seus olhos.

— Não, — respondeu Joanna para ele. Ela pegou duas das notas de cem dólares de Francesca. — Bem dê mais um par de meias também.

— Joanna, — Francesca protestou.

Joanna a ignorou e entregou o dinheiro para Mario. Ele lhe deu um sorriso, ignorando o protesto de Francesca também.

— Você vai escrever o seu número de telefone? — Ele perguntou a Joanna.

Francesca atravessou a sala para olhar o anoitecer. Havia dois homens de pé de um lado da loja conversando. Um casal passou, o homem olhando por cima do ombro cautelosamente várias vezes para os dois homens ainda



conversando. Francesca percebeu que ela não tinha visto uma pitada de nervosismo quando voltava para casa do trabalho na noite anterior, ou quando ela caminhou de manhã.

Se perguntou se uma família poderia proteger seu território tão bem que os moradores se sentiam seguros, mesmo no meio de uma cidade. Puxar o casaco de Stefano mais perto dela deu-lhe uma estranha sensação de segurança. Isto não deveria acontecer. Ele era um homem terrível. Ela não entendia por que ele lhe daria mil dólares casualmente. Ele não a conhecia. Por tudo o que ele sabia, ela iria às compras às suas custas. Ela sabia que agora que Joanna estava ciente de quanto dinheiro ela tinha, iria tentar convencê-la a comprar roupas decentes. Ela provavelmente insistiria em ir ao clube.

— Aonde vocês duas vão? — Perguntou Mario.

— *Pizzaria Petrov's*. — disse Joanna. — Estou tentando impressionar Francesca com a melhor pizza do mundo, apesar de não ter feito reservas. Estou contando com Tito nos deixando entrar. Ele sempre me encontra uma mesa.

— Melhor pizza. — Mario esboçou um sorriso para Joanna.

— Também estamos pensando em ir ao clube Ferraro neste fim de semana, — disse Joanna. — Eu tenho um passe livre. Você gosta de dançar?

Ele riu dela. — Joanna, vamos lá. Quem foi o rei da dança na escola?

Ela anotou o número dela. — Me liga. Vamos marcar alguma coisa. — Acenando com a mão, ela abriu a porta e saíram. Ela inclinou-se para Francesca. — Eu estou com muita sorte. Eu sempre reparei em Mario. Sempre. Ele é tão doce. E eu tenho que lhe dizer, o homem pode dançar como ninguém.

— Só você pode entrar em uma loja de sapatos e sair com um encontro, — observou Francesca. — Você podia na faculdade e, aparentemente, você está mais quente do que nunca. Eu não acho que o homem poderia me descrever mesmo que alguém lhe pedisse. Ele só tinha olhos para você.



— Isso não é verdade.

Francesca riu. — Não negue. Você sempre foi um ímã para homens, pelo menos desde que eu conheço você. Aposto que você era a rainha do baile.

— Você sabe que eu era, então não pode apostar, —Joanna protestou, empurrando Francesca.

Uma mão pegou o casaco de Francesca por trás, girou-a e bateu-a com tanta força contra o muro que sua respiração fugiu dela. Ela sentiu a queimadura de algo contra sua garganta. Um homem segurava-a com força, um braço contra seu peito, a outra segurando uma faca em sua garganta. Ela sabia que ele tinha feito um corte raso lá porque não só queimava, mas ela sentia o fio de sangue.

Ela deveria ter pensado em morrer, mas tudo o que podia pensar, histericamente, era que não poderia tirar o sangue do casaco de Stefano. Ele adorava aquele casaco. Ele fez um grande negócio sobre ela devolver o casaco. Ela deveria *não* o ter usado em qualquer lugar. Joanna soltou um grito chocado que foi apressadamente cortado.

Francesca podia ver um segundo homem com o braço em sua garganta e uma mão sobre sua boca.

— Me dê o dinheiro, cadela, ou você está morta, —o homem com a faca virou-se para Francesca. — Agora mesmo. Dê para mim.

Ela ia dever a Stefano um novo casaco de caxemira que devia ter custado o mesmo que um carro, assim como mais de mil dólares. Ela estupidamente tinha contado o dinheiro na frente da janela da loja. Tinha tido tanto cuidado para não deixar Mario ver o maço de dinheiro, e não tinha pensado sobre a janela.

Ela não podia pensar no que fazer. Ela não podia deixá-lo pegar o casaco ou o dinheiro. Ela não podia ter sangue sobre o casaco. Ela começou a lutar, o que foi a coisa mais estúpida que poderia ter feito, mas tinha mais medo de dever a Stefano Ferraro do que de ter o assaltante cortando sua garganta.



Em um momento seu agressor tinha a faca contra seu pescoço e no próximo ele estava no chão e a faca estava nas mãos de um homem grande, corpulento. Seu salvador parecia furioso. Ele não estava sozinho, também. Seu companheiro, parecendo tão assustador quanto ele, pegou o outro homem. Ele gentilmente puxou Joanna para um lado e depois a colocou atrás dele, longe de seus agressores.

O primeiro homem, aquele que tinha pegado a faca, entregou a Francesca um lenço. Ela apertou-o contra o corte.

— Você está bem? — Ele perguntou. Ele mantinha um pé no pescoço de seu agressor, não permitindo que se levantasse da calçada. Ele não era gentil sobre isso, também. — Sou Emilio Gallo. Esse é o meu irmão, Enzo.

Francesca se espremeu contra o edifício, com muito, muito medo. Não, apavorada. Este era o seu pior pesadelo, trazer problemas para Joanna.

— Nós trabalhamos para a família Ferraro. — Emilio continuou, obviamente, tentando tranquilizá-la. — Primos. Primos em primeiro grau. — Ele continuou tentando acalmá-la, não percebendo que a estava deixando pior. — O que eles queriam?

No momento em que ouviu para quem eles trabalhavam, Francesca arrancou o casaco de suas costas e tentou empurrá-lo para Emilio. — Pegue. Sério. Você tem que levá-lo. Leve o casaco para ele.

Emilio não se mexeu. Ele ficou imóvel como uma estátua, um punho fechado em torno da faca, a outra mão para baixo ao seu lado. Ambos os homens olharam para ela como se ela tivesse perdido a cabeça.

Joanna se mexeu com cautela em torno de Enzo para colocar o braço em volta Francesca. — Querida, foi apenas um assalto. Só isso. Coloque o casaco. Você está tremendo como uma folha. Aqui, deixe-me ajudá-la. — Ela pegou o casaco e estendeu-o para Francesca deslizar seus braços novamente. — Não, querida, irá mantê-la aquecida.

Joanna sorriu para seus salvadores. — Vocês querem que eu ligue para o 911 e relate isso?



— Vocês vão embora. Outra equipe virá buscá-las para que vocês fiquem seguras. O Sr. Ferraro vai querer falar com estes senhores em pessoa.

Emilio tinha a fala mansa, mas Francesca não se deixou enganar. Os dois homens estavam em muito mais problemas do que se a polícia fosse chamada. Um carro escuro encostou no meio-fio, e Enzo empurrou um assaltante para dentro, antes que Emilio arrastasse o outro do chão e o empurrasse. Francesca achou significativo que nenhum dos assaltantes estava amarrado, mas não tentavam lutar; em vez disso, estavam muito assustados.

O olhar de Francesca agarrou-se a Joanna, mas ela falou com Emilio. — Você não vai matá-los, não é?

Ela não podia evitar o tremor em sua voz.

— Francesca, — Joanna assobiou.

Francesca se obrigou a olhar para Emilio. — Você vai? — Ela inclinou o queixo. Ela não tinha um celular para chamar a polícia, mas Joanna sim e ela usaria se tivesse que fazer.

— Não tenho nenhuma intenção de matá-los, — disse Emilio. — O Sr. Ferraro vai querer falar com eles.

Ela não perguntou qual Sr. Ferraro porque ela estava bastante certa de que sabia. Mantendo o lenço pressionado no ferimento superficial em sua garganta, ela deixou Joanna levá-la.

— Ele disse que haveria outra equipe com a gente, — Joanna sussurrou. — Como guarda-costas. Quando Stefano disse que você era dele ao meu tio, eu não tinha ideia do que ele queria dizer. É sério. Guarda-costas? Mais do que uma equipe de guarda-costas? Isso e seu irmão entrando na loja para falar com você? O que está acontecendo, Francesca?

— Eu não faço ideia.

— O que ele disse para você quando a levou para fora? Será que ele te convidou para sair?



— Não. Claro que não. Ele não mostrou esse tipo de interesse, — Francesca negou. Ela ignorou a intensa química que tinha formado um arco entre eles. Ela a sentiu, mas não tinha certeza se Stefano tinha. — Ele parecia preocupado de eu não ter um casaco ou sapatos. Ele me disse para conseguir algo para comer.

— Ele lhe deu todo esse dinheiro. Você poderia comprar algumas roupas decentes com ele. Claramente é o que ele queria que você fizesse. — Joanna estalou os dedos. — Nós poderíamos obter um vestido assassino para o clube e saltos correspondentes.

— Nós quase fomos roubadas e você está pensando em gastar o dinheiro? Vou pedir ao seu tio para colocá-lo no cofre junto com este casaco. Eu quase morri quando o assaltante me fez sangrar e eu pensei que poderia chegar sangue no casaco favorito de Stefano.

Joanna começou a rir. — Isso é assustadoramente louco e assim é você, Francesca. Ameaçada com uma faca e até mesmo cortada, mas não está preocupada em ser roubada, apenas com um casaco.

— Não apenas um casaco. — Francesca negou, com um pequeno sorriso, finalmente encontrando humor na situação. — O casaco favorito de Stefano Ferraro. E depois eu estava preocupada com eles levando o dinheiro e tentando descobrir como eu iria pagar isso. Eu estava pensando na vida de *Stripper*.

A risada de Joanna passou de forçada a genuína. — Stripteaser?

— Eu tenho quatro anos de pole dance na faculdade. Eu acredito que você também. Nós éramos muito boas.

— Você era muito boa. — Joanna corrigiu. — Você é boa na dança também. Você pode mover o corpo de um milhão de maneiras diferentes ao mesmo tempo. Eu esqueci quanta inveja eu sempre tive quando você estava em uma pista de dança.

— Controle muscular e força. Se você não tivesse faltado a metade das aulas por um encontro, você teria conseguido as classes avançadas.



Joanna deu de ombros. — Eu estava estudando anatomia. O que posso dizer? Eu sou muito boa nisso. — Ela tomou o braço de Francesca. — Então, o que você acha? Devemos ir gastar dinheiro no shopping? Comprar um vestido assassino e ir ao clube neste fim de semana?

— De jeito nenhum. Não vou gastar mais um centavo. Na verdade, se eu ganhar dinheiro suficiente para pagar o aluguel antes dele procurar o casaco, vou pagar os sapatos e ele nunca saberá que eu usei seu dinheiro.

As sobancelhas de Joanna quase sumiram em sua linha do cabelo. — Você é tão teimosa, Francesca. Se eu tivesse a oportunidade que você tem, a proteção da família Ferraro, e mil dólares para gastar, acredite, eu estaria agradecendo a minha sorte, não me ressentindo.

Francesca suspirou. — Eu acho que parece ressentimento em vez de agradecimento. É só ... — Ela parou de falar, olhando ao seu redor. Elas estavam de volta ao território Ferraro. Onde quer que Stefano e seus irmãos estivessem, o bairro parecia diferente. Seguro. Ela não podia imaginar o ataque acontecendo em suas terras. Ela não podia negar que podia sentir essa diferença. Ela não se sentia segura há muito tempo. Sem pensar muito sobre o porquê, ela se aconchegou no casaco quente de Stefano. — Ele é tão rico. Não um pouco rico, tudo sobre ele grita dinheiro. Eu não gosto desse tipo. Eles vivem de modo diferente dos meros mortais como nós.

Joanna deu um sorriso. — Você acertou. Viajar por todo o mundo a qualquer momento. Me pergunto se esqueceram como é viver de salário em salário.

— Eles não se esqueceram. — Francesca corrigiu. — Eles simplesmente nunca tiveram que fazer isso.



Capítulo Três

No momento em que as rodas do avião tocaram a pista em Los Angeles, Stefano soltou o cinto de segurança e seguiu através do corredor estreito com seus dois irmãos. — Está tudo pronto?

Ricco assentiu. — As gêmeas Lacey vão nos encontrar trazendo um par de amigas. Vamos festejar com elas no ponto quente local e ser muito visíveis.

Stefano sacudiu a cabeça. — As gêmeas Lacey? De novo? Sério, Ricco?

— Elas são quentes agora. Os papéis que receberam são protagonistas e os paparazzi as seguem a todos os lugares. Elas são perfeitas. Nós vamos espirrar sobre cada ponto de fofoca que existe. Amanhã de manhã, a Internet vai explodir com fotos e especulação.

— Você quer que eu acredite que você as escolheu, porque elas vão te dar um monte de exposição? — Stefano o prendeu com um olhar. — Você gosta de foder as duas.

— Bem. — Ricco sorriu para ele. — Não é só isso. Elas também me dão a oportunidade de praticar a arte do *Shibari*¹¹. Gosto de manter minhas habilidades afiadas.

— Você gosta de transar com elas depois de amarrá-las, e isso vai voltar a morder-lhe o rabo.



¹¹ **Shibari** (ばり?) é uma técnica japonesa de amarração erótica. É um verbo japonês que significa literalmente amarrar ou ligar. É uma expressão que tomou um sentido diferente no século XX, quando o uso da corda (nawa em japonês) começa a ser utilizada no contexto erótico.



Stefano declarou com voz suave, mas não havia nada suave no olhar que ele deu ao irmão. — Não é como uma fofoca, quando as imagens e os artigos estão em toda parte. Você não pode exatamente negar isto. Você vai encontrar sua mulher e como você vai convencê-la que uma mulher será suficiente para você quando você está sempre com duas?

O sorriso desapareceu do rosto de Ricco, deixando-o desolado, uma máscara de pedra. — As chances disso acontecer são como uma em um milhão. Esta mulher que entrou em nosso território é um acaso, Stefano. Nós todos sabemos disso. Mais, você tem um longo caminho pela frente. Nada garante que ela ficará.

Stefano ficou quieto. Ele sabia que Ricco estava certo, e também estava errado. O destino era estranho em um momento não dando esperança e no próximo entregando o mundo para um homem. Não o mundo, mas um vislumbre do que ele pode ser. Ele suspirou. Quem era ele para dar aulas a seu irmão? Ele tinha feito algumas coisas loucas, mas não publicamente, justamente por isso, se ele encontrasse uma mulher para chamar de sua, teria vergonha. Prender uma mulher a ele, forçá-la a aceitar sua vida, ia ser uma tarefa bastante difícil, mas ele iria fazer. Agora que ele sabia que havia uma possibilidade de tê-la, ele iria tornar realidade. Não havia outra escolha para ele, ou para ela.

— Você tem um ponto, — admitiu em voz baixa. — É a sua vida, Ricco, e o que você faz é você quem decide. Só sei que, sua mulher não vai querer ficar em sua vida, viver com o nosso nome, dentro das regras da nossa família, é uma maldição grande o suficiente. O que mais você tem a oferecer a ela?

Na frente dele, Vittorio se agitou. — Tem certeza que essa mulher é aquela que você pode ligar a você?

Vittorio. Sempre o pacificador na família. Stefano sorriu para ele. Não foi um sorriso fácil, porque Stefano, raramente sorria, mesmo com seus próprios membros da família, mas estava tudo bem, porque Vittorio era um homem muito bom. Stefano sempre teve orgulho dele. Eles precisavam ouvir



como o milagre aconteceu. Eles sabiam, viam outros membros da família, encontrar um cavaleiro de sombra fora família era um fenômeno raro e nenhum deles nunca acreditou que aconteceria com eles.

Stefano sabia que seus irmãos necessitavam de esperança. Ricco especialmente. Ele era selvagem. Às vezes, selvagememente e fora de controle. Não com o negócio da família, claro.

Nesse caso, ele era frio como pedra e todo negócios, mas ele assumia riscos. Muitos. Ele era o melhor piloto na família, e todos eles eram bons, mas Ricco muitas vezes necessitava da adrenalina de velocidades rápidas apenas para mantê-lo são.

Em outra família, Ricco teria sido um artista. Em sua família, a criatividade era a capacidade para encontrar formas de realizar seu trabalho. Ricco tinha se virado para a forma erótica do Shibari para satisfazer tanto a sua necessidade de criação, como suas necessidades sexuais. Ele era mais escuro do que seus irmãos, e mais propenso à violência e possibilidade de estourar, mas seu trabalho era impecável.

Stefano suspirou. Seus irmãos precisavam saber que havia esperança. — Eu senti uma carga elétrica no ar e achei perturbador. Eu pensei que fosse uma coisa ruim, uma premonição de algo que nossa família teria que lidar. A necessidade de ficar lá foi tão forte, que eu não podia sair. Mesmo sabendo que tinha de estar em um voo para trabalhar, não importava. Nada importava o suficiente para me tirar de lá.

Stefano não sabia por que admitiu a seus irmãos o pouco controle que teve quando deveria ter entrado em seu carro e ido direto para o aeroporto, mas sabia que tinha que dizer a verdade. Ser preciso sobre os fatos. Era importante.

— Eu estava de pé ao lado do meu carro, ao lado da porta do motorista. Se eu tivesse ignorado a compulsão para ficar, teria entrado no carro, saído e nunca a teria visto. — Isso precisava ser dito. Os irmãos tinham que ficar alerta. Estar cientes.



— Há uma tradição em nossa família, —disse Vittorio. — Quando o primeiro chega, os outros se seguirão.

— Isso não aconteceu para os nossos primos em Londres, —disse Ricco.

— Nenhum deles se casou ou teve filhos. Nem os da Sicília. —Stefano continuou. Ele poderia lhes dar isso. Um momento de sua vida que ele sabia que nunca iria esquecer. Ele iria partilhar o que considerava um perfeito momento privado, quase assustador. — Eu ouvi sua voz primeiro. Ela respondeu a algo que Joanna Masci perguntou. Uma nota em sua voz virou a chave, desbloqueando algo dentro de mim. Eu *senti* como uma dor terrível por dentro. Tudo em mim estendeu a mão para ela. Por essa nota que ela deixou em suspenso no ar. Eu ouvi uma música responder em mim.

Ele ficou em silêncio por um momento, revivendo esse momento que tinha mudado tudo em seu mundo. O coração tinha acelerado em seu peito. Duro. Tão duro que realmente machucava. Feria fisicamente. Ele podia entrar em uma sala cheia de inimigos e seus batimentos cardíacos nunca se elevavam, mas ouvir aquela nota musical no ar agiu como uma chave, desbloqueando uma nota correspondente em seu corpo e derrubando a postura férrea.

— Não estava nevando, mas estava gelado. O chão estava molhado e coberto de poças. O tempo pareceu desacelerar, mas eu não estava ciente de nada, apenas dela. Eu a vi e reconheci quem e o que ela era por sua sombra— pelos tubos conectando-a a tudo. A cada passo que dava, eu podia sentir os canais se abrindo em todos os lugares, até que ela deu um passo que finalmente nos conectou.

Seus dedos fecharam, um por um, em um punho apertado, como se ele pudesse segurá-la com ele. Ele teve o primitivo desejo de jogá-la por cima do ombro e levá-la a uma masmorra, uma com tranca para que ela nunca pudesse escapar. Ele não podia dar-lhes esse momento, essa conexão quando se uniram. Isso era só para ele. Isso era privado. O abalo foi intenso. Sexual. Seu corpo tinha reagido, seu pau ficou completamente duro. Tudo de protetor e primal nele havia subido para conhecê-la. Para reivindicar o que



ele tinha certeza que era dele. — Ela estava congelando. Eu podia sentir o frio dela. E tinha fome.

Sua garganta se fechou. Seu coração tinha gaguejado em seu peito. Sua mulher. A mulher que acabaria com a solidão que o roía. Acabaria com sua fome por uma família própria. Ele era uma força a ser reconhecida. O mundo em que vivia era sombrio e violento. Incansável e implacável. Ele protegia os fracos. Ele trazia justiça àqueles acima da justiça. Uma palavra. Um telefonema. Vida ou morte. Ele *protegia* todos. No entanto, sua mulher estava congelando. Com fome. No frio úmido de Chicago. Sozinha. Desprotegida. E estava com medo. *Em território Ferraro*. Quando suas sombras tinham se alcançado, ele sentiu isso também. Seu terrível medo.

Ele xingou sob sua respiração. Odiando aquele momento. Sentindo-se um fracasso. Ele teria que deixá-la lá, fora no frio. Sozinha. Receosa. Sentiu-se impotente pela primeira vez em sua vida. Ele começou o treinamento, como aqueles antes dele, com a idade de dois anos. Ele tinha sido treinado para acreditar que era poderoso. Forte. Inteligente. Ele se movia onde os outros não podiam, em um mundo de sombras. Silencioso. Mortal. Invencível. *Sua mulher estava gelada e com fome*. Quanto sua formação era boa? Quão bom ele era?

— Eu fiz o que pude, mas ela está em apuros.

— Giovanni não vai deixar nada acontecer com ela, — Ricco o acalmou. — Ele vai cuidar dela até que isto esteja feito. Ela é sua, Stefano, mas ela é nossa também. Ela pertence a todos nós. Você colocou as equipes com ela. Nada vai acontecer. Vamos apenas terminar isto e você pode voltar para ela.

Stefano olhou para seus irmãos. — Eu estava ali, segurando-a contra a parede, envolvendo-a no meu casaco, a única coisa que eu tinha para protegê-la, para dizer ao mundo que ela é minha e eu caçaria qualquer um que a prejudicasse ou tentasse prejudicá-la. Olhei para ela e soube que ela é tudo o que eu não sou. Ela merece uma vida melhor do que a que eu posso dar a ela.



Aquele momento estava gravado em sua mente para sempre. Queimado lá. Ela tinha tido medo dele. Ele não podia culpá-la, mas ainda assim, ele detestou aquele olhar. Ao mesmo tempo, tocar sua pele, sentir a seda de seu cabelo ... Apenas isso. Era tudo o que tinha que fazer para acabar com todas as coisas feias em sua vida e ter algo bonito. Ele não sabia que a beleza realmente existia até aquele momento. — Ela merece mais, —reiterou em voz alta.

O ar parou. Ninguém respirava. Ricco trocou um longo olhar com Vittorio.

— O que você está dizendo? —Perguntou Vittorio, sua voz suave. — Stefano, você não pode se afastar dela. Você não pode fazer isso.

— Não. Eu não posso. —Pesar puro. Sem remorso, mas definitivamente arrependido. — Eu não sou um homem tão bom ou tão forte para deixá-la ir. Ela é minha. Eu pego o que é meu. Ela não sabe disso. E não quer. Não me quer ou nada a ver comigo. —Um traço de diversão rastejou por ele. — Ela merece mais, mas vai ficar comigo e mais ninguém.

— Nós somos caçadores. —disse Ricco. — Ela não tem a menor chance.

— Não, ela não tem. —Stefano concordou. — Vamos terminar isso. Vocês dois sejam visíveis. Direto na luz. Ricco, saia primeiro. Vou deslizar para dentro da sombra da porta logo atrás de você, e Vittorio pode segui-lo. —Ele olhou para o relógio. — Quando receber o sinal, vou fazer o trabalho. Certifiquem-se de que vocês têm suas fotos tiradas e estão na filmagem de tantas câmeras de segurança quanto possível.

Ricco e Vittorio tinham embarcado no avião em Chicago, fazendo suas cenas de playboys entediados com muito, muito dinheiro e tempo em suas mãos. Eles correram com seus carros pelas ruas para chegar ao seu hangar particular no aeroporto, onde seu avião já estava abastecido e pronto. Um par de paparazzi os havia seguido, tirando fotos, exatamente como os irmãos queriam.

Stefano chegou de helicóptero e caminhou até eles, interceptando-os antes que eles pudessem embarcar. Eles pareceram discutir tempo suficiente



para várias fotos deles, o irmão mais velho dando a seus irmãos mais novos uma bronca. Ele tinha se afastado, balançando a cabeça, de volta para o helicóptero. Só que ele não tinha voltado para o helicóptero. Em uma fração de segundos, Ricco e Vittorio tinham bloqueado a visão sobre Stefano, ele entrou na sombra, e seu irmão Taviano tinha saído dela, vestido exatamente como Stefano. Ele empurrou os óculos escuros sobre os olhos e caminhou de volta para o helicóptero, enquanto Stefano usava as sombras para embarcar no avião.

Sempre, sempre, eles tinham álibis. Nunca havia uma conexão entre eles e o alvo. Nada pessoal. Ainda assim, eles viviam naquele mundo. Violência. Sangue. Morte. Era o seu mundo. Ricco e Vittorio foram vistos na via pública e indo para o aeroporto. Eles estariam nos clubes durante toda a noite, abertamente com um par de estrelas de cinema e seus amigos. Pelo que qualquer um sabia ninguém mais tinha voado com eles e eles estavam em Los Angeles para se divertir.

Stefano teve que trancar todos os pensamentos sobre Francesca Capello e terminar o trabalho. Ricco estava de pé, seguido de Vittorio. Stefano se aproximou. Ricco levantou a mão. Vittorio colocou a sua em cima, e Stefano cobriu ambas com as dele. Eles nunca diziam nada. Não havia nada a dizer. Eles apenas se tocavam. Deixando o outro saber sem palavras que eram uma unidade. Uma família. Eles tinham as costas um do outro. Eles se amavam.

Ricco foi primeiro, abriu a porta, lançando sombras gritantes. Stefano sentiu a força de cada um dos tubos de sombra. Uma abertura em que ele podia deslizar completamente. A atração a seu corpo era forte, puxando-o como ímãs poderosos, uma sensação desconfortável, mas familiar. Stefano era um dos mais poderosos cavaleiros. Mesmo pequenas sombras chamavam-no, puxando seu corpo até que ele estava fluindo através da luz e escuridão ao seu destino.

Ele levava pouco equipamento com ele. Leve. Isso era mais importante do que qualquer arma.



Ele era a arma. O corpo dele. A mente dele. Às vezes ele pensava que sua própria alma era uma. Armas não eram tão necessárias como fontes de luz. Se não houvesse sombras, ele poderia fazer as suas.

Ele deu um passo para a abertura da sombra maior. Ele iria passar de uma para a outra, sem ser visto, até seu destino. Ele sabia que ia precisar da noite para viajar, mas tinha as coordenadas e poderia encontrar o caminho sem errar, mesmo em cidades que ele nunca tinha visto.

Ele sempre se refrescava nas sombras. Ele se movia rápido, deslizante, um cavaleiro de sombras, deslizando através da cidade invisível. Em contraste, Ricco e Vittorio entravam no mais recente ponto quente, um clube para os muito ricos.

A música era alta e batida. As luzes ofuscantes. Eles usavam ternos de três peças. A Família Ferraro sempre, sempre os vestia, em qualquer ocasião. Eles eram famosos por isso. Os ternos cinza com riscas mais escuras, ou o terno escuro com riscas mais claras. Uma camisa cinza escuro ou uma mais clara com uma gravata justamente o oposto da camisa.

Nos braços de Ricco estavam as gêmeas Lacey. Elas se aconchegavam perto dele, seus cabelos loiros caindo sobre os braços dele, seus corpos delgados pressionados em seu lado. Elas se portaram dessa forma durante toda a noite, os três dançando descaradamente juntos, Ricco prensado entre as duas mulheres. Elas se moviam contra ele sedutoramente, sugestivamente. À medida que a noite avançava e a batida aumentava, o licor fluía e as mãos dele passeavam por elas.

Todos eles conheciam os paparazzi que conseguiam se esgueirar. As gêmeas gostavam da publicidade de serem vistas com um Ferraro. Elas não ligavam se fossem secretamente fotografadas, nem mesmo depois, quando os três se retiravam para casa das gêmeas e nadavam nus na piscina coberta ou mesmo mais tarde ainda, na quente banheira no convés aberto, onde uma lente com zoom pode encontrá-los.

Ricco sempre exerceu a sua arte de subordinação erótica longe das câmeras. Ainda assim, as gêmeas falaram sobre como sexy e sensual era para



suas amigas, que depois repetiram tudo para os paparazzi. Nenhum fotógrafo tinha realmente conseguido a imagem de Ricco usando a arte do Shibari em uma mulher.

Vittorio foi muito mais discreto. Ele dançou com a amiga das gêmeas Lacey, outra emergente atriz. Ela era mais silenciosa do que as gêmeas, mas não menos disposta a ser vista. Talvez, ela tivesse ainda mais fome de publicidade. Não havia inocentes em seu negócio, e os irmãos se certificavam disso. Elas não eram mulheres de romance. Eles tinham sua diversão, e a certeza de que as mulheres que fodiam tinham se divertido também, mas não marcavam encontros. Eles não faziam promessas. Eles nunca, nunca, se aproveitavam de uma mulher que não conhecia as regras ou o jogo.

Havia regras. Lotes de regras. Viviam-nas ao pé da letra, não se desviando. Os irmãos eram altamente sexuais e não tinham pudores em encontrar mulheres que estavam mais que dispostas a suprir essas necessidades em troca do mesmo, mas sempre sem envolvimento emocional. Qualquer mulher que parecesse estar tendo ideias ou sentimentos reais em relação a eles era descartada imediatamente.

Stefano teve mais do que sua cota de mulheres. Sempre tinha sido cuidadoso, consciente do fato de que o que era colocado na internet ou em revistas nunca sumia. Qualquer indiscrição poderia ser trazida de volta a qualquer momento. Ele não se importava com a imprensa imprimindo a verdade, que os irmãos passavam por mulheres, que as mulheres eram celebridades ricas ou herdeiras e que todos eles festejavam duro. Os irmãos e sua irmã forneciam álibis para os outros. Sempre. Não importava em que cidade ou em que estado, nenhum trabalho poderia ser rastreado até eles, e sem saberem, os paparazzi os ajudavam com esses álibis.

Stefano encontrou-se em uma área residencial, fora da casa de seu alvo. O bairro era bom. A casa era grande, talvez uns bons seiscentos metros quadrados. Bem conservados. O quintal cuidado.

Edgar Sullivan residia ali. Em sua comunidade, ele era conhecido como um homem trabalhador. Um homem íntegro. Um pilar em sua igreja. Ele



tinha uma esposa e duas filhas. Poucas pessoas tinham notado que as mulheres de sua casa tinham pouco a dizer. Raramente sorriam. Saltavam de medo se falassem com elas e olhavam para ele antes de responderem as perguntas mais simples.

Edgar governava sua família com um punho de ferro. Ele fazia o mesmo com as prostitutas que ele frequentemente contratava. Ele foi advertido repetidamente que os espancamentos e danos que estava fazendo não seriam tolerados, mas até agora, o cafetão tinha sido incapaz de proteger suas mulheres. No início, o dinheiro que Edgar tinha pago pelos danos as mulheres tinham sido suficientes para manter o cafetão tranquilo, mas depois de um tempo ele se deu ao trabalho de tentar controlar esses impulsos. O cafetão tinha aceitado seu dinheiro e Edgar esperava que ele continuasse a fazê-lo.

Duas mulheres tinham sido hospitalizadas. Elas sabiam que não deviam falar, mas o cafetão tinha visto o suficiente. Não havia nenhuma maneira dele chegar a Sullivan, não sem a lei descobrir. Então ele recorreu a família Ferraro por ajuda.

Qualquer um poderia pedir uma reunião. Todas as reuniões eram realizadas em pessoa. Os pais de Stefano iam a essas reuniões. Eles conversavam casualmente com o cliente potencial. Isso era sempre necessário. Cada pessoa tinha um ritmo natural. Padrões de respiração. De falar. Batimentos cardíacos. Inflexões em suas vozes. Essa conversa informal permitia que os "*receptionistas*" estabelecessem esses padrões. Com isso, eles quase sempre podiam detectar mentiras.

Essencialmente, "*receptionistas*" na família Ferraro eram pessoas nascidas como detectores de mentiras humanos. Esse era seu dom psíquico. Eles ouviam o pedido de ajuda, mas isso era tudo. Sem promessas. Apenas ouviam. Se um policial disfarçado tentasse se infiltrar na organização, ele não poderia criticar ninguém por simplesmente ouvir.

Receptionistas nunca respondiam com qualquer tipo de compromisso. A maioria deles permanecia em silêncio através da entrevista inteira. Assim



que tiravam a conversa casual do caminho e estabeleciam o padrão da verdade, os recepcionistas simplesmente pediam a seus clientes potenciais para explicar por que vieram. Ex-Cavaleiros de Sombras, muitas vezes trabalhavam como recepcionistas quando se aposentavam porque todos nasciam com a capacidade de detectar mentiras.

Stefano não estaria do lado de fora da casa de Edgar Sullivan agora, se os recepcionistas não tivessem passado seu cliente para os investigadores. A família de Stefano tinha duas equipes de investigadores. Sua tia e tio formavam uma equipe, e seus primos, dois homens, formavam o segundo time. Era trabalho da primeira equipe descobrir qualquer fato sobre o cliente. Era trabalho da segunda equipe descobrir todos os fatos sobre o crime.

Ambas as equipes trabalhavam com cuidado e em silêncio. Eles como os recepcionistas, eram detectores de mentira humanos, e suas vozes também podiam influenciar os outros a falar, a se abrir e dizer-lhes qualquer coisa que eles queriam saber. Para ser um investigador, tinha que ser um membro da família e também ter outros dons psíquicos específicos.

Stefano estudou as sombras em torno da casa Sullivan. Luzes estavam acesas em três quartos do segundo andar. Stefano buscou um projeto da casa em sua mente. Ele tinha estudado as plantas da casa e os dados que os investigadores mandaram. Ele leu cada pedaço de informações fornecidas do cliente e do alvo.

Recepcionistas, investigadores e o cavaleiro de sombra tinham que concordar antes que o trabalho fosse feito. Para fazer isso, o cavaleiro de sombra precisava conhecer todos os fatos sobre ambas as partes, onde viviam e quem vivia com eles. Suas rotinas, seus amigos. Tudo. Um cavaleiro de sombras tinha que ser capaz de deslizar através dos portais, ter uma memória fotográfica e energia suficiente para desativar dispositivos elétricos se fosse necessário.

Stefano tirou seu telefone do bolso. Esta era uma das poucas vezes em que ele ficaria vulnerável. Ele tinha que sair do portal da sombra para fazer a ligação. Isso significava que, se ele não se misturasse perfeitamente com a



sombra, alguém poderia vê-lo. Como seus irmãos, ele usava a assinatura de três peças de terno cinza, listrado, dando o efeito de luz e escuridão necessário. Estavam sempre prontos para entrar em um portal se necessário. A ação era sinônimo do nome Ferraro, mas servia a uma vital finalidade.

Ele apertou os números e falou quando a linha foi aberta. – *Temos um ok? Estou em posição.* —Era necessária uma tripla verificação em tudo. Os investigadores continuavam a trabalhar mesmo depois que estavam certos. Ninguém queria um erro. Eles também não faziam o trabalho, até que o cliente e pagasse.

O dinheiro era depositado primeiro em uma das contas *offshore*¹². Uma vez que o dinheiro estava lá, sumiria através de várias instituições bancárias de propriedade da família Ferraro ou que eles tinham interesses, por vários países até que a fonte era impossível de rastrear. O dinheiro voltava a eles através de negócios legítimos da propriedade familiar. A família tinha cimentado seu caminho pelo último par de séculos, as empresas crescendo junto com suas contas bancárias.

Mesmo agora, com Stefano no lugar e seus irmãos festejando, a transação poderia ser abortada. Ele esperou, sem se importar com o resultado. Era um trabalho, nada mais. Ele era bom no que fazia, mas podia parar facilmente, se necessitasse. O dinheiro tinha que ser depositado antes do trabalho ser feito. Os investigadores tinham de estar completamente satisfeitos que a justiça seria feita. Nenhuma vida podia ser tomada sem razão.

– *Existe movimento.*

Lá estava. Ele imediatamente deslizou de volta para as sombras. O telefone seria quebrado e colocado numa lata de lixo do outro lado da cidade,



Mapa mundial com a localização dos territórios de paraíso fiscal.

¹² **Offshore (paraíso fiscal)** - é o nome comum dado às contas bancárias e empresas abertas em territórios beneficiários do estatuto de paraíso fiscal, geralmente com o intuito de pagar-se menos impostos do que no país de origem dos seus proprietários ou de ocultar a origem do dinheiro, de crime ou corrupção.



em algum lugar perto do aeroporto. Ele usava luvas cinzas finas, é claro, nunca arriscaria uma impressão digital.

Ele estudou a rede de sombras e os tubos. A atração era forte o suficiente para que o seu peito sentisse como se estivesse voando, suas entranhas se agitando. Era uma sensação desconfortável a que ele nunca tinha se acostumado, não importando quantas vezes tinha feito isso ao longo dos anos.

Instintivamente ele escolheu a sombra mais longa, mais estreita, o que levava para cima, para a varanda dos fundos e sob a porta. No interior, uma luz fraca estava em cima do fogão. Ele poderia usar as sombras ao longo do chão para encontrar seu próximo caminho. A violência em seu corpo estava forte enquanto o passeio levava-o rapidamente, quase o jogando para fora do portal e no chão da cozinha. Ele segurou o impulso de avançar e tomou um momento para respirar, se arrumar. Os túneis estreitos eram sempre uma experiência de viagem difícil, porque eles agiram como um slide, o corpo em movimento e velocidades muito grandes. As tiras de luz e escuridão eram fundidas mais perto, fornecendo uma espécie de trilha que parecia um relâmpago untado. Ele preferia as maiores, as sombras mais escuras, e mais lentas, mas com um passeio mais sustentável.

Ele ficou muito quieto dentro do tubo, ouvindo o ritmo familiar. Cada casa soava e se sentia diferente. Lá fora, sinos tocavam uma melodia suave para a noite. Alguns insetos faziam a sua presença conhecida. Dentro de casa, era estranhamente silencioso. As duas filhas eram adolescentes e não havia televisão, nem música. Silêncio apenas. Ele continuou ouvindo. Eventualmente, alguém faria um barulho. Era tarde, mas ele sabia que havia luzes nos três quartos, e que pelo menos os quartos estavam ocupados com alguém acordado.

Uma tábua rangeu em cima. Isso seria no quarto menor no andar superior. Que tinha uma brilhante e suave luz, como se um lampião em vez de uma lâmpada elétrica iluminasse o espaço. Os passos eram muito leves. As meninas então. Não em seu quarto, mas no pequeno espaço que elas usavam como biblioteca.



Ele estudou as sombras se espalhando a partir da fonte de luz pálida sobre o fogão. A maioria era demasiado curta para o que ele precisava, mas dois tubos saíam em diferentes direções. Stefano escolheu aquele que levava para o corredor escuro. Ele terminava nas escadas da sala da família. Outro portal levou até o alto das escadas e debaixo da porta da biblioteca, onde as filhas de Edgar estavam.

Ele esperava que elas estivessem lendo tranquilamente. Elas não estavam. Uma pequena estava sentada em um pequeno sofá, com o rosto distorcido pelo inchaço. Outra garota se inclinava sobre ela, empurrando o cabelo para trás com os dedos suaves e aplicando gelo. Não fez um som. Lágrimas silenciosas rastreavam ambas as faces, mas nem um único soluço escapou. Ele ficou dentro do portal, esperando o gelo voltar a suas veias. Deliberadamente, ele flexionou os dedos, rolando-os em um punho apertado. Ele tinha visto inúmeras coisas, a maioria muito pior. Ele não estaria na casa se não houvesse uma boa razão. Ele só poderia relacionar sua reação inesperada ao fato que a sombra de sua mulher tinha tocado a dele e tornou-o mais suscetível a emoção. Ele não poderia tê-la enquanto ele trabalhava.

Ele encontrou o lugar morto nele, um lugar de onde poderia olhar para duas jovens e não sentir nada. Ele precisava disso, o equilíbrio era necessário. Ele não tentou confortá-las, ou ajudar a aliviar as mágoas.

Ele não estava lá para fazer isso. Ele estava lá para ter certeza de que não aconteceria novamente. Sentimentos calorosos não eram o que queria ou precisava. Apenas gelo. Apenas um espaço morto que não poderia jamais ser preenchido porque era o que lhe permitia se retirar para o outro lado da porta e encontrar o caminho para a sala onde ele estava certo que Edgar Sullivan sentava-se atrás de sua mesa, sentindo-se poderoso agora que ele tinha batido em sua filha de treze anos. O *slide* levou-o sob a porta do escritório. Era uma sala luxuosa. O mobiliário era de bom couro. Sullivan estava sentado bebendo uísque em um copo de cristal. Não era um bom uísque, Stefano observou, mas, Sullivan provavelmente não se preocupava com o sabor real. Escorria sangue dos nós dos dedos de sua mão, enrolada em torno do copo.



Ele olhava alguns papéis e murmurava para si mesmo, claramente não feliz com o que quer que estivesse lendo.

Os tubos de sombra irradiavam através da sala em um padrão *starburst*¹³. A sobrecarga de luz, bem como a lâmpada sobre a mesa, jogava sombras por todo o piso, e mais subiam as paredes. Dois iam diretamente para trás de Sullivan. Stefano escolheu o maior dos dois e montou-o através da sala, passando pela mesa, entre a cadeira e a parede até que ficou atrás do homem. Ele saiu do portal e pegou a cabeça de Edgar em suas mãos.

— A justiça foi feita, —ele sussurrou baixinho e puxou duro. Ele ouviu o crack, mas ainda assim esperou, certificando-se. Ele largou o corpo na cadeira e deslizou de volta para o portal. Em questão de minutos, ele estava montando as sombras para fora da casa. Só então saiu de um tubo, a fim de fazer uma chamada.

— *Está feito.* —Ele terminou a chamada e foi mais uma vez para dentro do portal, andando em direção ao aeroporto. Seus irmãos seriam informados sobre o status do trabalho. Stefano iria dormir no avião e eles iriam continuar seu comportamento ultrajante, até que pudessem chegar com segurança ao avião e todos pudessem voltar para casa.

Franco Mancini esperava por ele. A porta do avião foi aberta, Franco estava no interior, deitado sobre uma das camas. Sentou-se no momento que Stefano entrou seus olhos movendo-se sobre seu primo para garantir que ele estava ileso.

— Tudo calmo esta noite, —ele informou a Stefano. — Eu não ouvi sobre seus irmãos.

¹³ Padrão Starburst



— Não espere. Vittorio pode aparecer por volta das quatro ou cinco, mas Ricco está com as gêmeas Lacey novamente. Ele vai se chafurdar na sua arte de corda e sexo. — Stefano não se preocupou em evitar a preocupação em sua voz. Ricco estava muito perto de perder o controle ultimamente e nada que seu irmão lhe dissesse parecia controlá-lo.

Franco ficou em silêncio enquanto Stefano tirava os sapatos e se sentava em um assento luxuoso. Franco serviu uma bebida e entregou a ele. — Ricco é cuidadoso. Sempre. Eu sei que ele parece imprudente, Stefano, mas ele nunca deixou de fazer o seu trabalho. Ele é rápido, limpo e nunca tem um problema depois.

Stefano suspirou, pressionando o copo de uísque na testa. Era verdade. Ricco, quando enviado em um trabalho, o realizava como a arma bem desenvolvida que era. Ele não hesitava, e certamente não fodia isso. Ele terminava o trabalho começado. Não era sobre o trabalho de Ricco. Era sobre a forma como ele vivia. Isso parecia fora de controle.

Stefano não poderia deixar de se preocupar. Ele sabia o que era viver em um mundo de violência implacável sem saída. Eles nasceram corredores de sombra. Eles tinham sido treinados para isso desde que eram crianças. Não havia mais nada para eles, e não haveria até que eles fossem velhos demais para montar as sombras e exercer suas funções. Aí seriam transferidos a outros postos de trabalho dentro da família. Não havia saída para qualquer um deles.

— Stefano. — Franco disse, seu tom claramente relutante.

Stefano olhou para cima rapidamente, seu olhar movendo-se sobre o rosto do primo, reconhecendo que algo estava errado e ele não ia gostar. — Conte-me.

— Emilio chamou. — Franco deliberadamente se serviu de um copo de café.

O coração de Stefano quase parou. Por um momento ele mal pôde respirar. — Você está tentando ganhar tempo, — Stefano acusou. — Foda,



diga-me. —Ele podia ouvir seu coração bater. Sua boca estava seca. — Algo aconteceu a Francesca?

Franco fez uma careta. O tom de Stefano cortou como um chicote. Ele assentiu. — Emilio e Enzo estavam cuidando dela, mas ela deixou o nosso território para ir às compras com Joanna. Elas encontraram um par de ladrões idiotas e um deles colocou uma faca na garganta dela. Emilio disse que tirou sangue.

Houve um silêncio. O ar vibrava com fúria. Quente. Intenso. — Você está brincando comigo? —Stefano cuspiu. — Eu tinha duas equipes com ela. Duas. Giovanni deveria estar mantendo um olho nela também, e alguém a cortou com uma faca? Que diabos? Eu pensei que eu tivesse dito a eles quem ela é. O que ela é. A quem ela pertence.

— Eles sabem Stefano. —Franco disse, em voz baixa. — Eles a protegeram. Ela não está realmente machucada.

— Você acabou de me dizer que a porra de um ladrão segurou minha mulher com uma *faca* e tirou sangue. —Stefano poderia provar a sua própria fúria. Ele nunca tinha ficado tão enfurecido em sua vida. — É melhor que Emilio tenha esse filho da puta trancado e esperando por mim.

— Ele tem, —Franco assegurou.

— Será que Emilio levou Francesca a um hospital?

— Foi um *corte* raso.

— Ele não sabe onde essa faca esteve ou mesmo se a lâmina é limpa, o que provavelmente não é. Ela pode ter uma infecção. Como diabos isso aconteceu em seu turno?

— Stefano, você disse para Emilio ficar para trás, para não ser pego, — Franco lembrou. — No momento em que percebeu que ela estava com problemas, eles liquidaram essa merda.

— Mas não antes que ela fosse *cortada*. Onde? Onde é que ele a cortou?



Franco tomou um gole do café quente, desejando estar em qualquer lugar, menos dentro da aeronave. Perigo brilhava no ar. Era asfixiante. Stefano podia explodir em violência em um piscar de olhos e quando acontecia, era sempre mortal.

— Sua garganta. Mas foi raso, Stefano, mal encostou.

Stefano irrompeu em maldição. Franco colocou mais Scotch no copo de seu primo. Cada membro da família Ferraro tinha seu trabalho. Sempre viveram para o bem da família. Os cavaleiros de sombra eram absolutamente necessários para o sustento da família. Eles eram raros, e quando um par podia produzi-los, eles eram incentivados a ter vários filhos. Stefano jamais tratou qualquer membro da família como menos do que ele, mas ele estava sempre no comando. Sempre.

Os Cavaleiros de Sombras evitavam que inimigos da família os atacassem. Ninguém fora da família sabia exatamente como Stefano e seus irmãos levavam a cabo seu trabalho letal e porque havia outros ramos da família em outras cidades que também tinham uma reputação de limpar as bagunças, ninguém jamais ousou abertamente vir atrás deles.

No submundo, onde o crime era uma ocorrência diária e inimigos prosperavam sobre a violência, ninguém nunca se atrevia a tocar em qualquer membro da família Ferraro. Não gangues, e nem senhores do crime, nem seu amargo inimigo, com o qual eles tinham uma rixa de longa data que remonta ao início de 1900, na Sicília.

Os *Saldis* tinham sido a família mortal na Sicília, e eles logo perceberam que as pessoas iam para a família Ferraro por ajuda contra eles. Eles tinham exigido que os Ferraro juntassem forças com eles, e quando o convite foi recusado, eles enviaram seus soldados para acabar com cada homem, mulher e criança na família.

Apenas alguns escaparam e foram para a clandestinidade. Aqueles que conseguiram escapar tinham sido principalmente os *cavaleiros de sombra*, e prometeram que uma coisa dessas nunca mais aconteceria a qualquer membro da família.



Stefano era um retrocesso daqueles primeiros homens e mulheres que lutaram arduamente para manter a sua família viva. Talvez todos os cavaleiros de sombras fossem como ele, com uma vontade de ferro e a coragem de lutar contra o impossível. Isso fazia com que eles fossem perigosos e extraordinários.

— Stefano, ela está bem. — Franco reiterou. — Nós vamos levar você de volta o mais rápido possível e você vai ser capaz de ver por si mesmo.

Stefano não poderia quebrar as regras e chamar Emilio diretamente. Ele deveria estar em Chicago, não Los Angeles. Mesmo por sua própria paz de espírito sobre Francesca, ele não teria uma chance. As regras tinham mantido todos eles vivos e longe da aplicação da lei. Essas orientações existiam por uma razão.

A maioria das pessoas acreditava que eles eram da máfia, membros do crime organizado. Muitas, muitas vezes, tinham sido investigados, mas é claro que nada pôde ser encontrado. Não importava quantas vezes as empresas fossem olhadas, os livros Ferraro estavam em ordem. Eles nunca tinham tido uma acusação contra eles.

Três vezes, policiais disfarçados conseguiram se infiltrar fundo o suficiente para ganhar uma audiência com os recepcionistas. As três vezes, os recepcionistas tinham percebido que estavam sendo enganados e desempenharam o seu papel muito bem, agindo como se não tivessem ideia do que estava sendo pedido a eles, percebendo de repente e imediatamente agindo chocados, horrorizados e indignados. Toda a vez que um policial disfarçado tinha sido colocado em seu caminho.

— Não há nenhuma maneira de tentar chamar Ricco e Vittorio de volta mais cedo, — disse Stefano, deixando um suspiro resignado escorregar para fora. — É melhor que esteja tudo bem com Francesca, ou Franco, Emilio e Enzo estarão respondendo a mim.

Franco enviou-lhe um leve sorriso. — Emilio e Enzo já sabem que vão responder a você. Eles não estão ansiosos por isso, mas esperam isso.



— Eu não sou tão ruim assim, —Stefano mentiu. Seus olhos encontraram os de seu primo e ele se viu sorrindo tristemente. — Ok, talvez eu seja.

Ele ficou em silêncio por um momento. — Será que Emilio sabe dizer o que ela estava comprando? —Ele estava inexplicavelmente satisfeito dela estar usando o seu dinheiro. Ele não achava que ela iria. Ele tinha se preocupado que ela iria entregar tudo a Dina, e a sem-teto se matasse com intoxicação por álcool.

— Creio que eram sapatos, —disse Franco.

Stefano assentiu. Francesca precisava de um bom par de sapatos, vários deles, mas ele não podia exatamente comprar-lhe um novo guarda-roupa imediatamente. Ele tinha tido um tempo duro o suficiente forçando-a a aceitar o casaco e o dinheiro. Ele tinha que ser paciente. Da mesma forma ele se preparava para um trabalho, ele tinha que formular um plano de ataque. Ele estava caminhando para a maior luta de sua vida, e ele tinha que ganhar. Não havia outra opção.

— Eu sou grato a Dina. Ela tinha um casaco na semana passada, mas você sabe como ela é, Franco: ela perde um a cada mês. *Grazie Dio*. Eu amo que Francesca deu a Dina seu casaco. —Ele tomou outro gole de uísque. Ele amava especialmente saber que Francesca estava enrolada em seu casaco.

Capítulo Quatro

Stefano ficou muito quieto, olhando para a janela da *Masci's*. Francesca estava no balcão, sorrindo para o velho Lozzi. Ela estava linda— e viva. Real. Não era a fantasia que ele temia ter criado em sua mente. A



tensão, enrolada tão firmemente em seu intestino, aliviou um pouco. Ele precisava ver por si mesmo que ela saiu ilesa. O vidro era tingido e ele não podia ver os detalhes, mas ela se mexia facilmente. Ela era amigável, mas não chegava a se envolver em tagarelice informativa.

— Satisfeito? — Perguntou Giovanni.

— Ainda não. — Stefano virou-se para seu irmão, suas feições definidas e duras. — Vamos para casa. Eu quero ver esses filhos da puta e descobrir o que diabos eles achavam que estavam fazendo.

Giovanni deslizou de volta ao volante do seu *Aston Martin*¹⁴, enquanto Stefano subia no lado do passageiro. Ambos estavam acostumados ao luxo do alto desempenho e nem perceberam o ronronar suave, quando o carro deslizou do meio-fio e no tráfego.

— Emilio disse que são aqueles três homens que temos estado caçando novamente. Nós só temos dois deles. O terceiro está no vento, ou talvez ele não estivesse lá naquela noite.

Stefano não respondeu. Em vez disso, ele olhou para fora da janela, seu estômago revoltado. Eles poderiam tê-la matado. Os três assaltantes eram conhecidos por sua violência e ela foi aumentando a cada roubo cometido. Vittorio tinha "falado" com dois deles, uma vez, quando tinham assaltado uma mulher em seu território. Ele tinha pegado o dinheiro de volta e os fez pagar pelo tratamento dela. Ele também tinha extraído uma promessa de que nenhum membro da comunidade Ferraro jamais seria alvejado. Essa era a única chance. A única chance.

— Nós estamos procurando o outro? — Stefano perguntou, ainda olhando pela janela para a passagem dos edifícios. Ele amava sua pequena aldeia dentro da cidade. Ele amava as pessoas de lá. Algumas ele conhecia



¹⁴ Aston Martin



quase desde a primeira respiração dele. Outros haviam se mudado mais tarde, mas ele considerava-os todos dele. Debaixo sua proteção.

— Nós estamos procurando, mas até agora, nada. Eles foram viver fora da grade então não houve uma fuga. O último lugar que se hospedaram foi um prédio abandonado cerca de três quilômetros fora de Little Italy. Achamos que o terceiro é Scott Bowen. Ele não estava no prédio abandonado. Ele deve ter ficado apavorado quando percebeu que foi nossa família, que pegou seus amigos. Ou ele estava lá na noite em que eles assaltaram Francesca ou ouviu na rua. Mas seja qual for o motivo, ele se foi.

Os portões se abriram e o carro deslizou até a unidade privada para a sua casa. No momento em que saiu do carro, Henry, seu mordomo, estava lá para pegar as chaves. Os dois afastaram-se da casa, selecionaram uma sombra e foram para o armazém de propriedade da família, no coração da cidade, longe de seu território. Eles não queriam uma câmera ou um semáforo que pegasse acidentalmente seu carro em movimento através da cidade.

Stefano abriu a porta e atravessou o espaço cavernoso. O cheiro de sangue e medo o atingiu primeiro. Isso não o surpreendeu. Emilio e Enzo não eram conhecidos por sua bondade por quem se aproveitava de mulheres. Vittorio não iria permitir que os dois assaltantes estivessem de pé quando ele os encontrasse. Tecnicamente, os dois homens não haviam cruzado o território Ferraro, mas mesmo que não tivessem ideia que Francesca pertencia a Stefano, eles deviam saber que Joanna sim, ou eram simplesmente estúpidos, chegando perto do território Ferraro.

Tom Billings e Fargo Johnson olharam para ele com os olhos inchados e injetados de sangue. Emilio tinha feito um número em ambos. Terror apareceu em seus olhos quando viram quem tinha entrado. Stefano ficou na frente deles, mas não disse uma palavra. Ele simplesmente pegou o arquivo que Enzo lhe entregou. Vendo a espessura dos papéis, os dois homens se entreolharam e imediatamente começaram a lutar contra as cordas que os prendiam. Stefano não estava preocupado que eles se soltassem. Emilio tinha



grandes habilidades para amarrar nós. Não se comparava a habilidade de Ricco, mas o que ele amarrava ficava assim.

Seus primos tinham estado ocupados, detalhando a longa história de crimes dos assaltantes. Stefano tomou seu tempo lendo.

Ele não se desviou. Quando estava decidindo o destino de alguém, era justo explorar cada detalhe, mesmo quando os homens tinham colocado uma faca na garganta de sua mulher. Ele não podia deixar ser pessoal, mas ele achou que era. Não importava o quão duro ele tentasse pensar com clareza, ele sabia que não podia tomar a decisão sobre o que aconteceria com os dois assaltantes.

— Envie para Vittorio e Ricco, —disse a Giovanni. — Faça-os largar qualquer coisa que estejam fazendo e vir imediatamente. Peça a Taviano e Emmanuelle para vir também. —Giovanni concordou e pegou o arquivo que Stefano entregou-lhe. — Todos vocês leiam isso. Eu vou sair e vocês quatro tomem a decisão. Se houver empate, chamem Eloisa para o voto de minerva.

— Stefano ... —Giovanni protestou. — Você tem o direito. Ela é sua mulher.

— De jeito nenhum estou tocando nisto. Não quando eu quero arrancar seus paus e empurrá-los suas gargantas abaixo.

Os assaltantes congelaram. Billings engoliu em seco, balançando a cabeça. — Nós não sabíamos que ela era sua, Sr. Ferraro.

Os nós no ventre de Stefano apertaram. Sua respiração assobiou fora dele. Não houve maneira de suprimir a raiva que rugia através dele. — Não deveria importar quem diabos ela é, seu covarde. Você não coloca uma faca na garganta de qualquer mulher. Foi apenas má sorte que você a escolheu, mas se eu ouvisse que você fez isso a qualquer mulher, eu teria ido atrás de você. Vittorio o avisou e você deveria ter deixado a cidade ou pelo menos ido para o outro lado dela e ficado tão longe de nós como você pudesse.

Ele queria acabar com ambos, embora Emilio já tivesse feito isso. Teria sido uma grande satisfação sentir os punhos afundar neles, quebrar ossos e



causar tanto dano quanto possível, mas isso era contra suas regras. Ele vivia em um mundo violento e ele tinha que ter um código.

Ele tinha que viver de acordo com esse código, não importava quão pessoal isso fosse para ele.

Não confiando em si mesmo, ele deu um passo atrás, longe deles. Ele iria acatar a decisão de sua família.

Eles tinham todos os fatos e, tanto quanto podiam ver, esses homens passaram anos roubando e espancando outras mulheres. Stefano sabia que quando uma pessoa estava com fome ou desesperada, ela podia recorrer ao roubo, mas esses homens tinham transformado o que eles faziam em espancamentos selvagens. Noventa por cento de suas vítimas tinham entregado carteiras, dinheiro e joias e ainda assim foram espancadas. Mesmo que não tivessem tocado Francesca, Stefano decidiria acabar com eles.

De acordo com os arquivos que seus investigadores Romano e Renato Greco tinham compilado, os espancamentos tinham ficado cada vez mais graves ao longo dos anos e nos últimos meses, os homens tinham colocado várias pessoas no hospital, duas delas com graves ferimentos a faca. Claramente, a violência estava aumentando e Stefano acreditava que mais cedo ou mais tarde, eles iriam matar. A emoção estava ficando mais difícil de obter, assim subiam o grau. Ele sabia que uma vez que eles matassem, iriam continuar a fazê-lo.

Ricco, Giovanni, Taviano e Emmanuelle caminharam juntos e ficaram de frente para os dois assaltantes logo depois de terem entrado pelas portas do edifício. Vittorio veio ficar ao lado de Stefano.

— Este é o meu erro, minha bagunça. Eu deixei-os com uma advertência, —disse ele suavemente.

Billings sacudiu a cabeça com força. — Nós vamos ficar longe. Sair da cidade. Tudo o que você quiser que façamos.

Vittorio olhou para ele por um longo tempo, o silêncio se estendendo. — Eu deveria ter terminado quando tive chance, —disse ele, sem inflexão na



voz. — São minhas, as outras vítimas. As que vocês machucaram, as que mandaram para o hospital. Fui eu que coloquei uma lâmina na garganta da mulher *do* meu irmão. Você cortou sua pele e a fez sangrar. Isso *é* meu. Eu tenho que carregar esse fardo para o resto da minha vida porque não fiz meu trabalho.

Tom Billings gritou sua voz estridente. Atrás dele, uma sombra esticou. O atingiu. Ricco, vestido como sempre em um terno listrado escuro, assim como todos eles estavam, surgiu diretamente atrás dele, com as mãos em ambos os lados do crânio. Vittorio inclinou-se e pegou a cabeça de Fargo Johnson em um implacável aperto. Ambos puxaram duro. Eles foram instruídos praticamente desde o nascimento, neste movimento rápido, duro. Eles eram especialistas. Poucas pessoas poderiam quebrar um pescoço facilmente, mas eles sabiam o movimento exato, a quantidade exata de força necessária, o ângulo perfeito.

Os dois se afastaram dos assaltantes. — A justiça foi feita, —disse Vittorio.

Stefano respirou fundo e soltou o ar. Ele tinha conseguido manter o controle mesmo quando era o trabalho mais pessoal que ele tinha enfrentado. A disciplina havia vencido, embora a raiva ainda atasse seu intestino. Francesca estava com frio e com fome quando ele colocou os olhos nela. E aterrorizada. Agora, um homem conseguiu cortar sua garganta e assustá-la, tentando roubá-la. A única pessoa que precisava de sua maior proteção e ele a deixou novamente.

— Ei, irmão. —Emmanuelle enrolou um braço em volta de sua cintura, enfiou-se apertada contra o seu lado e o abraçou com força do jeito que ela fazia desde que era uma criança. — Eu estou tão animada por você. Nós todos estamos. —Ela nem sequer olhou para os dois homens mortos nas cadeiras.

Stefano não gostava que ela estivesse ali. Ele envolveu seu braço em volta dela e a levou de volta para fora. Desde o início, quando Emmanuelle tinha nascido, ele sabia que ela seria treinada. Ela também era um cavaleiro.



Os sensores reveladores saíam de sua sombra, procurando as sombras dos outros. Ele não tinha gostado, mas então—e ele tinha sido um menino, de nove anos de idade, quando ela tinha nascido. Ele tentou protestar, assim como seus outros irmãos, esperando poupar a vida dela, mas havia tão poucos cavaleiros que a família insistiu em que ela fosse treinada.

Emmanuelle sabia o que ele estava fazendo, levando-a para fora desse lugar de morte, mas ela não protestou. Todos os seus irmãos preferiram protegê-la. Eles haviam sido levados a respeitar as mulheres. Cuidá-las. Protegê-las. Eles queriam que ela tivesse uma vida igual a todas as outras meninas do bairro, sem violência e morte. Ela tinha crescido com quatro irmãos mais velhos sempre pairando perto e nunca protestou ou ficou zangada com eles. Em vez disso, ela desenvolveu o senso de humor e, para mortificação deles, a capacidade de ignorá-los e fazer o que queria de qualquer maneira.

— Eu quero conhecê-la.

— Você vai, *bambina bella*¹⁵, assim que eu conseguir fazê-la minha. Ela não tem ideia. Eu tenho que ir cuidadosamente.

Os olhos azuis escuros dela se moveram sobre o rosto dele, o sorriso desaparecendo. — Eu quero ajudar. Eu sei que isso vai ser difícil para ambos, Stefano, mas ela vai ser minha irmã. Ela fará meu irmão muito feliz. E espero que ela de esperança aos meus outros irmãos. Certamente, se ela é nova em nosso bairro, ela precisa de uma amiga. Eu posso ser isso.

Stefano pensou sobre isso. Francesca só conhecia Joanna. Ele balançou a cabeça lentamente. — Sua amiga, Joanna Masci, pediu que ela viesse trabalhar para seu tio. Francesca está em algum tipo de problema.

Emmanuelle assentiu. — Renato e Romano estão trabalhando para descobrir tudo o que puderem sobre ela. Zia Rachele e Zio Alfeo estão ajudando. Acho que eles ainda têm Rosina e Rigena ajudando também. A família Greco inteira.

¹⁵ **Bambina bella** – significa menina bonita ou linda garotinha, em italiano



Sua tia, tio e seus filhos eram todos pesquisadores e eram bons. Poderosos. Rosina trabalhava com Renato e Romano a maior parte do tempo, usando o computador como arma, e Rìgina ajudava os pais fazendo a mesma coisa. Se eles estavam olhando o passado de Francesca, ele não tinha dúvidas de que iria descobrir cada segredo. Por um momento ele realmente pensou em detê-los. Era uma loucura, mas se ela tinha algo a esconder, talvez fosse melhor ele saber antes dos outros. Ela não gostaria de ter a privacidade dilacerada na frente de toda a sua família.

— Stefano. — Emmanuelle disse suavemente. — Todos nós queremos ajudá-lo. Ela é nossa, bem como sua. Quando ela entrar na família, se tornará nossa irmã. Uma filha para nossos pais. Ela tem que abraçar plenamente a nossa vida, ser uma de nós. Você sabe disso. Todos vamos ajudá-la em qualquer coisa que pudermos. Dê-nos isso. Você sempre cuidou de nós. Nós sempre contamos com a sua força e orientação. Desta vez, queremos estar lá para você.

Ele olhou em volta. Seus irmãos o encaravam em um semicírculo. Ricco, Vittorio, Giovanni e Taviano. Seus primos, Emilio e Enzo, estavam lado a lado com seus irmãos. A sua *famiglia*. A família dele. Ele colocou a mão sobre o coração, pressionando a palma profundamente em seu peito.

— *Grazie*¹⁶. — Ele quis dizer isso. Carinhosamente. Seu coração dolorido e cheio. Ele apertou o braço ao redor de sua irmã. — Talvez vocês e os primos pudessem conquistar a amizade de Francesca e Joanna e fazer algumas coisas com elas. Colocá-la à vontade e fazê-la sentir como se estivesse fìncando algumas raízes. A minha agenda está bastante pesada. Se alguns de vocês puderem aliviar minha carga, — ele olhou para os irmãos. — Eu apreciaria muito o tempo para tentar resolver as coisas com ela.

— É claro, — Ricco respondeu imediatamente. — Vamos dividir as tarefas entre nós pelas próximas semanas.

¹⁶ **Grazie** – significa Obrigado em italiano



— E vamos manter nossos olhos sobre ela, —disse Emilio. — Desta vez, muito mais perto. Ela já sabe que você colocou duas equipes com ela então não há motivo para a clandestinidade.

— Nós poderíamos treiná-lo. —Emmanuelle arriscou. — No que não fazer.

Ele olhou para o rosto dela virado para cima. — Eu não sei se quero lhe perguntar o que diabos isso significa.

— Isso significa que você não pode agir todo assustador, como você faz. Eu estou acostumada com isso por que você não me intimida ... —Ela pigarreou. — *Muito*. Mas esse é o meu ponto. Você não pode assustá-la, enquanto todos nós estamos tentando trabalhar com ela.

— Você acha que eu vou assustá-la, enquanto, seu trabalho é fazer com que ela me veja como um cara bom, o *cavaleiro branco*.

O riso estourou em seus irmãos pela primeira vez. Ele estava certo que Ricco começou. Emilio e Enzo se juntaram e, por último, Emmanuelle. A sensação quente em seu coração desapareceu e ele olhou para eles.

— Sério?

— Ninguém vai acreditar que você é desse jeito, —disse Vittorio. — Você nasceu com essa cara e saiu do útero duro e mandão, como uma cobra trocando de pele.

Ele não podia negar a acusação porque era provavelmente verdade. — Fodam-se. Todos vocês. —Ele se virou para Emilio. — Chame Zio Sal e diga-lhe que precisamos de seu serviço de limpeza imediatamente. Diga a ele para trazer roupas e sapatos para Enzo e você. Você sabe como funciona. Qualquer coisa que possa ser rastreada até você. Livre-se de tudo. Dê a Zio Sal e deixe que ele e seus rapazes resolvam. Eu quero que você tome banho e faça a barba, se arrume e volte para a rua onde fique visível.

Emilio assentiu. — Vou fazer. Vocês todos precisam estar longe daqui.



Seus irmãos e Emmanuelle se viraram para as *sombras* para voltar para casa. Stefano estava ansioso para ir até Francesca, mas levou um tempo fazendo o seu relatório para seus pais, bem, para sua mãe, seu pai realmente nunca estava lá para ouvir um relatório, um mal necessário. Ele acreditava que era necessário apenas para Eloisa poder olhar seu filho, e ter certeza de nenhum mal tinha chegado a ele.

Ele dirigiu da casa principal, onde seus pais residiam para o hotel onde ele ficava e, em seguida, caminhou de lá para a loja onde Francesca trabalhava. Todos os seus irmãos e irmã tinham sua própria ala na casa principal, mas todos eles mantinham um espaço pessoal fora da propriedade Ferraro. Ele tinha uma cobertura no hotel que possuíam. A suíte era enorme, ocupando todo o andar superior. Ele tinha um elevador privado que ia direto para seu andar e uma entrada privada que muito poucos conheciam.

Ele parou na calçada, olhando para a loja. Francesca tinha a cabeça baixa, mas balançou a cabeça e, em seguida, ouviu o homem de pé na caixa registradora. Stefano o reconheceu, *Tito Petrov*. O pai dele era dono da pizzeria local e Tito ajudava e também cozinhava lá. Ele era tão bom em fazer as pizzas como seu pai. Também era um pouco galanteador. Ele namorava frequentemente e as mulheres pareciam cair duro por ele. Stefano não gostou da linguagem corporal de Tito.



Ignorando Tito, que continuou a flertar escandalosamente com ela, Francesca sorriu para o casal mais velho atrás dele enquanto ela embrulhava sanduíches para eles. Ela sabia que eles possuíam a pequena boutique três lojas abaixo. Eles tinham entrado e se apresentado em seu primeiro dia de trabalho. Doces. Genuínos. *Muito italianos*. Eles davam as mãos quando podiam e sorriam um para o outro muitas vezes. Ela adorava isso. Ela considerava Lucia e Amo Fausti o casal romance de pôster, e



considerando que ela não acreditava em romance, também achava que talvez eles trouxessem um pouco de esperança com eles.

Ela nunca poderia pagar um único item do que eles ofereciam, todos aqueles belos vestidos de grife e lenços de seda. Ela sabia que eles viajavam extensivamente para encontrar os melhores designers. Joanna disse que as pessoas vinham de toda a cidade para fazer compras na pequena boutique.

— Como você está esta tarde? — Lucia perguntou.

Eles entravam no Masci's todas as noites depois de horas de trabalho para a refeição da noite, Joanna também tinha informado, mas então, quase todos entraram no Masci's em um momento ou outro. Masci's representava todas as vinte regiões da Itália, importando *carnes curadas*¹⁷, queijos artesanais, azeite de oliva e até vinagre.

Francesca sorriu para ela quando pegou seu dinheiro e colocou-o na caixa registradora. — Bem e você?

Ela tinha entrado em sua boutique porque as roupas na vitrine tinham realmente a atraído. Era um belo espaço, aberto, mármore, decorado principalmente com plantas de folhas grandes, samambaias rendadas e algumas plantas floridas. As roupas eram do mundo todo, designers da França, Itália, Índia e até mesmo da área local. Eles tinham bonitos, mas muito diferentes itens, todos únicos.

— Foi um dia lindo hoje, —disse Lúcia. — Frio, mas adorável.

— Nós vamos comer aqui esta noite, —disse Amo. — É bom depois de trabalhar o dia todo. —Ele sorriu para Francesca.

— Eu suponho que é.



¹⁷ O termo **carnes curadas** ou **cura de carnes** se refere à conservação de um produto por adição de sal, compostos fixadores de cor (nitratos e/ou nitritos), açúcar e condimentos, onde também é obtida a melhora das propriedades sensoriais. Pode-se afirmar que a utilização de nitrato foi descoberta casualmente devido sua presença como impureza no cloreto de sódio empregado.



— Você poderia me visitar, —Tito incentivou.

— Você não tem trabalho para fazer? —Perguntou Amo, piscando para Francesca. Ele pegou a mão de sua mulher e levou-a para uma das pequenas mesas na parte de trás da loja.

— Eu terei muito trabalho a fazer, Amo, se você comer na minha casa, em vez de aqui, —Tito disse para as costas do casal.

Amo riu. — A visão é mais bonita aqui dentro.

— Não é possível discutir com isso, —disse Tito, mais uma vez, apoiando-se no balcão, sorrindo para Francesca, sua voz baixa e rouca.

Stefano abriu a porta da confeitaria e imediatamente todas as conversas cessaram. Ele olhou para Francesca, mas examinou a sala quando entrou. Como de costume, o lugar estava lotado. Ele reconheceu a maioria dos clientes e levantou uma mão em direção a alguns deles enquanto se dirigia ao balcão. As poucas pessoas que estavam à espera na fila imediatamente se mudaram para abrir espaço para ele.

Francesca olhou para cima e ele viu seu rosto ficar pálido. Ela apertou os lábios, uma pitada de desconfiança rastejando em seus olhos. — Você está de volta, —ela cumprimentou. — Só um minuto e eu vou pegar seu casaco.

— Não vim pelo meu casaco, *dolce cuore*, —disse ele, e depois desviou o olhar para o homem que lentamente se endireitava de onde estava encostado no balcão. — Tito. Como está seu pai? Eu não o vejo há um tempo.

— Ele está bem. Ótimo. —Tito olhou de Stefano para Francesca. — Ela está com seu casaco? Eu ouvi ...

— É verdade, —disse Stefano, interrompendo-o antes que ele pudesse terminar a frase. A última coisa que ele queria era que Francesca negasse sua reclamação sobre ela em público, especialmente na frente de Tito Petrov.

Pietro correu para fora de seu escritório. — Sr. Ferraro, bom vê-lo. O que podemos fazer por você?

— Esqueça o 'Sr. Ferraro', e só me chame Stefano.



— Sim. Claro. Stefano. —Pietro balançou a cabeça várias vezes. Ele tinha sido convidado mais de uma vez a chamar todos os irmãos pelo primeiro nome, mas realmente nunca fez isso por muito tempo. — O que podemos fazer por você?

Ele repetiu.

— Me empreste Francesca. Estou morrendo de fome e depois de ver Tito, estou com fome de uma de suas tortas. Preciso de uma chance para falar com ela, então pensei que nós poderíamos fazer as duas coisas. —Ele ignorou a reação de Francesca. Rapidamente, prendeu profundamente a respiração. Agitando sua cabeça. Afastando-se do balcão. Longe dele.

Pietro ignorou também. — Claro. Sem problemas. Ela trabalhou horas extras ontem.

— Eu vou voltar para o restaurante e fazer sua torta, —disse Tito.

Stefano enviou-lhe um sorriso rápido. — Obrigado, Tito. Eu agradeço. Nós estaremos lá em poucos minutos. Eu tenho que conversar com um casal primeiro. —Ele olhou para Francesca, que não se moveu. — Nós não vamos precisar do casaco. É na próxima quadra. —Mais uma vez, antes que ela pudesse protestar, ele se afastou do balcão, e foi até a mesa onde os Fausti estavam sentados.

— Lúcia, você está muito bonita esta noite. —Ele se inclinou e deu um beijo em sua têmpora. Ela imediatamente puxou sua cabeça entre as mãos e beijou ambos os lados de sua mandíbula antes de deixá-lo ir. — Amo ainda está te tratando bem? Eu fujo com você, se eu souber que posso.

Ela riu suavemente. — Amo é o melhor, mas se ele vacilar, Stefano, você é o primeiro.

Sua sobrancelha se elevou. — Primeiro? —Repetiu ele. Mudando sua atenção para Amo, ele apertou a mão do homem. — Quantos homens ela tem na fila de espera?



— Demais para contar, —Amo disse com um suspiro pesado. — Essa é a vida de um homem que se casa com uma bela mulher. Você deveria se lembrar disso.

Lúcia riu de novo e inclinou-se para o marido. — Vocês dois. Sempre me fazem sentir tão especial.

— Porque você é. —disse Stefano, o que era verdade.

— Ela é muito bonita. — Amo disse, indicando Francesca, mantendo a voz baixa. — Muito doce com todos os clientes. Trabalha duro. Ela não fala muito e parece triste. Ela está bem?

— Ela vai ficar.

— Qualquer coisa que possamos fazer Stefano. Você é um bom menino. Sempre foi bom para nós, —disse Lúcia. — Sempre desde que ... —Ela engasgou os olhos cheios de lágrimas, e apertou uma mão na boca, forçando um sorriso atrás de sua palma.

— Não, Lúcia. —disse Stefano, agachando-se ao lado de sua mesa, colocando seu braço ao redor da mulher mais velha. — Você está aqui com o amor de sua vida ... —Ele olhou para Amo. — Ah, e Amo, também.

Ela riu. Foi um pouco forçado, mas ainda assim, ela conseguiu fazer um alegre som. O marido dela estendeu a mão sobre a mesa e pegou a dela na sua. — Este homem está sempre tentando roubar você de mim, *Bella*. —Ele levou a mão à boca e beijou-lhe os dedos. — Isso acontece muito frequentemente, mulher.

— Você deveria estar acostumado com isso agora, Amo, —Stefano disse, levantando-se, escovou outro beijo no topo da cabeça de Lúcia. — Acho que minha mulher está pronta para ir.

Claramente ela não estava, mas Pietro a empurrou para fora de trás do balcão. Francesca parecia nervosa e como se estivesse se esforçando para dizer a ele para ir para o inferno. Ele agarrou sua mão enquanto ele se aproximava ao lado dela, puxando até que ela estava ao lado dele e ele



poderia envolver um braço ao redor de sua cintura, puxando-a para o lado dele.

— Mais tarde, Pietro, —ele disse, e levou-a pela porta, enquanto ela estava muito chocada por ter seu corpo preso firmemente contra ele.

— Mais tarde, Sr. Ferraro. —Pietro respondeu, com riso na sua voz.

Francesca colocou uma palma da mão contra seu peito protestando e, em seguida, tirou-a como se o seu calor a queimasse. — Eu não vou a uma pizzeria com você.

— Você não tem que comer, se você não estiver com fome, —disse ele, cobrindo o pavimento em passos largos, mantendo-a junto com o braço, forçando-a a acompanhá-lo.

Ele a manteve em movimento, não querendo dar a ela a chance de protestar. — Você conheceu Lúcia e Amo Fausti? O casal sentado na parte de trás? Eles são os proprietários do *Tesouros de Lúcia*. É uma pequena boutique algumas lojas para baixo da deli.

Ela deu uma olhadinha para ele por debaixo de seus ridiculamente longos cílios. Ela não usava máscara, e ainda assim seus cílios eram grossos, longos e enrolados para cima no final. Ele era fascinado por esse pequeno detalhe. Seus olhos eram bonitos. O pensamento de que ele queria estar olhando para seus olhos quando ele a tomasse, quando ele a fizesse vir em seus braços, veio a ele espontaneamente. Quando eles estivessem juntos, e ele estivesse se movendo dentro dela, dando a ela o que nenhum outro homem jamais iria dar a ela novamente.

— Sim, eles são um casal lindo. Você parece ser amigo deles.

Ela parecia um pouco chocada que ele pudesse ter amigos. Isso o fez querer sorrir, mas ele resistiu, continuou a caminhar, acenando para um par de pessoas que saíam de suas lojas para cumprimentá-lo. Ele continuou se movendo, porque não queria que eles o parassem e dessem a ela a oportunidade de fugir.



— Eles perderam o seu único filho. Cencio foi assassinado saindo de um teatro na cidade com sua noiva. Lúcia ficou tão devastada que quase morreu. Amo não foi o mesmo por um par de anos, nem nunca mais. Eu cresci com Cencio. Ele era um bom homem. Sempre rindo. Doce, como seus pais. Servimos juntos na *Marine Recon*¹⁸. Ele era alguém com quem se podia contar. Nós tínhamos saído dois meses antes dele ser assassinado.

Seu rosto se suavizou. As pestanas desceram, mas a suavidade não deixou seus olhos. — Estou tão chocada. Deve ter sido terrível para todos vocês. Ele era o seu único filho?

Stefano sacudiu a cabeça. — Eles tiveram uma menina. Ela morreu de câncer quando tinha três anos.

Francesca parou ali mesmo no meio da calçada, a mão livre cobrindo a boca. Parecia que ia chorar. — Aquelas pobres pessoas. Perder os filhos assim. Eu não posso imaginar nada pior.

Ele balançou a cabeça, puxando-a um pouco mais perto dele, mantendo-a sob seu ombro. — São ambos muito valentes. Às vezes as tragédias separam as pessoas, mas eles pareciam mais fortes juntos. — Ele voltou a se mover. A entrada para a pizzeria estava a apenas alguns metros de distância.

— Eles realmente são meus clientes favoritos, — admitiu ela. — Não que eu já conheça muitas pessoas, embora a loja esteja cheia o tempo todo. O assassino foi pego?

Ele olhou para ela bruscamente. Havia algo em sua voz que chamou a atenção dele. Ela estava olhando para o chão, não para ele e não tentando ver para onde estavam indo. Ela parecia cética, como se ela não acreditasse que o assassino de Cencio fosse levado à justiça. Ela também parecia muito, muito triste. Isso o rasgou por dentro. Ele não queria que ela ficasse triste nunca.

¹⁸ As companhias da **Force Reconnaissance** (abreviadas para '**Force Recon**' ou FORECON), são forças do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA.



Ele passou ao redor dela para abrir a porta da pizzaria, voltando automaticamente para permitir que ela o precedesse. No último momento, ele a puxou para fora, e depois a empurrou para trás dele quando um menino com cabelo ondulado escuro bateu nele com toda a força. Seu corpo balançou para trás, mas ele pegou a criança em seus braços, impedindo que o menino caísse. Ele ouviu o fôlego de Francesca travar em sua garganta como se ela temesse pela criança.

Ele colocou o menino de volta no chão e bagunçou seu cabelo. — Tonio, você está perseguindo a Signora Moretti mais uma vez?

O garoto balançou a cabeça, segurando uma bolsa rosa.

— Bom homem. Encontre-a, mas não corra pela rua. Passe por minha mesa quando voltar.

Tonio sorriu para ele e saiu correndo. Stefano segurou a porta aberta para Francesca e acenou para dentro.

— Ele é um bom menino, —ele observou. — A Signora Moretti acabará por entrar na deli. Ela lhe dará um tempo muito difícil. Ela vai insistir em ver você fazer o seu sanduíche e tudo o que você fizer estará errado, porque ela vai mudar enquanto estiver junto. —Havia humor em sua voz. Afeição. Ele não podia esconder. — Agnese Moretti é um terror. Nunca a chame de qualquer coisa, só *Signora Moretti* ou você vai ter suas orelhas puxadas. —Ele esfregou a orelha direita, lembrando da mulher puxando-a quando ele a chamou pelo seu primeiro nome.

— Ela puxou suas orelhas? —Os olhos azuis de Francesca se abriram com choque e humor.

— Signore Ferraro, temos a sua mesa, —disse a menina na recepção, os menus em sua mão. Ela soava ofegante, olhando para ele com um olhar atordoado, flertando.

Ele sorriu para ela. — *Grazie*, Berta. —Ele colocou a mão sobre a parte inferior das costas de Francesca para guiá-la. Dando a certeza de que todos no restaurante sabiam exatamente a *quem* ela pertencia. — Como estão seus



pais? —Ele teve que acordar Berta antes que ela tropeçasse em seus próprios pés. Ela não estava olhando para onde estava indo, apenas observando-o.

— Eles estão ambos bem, Signore Ferraro. Tito disse para colocá-lo nessa mesa. —Ainda olhando para ele, ela indicou uma cabine na parte de trás, no canto onde as luzes baixas lançavam sombras e permitiam privacidade.

Sua família sempre solicitava uma cabine, e ele estava grato que Tito lembrou. — O *antepasto*¹⁹ e o *grissini*²⁰ estão vindo. Vinho? Cerveja? — Perguntou ela.

Francesca deslizou para o interior da cabine, porque ele não lhe deu muita escolha. Ele manteve sua atenção em Berta, mesmo enquanto seu corpo pressionava Francesca até que ela cedeu e deslizou para o fresco assento de couro do banco. Stefano deslizou ao lado dela. Junto. Sua coxa pressionando firmemente contra a dela. Ele inalou seu aroma. Ela era bonita, não as sombras onde viveu sua vida. Tão bonita e inocente.

Ele ia acabar com essa inocência e o pensamento o deixou triste. Ela resistiu quando ele pegou sua mão, mas ele sabia que tinha de tocá-la.

— O que você gostaria *bella*? Vinho? Cerveja? Algo mais?

Francesca hesitou, mas depois relaxou um pouco da tensão a abandonando. — A água está bem.

— Você não bebe vinho? —Ele levantou uma sobrancelha.



¹⁹ **Antepasto** (plural, antipasti em italiano) significa "antes da refeição" é o conjunto de iguarias servidas antes da refeição. É tradicionalmente o primeiro prato na gastronomia italiana formal e inclui carnes curadas, azeitonas, alho assado, pepperoncini, cogumelos, anchovas, corações de alcachofra, queijos diferentes (por exemplo, provolone ou muçarela) e peperone (pimentões marinados pequenos). O antepasto é geralmente servido com grissini ou fatias de pão acompanhados de azeite de oliva.



²⁰ **Grissini** – são palitos de pão



Ela assentiu com a cabeça. — Já faz um tempo desde que eu tomei álcool. Não sei como reagiria.

Ele gostou de sua honestidade. — Eu vou ter certeza que você chegue em casa segura. Um copo não pode machucar. — Antes que ela pudesse protestar, ele virou-se para Berta. — Vinho tinto. Você conhece minha preferência. Traga a garrafa e dois copos. — Quando Berta saiu, ele voltou sua atenção para Francesca. — Minha família é dona de algumas vinhas e uma adega na Itália. Está começando a fazer um nome, felizmente, eu gosto do vinho que nossa família produz. Eu espero que você também.

Ela assentiu com a cabeça, um pouco timidamente. — Obrigado. Eu tenho certeza que vou. Conte-me sobre Agnese Moretti. Ela realmente puxou suas orelhas?

Ele nunca tinha sido tão grato pela personalidade difícil e muito mal-humorada da mulher mais velha. A história dele tinha despertado o interesse de Francesca o suficiente para que ela estivesse muito mais relaxada com ele. Ela parecia gostar da história das pessoas ao seu redor. Pessoas boas. Ele gostava de seu bairro e queria que ela o visse através os olhos dele. Era onde ela iria passar a maior parte de sua vida. Aceitando seu destino. Aceitando suas regras. Viver com um jugo de violência em torno de seu pescoço para o bem dos que os rodeavam. Uma parte dele detestava a si mesmo por fazer isso com ela, mas não havia nenhuma maneira dele poder desistir dela.

— Ah sim. Ela não só puxou, mas duas vezes ela me agarrou pela orelha e me tirou da sala. Claro, eu era muito jovem quando aconteceu. — Deliberadamente, ele esfregou o lóbulo da orelha, como se ainda pudesse sentir o aperto.

Francesca riu. Ela tinha uma bela risada. Melódica. Baixa. Quase como se o riso fosse íntimo, apenas entre os dois. Seu coração batia em sintonia com o riso baixo dela. Ele queria ouvi-lo para o resto de sua vida. O som abafou as vozes em sua cabeça que se recusaram a morrer junto com quem as possuía.

— Quantos anos você tinha quando ela puxou suas orelhas?



— Isso foi no ano passado, quando eu cometi o grande erro de ser "informal" com ela chamando-a pelo seu primeiro nome. Aparentemente eu não sou velho o suficiente para fazer isso. Ela ensinou na escola e nunca me deixou ou a qualquer outro aluno dela esquecer.

— Ela soa como uma figura.

— Ela é. —disse Stefano. — Ela é maravilhosa. Eu não posso te dizer quantos estudantes ela tutelou fora da sala de aula para ajudá-los quando eles tinham dificuldades com um assunto. Ela nunca cobrou seus pais. Eram algumas crianças que não tinham muito e ela comprou-lhes os suprimentos de que precisavam. Almoços. Jaquetas. Ela nunca deixou transparecer que ela o fazia, ou fez alarde sobre isso, mas eles acabavam encontrando as coisas em sua mesa, ou uma caixa de casaco ou almoço.

— Uau. —Francesca apoiou o queixo em sua mão, com o olhar fixo nele. Aquele olhar azul-marinho que o fazia querer mergulhar nele. — Ela parece incrível.

— Ela é uma figura. Ela esquece sua bolsa em qualquer lugar em que coma e seus óculos na maioria das lojas. Tonio sempre corre atrás dela se ela está em algum lugar. Se não Tonio, então uma das outras crianças. Ele é o mais jovem e o mais entusiasta, o que significa que ele é um pequeno tornado e você tem que sair do seu caminho quando ele está correndo.

Berta estava de volta com o antipasto, pequenos pratos, quentes, grissinis frescos e vinho. Ela habilmente manejou cada prato e derramou uma pequena quantidade de vinho em um copo para Stefano degustar.

Gostava que Francesca o observasse tão de perto, que ela parecesse fascinada pela conversa e por ele. Ele acenou a aprovação do vinho, esperou até Berta encher ambos os copos e sair antes que ele pegasse o copo de Francesca e o entregasse a ela. Seus dedos encostaram nos dela. Instantaneamente uma faísca de eletricidade saltou dela para ele. Ele sentiu suas sombras se conectarem. Se mesclando. O puxão era forte, assim como o deslizar do controle dos tubos que quase se separavam de seu corpo quando ele estava na frente dela—um poderoso ímã atraindo-o.



Ele a ouviu inalar rápido. Seus olhos escureceram. Os cílios abaixaram. Os seios subiam e desciam. Ela puxou a mão, levando o copo de vinho à boca. Ela definitivamente sentia a química entre eles, tão fortemente como ele. *Era explosivo*. Seu corpo reagiu, ficando tão duro como uma rocha, algo que não podia acontecer a um homem com seu tipo de disciplina. Ele sabia que se ele se inclinasse e tomasse sua boca, ele iniciaria uma tempestade em ambos.

Ela era perigosa para ambos. Ele tinha que ter o controle de seu redor e apenas estar tão perto dela ameaçava isso. Ele se deslocou ligeiramente para pôr distância entre eles, uns meros centímetros, mas mesmo essas deram-lhe um indulto.

Tonio correu para eles, seu grosso e selvagem cabelo encaracolado voando. Os olhos brilhando. — Eu peguei ela, Signore Ferraro. Quando ela ia entrar em seu carro.

— Bom homem, Tonio. — Ele pegou a carteira e entregou ao menino uma moeda. — Eu estou orgulhoso de você por olhar por ela. O que nós fazemos?

Tonio estufou o peito. — Nós sempre cuidamos de nossas mulheres.

— Está certo. Vá agora e diga olá para os seus pais por mim.

O menino pegou o dinheiro e colocou-o no bolso. — Grazie. Grazie. — Ele sorriu para Stefano. — Ela é uma de nossas mulheres? — Ele indicou Francesca.

Stefano assentiu solenemente. — Tonio, esta é Francesca. Francesca, Tonio. Se você precisar de assistência, ele é um bom homem e virá em seu auxílio. Sim, Tonio, ela é muito especial para mim. Ela é uma das nossas. — Ele olhou para sua mulher. Ela não sabia que ele a estava reivindicando publicamente, mas a pergunta inocente era bem-vinda. Tonio iria dizer a seus pais exatamente o que Stefano tinha dito a ele. O menino sempre o fazia.

Francesca parecia satisfeita. Ele sabia que ela ficaria. Ela não estaria pensando sobre a subjacente implicação, apenas que o menino era bonito.



— Prazer em conhecê-lo, Tonio, —disse ela.

Ele balançou a cabeça timidamente. — Não se preocupe. Eu vou cuidar de você.

— Obrigado. Eu aprecio isso.

Tonio virou com um sorriso atrevido e correu pelo restaurante de volta à mesa de seus pais. Stefano observou-o ir apenas para ter certeza de que ele não derrubava qualquer um dos clientes de Tito.

— Ele é adorável. —Francesca mergulhou um grissini no molho marinara e deu uma mordida. Os olhos dela fecharam. — Uau. Isto é delicioso.

— Ninguém faz pizza, antipasto ou marinara como a família de Tito. Eles têm estado no negócio por duas gerações e eles fazem o melhor. As pessoas vêm de todo lugar para comer aqui.

— Você parece orgulhoso.

— Eu estou. Eles são uma boa família e eles merecem o sucesso.

— Você não é nada como eu pensei que você seria, —ela arriscou, e tomou outro gole de vinho.

— O que você acha que eu seria?

— Eu não sei. Você pareceu tão assustador quando eu te conheci. Pensei que você fosse ... —Ela parou de falar e sacudiu a cabeça, cor arrastando-se sob sua pele.

— Conte-me.

— Eu não quero que você fique chateado. Era bobagem minha. Eu estava muito nervosa sobre a entrevista e parecia que todos na loja ficaram com um pouco de medo quando você entrou. Também foi brusco e um pouco rude, soltando *foda-se* por todo o lugar.

Ele assentiu. — Eu faço muito isso, e tenho medo. Mais de uma vez, a Signora Moretti me disse que iria lavar minha boca, e isso foi este ano.



Ela riu. Ele adorava a maneira como ela ria. Foram apenas dois dias que ele tinha estado longe dela, e ela parecia muito mais relaxada. — Sua advertência não fez nenhum bem, não é?

— Não, acho que isso não aconteceu, — admitiu com tristeza. — Então me diga, Francesca, o que você achou que eu era quando nós conhecemos?

Capítulo Cinco

Francesca estudou o rosto de Stefano. Ele era intimidante, não havia dúvida sobre isso. Mesmo com a maneira como ele interagiu com o pequeno Tonio, ele tinha um olhar que exigia respeito. Mais, ele comandava a sala. Ela estava ciente que cada pessoa no restaurante tinha virado para vê-los quando eles se dirigiram a cabine deles. Mesmo agora, as pessoas estavam olhando. Eles estavam tentando fingir que não, mas ela percebia. Era bastante claro que Stefano Ferraro era um homem muito conhecido. Aprovado por alguns, temido por outros.

Ainda assim, havia uma tristeza nele que ela percebia, e tudo em sua mente queria acalmá-lo. Precisava fazer isso. Ela não estava completamente certa como ou por que ela chegou a estar sentada ao lado dele, mas estava fascinada por sua opinião sobre as pessoas do bairro. Havia afeto genuíno em sua voz quando ele falava deles. Ela gostava que ele soubesse muito sobre eles e parecesse se importar.

De perto, ele era quente, quente, quente. Um homem lindo. Ela não podia acreditar no quanto ele era bonito. Resistente. Confiante. Até mesmo um pouco arrogante, o que se poderia perdoar, quando seu rosto era tão perfeito. Os ângulos, a mandíbula forte e nariz reto. A boca dele a fascinava e ela tinha que se policiar ao olhar para ela. Duas vezes ela se viu fazendo



exatamente isso e se perguntando como seria sentir aquela boca na dela. Uma fantasia realmente estúpida para se ter sobre um homem que achou ser da máfia dois dias antes.

Francesca estava um pouco envergonhada do que tinha pensado dele, mesmo quando ele tinha uma boca suja e foi tão rude. Claramente ela tinha lido o silêncio na deli como algo que não era. Parecia medo, mas olhando para trás, ela tinha estado com medo de tudo naquele dia e, provavelmente, tinha acabado projetando o que ela estava se sentindo sobre o pessoal do *Masci's*.

Ela não conseguia decidir se gostava mais de seus olhos, ou sua voz. Seus olhos eram de um bonito azul, escuro e misterioso, com longos cílios negros que combinavam com seu cabelo espesso, ondulado. Sua voz era suave, baixa, um mel quente que se movia sobre ela, prometendo todos os tipos de coisas pecaminosas.

— Francesca.

Sua voz a assustou e a tirou de sua fantasia. Ela piscou rapidamente e trouxe-a ao foco. Ela não tinha tido tempo para passar sobre seu corpo, mas era provavelmente tão bom quanto.

Ela levantou o olhar para ele, e tudo parou. Stefano olhou diretamente nos olhos dela, capturando-a sem sequer tentar. Ele segurou-a ali, ela era incapaz de desviar o olhar. Ela estava totalmente hipnotizada por ele.

Francesca sentiu seu poder. Sentiu uma conexão entre eles. Seu coração gaguejou e depois começou a bater forte.

Ele se inclinou para ela, franzindo a testa. Seu dedo deslizou ao longo da pele, em sua garganta, roçando levemente a laceração rasa onde a faca tinha queimado quando entrou em sua carne. Ela estremeceu com a forma como o azul de seus olhos escureceu tão intimamente.

— Isso é obsceno. Alguém colocar as mãos em você. Uma faca em sua garganta. Sinto que isso tenha acontecido, Francesca. Este é normalmente um bairro seguro. Temos coisas pequenas, insignificantes, adolescentes que



bebem demais e ficam um pouco fora de si, mas isto ... —Ele parou, balançando a cabeça.

Sem aviso, ele se inclinou para ela e roçou sua garganta com a boca. Seu coração parou de bater.

Ela estava certa de que sim. Ela congelou, incapaz de se mover. Incapaz de pensar, porque seu cérebro entrou em curto-circuito. O cabelo dele escovou seu queixo e ao longo de seu ombro. Ela nunca tinha sentido nada tão sensual em sua vida.

Seus seios doíam. Necessitavam. Seus mamilos empurravam a renda do sutiã e de repente a pequena calcinha que ela usava estava úmida. Seu sexo se apertou com força. Sua respiração ficou presa na garganta e ela não podia se mover nem mesmo para salvar a si mesma, e tinha a sensação de que precisava se salvar. Ela queria desesperadamente passar os dedos no cabelo espesso e escuro. Ela sabia que era macio porque os fios grossos se moveram contra seu queixo e garganta. Ela piscou e ele levantou a cabeça.

— Sinto muito. —repetiu ele. — Você deve ter ficado muito assustada. —Sua voz sussurrou sobre ela como um toque íntimo de dedos.

Ela tocou os lábios com a língua, tentando não imaginar sua boca na dela. — Eu admito, eu estava com medo, mas principalmente porque não queria que pingasse sangue em seu casaco.

Sua sobrancelha se elevou. — Você o que? —Sua boca se curvou em um sorriso triste, embora seu coração batesse duro no peito.

— Eu não queria sangue em seu casaco. Eu o estava usando quando ele me cortou, e tudo que eu conseguia pensar era que o sangue podia correr do meu pescoço em seu casaco.

Os olhos escuros ficaram assustadores. Seu rosto ficou imóvel. Seus dedos enrolaram em torno da nuca dela e ele puxou sua cabeça na direção dele. — Você está me dizendo que estava com tanto medo de mim que quando um assaltante colocou uma faca na sua garganta, e a coisa que você mais temeu foi ter sangue sobre a *porra* do meu casaco?



Sua voz tinha ficado assustadoramente macia para coincidir com a ira brilhando em seus olhos. Seu coração deu um pulso e, em seguida, bateu duro. Ela estava ciente dos dedos enrolados em torno de seu pescoço, de cada detalhe dele. Seu calor. Seus ombros largos. Sua enorme força. A forma como as pontas de seus dedos parecia possessivos em sua pele.

Seu aroma a envolveu, a rodeou, até que houve apenas ele, as outras pessoas no restaurante desapareceram. Ele estava muito perto dela, para respirar, as sombras na cabine envolvendo-os em uma inesperada intimidade.

— *Dolce cuore*. —Ele respirou.

Ela gostou que ele a chamasse de querida. Ela não deveria estar sentada ali com a mão dele enrolada em volta de seu pescoço. Ela estava se afogando, hipnotizada por ele. Ela nunca tinha experimentado uma química tão intensa. Ela nem sabia que a atração física podia ser tão forte. Ele era como um ímã e ela não conseguia encontrar a resistência necessária para se libertar.

— Você é muito mais importante do que um casaco de merda.

— É o seu favorito, —ela sussurrou, chocando-se com a admissão implícita. Ela tinha medo dele, não tinha? Não atração. Não deveria ficar preocupada que ele estaria chateado pelo casaco e ela não queria isso. Ou que ela viria a amar aquele casaco e a forma como ele a fazia sentir.

— É um casaco, Francesca. —A mão deslizou de seu pescoço e ele se endireitou, virando a cabeça para o interior do restaurante.

Ela não tinha ouvido nada, mas ele tinha percebido movimento na pizzaria. Ela piscou várias vezes, tentando sair de seu feitiço, se soltando da rede de atração sexual.

— Sua pizza, —disse Tito com um floreio, colocando a pizza entre eles. — A especialidade da casa. Desfrute. —Ele piscou para Francesca. — Você pensará que está no céu.

— *Grazie*, Tito, —Stefano disse, movendo seu corpo sutilmente para colocar-se mais uma vez muito perto de Francesca, sua postura possessiva.



Até mesmo Francesca viu o aviso flagrante. Ela sorriu para Tito. — Obrigado, parece fantástico.

Tito assentiu, deu-lhes uma pequena saudação e fugiu, deixando-a mais uma vez a sós com Stefano. Francesca sabia que tinha de protestar do comportamento territorial de Stefano. Ela não estava em condições de ter qualquer tipo de relacionamento e, em qualquer caso, ela não era casual. Stefano estava muito fora de sua liga. Ela não podia imaginar que um homem como ele fosse querer namorar alguém como ela. Ela comprava em brechós.

Ele ficaria chocado se visse onde ela morava. Ela ficava chocada quando ia para seu pequeno apartamento, mas ainda assim, era dela. Ela sabia que ia desmaiar se visse onde ele morava. A roupa dele custava mais do que três meses do aluguel dela, talvez quatro.

Stefano colocou uma fatia de pizza no prato dela. — Ninguém faz pizza como Tito ou seu pai. Benito Petrov é impressionante. Grande, como Tito, mas é aí que a similaridade termina. Tito sorri o tempo todo. Benito é muito sóbrio. Onde Tito é doce, Benito é rude.

— Como é que Tito chegou a ser tão diferente?

— Ele tem a quem puxar. A mãe era a mulher mais doce viva. Eles a perderam a cerca de sete anos atrás, para um câncer de mama. Benito teve um tempo difícil. Foi quando Tito se aproximou e realmente assumiu o restaurante.

— O que mais é diferente sobre eles? — Francesca estava curiosa, mas mais, ela adorava ouvir a voz de Stefano. Era linda, perfeita. Baixa. Sensual. Ela podia ouvi-lo falar a noite toda.

— Benito é coberto de tatuagens, tem um brinco, é careca e parece que ele vai cortar sua garganta, um *fanfarrão*. — Ele riu suavemente. — Ele é voluntário regular no banco de alimentos e lidera o comitê para ajudar a completá-lo. Começou uma horta comunitária com a ideia de que alguém pudesse comer quando estivesse com fome. Ele está trabalhando em planos para uma estufa de modo que a comida possa ser cultivada durante todo o ano.



Ela esqueceu tudo sobre seu protesto e se inclinou sobre sua mão, com os olhos no rosto dele. Era fascinante ver a forma como sua expressão se suavizava quando ele falava sobre o bairro e seus moradores. — Onde eles conseguiram a terra para os jardins e a estufa? Imagino que a terra aqui seja muito cara.

— Dê uma mordida. Você não quer ferir os sentimentos de Tito. O terreno foi doado.

Ela sabia que sua família havia doado a terra. Ela soube instantaneamente. Ela deu uma mordida na pizza e quase gemeu, era muito boa.

Ele sorriu conscientemente para ela, balançando a cabeça. — Excelente. Certo?

— Eu não tinha ideia que qualquer coisa podia ter um sabor tão bom, muito menos uma pizza. Eu poderia gastar meu salário aqui.

— Nos fins de semana, há fila para entrar. Petrov e Tito atendem aos moradores em uma entrada ao lado, que eles abrem quando a fila é longa. Eles escorregam os moradores para dentro. Algumas mesas são mantidas em reserva para que eles possam acomodá-los o mais rápido possível.

— Esta é uma comunidade muito unida, não é?

Ele assentiu. — Pessoas boas. — Ele tocou ao longo de sua garganta com um dedo suave. — Eu odeio que isso tenha acontecido com você. Sinto muito, Francesca.

Ela franziu o cenho para ele. — Stefano. — O nome dele saiu mais fácil do que deveria. Ela não se importou. Ela se inclinou. — Isso não foi culpa sua. — Foi por isso que ele a levou ao restaurante de Tito. Sentia-se culpado. Ela sentiu uma enorme atração física, e quase cometeu o erro de pensar que tinha que ser mútuo. Ele se sentia responsável. Ele olhava pelos moradores e alguém tinha tentado assaltá-la.

— Por favor, pare de se preocupar sobre isso. Estou perfeitamente bem.



— Eu tinha meus primos cuidando de você, mas eu lhes disse para ficar para trás para que você não se sentisse acuada. Foi meu erro. A maioria dos moradores é conhecida. Você é nova. Os criminosos ficam longe, mas ...

— Tecnicamente, nós deixamos o bairro, —Francesca apontou. Sem pensar, ela colocou a mão sobre Stefano. — Você não tem nenhuma responsabilidade no que aconteceu comigo.

No momento em que a palma se curvou nas costas da mão, ela sabia tinha cometido um erro. Seu calor pareceu fundi-los. Pequenas faíscas de eletricidade crepitavam ao longo de suas terminações nervosas. Ela puxou mão, sentindo como se tivesse acabado de se queimar. Não queimada. *Marcada*. Ela tinha posto a mão sobre a dele, ainda assim sentiu como se ele a tivesse capturado. Se conectado. Essa conexão parecia ficar mais forte cada vez que se tocavam fisicamente.

— Qualquer residente da nossa vizinhança deve estar seguro em qualquer lugar quando eles vão à cidade, —disse ele, sua voz de repente assustadora. — Eles explodiram metade do rosto de Cencio. Sua própria mãe não pôde sequer vê-lo no caixão uma última vez. —Ele parecia feroz. Culpado. Como se de alguma forma ele fosse responsável pela morte de Cencio. Ele soou angustiado.

Isso era o pior. Que um homem como Stefano, tão arrogante, tão confiante, forte absolutamente uma rocha pudesse ficar tão abalado. Ela não podia ajudar a si mesma. Ela balançou a cabeça, os olhos encontrando o dele. Ela tinha que tirar a dor dele, ela não sabia o porquê, mas ela não tinha escolha. — Eu sei o que o luto é, Stefano. Sofrer a perda de um ente querido através de assassinato. Sentir-se responsável, quando na verdade, não há nada que pudesse ter feito. Você não pode olhar por cada pessoa no seu bairro. É impossível. Você não é responsável por mim ou pelo ataque a mim. —Sua voz era suave, persuasiva.

Ela não podia acreditar que tinha dito o que tinha. Ela não falava sobre seu passado, ela não ousava. Ainda assim, ela tinha que tirar a dor dos olhos dele. Seu coração doía apenas por olhar para a dor dele.



Seus olhos mudaram. Completamente focados nela. Vendo muito. Tomou a respiração. Fez seu coração palpitar e seu estômago fazer um rolo lento.

— Alguém que você amou foi assassinado?

Ela assentiu com a cabeça. — Eu não deveria ter dito nada. Eu só não quero que você pense que tem que proteger o mundo inteiro, porque seu amigo morreu. Você não pode Stefano.

— Não é o mundo inteiro, Francesca. — Ele pegou sua mão e preguiçosamente brincou com seus dedos.

Ela deveria ter puxado a mão, mas não podia fazer, não quando ela estava tentando fazê-lo ver a razão. Era só que, com os dedos movendo-se através dos dela, escovando ao longo e entre eles, seu corpo reagiu, fazendo-a muito consciente de lugares secretos e de uma fome crescente nela.

— Só o meu bairro. Apenas as pessoas no meu mundo. Alguém tem que cuidar deles e esse é o meu trabalho.

Ela queria chorar por ele. Não era de admirar que a primeira vez que ele entrou no Masci's ele parecia tão só. Sozinho. Ele havia assumido uma tarefa impossível, até mesmo ao ponto de olhar por uma total desconhecida. Ela balançou a cabeça e pegou o copo de vinho, necessitando fazer algo para contrariar a empatia e consciência dele.

— Onde está sua família? — Perguntou.

Ela sabia que mais cedo ou mais tarde ele iria perguntar. Era uma pergunta bastante natural. — Eu não tenho família. Meus pais morreram em um acidente de carro quando eu tinha quatorze anos. Eu não tinha nenhuma tia ou tios ou avós. Você tem uma família grande, mas era apenas a minha irmã, Cella, e eu. Ela era nove anos mais velha, então ela me criou.

Houve um silêncio. Ele se inclinou para trás, o braço ao longo da parte de trás do assento. — Você está me dizendo que Cella foi assassinada? — Havia uma ponta afiada em sua voz.



— Eu não gosto de falar sobre isso. — Ela tomou outro gole de vinho. — Eu não deveria ter tocado no assunto.

— Você estava tentando me fazer sentir melhor. Isso só me irrita. Alguém porra, assassinou meu melhor amigo Cencio, quando ele saía de um teatro, e alguém assassinou sua única irmã.

A vibração em torno deles ficou um pouco assustadora, como se sua raiva fosse tão opressiva que poderia afetar a sala inteira.

— Foi aleatório? Um estranho?

Como Cencio? Ele estava perguntando. Ela balançou a cabeça antes que pudesse se conter. Como tinha permitido que tais informações pessoais escapassem? Eles estavam tendo uma boa conversa, e ela tinha arruinado a noite. Stefano era intenso. Sua raiva era intensa. Ele tinha ido de doce, descontraído e vulnerável a, perigoso no espaço de um par de minutos.

— Me desculpe eu estraguei a noite, —disse ela, tentando recuar. — Você estava relaxando e eu ... —Ela interrompeu-se quando os dedos dele foram para seu pescoço, massageando os nós, em um esforço para aliviar a tensão dela.

— Você não matou a noite, Francesca. Você estava tentando me ajudar e eu aprecio isso. Muito poucas pessoas teriam sequer visto que eu ainda levo essa carga em torno de mim. Eu aprecio você compartilhar.

Sua voz era muito baixa. Íntima. Seus olhos se encontraram e seu estômago fez outro salto mortal. Ele era simplesmente lindo.

— *Signore* Ferraro, —uma voz chamou do outro lado da sala.

Ela viu a impaciência em seu rosto, mas que foi rapidamente mascarada quando Stefano virou-se para ver a mulher de pé na porta, a uma boa distância deles, ele o fez com um sorriso. A mulher parecia perto dos oitenta anos. Ela era pequena e um pouco curvada, sua pele fina e seu rosto ainda belo, apesar das poucas rugas proclamando que ela viveu sua vida. Ela usava um vestido longo e um correspondente xale preto e torcia as mãos enquanto



corria através do restaurante em direção a eles, tecendo seu caminho por entre as mesas e ignorando Berta, que tentava detê-la.

Stefano levantou a mão para Berta e ela derrapou até parar e, em seguida, voltou para sua função. Stefano levantou-se quando a mulher mais velha chegou a eles. Ele se elevou sobre ela, colocando o braço em volta dos ombros com uma suavidade que tirou o fôlego de Francesca. Ninguém nunca iria adivinhar que ele ficou impaciente um pouco antes com a interrupção. Para consternação de Francesca a mulher tinha lágrimas em seus olhos e seus lábios tremiam.

— Signora Vitale, você está chorando. Por favor, sente-se por um momento e se junte a nós. Tome um copo de vinho. —Havia mais que uma solicitação na voz de Stefano.

Ele ergueu sua taça de vinho em direção a Berta, que claramente estava assistindo a tudo, junto com todo o resto do restaurante. Ela correu em direção a eles e colocou outro copo de vinho sobre a mesa enquanto Stefano ajudava a velha mulher a se acomodar na cadeira em frente a Francesca.

— Signora Vitale, posso lhe apresentar Francesca Capello? Francesca, esta é Theresa Vitale, uma querida amiga minha.

Francesca amou como suas mãos estavam gentis quando tocavam a mulher mais velha, empurrando o copo de vinho em sua mão e mantendo contato com ela. Mais, sua voz era suave, carinhosa. Ela murmurou uma saudação, sabendo que a mulher mal registrou sua presença. Toda a atenção da Signora Vitale estava centrada em Stefano.

— Beba isso e depois me diga o que está perturbado você.

Theresa pegou o vinho nas mãos trêmulas e obedientemente tomou um gole. Francesca não poderia imaginar alguém desobedecendo Stefano, nem mesmo uma mulher da idade de Theresa. Ele podia ser gentil, mas não havia dúvida que ele era a autoridade absoluta.

— Talvez eu devesse sair, dar-lhes privacidade, —Francesca arriscou.



Os dedos de Stefano deslizaram ao redor de seu pulso, acorrentando-a a ele. — Não. Fique. Por favor.

Seu coração acelerou com o macio *por favor*. Ele tinha dado uma ordem, mas, acrescentou uma pequena palavra que mudou tudo. Ela assentiu com a cabeça, e ele relaxou seu controle sobre ela. Em vez de prendê-la, a ponta do polegar passeava intimamente ao longo de seu pulso interno.

Pela primeira vez, Theresa olhou para Francesca, baixou o olhar para os dedos de Stefano em torno de seu pulso e, em seguida, seus olhos se arregalaram quando olhou para seu rosto. — Estou interrompendo alguma coisa importante. — Uma nova torrente de lágrimas veio e ela se balançou para trás e para frente.

— Francesca não se importa mais do que eu, Theresa, — disse ele suavemente, usando seu nome. — Você, se importa *bambina*? — ele perguntou, com os olhos nos dela.

— Claro que não, — ela respondeu imediatamente. — Por favor, não fique angustiada.

Theresa bebeu seu vinho e colocou o copo vazio na frente de Stefano. Ainda mantendo a sua atenção em Francesca, ele esperou Theresa se abrir.

— É meu neto, Bruno, — Theresa confessou, com a voz muito baixa. — Ele está em apuros novamente.

Stefano suspirou e afundou de volta no banco, sua coxa encostando-se a Francesca. Ele trouxe a mão dela a boca, mordiscando a ponta dos dedos distraidamente, como se tivesse esquecido que era de carne e de sangue real.

A sensação daquela boca em sua pele era ainda mais íntima do que o polegar alisando o interior de seu pulso. A dor em seus seios aumentou e seu corpo respondeu com calor mais úmido. Seus olhos estavam velados, impossíveis de ler, mas Francesca tinha a sensação de que ele estava irritado com a conversa, não consciente de toda a química explosiva que estava sentindo.

— Que tipo de problema desta vez?



Theresa tomou outro gole de vinho, olhou esquerda e à direita e, em seguida, baixou a voz. — Droga, —ela sussurrou. — Eu acho que ele está vendendo-as para alguém e eu acho que a polícia está observando-o. Ele não pode ser preso novamente. Ele não pode.

Stefano não se mexeu. Ele não falou. Ao redor deles, o ar ficou mais pesado. Mais escuro. Francesca sentiu a vibração assustadora que ele exalava. Ela soube imediatamente que o neto de Theresa estava em muito mais problemas com Stefano do que estaria com a polícia. Theresa não pareceu notar, mas o resto do povo na sala sim. Cabeças se viraram e conversação parou.

— O que você quer que eu faça Theresa? —Ele perguntou o tom agudo muito baixo. Sua voz estava desprovida de todo o sentimento. Seu rosto estava definido em linhas duras, implacáveis. Inexpressivas.

Francesca gentilmente tentou puxar a mão, principalmente porque estava tão consciente dele, que não podia pensar direito. Seus dedos se apertaram em torno dela e ele a mordeu com seus perfeitos e fortes dentes brancos. A pequena mordida de dor enviou um raio de fogo direto para o seu sexo. Ele puxou o dedo em sua boca, a língua enrolando em torno, acalmando a picada.

Ela congelou. Ele não estava olhando para ela. Ela não tinha nem mesmo certeza de que ele sabia que ela estava lá. Todo o seu foco parecia ser a mulher mais velha.

— Você tem que falar com ele, Stefano. Você tem que lhe falar, —repetiu Theresa. — Se ele for pego, ele vai para a prisão, desta vez. Ele é um bom menino. Ele precisa de um pai. A minha filha, ela não era boa. Você sabe disso. Sempre drogada. Ela simplesmente o deixou, e, em seguida, meu lindo Alberto morreu e sobrou apenas eu. Eu rezo, mas Deus não está me ouvindo. Você tem que fazer Stefano.

Francesca parou de tentar puxar a mão. Seu coração doeu por Stefano. Todo mundo esperava que ele cuidasse de seus problemas. Estava claro que não era a primeira vez que Theresa tinha vindo a Stefano e Francesca estava



certa de que não seria a última. Ele carregava um peso terrível em seus ombros.

— O Bruno tem vinte e quatro anos de idade, Theresa. Ninguém pode impedi-lo de fazer o que quer. Eu falei para ele.

Theresa respirou fundo. — Você não se fez claro.

Houve um longo silêncio. O ar de repente estava carregado de tensão. A maior parte estava vindo de Stefano, mas Theresa parecia ao mesmo tempo assustada e nervosa.

— Tem certeza de que sabe o que você está me pedindo, Theresa? — A voz de Stefano caiu ainda mais baixo, quase um sussurro. Suave. Ainda assim, de alguma forma muito ameaçadora.

A velha senhora assentiu. — Ele tem de saber que há consequências. É o único caminho. Nada tem funcionado.

— Não há como voltar atrás.

— Eu entendo.

Francesca não o fez. Ela estava perdendo algo grande. Enorme. Seja o que fosse que a Signora Vitale estava pedindo, Stefano estava relutante em fazer. Ela aproximou-se dele, querendo confortá-lo. Ela não entendia por que, especialmente que a sua *persona* assustadora estava de volta. Quando ele se sentou lá em seu terno listrado com a sua expressão dura parecendo uma máscara, com os olhos frios, ela conseguia entender por que ela pensou que ele era da máfia. Hollywood nunca iria encontrar um homem melhor para o papel.

Theresa manteve os olhos por um longo tempo. Stefano abaixou os cílios longos como se estivesse cansado além da medida e então os levantou. — *Bambina* me desculpe. — Ele se inclinou em Francesca e beijou sua testa. Ao mesmo tempo, ainda segurando sua mão, ele deslizou o dedo indicador para fora e desenhou uma linha calmante ao longo do arranhão em sua garganta. — Eu tinha planejado te levar para casa, ter certeza de que estava a salvo, mas eu vou ter que cuidar disso.



— Está tudo bem. Eu posso chegar em casa sozinha. — Francesca podia ver a relutância em deixá-la em seus olhos. Ele realmente não queria ir, o que fez uma pequena parte sua muito satisfeita, embora a maior parte dela soubesse que estava sendo um pouco delirante em pensar que sua preocupação poderia ser qualquer coisa, além do medo por sua segurança.

Ele balançou a cabeça quando levantou a mão para Berta e ela veio correndo. — Coloque isso na minha conta, —disse ele a mulher. Ele deixou duas notas de vinte dólares na mesa enquanto se levantava, e estendeu a mão para auxiliar Theresa Vitale a levantar. — Meus primos estarão esperando por você lá fora, Francesca. Por favor permita que a acompanhem até em casa.

Ela sorriu para ele. — É desnecessário.

— Discordo.

Seu tom de voz lhe disse para não discutir. Seus olhos e o olhar duro em seu rosto disseram a ela o mesmo. Ele era um homem assustador para se desafiar, mas ela poderia ter discutido apenas por princípio, se ela não o tivesse visto tão vulnerável sobre a morte de seu amigo. Se não tivesse descoberto que ele precisava proteger todos ao seu redor.

— Tudo bem, então, —ela admitiu, não soando muito graciosa. Ela tinha desfrutado de sua conversa muito mais do que esperava e gostava dele muito mais do que ela tinha pensado ser possível. Talvez muito. Ela certamente lhe disse muito sobre si mesma. Ela era especialmente grata que quando isso tinha escapado, ele não lhe arrancou mais. — Ah não. Stefano, seu casaco.

Ele encolheu os ombros. — Já comprou um casaco?

Ela balançou a cabeça, não encontrando seus olhos. Ele não gostaria da resposta. Ele especificamente disse a ela para comprar um casaco. Só que todos os do bairro eram caros. Ela não ia usar o seu dinheiro em um casaco. — Eu estou economizando para um.

— Francesca. —Havia uma advertência em sua voz. — Olhe para mim.



— Vá. Você tem coisas para fazer.

Os dedos dele pegaram seu queixo e viraram o rosto para o seu. — Nada é mais importante para mim. Arrume. Uma. Porra. De. Um. Casaco.

Era difícil olhar nos olhos dele e não lhe dar qualquer coisa que ele quisesse, mesmo quando ele xingava o caminho todo. — Stefano.

— Francesca.

Na verdade, ele rosnou o nome dela. Ela não achava que uma pessoa poderia fazer esse som em particular, mas ele conseguiu. Todos no restaurante olharam para eles. Esperando. Horrorizados com seu desafio. Ela sabia que eles não poderiam ouvir a troca de palavras, mas poderiam ler a linguagem corporal e ver que Stefano Ferraro não estava feliz com ela.

Ele suspirou. — Leve meu casaco para casa e fique quente. Eu vou passar por lá mais tarde esta noite e vê-la.

Seu coração afundou. Ele não poderia ir a seu prédio. O lugar cairia se ele caminhasse por ele. Ela não vivia em território Ferraro. Joanna tinha explicado os limites para ela, e o edifício definitivamente estava fora dele. Certamente ele não queria dizer que iria ao seu apartamento?

— Dê-me seu celular. Vou colocar meus números.

Desta vez, seu coração começou a bater forte. Ela não tinha um celular, e sabia instintivamente que ele não iria gostar, nada. Deve ter mostrado em seu rosto porque ele xingou barbaramente em italiano.

— Sério? Droga, Francesca. Sabe qual é a *porra* da primeira coisa sobre autopreservação? — Seus olhos azuis brilharam perigosamente em uma ameaça pura.

Seu estômago apertou. Ele era assustador. Totalmente assustador. A raiva irradiava dele em ondas. Lá estava ele. O homem que ela conheceu. O homem capaz de qualquer coisa, exceto que a raiva era sobre sua segurança e ela o entendia melhor.



— Algumas coisas têm que ser prioridade, Stefano, —disse ela em voz baixa, determinada a não se importar com sua raiva, porque ela estava envergonhada das circunstâncias. — Como comida e abrigo. Mesmo que eu pudesse arrumar o dinheiro para um celular, eu teria que ter um plano mensal. Isso custa dinheiro. Eu estou apenas começando.

Ela tentou soar prática. Ela não queria que ele pensasse por um momento que ela estava reclamando. Pela primeira vez em muito tempo, ela tinha esperança. Ela tinha um emprego onde ganhava um dinheiro melhor do que tinha pensado que iria. Ela gostava do trabalho e da vizinhança. Ela tinha um teto sobre sua cabeça. Não queria que ele se sentisse responsável por ela. Ela era responsável por si mesma.

Ele respirou fundo e, para sua surpresa, acenou com compreensão. Seus dedos deixaram o queixo. — Eu vou pegar você mais tarde. —De repente ele se virou e, deslizando a mão sob o cotovelo de Theresa, levou-a para fora.

Francesca afundou de volta no banco. Estava exausta. Totalmente. Ir contra Stefano Ferraro era um pouco como ir contra uma força da natureza. Ela parecia um pouco golpeada e ferida e ainda assim ele tinha sido muito gentil quando a tocou.

Ela pegou seu copo de vinho e tomou outro gole. Era um excelente vinho. Ela não conseguia se lembrar se disse isso a ele. Ela não se lembrava de agradecê-lo pela refeição e foi uma refeição fantástica. Se seu estômago não tivesse encolhido tanto ela teria comido muito mais. Como estava, ela iria levar o resto da pizza para casa com ela. De jeito nenhum ela iria desperdiçá-la.

— Ei, menina! —Joanna deslizou em seu banco. — Uau. Posso apenas dizer *uau*?

— De onde você veio? —Perguntou Francesca. Ela olhou além de sua amiga, mas ela estava sozinha.

— Comer com Stefano Ferraro? Você não me disse que tinha um encontro.



— Não foi um encontro. Ele queria falar comigo.

— Sobre? — Joanna perguntou, e serviu-se de uma fatia da pizza. — Este é o copo dele? Porque eu vou beber dele. Se você sabe onde os lábios dele tocaram, apenas aponte o local e eu vou colocar os meus por cima dos dele. Ele é tão quente.

Francesca começou a rir. Joanna tinha trazido diversão em sua vida. Tinha esquecido que era diversão.

— Eu parei na delicatessen e Zio me disse que Stefano havia sequestrado você. É tão romântico. Eu tenho que admitir, eu persegui os dois, só para ver como estavam as coisas. Os Ferraro sempre sentam aqui e é difícil vê-los na cabine. Eles meio que desaparecem nas sombras. Você também, por isso mesmo e eu subornei Berta com três dólares, isto era tudo que eu tinha, e ela é minha amiga, eu não pude sentar perto o suficiente dos dois para escutar. Então, não é justo. — Ela pegou a garrafa de vinho e leu o rótulo. — Oh. Meu. Deus. É claro que ele pediu esse. É a garrafa mais cara que já ouvi falar e não há uma gota sobrando.

Francesca entregou a taça de vinho imediatamente. — Eu já bebi muito. É realmente muito bom. Mas a pizza também.

— Tito e Benito são os melhores. Você pode ter um orgasmo comendo sua pizza. Mas se eu estivesse sentada todo esse tempo com Stefano, eu teria tido, talvez, uns dez orgasmos. Ele exala sexo. Ele entra em uma sala e não tem que dizer ou fazer qualquer coisa.

— Sua voz pode fazê-lo, também. — Francesca confessou, e depois cobriu a boca. Ela tinha bebido muito vinho para dizer algo assim. Joanna riu e, em seguida, tomou um lento gole do vinho do copo de Francesca. Seus olhos se fecharam e ela gemeu. — Eu estou no céu agora. Este foi o melhor dia.

— Sério? Além de suas perversões sobre Stefano Ferraro, o que mais aconteceu?



— Eu recebi um telefonema de ... —Joanna inclinou-se para o efeito dramático. — Emmanuelle Ferraro. Você acredita nisso?

— A irmã de Stefano?

Joanna assentiu solenemente. — Ela é o bebê da família. Você pode imaginar ter cinco irmãos mais velhos que ela? Todos eles são como Stefano. Definitivamente no comando. Ela nunca tem um encontro, mas eu não acho que exista um homem na terra que se atreva a tentar. Ele provavelmente iria desaparecer, para nunca mais ser encontrado.

Francesca ficou imóvel. — Joanna, falando sério. Você tem que me dizer a verdade. Os Ferraro são uma família da máfia? —Porque ela realmente gostava Stefano. Ele tinha falado tanto sobre si mesmo, e ela gostou do que ele tinha falado.

Joanna olhou ao redor da sala. — Não é uma boa ideia falar sobre coisas como essa, Francesca. Nunca. Os Ferraro são diferentes.

— Joanna. —Francesca avisou. — Você é minha amiga. Eu não vou falar sobre isso com ninguém. Eu estou falando com você.

Joanna suspirou, tomou outro gole de vinho e depois deu de ombros. — Eu honestamente não sei. Eles poderiam ser. Eu sei que eles foram investigados, mas nunca foi provado nada contra eles. A família é muito poderosa internacionalmente e têm algo em torno de um *gazilhão*²¹ de primos. Não só aqui, mas em todos os Estados Unidos e Europa. Ninguém nunca encontrou nada sobre eles, mas as pessoas têm medo deles. Não nós. Não aqui em seu território, mas os outros. Eu não sei, —ela terminou. — É possível. Talvez até mesmo provável.

Francesca suspirou. Não era uma resposta. Era especulação. Ela sabia melhor do que ninguém como rumores começavam e se tornavam verdade

²¹ *Gazilhão* – quer dizer um número incontável



na mente de todos. Ela não ia fazer isso com ninguém, acreditar em fofocas sem prova. Ainda assim, ela tinha que ser cuidadosa.

— Então me conte sobre o telefonema de Emmanuelle, —ela pediu.

— Ela disse que Giovanni disse a ela sobre eu não poder entrar no seu clube e ela queria, pessoalmente, convidar-me para ir com ela e seus primos. Ela disse que eu poderia trazer quem eu quisesse junto. Eu pensei que pudesse convidar Mario Bandoni, você sabe quem é você o conheceu. Ele administra a loja de sapatos. Eu já mencionei isso a ele e ele pareceu receptivo. —Suas palavras caíram umas sobre as outras, e ela inclinou-se para Francesca. — Eu tenho gostado dele desde sempre. Já na escola primária. Ele sempre foi tão popular e eu nunca pude jogar com ele, porque eu realmente gostava dele. Achei que você poderia ir e não iria parecer que eu estava o convidando para um encontro real. Apenas casual você sabe, uma grande multidão.

— Joanna, se você vai com Emmanuelle e seus primos, já é uma multidão. —Francesca não queria decepcioná-la, mas ela não podia ir a uma boate quente em suas calças de brim rasgadas.

— Mas não a minha multidão. Eu não frequento seus círculos, e nem Mario. Nós somos conhecidos, mas não amigos de verdade. Eles não são apenas ricos, eles são ultra ricos Francesca. Eu gosto deles, mas não me sinto confortável com eles. Eu não posso imaginar que eles vão se pendurar em torno de mim em uma boate. Eles vão estar sentados na seção VIP e eu vou estar na pista, tentando não ficar com a língua presa perto de Mario.

— Querida, —Francesca disse suavemente. — Você nunca fica com a língua presa perto de homens.

Um fio de inquietação rastejou através dela e ela olhou para cima para olhar ao redor do restaurante. Seu olhar colidiu com um homem. Ele estava do outro lado da sala, de pé junto à cabine da *hostess*²². Um calafrio desceu por sua espinha. Ele era de altura média, mas poderosamente construído.

²² **Hostess** – é uma profissão. Uma espécie de recepcionista de restaurantes, bares, eventos, festas, discotecas ou hotéis. Nascida nos Estados Unidos, a função tem conquistado o mercado comercial e social de todo o Mundo.



Ombros largos, um armário. Ele tinha o corpo de um pugilista profissional. Ele usava o cabelo cortado rente. De longe, ela não poderia dizer a cor de seus olhos, mas sua boca estava definida em uma carranca proibitiva. Ele parecia vagamente familiar.

Berta disse algo a ele e ele imediatamente voltou sua atenção, sorrindo para ela. Francesca suspirou e forçou seu olhar de volta para a amiga. Ela estava apenas sendo excessivamente paranoica. Ela estava a centenas de milhas da Califórnia. Ninguém sabia onde ela estava. Ela tinha coberto seus rastros muito bem. Ela deu um suspiro e voltou toda a sua atenção para Joanna, tendo perdido sua resposta.

— O que você disse?

— Eu disse, você nunca me viu em torno de um homem que eu realmente, realmente goste. Eu faço de mim mesmo uma tola total. Por favor, Francesca. Faça isso por mim. Vou ajudar a encontrar algo para vestir. Eu posso até ajudar a pagar ...

— Não, —Francesca advertiu. — Você já fez o suficiente para mim. Você quer que eu vá, eu vou encontrar um jeito.

Esperava poder encontrar algo decente no brechó. Se não, ela podia ter que mergulhar no dinheiro que Stefano havia deixado com ela o que seria humilhante. Ela queria devolver o dinheiro, juntamente com o casaco quando o visse.

— Obrigado, Francesca. Isso significa o mundo para mim, —Joanna disse alegremente.

— Você está pronta? Eu tenho que pegar o casaco de Stefano antes que seu tio feche para a noite.

Joanna riu novamente. — Você e aquele casaco.

— Certo? É a maldição da minha existência.

Francesca seguiu Joanna pela pizzaria. Joanna saudava várias pessoas e acenou em direção à cozinha quando saíram. O pugilista, como Francesca



pensava nele, parecia estar à espera de uma ordem. Ela manteve seu olho nele apenas no caso, mas ele não pareceu dar atenção a ela.

Emilio e Enzo descansavam ao lado da porta, e tudo o que pôde fazer foi não rolar os olhos para eles. Eles dois sorriram e colocaram de lado seus celulares quando ela surgiu.

— Está com frio?

Perguntou Emilio.

Ela balançou a cabeça. O restaurante estava quente e à noite foi muito boa, mas sabia que se ela admitisse que estava, Emilio teria tirado o casaco e, ela seria responsável por dois deles. Todo mundo parecia obcecado com sua falta de um casaco.

— Hey Emilio. Enzo. —Joanna cumprimentou. — Dando um passeio novamente hoje à noite?

— Tenho ordens, Jo. —disse Enzo. — Vocês, duas encenqueiras, decidiram que vão roubar uma joalheria, temos ordens para detê-las.

— Isso não é justo! Eu coloquei meus olhos em um bracelete de diamantes, —Joanna declarou.

— Desculpe menina. Você vai ter que desistir desse sonho em particular, —disse ele.

A porta se abriu atrás deles e Francesca olhou por cima do ombro. O pugilista estava saindo carregando uma pequena caixa. Olhou para eles e, de repente virou para o outro lado e caminhou sem pressa pela rua. Quando ela se virou, Emilio estava olhando para ela. Ele levantou seu olhar para seguir a partida do homem.

— Alguém que conhece? —Perguntou. Baixo. Letal.

Ele parecia um pouco com Stefano. Definitivamente um parente. Ela balançou a cabeça. — Eu só estou um pouco nervosa. —Ela tocou sua garganta deliberadamente. A última coisa que ela queria era que Emilio denunciasse um homem inocente para Stefano. Ela não sabia que ele poderia



fazer, mas ela estava desconfiada. Até que ela soubesse o que ele era, criminoso ou apenas um homem muito super-protetor, ela ia ter muito, muito cuidado.

— Nós estamos com você, Francesca, —disse Emilio. — Ninguém vai tocar em você. —Ela viu a arma escondida no coldre sob o paletó quando ele se mexeu. Tal como o seu primo, os dois homens usavam ternos, apesar de não serem listrados. Eles eram atraentes e pareciam perigosos. Ela tinha que admitir que se sentia segura com eles.

— Obrigado. Eu não percebi a criança que fui até agora. Eu aprecio que vocês tenham tempo.

— É *famiglia*, —disse ele.

Ela não pensou nisso. Eles pararam no deli e recuperaram o casaco de Stefano. Emilio, um cavalheiro como seu primo, estendeu-o para ela o colocar. Ela envolveu-o em torno dela, apertado, amando o calor. E ainda detinha o cheiro de Stefano. Joanna permaneceu na deli com seu tio, enquanto os dois homens caminharam com ela para seu apartamento.

Francesca gostou que fossem até seu prédio. Ela parou fora dele. Até aquele momento, ela não tinha estado consciente do quão diferente daquelas que tinham acabado de passar seu prédio era. No bairro Ferraro, ao longo de toda a rua onde estavam as lojas, os edifícios eram impecáveis, assim como as calçadas. Seu prédio era velho e estava desmoronando. Lixo e detritos estavam espalhados por toda parte ao longo da passarela e, ela sabia, dentro do próprio edifício. Pior, não era difícil detectar um drogado ou dois deitados perto da entrada do beco que corria ao lado do edifício.

— Aqui está bom, —disse ela com firmeza, parando abruptamente. — Eu posso seguir daqui.

— Seguimos ordens, Francesca, —disse Enzo.

Eles até falavam como Stefano, frases abruptas quando ela sabia que eles tinham a melhor educação de escolas privadas possível, muito cara, bem como tutores em casa. Joanna tinha lhe dado as revistas para ler, as que



tiveram toneladas de informações relativas à família Ferraro com seus carros rápidos e mulheres mais rápidas ainda.

— Aceite o risco. Viva perigosamente. Ignore-as, —ela aconselhou.

Emilio esticou o braço acima de sua cabeça e abriu a porta. — Isso não vai acontecer. Você, obviamente, não conhece Stefano. Ele vai nos esfolar vivos se dermos outra chance com a sua segurança. Como é que alguém pode viver neste prédio?

Ela suspirou. — Se você insistir em vir ao andar de cima comigo, tente não soar como ele. É irritante.

Na verdade, ela odiava andar em seu prédio, especialmente passar a porta do proprietário do prédio. Ela estava sempre com medo que ele abrisse a porta, e ele era ... repugnante. Ela não se sentia nem um pouco segura, mas era um passo acima de dormir na rua, sua única alternativa. Havia algo muito assustador sobre os apartamentos. Oleoso e repugnante. Ela tinha certeza que negócios com droga aconteciam regularmente, tanto dentro como fora do edifício. Ela já tinha pisado em uma agulha que havia sido jogada nas escadas. Felizmente ela estava com suas botas novas e não seus sapatos furados.

O local era pouco iluminado as escadas chiavam e o tapete rasgado e pobre. As paredes eram sombrias e cheiravam a fumaça. Ainda assim, era um teto. Ele era barato. Ela precisava tanto.

Seu apartamento era no terceiro andar. Abriu-o, e antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, Emilio gentilmente a colocou de lado e entrou primeiro. Enzo manteve uma mão no ombro dela para impedi-la de se mover quando Emilio atravessou seu apartamento. Isso tinha que ser um dos momentos mais humilhantes de sua vida. Ela não olhou para Emilio quando ele voltou. Ela sabia o que veria em seu rosto.

Ele entregou-lhe as chaves. — Tudo limpo. Tranque a porta, *porra*, Francesca, não que isso vá adiantar alguma coisa.

Sim. Ele soou como seu primo. E estava chateado.



Capítulo Seis

Stefano montou as sombras para edifício de Francesca, seu estômago estava em nós, seu bastante famoso temperamento em cheque por um simples fio. Ele estava furioso. Além de furioso. Emilio estava tenso, quieto, e muito chateado quando descreveu o apartamento em que Francesca residia. Ele cuspiu a feia descrição entre dentes, um músculo trabalhando duro em sua mandíbula. Havia uma tempestade de fúria reunindo-se em seus olhos.

O bairro Ferraro acabava em duas pequenas lojas antes do edifício. Seu território terminava e eles prestaram pouca atenção ao estado das propriedades que faziam fronteira com eles. Eles não podiam monitorar todo mundo, então tiveram o cuidado de não interferir, a não ser para avisar qualquer criminoso que entrasse em seu território para não voltar.

Por que diabos, Joanna tinha permitido que sua amiga arrumasse um apartamento fora do seu território? Ele queria lhe fazer uma visita, arrancar seu rabo da cama confortável em sua casa segura e exigir uma explicação. Foi uma puta besteira permitir que Francesca se colocasse no caminho do perigo, enquanto Joanna estava se aproveitando da proteção Ferraro.

Joanna sabia onde estavam as fronteiras. Francesca não. Joanna sabia que qualquer um que vivesse em seu bairro estava protegido dentro de suas fronteiras e seria vigiado e vingado se alguma coisa acontecesse fora dele. Francesca era vulnerável onde estava. Joanna sabia disso. No momento em que ouviu a reivindicação de Stefano sobre Francesca ser sua, ela deveria ter insistido para que sua amiga se mudasse para dentro das fronteiras ou pelo menos ido até ele e lhe contar a situação. Qualquer coisa poderia ter acontecido com ela.

Emilio estava muito preocupado quando entrou no prédio. Todos na família Ferraro nasceram com um dom psíquico. A maioria não eram



Cavaleiros de Sombras, mas eram sensíveis ao mundo ao seu redor. Se Emilio disse que algo estava errado naquele edifício, não havia dúvida de que ele estava certo.

Stefano saiu do tubo e esperou até que o carro deslizou, parando no meio-fio, Taviano ao volante. Ele poderia ter pegado uma carona com seu irmão mais novo, mas ele precisava ficar sozinho. Ele estava com muito mais raiva de si mesmo do que já tinha estado em sua vida. Seu primeiro dever era com Francesca. Ele devia ter assegurado sua segurança antes de qualquer coisa—até mesmo um trabalho. Sem ela, não haveria as gerações futuras.

A família Ferraro precisava dela para sobreviver. *Ele* precisava dela. Agora que ele sabia de sua existência, era tudo em que podia pensar. Sua própria mulher. Ele nunca tinha acreditado realmente que iria encontrá-la. Para tê-la apenas aparecendo, andando em seu território, sua sombra encontrando a dele, se conectando tão fortemente que o choque que havia sentido foi como um raio por todo seu corpo.

Ele respirou fundo e tentou liberar um pouco da raiva. Ele precisa manter seu mau humor sob controle para levá-la a cooperar. Se Emilio perdeu a cabeça olhando este lugar, Stefano estava bastante certo de que iria perder sua mente. Ela não iria ficar ali, e haveria resistência.

Não havia interfone no exterior, ao lado da porta. Qualquer um podia entrar, não apenas os moradores. Nenhuma segurança que fosse. Seu intestino enrolou e sua mandíbula apertou. Com controlada violência, Stefano abriu a porta e entrou no edifício. Ele parou no interior, puxando uma respiração profunda enquanto olhava em volta. A iluminação era muito fraca, apenas algumas das lâmpadas gerais realmente trabalhando.

O elevador estava à sua esquerda. Parecia uma armadilha mortal. A escada estava à sua direita, e não parecia muito melhor. Mais uma vez, a iluminação era pobre. Metade das escadas parecia estar no escuro.

Enzo deslizou para fora da escuridão turva, vindo de uma esquina. Renato e Romano Greco, em seus ternos escuros, com gravatas roxo escuro, indicando que sua família era de investigadores, possuíam a capacidade de



descobrir mentiras, descansavam perto da porta do primeiro apartamento. Giovanni estava no canto mais distante. Ele não parecia feliz.

Renato fez um gesto em direção à porta. — Ele está lá dentro. Bart Tidwell é o nome dele. Ele tem uma folha corrida que você não acreditaria. Herdou o edifício de seu pai. O pai era tão fodido como ele.

— Que tipo de folha corrida? — Perguntou Stefano, sabendo por instinto, que não ia gostar. Ele não precisava do olhar de aversão absoluta de qualquer um dos rostos de seus primos.

— B e E, múltiplos tipos. Assalto à mão armada. Mas mais importante, ele é um criminoso sexual. Duas acusações de estupro agravado. Tempo de serviço em um deles. Várias detenções depois disso, mas desde então todas as acusações foram retiradas. Stefano, todas as vezes, o suposto estupro ocorreu em seu prédio, — Romano avisou. — Ele se imagina um lutador, expugilista, e gosta de ir a bares e espancar pessoas. Mais uma vez, as acusações são sempre retiradas.

— Ele tem família? Alguém que colocasse pressão sobre as testemunhas ou vítimas dele? — Stefano perguntou.

— Nós ainda estamos cavando. A única pessoa em sua vida que parece ser constante é seu advogado. — Ele olhou para o relógio. — Os fatos ainda estão chegando. *Mamma* e *papa* ainda estão trabalhando esse ângulo. Stefano, o advogado é *Adamo Bergenmire*. Ele é o advogado cabeça da família *Saldi*.

Houve um pequeno silêncio. — Droga. — Enzo disse suavemente. — Nós deveríamos saber que essa porra de família estaria envolvida.

Stefano deu de ombros. — Já temos uma rivalidade com eles. Temos tido durante séculos. Que diabos de diferença fará se os irritarmos novamente? Estou feliz de aborrecê-los em qualquer oportunidade. Não é como nos velhos tempos, Giovanni, quando eles poderiam acabar com todos nós de uma vez. Ficamos espertos. Eles não podem com todos nós, e eles sabem disso. Eles dão um passo e alguém vai cortar suas gargantas em seus quartos de dormir.



— Nós não retaliamos como eles fazem, matando cada homem, mulher e criança, —disse Renato. — Não somos assim e eles sabem disso.

Stefano assentiu. — Mas nós retaliamos o suficiente para que os chefes nos temam. Eles não vão vir atrás nós, porque há uma conexão entre Tidwell e a família Saldi. Inferno, eles provavelmente vão ficar felizes em se livrar da dor na bunda. Vamos fazer-lhe uma pequena visita. —Stefano olhou para Enzo. — Você tem homens no andar de cima?

— Você precisa perguntar? Botei metade do nosso grupo para protegê-la. Ricco está cuidando da porta pessoalmente. Tinha uma dupla de não residentes no chão, mas eles saíram quando nos viram. Nós não estávamos tentando ser invisíveis. —Ele parecia tão sombrio como Stefano.

Romano bateu na porta do apartamento do proprietário. Duro. Controlando a raiva. Em um minuto a porta se abriu, o ocupante amaldiçoando. Ele era um homem grande, careca, com os músculos saltados e uma carranca que tinha a intenção de intimidar. Ele usava jeans e uma camiseta sem mangas. Havia uma cerveja na mão.

Stefano entrou, dando um soco duro na barriga, e o homem dobrou. Stefano acompanhou-o para dentro do apartamento, seus homens vindo atrás dele. Enzo fechou a porta e ficou contra ela, enquanto Romano rondava pelo apartamento para garantir que eles estavam sozinhos.

O quarto estava bagunçado com garrafas de cerveja em todos os lugares. Fedia a uma combinação de cigarros e plantas daninhas.

— Você vai querer dar uma olhada nisso, Stefano. —Romano disse, botando a cabeça para fora do quarto no extremo do apartamento.

Stefano contornou Tidwell e olhou para o quarto. Havia um banco de telas ao longo de uma parede. Cada tela mostrava o quarto de um ocupante. Um gravador exibida uma luz verde abaixo de cada tela, claramente espionando as mulheres vestindo-se, despindo-se, trazendo homens e realizando vários atos sexuais que pretendiam ser estritamente privados. Fileiras de DVDs caseiros rotulados estavam nas prateleiras.



Stefano suspeitou imediatamente do porque as acusações de estupro tinham sido abandonadas. Tidwell mostrava suas fitas as vítimas e ameaçava colocá-las na Internet. A terceira tela da esquerda mostrava Francesca dormindo em um saco de dormir no canto do quarto, seus longos cabelos espalhados por um travesseiro. Não havia móveis no quarto. Seu casaco estava pendurado no único cabide acima de sua cabeça. No oposto canto havia um pequeno saco. Ele presumiu que suas roupas estavam nele.

Ele correu os dedos ao longo dos DVDs, encontrou as mais recentes, as marcadas *Francesca*. Ele empurrou uma no aparelho e viu quando Francesca atravessou a porta. Ela se virou e travou a fechadura e olhou ao redor da sala vazia. Ela estava com seu casaco. Seu estômago se acalmou um pouco, sentindo que ela pelo menos tinha essa proteção. Com muito cuidado, ela tirou o casaco e pendurou-o no único cabide. Ela ficou na frente dele, alisando as rugas imaginárias, as mãos persistentes. Ele gostava disso. Demais. Seu intestino apertou. Ela parecia vulnerável. Triste. Seu coração se apertou. Ela tirou a blusa por cima da cabeça e com muito cuidado dobrou-a, de pé em seu sutiã e jeans. Raiva rasgou através dele.

Bart Tidwell vira a sua roupa de baixo e o seu banho. Ele tinha violado sua privacidade. Invadiu sua casa. Com palavrões, Stefano viu quando ela entrou no chuveiro para abrir a água. Suas mãos foram para a traseira de seu sutiã e ele desligou o vídeo. Recolhendo tudo o que marcava Francesca, incluindo o que ainda estava gravando, ele pegou um que estava certo mostrava um estupro apenas no caso dele não ter escolha, mas para provar a Francesca que ele estava dizendo a verdade quando a tirasse fora de lá. Ele sabia que ela iria resistir, e não estava disposto a deixá-la ficar. Stefano engoliu várias palavras feias, arrancou o fio da parede e jogou a tela no chão.

Ela quebrou-se com um estrondo. — Eu quero todos esses DVDs recolhidos e destruídos. Cada um deles.

Enzo assentiu. — O que você quer fazer com ele?

— Quem herda o edifício se ele desaparece?



Tidwell soltou um miado e freneticamente sacudiu a cabeça. Stefano olhou para ele. O homem estava de joelhos, a boca sangrando, o nariz quebrado e um pedaço do rosto aberto. Emilio havia retornado, e definitivamente estava quase tão irritado quanto Stefano.

— Ninguém, —relatou Romano. — Vai ser um pesadelo para os inquilinos. Renato checkou. Ele tem uma tia, mas ela não está listada como sua herdeira, mas meu palpite é quando tudo acabar, ela vai ser a única herdeira e ela é casada com um ...

— *Saldi*. Essa porra de edifício deve ser condenado. —Emilio rosnou. Ele pegou uma arma e apertou o cano na cabeça de Tidwell. — Esse pervertido precisa morrer, Stefano. Diga-me a palavra.

— Não gosto disso, —disse Giovanni. — Você é tão ruim quanto meu irmão. Chame Vinci. Vamos precisar de sua experiência. Nada como ter um advogado na família. Stefano, nós vamos cuidar desse pedaço de merda e você pega sua mulher e tire-a daqui.

— Você pega este edifício, Giovanni. —Emilio disse, — e vamos sangrar dinheiro para ele por muito tempo. Para incluí-lo, teremos que ampliar nossas fronteiras. Precisamos de uma votação sobre isso.

Stefano olhou para ele. — Foda-se o voto. Algumas dessas mulheres já tiveram o suficiente. Ele filmou seus próprios estupros. Quer olhar esses títulos? Podemos reformar o prédio e dar-lhes um lugar decente para viver.

Tidwell tentou se levantar e Stefano virou-se e bateu nele. Stefano era extremamente forte e o homem caiu, como se tivesse sido atingido com um bastão de beisebol.

Emilio deu de ombros. — Eu acho que não posso discutir com isso. — Ele puxou o celular do bolso. — Eu vou ligar para Vinci e dizer que ele venha aqui para resolver isto.

Stefano prendeu Tidwell com os olhos. Planos. Frios. Os olhos de um assassino. — Você quer vender este pedaço de propriedade de merda, não é, Tidwell? Não é nada, só um albatroz em volta do seu pescoço.



— Você não sabe com quem está fodendo. — Tidwell cuspiu no chão, aos pés de Stefano, uma mistura de sangue e saliva.

Stefano levantou a sobrancelha. — Você quer dizer da sua ligação com a família Saldi? Nós sabemos. Você entrou em um monte de problemas, Bart. Um monte. Você faz o trabalho de Adamo por seu dinheiro, não é? Eles têm de enviar continuamente seu principal advogado para tirar seu traseiro fora de problemas. Depois, há os músculos para assustar suas vítimas e testemunhas. Você é mais problema do que vale a pena.

— Minha tia ...

— Acha que você é um pedaço de merda, e o marido sabe que você é. Vender este edifício seria torná-los feliz, você não acha? — A voz de Stefano estava mais suave do que nunca. Ele empurrou o couro macio entre seus dedos, chamando a atenção de Tidwell para as luvas finas.

Tidwell lambeu os lábios e depois sacudiu a cabeça. — Não. Não. Eu não quero ...

Emilio agachou-se e empurrou a arma sob o queixo de Tidwell. — Isso é ruim. A mulher de meu primo está neste edifício e você estava violando sua privacidade. Ele não é paciente ou o homem que perdoa.

— Eu não sabia. Eu não sabia quem ela era. Eu juro, eu não ia tocá-la. Eu parei de fazer isso. Adamo disse que se eu fizesse isso de novo ... Estou curado.

— Você quer vender, não é, Tidwell? — Stefano perguntou de novo, ignorando sua confissão e declaração.

Tidwell olhou ao redor do apartamento, seu olhar astuto. — Sim. Sim. Deixe-me levantar. Vou assinar quaisquer papéis.

Stefano sorriu. Não foi um sorriso agradável, mas ele não estava se sentindo agradável. Tidwell achava-se um lutador. Ele era grande, e a maioria das brigas de bar em que ele entrou foram com outros sem o seu tamanho. Sem sua habilidade.



— Deixe-o, —ele ordenou suavemente.

Emilio recuou e Tidwell explodiu em ação, correndo para Stefano, tentando envolvê-lo com ambos os braços. Stefano deu um passo para o lado e bateu com o punho profundamente nas costelas de Tidwell. Ele sentiu a satisfação por baixo do soco devastador. Tidwell resmungou. Ficou branco.

Stefano tinha treinado desde que tinha dois anos. Ele nunca parou de treinar. Seus quatro irmãos e irmã todos tinham sido colocados no mesmo regime que ele. Eles foram lançados contra os melhores oponentes que a família poderia encontrar até que se moviam como um relâmpago, rápidos e suaves, cada soco ou chute penetrando o corpo com tal força, que abalava o interior, quebrava ossos e danificava órgãos internos.

Eles ainda treinavam todos os dias.

Seus primos, embora não *sombras* eram todos proficientes também. Eles trabalhavam juntos para o bem da família. Foi embutido neles a partir do nascimento. Não havia outra forma de vida, só o treinamento constante do corpo, transformando-o em uma arma, e a educação da mente.

Stefano era rápido, sistemático e implacável. Tidwell não conseguiu um único soco. A surra foi brutal e selvagem. Deliberadamente. Infligindo dor, tanto quanto possível. Lâmpadas foram quebradas, móveis viraram e garrafas de cerveja foram amassadas quando o pugilista tentou seu melhor para ficar longe dos golpes.

Eventualmente, e mais cedo, do que Stefano queria, Tidwell bateu no chão duro. Stefano não parou, mas continuou o assalto vicioso.

— Você vai matá-lo, —Giovanni avisou. — Ele precisa assinar a venda do edifício. Ele já está inconsciente.

Stefano recuou imediatamente. Apesar de sua jaqueta, ele não tinha suado nada. — Você sabe o que fazer quando ele assinar, Giovanni, —disse ele. — Certifique-se de que caiam algumas centenas de milhares de dólares em sua conta para isso ser tudo legal. Queremos que o acordo seja sólido e a passe sob qualquer escrutínio, especialmente quando este filho da puta faltar.



— Stefano, —Giovanni advertiu. Seu tom era suave.

Os dois irmãos trancaram seus olhares. Entreolharam enquanto a temperatura na sala parecia cair e o ar estava tão pesado de raiva, que era impossível respirar.

— Droga Gee.

— Eu sei. Eu me sinto da mesma maneira. —Giovanni não desviou o olhar.

Stefano suspirou e sacudiu a cabeça. — Onde eu coloco essa raiva?

— Não aqui. Você sabe disso. Não perto de nós. Nada pessoal. Ele tem que ser visto. Podemos acabar com ele, mas isso é tudo. Nós protegemos a família. Sempre.

— Fodidamente ligue para Nova York. Quero que o Geno participe nisto, —Stefano capitulou suavemente. Seu primo Geno de Nova York teria que lidar com o problema de Bart Tidwell. Ele arrancou o telefone celular e marcou um número.

— *Sim, Saldi, Stefano Ferraro. Estou aqui neste pedaço de merda de apartamento. Eu acho que ele pertence a você.*

Houve um silêncio.

— *Tidwell. —confirmou Stefano. — Ele estava atrás da minha mulher. Ele tem centenas de gravações que os policiais gostariam de receber. Violações que cometeu. Observando as mulheres em seu prédio. Ele está bem no seu quarto. Isso é o quão estúpido é esse idiota.*

A explosão de palavrões na outra extremidade do telefone foi alta o suficiente para todos na sala ouvirem.

— *Por cortesia, vamos destruir essa evidência,* —Stefano assegurou sua voz suave. — *Vamos deixar o filho da puta na sua porta. Ele vai estar um pouco desgastado, mas isso pode ser benéfico. Ele pode obedecer. Se não, bem, isso depende de você.*



Mais silêncio enquanto Stefano ouvia.

— Não, Saldi, isso não é o que vai acontecer. — A voz de Stefano caiu ainda mais. — Ele foi atrás da minha mulher. Ele vai pagar, e ele tem sorte que eu me sinto com vontade de estender a cortesia para você. Ele vai entregar o prédio e ele vai receber o espancamento de sua vida. Ele pode contar como sorte isso tudo que está acontecendo. Ele chega perto do que é meu de novo, e eu vou rasgar a porra do coração dele. Entendido? Fui claro? Eu espero que tenha sido, porque se você realmente quiser ir a guerra por este pedaço de merda, eu estou disposto. Isso é o quanto chateado eu estou agora.

Mais silêncio enquanto a voz do outro lado o acalmava. Assegurou-lhe que o negócio estava resolvido. Stefano fechou o *celular*²³ o que fez seus irmãos e irmã rir para ele. Ele tinha o mau hábito de jogar a maldita coisa sempre que estava irritado, que eram muitas vezes. Eles achavam que ele deveria ter um smartphone, do mesmo jeito que todos eles tinham, mas ele gostava de bater a maldita coisa para fechar quando estava irritado com quem estava do outro lado. Ele olhou para o irmão. — Quero que Vinci tenha certeza que o negócio imobiliário é hermético. Chame Geno este fim de semana quando estivermos no clube. Se Tidwell estiver na casa de Saldi, melhor.

— Desculpe Stefano. Não. — Emilio sacudiu a cabeça. — Não este, primo. Este é meu.

O olhar de Stefano saltou para seu primo. — Eu tenho outro serviço em mente para você, Emilio. — Eles não gostavam que qualquer outro membro da família que não fosse um *cavaleiro* tivesse sangue em suas mãos, se possível. Emilio tinha um coração, mas era um Ferraro por completo. Ele não gostava de homens que prejudicavam mulheres.



²³ celular flip – de abrir e fechar. Ele e das antigas ainda kkk



— O que seria?

Stefano empurrou sua cabeça em direção à porta. Relutantemente, Emilio o seguiu para o corredor. — Ligue para Vittorio e diga-lhe que você vai encontrá-lo na casa de Joanna. Eu a quero acordada esta noite. Arraste-a para fora da cama e para baixo com você. E vocês dois obtenham respostas. E é melhor que essas respostas façam sentido para mim.

— Stefano, —Emilio advertiu. — Eu sei que você tem todo o direito de estar com raiva. Mas de jeito nenhum Joanna saberia que Francesca iria ser espionada pelo proprietário desta merda.

— Você e eu sabemos que Tidwell estava montando a porra do estupro de Francesca. Joanna dorme bem à noite, assim como sua família por nossa causa. Damos-lhes isso. No momento em que ela soube que Francesca era minha mulher ela deveria tê-la feito sair deste buraco de merda. Tidwell viu Francesca se despir. Tomar banho. Ele olhou para ela sem seu consentimento. Ele é um homem morto, *porra*, mas Joanna precisa responder a *famiglia*. Você diga a Vittorio que se eu não gostar das respostas, serei eu a conduzir a próxima entrevista e não vou ser educado.

— Stefano ... —Emilio advertiu.

— Você gosta de Joanna. Você é amigo de sua família. Eu também, mas Emilio, agora, eu não confio em mim mesmo. Até agora, Vittorio sabe o que está acontecendo aqui. Ele vai ficar tão chateado como eu estou. Eu preciso de você para fazer isso direito.

Houve um longo silêncio. Emilio suspirou. — Você não está me mandando embora por que ...

— Não. Eu preciso ter certeza de que nenhum de nós vai fazer qualquer coisa estúpida esta noite. Se eu fosse interrogá-la, não tenho nenhuma ideia do que eu faria. Eu preciso de você para fazer isso por mim, Emilio.

— Vá buscar sua mulher, Stefano. —Emilio aconselhou, capitulando. — Todo mundo vai se sentir muito melhor quando ela estiver segura.



— Vinci tem que ter a certeza de que o negócio foi feito alguns dias antes. Ele pode conseguir que os documentos sejam arquivados nas datas corretas?

— Esse é o departamento dele, e ele nunca nos decepcionou. Ele é muito bom no que faz, Stefano. Não é possível você administrar tudo. Basta ir buscá-la. — Giovanni aconselhou. — Eu estou me segurando por um fio, também. Um de nós tem de ficar frio aqui, e eu vou cair se você não tirá-la deste lugar.

Stefano respirou fundo e bateu no ombro de seu irmão. *Famiglia*. Era assim que tinha funcionado durante séculos. Eles haviam desenvolvido uma única entidade. Intensificada quando um precisava dos outros. Stefano era sempre o líder, mas seus irmãos eram mais do que capazes de conduzir. Eles eram tão dedicados e treinados como ele. Ele estava grato a Giovanni. Sua raiva tinha dominado e ele estava pensando com suas emoções, e não com seu cérebro. Normalmente, se era pessoal, ele nunca se envolvia, mas não conseguiu se impedir de acertar Tidwell. Ele nunca tinha tido essa perda de controle. Ele precisava tirar Francesca de lá, tanto quanto seu irmão e outros membros da família precisavam dele o fazendo.

Ele virou-se e foi para as escadas. Ricco esperava no topo. Seus homens eram figuras de sombra, espalhados por todo o edifício, evitando danos a Francesca. As escadas eram escuras em vários lugares, perigosas para qualquer um, principalmente mulheres solteiras sozinhas. A raiva latente na boca do estômago cresceu com cada passo que dava.

Ele estava zangado com Joanna, que tinha que ter sabido que este edifício era pior do que *abaixo* do padrão. Acima de tudo, ele estava zangado consigo mesmo por não verificar as condições de vida de Francesca antes de sair da cidade. Ele tinha assumido que ela estava ficando com Joanna até se erguer. Era uma presunção sem base. Um erro. Stefano não gostava de cometer erros.

Ele era um homem de proteção. Ele tinha nascido assim. Cada cavaleiro tinha. A necessidade de proteger e controlar foram criadas em cada um deles.



Essas duas características foram tão arraigadas neles, que não havia qualquer característica diferente. Não conseguiam mudar.

— Tivemos um incidente que eu não gostei, —disse Ricco. — Enzo relatou que um homem, não um residente, por duas vezes veio a este andar. Na verdade, ele caminhou até a porta de Francesca, fez uma pausa, olhou ao redor, e quando viu Enzo, saiu. Poucos minutos atrás, ele voltou para dentro do prédio. Não existem câmeras de segurança e ele usava um capuz. Ninguém deu uma boa olhada em seu rosto, mas pela descrição de Enzo, eu estou supondo que era o mesmo homem.

Stefano respirou fundo. Que diabos estava acontecendo? Tudo ao seu redor estava girando fora de controle quando o controle era absolutamente necessário. Ele estava tomando o controle para ele. Francesca apenas teria que lidar com a verdade sobre ele e a vida que ela levaria com ele como seu homem.

— Se qualquer um o ver novamente, pegue-o e leve-o para o armazém. Estou tirando ela daqui esta noite. Vou levá-la para minha suíte no Ferraro. —O hotel era puro luxo. Ele tinha várias casas, espalhadas por todo o país e no exterior, mas quando estava em Chicago, o que era a maior parte do tempo, ele ficava na cobertura do hotel.

Ricco concordou e se arrastou atrás de seu irmão. Stefano sabia que seu irmão o estava protegendo-o tanto como protegia qualquer pessoa que pudesse tentar impedi-lo. O segundo lance de escadas estava quase completamente no escuro, iluminado apenas por uma lâmpada maçante, que emitia pouca luz. O tapete estava imundo e esfarrapado. Qualquer um poderia tropeçar e cair nos buracos. Sua raiva subiu mais um ponto.

O longo corredor estava totalmente sem luz, além do que conseguia entrar pelas janelas sujas em cada extremidade do corredor. A porta de Francesca estava no meio do caminho entre as duas janelas. Stefano se perguntou se Tidwell tinha deliberadamente lhe dado aquele apartamento. Provavelmente. Ele tinha que colocar as mulheres solteiras em apartamentos



onde as câmeras já estavam instaladas, embora fosse possível que ele as tivesse em todos os quartos.

Ele ergueu a mão, os dedos em um punho fechado e controlando o seu impulso de bater na porta, exigindo entrar. Em vez disso, ele bateu devagar, sua outra mão caiu automaticamente para a maçaneta. Para seu choque, a porta abriu. Ele não tinha virado a maçaneta. Apenas os nós dos dedos enluvados batendo tão educadamente foram o suficiente para a porta abrir. Que diabos havia de errado com ela? Ele olhou para o rosto de Ricco. Estava gravado em pedra, do mesmo jeito, ele tinha certeza, que o dele.

Antes que ele pudesse empurrar a porta e confrontá-la, algo o fez agachar e examinar a fechadura. Ele podia ver o pequeno pedaço de fita adesiva colocada sobre o mecanismo, simples, mas muito eficaz maneira de impedir Francesca de trancar a porta.

— *Fudido*, —ele cuspiu, recuando para mostrar a seu irmão.

— Vamos levá-la daqui, Stefano. Mesmo que você tenha que levá-la para fora como um homem das cavernas. Taviano está esperando no carro. Basta levá-la e ir antes que alguns de nós decidam queimar este lugar com Tidwell nele.

A voz de Ricco estava tensa. Stefano amaldiçoou novamente. A família inteira foi afetada porque ele não tinha feito seu trabalho. Ele não tinha tomado Francesca a seu cargo. Ele queria tempo para cortejá-la. Para dar isso a ela. Deixá-la conhecê-lo antes que tivesse que contar sobre a vida de merda que ele ia pedir-lhe para aceitar. Ele fechou os olhos brevemente. Ele sabia que não ia pedir a ela. Ele tinha que encontrar uma maneira de fazê-la aceitar não só a ele, mas sua vida e sua família, porque não havia outra escolha. Pior, ele não ia apenas pedir-lhe para aceitá-la para si mesma; ela tinha que aceitá-la para os seus filhos também. Ele detestava isso.

Ele levantou-se lentamente e abriu a porta. Seu coração gaguejou no peito. A porta se abriu em um quarto muito pequeno—tão pequeno que o armário de seu quarto principal era maior. Não havia um único caco de mobília. Sem cadeiras. Sem mesas. Nada mesmo. O quarto incluía uma



cozinha em miniatura com uma única pia manchada e um pequeno refrigerador. Detestava que Francesca, ou qualquer mulher tivesse que ficar sozinha em um lugar como este. Por que ele não tinha verificado antes de sair para o trabalho?

Ele entrou no quarto ao lado para encontrá-la deitada em um saco de dormir, os cabelos espalhados sobre o travesseiro.

O quarto estava congelando. Não havia calor saindo do radiador velho e ela estremecia continuamente em seu sono. Ela estaria melhor com seu casaco cobrindo o saco de dormir, mas em vez disso, ele estava pendurado cuidadosamente em um cabide a alguns pés de sua cabeça.

Ela parecia muito pequena sob o fino saco de dormir. Seu rosto estava virado para ele e ele achou que ela era a coisa mais linda que ele já tinha visto. Seus cílios eram excepcionalmente longos e viravam na ponta. Pretos, como seu cabelo. Agachou-se ao lado dela. Perto.

— *Bambina*, acorde. — Ele manteve a voz baixa. Calma. Não querendo assustá-la. Ele deveria ter tomado mais cuidado com ela. Nada disso era culpa dela. Ele tinha que se lembrar disso, quando queria enfiar o punho em uma parede—ou em Tidwell—e estava com raiva do mundo em geral.

O corpo dela estremeceu. As pestanas levantaram. Ele encontrou-se olhando nos olhos de mar azul. Quase turquesa. Bonitos. A visão o atingiu em cheio, um soco duro em sua virilha. Ele respirou. O medo penetrou o azul de seus olhos com surpresa.

— Stefano. — Francesca soprou o nome. O quarto estava escuro, mas luz suficiente vinha através da janela sem cortinas para iluminar as características muito masculinas de Stefano Ferraro. Os olhos pensativos estavam em seu rosto e seu estômago deu um rolo lento. Seu coração batia tão forte que realmente machucava.

Ela não podia simplesmente ficar ali com ele olhando para ela com os olhos incríveis. Olhos que viam tudo. Olhos que viam seu quarto miserável sem móveis. Viam que ela não tinha nada. Cor penetrou o rosto dela. Ela varreu o cabelo para trás e lutou para sentar, segurando o saco de dormir



sobre o peito. Ela usava uma velha camiseta surrada e uma calcinha, a única coisa que tinha comprado nova.

— O que você está fazendo no meu quarto? — Ela tentou soar firme, mas sua voz não estava funcionando corretamente. Ela estremeceu com a palavra *quarto*, desejando que tivesse acabado de dizer *apartamento*. Deus. Ele era assustador. Ele não mexia um músculo. Ele não piscava. Ele estava quente como *Hades*²⁴, e cada célula no seu corpo respondia a ele. Estava ciente dele. Seus seios estavam inchados, doloridos e ela estava muito, muito feliz com o saco de dormir que ela tinha puxado sobre o peito para que ele não pudesse ver seus mamilos ficando duros.

Ninguém jamais fez seu corpo voltar à vida como ele. Só de olhar para ele. Apenas cheirar sua colônia. Era humilhante. Ela sabia que deveria ficar ultrajada dele estar em seu apartamento, mas algo estava errado. Ela podia ver isso em seus olhos. Sua mão voou na defensiva para sua garganta.

— Joanna, — ela sussurrou. — Aconteceu alguma coisa com ela? — Ela nunca se perdoaria. Nunca. Ela não deveria ter vindo. Ela pensou que tinha coberto suas trilhas, mas o dinheiro falava e se alguém ainda estava procurando por ela, eles, eventualmente a encontrariam e quem a ajudou.

— Ela está bem, Francesca. Você precisa se levantar e vir comigo agora.

Ela olhou além dele para a porta de seu quarto. Alguém estava em seu quarto da frente. Ela não podia distinguir quem, mas ela viu uma figura masculina sombria.

Empurrando o cabelo para trás com uma mão, ela segurava firmemente seu saco de dormir com a outra. — Apenas me diga, Stefano.

— Você não pode ficar aqui.

Seu coração gaguejou com sua expressão. Desagradável. Implacável. Sua mandíbula se apertou como se antecipando seu argumento, e ela ia discutir.

²⁴ Ela quis dizer quente como o INFERNO.



— Bem. Não. Este é o lugar onde eu vivo.

Algo perigoso cintilou nas profundezas de seus olhos. De *repente*, ele olhou feral. Predatório. Nesse momento ela quase pôde acreditar que ele era uma espécie de senhor do crime. Ele não era o tipo de homem que tomava um não por resposta.

— *Bambina*, você tem duas escolhas. Você pode sair daqui vestida, ou eu vou levar você do jeito que você está. Você decide porra, porque eu vou acabar com esse buraco.

Ela engoliu em seco. Ele não estava brincando. Ela levantou uma mão para afastá-lo. — Como você entrou aqui?

— Você está brincando comigo? Sua maldita porta nem sequer estava trancada, Francesca.

Ele estava realmente furioso para jogar tantos palavrões nela ela. — Não. Ela estava. Eu a tranquei. — Ela estreitou olhos para ele. — Eu não sou estúpida, Stefano. Eu tranquei a porta. Como você chegou aqui?

— Eu levantei a minha mão para bater e a porta se abriu por conta própria. Há um pedaço de fita adesiva sobre o mecanismo para evitar que tranque.

Havia um anel da verdade em sua voz e ela sentiu pânico crescente. Seu olhar deslizou pelo quarto em direção a porta. Essa porta não trancava. Apenas a porta principal do apartamento trancava. — Quem faria algo assim? Isso não faz sentido. — O medo fez seu coração acelerar e colocou um gosto estranho na boca. — Apenas conte-me o que está acontecendo.

— Eu vou te dizer depois que te tirar daqui e levar para um lugar que eu saiba que você está segura. Vamos, *dolce cuore*, levante-se. — Suas feições suavizaram.

Ela umedeceu os lábios. Seus olhos eram tão bonitos que lhe tiravam o fôlego. Ela faria qualquer coisa para ver esse olhar em seu rosto. Tudo por ele. Com a exceção de se levantar e lhe permitir ver a camiseta que ela usava.



Ela não podia simplesmente ir com ele sem uma explicação. Isso não era razoável.

Ela achou muito pior que ele pudesse ver o quão pouco tinha. A última coisa que queria era que ele tivesse pena dela. Merda. Isso era tão humilhante.

— Eu quero que você saia. Podemos falar sobre isso de manhã. — Ela forçou determinação em sua voz. Ele realmente não podia forçá-la a ir com ele. Ninguém iria realmente fazer uma ameaça tão ridícula.

Toda a expressão dele mudou. Suas feições extremamente masculinas foram de suave a pedra no espaço de um único batimento cardíaco. Ela soube imediatamente que estava em apuros. Ele estendeu a mão para ela, puxando-a em seus braços, com saco de dormir e tudo.

— Ricco, pegue meu casaco e suas coisas. Nós estaremos na cobertura. — Stefano a jogou facilmente sobre seu ombro e se levantou como se ela não pesasse mais do que um saco de arroz.

Ela pegou a camisa dele, de cabeça para baixo, olhando para seu traseiro. Agarrando sua jaqueta, ela lutou contra a restrição de ferro em de suas coxas. Ele a ignorou e caminhou para fora do quarto, passando por Ricco, que, quando ela levantou a cabeça, sorriu para ela. Claramente, Ricco era outro irmão. Todos eles pareciam iguais, presunçosos e cheios de arrogância.

— Ponha-me no chão neste minuto, —ela exigiu. Sem fôlego. Sua barriga estava em cima do ombro dele e era duro como um carvalho.

— Muito tarde, Francesca. Seja boazinha.

Ele andou pelo corredor, e ela vislumbrou homens vindo atrás dele. Bom Deus. Talvez ele fosse parte de uma quadrilha de tráfico humano e ele estivesse raptando-a. O que havia de errado com ela? Ela gritou. Alto.

A mão dele desceu duro em sua bunda. Ela sentiu a picada através do saco de dormir, embora realmente não machucasse, a fez ficar em silêncio com o choque.



— Eu disse que ia levá-la para um lugar seguro e, em seguida, dizer-lhe o que está acontecendo, —ele retrucou sua voz sombria. — Basta esperar. Eu não dou a mínima se você gritar, mas é bastante inútil. Você realmente acha que neste edifício alguém vai colocar o pescoço em nosso negócio?

Ele estava se movendo rápido agora, descendo as escadas sem esforço. Ela se sentiu um pouco tonta e se agarrou a sua jaqueta mais forte.

— Está me assustando, Stefano. —admitiu ela, odiando que sua voz tremesse, mas ela estava assustada.

— Eu sei, *bambina*, mas você vai ficar bem. Eu tenho você agora e eu vou mantê-la segura. Você não podia ficar nessa ratoeira. Apenas confie em mim por mais alguns minutos, e então eu vou explicar tudo. Você pode me dar isso?

Ela deitou a cabeça contra suas costas, sentindo os músculos ondulando quando ele se movia para o hall de entrada do prédio. Não era como se ela tivesse muita escolha. A porta do apartamento do proprietário estava aberta e quando eles passaram, ela vislumbrou homens dentro. O lugar estava um desastre. Em seguida, eles estavam fora, ao ar livre. Ele estendeu a mão e abriu a porta do banco de trás de um carro. Ele foi muito gentil quando a colocou no banco de trás, ainda encapsulada no saco de dormir. Ele deslizou ao lado dela, colocando o cinto.

O motorista virou-se e deu um sorriso arrogante por cima do ombro para ela. — Sou Taviano, irmão de Stefano. Prazer em conhecê-la, Francesca.



Capítulo Sete

— **Você** é louco. Você está me sequestrando, —Francesca conseguiu dizer, finalmente, recuperando o fôlego. Ela não estava certa se não conseguia respirar por Stefano ter acabado de lhe mostrar o seu lado cruel, ou porque ele era o homem mais atraente que tinha conhecido em sua vida e todo o seu corpo reagiu de uma forma muito íntima quando ele revelou seu lado cruel. Por que ser jogada por cima do ombro e levada de um edifício, como uma cativa Viking fazendo seu corpo ficar úmido e necessitado não fazia sentido, mas não podia negar que ela se sentiu intensamente viva e descontroladamente atraída por Stefano Ferraro.

Ela pegou o cinto de segurança para tirá-lo, mas a mão de Stefano se fechou sobre a sua, impedindo o movimento. — Acalme-se, porra e pare de lutar contra mim. Não vai fazer nenhum bem, e eu já estou chateado demais. Eu não gosto de me repetir, nunca.

Francesca afundou-se contra o couro fresco do assento, chocada com seu tom. Raiva pura.

Stefano estava definitivamente patinando perto de uma explosão. Ela não queria estar em qualquer lugar ao redor dele quando ele detonasse. — Uau. Você me acorda no meio da noite, sem bater na minha porta, eu poderia acrescentar, e me leva para fora por cima do seu ombro como se eu fosse um saco de batatas e você é a pessoa com raiva.

Uma pequena risada veio do motorista, ela olhou para ele pelo espelho, mas ele não olhou para ela, seu olhar estava cuidadosamente na estrada. Ainda assim, ela sabia que ele estava rindo.

— Eu fui gentil com você, —Stefano lembrou. — Então, não como um saco de batatas. Expliquei sobre a porta, não que isso tivesse me parado se



estivesse trancada. Você não pertence aquele edifício e você sabe muito bem isso.

Ela estremeceu com seu tom. — Nem todos podem se dar ao luxo de viver no *Ritz*. — Ela lhe devolveu o tom.

— Eu vivo no Ferraro, não no Ritz, que é para onde estamos indo agora.

Sua boca se abriu. O Ferraro era considerado de alto luxo. Ninguém poderia pagar, só os ricos e famosos. — Você não vai me levar para aquele lugar. Quero dizer.

— Por que não?

Ela abriu a boca várias vezes, mas nenhum som emergiu. — Você está falando sério? Eu estou vestida com um saco de dormir. Você não pode entrar por aquelas portas sem estar glamurosa. Eles vão me expulsar.

Pela primeira vez, um leve brilho de humor penetrou o azul profundo de seus olhos. — *Piccola*,²⁵ eu sou proprietário do hotel. Eu duvido que alguém pudesse fazer isso sem perder o seu emprego.

Total diversão masculina. Ela não achava nada engraçado sobre a situação. — De jeito nenhum. Me deixe no abrigo mais próximo. — Ela levantou o queixo.

Stefano olhou para ela, e a vontade de atender seus penetrantes olhos azuis foi como uma seta perfurando seu peito direto ao seu coração. Seu coração gaguejou e seu estômago deu um rolo lento. Todos os vestígios de diversão se foram, deixando o queixo duro e com os olhos ardendo com uma ira que ameaçava queimar todos no carro.

— Você está me dizendo que prefere ir para um abrigo ao invés de vir para o meu hotel comigo? — Ele soltou cada palavra separadamente por trás dos perfeitos dentes brancos cerrados. — Gostaria de explicar por quê?

Não, ela não gostaria de explicar por quê. Primeiro, se ela lhe dissesse que era porque ele era rico, a faria soar preconceituosa, o que se ela fosse

²⁵ *Piccola* – significa pequena em italiano



inteiramente verdadeira, ela era. Em segundo lugar, ele era o homem mais sexy que ela já tinha visto em toda a sua vida, e, nos confins íntimos do carro, mesmo chateada com ele, ela não conseguia parar a reação de seu corpo para ele.

— Eu tenho que ter uma razão? — Ela colocou o queixo no ar.

Taviano bufou, e quando ela olhou para o espelho retrovisor, ele assumiu uma máscara inocente.

— Isso não importa de qualquer maneira, porque a sua razão é uma besteira tão grande quanto você ficar naquela armadilha de apartamento. A única razão pela qual o edifício não foi condenado é porque Tidwell está relacionado com os Saldis e eles são notórios por subornar funcionários ou ameaçá-los.

— Como você está fazendo comigo? — Ela desafiou.

— Eu não estou subornando ou ameaçando, — Stefano negou categoricamente. — Você simplesmente não tem uma escolha.

Sua voz era muito baixa, veludo macio que o som reproduziu corria sobre a pele dela como dedos. Ela estremeceu e se afundou no saco de dormir esfarrapado.

— É chamado de sequestro se eu não quiser ir com você.

— Eu não dou a mínima para como você o chama, *dolce cuore*, contanto que você esteja segura.

Isso era difícil de discutir, especialmente porque ela estava um pouco assustada e insegura do que aconteceu. Ela estava começando a entrar em pânico. — Taviano, diga a ele que não pode fazer isso.

— Que bom que se juntou a nós esta noite, — disse Taviano, olhando para trás pelo espelho retrovisor. — Devo dizer, que meu irmão tem bom gosto. — A nota de brincadeira em sua voz a acalmou. — Até meus pais deixaram de tentar dizer o que ele pode ou não fazer quando ele tinha em



torno de dez anos, —Taviano acrescentou, com um sorriso rápido para ela através do espelho.

Não havia ajuda lá, mas ela tinha certeza que o próprio irmão de Stefano não iria tirá-la dessa bagunça. Era evidente que ele achava a situação divertida.

Ela olhou para Stefano e depois se afastou incapaz de encontrar seus olhos. — Eu não tenho nenhuma roupa. —A confissão saiu. Baixa. Sob sua respiração. Ela manteve seu olhar firmemente no chão do veículo.

— Francesca, olhe para mim.

Seu coração deu um pulo e, em seguida, começou a bater novamente com seu tom autoritário. Ela não podia imaginar alguém o desobedecendo. Seu olhar saltou para o dele antes que ela pudesse detê-lo. Isso foi um erro. Seus olhos estavam brilhando com uma espécie de ameaça que não podia entender. Isso, e algo que a rolava em seu estômago e o calor na junção de suas pernas crescendo.

— Você está segura. Basta por enquanto. Estou chateado como o inferno e você não está fazendo nenhum favor a si mesmo, tentando me desafiar.

Ela prendeu a respiração bruscamente. — Desafiar você? —Ela esqueceu tudo sobre ter medo ou intimidado por ele. — Como se eu fosse uma criança que você tem que repreender? Você tem que ser o homem mais arrogante, chato, mandão que eu já encontrei.

— Isso o resume, —Taviano concordou, seu sorriso se alargou. — Chegamos.

Para seu horror, ele tinha realmente parado em frente do Hotel Ferraro. Taviano dirigiu o carro até o tapete vermelho na entrada do edifício, onde vários manobristas esperavam para entrar em ação no momento em que um carro chegasse perto.

— Eu não vou sair, —Francesca declarou. — Eu estou vestida com um saco de dormir pelo amor de Deus. Sério, Stefano, apenas me leve para um abrigo.



Ela deveria saber melhor do que esperar que Stefano a atendesse. Aparentemente, ele realmente não discutia quando ele queria feito, e ele queria feito. O porteiro abriu a porta do passageiro. Stefano deslizou para fora e estendeu a mão para ela.

— Eu vou gritar.

— Vá em frente, *bambina*. Faça uma cena. Não me importo. Você ainda vai para a cobertura comigo. — Seu tom era implacável.

— Stefano. — Ela não falou mais.

Ele a ignorou, as mãos a segurando através do saco de dormir. Ele era muito forte e não precisava de força para pegá-la. Ele a arrastou para fora do banco, jogou por cima do ombro novamente e sem dizer uma palavra a ninguém, caminhou até as portas de vidro duplo. As portas já estavam abertas para ele, o porteiro sorrindo e dando-lhe uma pequena saudação.

Entrar no Hotel Ferraro foi a coisa mais embaraçosa que Francesca poderia imaginar.

Apertando a boca para não gritar de pura frustração, ela escondeu o rosto contra as costas dele, segurando firmemente a sua camisa. Ela ficou muito quieta, não querendo que ninguém a visse, mas sabendo que todo mundo estava olhando. Por um lado, Stefano Ferraro era quente, super-rico e proprietário de todo o hotel. Ok, talvez sua família fosse, mas ainda assim, seria de esperar que ele estivesse carregando uma mulher por cima do ombro, de cabeça para baixo, encapsulada em um saco de dormir? Era humilhante.

Ele foi direto para um elevador privado, e entrou. As portas deslizaram.

— Você está bem?

— O que você acha? — Ela retrucou, derramando o sarcasmo em sua voz. — Você acabou de me carregar através do lobby de um hotel de luxo em um saco de dormir.

Sua mão passou de suas coxas para sua bunda. Ela sentiu a palma através do saco de dormir. Sua respiração ficou presa na garganta. Ela estava



furiosa. E assustada. A maneira como ele tinha seus dedos abertos sobre sua parte inferior a afetava mais do que ela gostaria de admitir. Ela ser tão consciente dele era um pecado.

— Eu quis lhe dar uma escolha. Eu lhe disse que você poderia se vestir e vir comigo ou eu iria carregar você para fora. — Não havia nenhum remorso em sua voz.

— Deus. Sério, Stefano? Isso não foi uma escolha. — Ela queria beliscá-lo realmente duro ou afundar seus dentes nele, mas ele já tinha lhe dado um tapa na bunda uma vez; ela não queria uma segunda vez. Em grande parte porque ela tinha uma reação estranha à sua mão conectar-se com ela, mesmo através das finas camadas do material. O calor se apressou através dela, arqueando direto para o seu sexo. Cada célula ganhou vida. Entre as pernas sentia-se úmida e necessitada. Ela teve um tempo difícil puxando no ar. Tudo a partir desse breve contato.

— Eu não discuto, Francesca. É uma perda de tempo. Você estava em perigo lá. Eu lhe disse que quando eu tivesse você segura, eu te diria o que estava acontecendo, mas você claramente decidiu discutir.

— Você acha que poderia me colocar no chão? — Era um inferno ficar pendurada de cabeça para baixo e tentando soar como se fosse razoável quando tudo o que queria fazer era lhe bater.

— Você vai fugir como um coelho?

A diversão tingiu sua voz e trouxe a cor espalhando sobre seu corpo. Seu rosto já estava vermelho por ficar pendurada de cabeça para baixo. Ela não podia ver o chão, mas a viagem de elevador foi suave e longa. Isso significava que eles subiram um monte de andares. A única coisa que a acalmava era que ele a tinha levado publicamente através do lobby. — As pessoas podem ter testemunhado o meu momento mais embaraçoso, mas não vão esquecê-lo. Se você está pensando em vender-me a algum anel de tráfico humano, alguém vai se lembrar.

— Bom saber. — Sarcasmo pingava.



Não era como se ela realmente achasse que ele ia vendê-la pelo maior lance, mas ele não tinha que soar tão condescendente.

As portas do elevador deslizaram e ele entrou em um *foyer*. Muito grande e opulento. Ela pegou um vislumbre de uma mesa de mogno com um enorme vaso que parecia de cristal com um enorme arranjo de flores frescas nela. O piso era polido e parecia ser mármore. Ela fechou os olhos, não querendo ver mais. Isto era um pesadelo. Quando Stefano a colocou em seu sofá de couro preto, fez isso muito suavemente.

Ela varreu o cabelo para trás com uma mão, segurando o saco de dormir com a outra. Seu cabelo estava selvagem de dormir sem trançá-lo, mas tinha estado muito cansada. Principalmente, ela estava exausta de pensar sobre Stefano, tendo ridículos, impossíveis, pensamentos eróticos sobre ele que deixaram seu sangue correndo calorosamente por suas veias direto para seu núcleo. Os sonhos haviam sido imagens das quais ela não tinha experiência ou conhecimento, mas todas com ele.

Era culpa dele que ela não tinha sido capaz de adormecer facilmente. Culpa dele que seu cabelo estava uma grande confusão, depois de dormir sobre ele e, ser pendurada de cabeça para baixo. Ela olhou para ele, e se havia alguma justiça no mundo, ele teria secado no local. Claramente não era porque ele andava de um lado para o outro lado da sala, completamente intocado, como um tigre enjaulado, serviu-se de mais de dois dedos de licor de uma garrafa de cristal e tomou-o como se fosse água.

Francesca lambeu os lábios. Algo sobre seus ombros, a linha de sua mandíbula e o andar fluido levou seu fôlego. — Você está bravo comigo?

Seus olhos azuis saltaram para seu rosto. Deslizaram sobre ela e voltaram-se para segurar o dela. Oh sim. Ele estava com raiva.

— Que diabos você estava pensando, vivendo em um lugar como aquele? — Sua voz era baixa. Venenosa. Embalada com ameaça.

Ela estremeceu e estudou-o por debaixo de suas pestanas, tentando não olhar enquanto estava olhando. Ele era realmente, muito bonito, mas ela já tinha visto homens atraentes antes e seu corpo nunca tinha respondido com



tanta avidez. Ele era totalmente confiante em si mesmo, na fronteira da arrogância o que por si só deveria ter a afastado dele. Sem mencionar que ele era podre de rico e ela detestava totalmente esse tipo de pessoa, um homem com tanto dinheiro achava claramente que as regras não se aplicavam a ele. Mesmo assim, ela não podia impedir seu corpo de entrar em um colapso completo.

— Eu não vejo como isso é problema seu. — Ela não ia dizer a ele que tão horrível era o apartamento quanto uma caixa de papelão era em um beco em algum lugar.

Stefano abriu o paletó, tirou vários DVDs, jogou pelo chão e mostrou-os para ela.

Ela manteve o olhar em seu rosto. Ele estava com raiva. Realmente com raiva. Ele ardia em uma espécie de fúria que não podia entender. Muito lentamente, ela permitiu que seu olhar caísse nos DVDs na mão dele. Eles eram caseiros, gravados em um aparelho. Ela pegou-os com relutância e os virou para olhar os rótulos. Seu nome estava escrito na frente de dois deles. O terceiro não tinha nome, e o quarto era rotulado *Vicki quer*.

— O que é isso?

— Seu senhorio é um criminoso sexual, *porra*. Ele tem câmeras nos apartamentos e espiona mulheres se despindo, tomando banho e dormindo.

Francesca sentiu o sangue fugir de seu rosto. Ela sabia que tinha tido uma reação completamente visceral a Bart Tidwell no momento em que o conheceu. Ele a fez se sentir doente, mas era o dono do prédio e ela precisava de um teto sobre sua cabeça. — Tem certeza? — Sua voz era um fio de voz, um sussurro.

— Você gostaria de ver o arquivo que temos sobre ele? — Stefano serviu-se de outra bebida, bebeu e voltou-se para encará-la. Suas feições eram uma máscara de pura raiva. — Ele também se arrasta aos apartamentos estupra as mulheres e, em seguida, as chantageia. Ele está ligado a uma família do crime muito poderosa, os *Saldi*, e eles protegem aquele pedaço de merda de



modo que testemunhas não testemunham. Ele estava marcando-a para seu próximo alvo. Eu tenho certeza de que ele planejava visitar você hoje à noite. Havia uma fita sobre a fechadura em sua porta.

Ela balançou a cabeça, o coração gaguejando duro em seu peito. Sua boca ficou seca. — Isso não é possível. — Mas era, é claro. Ela poderia dizer só pela *ira* dele, que era verdade. Ele estava furioso.

— Eu não olhei as gravações, mas eu suspeito que essas são de você tomando banho e se despindo para se preparar para dormir.

Ela não conseguiu se impedir de estremecer ao ouvir a palavra "*despir*" ou a cor de rastejar em seu rosto mais uma vez. — Oh. Meu. Deus. — Ela esqueceu tudo sobre o saco de dormir e cobriu a boca aberta com a palma da mão. Sua mão tremia. Ela não tinha outro lugar para ir. Pior, suas únicas roupas estavam no apartamento e ela não tinha certeza de que poderia suportar ir lá novamente. — Tem certeza? — Ela sabia a resposta, mas ainda tinha perguntar.

Seus olhos se encontraram com os dela. Havia compaixão lá. Demais. Ela preferia sua raiva. O estômago dela revirou e ela sentiu as lágrimas atrás de seus olhos. Piscou rapidamente para mantê-las na baía, respirou fundo para tentar acalmar o estômago revoltado.

— Você quer ver o que está nesses DVDs? O último, aquele que está rotulado *Vicki quer*, tenho certeza que é a gravação do seu senhorio violando essa menina. Havia mais destas gravações do que gostaria de contar naquele quarto de merda.

Ela olhou para ele com horror, desejando não acreditar nele, mas não havia nenhuma dúvida em sua mente que ele estava dizendo a verdade. Ele a salvou. Este belo homem, muito rico e arrogante para seu próprio bem, aquele que ela tinha tido medo que estivesse envolvido no crime organizado, a tinha salvado. Ela só persistia em pensar o pior dele.

Francesca olhou para o chão. O piso de mármore brilhante. — Obrigado, Stefano. Eu não entendo como esse homem poderia ter colocado



as câmeras nos apartamentos, mas aprecio que você se certificou dessas gravações não acabarem na Internet. —Ela não podia pensar sobre a possibilidade de Tidwell ter entrado em seu apartamento e a estuprado. — Como você ficou sabendo sobre isso?

— Meu primo, —Stefano disse a ela, estudando seu rosto. Ela parecia tão frágil, como se a qualquer momento pudesse estourar em lágrimas ou apenas desmaiar. Ele não sabia se segurava nos braços e a confortava ou a sacudia até seus dentes baterem.

— Emilio. Ele levou você para casa, deu uma volta em seu apartamento e não gostou do fato de que não era seguro. Ele veio até mim, e eu decidi falar com o proprietário sobre certificar-se que seus inquilinos estavam a salvo. Meus primos, Renato e Romano, bem como Zia Rachele e Zio Alfeo imediatamente começaram a recolher informações sobre ele. Eles são investigadores. Isso é o que eles fazem e não cometem erros. Quando eu fui ao apartamento de Tidwell, descobrimos os monitores. Você estava em uma delas, dormindo. Foi fácil o suficiente ver que ele estava gravando enquanto você dormia. A partir dos rótulos no resto dos DVDs, não foi difícil adivinhar o que estava nas outras gravações que ele tinha de você.

Seus cílios longos vibraram novamente e ela balançou a cabeça. Ela tinha ido de corada a pálida no espaço de alguns momentos. Cada célula de proteção em seu corpo respondeu a ela. De repente, ela pareceu terrivelmente jovem e vulnerável.

Seu corpo reagiu algo que nunca tinha acontecido com ele. Ele era tudo sobre controle e qualquer tipo de resposta sexual a uma mulher era permitido apenas quando ele estava em um quarto, certamente não quando ele estava discutindo sobre um predador sexual com uma vítima em potencial. Totalmente inadequado, mas, no entanto, tudo o que podia pensar era sobre um beijo.

— Eu vou ter de agradecer a Emilio. —Ela falou em voz baixa, quase um sussurro.

— Você quer uma bebida?



Ela empurrou a pesada queda de cabelo. Sob as luzes, a massa espessa brilhava como seda, e ele queria enterrar os dedos nessa riqueza. Seus cílios levantaram e ela encontrou seus olhos. O impacto o atingiu baixo, como um soco, um tiro para sua virilha que aqueceu seu sangue e o fez se sentir primitivo e um pouco selvagem. Ele era siciliano, de sangue quente, e pela primeira vez em sua vida, ele sabia o que isso significava—e isso não tinha nada a ver com seu temperamento um tanto mesquinho.

— Sim por favor.

Ela estava completamente em pânico e tentando não demonstrar. Ele queria abraçá-la. Consolá-la. Levá-la para sua cama e fazê-la esquecer tudo, menos ele. Ele derramou uma pequena quantidade de *brandy* em um copo de cristal e atravessou a sala. Sua sombra, lançada pelo lustre, se estendeu para ela.

Ao mesmo tempo, a sombra dela jogou um tentáculo, e como ímãs poderosos, os dois tubos se ligaram. O golpe foi duro, levando aço a seu pênis. Ele quase explodiu em suas calças.

Os olhos de Francesca se arregalaram. Agarrou-se ao sofá. Seus lábios se separaram, e ele viu o rubor subir por seu rosto. Ela não estava segurando o saco de dormir que tinha caído até a cintura. Em baixo da fina camiseta seus seios subiam e desciam, seus mamilos duros eram pequenos picos, empurrando o material desgastado. O mesmo golpe sexual havia a atingindo duro também.

Stefano percorreu a sala, colocou o copo de conhaque sobre a mesinha ao lado do sofá e se inclinou para ela, ambos os punhos dos lados de seus quadris. Perto. Tão perto que ele podia ver que sua pele parecia impecável e seus cílios eram até mais longos do que ele pensava. O cheiro dela chegou a ele, envolvente, laranja e canela.

— Você assustou o inferno fora de mim, —ele sussurrou sua raiva fervente na superfície de novo, desta vez misturada com uma bola de pura luxúria.



Ela tinha que recuar salvar a si mesma, fazer alguma coisa, qualquer coisa para ajudá-la a permanecer no controle. Ela não se afastou dele. O ar estava elétrico. Suas sombras permaneceram conectadas, aumentando sua consciência dela. De cada respiração que dava. O comprimento dos cílios. Seus lábios se separaram, uma curva suave na boca, a ponta da sua língua, as maçãs do rosto altas e a linha vulnerável de sua mandíbula.

Ele queria saboreá-la mais do que queria respirar. Ele percebeu que não era um desejo era mais como uma necessidade.

Ele congelou seu rosto a polegadas do dela, impondo a vontade de ferro a si mesmo. Nunca, em qualquer momento da sua vida, ele perdeu o controle, não até que a situação a envolvesse. Francesca Capello. Seu irmão teve que evitar que matasse o pedaço de merda Bart Tidwell. Aqui, estava ele, de pé sobre a parte superior dela, uma mulher que estava claramente com medo dele, prestes a beijá-la. Sua vida era controle. Onde diabos estava o tão famoso controle agora?

Os lábios de Francesca se esfregaram um contra o outro, um processo lento, sexy, um sedutor movimento que lhe roubou a capacidade de respirar. Ele não conseguia se lembrar de querer uma mulher do jeito que a queria. O cheiro dela o rodeou até que ele estava se afogando em um campo de canela e laranja. Cada respiração que ele levava a seus pulmões a levava também até que a sentiu dentro dele.

— Stefano.

Ele gemeu ao som de seu nome. Suave. Sensual. Cheio de desejo. Ela sentia, também, aquele terrível puxão provocado pela conexão de suas sombras. Provocada pela química entre eles. Ela não entendia e não havia medo em seus olhos. Medo e vontade. Parecia quase tão grande quanto a dele. Ela moveu seu corpo muito sutilmente em direção ao dele, o rosto levantou uma fração.

— Você assustou o inferno fora de mim, —ele repetiu muito mais suave desta vez.



Suas pestanas se agitaram. Longas. Lindas. — Eu sinto Muito. Eu não sabia.

— Você não deveria estar lá, Francesca. — Foi um esforço enorme permanecer imóvel, enquanto ele lutava por controle. Essa ia ser a maior luta de sua vida. Ele não podia se dar ao luxo de perder. Ele estava lutando pela vida dele. Pela vida de sua família.

Ela umedeceu os lábios que brilhavam convidativos. Tentando-o. Seduzindo-o mais. Ela sabia o que ela estava fazendo? Ele duvidava. Havia muita inocência no rosto. Muito medo em seus olhos.

Foi esse medo e inocência que lhe deram de volta o controle. Ele se endireitou, colocando-se fora de perigo. Ele deu um passo para trás, seu corpo duro, ereto e dolorido. A parte dele que não estava sob controle. Ele se afastou dela, cada passo difícil.

— Por que você não ficou com Joanna? — Manteve-se de costas para ela, enquanto servia bebidas alcoólicas nos copos. Ele não queria que ela visse a raiva tão perto da superfície. Raiva de sua amiga que lhe permitiria ficar em tais circunstâncias perigosas.

— Ela queria, mas eu achei que ela já tinha feito muito por mim. — A confissão foi baixa.

Ele virou a cabeça e olhou para ela por cima do ombro. Seu queixo foi para cima. Ela não estava derrotada, apenas assustada. — Então você se colocou deliberadamente em perigo por causa de seu *orgulho*?

Ela abriu a boca para protestar, mas fechou-a com a mesma rapidez. Confusão genuína deslizou sobre ela. — Eu não sei. Eu acho que foi exatamente isso que eu fiz. Eu não tinha percebido que Tidwell era tão filho da puta ...

A voz dela sumiu e ela olhou para longe dele, mais cor rastejando sob a pele. Ela olhou para suas mãos. — Eu sabia que ele era um idiota, mas nunca me ocorreu que ele fosse colocar câmeras nos apartamentos.



— Ou a fita sobre sua fechadura para que pudesse entrar quando quisesse e estuprar você? — Não havia como evitar a raiva de sua voz. Ele ainda queria sacudi-la. — Você não testou a porta para ter certeza de que estava travada. Você sabia que estava em uma situação perigosa e ainda assim você não tomou precauções.

Houve um longo silêncio. Que se estendeu entre eles. Ele sabia como usar o silêncio. Ele vivia em silêncio. Ele trabalhava em silêncio. Silêncio era uma vantagem porque exercia controle. Engoliu o Bourbon e deixou o fogo se acomodar em sua barriga, aquecendo-o quando ele não tinha percebido que estava tão frio.

— Eu não tenho nenhuma roupa. — O olhar dela voltou ao seu. Ela disse-lhe a mesma coisa no carro. Claramente ela estava preocupada com isso.

Ela parecia ... *vulnerável*. Perdida. Esse olhar puxou suas cordas do coração. Ele se voltou para ela e inclinou um quadril preguiçosamente contra a mesa.

— Isso não é um problema. Nós vamos arrumar roupas para você. Você tinha o dinheiro no casaco.

Cor varreu seu pescoço e seu rosto. Ele não tinha percebido que uma mulher poderia corar tanto.

— Eu não queria usar o seu dinheiro. Eu não sabia quando poderia devolvê-lo. — Ela limpou a garganta. — Não significa em geral. Eu tenho roupa, não aqui. Só não. — Ela colocou a ponta de seu polegar na boca e mordeu seu olhar não encontrou o dele, mas se estabeleceu em sua mandíbula.

— Eu vejo como isso poderia ser considerado um problema. — Humor penetrou em suas entranhas, aliviando alguns dos piores nós. — Eu já volto. — Ele a deixou, sabendo que ela poderia saltar para dentro do elevador e tentar escapar.



No quarto principal, ele selecionou uma de suas camisas favoritas. O material era suave e iria abraçar seu corpo com amor. Por causa da diferença em seus tamanhos, ela estaria suficientemente coberta, mas não podia fugir quando percebesse que ela não tinha um lugar para ir.

Quando ele voltou para a sala, seu olhar saltou para ele e, deslocou-se quando ele lhe entregou a camisa. Ela a pegou, e o movimento fez com que o saco de dormir caísse mais, se reunindo em torno de sua cintura. Ela vestia uma fina camiseta. Havia um buraco em seu ombro direito, o que lhe permitiu ter um vislumbre de sua pele macia.

Aquela pequena visão enviou outra onda de sangue correndo em suas veias.

Seus seios subiam e desciam por baixo do material. Ele podia ver o contorno de seus mamilos, a maneira como eles empurravam com força contra a restrição. Ela estava tão excitada quanto ele. Por um momento, ele não pôde respirar. Não pôde falar. Ele só pôde olhar para ela e saborear o momento, sabendo que ela pertencia a ele.

— Isso vai servir até lhe arrumarmos algumas roupas.

— Eu não posso ficar aqui. —Ela declarou, obviamente, tendo se apumado no curto espaço de tempo em que ele se ausentou.

— Só por essa noite. Tenho vários quartos, e você estará segura. Se você está preocupada, pode colocar uma cadeira sob a maçaneta da porta. —Não que isso fosse mantê-lo fora, mas ele não ia dizer a ela ainda. — Você pode ter uma boa noite de sono e resolveremos os problemas na parte da manhã.

Ela respirou fundo e sem perceber que estava fazendo isso, esfregou o tecido de sua camisa contra sua bochecha. Ele reconheceu como um gesto nervoso, mas para ele foi significativo. Ela não percebeu, mas já estava se virando para ele por segurança.

— Eu não vejo como esta situação pode ser resolvida, —disse Francesca.
— Eu não posso voltar para lá, mas não posso pagar qualquer outra coisa.



— Uma situação sempre pode ser resolvida. Você não vai voltar lá e nós vamos descobrir como de manhã. Vou dar-lhe um par de minutos para sair do saco de dormir e entrar na minha camisa.

Ele permitiu um traço de diversão em sua voz. Ela recompensou-o com um leve sorriso.

— Eu não sei, Stefano. Este saco de dormir é muito chique. A última moda.

— Eu admito, em você, parece muito bom, mas eu não acho que você pode andar por aí—ou correr de mim como você preferiria.

Seu sorriso se alargou. Alcançou seus olhos. Acendeu-os até que eles brilhavam como pedras preciosas. — Eu acho que estou tão exausta que eu vou encostar meus tênis de corrida esta noite. —O sorriso desapareceu. — Honestamente, Stefano, obrigado por me resgatar.

Seu intestino apertou calorosamente. — Você é muito bem-vinda. Faça-me um favor e da próxima vez me dê o benefício da dúvida.

— Então você acha que haverá uma próxima vez?

— Sem dúvida. —Seu telefone tocou e ele olhou para a tela para identificar o chamado. — Você vai me desculpar por um momento ... —Ele virou as costas para Francesca e foi para a porta. — *Conte-me, Vittorio.* —Ele ouviu a explicação que Joanna tinha dado a seu irmão e raiva começou a girar como uma escura sombra assassina em sua barriga.

— *Isso não é bom o suficiente. Você diga a Joanna que essa desculpa é besteira. No minuto em que ela soube que Francesca estava vivendo naquela construção e não ouvia a razão, ela deveria ter vindo a mim. Eu não dou a mínima se eu a intimido. Ela poderia ter ido a você ou Giovanni.* —ele assobiou. — *Ela poderia ter pedido a seu tio para ligar para nós. O que ela fez foi totalmente inaceitável.*

Ele olhou por cima do ombro, sentindo os olhos de Francesca nele. Ela se arrastou para fora do saco e puxou a camiseta sobre a cabeça, jogando-a



de lado no sofá. Ela vestiu sua camisa rapidamente, dando-lhe um vislumbre de pele nua e curvas completas. A necessidade bateu nele, apesar da raiva. Urgente, quente e decididamente desconfortável. Ele observou-a fechar os botões, um por um. Ele não tirou os olhos da visão e ela não olhou para longe dele. Nem uma única vez.

— *Eu tenho que ir, Vittorio. Por favor, certifique-se de que ela entenda que Francesca nunca poderá estar nesse tipo de perigo novamente. Eu vou responsabilizá-la, e ela não vai querer isso.* — Ele fechou o telefone e empurrou-o no bolso.

Francesca engoliu em seco. — Você está com raiva de Joanna por algum motivo?

— Sim. — Sua voz foi dura. Abrupta. Era o melhor que podia fazer porque ele ainda queria arrastar Joanna de sua cama segura e assustá-la até a morte.

— Por quê?

Ela caminhou para mais perto dele em seus pés descalços. Ela tinha pequenos pés e pernas bem torneadas. A barra de sua camisa chegava apenas na metade de suas coxas. A camisa a envolvia, mas ela parecia sexy e sedutora, como se ela estivesse embrulhada como um presente para o seu quarto.

Ele permitiu que seu olhar vagasse possessivamente sobre seu corpo antes de voltar para seu rosto, rosto que ele achava tão bonito. — Francesca, você vive em território Ferraro, o que a faz minha responsabilidade. Você não tem que compreendê-lo, simplesmente aceitar que o que estou dizendo é a verdade. Minha família olha pelo povo daqui. Levamos sua segurança e bem-estar a sério. Se alguma coisa tivesse acontecido com você, teria tido consequências de longo alcance.

Ela balançou a cabeça lentamente, a almofada de seu polegar deslizando entre os dentes. Ela o mordeu agitada. O pau dele estremeceu em reação.



— O que isso tem a ver com Joanna? — Ela parou a alguns centímetros dele.

— Joanna viveu em nosso território toda a sua vida. Ela está segura e ela conta com sentir-se segura. Ela sabia que não devia permitir que você vivesse naquele buraco de merda.

Ela estremeceu com a sua língua, fazendo-o consciente disso. Ele não era um homem suave. Ele nunca tinha sido e certamente não media palavras.

— Joanna não tem uma palavra a dizer no que faço. Ela se opôs, mas eu não quis seu dinheiro. Ela me emprestou o dinheiro para a passagem de ônibus até aqui. Ela não tem sido nada, além de boa para mim. Ela não me virou as costas mesmo quando isso significava que estava prejudicando a si mesma. Eu não conseguiria tirar mais nada dela.

Houve um longo silêncio e seu olhar deslizou para longe quando ela percebeu exatamente o que havia revelado a ele. Então, havia um problema, algo grande que fez seus outros amigos e, eventualmente, a família virar as costas para ela. Joanna não. Ele poderia ser grato por isso.

— O que aconteceu que os outros viraram as costas para você? — Ele fez um esforço consciente para amenizar seu tom.

Seu queixo subiu. Ela endireitou os ombros. — Nada sério. Contei-lhe por que você iria responsabilizar Joanna por minhas ações. Ela não podia me forçar a fazer o que ela queria.

— Ela deveria ter vindo a mim. — Seu tom dizia tudo e sabia que ela entendeu a mensagem. Joanna podia não ser capaz de forçá-la, mas ele podia. Ele manteve seu olhar no dela, não permitindo que ela desviasse o olhar novamente. Querendo que ela visse que ele estava falando sério.

— Você não é responsável por mim.

Ele encolheu os ombros. — Você está dizendo que não se sente diferente.



— Stefano, eu tenho que perguntar isso, e não quero que você fique com raiva de mim. É só que você é muito assustador às vezes e eu não entendo o que está acontecendo aqui.

— O que está acontecendo aqui é que eu estou atraído por você. Afora isso, você pertence ao meu território. Que significa que eu vou protegê-la, você goste e ou não, e você nem sempre estará confortável com a forma que eu use para protegê-la.

— Você é da máfia? Faz parte do crime organizado?

Ele manteve os olhos nos dela, recusando-se a permitir que ela desviasse o olhar. Se ela teve a audácia de perguntar isso, ela deveria ter a coragem de olhar nos olhos dele enquanto o fazia.

— Será que importa para você o que eu faço?

— Claro que faz. Eu não gosto da ideia de alguém que venda drogas ou armas, alguém que faça algo tão deplorável, protegendo-me.

— Posso lhe assegurar que eu não vendo drogas, nem qualquer membro de minha família. Nós não passamos armas, também.

Ele viu o alívio no rosto. Ela empurrou em seu cabelo e enviou-lhe um sorriso hesitante. — Eu acho que vou para a cama. Foi um longo dia e eu preciso dormir antes de descobrir o que eu vou fazer amanhã.

Ele indicou para que ela o seguisse. Ele não tinha mentido para ela. Nenhum membro de sua família nem mesmo considerou a venda de drogas ou armas. Isso não queria dizer que nunca trabalharam com a escória que fazia aquelas coisas. Ele abriu a porta a um de seus quartos de hóspedes. — Este tem um banheiro privado. Eu estou ao lado, se você precisar de alguma coisa. Caso contrário, doces sonhos, bebê. Não se esqueça da cadeira sob a maçaneta da porta.



Capítulo Oito

Francesca puxou as cobertas até o queixo, aconchegando-se entre os lençóis luxuosos. O colchão era puro céu. Os lençóis ainda melhor. Dormir na rua, em um abrigo, ou no chão em um saco de dormir não era propício para uma boa noite de sono. Pior, como regra, ela tinha medo de fechar os olhos, mas essa cama era pura felicidade. O quarto era enorme, muito maior do que todo o apartamento que tinha alugado. Ela estremeceu, tentando não pensar sobre Bart Tidwell olhando para ela enquanto ela tomava banho. Era uma total violação.

Ela olhou ao redor do quarto decorado com bom gosto e desejou que pudesse ficar. Pela primeira vez em três anos ela se sentia segura. Ela sabia que era por causa de Stefano Ferraro. Ela não tinha ideia do por que ele a fazia se sentir segura quando ela sabia absolutamente que ele era um homem perigoso, mas ele fazia. Ela gostaria de poder ficar ali, naquele quarto maravilhoso, na cama melhor ainda, e se sentindo protegida e cuidada.

Ela colocou seu punho na boca, fechando os olhos, profundamente envergonhada de ter lhe perguntado se ele era membro do crime organizado. Ele tinha sido bom para ela, ela não podia negar isso. Ele poderia usar uma linguagem crua, mas tinha sido decente, e ela o tinha recompensado com falsas acusações. Ela tinha perdido a fé em todo mundo. Em tudo. No sistema de justiça. Seus antigos amigos. Seu ex-chefe.

Havia apenas Joanna, e agora ela tinha ficado em apuros por sua própria teimosia e orgulho. Se ela fosse totalmente honesta, não queria dever a Joanna nada mais, porque ela não podia suportar se machucar novamente. Ela não queria confiar em mais do que tinha, e isso era uma coisa muito triste de se admitir sobre si mesma. Joanna tinha provado ser uma boa amiga. Uma amiga melhor para ela do que ela era Joanna.



Ela sentia-se à deriva. Tentando não pensar sobre Stefano ou o seu lindo, muito quente, super maravilhoso olhar masculino. Ela secretamente gostava que ele fosse mandão. Isso a fazia sentir como se ele realmente pudesse protegê-la de qualquer coisa, embora soubesse mais. A realidade era muito diferente dos devaneios.

Que mulher em seu juízo perfeito não iria fantasiar sobre Stefano? Ela poderia dar isso a si mesma. Ele era rico, bonito, confiante, tudo que uma mulher poderia desejar em um homem. Ela sabia que ele não era para ela, por isso não era uma boa ideia fantasiar sobre ele, enquanto adormecia, especialmente quando estava em sua casa, em sua cama.

Ela permitiu que seus olhos se fechassem e conjurou uma imagem de sua amada irmã, Cella. Ela era nove anos mais velha e na mente de Francesca, absolutamente belíssima. Esse tinha sido o problema. Cella era tão bonita que podia parar o trânsito. Era impossível não notá-la. Notá-la levou a tentação. Tentação levou ao assassinato.

O sorriso de Cella, quando olhou para Francesca, vacilou. Ela abriu a boca para dizer alguma coisa. Para chamar. Gritar. Ela estendeu a mão para Francesca, olhando assustada. Aterrorizada. Suplicante. Francesca estendeu a mão para ela, tentando se conectar, tentando segurar, manter sua irmã com ela. Sangue respingava no rosto de Cella. Embaixo de seu corpo. Ela estava nua, suas roupas rasgadas. Havia hematomas na pele dela, e cinco perfurações em seu corpo. Cada ferida pingava sangue. Um jorrava como uma fonte.

Francesca caiu de joelhos ao lado da irmã e tentou cobrir o spray com ambas as mãos, pressionando profundo, soluçando, chamando o nome de sua irmã, implorando-lhe para ficar. Para não deixá-la sozinha. O telefone dela estava escorregadio quando ligou para o 911, e caiu duas vezes, enquanto fazia a ligação, o sangue de Cella em cima dela. Cella tossiu, jorrando sangue. Ele borbulhava ao redor de sua boca. Seus olhos se arregalaram quando ela olhou para Francesca. Uma mão estendeu para ela. Ela tossiu. Sangue borbulhava. Em seguida, a cabeça virou e só os olhos a fitavam. Sem vida.



Francesca gritou: — Não! Não Cella, não me deixe. Você não pode me deixar. —A angústia era crua e terrível, rasgando seu coração. Seus gritos rasgaram sua garganta. Ela ergueu seu olhar horrorizado e triste para olhar para o homem emoldurado na porta.

Ele zombou dela. — Ninguém vai acreditar em você, Francesca. É melhor você fazer o que eu digo ou você vai encontrar-se em apuros. Você pode terminar isso a qualquer momento.

Ela lançou-se sobre ele, tentando levá-lo para o chão, pensando que poderia segurá-lo lá até que o polícia chegasse. Ela estava chorando e as lágrimas quase a cegavam. Ela não podia vê-lo claramente.

— Acorde *bambina*. —ordenou uma voz masculina. Era um comando. Nada menos. — Abra seus olhos. Olhe para mim.

Ela lutou duro tentando socar e chutar. Seus olhos estavam abertos. Ele estava lá. Observando-a. Ele estava sempre olhando para ela. Rindo quando a polícia rejeitou suas alegações, ignorou todas as provas porque era ele. Ele avisara a Cella. E então ele a matou. Agora ele a estava advertindo.

— Francesca. Abra. Seus. Olhos. Olhe. Para. Mim.

Seus pulsos estavam presos ao colchão em ambos os lados de sua cabeça. Ele era forte. Muito forte. Não havia nenhuma maneira de se libertar. Um soluço escapou. Pânico a sufocou. Se o fizesse, se ela abrisse os olhos e fosse ele ...

— *Dolce cuore*. Você está me matando. Olhe para mim.

Desta vez, a voz foi suave. Suave. O tom encontrou um caminho através do medo tão profundo em sua garganta. Em sua barriga. Ele segurou-lhe os pulsos com uma mão, mas ele trouxe seu corpo apertado contra o dele, segurando-a. Sua outra mão apertou o rosto em seu peito sólido. Ela inalou e sentiu um cheiro familiar em seus pulmões. Seu corpo o reconheceu antes dela. *Stefano*. Ela adorava o perfume masculino picante que parecia infiltrar-se em seu corpo através de seus poros.



Ela se apertou mais nele, e ele soltou seus pulsos para deslizar seu braço ao redor dela para trancá-la com ele. — Essa é minha garota. Relaxe. Você está segura. — Seus dedos mergulharam fundo em seu cabelo, massageando o couro cabeludo. Ela nunca se sentiu tão segura e o pânico começou a diminuir lentamente.

Francesca percebeu que estava chorando. Ela ouviu os soluços macios primeiro. Abafados. Um pouco selvagens. Stefano murmurou para ela em italiano. Ela entendeu algumas das palavras. Não muitas, porque seus pais falavam a língua em sua casa e ela os perdeu muito cedo. Uma vez que eles se foram, Cella falava principalmente Inglês. Às vezes era ... *Bella. Cara. Carissima*. Ela poderia ter jurado que ele beijou seus cabelos.

— *Bambina* você tem que parar de chorar. Tome um fôlego e fale comigo. Foi um pesadelo. Você está aqui comigo. Segura. Nada pode encontrar você aqui.

— Ele pode. — disse ela, o pânico brotando novamente. Sufocando-a. — Ele vai te machucar. Vai machucar a Joanna. Ele dirá coisas terríveis e eu vou perder meu emprego. Eu tenho que ...

Sua mão encontrou seu queixo, erguendo seu rosto de seu peito. Ele inclinou o rosto para ela. Perto.

— Olhe para mim, *Bella*. Eu não sou um homem com quem os outros fodam. Nunca. Você está aqui. Comigo. Isso significa que você está segura. — Havia uma ponta de raiva em sua voz.

Queria sorrir e o medo e o pânico sufocantes se afastaram ainda mais. Ela forçou os cílios a cooperar. No momento em que ela abriu os olhos, ele estava lá. Stefano. Seu rosto estava próximo. Essa mandíbula dura. A beleza masculina. Os olhos dele. A confiança arrogante e a aura de perigo se agarravam a ele. Estava tudo lá. Ela se sentia mais protegida do que sentira por anos. Queria ficar onde estava perto dele. Sentindo como ele era sólido. Todo músculo. Ele tinha um núcleo de aço. Na verdade, ele era o primeiro e único homem que acreditava ser capaz de mantê-la segura.



Não era justo para ele. Permanecer com ele, sabendo que ele sentia que tinha que defender a todos ao seu redor, estava errado. Devia encontrar a força para ir embora, para não o pôr em perigo, mas não havia para onde ir. Ela não tinha dinheiro. Ela não tinha nada.

— Desculpa, —ela sussurrou. Odiando-se. Sabendo que ela iria lhe dar esse fardo. O perigo. Porque ela não podia mais fazer isso sozinha. Ela não estava vivendo. Ela estava existindo. Cada segundo, todos os dias, ela vivia apavorada. Só se podia viver aterrorizada por um tempo. Não apenas terror. Raiva. Culpa.

Stefano Ferraro era uma complicação inesperada. Ou salvadora. Ela tinha uma química com ele, intensa e assustadora, mas estava lá e ela nunca tinha sentido isso antes. Não gostava disso. Ele disse que estava atraído por ela. Isto era óbvio fisicamente, ele estava. Ela sabia que se deixasse algo acontecer entre eles, ele seria mandão e controlador. Ela não acreditava em relacionamentos onde uma pessoa precisava, e ainda assim ela estava. Ela era exatamente essa pessoa, mas aquela não era a verdadeira. Foram as circunstâncias.

— Você está de volta comigo. —Alívio tingiu sua voz. Seus braços deslizaram ao redor dela novamente e ele a abraçou, sua orelha sobre a batida constante do coração dele. Uma mão acariciou seu cabelo. — Você tem pesadelos frequentemente?

Ela tinha que lhe dar a verdade se ela iria lhe dar o pior dela. — Sim. O tempo todo. Eu não durmo mais do que algumas horas por noite, porque eles vêm frequentemente. Sempre que fecho os meus olhos.

Ela não levantou a cabeça. Ela não podia olhar para ele enquanto lhe contasse, porque a culpa iria dominá-la. Ela sabia como um homem como Stefano reagiria a sua história. Ele perguntou, mas ainda assim, ela sabia que ele era maníaco por proteção. Se ele estivesse realmente interessado nela como mulher, ele seria ainda mais.

— Eu sonho com Cella e o assassinato. Quase todas as noites. De novo e de novo.



Houve silêncio enquanto sua mão se movia em seu cabelo. Ela queria olhar para ele, mas não podia obrigar-se a fazê-lo. Ainda não. Não quando ela estava jogando-o no poço onde seus demônios viviam. Ela não sabia quando tinha acontecido. Talvez quando ele estava tão irritado com os DVDs que entregou a ela. O tom em sua voz, sua aversão a que qualquer homem pudesse agir dessa forma com uma mulher, por um breve momento ela deixou a guarda baixar e ele entrou.

Seu casaco. A amargura de sua vida. O dinheiro. A maneira como ele tinha falado com o menino. Bagunçado seu cabelo. Doce. A mulher mais velha, Theresa Vitale, que tinha chorado e ele se moveu para abraçá-la. A maneira como falou sobre as pessoas em sua vizinhança. Havia um genuíno carinho lá. Ali para ela quando ela nunca o tinha visto ou sabido dele. Ele tinha encontrado uma rachadura em sua armadura e deslizou direto de modo que ela confiava nele quando ela mal o conhecia. Quando ela não confiava em ninguém.

— Sinto muito, *dolce cuore*. Quando isso aconteceu?

Ela não podia acreditar que ele podia soar tão gentil. Stefano não parecia um homem gentil, mas ele tinha sido com Tonio, o menino, e Theresa Vitale, a mulher mais velha. Mesmo com Lucia e Amo Fausti.

Ela umedeceu os lábios e se forçou a olhar para cima, em seus penetrantes olhos azuis.

— Um ano atrás. Quase 18 meses.

— Ontem. —ele murmurou, ainda acariciando seus cabelos. — Eu sinto muito.

Ela assentiu, piscando para mais lágrimas. As consequências de um pesadelo sempre a deixava torcida e exausta emocionalmente mas bem acordada, com medo de voltar a dormir.

— Será que eles o pegaram?

Ela endureceu. Ela não podia ajudar a si mesma. O olhar dela começou a se afastar dele, mas ele pegou seu queixo em um aperto inquebrável.



— Responda-me, Francesca. A verdade.

— Alguém confessou. — Isso era estritamente a verdade. — Ele não foi para a prisão porque estava doente em fase terminal. Ele morreu há seis meses.

— Mas, — ele persuadiu gentilmente, — você não acredita que ele fosse culpado.

Ela respirou, desejando que pudesse tirar o olhar do dele, mas era como estivesse mantida em cativeiro. Ela estava acorrentada a ele, corpo e alma, e ela não tinha ideia de como, à luz tênue da janela aberta, tinha acontecido. Havia sombras por toda a sala. Sua sombra se fundia com a dele na parede. Era como se sentia quando estava perto dele como agora. Mesclada. Conectada. Uma pele, em vez de duas. Envolvida em algemas, como se ambos estivessem irrevogavelmente amarrados.

— Não. Não foi ele. Eu cheguei em seguida e o vi. Eu o conhecia. Ele falou comigo. Zombou de mim.

Seus olhos azuis escureceram como aço puro. — Ele ameaçou você?

Ela balançou a cabeça lentamente. — Eu disse a polícia, mas eles não acreditaram em mim. Ele tirou o meu trabalho e minha casa e tudo que eu tinha. Duas vezes no meio da noite, ele veio com alguns outros e dilacerou meu apartamento. Danificaram as paredes, arrancaram o vaso sanitário, quebraram coisas, colocaram arranhões horríveis no chão ... — Ela quebrou sua mão indo para a garganta porque ela temia que fosse sufocar até a morte com o grande carço bloqueando suas vias respiratórias. — Ele poderia fazer isso aqui, — acrescentou em uma voz baixa, ofegante.

— Respire, Francesca. Olhe a sua volta. Possuo este hotel. Há segurança aqui. Estou aqui. Ele não pode chegar até você e nem seus amigos.

Ela puxou o ar e levou o cheiro dele profundamente a seus pulmões. O pesadelo estava começando a desaparecer. E com clareza veio o horror do que ela estava fazendo. Ela não era o tipo de mulher que manipulava alguém a fazer algo perigoso, por ela, como ela sabia que Stefano faria para protegê-



la de homens como o que havia assassinado sua irmã. Era uma coisa desprezível para fazer, e não importava quão terrível as circunstâncias, ela não tinha o direito de arrastar qualquer outra pessoa para seu pesadelo pessoal.

Ela tentou desviar sutilmente, puxar para trás, dar-se uma oportunidade para repensar o que estava fazendo. O braço dele, trancado em suas costas, segurou-a no lugar.

— Stefano, ele pode com qualquer um. Ele tem dinheiro. Poder. Políticos e policiais no bolso. Ele almoça regularmente com o governador da Califórnia e o procurador do distrito local. Ele joga golfe com um senador. Ele vive em seu ... —Ela parou de falar, seu olhar deslizando do seu. — *Circulo*, —ela terminou sem jeito.

— O nome dele.

Ela hesitou. Isso era o que ela queria, mas não estava certo. Ela teria que ser uma pessoa terrível para envolvê-lo mais do que já tinha. — Stefano, eu sinto muito. Eu realmente não deveria nem mesmo estar falando sobre isso, especialmente para você. —Ela não podia olhar para ele. Vergonha queimava por ela. — Eu não posso imaginar a sua vida, a maneira que você tem que viver, sempre achando que tem que proteger e cuidar de todos ao seu redor. Você torna fácil jogar a sobrecarga em você. Você não protesta. Você não pede espaço. Você assume o controle e ninguém tem que se preocupar só você.

O polegar e o dedo seguraram seu queixo, levantando o rosto para ela mais uma vez. Não tinha escolha a não ser olhar em seus olhos. — *Bambina*, eu sou esse homem. Não me faça parecer um santo, porque eu não sou. Você não vai achar fácil viver comigo, e garanto Francesca, vamos viver juntos. Eu soube no momento em que coloquei os olhos em você que eu a queria. Você pode jogar esses encargos para mim, e nunca terá que se preocupar. Com isso, surge o preço de pertencer a mim. Acima de tudo, quero você segura. Então me diga o nome.



Sua respiração ficou presa nos pulmões com essa declaração. A ideia de que pertencia a ele era ao mesmo tempo terrível e estimulante. Ela não conseguia desviar o olhar de seus olhos. Ela tinha acabado de conhecê-lo ainda assim sentia que o tinha conhecido desde sempre. Ela sabia que ele era perigoso, possivelmente mais perigoso do que Barry Anthon, mas ainda assim, a conexão entre eles era tão forte, que ela não podia imaginar não tê-lo em sua vida de alguma maneira.

— Eu acho que eu te manipulei até este ponto. Eu não comecei desse jeito, e então eu fiz, e agora eu ... —Ela parou quando seus olhos brilharam. — Stefano, você pode ser assustador.

— Diga. O. Nome. Dele. —Ele cuspiu cada palavra separadamente. Enunciou-as. Tornando-as um comando.

— Barry Anthon. —Ela deixou escapar o nome, e depois ficou chocada que tinha.

Houve um pequeno silêncio. Ela sabia que ele reconheceria o nome. Como não poderia? Quando ela disse que ele corria nos mesmos círculos, ela quis dizer isso. Anthon tinha sua própria equipe de corrida, assim como a família Ferraro.

O silêncio se estendeu, e sua barriga deu um nó. Seus dedos se fecharam em sua camiseta fina, juntando o material. Claro. Ela deveria saber. Por que ele iria acreditar sobre a polícia? Sobre Anthon? Ela tinha ficado tão embaçada ao sair do pesadelo e sentindo tão culpada por envolvê-lo que não tinha parado para pensar sobre se ele iria ou não acreditar nela. Como era estúpida. Ninguém mais tinha acreditado. Nem os proprietários que a expulsaram dos apartamentos que tinha alugado e, supostamente, estragado. Não o chefe para quem tinha trabalhado desde a sua adolescência. Não a polícia que a prendeu por destruição de propriedade. Não os juízes ou até mesmo os advogados que a defenderam. Ninguém acreditou sobre o assassinato de Cella.

Ela se esforçou para se afastar dele, contra a barra dura de seu braço, suas mãos espalmadas no peito dele para empurrá-lo.



— Sossegue. —ele ordenou suavemente, seus olhos sobre ela, mas ele estava claramente em outro lugar. —Barry Anthon o terceiro, eu presumo. Ele tem uma pequena reputação com as mulheres.

Assim como os irmãos Ferraro. Ela tinha lido tudo sobre eles nas revistas que Joanna lhe dera. Ela não disse uma palavra. Ele teria que libertá-la em algum momento, e então ela iria encontrar uma maneira de sair. Ela poderia ficar na rua com Dina. O pensamento a fez sentir um pouco histérica. Ela tinha feito isso e tinha sido horrível, pior do que horrível.

— Eu preciso lavar o meu rosto. —Ela precisava de distância. Ela tinha que colocar tudo em perspectiva, e ela não podia fazer isso quando ele estava tão perto dela.

Seu olhar procurou a dela por um longo tempo. Ela sentiu como se ele visse dentro dela, viu seus mais profundos segredos, sua vergonha o envolvendo, seu medo de que, como todos os outros, ele não acreditasse que um homem como Anthon tinha sistematicamente destruído toda sua vida até que ela não tinha nada. Nenhum lar. Nenhum amigo. Sem dinheiro. Sem forma de conseguir um emprego. Ela esmagou o soluço que brotava. Stefano correu a ponta do polegar pelo rosto dela, traçando sua alta maçã do rosto e fazendo o seu caminho lentamente até seus lábios. Ele esfregou o polegar ao longo de seu lábio inferior, seus olhos escurecendo até que sua respiração ficou presa nos pulmões. Um pulsar estranho começou profundamente em seu interior, baixo e insistente.

— Eu vou fazer um chocolate quente. Se eu não tiver nenhum, eu ligo para a cozinha.

— É muito tarde para serviço de quarto, —ressaltou.

Ele balançou sua cabeça. — Que parte do 'Eu possuo o hotel' você não entendeu? Eu chamo, eles me dão o que eu quero, mesmo que tenham que ir comprar.

— Você está estragado, Stefano.

— Acho que eu estou, —ele concordou. — Não demore muito.



Ele deslizou para fora da cama, em um movimento fluido que era toda graça e poder. Ele estava vestido com uma fina calça de moletom que ela estava certa de que ele não usava na cama. Ele colocou uma camiseta apertada, e parecia tão bem quanto em seus ternos de três peças, embora a aparência fosse totalmente casual.

Francesca o viu caminhar para fora da sala, fascinada pela maneira como ele se movia. Ela podia olhá-lo por horas. Ouvir o som de sua voz. Mesmo quando ele estava totalmente irritado e a assustava muito, ela gostava, mas quando ele estava sendo gentil, sua voz era como a mais suave das carícias sobre a pele dela. Stefano era maior que a vida e ele dominava um quarto, bem como todos nele. Quando ele saiu, levou o calor com ele.

Ela estremeceu e colocou os braços ao seu redor, balançando suavemente para acalmar-se. Ele era letal às mulheres de uma forma que um homem como Barry Anthon, com toda a sua riqueza, nunca poderia ser. Stefano podia rosnar, ele podia até maltratar uma mulher, mas nunca iria machucá-la. Nunca. Ela sabia instintivamente, como se estivesse escrito em pedra em algum lugar.

Ela forçou suas pernas rígidas a se endireitar para que pudesse ir até a borda da cama. Depois de seus pesadelos, seu corpo sempre ficava dolorido, como se ela fizesse uma corrida árdua, ou entrado em uma briga física e perdido. Ela fez algo muito errado, manipulando um bom homem para se sentir responsável por ela e, em seguida, deixando escapar o nome de um de seus colegas. Como incrivelmente estúpido era isso? Ela tinha vergonha de si mesma e raiva, também. Ela sabia mais. Ela era uma pessoa melhor do que isso. Se Cella estivesse viva, teria vergonha dela.

Descalça, ela caminhou para o banheiro reluzente. Era maior do que a cozinha e quarto combinados de seu pequeno apartamento. A banheira parecia convidativa, e ela olhou para ela ansiosamente enquanto apenas ficava ali, tentando decidir o que fazer. Stefano provavelmente estava ligando para Anthon naquele momento. Como ela poderia ter sido tão descuidada? Mesmo Joanna não sabia todos os detalhes, mas Francesca tinha sido tão egoísta dizendo a Stefano a verdade, necessitando se sentir segura, querendo



ficar no território Ferraro porque ela gostava do bairro e, secretamente, estava tão atraída por ele. Seria seu direito se ele estivesse falando com Barry naquele momento.

— Francesca, comece a se mexer.

Ele parecia impaciente. Mandão. Assim como ele. — *Mantenha sua calcinha*²⁶, —ela respondeu, sorrindo para a som exasperado de sua voz. No minuto que a resposta saiu, ela colocou a mão sobre a boca. Ela não tinha necessidade de deixá-lo irritado com sua boca-grande, ou pior, fazê-lo pensar que ela estava flertando. Ele poderia dizer que estava atraído, e ela definitivamente estava, mas ele não era o tipo de homem para uma mulher como ela, sob quaisquer circunstâncias, e muito menos a que ela se via.

Agora, ela era a donzela em perigo e ele o cavaleiro branco cavalgando para o resgate. Ela até ajudou manipulando-o a pensar que era apenas isso. Até que ela tinha revelado o nome de seu inimigo.

Ela prometeu reconstruir sua vida e encontrar uma maneira de derrubar Barry Anthon. Ela. Não alguém. Agora que ela estava pensando claramente novamente, ela não iria empurrar sua luta para qualquer outra pessoa. Também era perigoso. Em qualquer caso, as chances de que Stefano Ferraro e Barry Anthon serem amigos eram extremamente altas.

Ela puxou o cabelo para trás, trançando-o e, sem um prendedor de cabelo, apenas esperava que segurasse tempo suficiente para lavar o rosto. O sabão era em gel e cheirava como o céu. Ao lado do gel estava um hidratante e ela usou-o.

Quando ela saiu do banheiro, Stefano estava bem ali, encostado preguiçosamente contra a parede no corredor em frente a porta. — Você acabou de me dizer para manter minha calcinha? — Sua voz estava muito baixa. Quieta.

²⁶ Uma expressão usada principalmente no sul dos EUA para dizer a alguém que está agindo com impaciência para se acalmar



Seu coração gaguejou. — Talvez eu tenha. Isso depende, —ela disse.

— *Hummm*. —Ele se endireitou em um de seus poderosos, movimentos controlados, fluidos que poderia roubar o ar de uma mulher pelo próximo século, e estendeu a mão. — Eu acho que você está se sentindo melhor. Você me respondeu. Pessoas não respondem para mim, Francesca. Não. Nunca.

— Não? —Ela tentou parecer inocente, olhando primeiro para o rosto dele e, em seguida, para a mão. Não conseguindo ler sua expressão, ela deslizou a mão na dele. Imediatamente os dedos se fecharam em torno dela. Calorosos. Apertados. Juntos. Ele deu um pequeno puxão e começou a descer o corredor com ela. — Nem mesmo sua irmã?

— Não. Nem mesmo minha mãe.

— Por que não? Acho que insolência é exatamente o que você precisa. Eu acho que, partindo de observações, você tende a ter tudo o que quer. — Seu coração batia muito rápido. Ela não sabia por que ele estava brincando com ela, mas era melhor do que tê-lo jogando-a na rua. Muito melhor. Ainda assim, não era verdade que ele tinha tudo o que queria. Ele não queria deixar a pizzaria. Ele estava aproveitando a jantar com ela, mas ele partiu por Theresa Vitale. Ela supôs que ele era arrastado muitas vezes de coisas que queria para que pudesse ajudar os outros.

— Eu preciso de obediência imediata, —disse ele.

Ele sorriu para ela e seu coração quase parou. Ela descobriu que era impossível respirar. Ele tinha o mais sexy o sorriso que ela já tinha visto em sua vida. Ele poderia ter praticamente qualquer coisa dela com aquele sorriso. Olhando para ele, ela quase parou de se mover, porque não conseguia se lembrar de como andar. Seu cérebro entrou em curto-circuito. Ela concentrou-se em colocar um pé na frente do outro e seguiu-o até uma cozinha muito espaçosa.

Francesca olhou ao seu redor. — Você vive em um hotel. Por que você precisa de uma cozinha como esta? —Tocou o fogão com os dedos reverentes. — Isto é uma obra de arte. Eu poderia fazer coisas nesta cozinha.



— Você cozinha? — Ele soltou a mão e indicou o banco de espaldar alto de couro no bar.

Francesca assentiu enquanto subia no banquinho. — Eu amo cozinhar. Enquanto eu crescia, Cella trabalhava e eu tinha que cuidar da casa. Eu passei uma grande parte do tempo assistindo canais de cozinha e experimentando receitas até que compreendi a arte de cozinhar e é uma arte se você ama, o que eu faço. Mesmo depois que eu tive idade suficiente para trabalhar, eu continuei a cozinhar.

— Eu nunca cozinhei, — admitiu. — Não algo que não estivesse embalado, e que tivesse um gosto bom.

— Ao crescer, você não aprendeu? Você e seus irmãos achavam que era trabalho de mulher? Alguns dos melhores *chefs* do mundo são homens. — Ela estava um pouco desapontada dele poder pensar dessa forma. Não iria surpreendê-la, no entanto.

— Meus irmãos e minha irmã estavam muito ocupados em aprender outras coisas que eram consideradas *necessárias* pela família. Nós não tivemos muita infância, e certamente não fomos incentivados a aprender a cozinhar. Embora, diga que Taviano é um excelente chef, mas ele aprendeu na Europa, certamente não com nossa mãe.

— Outras coisas? — Agora ela estava curiosa. Ela não podia dizer pelo seu tom estritamente neutro, se ele foi ou não totalmente feliz em sua infância.

Serviu de chocolate de uma panela no fogão, acrescentou chantilly de uma lata e colocou a vaporosa caneca de chocolate na frente dela. — Nós começamos a treinar desde que éramos crianças. Línguas, artes, artes marciais, boxe, luta livre, jiu-jitsu, todos os tipos de armas, andar a cavalo, eventualmente, habilidades de condução e é claro que era esperado que nos destacássemos em todas as matérias nas escolas particulares que frequentávamos. Era o primeiro da classe ou estávamos em apuros.

Ela não sabia o que dizer sobre isso. Sua revelação era inesperada. Ele não parecia ter muita infância para ela, e ela teve de reavaliar, mais uma vez



o que pensava. Ele podia ter todo o dinheiro do mundo, mas sua infância tinha sido apenas isso: uma infância.

— Você pensou que passamos todo o nosso tempo jogando polo e com carros de corrida?

— Perseguindo mulheres, —ela corrigiu, tentando fazer uma piada.

Seu olhar saltou para o rosto dela. Ela respirou. Ela tinha que perguntar. Os músculos de seu estômago estavam amarrados em nós e ela sabia que estava a um passo de pânico. — Você ligou para ele? Barry Anthon?

Suas mãos se apertaram em torno do calor da caneca, levantando-a, mas não tomou a bebida. — Você ligou para ele e disse que eu estava aqui?

O olhar dele vagou sobre sua face. — Você não pensa muito de mim, não é?

Ela se acalmou; seu coração empurrou duro. Ela colocou a caneca de chocolate no balcão e se obrigou a encontrar seus olhos. — Isso não é verdade.

— Sim. Você acha que eu sou como Barry Anthon. Que eu tenho muito dinheiro e eu não sei o que é trabalho. Você não quis meu casaco por causa do meu dinheiro. Você não queria deixar que eu a ajudasse em nada.

Suas belas feições pareciam de pedra, sem expressão, seus olhos azuis brilhando para ela, mas foi seu tom mais do que qualquer outra coisa que chamou a atenção dela. Havia um pequeno sinal de dor lá. Se eles não estivessem tão estranhamente conectados, ela sabia que teria perdido, mas a consciência de cada pequena nuance estava lá, porque ela era muito consciente dele.

— Você não parece em nada com Barry Anthon, —disse ela. — Stefano, se eu pensasse por um momento em que você é como ele, eu não estaria neste apartamento com você. Eu vou admitir algum preconceito quando te conheci, mas que mudou muito rapidamente.

— Você não relaxa em torno de mim.



— Bem, isso é porque você é ... —Ela parou de falar com um pequeno aceno de sua mão, cor rastejando em seu rosto.

Ele inclinou a cabeça para um lado, um sorriso lento suavizando a borda dura de sua boca, dando-lhe que uma sexy inclinação que enviava calor através das veias dela.

— Eu sou o que?

Ela apertou os lábios duro sem deixar escapar a verdade. *Que ele era lindo. Sexy. Perigoso. Quente. Todas essas coisas.* Tudo o que ela não era. Ele estar tão longe de seu alcance não era engraçado.

Ele não era nada como Barry Anthon, mas ele frequentava os mesmos círculos.

— É lógico que você iria querer informações sobre a minha situação, e como você conhece Barry, que melhor maneira de tê-las do que falar com ele pessoalmente? —Era prudente mudar de assunto.

— Eu definitivamente quero informações sobre o que aconteceu, mas você está aqui comigo. Por que não eu perguntar a você mesmo?

Ela abaixou a cabeça. — Talvez você achasse que eu iria mentir para você.

— Você iria?

Ela balançou a cabeça. — Eu poderia ser tentada a deixar coisas fora. Ou simplesmente me recusar a dizer-lhe. É tudo muito improvável, e ninguém além de Joanna acreditou em mim. Eles acreditam em Barry.

— Barry não conheceria a verdade se ela lhe bater na cara. Ele vem fazendo merda desde o dia em que nasceu. Ele paga as pessoas para acreditarem nele, mas isso não o torna verdadeiro, Francesca.

Ela ergueu o queixo, tentando não sentir esperança. — Você deve saber, além de ser presa por danificar propriedades, eu também estive presa setenta e duas horas em um hospital. —Ela não tirava os olhos dele, à espera de condenação. Todo mundo pensou que ela tinha enlouquecido, então por que



não ele? Ainda assim, no fundo, onde essa estranha conexão estava, ela não achava que ele iria acreditar no pior sobre ela, tampouco.

Ele manteve seu olhar firme no dela. Inflexível. Inexpressivo. Seu coração acelerou. Ela agarrou a caneca de chocolate tão forte que seus dedos ficaram brancos. O olhar dele caiu em suas mãos e ele, gentilmente tirou os dedos da caneca. Seu polegar deslizou sobre os nós dos dedos dela.

— Quando Barry faz algo, ele é profundo, mas é repetitivo. Uma vez que algo funciona para ele, ele continua a usá-lo.

— Você está dizendo que ele já fez isso antes? — A esperança floresceu.

— O que você tem sobre ele?

Sua respiração deixou seus pulmões em uma corrida. — Por que você acha que eu tenho algo sobre ele?

— Porque você não está morta. Ele teria matado você, se ele pudesse. Se olharmos a conta bancária do homem condenado pelo assassinato de sua irmã, haverá um monte de dinheiro que sua família herdou quando ele morreu. Esta não é a primeira vez que algo assim acontece em torno de Barry Anthon. Obviamente, se você o viu na cena do crime e ele trabalhou tão duro para desacreditá-la, ele tem medo de você. Ele tem dinheiro e poder. Ele tem policiais e políticos no bolso. Ele não teria medo, a menos que o que você tem pudesse arruiná-lo e ele não pode se arriscar a matar você até que ele tenha-o de volta.

O polegar esfregou gentilmente seus dedos. Ele era requintado. Cada vez que a ponta do polegar deslizava entre os nós dos dedos dela, ela sentia seu toque através da pele nua e afundar em sua corrente sanguínea. Ela estremeceu. Ela não podia ajudá-lo. Seu corpo estava atento ao dele. Vivo pelo dele. Não fazia sentido, mas, a química nunca fez.

Ela respirou. — Eu não conheço você, Stefano.

— Você me conhece.



Ele levou a mão dela à boca, seus lábios se movendo sobre os nós dos dedos da mesma forma que o polegar, só que desta vez era muito melhor. Mais intenso. Ela sentiu uma resposta quente na junção de suas pernas.

— Você não tem que me dizer ... Ainda. Beba seu chocolate. —Ele soltou a mão dela.

Ela fechou os dedos em torno da caneca de novo, porque quando ela não o estava tocando sentia frio, e foi um alívio muito grande que ele acreditou nela, que ele conhecia o verdadeiro Barry. Enganador, assassino Barry.

— Ele já fez isso antes? Destruição de propriedade e fazer com que pareça que alguém fez isso? —Assassinato? Ela não teve coragem de perguntar isso.

— Tudo isso, até o tempo de prisão e o hospital, —Stefano confirmou. — Ele gosta de se gabar que ninguém pode com ele. Ele ameaçou um par de pilotos. Eles acabaram por desistir. Eu não soube da história até alguns anos mais tarde, eles não pilotavam para ninguém, porque eles tinham muito medo dele. Acabou com suas carreiras.

— Ele já te ameaçou? —Francesca perguntou com cautela.

— *Bambina.*

Uma palavra. Disse tudo isso. Seu tom de voz. Divertido. Arrogante. Completamente confiante. Ela estremeceu novamente, mas desta vez, porque podia ver o perigo nele. Ele não era um homem que outros homens cruzassem. Se Barry tinha medo de ameaçar Stefano, o que faria Stefano? O pensamento passou pela sua mente espontaneamente.

Ela tomou um gole de chocolate para ganhar tempo. Estava uma delícia. Não havia nenhuma maneira de ser de um pacote. — Você fez isso.

Divertimento penetrou o azul profundo de seus olhos. — Sim. Eu fiz.

— Como você aprendeu a fazer esse maravilhoso chocolate?



— Eu tenho uma irmã mais nova. Muitas vezes ela tinha dificuldade para dormir então ela entrava no meu quarto, me acordava e eu ia fazer chocolate.

Ela achou estranho que sua irmã o acordasse, em vez de acordar seus pais, mas ele não explicou, então ela tomou outro gole da bebida deliciosa.

— Eu estive pensando sobre sua condição. Eu tenho uma grande solução. John Balboni e sua esposa, Suzette, possuem a loja de ferragens. Eles querem viajar por um tempo, mas ela está nervosa em deixar a casa sozinha, eles tiveram uma pequena dificuldade financeira um par de anos atrás. Eles têm uma pequena casa no fundo. Eu penso que seria bom se você pudesse viver lá. Ela ficaria feliz, eles poderiam usar o dinheiro e ela poderia sair confortavelmente de casa.

Parecia perfeito, mas ... Havia Barry. Se ele descobrisse onde ela estava hospedada, viria atrás dela. Ele destruiria qualquer propriedade. O prédio horrível onde ela vivia não importava muito, mas os Balboni pareciam ser um simpático casal que não podia dar ao luxo de ter sua propriedade destruída.

Ele balançou a cabeça como se estivesse lendo sua mente. — Você só vê o problema. Barry provavelmente está procurando por você agora. Como é que você pagou seu bilhete de ônibus?

— Quando eu saí do hospital, sabia que tinha que ficar longe da influência de Barry, por isso fiquei na rua e em abrigos. Eu sabia que ele tinha alguém me observando. Moradores de rua ficavam juntos e me ajudaram a iludir o observador. Joanna tinha me enviado dinheiro e eu usei-o para comprar um bilhete de ônibus. Eu me liberei de todas as minhas roupas, vendi ou negocieei no brechó de modo que não pudessem reconhecer qualquer coisa que eu usava. Embarquei no ônibus e vim para cá.

— Mas você sabe que ele vai encontrá-la. —Ele fez uma declaração.

Francesca assentiu. — Eventualmente. Eu esperava ter a chance de me levantar antes que ele me achasse. Ele me deixou com muito medo e muito exausta.



— Então nós vamos ter que mudar os planos. Este hotel é seguro. Você vai ter que ficar aqui. Comigo. Ele não terá como passar pela segurança e não há nenhuma maneira dele poder destruir onde você está hospedada.

Francesca prendeu a respiração. Seus olhos se encontraram. A tentação era um homem que era tão bonito que parecia um pecado. — Stefano ... Obrigado, mas eu não posso aceitar.

— Eu não estou oferecendo, *bella*. É a única solução. Isso deixa você e todo mundo seguros. Além disso. Eu quero pegar Barry Anthon há um longo tempo. Você vai ficar aqui e vamos montar um plano em conjunto para atraí-lo. Não se preocupe. Eu cuidarei de você. Ele não vai chegar perto de você. Com você sob minha proteção, ele vai ter que mudar o seu jogo. Ele está confortável com esse jogo, e ele vai começar a cometer erros.

— Mas eu não posso deixá-lo ...

— Será que você pode me ouvir, *porra*? Você vai ficar aqui. Comigo.

Ele estava de volta aos palavrões, impaciência em sua voz. Ela deixou escapar o fôlego. Ela não tinha tanto medo de Barry quanto de ficar com Stefano. Ela podia não perder apenas seu corpo para ele, ela com certeza iria perder o coração. Ainda assim, mesmo sabendo que ela não podia resistir à tentação. Ou segurança. Ou a cama. Ela assentiu lentamente.

Capítulo Nove

Francesca saiu de seu quarto, o cabelo ainda úmido, vestida com uma saia suave que caia até os tornozelos e uma camiseta que enfatizava seus seios generosos e caixa torácica estreita. Ela nunca tinha usado nada igual em sua vida, mas ela definitivamente tinha visto ambos os itens antes, ela os admirou na vitrine da *Tesouros de Lúcia*. Ela tinha calcinhas novas, uma



gaveta cheia. Cada par de calcinhas e sutiã era delicado, novamente, algo tão incrivelmente agradável que ela nunca tinha usado antes. Ela os amou, mas eles não pertenciam a ela.

Ela precisava de roupas, porque tinha que ir para o trabalho, mas isso era demais. Como Stefano tinha conseguido adquirir roupas as três ou quatro da manhã? E tinha que ter sido depois das três ou quatro. E como tinham entrado em seu quarto?

— Estas não são minhas, —ela cumprimentou-o, tentando não olhar. Claro que ele estava lindo, já vestido em um terno de três peças de risca de giz, seu cabelo escuro brilhando sob as luzes da mesa do café. Ele olhou para cima deixando de ler o que claramente tinha que ser algum tipo de relatório, os olhos azuis encontrando os dela. O coração dela gaguejou no peito e a reprimenda morreu na garganta. Ninguém deveria parecer tão bem na parte da manhã.

Stefano sorriu para ela, seu olhar flutuando sobre ela. — Você está bonita. Bom Dia. Eu pedi café da manhã. Eu não tinha certeza do que você gostaria, por isso, tomei a liberdade de pedir ovos e batatas. Eles enviaram suco de laranja fresco e café. Há chá, se você preferir.

— Stefano, onde estão minhas roupas?

Ele se levantou e estendeu a mão para ela. Seus dedos longos se fixaram em seu cotovelo e puxou-a para a cadeira em frente ao local onde ele estava sentado. Ela afundou-se, mais porque seus joelhos estavam fracos de repente, do que porque ela queria sentar. Ela realmente queria era passear, para continuar sentindo o farfalhar do suave material sobre suas pernas.

Uma vez que ela estava sentada, ele escorregou na cadeira em frente a ela e sorriu, um de seus incríveis sorrisos quentes, que elevava sua temperatura. Ela tinha que lembrar a si mesma para permanecer alerta, porque ele tendia a fritar seu cérebro.

— Infelizmente, houve um pequeno acidente com suas roupas. Ricco disse que eles não sobreviveram, então é claro, desde que foram confiados aos nossos cuidados, a família forneceu-lhe novos. No momento em que você



sair do trabalho, vamos ter jeans e camisetas mais casuais. Não houve tempo suficiente a noite passada.

Ela tomou um gole de café porque precisava desesperadamente da cafeína para lidar com a óbvia mentira. — Minhas roupas tiveram um acidente?

Ele assentiu. — Infelizmente.

Ela estreitou os olhos e deu-lhe sua melhor carranca. — Será que seu casaco conseguiu voltar intacto? — Ele assentiu. Sério. Suas belas feições inocentes de forma suspeita. — Sim. Fiquei aliviado. Meu irmão salvou meu casaco, mas não conseguiu agarrar sua mochila. Ela flutuou rio abaixo.

— Oh. Meu. Deus. Você é tão cheio de si, Stefano. — Francesca deu uma mordida nos ovos mexidos e sacudiu a cabeça.

— Eu não tenho ideia do que você quer dizer. Estou apenas repetindo o que Ricco me disse. Eu não posso imaginar por que ele iria mentir.

Ela teve trabalho em não rir. — Certo.

Ele levantou uma sobrancelha para ela. — Eu acredito que você dormiu melhor a noite passada depois do chocolate quente. Emmanuelle jura que sempre funciona para ela.

Ela assentiu com a cabeça. — Eu fiz. Mas nós não terminamos com a discussão das roupas. Como você conseguiu arrumar tudo no meio da noite?

Ele encolheu os ombros. — Amo Fausti, o proprietário da boutique, é um bom amigo meu. Ele abriu a loja imediatamente quando eu disse a ele que tinha perdido suas roupas acidentalmente.

— No meio da noite? Você apenas chamou-o e ele abriu a loja? — Café parecia mais importante do que comida. Ela claramente precisava dele para ficar afiada em torno de Stefano. Ele estava totalmente sem remorso.

— Ele é um amigo. Você já se tornou uma de suas favoritas, então ele ficou feliz por fazê-lo.



Isso a agradou porque Lúcia e Amo eram definitivamente os favoritos dela. — E as roupas entraram no meu quarto, como?

Mais uma vez ele deu de ombros. — Eu sabia que você ia precisar delas na parte da manhã. Eu as coloquei lá eu mesmo.

Enquanto ela estava dormindo. Ela suspirou. — Tanto quanto eu amo as roupas, não posso aceitá-las.

Ele sorriu. Ela teria recorrido à violência, mas até seu sorriso era sexy e, em vez disso, ela apenas olhou para ele, surpresa que um homem pudesse parecer tão bem como ele. Ela lambeu os lábios e bebeu o suco de laranja. Ele era excelente. Como o apartamento. Como as roupas. Como ele.

— Eu suponho que você poderia vestir minha camisa no trabalho. Eu gosto da ideia de você vestir minha camisa durante todo o dia, mas Pietro poderia objetar. Por outro lado, você parece ... *Sexy* nela, o que pode atrair ainda mais clientes quando o boato se espalhar. Embora, se eu for rigorosamente honesto, não estou certo de que quero outros homens vendendo apenas em minha camisa.

— Eu posso ver que brigar com você requer pelo menos duas xícaras de café.

— Nós somos responsáveis pela perda de suas roupas. Claro que seriam substituídas. Mude o assunto.

— Bem desse jeito.

— *Bambina*.

A maneira como ele disse essa pequena palavra, como se fosse um carinho, derreteu suas entranhas. Era o tom de sua voz. Ela gostava que ele a chamasse de bebê ou querida e às vezes até bela. A maneira como ele se concentrava tão completamente nela a fazia se sentir especial. A valorização em seus olhos a fazia se sentir bonita. Ela sabia que não ia ganhar a discussão. Suas roupas tinham desaparecido e ele comprou-lhe novas, roupas requintadas, que ela nunca poderia ter se proporcionado por conta própria. Nunca. Não em sua vida.



— E a maquiagem e outras coisas no meu banheiro?

— Tudo o que foi perdido. —Ele deu de ombros, descartando o assunto.

— Vou levá-la ao trabalho esta manhã. Se você sair da loja, passe um texto para mim.

— Stefano, por que no mundo que eu faria isso? —Como se pudesse. Ela não tinha um telefone celular. Ela já tinha dito isso a ele. Não era como se ela tivesse dinheiro para sair e comprar um, e pagar por um plano.

Seus olhos escureceram para um azul tempestuoso. O ar na sala espessou com calor. Seu calor.

— Porque eu pedi para você.

Ela supôs que era uma resposta boa o suficiente quando ela estava sentada em seu apartamento, comendo sua comida, vestindo roupas que ele comprou e sob sua proteção. — Eu não posso. —Quando a cabeça se ergueu e o quarto ficou ainda mais assustador, ela levantou a mão. — Eu disse 'não posso', e não 'não vou'. Lembra? Eu não tenho um telefone celular. Eu disse a você que eu não tenho um. —Ela podia vê-lo lutar por controle.

— Isso foi antes de eu saber sobre Barry. —Ele se inclinou para ela. — Francesca. Você tem um inimigo como Barry Anthon e não tem um celular para ligar para o 911 se ele alcançar você? —Sua voz era baixa. Veludo macio. Totalmente ameaçadora. — Deveria ser sua primeira prioridade.

Seu coração acelerou. — Eu não poderia pagar um, nem pagar por um plano. Em qualquer caso, a polícia não acredita em mim, Stefano. Ninguém faz. Se ele me pegar ...

— Eu estarei de pé na sua frente. Eu te disse, eu estou armando com um plano. Apenas me dê alguns dias. Enquanto isso, eu quero saber que você está segura. —Ele olhou para o relógio. — Eu tenho algo para ver esta manhã, mas Emilio estará cuidando de você. Vou mandar um celular para a loja. Use-o. Meu número estará programado, e eu quero saber onde você está em todos os momentos. Não estou sendo controlador. Eu preciso saber que você está segura.



— Você está controlando, —ela corrigiu.

— Verdade, —ele concordou, soando completamente sem remorso. — Mas eu ainda preciso saber que você está segura.

Não havia nenhum sentido em discutir. Stefano era uma lei em si mesmo, e ele iria levar o telefone e Emilio estaria esperando na frente da loja não importava o que ela dissesse. Ela queria sua proteção e agora que tinha, ela poderia exatamente fazer birra sobre a forma como ele escolheu para dá-la a ela.

— OK.

— OK?

Ela sorriu para ele. — Não vejo razão para argumentar quando você vai fazer do seu jeito. A comida é deliciosa. Eu não sabia que comida de hotel poderia ser realmente boa.

— Nosso hotel oferece o melhor de tudo. Nossos chefs são surpreendentes. Os confeitadores são bons também. Hoje à noite, depois do trabalho, você vai ter que provar alguns das sobremesas.

— Eu posso ver que se ficar por aqui por muito tempo vou acabar ganhando peso. Pizza, doces e comida surpreendente.

— Você poderia ganhar algumas gramas. Eu não gosto que você não estivesse comendo. Dina me disse que você não teve nada para comer por dois dias.

— Dina? Você falou com Dina?

— Por que não? Ela vive no nosso bairro. Ela é parte de nós. Ela prefere viver na rua, então nós a deixamos o mais confortável possível. Ela tem um pequeno chalé que nós construímos para ela no beco atrás da loja de ferragens, para onde ela pode ir à noite. Quando as noites são muito frias, ela vem para a casa principal e dorme na garagem. Há aquecimento no chão. Ela tem um banheiro lá e cobertores quentes. É o máximo que ela vai nos deixar fazer por ela, com exceção de novas botas quentes, uma vez por ano



e às vezes roupas. Eu não sei o que aconteceu com o casaco. Ela tinha um agradável.

Ela apoiou o queixo na palma da mão e tentou não devorá-lo com os olhos. Ela adorava que ele tinha cuidado com a mulher sem-teto de sua vizinhança. E ela pensou mal dele. — Isso é incrível.

— Na verdade não. Ela é um ser humano com alguns problemas. Sua família inteira morreu em um acidente de carro. Seu marido, três filhos e uma filha. Ela foi a única sobrevivente. Sem parentes. Ela simplesmente desistiu. Nós tentamos ajudar. Ela costumava ensinar na escola. No colegial. Ela tinha todos os tipos de prêmios e seus alunos a amavam. Após o acidente, ela virou-se para o álcool para aliviar a dor. Ela deixou sua casa, saiu de sua casa um dia e derivou. Ela acabou aqui.

Havia uma tristeza em seu tom que a fascinava. Ele realmente se importava com Dina, e isso lhe tirou o fôlego. Stefano Ferraro era muitas coisas, e a maioria delas eram surpreendentes, sexy e maravilhosas. Ela gostava dele. Ele podia ser mandão, arrogante e controlador, mas isso era apenas uma pequena parte de quem ele era.

— Como você sabe tudo isso? Dina mal falou comigo.

— Prefiro saber tudo o que há para saber sobre nosso bairro. Especialmente uma mulher que está vivendo sozinha nas ruas. É congelante aqui às vezes e eu certamente não quero que nada aconteça a ela. Demorou a persuadi-la a usar a garagem, mas ela sabe onde está a chave e agora ela vai lá. Nós vemos se ela está alimentada, mas temos que ter cuidado com como fazemos isso. Ela não gosta muito de atenção.

Ela notou que ele usava muito o termo nós. Ela presumiu que ele se referia à sua família. — Você está muito perto sua família, não é?

— Meus irmãos e primos, sim. Acho que minhas tias e tios também.

Ele não revelou o nome de seus pais; na verdade, ele tinha sido muito específico sobre aqueles de quem ele estava perto e quem ele tinha deixado. Ela queria perguntar, mas decidiu que era melhor não.



— Você estava perto de sua irmã? — Sua voz estava baixa. Suave.

— Cella? Sim. Eu a adorava. Ela me criou depois que nossos pais morreram. Ela não precisava—ela era muito jovem—mas insistiu que não era um fardo.

— É claro que não era. Não há nenhuma maneira que sua irmã te visse como um fardo. — Sua voz era suave. Persuasiva. Mas certa. Como se porque a família não era um fardo para ele, ele não podia conceber que seria para mais ninguém.

Ele hipnotizava. Tudo nele. Ela se forçou a desviar o olhar e terminar seu café. Ela conseguiu comer um pouco de ovos e batatas, mas ela tinha estado sem comer frequentemente não tinha muito espaço em seu estômago para comer grandes porções.

— Depois do trabalho, eu vou lhe mostrar a cobertura. Ela tem alguns quartos. Eu tenho uma sala de treinamento para artes marciais, armas e boxe. Temos também uma sala de exercícios com pesos e várias máquinas tais como esteiras. Você está convidada a usar qualquer uma, mas precisamos acabar se nós queremos chegar ao trabalho a tempo.

— Eu terminei.

— Você não comeu muito.

Ela não respondeu. Ela estava aprendendo com suas táticas. Ele não gostava de se envolver em discussões, assim, dois poderiam jogar esse jogo. Ela sorriu para ele e levantou-se, colocando o guardanapo dobrado ao lado do prato. — O café da manhã estava maravilhoso, obrigado. Eu vou escovar os dentes e sair. Obrigado pela escova de dente. Foi muito apreciada.

Ele se levantou com ela e observou-a voltar para seu quarto. Ela sabia o que ele fazia, porque sentia seu olhar ardente dentro dela. Ele era assim ... Potente. Viril. Masculino. Ele assumia toda a sala com seus amplos ombros e sua presença. Ela descobriu que não podia respirar sem puxá-lo para seus pulmões.



Francesca recordou que Stefano Ferraro estava fora de sua liga em todos os sentidos. Ele podia estar interessado nela, ela não podia negar a química absurda, mas sua união nunca iria durar.

Ele ia ficar entediado com ela muito rápido. Ele era um cavaleiro branco cavalgando para o resgate, e se ela não precisasse mais disso ele iria perder o interesse.

Quando se encontrou com ele no hall de entrada, Stefano estava vestindo seu casaco. Ela tinha certeza que ele teria limpado em primeiro lugar. Ele estava com outro casaco de caxemira nas mãos, esperando por ela.

— Você comprou isso também?

— Vamos, *Bella*. Eu te disse, eu não posso chegar tarde nesta reunião. — Ele se aproximou por trás dela, mergulhando o casaco para que ela pudesse deslizar seu braço em uma manga e depois o outro. Ele virou-a no momento em que o revestimento pousou em seus ombros e fechou os botões.

— Eu posso fazer isso.

— Eu sei. Eu gosto de fazer isso. — Ele inclinou a cabeça e lhe deu um beijo na testa. — O código para o elevador privado, que permite que você venha para a cobertura estará no telefone que vou enviar a você. Se você tiver um problema, me mande um texto imediatamente. Eu já estou vendo um celular para você. Você deve tê-lo dentro de uma hora.

Não havia nenhum ponto em protestar. Ela estava sendo pulverizada, mas ela pediu por isso. Stefano era uma força. Alguém sempre acabava arrastado quando ele decidia algo. Eles entraram no elevador juntos, Stefano aglomerando-a mais perto do que ela acreditava ser necessário, embora talvez fosse o espaço confinado que a fez tão conscientes dele.

Seu coração batia muito duro. Seus seios doíam, os mamilos empurrando a renda suave de seu sutiã. Seu sexo pulsava, uma palpitação persistente em sintonia com o coração disparado. Os dedos longos dele se curvaram em torno de sua nuca, o polegar varrendo ao longo de sua mandíbula.



— Você é tão bonita, Francesca, —ele disse suavemente. — E a química é uma cadela maldita. Eu prometi a mim mesmo que iria devagar com você, não a assustaria, mas aparentemente isso não está acontecendo. —Ele abaixou a cabeça e tomou sua boca.

Ela não deveria ter feito isso. Ela deveria ter mais controle, mas ela não se conteve, no momento em que aquela boca roçou a dela, ela abriu os lábios para ele. Permitiu que sua língua entrasse e avançasse. Ele beijava como ele fazia tudo o mais. Com total confiança, com experiência. Começava suave e terminava áspero. O beijo foi chocante em sua intensidade.

Ela se sentiu possuída, tomada, sobrecarregada com necessidade urgente pura. Cada célula de seu corpo respondeu. Ela jurava que ele despejou lava derretida em sua garganta e em suas veias, que se moviam através dela, queimando ao longo do caminho para a piscina baixa e quente entre suas pernas.

Ela nunca tinha sido beijada assim. Ela não conhecia ninguém que pudesse beijar assim. Cada terminação nervosa em seu corpo saltou para a vida, em alerta total. Ela não conseguia parar as mãos de correr pelo peito para dar a volta a seu pescoço, ou os dedos de encontrar seu cabelo. Ela se entregou a ele, não querendo nada de volta. Sua boca se movia sob a dele, seguindo seu exemplo, beijando-o, enquanto seu corpo era pressionado firmemente contra o dele.

O elevador parou e ele a virou, então seu corpo a escondeu da vista daqueles no átrio. Levantou a cabeça com relutância, seus olhos azuis se movendo sobre o rosto. — Você está bem, *dolce cuore*? Você precisa de um minuto?

Ele manteve as mãos em seus quadris, segurando-a para ela não cair de cara no chão.

Ela tocou sua boca com os dedos trêmulos. — Eu não sei. Você deveria ser banido.

Ele sorriu para ela, o sorriso lento e sexy, lindo, mais uma vez iluminou seus olhos. — Você está bem. —Ele fez disso uma afirmação. — Henry



trouxe meu carro. Está bem em frente. —Ele pegou a mão dela e ela foi com ele para fora do elevador.

Imediatamente a atmosfera no lobby mudou. Cabeças se viraram. Algumas pessoas sussurraram, mas a maioria ficou silenciosa. Observando-o. Observando-os. Ela abaixou a cabeça e aproximou-se dele. Instantaneamente, ele colocou-a sob seu ombro, trancando-a a seu lado, protegendo-a.

Ele não olhou para esquerda ou para a direita, mas ela sabia que ele estava ciente de tudo e de todos no lobby do hotel.

Nada escapava à sua atenção. Ela sabia por que se sentia tão segura com ele. Ele sabia tudo e todos em torno dele a cada passo que dava. Ele encheu um átrio inteiro com sua presença. Ninguém iria se atrever a machucá-la quando ela estava em sua guarda. Era bom realmente se sentir segura depois de tanto tempo.

Ele ajudou-a a entrar no carro, dando-lhe a ilusão de ser uma princesa. Ela passou o cinto de segurança em torno dela, admirando o interior do Aston Martin. Francesca esperou até Stefano estar ao volante e o carro deslizando pela rua, mais rápido do que ela achava que ele deveria estar dirigindo isto. Evidentemente, Stefano e sua família tinham um monte de carros para a sua utilização.

— Eu queria te dizer obrigado.

Ele olhou para ela. Levantou uma sobrancelha. Ela torceu os dedos. Não importava que ele parecesse o homem mais quente na Terra e talvez o mais rico, ele merecia saber. "Por me resgatar daquele apartamento e recolher o que seriam gravações terrivelmente embaraçosas. E por me dar um lugar para ficar, que me faz sentir segura. Eu não me sentia assim a um tempo muito longo.

Ele estendeu a mão e pegou a dela, enrolando os dedos longos em torno dela. — Então eu sou grato de ser o único a dar isso a você. —Ele franziu a testa um pouco e levou a mão à coxa, prendendo-a lá. — Embora você ainda tenha pesadelos.



— Eu os tenho o tempo todo, mas quando eu o tive você me fez chocolate quente e gastou tempo falando comigo, fazendo-me sentir melhor. E de alguma forma, que eu ainda não sei como, conseguiu me arrumar um armário cheio de roupas bonitas que me cabem realmente. E os sapatos são ... Incríveis. —Ela levantou um pé para admirar o que ela estava calçando.

Ela esperou, prendendo a respiração, observando seu rosto com cuidado. Seu sorriso foi lento na vinda, mas quando se fez, valeu a pena a espera. Ele passou o polegar sobre os nós dos dedos e um milhão de borboletas bateram asas em seu estômago.

— Nós estamos aqui, *bambina*, —disse ele, enquanto estacionava o carro. — Você tem dinheiro para o almoço?

— Pietro me permite comer na deli. Eu não estou com fome, Stefano, mas obrigado por perguntar. —Ela estava envergonhada dele sentir que tinha de perguntar, mas feliz que isso importava para ele. Depois de ouvi-lo falar sobre Dina em um tom tão cuidadoso, ela sabia que cada pessoa no seu bairro importava para ele.

Francesca ficou chocada quando Stefano deslizou para fora do carro, caminhou ao redor do capô e abriu a porta para ela. Ele estendeu a mão e ela não teve escolha, a não ser permitir que os dedos se fechassem em torno de sua mão, ou fazer uma cena. Ela estava ciente de pessoas que pararam nas calçadas para olhar. Dos proprietários das lojas que foram as janelas para olhar para fora. Ela encontrou-se corando sem motivo. Não era como se ela estivesse vivendo com ele. Ela estava hospedada em sua cobertura, não dormia em sua cama. Ela sabia que se as pessoas pensassem isso, pensariam que ela estava atrás do dinheiro dele.

— Eu pensei que você tinha um lugar para ir, —ela murmurou, tentando não olhar para ele.

Ele manteve a posse de sua mão quando a acompanhou até o *Masci's*. Para sua surpresa, Pietro estava atrás do balcão, andando para lá e para cá. Ele virou-se quando eles entraram pela porta, sua expressão cautelosa.

— Sr. Ferraro.



— É Stefano, Pietro. — Stefano disse em voz baixa.

Ele não deveria ter soado ameaçador, mas ele foi. No momento em que eles entraram na deli, Francesca sabia que algo estava errado. Joanna estava sentada em uma das mesas. Seus olhos estavam vermelhos e seu rosto manchado, evidência de que ela havia chorado por algum tempo. Francesca fez um movimento em direção a ela, mas os dedos de Stefano apertaram ao redor dela. Ele puxou e ela se viu contra o seu corpo, sua frente para o lado dele, o braço, trancando-a no lugar.

— Houve algum desconforto em relação ao lugar que Francesca vivia na noite passada. Ela estava em perigo. Eu não fiquei feliz com isso. Deixei-a em suas mãos, Joanna. — Ele olhou para ela por cima do ombro, mas então seu olhar voltou a descansar sobre seu tio. — Joanna sabia onde ela estava hospedada. Eu imagino que você não sabia. — Fez a declaração, mas esperou Pietro contradizê-lo.

Pietro olhou para Joanna e depois balançou a cabeça com firmeza. Joanna fungou e depois reprimiu um soluço. Francesca colocou uma palma contra a lateral de Stefano no interior do casaco aberto e empurrou. Duro. Nada aconteceu. Ele não se mexeu, nem olhou para ela. — Stefano ...

Ele olhou para ela. — É suficiente. Isso é entre Pietro, Joanna e eu. — Mais uma vez ele olhou para o patrão dela. — Ela vai ficar comigo na cobertura, mas enquanto ela estiver trabalhando, Emilio ou Enzo estarão próximos. Eu quero que ela esteja segura, Pietro. — Sua voz baixou uma oitava. — Você entende o que quero dizer com *'segura'*?

Pietro assentiu.

— Em algum ponto no futuro, eu espero que você vá receber a visita de um par de homens que lhe dirão todo o tipo de histórias sobre Francesca. Quando você não a demitir, e você não vai, eles vão voltar e ameaçar você. No momento em que estes homens entrarem em contato com você, não importa o que digam, eu espero que você imediatamente, e por *"imediatamente"* quero dizer naquele instante, faça o relatório para mim. Pessoalmente, Pietro. Me fez claro?



Pietro assentiu com tanta força que Francesca temeu que seu pescoço fosse quebrar.

— Bom. —Stefano deixou cair seu braço, mas virou a cabeça e roçou um beijo ao longo têmpora dela. — Mande-me um texto, Francesca. Eu não vou ficar feliz se você esquecer.

— Faremos todo o esforço para fazer você feliz, —ela murmurou baixinho, e sorriu inocentemente para ele. Ele balançou a cabeça, seus olhos azuis brilhando com a promessa de retaliação, e seu estômago deu uma lenta volta em antecipação. Ele virou a cabeça para Joanna. — Eu confio que vamos vê-la no clube sexta-feira noite, Joanna. Emmanuelle disse que estaria lá.

Joanna assentiu. — Eu sinto muito, Stefano.

Ele estudou seu rosto pálido, manchado. — Você errou Joanna. Você também se desculpou por isso e acabou. Deu tudo certo.

Imediatamente um sorriso irrompeu, iluminando o rosto de Joanna. Francesca não estava certa do que ela tinha feito para se desculpar, mas, evidentemente, quando Stefano disse que estava acabado, Joanna devia conhecê-lo bem o suficiente para acreditar que o que estava entre eles havia desaparecido. Seu sorriso disse tudo.

Stefano pegou Francesca sob o queixo e virou seu rosto para ele. — Eu venho buscá-la depois do trabalho. Se não eu, um dos meus irmãos ou minha irmã ou um primo.

— Eu posso andar.

Impaciência atravessou seu rosto. Seus olhos escureceram. — Não me irrite, Francesca. Alguém estará aqui.

Ela deu um suspiro exagerado. — Você pode, por favor, tentar suavizar a veia mandona?

Seu sorriso veio lento, mas quando o fez, seu estômago fez um rolo lento. — Eu vou tentar, só por você, mas eu não contaria com isso, *dolce cuore*.



—Ele escovou sua boca sobre a dela. Um breve contato, mas tão quente, que as brasas encontraram o caminho para sua barriga. — Mais tarde, *bella*. Fique bem.

Stefano foi embora, caminhando com a sua forma fluida, fácil, que o fazia parecer um cruzamento entre um lutador e um dançarino. Ele fluía sobre o chão, seu longo e esvoaçante casaco em torno de suas pernas enquanto ele ia para o carro. Francesca o observou enquanto aqueles na calçada paravam para olhar para ele ou pisar de lado para dar espaço a ele. Ele não teve que fazer uma pausa. A multidão se afastava como o *Mar Vermelho* para ele. Ele acenou para algumas pessoas, mas não parou. Ele deslizou em seu carro e até mesmo o tráfego pareceu obedecer, permitindo-lhe sair imediatamente.

Francesca se virou para Pietro. — Sobre o que foi tudo isso? Você não é responsável por mim, não importa o que diga Stefano. Sério, Sr. Masci, eu sou grata de você me dar este trabalho.

— Não, não, Francesca. Você é uma boa funcionária. A melhor. Não tenho nenhum problema com você. Stefano Ferraro pediu um favor meu, e eu disse que faria isso por ele e não fiz. Não vai acontecer novamente.

Ela mordeu o lábio, estudando seu rosto. — Eu não quero que você pense que é de alguma forma responsável por mim. Eu sou uma mulher adulta.

— Não, não, Francesca, você não entende que é uma grande honra e privilégio que um dos Ferraro tenha pedido um favor meu. Desde que você está trabalhando para mim, eles vêm, todos eles, primos, irmãos, todos eles. Na minha loja. Diariamente. Eu sempre tive um bom negócio, mas aumentou mais de 100 por cento desde que você começou e isso é só um par de dias. Ele vai crescer ainda mais.

Francesca não estava certa do que dizer sobre isso. Ela olhou por cima do ombro para Joanna. — Deixe-me tirar meu casaco, querida, e eu vou estar pronta. Eu tenho alguns minutos antes de entrar e podemos conversar.



Ela queria saber o que tinha deixado Joanna tão chateada e Stefano declarando que Joanna tinha pedido desculpas a ele.

Quando ela pendurou o casaco, olhou-se no espelho. Seus lábios ainda pareciam um pouco inchados do beijo muito quente, muito duro e agressivo. Ela tocou sua boca com os dedos trêmulos. Ela quase tinha ardido em chamas, em combustão espontânea ali mesmo no elevador.

Ela não parecia a mesma em suas primeiras roupas de grife e até mesmo nas botas fabulosas. Ela não deveria ficar tão feliz por sapatos, mas nunca em sua vida tinha sido capaz de suportar tal luxo. Ela os amou. A maneira como eles se encaixavam. A sensação do material de sua saia. Tudo. Era impossível não amar não adiantava tentar. — Não se acostume com isso, Francesca, —ela murmurou em voz alta para si mesma.

Joanna tinha uma xícara de café esperando por ela, e Francesca afundou-se na cadeira ao lado dela. — Mel, você chorou. O que está errado?

Joanna esfregou as têmporas. — Eu tenho chorado tanto que me deu dor de cabeça. Quero pedir desculpas a você, também, Francesca. Eu nunca deveria ter lhe contado sobre aqueles apartamentos, e muito menos permitir-lhe viver lá.

O fôlego foi aos pulmões de Francesca em uma longa corrida e depois tudo se acalmou. — Esta crise de choro foi sobre eu viver naquele apartamento? Você se desculpou com Stefano porque ele estava bravo com você por isso?

— Claro que ele estava com raiva. Ele tinha todo o direito de estar com raiva de mim. Eu estou com raiva de mim mesmo. Pietro está com raiva de mim, também.

— Como é que você descobriu sobre o que aconteceu? —Perguntou Francesca, mantendo a voz baixa e controlada. Ela empurrou a caneca de café para longe dela com as pontas dos dedos.

— Emilio é claro. Ele e Vittorio vieram me ver na noite passada. Ambos estavam compreensivelmente ... Chateados. Eles me contaram sobre aquele



homem horrível e o que ele fez às mulheres em seu prédio. — Os olhos de Joanna se encheram de lágrimas mais uma vez. — Depois de tudo o que você passou, é horrível pensar que você foi exposta a isso.

— Joanna, eles não tinham direito que te acordar no meio da noite e lhe dizer tudo isso. — Francesca disse cuidadosamente. — Você tem sido tão boa para mim. Sem você, eu ainda estaria na rua e em sérios apuros. Eu aprecio cada coisa que você fez por mim. Este trabalho, o dinheiro para chegar aqui. Basta ficar comigo, ser minha amiga quando tantas coisas feias foram ditas sobre mim. O apartamento não é sua culpa. Eu escolhi viver lá contra o seu conselho. Você não tem culpa no que aconteceu, e os Ferraro sem dúvida nenhuma não tinham o direito de envolvê-la. — Stefano ia ter que responder a ela sobre isso. Fazendo Joanna sentir tanta culpa que ela se desculpou era simplesmente fora da linha.

— Não. Eu sou sua amiga, Francesca. Eu sabia que você não devia ficar lá. Havia rumores sobre o proprietário. Eu sabia que ele era imoral. Toda mulher dentro de um quilômetro ou dois já ouviu falar que ele foi acusado de estupro repetidamente e, em seguida, as acusações eram retiradas. — Ela olhou ao redor da loja vazia. Eles não estariam abertos pela outra meia hora, mas ela ainda baixou a voz. — Ele está conectado à família *Saldi*. Os Saldi são Sicilianos e eles fazem caminho de volta. Eles têm a fama de serem muito violentos, e ele é relacionado através do casamento. Sua tia se casou com um dos Saldi. Ouvi dizer que ela é tão sanguinária quanto eles, e a família o protege.

Francesca tomou uma respiração profunda. Joanna sabia sobre o proprietário e não tinha passado qualquer informação a ela, só que não era um bom lugar para ficar e coisas ruins aconteceram lá. Francesca tinha vivido na rua por um tempo curto. *Ela conhecia as coisas ruins*, mas ela associava a maioria delas com drogas. Não lhe ocorrera que o proprietário do edifício havia estuproado mulheres. Ainda assim, para ser justa, se soubesse, ela poderia ter ficado lá de qualquer maneira, em vez de arriscar a rua, enquanto ela trabalhava para arrumar dinheiro para obter um lugar decente.



— Eu deveria ter dito, —disse Joanna. — Se eu tivesse dito a você, talvez você tivesse ficado comigo até se levantar.

Francesca teve que admitir que podia, mas ela não faria Joanna se sentir mais culpada do que ela já estava por admitir isso em voz alta. Ela encolheu os ombros. — Acabou agora. Vou ficar com Stefano ... —Joanna engoliu em seco e um enorme sorriso iluminou seu rosto. — Como sua convidada no quarto de hóspedes, sua louca.

— Quanto longe de seu quarto é o quarto de hóspedes? —Perguntou Joanna. — Porque sério você pode considerar *sonambulismo*.

— Eu não quero ser uma das dez mil mulheres que foram para sua cama. Eu li todos os recortes que você me deu, e ele é um cão de caça. Ele estava com uma mulher diferente em cada imagem em todos os eventos. —Só admitir a verdade em voz alta fez seu estômago revirar.

— Esse é o ponto Francesca. Era sempre uma diferente e ninguém nunca foi ao seu apartamento. *Nunca*. Acredite em mim, como todas as outras mulheres por aqui, eu estive em torno dos Ferraro desde que eu tinha treze anos. Stefano nunca saiu seriamente com ninguém. Se ele estava dormindo com elas, ele não o fazia em sua própria casa.

— Oh, ele definitivamente teve relações sexuais com elas. —Francesca confirmou. — Porque seus beijos precisam ser banidos. Eu não achei que alguém pudesse beijar desse jeito.

Os olhos de Joanna se arregalaram e sua boca formou um perfeito ‘ó’. — Ele beijou você? Oh. Meu. Deus. Isto é tão legal, Francesca. Minha melhor amiga com Stefano Ferraro.

— Eu não estou com ele. Ele está fazendo o que sempre faz, cuidando de todos em seu bairro. Ele é o cavaleiro branco e eu sou a donzela em perigo. Quando eu estiver bem, ele vai seguir em frente.

Joanna começou a rir. — Se você diz, namorada, se isso te faz sentir melhor. O resto de nós sabe a verdade. —Ela olhou para o relógio. — Eu tenho uma hora para me fazer apresentável e ir trabalhar.



— E melhor eu entrar em movimento, também, antes de seu tio me despeça.

— Não há nenhuma chance de isso acontecer. — Joanna garantiu a ela e pulou. Ela deu um rápido abraço em Francesca e, em seguida, jogou beijos para seu tio antes de correr para fora da loja.

Francesca colocou um avental sobre a roupa, pela primeira vez, preocupada em deixar cair qualquer coisa sobre elas. Ajudou Pietro a colocar comida fresca nos balcões refrigerados. Ela podia ver a multidão, já começando uma fila na calçada, esperando seu chefe abrir as portas. O número de pessoas que vinham a loja definitivamente parecia crescer de um dia para o outro ao longo dos dias que ela trabalhou. Ela estava feliz por Pietro, mas também ficava nervosa agora que sabia que parte da razão para a expansão do negócio era sua associação com a família Ferraro.

Ela viu Emilio e Enzo na multidão. Emilio inclinou um quadril preguiçosamente contra a parede, enquanto flertava com uma jovem que se mantinha jogando o cabelo loiro de um lado para o outro e, em seguida, enrolando-o em torno de seu dedo. Emilio tinha inclinado seu corpo para que pudesse olhar a rua e ainda manter um olho em Francesca. Ele piscou para ela enquanto continuava a falar com a loira. Francesca começou a rir. Ela estava se tornando muito amiga de Emilio. Ele podia flertar, mas sua atenção não estava centrada na mulher, ele estava totalmente alerta para tudo ao seu redor.

Enzo estava na frente, mas de pé em um ângulo que ficava mudando. Ele não olhava para a loja, mas estava estudando a rua, os prédios em frente e a multidão ao seu redor. Ela percebeu imediatamente que entre os dois homens, a rua, edifícios e calçadas estavam cobertas o tempo todo. Ela encontrou-se impressionada com eles, porque era evidente que ninguém mais parecia estar ciente do que eles estavam fazendo.

Um súbito arrepio percorreu sua espinha e ela se endireitou de onde ela estava organizando os balcões, as carnes italianas especiais importadas de várias regiões da Itália. Uma pontada na consciência fez seu olhar deslizar



de Emilio e Enzo para procurar na multidão. Ela teve sentimentos como este antes e eles sempre estavam certos, e nunca um bom presságio.

Sua boca ficou seca. Certamente Barry Anthon já a tinha encontrado. Ela ainda não estava estabelecida. Não havia nenhuma maneira de construir uma reputação suficiente para que ele não pudesse derrubá-la. Ela deu um profundo e calmante suspiro e se forçou a olhar através da multidão. Seu olhar deslizou através do mar de rostos até que descansou em um homem olhando diretamente para ela.

Usava óculos de sol do tipo aviador e tinha um boné puxado sobre os olhos. Sua jaqueta era velha, manchada e muito enrugada, mas volumosas por isso era quase impossível dizer o seu peso. Ele não tinha mais de 1,80 m, porque Enzo estava perto dele e sabia que Enzo tinha mais que isso e o homem era mais baixo. Ele parecia vagamente familiar e ela tentou lembrar. Ela o tinha visto em algum lugar, mas à distância, como agora. Ele olhou diretamente para ela, a boca desenhou uma carranca fina de desagrado. Quando ele a viu olhando fixamente para ele, desenhou uma linha em toda sua garganta. Ele fez isso muito rápido e, em seguida, virou-se e afastou-se, com as mãos nos bolsos, ombros caídos, cabeça baixa, que quase não tinha certeza de que ele realmente tinha feito o gesto. Ele caminhou rapidamente e desapareceu de sua vista dentro de momentos.

Francesca ficou olhando para ele, seu coração batendo rápido, pulmões presos com apreensão. Barry tinha que ter enviado aquela mensagem. Eles já a tinham encontrado. Ela ia ter que decidir se desejava fugir ou ficar. Ela não tinha dinheiro nem para onde ir se ela corresse. Se ficasse, ela estaria colocando seus amigos em perigo. Ela ficou olhando por um longo tempo para o caminho do homem, tempo suficiente para que Pietro tivesse aberto as portas e as pessoas comesçassem a entrar, forçando-a a ir ao piloto automático do trabalho.



Capítulo Dez

Francesca passou a maior parte da manhã e início da tarde olhando por cima do ombro e ver o tráfego através da janela de vidro. Ela estava nervosa, mas manteve o sorriso no lugar com os clientes. O tempo passou rápido, porque ela esteve muito, muito ocupada, tanto que eles tiveram que chamar outra funcionária, a fim de dar conta. Pietro, normalmente ficava na parte de trás, hoje ele ficou na frente para trabalhar na caixa registradora.

Francesca e Aria, uma jovem mulher que trabalhava em tempo parcial e ia a escola, cuidavam dos clientes. Francesca almoçou no quarto dos fundos, em vez de ficar na frente com os clientes, como fizera no dia anterior. Ela foi comer tarde, a maior parte do dia deslizando com um fluxo constante de clientes. Ela estava grata por sentar, apesar das botas novas e confortáveis.

Ela pensou muito sobre suas opções, que não eram muitas. A verdade era, ela queria ficar, mas não era justo com Pietro, que tinha sido tão gentil dando-lhe um emprego confiando na palavra de Joanna. Ela sabia o que Barry Anthon faria em primeiro lugar. Seus homens iriam falar com Pietro e insistirem para ele demiti-la. Eles iriam dizer-lhe sobre a "*Doença mental*", seu registro policial de vandalismo e destruição de propriedade. Se Pietro não ouvisse e demitisse-a, eles teriam sua loja como alvo.

Os homens arruinariam o sustento de Pietro só para chegar até ela. Ela não podia permitir que isso acontecesse. O hotel de Stefano seria muito mais difícil de alcançar, embora ela estivesse certa de que mesmo assim não ficaria incólume. Os homens de Barry haviam incendiado um dos apartamentos em que ela residia. Ela não podia imaginar ter que enfrentar Stefano ou sua família se Anthon queimasse seu hotel. A destruição de Barry Anthon a estava alcançando. Ela fechou os olhos e empurrou sua testa na palma da sua



mão. Ela ia ter que sair. Não era justo colocar qualquer uma dessas pessoas no caminho de Barry.

— Francesca? Você está bem?

Assustada, ela pulou de seu assento, derrubando a cadeira, balançando a mesa de modo que o copo reconfortante de café que ela tinha acabado de se servir salpicasse por cima da borda. O irmão de Stefano, Taviano, aquele que tinha conduzido o carro de seu apartamento para o hotel, ficou observando-a atentamente. Ele parecia estranhamente como seu irmão. Certamente ele estava tão quieto e ameaçador, seus olhos azuis tão acentuados e afiados como os de Stefano.

— Qual o problema? — Perguntou ele. Ele ainda tinha o mesmo tom abrupto, mandão.

Com o coração acelerado, ela deu um passo atrás. Taviano dominava a sala exatamente como Stefano. — Nada. Você apenas me surpreendeu.

Com olhos nela, ele se abaixou e pegou a cadeira virada, gentilmente colocando-a na posição vertical. — Eu trouxe seu telefone. — Ele estendeu-o para ela.

Francesca engoliu o repentino nó na garganta. Stefano. Olhando por ela. Seus dedos se fecharam em torno do produto. Ela sentia como se estivesse pegando uma tábua de salvação.

— Você está muito pálida. Tem certeza de que está bem? Eu posso te levar para casa se você precisar voltar para o hotel.

Ela afastou-se dele com um aceno de cabeça e um sorriso rápido, com medo que ele visse muito. — Eu estou perfeitamente bem. Obrigado por me trazer o telefone. Seu irmão é muito generoso. — Ela esperava que ele fosse mais ainda. No momento em que o telefone estava em sua mão, um novo plano veio a ela.

— Ele gostaria que mandasse um texto a ele. Só então ele saberá que você tem o telefone. Ele disse para lembrá-la para avisá-lo se sair da loja.



Aqueles olhos nunca deixaram de olhar para ela. Ela respirou. — Ele deixou isso muito claro. Na verdade, ele foi bastante contundente sobre isso.

Isso lhe ganhou um sorriso. — Eu posso imaginar. Se você precisar de alguma coisa deixe que um de nós saiba. Nossos números estão programados no telefone. Emilio e Enzo também.

— Obrigado, isso é muito gentil de sua família.

Ele encolheu os ombros. — Nós cuidamos dos nossos. Não se engane Francesca, você é uma de nós. Se você tem algum tipo de problema, nos deixe ajudar.

Ela assentiu com a cabeça, tentando parecer tranquilizadora. — Eu vou.

Ele começou a se virar, mas a olhou por cima do ombro, um sorriso iluminando seu rosto. — É bom ver você vestida com algo além do que o saco de dormir. Era bom, mas este é muito melhor.

— Acho que não vou esquecer isso enquanto viver.

— Você supôs certo, —disse ele, e se foi, movendo-se pelo corredor estreito, com a graça peculiar da família Ferraro.

Francesca limpou o café derramado e afundou de volta na cadeira. A sala de descanso era pequena, muito menor do que o escritório de Pietro. Ela virou a cadeira para que ficasse de frente para a porta, ao invés da janela.

Ela queria ver lá fora, com cuidado para manter a atenção sobre o homem de Barry, mas não era uma ideia inteligente tê-la de costas para a porta. Qualquer um poderia deslocar-se sobre ela.

Ela se sentou em silêncio durante quase toda a sua pausa, tomando um gole de café e enchendo-se de coragem. Finalmente, ela enviou uma mensagem a Stefano. *Ela precisava de um empréstimo. Ela lhe pagaria de volta o mais rápido possível. O empréstimo era significativo. Três mil dólares.* Seu estômago se agitou quando ela digitou o pedido. Ela esperava que ele não pensasse que ela estava enganando-o, dando um tempo, aguardando uma oportunidade de



pegar o dinheiro dele. Ela mordeu o lábio enquanto ela bateu enviar antes que mudasse de ideia.

Ela poderia encontrar mais roupas em um brechó, não pegaria qualquer outra coisa de Stefano, mas o dinheiro iria tirá-la da cidade e ela poderia ir a algum lugar completamente diferente. Ela sabia como se perder na rua. Ela tinha feito isso antes, perder o homem de Barry para que ele não soubesse quando ela embarcasse em um ônibus.

Ela não podia ir sem dinheiro. Ela tinha de obter um empréstimo de Stefano. Uma vez que ela se levantasse, ela lhe enviaria o dinheiro. Ela poderia conseguir. Ela era trabalhadora. Ela não sabia como Barry a tinha encontrado tão rápido, mas ela iria ficar melhor em se esconder. Ela tinha que ficar melhor. Ele já estava respirando em seu pescoço e ela não estava na cidade há muito tempo.

Seu telefone tocou. Ela olhou para ele como se estivesse vivo. Ela sabia quem era. Ela abriu o aparelho e colocou-o no ouvido.

— Não se atreva a deixar a porra da loja, Francesca. Quero dizer isso. Você me diz o que está acontecendo. Você não planeja fugir. Eu estarei aí em alguns minutos. — Ele desligou abruptamente, não dando a ela uma chance de responder.

Não houve saudação e um fim agradável para a conversa. Stefano não estava feliz. Ela deu um profundo suspiro. Ele estaria lá em breve, e ele iria convencê-la a sair. Ela sabia que ele poderia convencê-la, porque ela realmente não queria sair. Ela tinha, para proteger Pietro, Joanna, e até mesmo Stefano. Ele podia conhecer Barry como corredor, mas ela sabia em primeira mão que Barry Anthon era capaz de matar e ele não hesitaria se alguém entrasse em seu caminho.

Ela não podia sair pela porta da frente. Emilio e Enzo estavam lá fora. Ela se virou e foi pelo corredor, em direção à parte traseira do edifício. Ela tinha que sair agora, antes de estar pronta. Ela poderia ter pedido seu pagamento. Pietro teria lhe dado o dinheiro, mas ela não se atrevia a esperar mais um minuto.



Ela abriu a porta e quase caiu em Enzo.

Ele sorriu para ela. — Indo a algum lugar, Francesca? — Ele bloqueou a saída com o seu corpo. Ele era sólido. Impossível se mover. Ele inclinou um quadril preguiçosamente contra o batente da porta. — Eu tenho que te dizer, querida, que seu homem está em forma rara. Ele explodiu meu telefone com ordens e promessas de todos os tipos de dor e tortura se você conseguisse me iludir. Coisa que você não iria ser tão má para tentar fazer, certo? Quero dizer, você conhece Stefano. Ele não teria o mínimo de compreensão se você passasse por mim.

Francesca deu um passo atrás, porque ela não teve opção quando Enzo deu um passo adiante. Ela colocou a mão em sua garganta na defensiva na defensiva. — Eu estou tentando fazer a coisa certa, Enzo. Estou protegendo-o. Você não tem ideia dos inimigos que eu tenho. Eu tenho que sair daqui.

Enzo balançou a cabeça, um pequeno sorriso brincando em sua boca. — Você está protegendo Stefano Ferraro. Meu primo. — Ele sorriu para ela. — Isso é tão doce. Protegendo-o.

— Não é questão para rir.

O sorriso desapareceu e ele inclinou a cabeça para um lado. — Você está falando sério.

— Muito. Eu sei que você o ama. Por causa dele, você tem que me deixar ir. Vou entrar em um ônibus e desaparecer. — Ela não estava certa de que tinha dinheiro suficiente para ir a qualquer lugar. Ela ainda não tinha conseguido um salário real ainda.

— Querida, Stefano Ferraro não é um homem que precisa da proteção de ninguém. As pessoas precisam de proteção contra ele. Confie em seu homem para cuidar de você. Confie em nossa família.

Ela sentiu um movimento atrás dela, embora ela não ouvisse nada. Enzo ergueu o olhar para além do ombro dela e ela virou a cabeça para ver Emilio vindo por trás. Os dois homens a enjaularam.



— Quer me dizer o que diabos está acontecendo? Stefano está perdendo sua maldita mente, —Emilio explodiu.

— Francesca aqui está fugindo para proteger Stefano de algum grande inimigo que ela tem, —disse Enzo.

Emilio parou o rosto mostrando choque. — O que?

— Você me ouviu.

Francesca tinha o suficiente. — Mexa-se, Enzo. Você não pode me parar.

— Querida. —Enzo sorriu para ela. — A física se aplica aqui. Você não vai passar até me arrastar.

— Você está brincando comigo? —Emilio exigiu. — Você está protegendo Stefano.

Ela suspirou, tentando empurrar o alívio para baixo. Ela não queria sentir alívio, mas sentia. Ela estava apavorada em fugir. Ela não queria voltar para as ruas, mas mais, ela não queria mais ficar sozinha. Barry Anthon a tinha aterrorizado por tanto tempo que ela tinha esquecido que bom era ter alguém até que tinha estado com Stefano. Tinha esquecido como se sentir segura até que tinha estado com ele.

— Bem. Vou voltar ao trabalho, terminar o meu turno e enfrentar a sua majestade quando sair do trabalho, —ela capitulou.

— Eu acho que você está oficialmente fora do trabalho por hoje. Ele está explodindo o meu celular, o celular de Enzo e o telefone de Pietro. Eu não ficaria surpreso se cada um de seus irmãos, bem como Emmanuelle aparecesse.

— Ele não seria tão louco.

— Querida, —disse Enzo. — Ele é.

Isso não trazia nada de bom. Ela seguiu Emilio de volta para a loja, Enzo logo atrás. Em choque, ela reconheceu dois dos irmãos de Stefano descansando à beira da porta, como se estivessem lá casualmente, mas não



havia nada de casual em suas expressões quando seus olhares se estabeleceram em seu rosto.

Enzo tomou seu cotovelo e levou-a ao redor do balcão direto para os irmãos de Stefano. — Ela estava protegendo-o, —ele os cumprimentou com um pequeno sorriso.

Francesca revirou os olhos. — Não é engraçado.

Taviano abriu um sorriso. Ricco não o fez, mas sua sobrancelha se elevou.

— Sério? —Perguntou Taviano. — Isso não tem preço. Mal posso esperar para ele descobrir.

— Eu gostaria de saber o que motivou o seu súbito desejo de fazer correr dele, —Ricco disse, — mas vamos fazer isso lá fora. Nós temos público.

Francesca estava ciente do silêncio na loja. Ela estava cheia, mas ninguém estava fazendo compras ou conversando com um vizinho. Todos os olhos estavam sobre ela e os irmãos Ferraro.

Ricco abriu a porta, levantou o queixo para Pietro, tomou seu cotovelo e marchou para fora da loja.

Ao fazê-lo, o Aston Martin de Stefano parou suavemente no meio-fio. Sem perder o ritmo, Ricco abriu a porta, colocou a mão no topo da sua cabeça quando ela hesitou, forçando-a a entrar no carro e fechou a porta.

Francesca respirou fundo e virou a cabeça para enfrentar Stefano. A atmosfera no carro estava queimando. Ela podia ver o porquê. Ele estava fervendo. Uma mecha de desconforto serpenteou por sua espinha.

— Stefano ...

— Coloque o cinto de segurança. —Ele esperou os olhos azuis como chamas, queimando através dela.

Ela era louca. Ela sabia que era, porque Stefano Ferraro estava furioso. Sua fúria queimou todo o oxigênio do ar, mas ela ainda sentia absolutamente segura. Feliz. Aliviada. Sem medo que ele pudesse rugir para ela, porque ela



sabia categoricamente que Stefano nunca colocaria a mão sobre ela com raiva e que ele não estava a ponto de deixá-la ir.

Ela colocou o cinto. — Sinto muito que você achou que tinha que sair do trabalho.

— Poderia ser melhor se você não falasse enquanto estou dirigindo.

Ela estava bem com isso. Ela sabia que era um pequeno alívio, mas ela não se importava. O interior do carro estava quente, e os ombros largos e corpo duro de Stefano deram-lhe a ilusão de bem-estar. Pela primeira vez desde que ela tinha visto o homem de Barry passar o dedo na garganta, ela respirou mais fácil.

Ela se sentou em silêncio, admirando a forma como Stefano dirigia, com velocidade, mas muito controlado. Ele parou na porta da frente do hotel, saiu, jogou as chaves para o manobrista e a agarrou. Seu aperto era forte, um torno em torno de seu braço.

— Você esqueceu o casaco, —observou ele, com a voz entrecortada. Ainda com raiva.

— Eu estou começando a pensar que você pode ser um pouco obcecado com casacos, Stefano, —disse ela, tentando fazer humor. — Você deveria ver alguém por isso.

Ele não sorriu ou afrouxou seu aperto. Ele passou pelas portas de vidro duplo, através do lobby direto para o elevador privado. No minuto em que entrou, ele colocou uma mão em sua barriga e a empurrou contra a parede, pegou seus pulsos com suas mãos, fixando-os contra a parede em ambos os lados de sua cabeça e colocou a boca sobre a dela.

Quente. Exigindo. Irritado. Com fome. Jogou essas emoções dentro dela, seu corpo agressivo contra o dela. Ela recebeu seu calor, nem mesmo fingindo resistir. Ela não sabia que sofria por sua boca na dela desde que ele a tinha beijado naquela manhã, mas no momento em que isso aconteceu, a necessidade rugiu através dela.



A fome aumentou, afiada e terrível. Faíscas elétricas pareciam saltar da pele dele para a dela. Seu corpo reagiu ficando flexível, os seios doloridos, os mamilos em picos duplos, os botões apertados, o corpo quente dando boas-vindas. Ela o beijou de volta, dando-se a ele. Deixando a boca dele assumir o comando da dela.

Se ele pretendia que o beijo fosse um castigo, ele rapidamente evoluiu para algo completamente diferente. Quando o elevador chegou ao apartamento, seus joelhos estavam fracos e Stefano foi forçado a segurá-la.

Cada célula de seu corpo estava viva e estendendo a mão para ele. Ele tomou sua boca da dele e ela o perseguiu depois, levantando o rosto em um esforço para impedi-lo de deixá-la.

Stefano colocou seu braço ao redor dela, mantendo-a na posição vertical enquanto a guiava fora do elevador e para o hall de entrada da cobertura. — Pelo menos você sabe que pertence a mim, —ele retrucou, a raiva ainda infundindo sua voz.

Se ele podia beijar assim quando estava irritado, estava em apuros, porque ela não se importaria de deixá-lo realmente zangado se fosse isso que ela recebesse a cada vez. Ela pressionou os dedos na boca e entrou com ele na espaçosa sala grande. Era longa, larga e tinha vários sofás e cadeiras. Ele a colocou em um na frente da lareira.

— Fique aí.

Francesca observou através de cílios abaixados quando ele se virou para o fogo, usando um controle remoto, que pegou do outro lado da sala, saindo de seu longo casaco e jogando-o sobre uma das cadeiras antes de voltar a encará-la. Não era apenas raiva. Ela estremeceu. Ele olhou-a com seus olhos penetrantes. Vendo-a. Vendo o medo que ela tentou esconder dele. Sua mandíbula se esticou, um músculo pulsando lá. Perigo se agarrou a seus ombros largos e peito definido. Ele parecia ao mesmo tempo poderoso e intimidador. Ela sabia que ele achava que seu medo era dele, porque ele fez um esforço visível para ter a sua raiva sob controle.



— *Dolce cuore*. — Sua voz era suave. Fazendo carinho. — Não olhe para mim assim. Eu nunca te machucaria. Nunca. Não importa quanto eu fique irritado, você nunca vai ser um alvo.

Ela balançou a cabeça. — Eu sei, Stefano. — Ela sabia. Stefano Ferraro era um homem que protegia mulheres, especialmente uma que ele considerava sua, mesmo que fosse temporário.

— Por que você está com medo? O que fez você correr?

Ele não tirava os olhos do rosto dela e ela estremeceu novamente pela intensidade lá. Ela estudou-o. A expressão dele não revelava nada, mas sentia como se ela o tivesse ferido. — Eu não quero que nada aconteça com você.

A confissão saiu um pouco apressada, as palavras caindo umas sobre as outras, quase por sua própria vontade. Ela não tinha certeza se tinha revelado muito para ele, mas a ideia de que ela poderia ter ferido Stefano com suas ações era inaceitável para ela.

Ele ficou do outro lado da sala por um longo tempo, seu olhar azul movendo-se sobre o seu rosto. Ela torceu os dedos no material de sua saia, amassando-o em seu punho. A atmosfera na sala mudou, mas ela não o conhecia bem o suficiente para lê-lo.

— O que você acha que vai acontecer para mim, Francesca?

Ela não entendia como poderia falar tão baixo, tão baixo e ainda transmitir tanta intensidade. Ela percebeu que ele ainda estava com raiva, mas não era completamente focada nela. Ainda assim, não fez um movimento em direção a ela. Seu coração batia rápido e duro, principalmente porque sentia um pouco como se estivesse na mesma sala com um leão. A qualquer momento ele poderia optar por derrubar sua presa, mas mantinha-se distante, esperando. Fazendo-a esperar.

Francesca umedeceu os lábios com a ponta da língua. — Stefano, não fique com raiva. Você iria tentar ...



Ele estava do outro lado da sala e em quatro passos largos, cortou-a, principalmente porque ela não conseguia respirar. Ele ainda lembrava um leão, um grande gato selvagem, fluido, bonito, gracioso quando corria para sua presa. Ele se debruçou, os nós dos dedos ao lado de seus quadris. Perto, tão perto que ela podia sentir os dedos através do fino o material de sua saia.

— Pare. De. Falar. Besteira.

Seu rosto estava ainda mais perto do que as mãos, a boca contra a dela. Cada movimento escovava os lábios nos dela. Seus olhos perfuraram os dela, a despia, a enxergava quando ela não achava que era seguro. Ela não podia esconder o fato de que ela o queria, não em sua cobertura, com sua raiva pulsando no ar, não era uma coisa boa.

— Stefano. — Ela pensou acalmá-lo.

— Já passamos por isso. Nós conversamos sobre isso e que ambos concordamos. Nós não vamos voltar para trás então me diga o que diabos aconteceu para fazer você querer fugir de mim.

Era uma exigência. Nada menos. Francesca tomou uma respiração profunda, desesperada por ar, mas o puxou para seus pulmões. Ela sentiu os lábios contra os dela, suaves, mas firmes. Seus lábios deviam ser a única parte macia dele. Cada outra polegada quadrada parecia ser feita de aço puro. Ela não podia resistir à tentação, não quando ele a rodeava com seu aroma. Não quando sua raiva pulsava no ar, alimentando a tensão sexual até que ela estava se contorcendo de necessidade. Com uma fome terrível que ela mal compreendia.

Francesca deslizou seus braços ao redor do pescoço de Stefano e pressionou a boca contra a dele, movendo os lábios ao longo dela com beijinhos, usando a ponta da língua para rastrear e moldar a curva de sua boca. A respiração dele acalmou em sua garganta. Seus olhos azuis escuros. Suas pestanas. Ele tinha belos cílios, cheios, longos e muito pretos. Seu braço deslizou ao longo de suas costas e ele a arrastou de pé, puxando seu corpo contra o dele, prendendo-a lá.



Sua boca tomou conta dela e não foi nada menos do que uma aquisição. Seu beijo foi duro, quente e delicioso. Ela provou sua raiva. Estava lá, adicionando ainda mais calor. Ela entregou-se ao seu escaldante temperamento e a sua fome intensa. A paixão escura que a pegou como uma onda.

Ela queria isso. Ela o queria. Ela não se importava com as consequências; ela sabia que quando estava com ele, sentia-se viva. Ela sentia como se estivesse em casa, onde ela pertencia. Mais, seu corpo era sensual, e bonito. Esse era Stefano. Ele a fez sentir coisas que ela nunca teve.

Elettricidade se arqueou entre eles, chiou sobre sua pele e afundou em seus ossos. Sua corrente sanguínea derreteu, tão quente que sentia cada conexão passando através de seu corpo. Sua boca era possessiva. Exigente. Em chamas. Pegando em vez de pedir. Isso não importava, porque ela desistiu de tudo por ele.

Suas mãos se estabeleceram nos quadris, quase como se ele pudesse colocá-la de lado. Francesca aproximou-se dele, precisando sentir a força em seu corpo, a forma que seus músculos ondulavam tão elegantemente sob suas roupas. Ela precisava tocar sua pele, sentir o calor escaldante através dela. Sem pensar nas consequências, ela puxou a camisa dele para fora do cóis da calça e deslizou suas mãos pela caixa torácica e o peito dele.

A respiração dele engatou em sua garganta. O ar ficou preso em seus pulmões. Um gemido escapou de sua garganta. Emergiu de seus pulmões. A mão dele deslizou por sua estreita cintura até os quadris, os dedos repuxando sua saia enquanto sua boca tomava a dela novamente. Ela subiu na ponta dos pés, tentando alcançar mais, se afogando em seu gosto, em sua escura paixão. A mão deslizou pela coxa nua, até seu quadril, e depois para baixo e para o interior. O toque das pontas de seus dedos era requintado. Todo o tempo sua boca cobrava a dela. Levando-a para lugares que ela não sabia que existiam.

Ela precisava estar mais perto, muito mais perto. Pele com pele. Na parede do fundo, sobre o braço, ela viu suas sombras se fundirem, e sentiu o



choque de um relâmpago, como se ela tivesse sido atingida, como se de alguma forma os dois corpos tivessem se tornado um dentro da mesma pele. O incêndio chiou por sua espinha, até o ventre dela e seus seios. Escaldante. Deixando-a mais com fome dele. Viciada por seu gosto. Seu perfume. A sensação de seu corpo contra a suavidade dela. Ela nunca tinha sido mais consciente de si mesma como mulher.

De repente, as mãos de Stefano se fecharam em torno de seus braços como um torno e ele a afastou dele. Mantendo-a imóvel no comprimento do braço, respirando pesadamente, balançando a cabeça. Ela deu um passo em direção a ele. Hipnotizada por ele. Completamente sob seu feitiço.

— Não, *bambina*. Nós não podemos fazer isso.

— Sim nós podemos. Eu quero isso. —ela sussurrou, mais uma vez pisando em direção a ele.

Seus braços se fecharam, mantendo-a longe dele. — Não.

Uma palavra. Ela viu seu rosto. Intransigente. Sem expressão. Ela estava em chamas, seu corpo não era seu, mas dele, e ainda ... *Ele não a queria*. Ela estava fazendo de si mesma uma tola. Nunca em sua vida tinha se oferecido para outro homem. Humilhação queimava por ela.

Francesca se afastou dele, pressionando os dedos contra a boca para evitar o tremor. Para selar o gosto e a sensação dele nela. Ele não a queria. Ela havia se jogado para ele e ele a rejeitou. Como podia ter sido tão estúpida? Ela não tinha muita experiência, mas ela não deveria ter se convencido de que ele a queria só porque ela o queria. Ela nunca se sentiu mais mortificada em sua vida. Ela não tinha certeza de como salvar a situação, ou até mesmo se podia.

— Não. —Sua voz era baixa.

Ela não se virou para enfrentá-lo, ela não ousou. Cor tinha varrido seu pescoço e seu rosto. Ela deu um passo para o corredor, para longe dele, pensando em fugir para o quarto dela. Ela não tinha outro lugar para ir e ela queria se esconder. Dar-se tempo para se juntar, porque ele tinha a



desvendado totalmente. Ela teria permitiria que ele a tomasse ali mesmo em sua sala grande. No sofá. No chão. Não teria importado, desde que ela fosse dele. Mas ele não a queria.

Ela nunca tinha se jogado para um homem em sua vida. Nunca. Ela nunca tinha sido rejeitada e não sabia como agir. O que fazer ou dizer. Ela não era sofisticada. Ela não vivia em seus círculos, e ela não sabia nada sobre um beijo casual. Para ela, aqueles beijos tinham sido tudo menos casuais, mas o que ela sabia?

— Francesca, não. —Ele repetiu o comando suavemente. Imperiosamente. — Olhe para mim. —Outro comando. Ela se recusou a enfrentá-lo. Ela balançou a cabeça e deu mais um passo, a necessidade de fugir superando o orgulho. Ela virou-se, pensando em correr para o elevador, mas ele estava nela antes que ela tivesse dado um único passo. As mãos dele seguraram seus quadris e ele continuou se movendo, empurrando-a para trás enquanto a levava em linha reta através do vasto arco para a parede no corredor. Ela teria caído, se não tivesse sendo segurada por ele.

Coração batendo forte, costas para a parede, enjaulada por seu corpo, ela só podia ficar ali, desejando que o chão se abrisse e a engolissem. Ela se recusou a olhar para o rosto dele, em seus olhos. Ela não queria fazer isso com ele, ouvi-lo tentar deixá-la a vontade. Isso seria ainda mais humilhante.

— Eu quero ir, —ela murmurou baixinho. — Você não pode me manter aqui.

— Olhe para mim, Francesca. —Era mais uma de suas ordens. Clara. Forte. Esperando obediência.

Sua respiração vaiou. Ela se preparou para levantar os olhos, porque ela sabia que tinha que obedecer a seu comando. Ele não iria deixá-la ir. Ela não queria ver pena lá. Ou compaixão. Ela lentamente forçou seu olhar de seu peito para a sua forte mandíbula, a bela boca, o nariz aristocrático, e finalmente, finalmente, seus incríveis olhos azuis. No mesmo instante ela não conseguiu desviar o olhar. Capturada. Mantida prisioneira lá.



Na profundidade de todo aquele azul. Sua respiração ficou presa na garganta. Não era pena. Definitivamente não era pena. Desejo ardia. Quente e cru. Posse. Primal e um pouco selvagem.

— *Dolce cuore*, você é uma fujona. Você começou o hábito de fugir quando as coisas ficam muito quentes. Eu não sou fácil. Eu nunca vou ser fácil. Vou possuir você. Você não vai ter um momento em que eu não esteja ciente de onde você está e o que você está fazendo. Isso é quem eu sou. Eu sempre serei esse homem. Você tem que ter certeza que vai ficar comigo não importa o que, porque uma vez que eu a faça minha, uma vez que seu corpo pertença a mim, não há nenhuma volta. Nunca. Você tem que saber com o que você está se comprometendo.

Ela balançou a cabeça. — Não diga coisas como essa, Stefano. Eu li as revistas e você fez sexo mil vezes com um milhão de mulheres. Eles não podem pertencer a você.

— Foi sexo, Francesca. Eu as *comi*, porque eu precisava de liberação e eu gosto de foder. — Ele ignorou a careta e continuou. — Eu não as trouxe para casa. Elas não vinham viver comigo. Ou me conhecer. Ou saber algo sobre mim. Eu não as reclamei na frente de toda a minha família ou minha vizinhança. Nenhuma daquelas mulheres me pertencia. Eu não as queria por mais de algumas horas. Nós usamos um ao outro, só isto.

Francesca mordeu o lado de seu lábio, o coração batendo forte. Ela mal podia acreditar no que estava ouvindo. De alguma forma, ela era diferente para ele, de todas as outras mulheres sofisticadas bonitas?

Mais para ele do que as modelos? Herdeiras? Atrizes? As ricas e bonitas?

— Minha vida é degenerada, Francesca. Foi a partir do momento em que nasci. Eu não tenho escolha no que eu faço. Eu nasci em uma empresa familiar, fui treinado para isso, e tenho pessoas dependendo de mim. Minha vida nunca foi minha. Eu tenho todo o dinheiro do mundo, e nada do que eu quero. Até você. Eu quero você. Você é o que eu quero para mim.



Ela enrolou os dedos em torno de seu bíceps, com medo de que se ela não se segurasse, cairia. As coisas que ele disse a fizeram fraca de desejo. Havia uma honestidade gritante em sua emoção voz.

— Eu não sou um bom homem, *bambina*. Eu nunca vou ser um homem bom. Se você der a si mesmo para mim, estará entrando em um mundo que vai assustá-la. Você vai ter que confiar em mim implicitamente. Confiar que sempre, sempre, antes de qualquer outro, eu vou estar a sua volta. Eu vou mantê-la segura. Eu vou te fazer feliz e dar-lhe o mundo. Isto não vai ser sexo casual, Francesca. Você me dá o seu corpo e é isso. Eu não vou deixar você pegá-lo de volta.

— Você está me assustando. — Ele estava. A parte sobre sua vida, entrar em seu mundo, vir a público e dizer que seu mundo iria assustá-la, ela estava com medo do que isso significava. Ele não estava sendo dramático, ou embelezando fatos, ele estava afirmando, ela podia dizer.

— Você deve estar com medo. Eu quero que você me veja, Francesca. O verdadeiro eu. O homem com quem vai gastar sua vida. Sem ilusões. Eu sou cruel e implacável. Eu faço o trabalho com os meios necessários. Eu mantenho o que é meu. Quero crianças. Uma família. Uma mulher que vai adorar minhas crianças, ficar com elas no meio da noite e confortá-las quando elas estiverem chateadas. Eu quero essa mulher para mim e para os meus filhos.

Ele tinha dito que se levantava para sua irmã quando ela tinha pesadelos e era ele quem fazia chocolate quente e sentava-se com ela. Não sua mãe. Stefano tinha feito isso.

— Vou tentar conter meu jeito e dar-lhe algum espaço, mas eu me conheço. Você já é meu mundo. Eu penso em você dia e noite. Preocupo-me com você. Você se convenceu que uma vez que a ameaça para você não exista mais e Barry Anthon for eliminado de sua vida, eu vou largá-la. Mas eu não vou, *dolce cuore*, eu não vou. Eu sempre vou precisar saber que você está segura, e que quando eu falar alguma coisa para você, você vai ouvir.



Ela ouviu o pesar, a tristeza em sua voz. Como se ela não pudesse amá-lo por causa de quem ele era. O que ele tinha nascido e para o que tinha sido criado. O que quer que sua vida fosse, qualquer que fosse o negócio de sua família, ele não mudaria isso. Não por ela. Não por qualquer um. Ele esperaria que ela vivesse com o que quer que fosse. Ele esperaria que ela vivesse com as regras de seu mundo, as que ele fazia.

“Eu não sou fácil. Eu nunca vou ser fácil. Vou possuir você. Você não vai ter um momento em que eu não esteja ciente de onde você está e o que você está fazendo. Isso é quem eu sou. Eu sempre serei esse homem.” A declaração ecoou em sua mente. Por que o pensamento de que ela sempre saberia que estava segura, que ela e as crianças estariam a salvo. “Segurança” significava o mundo quando você não tinha tido isso.

“Eu não sou um bom homem, bambina. Eu nunca vou ser um homem bom. Se você der a si mesmo para mim, estará entrando em um mundo que vai assustá-la...” Ele não se achava um homem bom, mas no momento seguinte ele disse a ela, honestamente ... “Confiar que sempre, sempre, antes de qualquer outro, eu vou estar a sua volta. Eu vou mantê-la segura. Eu vou te fazer feliz e dar-lhe o mundo.” Ele não entendia o quanto ele era bonito para ela. Como era surpreendente que um homem como ele existisse.

— Você não sabe nada sobre mim. Como eu sou. Qual é o meu personagem. É impossível querer estar comigo, dizer que sou seu mundo, quando você nem me conhece. —A matou declarar a verdade, porque ela a estava dando. Ela o queria. Mas era a verdade, e ela não iria viver uma mentira se ela pudesse tê-lo.

Ele riu baixinho, sacudindo a cabeça, seu olhar passeando possessivamente sobre seu rosto. — Você acha que depois de passar uma vida inteira conhecendo o ruim, estudando o ruim em qualquer forma, eu não conheço o bem quando eu o vejo? Eu passei milhares de horas na companhia do superficial. Raso. Tudo sobre aparências. Dinheiro. Imagem. Ganância. Isso são as últimas coisas que você é.



— Você não pode saber, Stefano, —ela sussurrou. Seu coração batia tão alto que ela temia que ele pudesse ouvi-lo.

— Sêrio? *Bambina*. —Seus dedos se enrolaram em torno da sua nuca. "Você deu seu casaco a uma estranha, uma mulher na rua, quando você precisava dele desesperadamente. Joanna tem dinheiro, uma família, uma casa quente para viver. Ela estava com você. Ela não ofereceu o casaco dela. Nem qualquer outra pessoa que desceu a rua e viu Dina tremendo de frio. Eles viram uma mulher sem-teto se a vissem. Você viu um ser humano.

— Mas ...

— Eu lhe dei meu casaco, Francesca, com bem mais de mil dólares no bolso. Quantas mulheres ou homens teriam deixado o dinheiro lá?

— Eu comprei botas. —Sua voz era baixa e cor rastejou até seu pescoço. Seu olhar deslizou do dele, ela tinha vergonha por ter que admitir que tinha pego seu dinheiro e ainda não podia pagá-lo.

O polegar dele deslizou ao longo de sua mandíbula e, em seguida, viajou pelo o lábio inferior. Ele traçou a curva suave, enviando pequenos arrepios na espinha.

— *Bella*, eu mandei meu irmão a loja para ter certeza de que você comprou os sapatos. Era importante para mim. E você teve cuidado extra com meu casaco. Pendurou-o no escritório de Pietro longe de qualquer outra pessoa. Você estava congelando naquele apartamento horrível, mas em vez de usar o casaco para se aquecer, você pendurou-o cuidadosamente.

— Eu pensei em usá-lo, —ela admitiu. O chão estava sujo mesmo depois que ela o esfregou, ela não queria que o casaco tocasse-o.

— Mas você não fez, mesmo que você devesse. Você não queria que nada acontecesse a ele. Era importante para você. —Ele fez mais disso do que ela gostaria de admitir para si mesma. Ela continuou dizendo que queria devolver o casaco para ele. Parecia responsabilidade, mas se ela fosse rigorosamente honesta consigo mesma, ela sabia que a verdade era que queria envolver-se em seu perfume. Ele a fazia se sentir segura. Ter seu



casaco era um pouco como ter uma parte dele. Ela umedeceu os lábios, a ponta de sua língua provando a ponta do polegar. O coração dela empurrou e seu sexo se apertou e ficou mais liso, mais quente. Mais carente.

— Stefano, se você soubesse as coisas que eles dizem sobre mim ...

— As coisas que Barry Anthon disse sobre você? Fez sobre você? Fabricando provas contra você?

Sua voz ficou fria. Dura. Assustadora. — Quando você acordou de seu pesadelo e me contou sobre ele ...

— Pare. — Agora seu rosto estava vermelho cereja. Ela estava envergonhada de deliberadamente arrastá-lo para sua bagunça. — Você não tem ideia do que eu fiz. Eu manipulei você. Eu sabia que você era assustadoramente protetor. Absurdamente protetor. Eu te contei sobre Barry...

— Porque você estava meio acordada e assustada demais. Você acha que te segurando em meus braços não pude sentir isso? Estamos conectados. Eu sei que você sente isso também. No momento em que você acordou o suficiente, você voltou atrás.

Ela tinha. — Ainda assim, eu queria arrastá-lo para o meu pesadelo. Não conta que eu me arrependi depois. Essa é uma terrível falha de caráter, usar alguém, porque me sentia tão sozinha e cansada e ... — Ela parou.

— Assustada. Você estava com medo e precisava de alguém.

— Não qualquer um. — Ela teve que dar-lhe isso. Dar-lhe a verdade. — Você me fez sentir segura desde a primeira vez o que parece ser desde sempre, já que meus pais morreram, minha irmã foi assassinada, — Francesca confessou em um pequeno sussurro.

— Eu quero que você sinta segura quando está comigo, *dolce cuore*. Mais importante, quando você achou que Anthon tinha encontrado você, você decidiu correr para me proteger. Na minha vida, não consigo lembrar de outro ser humano me protegendo. Fui criado para ser um escudo entre o dano e todos os outros. Eu aprendi desde os dois anos de idade. Você não



tem ideia do que significa para mim, saber que você estava aterrorizada, sem dinheiro, nada, mas me deixaria para me proteger.

Ela balançou a cabeça. — Stefano, você está me fazendo soar muito melhor do que eu sou.

— Eu sabia que tipo de mulher que eu queria na minha vida, para a mãe dos meus filhos, e quando eu vi todas essas coisas em você, eu soube. Eu soube que era você. Para não mencionar, a química entre nós que é *estratosférica*. Eu acho que mencionei para você que eu gosto de foder. Eu faço. Muito. Eu saio de um trabalho e preciso de uma mulher desesperadamente. Eu não poderia obter alívio porque de repente nenhuma outra mulher iria fazer, mas você. Só há você para mim. Você é a mulher que eu quero em meu corpo. Você é a mulher que eu quero ver desmoronar quando eu tomá-la. Eu quero estar com você em todos os sentidos que um homem pode estar com sua mulher.

— Eu não sei o que estou fazendo.

— Um pouco de confiança, *bambina*. — Havia uma pitada de diversão em sua voz. — Eu sei o que estou fazendo, e vou me certificar de que seja sempre bom para você.

— E quanto a ser bom para você? Isso é importante para mim, Stefano, —ela confessou.

Ele ficou imóvel, seus olhos azuis escurecendo, intensos, movendo-se sobre o rosto com posse crua e outra coisa que ela não conseguia nomear. — Aí está, —disse ele suavemente. — A razão por que eu quero você com cada *porra* de respiração que dou.



Capítulo Onze

Os dedos de Stefano seguraram o pescoço de Francesca e ele inclinou a cabeça lentamente na direção dela. Ele precisava de sua boca. Do sabor dela. Não importava o que ela dissesse, não importava que ele agisse como se fosse dar-lhe a chance de ficar longe dele, ele sabia mais. Ele sabia que ela já estava perdida. Sua. Ele nunca tinha pensado que realmente tivesse uma chance de encontrar uma mulher para si, uma que ele pudesse amar e centrar seu mundo ao redor. Aquela que iria aceitá-lo e a sua vida fodida, mas agora que ela tinha entrado em seu mundo, ele sabia que não estava disposto a deixá-la ir.

Ela deveria ter se afastado dele. Ele contou a ela a verdade sobre si mesmo e deu a entender seu mundo. Ele deixou-a saber, exatamente, o que teria que enfrentar com ele. Ela deveria ter tentado novamente fugir, mas em vez disso, ela levantou o rosto para ele. Ofereceu-se. As pálpebras dela caíram, cobrindo o olhar sexy, enevoado que enviava setas escaldantes que inflamavam o sangue nas veias dele.

Ele tomou sua boca. Cruel. Impiedoso. Um pouco selvagem. Com mais fome do que ele já tinha tido em sua vida. Os lábios dela eram suaves, se abrindo para ele instantaneamente em sua demanda, e sua língua deslizou na boca dela, na doce boca. Instantaneamente seu sangue esquentou em suas veias e correu para baixo. Brutal. Ele a devorava. Pegando tudo o que podia dela e exigindo mais. Ele nunca se cansaria dela, da maneira como ela o beijava. Dando-se a ele. Dando-lhe tudo. Ela não sabia o que estava oferecendo a ele. Confiando. Absoluta confiança. Seu corpo se desossou, fundindo-se com o dele, a boca se movendo sob o ataque dele.

Não importava que ele fosse selvagem. Áspero. Que ele estivesse permitindo que o beijo saísse de controle. Ela só dava a ele. O que chegou a ele como nada mais poderia ter chegado. Ela não achava que tinha alguma



coisa a lhe oferecer. Ela conseguiu isso. Ela não tinha dinheiro, nem família, absolutamente nada em seus olhos. No entanto, ela deu-lhe tudo, porque ela lhe deu este magnífico presente, sua confiança, quando ela não tinha motivos para confiar em ninguém, muito menos nele.

Ele nunca tinha tido uma mulher que não quisesse algo dele. Ele conhecia o jogo e ele estava bem com isso. Francesca era ... Extraordinária. Um presente. Um milagre. Ela só se entregou a ele. Ele estava conectado a ela através de suas sombras e sabia como ela se sentia. Assustada, na fronteira do terror. Ainda assim, ele importava para ela. Ela o viu, não o Stefano que o resto do mundo via, mas o interior do homem o que precisava. Que não queria ficar sozinho. Ela se deu a esse homem. E Deus o ajudasse, ele nunca iria deixá-la ir, então ele tinha que fazer isso direito. Ele tinha que dar o melhor que pudesse, e certamente não rasgar a roupa dela, não tomá-la da maneira que seu corpo exigia.

Ele recuou, antes que fosse tarde demais, antes que ele a tomasse ali mesmo no chão do corredor. Antes que o rugido em sua cabeça se tornasse demasiado alto e a necessidade de seu corpo tirasse cada gota de sentido que ele tinha.

Vagamente, ouviu o sibilo do elevador e instantaneamente, mesmo com o seu corpo em chamas e seu pênis tão malditamente duro e tão cheio que ele teve medo que pudesse estourar, ele se virou, bloqueando o corpo de Francesca com o seu, tirando a arma do coldre e rastreando as portas do elevador através da arcada.

Ricco entrou no *foyer*, seguido por seus outros irmãos, todos eles, e seus primos de Nova York.

Eles pareciam sombrios. Determinados. A verdade era que ele não estava surpreso em vê-los. Ele sabia por que eles estavam lá. Francesca representava esperança para eles. Já, sabendo que ele estava reivindicando-a, ela era família para eles. Eles levavam a família a sério. Eles queriam saber o que lhe tinha assustado, porque ela achava que tinha que fugir. Mais, por que ela pensaria que tinha que proteger Stefano. Ele também sabia que se eles



acreditassem que ele estava em perigo, eles iriam parar tudo para garantir sua segurança, bem como a de Francesca. Qualquer outra hora ele ficaria feliz em vê-los, mas o momento era errado.

— Meus irmãos, *bambina*, —disse ele em voz baixa, voltando-se para ela quando deslizou a arma de volta no coldre. — E dois primos de Nova York. —Seus primos eram os investigadores da família fora de Nova York. — Eles vão lhe fazer algumas perguntas. Se você não estiver confortável em responder, olhe para mim. Eu vou lidar com isso. Entendeu? —Porque, mesmo com a sua família, ele iria ficar na frente dela. Sempre. Ela não sabia disso ainda, mas ela iria aprender.

— Eu não entendo. —Os olhos de Francesca passaram de confusos a escuros, de choque quando ela olhou para a arma. — Quais questões? E por que você está carregando uma arma? Isso é legal?

Ele enfiou os dedos nos dela, seu polegar deslizando suavemente sobre os nós dos dedos em uma pequena carícia. Ele a sentiu estremecer. Ele ainda podia sentir o gosto dela em sua boca, a mistura viciante particular de paixão e inocência de Francesca. Ele a arrastou para frente apertada contra seu lado e ele deu um passo do corredor para a sala para cumprimentar seus irmãos.

— Você conhece a família, e estes são Lanz e Deangelo Rossi, meus primos. Esta é a minha mulher, Francesca.

Ela assentiu, mas não sorriu claramente muito confusa.

Ele não lhe disse por que eles estavam ali, sua família, um investigador de outro ramo da família que ajudava quando eles estavam envolvidos diretamente. Ele não quis se arriscar a responder perguntas. Ela não estava pronta para conhecer os segredos da família. Ele precisava ligá-la profundamente a ele, ter a certeza de que ela o amava o suficiente para ficar. Ela não estava lá ainda, e ele não iria lhe dar a porra de chance de fugir. Ele queria os holofotes fora de seus primos. — Onde está Emmanuelle?

— Alguém tinha que ser o cordeiro de sacrifício. —disse Taviano. — Ela tirou a palha curta. — O que significava que ela iria manter Eloisa, sua mãe, ocupada enquanto eles realizavam esta reunião.



Stefano assentiu. — Alguém quer café? Vinho? Outra coisa para beber? — Ele levou Francesca ao menor sofá, permitindo que seus irmãos ficassem com os sofás maiores e mais confortáveis, e as fundas poltronas.

Vittorio já estava no bar, misturando bebidas para seus irmãos e primos. Serviu seus primos primeiro e depois deu a Francesca um de seus sorrisos vencedores. — O que posso fazer para você?

Ela olhou para Stefano. — Eu vou precisar de uma bebida para isso?

— Seria melhor, *dolce cuore*, — disse Stefano. Ele passou a mão sobre o cabelo macio em torno do rosto dela. — Nós temos algumas perguntas que precisam de respostas.

Seu rosto instantaneamente endureceu. Ela balançou a cabeça, sua mão escorregando da dele. Ela baixou as mãos, entrelaçando os dedos com força. — Stefano ...

— Tem que ser feito, Francesca. Precisamos saber o que estamos enfrentando. Eu tenho meus primos investigando o que aconteceu também e o passado de Anthon, mas precisamos ouvir a verdade de você.

Ela balançou a cabeça de novo, olhando nervosamente para os primos. Eles permaneciam firmes em silêncio. — Como vocês vão saber se eu estou ou não dizendo a verdade? Eu contei a polícia, ao juiz, meu chefe na deli onde eu tinha trabalhado desde que tinha dezesseis anos, aos proprietários dos dois apartamentos, e no final ninguém acreditou em mim exceto Joanna. Seus irmãos mal me conhecem e seus primos não me conhecem nada. Por que eles considerariam que eu estaria dizendo a verdade sobre ele? — Ela fez um movimento para levantar, se preparando para fugir. — Eu fiz isso muitas vezes. Eu não quero fazer isso de novo.

Ele ficou solidamente na frente dela, recusando-se a ceder terreno, tornando impossível para ela se mover. Ela voltou para sofá e ele se sentou ao lado dela, seu braço deslizando ao longo das costas do sofá, os dedos se estabelecendo em seu pescoço. — Vinho tinto, ou você gostaria de algo mais forte? Vittorio faz uma margarita assassina.



Ela umedeceu os lábios. Ele sentiu seu corpo tremer e instintivamente se aproximou dela até que ela estava travada contra ele, coxa com coxa, seu corpo sob seu ombro.

— Você tem que confiar em mim para cuidar de você nisso, —disse ele. — Eu sei que é perturbador, mas nós precisamos disso agora. Você não está sozinha. Anthon pode pensar que sim, e ele vai fazer a sua jogada, mas você nunca estará sozinha novamente, *bella*. Você é minha. Eu cuido do que é meu.

— Nossa, —Ricco corrigiu. — *Famiglia*.

Os outros concordaram em uma demonstração de solidariedade.

As mãos de Francesca tremeram e Stefano colocou a sua sobre elas, puxando até que ela o deixou colocar a palma dela aberta em sua coxa. Ele cobriu a mão dela completamente com a sua, pressionando a palma em seus músculos, segurando-a apertada contra ele. Ela olhou para ele por um longo tempo, o olhar buscando-o. Ele sabia o que ela viu. Ele não era um homem de mentir. Ele era duro. Frio mesmo. Persistente. Cruel, e quando tinha um inimigo, sem misericórdia.

Ele sabia que se era só ele fazer as perguntas, e ela responderia sem hesitação, mas seu olhar continuamente se desviava para seus irmãos. Ela estava desconfortável com eles lá.

— Estamos aqui para ajudá-la, —Ricco reiterou. — Você pertence a Stefano, de modo que você pertence a todos nós, até mesmo aos nossos primos. Estamos todos em família. Isso significa alguma coisa para nós. Não tenha medo. Vamos reconhecer a verdade. Você não a reconhece, quando a ouve? Você não é sempre capaz de dizer quando alguém está mentindo para você?

Francesca assentiu. — Sim. —Sua voz era muito baixa e cheia de relutância quando fez a admissão, como se pudessem pensar que ela era louca.



— Nossa família inteira tem essa capacidade, —disse Ricco. — Nossos primos, nossos pais, uma tia e um tio também. É um presente que escolheu deliberadamente se desenvolver em nossa família, por gerações, não apenas em nós. Vamos conhecer a verdade quando você der para nós.

A palma da mão de Francesca pressionou mais fundo na coxa de Stefano. Ela sabia que Ricco tinha lhe dado tanto tranquilidade como um aviso, mas ela balançou a cabeça e Stefano sentiu um pouco da tensão sair dela.

— Eu vou querer um copo de vinho tinto. Eu não jantei, e tenho notado que até mesmo uma pequena quantidade de vinho parece me afetar. Eu bebo pouco, mas eu desfruto de um ocasional copo com o jantar.

— Você não come o suficiente, —disse Stefano, com a voz rouca. Um pouco mandão e desaprovando.

Isso rendeu um flash de diversão em seus olhos azuis vívidos, e depois desapareceu quando ela aceitou o copo de vinho de Vittorio. Stefano sentiu algo se mover dentro dele com aquele olhar íntimo. Ele sabia que era para só ele. Ele nunca tinha tido isso. Nunca em sua vida. Uma mulher que fosse exclusivamente sua. Francesca não estava ciente disso, mas olhou para ele com muito mais confiança em seus olhos do que ele merecia. Ela olhou para ele como se o sol nascesse e se pusesse com ele.

— Eu não sou exatamente magra, Stefano. —Ela abaixou a cabeça, olhando para o copo de vinho ao invés de para ele como se a discussão sobre suas curvas a envergonhasse.

Ela havia passado fome por um longo tempo. Na verdade ela tinha perdido algum peso, mas ele poderia dizer que ela achava que precisava. Mulheres sempre pareciam pensar dessa forma. Ele preferia curvas a uma supermodelo magra.

Ele não entendia por que as mulheres eram tão duras consigo mesmas. Francesca era tão bonita que ele não queria que ela perdesse uma única grama.



Seus irmãos, com bebidas na mão, encontraram cadeiras e se sentaram todos com os olhos em sua mulher. Ele sabia que a deixava desconfortável então manteve seus dedos ao redor da nuca e a outra mão cobrindo a dela em sua coxa.

— Conte-nos sobre Barry Anthon, Francesca, —disse Ricco. — Do começo. Como ele entrou na sua vida e o que aconteceu de lá.

Francesca olhou para Stefano para restabelecer a confiança e, em seguida, colocou cuidadosamente o copo de vinho na extremidade da pequena mesa, temendo derramá-lo no chão de mármore brilhante. Seu corpo inteiro tremeu e ela não pareceu ser capaz de fazer qualquer coisa sobre isso, mesmo quando ela se ordenou a parar. Ela não queria falar sobre Barry Anthon, ou reviver o mundo de pesadelo para o qual tinha sido arrastada dois anos antes, quando Cella conheceu Barry.

Ela arriscou outro olhar para os rostos dos irmãos Ferraro. Vittorio e Tavianio olharam para ela a encorajando. Ricco parecia francamente assustador. Giovanni acenou para ela como se para lhe dizer para ir em frente. Ela sentiu o corpo de Stefano ao seu lado, mas ele parecia ocupar a sala, em torno dela, na frente dela, nas costas dela. Ele estava em toda parte. Perigoso. Determinado. Dando-lhe a sensação de segurança. Como ele conseguia, ela não sabia. Os dedos massageando o pescoço quase distraidamente eram hipnotizantes. Inconscientemente ela relaxou neles, procurando mais. Buscando seu toque enquanto dava o que eles queriam.

— Minha irmã, Cella—era—nove anos mais velha que eu. Quando nossos pais foram mortos em um acidente de automóvel, ela decidiu me criar ela mesma. Ela não tinha que fazê-lo—mas ela quis. Ela nunca me fez sentir como um fardo para ela—apesar de ter sido difícil. Nós nem sempre tivemos muito dinheiro e nós vivíamos em um apartamento minúsculo, mas eu estava realmente feliz.

Ninguém a apressou para chegar ao tempo onde ela conheceu Barry, e ela apreciou a paciência, permitindo a ela contar em seu próprio tempo e forma.



— Eu estava trabalhando em uma lanchonete e indo a escola. Cella trabalhava em um salão de beleza como cabeleireira. Ela fazia unhas também. A loja era no centro, em uma boa localização, o que significava que tinha um monte de clientes famosos. Ela fez um dinheiro decente e realmente construiu sua clientela. Ao lado do salão havia uma muito movimentada e popular cafeteria. Um dia, ela estava correndo de volta ao trabalho, e um cliente da cafeteria correu na direção dela. Seu café derramou sobre ela. Estava quente e ela se queimou. Ela deixou cair sua bolsa, tudo voou e ele se ajoelhou e pegou tudo para ela, imediatamente a levou a uma boutique para comprar roupas novas para a jornada de trabalho e convidou-a para sair. Esse homem era Barry Anthon.

Os irmãos trocaram um longo olhar e ela hesitou, e depois olhou para Stefano. — O que foi?

— Ele sempre faz isso. Ele vê alguém bonita que ele quer e arranja um "acidente", onde ele possa atacar de cavaleiro branco mortificado, e convida a mulher para sair, faz o que pode e ela fica ligada antes que suas cores verdadeiras saiam.

— O que você sabe que sobre ele?

Ricco tomou um gole do líquido âmbar do copo dele e acenou com a cabeça. — Ele usa isso quando está em festas. Eu testemunhei isso uma vez ou duas.

Um arrepio passou por Francesca. Inconscientemente, ela chegou mais perto de Stefano. Instantaneamente sua mão foi do pescoço até os ombros e ele a puxou contra ele antes de seus dedos deslizarem sob os cabelos para acariciar sua nuca.

— Isso foi o que ele fez. Cella voltava para casa rindo e falando como se ele fosse o Príncipe Encantado. Eu estava feliz por ela. Ela estava certa de que estava se apaixonando. Eles namoraram pelos próximos seis meses, embora pequenas coisas que ela não gostava comesçassem a acontecer. Primeiro, ele foi apresentado a mim, e eu não gostei nada dele. Não. Nada. — Ela enunciou cada palavra. — Ele era muito charmoso e me tocava o



tempo todo. Ficava muito perto. Respirava na parte de trás do meu pescoço. Mais que isso ... —Ela parou de falar, franzindo a testa. Como ela poderia dizer-lhes, sem soar insana? Ela já ia ter que combater os encargos da insanidade quando ela lhes contasse toda a história.

— Francesca. —Vittorio se inclinou para ela, evidentemente, lendo sua relutância. — *Cara*²⁷, estamos todos em família aqui. Diga tudo o que aconteceu e deixe-nos decidir. Nós ouvimos a verdade. Nós lhe dissemos isso. Isso significa que, literalmente, o que você diz não pode ser muito mais bizarro do que isso.

Distraidamente, sob a palma de Stefano, seus dedos juntaram o material de sua imaculada calça em seu punho, agarrando-se para o apoio. — Eu sei como isso soa, mas às vezes, quando estou de pé de uma determinada maneira e a luz é direta, minha sombra vai se conectar com a sombra de outra pessoa. Não tocar fisicamente. Apenas nossas sombras, na parede, ou no chão. Onde quer que seja. —Ela mordeu o lábio e depois tomou um gole de vinho, levando seu tempo para pousar o copo. Ela tinha começado. Agora tinha que terminar. Eles realmente iam pensar que ela era louca.

— *Bambina*, —Stefano murmurou, a boca contra sua têmpora, os lábios roçando sua pele. A respiração provocando seu cabelo. — Ninguém vai pensar que você está mentindo.

Ela suspirou e se forçou a endireitar seus ombros. — Eu não sei se tem alguma coisa a ver com isso, a parte das sombras, mas notei que sempre que elas se tocavam quando eu tinha essa sensação. Eu podia sentir o que a outra pessoa sentia.

Os irmãos trocaram outro longo olhar e ela apressou-se a tentar dar uma explicação melhor.

— Eu não posso explicar isto, só que, às vezes eu só sei o que uma pessoa sente. Ele teria dormido comigo, mas ele não sentia nada por nenhuma de nós. Não eu. Não Cella. Não da maneira que Cella pensava. Era mais como

²⁷ *Cara* – significa querida em italiano



um gato brincando com um rato. Ele estava brincando com ela para sua própria diversão. Ele planejava humilhá-la. Acabar com ela. Esse tipo de coisa o faz sentir poderoso.

Ela esperou por recriminações, mas ninguém disse nada. Ricco acenou para a avaliação de Barry Anthon. Isso era o mais que ela conseguiu receber dele. — Eu tentei dizer a ela. Foi a primeira vez que tivemos uma grande briga. Ela se recusou a acreditar em mim. — Isso realmente tinha machucado. Ela não conseguia entender por que sua irmã não acreditava nela. Ela não mentia. Ela nunca mentiu. Elas eram próximas. Não fazia sentido para ela.

— Após a briga que tivemos, Cella notou pequenas coisas que a incomodaram. Barry não saía com ela em público. Ele participava de jantares para arrecadar fundos, ia a grandes eventos em que a mídia estava, e ele levava uma atriz ou alguma celebridade. Ele dizia a Cella que precisava, porque era importante obter a quantidade máxima de cobertura para o evento, mas mesmo em jogos de futebol ele era fotografado com outras mulheres. Ele fazia pouco dela, zombando de suas roupas ou sapatos, ou ria, porque ela não sabia que garfo usar em seu clube. Ela dava desculpas por ele, dizendo que ela provavelmente estava procurando algo para ficar chateada por causa da maneira que eu me sentia por ele.

Ricco sacudiu a cabeça. — Eu o ouvi fazendo isso, colocando o encontro dele para baixo. Tirando o sarro dela. Dizendo coisas para acabar com sua autoestima. Ele faz isso com praticamente todas as mulheres que encontra.

Giovanni concordou. — Eu o ouvi falar com um amigo uma vez, sobre como você colocar uma mulher em seu lugar e ela faria qualquer coisa para estar com você porque sabia que você era melhor que ela e ela tinha muita sorte de ter você. Ele acredita nessa merda.

— Idiota do caralho, — Taviano murmurou sob sua respiração, de repente se levantou e andou por toda a sala até o bar para se servir de outra bebida. — Eu desprezo aquele filho da puta.

Ela quase sorriu, mais porque percebeu que todos os irmãos eram semelhantes, mesmo o colorido de suas línguas. E eles pareciam acreditar



nela. Pelo menos eles conheciam Anthon e tinham observado seu comportamento de modo que o que ela estava dizendo que não era tão absurdo que não fossem ouvi-la da forma como a polícia e juiz tinham feito com ela.

— Você não está sozinha, —disse Taviano. Uma vez que, apesar da linguagem, se houvesse uma pessoa na terra que podia ser descrito com essa palavra, seria Barry Anthon.

— Continue. —Stefano instruiu.

Ela respirou fundo, tentando evitar que a porta de sua mente rachasse, abrindo aquele dia em que ela encontrou sua irmã morrendo no chão manchado de sangue em seu apartamento.

— Ela passou a noite com Barry em seu apartamento e me chamou muito tarde. Ela estava chateada porque disse que ele tinha falado com ela sobre uma luta multimilionária que era enorme, transmitida pela televisão, uma luta pelo título que valia por um par de anos. Ela não gostava de lutas e estava um pouco entediada que ele só falava sobre isso. Naquela noite, ele se gabava de quanto dinheiro ele ia apostar na luta. Ele repetia como ele sabia como escolhê-los.

— A Luta Henessy e Morrison, —Giovanni adivinhou.

Francesca assentiu. — Esses eram os nomes. Ele foi chamado a porta e saiu com alguns de seus homens, que pareciam estar chateados. Ele tinha deixado a porta de seu escritório aberta. Normalmente ficava trancada. Esse era um quarto na casa em que ela nunca tinha estado, de modo que ela espiou para ver o que era. Cella me disse que deu uma volta e, quando ia sair, ela foi até sua mesa e viu um livro aberto com nomes e números, e ela reconheceu o nome do lutador que perdeu. Barry disse que todo mundo esperava que ele ganhasse. Pareceu a ela como se ele tivesse pago o lutador para perder. Por precaução, ela tirou fotos das páginas com seu telefone e, em seguida, um vídeo das entradas, e havia centenas delas.

— O livro estava aberto sobre a mesa? —Perguntou Ricco, sua voz incrédula.



Ela mordeu o lábio com força antes que percebesse que ele não estava descrente do que ela estava dizendo, mas de Barry ser um idiota por deixar uma coisa tão importante, talvez até mesmo a manutenção dos registros, embora suspeitasse que fosse para fins de chantagem.

— Cella disse que ele ficou em seu escritório trabalhando até tarde. Ele foi interrompido pelo barulho da porta e vários de seus homens o levaram para fora, onde ela não podia ouvir. Ela tinha estado cozinhando para ele. Ele gostava que ela cozinhasse sempre que ia. Cella não era a melhor cozinheira. Ela trabalhava o tempo todo, e eu sempre cozinhalava para nós no apartamento, ela aproveitou a oportunidade em seu condomínio. Ela foi para o quarto me chamou e me disse que não ia passar a noite. Que ela queria que eu ligasse, em poucos minutos e dissesse que eu estava doente.

Sua voz falhou e ela colocou a mão à garganta defensivamente. Um caroço estava se formando. Lágrimas queimavam por trás de seus olhos. Ela respirou fundo para não cair aos pedaços. — Eu deveria ter ido direto para casa logo em seguida. Precisava estudar e já estava na biblioteca. Fui tão boba, realmente, como eu pensei que era importante fazer a pesquisa para um trabalho que eu estava escrevendo. — Ela balançou a cabeça e teve de engolir várias vezes. Seu peito doía, seus pulmões queimavam por ar.

— Basta dizer-nos o resto, *dolce cuore*. Diga rápido e acabe logo com isso, —Stefano murmurou sua boca mais uma vez contra sua têmpora.

— Eu liguei cerca de dez minutos mais tarde e disse a ela que estava doente com gripe. Ela fez muitos ruídos simpáticos e deu suas desculpas para Barry. Ela não sabia que ele tinha uma câmera em seu escritório e tudo o que ela fez foi gravado. Quando ele encontrou a porta aberta, ele olhou para a gravação e, aparentemente, a viu olhando o livro. Ele foi atrás dela. —Ela tentou desesperadamente separar-se do resto, para não se emocionar e recitar os eventos como se tivessem acontecido com outra pessoa, mas ela não podia. A voz dela tremeu, traindo-a. Ela soou estrangulada, à beira das lágrimas e não importava quantas vezes ela puxasse uma respiração, ela não tinha ar suficiente em seus pulmões.



— Eu cheguei em casa tarde e o apartamento estava escuro. No momento em que eu entrei, eu sabia que algo estava errado, porque a porta estava rachada. Eu podia sentir o cheiro de sangue e ouvi um barulho de miado, como um animal ferido com uma dor terrível. O abajur estava perto e eu liguei. O sangue estava por toda parte. Sobre as paredes, os móveis e no chão. Cella estava perto do sofá, em uma piscina vermelho escuro, suas roupas vermelhas. Seu cabelo estava empapado de sangue. Corri para ela, caí de joelhos ao lado dela e tentei conter o sangue e ao mesmo tempo ligar para o 911.

— Tudo bem, *bambina*, — Stefano disse suavemente. — Você está segura com a gente agora. Ele não vai fugir disso.

— Ele estava lá. Barry estava lá. Ele tinha sangue por todo o corpo. Ele não tentou negar que a matou. Ele queria que eu soubesse. Ele me disse que ela tinha sido estúpida e que era melhor eu dar o que ele queria. Eu podia ouvir as sirenes e ele acabou saindo, como se não se importasse que eu o visse. No final, que isso aconteceu. Eu disse ao policial que foi ele, e eles disseram que ele tinha um álibi. — Sua voz tremeu, ficou amarga.

Os dois primos se inclinaram para frente, quase em uníssono, atraindo instantaneamente sua atenção. Ela tinha esquecido que eles estavam lá. Por alguma razão, ela não se importava que os irmãos de Stefano ouvissem sua história, mas os primos não pareciam ser tão simpáticos. Eles eram muito mais frios, embora, ela tinha que admitir, não era cruéis.

No momento em que os primos se deslocaram para frente em suas cadeiras, seus olhares fixos de forma constante no rosto dela, cada um dos irmãos de Stefano reagiu, indo para frente também, mas de forma protetora. Ela sentia que um escudo instantâneo estava ao redor dela. Ela olhou em volta e viu que cada sombra estava ligada. Ela estava sentindo as emoções. Os irmãos eram, e eles eram definitivamente protetores com ela. A mão de Stefano em seu ombro estava subitamente diferente. Os dedos cavados em seu braço, e ela soube que ele estava lutando contra a raiva.



Seus irmãos não tinham vindo para ouvir sua história, eles tinham vindo para mostrar solidariedade. Saber disso instantaneamente e fez querer chorar. Eles acreditavam em sua palavra, eram os primos que tinha de convencer. Ela não sabia por que Stefano e sua família tinham se reunidos em torno dela, ou tinham escolhido ficar do seu lado contra Barry Anthon, mas ela estava grata por isso. Surpreendentemente, foi a raiva de Stefano que acalmou seu estômago revoltado. Ela não queria que ele ficasse chateado com seus primos quando claramente ele tinha lhe pedido para ouvir sua história.

— Ele não encontrou seu telefone então, —disse Lanz, tornando-se comunicativo.

Ela balançou a cabeça. — Mas, na época, eu não tinha ideia do que ele estava falando. Eu não o fiz por um tempo.

— Continue, —Deangelo incentivou.

Seu coração começou a bater mais forte e um pouco mais rápido. Ela virou a mão, da coxa de Stefano, enfiando os dedos nos dele, precisando de sua confiança. Ele imediatamente abaixou a cabeça, os lábios pressionados em seu ouvido, através da massa espessa de cabelo caindo ao seu redor.

— Francesca, se você precisar de uma pausa ou isso for muito perturbador, podemos continuar mais tarde. Nós não temos de fazer isso agora.

Ela queria acabar com isso. O resto de sua história era uma montanha-russa de emoções. Ela tinha conseguido enterrar o horror do assassinato de sua irmã, o terror do homem que ela sabia que a tinha matado brutalmente. Ela ficou tentada a fazer o que ele lhe disse, mas olhar ao redor da sala, para seus irmãos esperando tão pacientemente por sua decisão, saber que todos iriam apoiá-la, deu-lhe a coragem necessária para continuar.

Francesca sacudiu a cabeça. — É melhor fazer isso de uma só vez. Se você quer saber, eu vou te dizer agora. Barry Anthon é um monstro e ele faz todos os tipos de coisas horríveis e fica afastado. Você tem que saber como ele é, porque se eu ficar aqui, e eu acho que ele já me encontrou, ele virá atrás de qualquer um que me ajude.



— Eu acredito que você está correta sobre isso, —disse Lanz, sentando-se para trás. Imediatamente sentiu a diferença em Stefano e seus irmãos. A tensão na sala diminuiu e vários deles levantaram seus copos para suas bocas, onde antes só seguraram sem se mexer. Eles queriam que Lanz e Deangelo acreditassem nela. Isso significava que os primos tinham o mesmo dom de ouvir a verdade quando os outros falavam. Eles acreditaram nela. Ela esperava que eles fossem continuar a acreditar nela porque ninguém mais tinha.

— Um homem mais velho foi preso pelo crime. Ele entrou no departamento de polícia e se entregou. Ele tinha a faca e suas impressões digitais estavam por toda parte. Ele disse que tinha bebido e seguiu-a para casa. Ele tinha câncer no cérebro e, as vezes, tinha um ataque de fúria. Ele estava arrependido. Chorando. Ele se declarou culpado e morreu antes de cumprir pena. Eu acredito que ele fez isso, a fim de conseguir dinheiro para sua família antes de morrer. Ele não conseguia nem me olhar nos olhos.

— O nome dele, —Deangelo disse abruptamente.

— Harold Benson. Sua filha, Carla O'Brian, estava com ele. Ela trabalha para Barry Anthon e, aparentemente, há vários anos.

Deangelo assentiu. — Isso é fácil. Realmente, parece que tudo leva de volta para ele. Mas há mais, não é?

Francesca assentiu, apertando os dedos ao redor dos de Stefano. — Barry veio em cerca de uma dúzia de vezes. Ele apenas aparecia em minha casa. Não parecia importar que tranca eu usasse, ele ia lá com um par de seus homens. Eles me empurravam e ameaçavam ... —Ela engoliu em seco e baixou a voz, incapaz de olhar para qualquer um deles, a humilhação e medo muito perto. — Me estupravam, —ela terminou. — Eles me derrubavam e rasgavam minha roupa, exigindo sempre que lhes desse o que Barry queria. Eles nunca disseram o que era, mas eu sabia que não tinham encontrado o celular.

A tensão na sala estava de volta e, com ela, o calor opressivo, assustador. A sala vibrava com raiva.



Não apenas Stefano, mas todos os seus irmãos. Isso era muita raiva para preencher mesmo um grande espaço. Apenas seus dois primos pareciam inalterados.

— Mas você não está com isso, — Ricco perguntou.

— Eu não tinha ideia de onde estava. Não poderia ter dado a eles se eu quisesse o que eu não fiz. Eu sabia que ele me mataria se eu entregasse a eles.

— Mudei-me e eles destruíram minha casa uma noite. Agiram como se uma bomba tivesse sido estourada lá. Parecia até. Tinha buracos na parede, tapetes queimados, espelhos quebrados. Eu estava na biblioteca, mas o meu senhorio não acreditou em mim. Quanto mais eu ia aos policiais, mais insana eu lhes parecia. Dois apartamentos mais tarde, o juiz me deu uma ordem de prisão por vandalismo e multas pesadas. Junto com isso, eu tinha que pagar os danos em ambos os apartamentos que Barry e seus homens tinham destruído. O pouco dinheiro que eu tinha foi embora. Então meu trabalho. Nesse ponto, um outro juiz ordenou me colocar presa em um hospital psiquiátrico por setenta e duas horas.

— Esse filho da puta, — Taviano explodiu. — Ele estava lá? No tribunal?

Ela assentiu com a cabeça, os terríveis nós em sua barriga desatando com a reação dos irmãos e Stefano. Eles acreditavam nela. Quando ninguém mais o fez, eles acreditavam nela. Nem seus vizinhos, seu chefe, colegas, estudantes, professores, todas as pessoas que tinha conhecido durante a maior parte de sua vida. Ninguém tinha acreditado nela. Até Joanna. Até os Ferraro.

Lágrimas queimaram e ela teve que desviar o olhar da raiva em seus rostos que nenhum deles se preocupou em esconder. A raiva em seu nome. Por ela. Ela não merecia isso, não depois de pensar que eles eram uma família do crime organizado. Eles estavam lá por ela. Todos eles. Ela se virou para Stefano e enterrou seu rosto contra sua jaqueta. Imediatamente seus braços fecharam sobre ela, escondendo o rosto molhado de lágrimas dos outros.



— Será que estamos prestes a acabar aqui? —Ele rosnou. Sua voz realmente roncou, uma profunda perturbadora e definitiva atenção. Era uma ordem mais do que uma pergunta.

— Ela não nos disse o que aconteceu com o telefone celular, —Lanz apontou, nem um pouco intimidado por Stefano, embora Francesca achasse que ele deveria ter ficado.

Ela ficou intimidada. Stefano poderia soar muito assustador quando queria. No momento em que as palavras saíram da boca de Lanz, a hostilidade na sala aumentou de volume. Mais uma vez, a reação dos irmãos Ferraro foi o que lhe permitiu responder sem cair aos pedaços.

— Ela deve ter o embalado e enviado para a nossa caixa postal em seu caminho de casa. Eu não me lembrei da caixa por um longo tempo, por causa de tudo o que estava acontecendo. A maior parte de nossa correspondência vinha para nossa casa. Nós não utilizávamos essa caixa para nada, só pacotes que era como nossos pais faziam. Mantivemos a caixa por razões sentimentais.

Deangelo assentiu. — Algumas das gerações mais velhas ainda mantêm essa tradição. Eu acho que tinha algo a ver com bombas sendo enviadas quando eles estavam brigando.

Francesca prendeu a respiração. Cella e ela brincavam sobre isso, provocando seus pais dizendo que tinham problemas com os mafiosos sicilianos. Ambos os seus avós tinham residido na Sicília, como tinha toda a geração que os precederam. Só seu pai e mãe haviam imigrado para os Estados Unidos.

— Eu encontrei o telefone e sabia que não poderia mantê-lo perto de mim. Nesse tempo eu estava vivendo na rua, mas os homens de Barry estavam sempre me observando. Então eu mandei o telefone para a única pessoa que eu sabia que podia confiar. Eu coloquei-o dentro da caixa de joias da nossa mãe e embrulhei-a, coloquei-a em uma caixa e a enviei para fora da cidade. Eu sabia que se Barry me matasse, pelo menos haveria alguma evidência de que eu estava dizendo a verdade.



— Por que não levou o telefone para a polícia? — Perguntou Lanz, sua voz muito, muito suave.

Ela engoliu o terrível nó que tinha se formado na garganta, e que ela mal tinha reconhecido que estava lá. Mas Lanz e provavelmente todos os outros na sala tinha ouvido pelo jeito que estrangulou sua voz. — Eles acreditavam que eu era louca, ou eles estavam em sua folha de pagamento. Não importava o que era. Eu sabia que eles iriam encontrar uma maneira de sumir com as provas e que ele iria se livrar de seus crimes, como sempre.

— Nós poderíamos levá-la a polícia, — Deangelo sugeriu.

Ela balançou a cabeça. — Não. Agora, é a única razão pela qual eu ainda estou viva. No momento em que esse telefone aparecer, ele vai mandar seus homens me matar. Ele pode fugir do assassinato. Duvido que uma coisa pequena como a polícia local fosse impedi-lo de destruir qualquer evidência contra ele.

— Então você prefere fugir? — Lanz persistiu.

— Não. Eu prefiro ele no inferno, — ela respondeu com firmeza, — mas homens com o tipo de dinheiro e poder que Barry Anthon tem são intocáveis. Eu tentei dizer a Stefano que ele é perigoso e todos ao meu redor estarão em perigo, mas ele não está ouvindo. — Ela olhou ao redor da sala. — Todos vocês podem se machucar. É realmente melhor se eu apenas deixar ...

Stefano levantou seu rosto e desceu a boca sobre a dela, efetivamente cortando o que ela teria dito a ele. No momento em que tomou posse e sua língua exigiu entrada ela estava perdida, do jeito que ela parecia estar sempre que ele a tocava. Ela sentiu-o. Sua urgência. Sua fome crescente, crua e brutal. Afiando o beijo com o perigo. Estava quente. Molhado. Deliberadamente dominante.

Ela adorava os beijos dele e deu-se a ele, jogando-se de volta para ele, em sua boca, seus braços subindo para circular timidamente seu pescoço. Ela esqueceu sua audiência. Ela até se esqueceu de quem e o que eles estavam perguntando, porque o mundo ao seu redor desapareceu até que havia apenas



Stefano. Os braços dele. O corpo dele. Sua impressionante, boca perfeita. O gosto dele que ela sabia que nunca teria o suficiente.

Quando ele a beijou, seu corpo aqueceu, o sangue esquentou, necessidade bateu em seu sexo e trovejou em suas orelhas. Não havia ninguém como ele e nunca haveria. Novamente, foi Stefano, que lentamente, e com relutância, quebrou o beijo. Ela estava grata que ele estava relutante, mas ela se agarrou a ele, querendo mais. Ela olhou para ele por um longo tempo, perdida no azul vibrante de seus olhos.

— Você não vai a lugar nenhum, Francesca, — afirmou a voz baixa, mas absolutamente firme. — Nunca. Você vai ficar comigo. Você entende?

Ela estava hipnotizada, completamente sob seu feitiço naquele momento, e era impossível fazer qualquer coisa só acenar. Ela não entendeu nada. Não por que ou como Stefano gostava dela, mas ele fazia. Não havia qualquer dúvida sobre isso agora.

Quando ela conseguiu olhar ao redor, os irmãos de Stefano estavam sorrindo para ela, sem lhes dar a mínima privacidade ou fingindo olhar para o outro lado. Mesmo os primos estavam sorrindo, a tensão desapareceu substituída por seus sorrisos.

A sobrancelha de Ricco disparou. — Eu diria, irmã mais nova, que você vai ficar aqui com a gente, onde é o seu lugar.

Capítulo Doze

Francesca olhou-se no espelho, sentindo como se fosse uma princesa num conto de fadas. Ela alisou seu vestido, o vestido que Stefano tinha comprado para esta noite. Ele foi casual sobre isso, chegando ao seu



quarto, batendo uma vez e abrindo a porta. Ele foi direto para ela, uma grande caixa ao lado, inclinou a cabeça e deu um beijo em sua boca.

Seu toque foi muito fugaz. Quase lá. Mas era uma marca e queimava através dela. Ele empurrou a caixa em suas mãos. — Tenho que ir, *bambina*, coisas para fazer, mas Emmanuelle e meus primos estarão aqui para acompanhá-la ao clube. Você fica perto deles até eu chegar lá. Entendeu? — A ponta de seu dedo traçou seus lábios. — Eu não quero você dançando com outros homens. Fique com Emme.

Stefano nunca chegava perto dela, sem tocá-la. Seu braço serpenteava em volta da cintura para puxá-la com força para o seu lado. Seus lábios roçavam sua têmpora ou a boca. Ele gostava de estar perto, mas ele não tinha feito um movimento para ela, não um real. Ela ficava à noite, deitada em sua cama, olhando para o teto, o coração batendo, esperando. Apenas esperando.

Ela o tinha visto sair hoje à noite. Como sempre, usava um terno impecável. Este era cinza de carvão vegetal com ultrafinas listras mais leves. Era um de seus inevitáveis ternos de três peças e ele parecia incrível nele. Ele era tão doce com ela. Tinha a certeza de que ela fazia todas as refeições. Insistindo que ela mandasse mensagens da deli várias vezes ao longo do dia. Sempre, que ela saía, um de seus primos estava perto.

Stefano mostrou como se importava. Como se ela fosse seu foco, mesmo quando ele estava no trabalho, ou onde quer que ele fosse. Seus olhos se voltaram para o espelho e ela levantou a mão à garganta. Ela nunca perguntou a ele o que ele fazia. Ela pensou sobre isso e preparou-se para perguntar a ele, mas ele sempre a distraía antes dela perguntar. Ele era tão intimidante e sensual, enchendo a sala com sua presença até que ela mal conseguia pensar direito.

Ela inspecionou-se com muito cuidado. O vestido era lindo, a coisa mais linda que ela já tinha visto, muito menos usado. Era também o vestido mais sexy, mais lisonjeiro que ela já tinha colocado. O tecido agarrava-se a ela como uma segunda pele, deixando pouco para a imaginação, e ainda assim



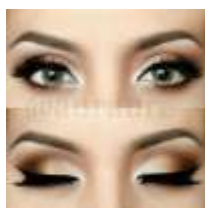
revelando somente sugestões da pele real. O vestido seguia todas as curvas de sua cintura pequena antes de cair sobre seus quadris. Era curto, mas elegante. Sexy, mas não barato.

Ela olhou-se, incapaz de acreditar que era realmente Francesca Capello olhando para ela no espelho. Ela não se parecia com isso. Quente. Bonita mesmo, com os cabelos soltos caindo em volta do rosto e em suas costas. Ela não podia usar um sutiã com o vestido, mas tinha um revestimento que dava algum apoio porque o tecido a abraçava com muita força. Na caixa junto com o vestido estava uma minúscula tanga de renda preta.

Havia um drapeado na parte de trás das costas, se você pudesse chamá-la de costas, eram principalmente pequenas tiras pretas de tecido. O fio dental ficava baixo nos quadris, por isso não havia marcas no vestido.

Ela tinha colocado uma maquiagem com um *toque de drama*²⁸, mas ainda assim leve. Ela gostou da cor do seu batom, um vermelho escuro que deixava seus lábios cheios e realçava seu tom de pele. Seus sapatos eram perfeitos, saltos com tiras complicadas que subiam por seus tornozelos e pareciam superquentes. Os sapatos tinham que ter custado tanto ou mais do que o vestido. Ela amou o visual inteiro.

O elevador apitou, alertando-a, e ela alcançou sua bolsa e correu para cumprimentar Joanna e Mario Bandoni, acompanhante de Joanna, uma vez que eles entraram no hall. Joanna parecia maravilhosa em seu vestido vermelho quente. Tanto ela como Mario estavam olhando para a sala enorme, olhando tudo, até que ela teve uma chance de andar até eles. Francesca não poderia culpá-los. Quando Stefano estava no apartamento com ela, ela se sentia em casa e segura, mas no momento em que ele saía, ela se sentia uma fraude, uma intrusa. Ela não pertencia a seu mundo extremamente rico. Ela ficava muito desconfortável lá.



²⁸ maquiagem com **toque de drama** e quando esfumamos levemente de preto no canto dos olhos.



Os olhos de Joanna se arregalaram em choque quando viu Francesca. Sua boca se abriu e ela a olhou abertamente. Mario fez um som baixo de aprovação.

— Você parece ... Tão bem, Francesca, —disse Joanna. — Bonita. Muito bonita. Mas eu não estou certa que você deva sair com esse vestido. Stefano viu você?

Francesca riu. Joanna e Mario tinham impulsionado seu nível de confiança imensamente apenas por suas reações. — Ainda não, mas Emmanuelle e os outros devem estar aqui em poucos minutos. Stefano e seus irmãos já estão no clube. Eles tiveram uma reunião ou algo assim. Sua família é muito grande. Primos chegaram de Nova York e eles estão mostrando a redondeza. Eu nunca vi tantos primos como Stefano tem.

— A maior parte deles são homens. —Mario apontou. — Tem Rosina e Rigina, irmãs de Romano e Renato. Eles são muito bons, embora eu nunca tenha dito mais que olá a eles.

— Eu aceno, —disse Joanna.

— As mulheres podem ser realmente mal-intencionadas e eu nunca quis ser colocada em meu lugar, então eu tomo cuidado em torno deles.

— Eles colocam as pessoas em seu lugar? —Perguntou Francesca. Ela sabia que parecia bem, mas era o vestido. Ela não frequentava os círculos de Stefano. Se seus primos decidissem ser maus para ela, ela preferia ficar em casa. Ela realmente queria sair com esse vestido e sapatos, mas não se isso significasse se sentir mal sobre si mesmo como uma mulher se sente como se ela não pertence ao lugar.

— Não, eles nunca fizeram isso, —Joanna apressou-se a dizer. — Olhe seu rosto, querida. Você está com Stefano. Ninguém se atreveria a ser mau para você. —Ela olhou ao redor da sala com os seus tetos altos e piso aberto. — Mostre-nos o lugar. Eu sempre quis ver onde Stefano vive. Isto é ... Incrível.



O estômago de Francesca deu um nó. Esta era a casa de Stefano. Seu santuário privado. Ela sabia instintivamente, que ele não iria querer alguém espreitando seu mundo particular. Joanna parecia ansiosa, quase esfregando as mãos de alegria. Mario estava feliz por ir junto com ela, mas Francesca simplesmente não podia fazê-lo. Mostrar-lhes a casa de Stefano parecia muito como uma traição.

Ela balançou a cabeça. — Eu não posso fazer isso. Esta não é a minha casa, Joanna. — Ela manteve a voz muito firme.

Joanna fez beicinho. — Sério, Francesca? Vamos lá, — ela adiou. — Eu não vou dizer nada. Não é como se ele soubesse. Eu realmente quero ver onde ele dorme. Pelo menos me mostre seu quarto. Eu posso imaginar que é tudo sexy. Cama grande. Lençóis de cetim. Muito quente.

Mario riu. — Você está me dando ideias, Joanna.

— Mantenha-as, Mario, — Joanna flertou.

Francesca se abraçou e segurou firme. Não havia nenhuma maneira dela mostrar algo a Joanna. Ela odiava a ideia de alguém fantasiar sobre cama e os lençóis de Stefano.

Stefano tinha mostrado a suíte e era enorme. Ele tinha o seu próprio quarto de treino completo com todas as máquinas que se pudesse imaginar. Havia outro quarto que ele usava para o treino em vários tipos de artes marciais e boxe, bem como luta de rua. Seus irmãos e irmã e, por vezes, seus primos treinavam com ele lá. Ela espiou a grande sala retangular e tinha visto os equipamentos lá, bem como as esteiras e o piso. Havia prateleiras de espadas, facas e outras armas, algumas de madeira, algumas não, na parede oposta.

A mão de Stefano tinha estado em sua nuca, ou os dedos no braço dela, por vezes, em volta da cintura, quando ele a levou através da casa. A turnê tinha parecido íntima, Stefano mostrando-lhe seu mundo privado. Ela não estava disposta a compartilhar isso, nem mesmo com sua melhor amiga. Ela sentia a necessidade de protegê-lo. Este era o lugar para o qual ele vinha para relaxar e ninguém ia invadir a sua privacidade, nem mesmo sua amiga.



Francesca tinha visto durante todas as noites da semana que sua vida era difícil estivesse ele ciente disso ou não. O telefone tocava constantemente exigindo de seu tempo. Seu celular tocava tanto ou mais do que o telefone da casa. Ninguém o deixava em paz. Mais de uma vez ela tinha estado tentada a fazer uma massagem em seu pescoço enquanto ele impacientemente soltava F*** a toa ouvindo pedidos de ajuda, a maioria ele respondia positivamente.

— Você simplesmente pode esquecer tudo sobre ver seu quarto, Joanna. — Ela olhou para o relógio, esperando que fosse hora de ir, sabendo que tinha que mudar de assunto. Joanna muitas vezes era como uma bola de demolição quando queria alguma coisa. — Você parece bem nesse vestido. Vermelho é definitivamente a sua cor. E, Mario, esse terno é incrível.

A mão de Mario passou por sua gravata um pouco autoconsciente. — Eu não posso ser o único a não parecer afiado esta noite. Olhe para a minha menina. — Ele parecia orgulhoso, seus olhos em Joanna.

Joanna esqueceu tudo sobre o beicinho e sorriu quando enfiou a mão em seu braço. — Você parece muito bonito. Obrigado por ter vindo comigo esta noite. Eu acho que vai ser divertido.

O elevador apitou e as portas se abriram. Emmanuelle surgiu e o fôlego de Francesca ficou preso na garganta. Emmanuelle era a mulher mais bonita que Francesca já tinha posto os olhos. Embora pequena, uma supermodelo poderia segurar vela para ela. Ela era uma beleza italiana que tinha a reputação de ser muito mais.

Ela usava um vestido preto curto que se agarrava a cada curva. A frente era uma camisa que caía um pouco solta na saia. Os laços que iam até a frente estavam apertados sobre sua caixa torácica e sob os seios, mas havia uma abertura generosa mostrando um grande decote. Ela parecia quente. Linda. Na moda. Sofisticada. Instantaneamente Francesca sentiu como se precisasse verificar suas próprias roupas novamente.



— Francesca. Você está ... Linda. —Emmanuelle parecia sincera e seu sorriso era quente, envolvendo todos eles. — Joanna, Mario, que bom ver vocês dois de novo.

Ela caminhou com total confiança em seus saltos 10 centímetros, vindo em linha reta em direção a Francesca sem abrandar. Ela abraçou Francesca firmemente e, a beijou em ambas as bochechas.

— Perdoe-me por não estar quando meus primos vieram falar com você. Eu teria vindo com meus irmãos para protegê-la, mesmo que fosse apenas para você ter outra mulher presente, mas eu tinha que manter meus pais ocupados. —Ela apertou o braço de Francesca. — Eu sei que foi difícil para você, os meninos me disseram. Eu quero que você saiba o quanto eu respeito e admiro você. Obrigado por se preocupar com meu irmão e por fazê-lo tão feliz.

Whoa. Essa era a última coisa Francesca esperava da irmã de Stefano. Ela fez parecer como se Francesca realmente pertencesse a Stefano. Que era certo e de alguma forma ela foi totalmente aceita em sua família. As coisas aconteciam muito rápido em torno dos irmãos Ferraro. Francesca se sentia desconfortável, uma fraude mesmo. Ela não estava tão certa quanto eles aceitaram seu relacionamento com Stefano e que tinha progredido ao ponto de sua toda a família reclamá-la.

Ela queria uma família. Ela adorava que os Ferraro eram tão unidos, mas ela mal os conhecia. Ela nem sequer sabia realmente o que Stefano fazia para viver. Sentia um pouco de medo quando ela estava em torno de todos eles. Poder agarrava-se a eles. Eles usavam sua riqueza facilmente, como uma segunda pele. Mais que isso, eles usavam um manto de perigo puro. Quando qualquer um dos Ferraro entrava em uma sala, havia um atordoado silêncio, um suspiro coletivo de todos os outros ocupantes da sala.

— Você está pronta para uma noite fora? —Emmanuelle virou-se para incluir Joanna e Mario em sua consulta. Joanna estava olhando para Francesca, de olhos arregalados, um sorriso no rosto. Ela se virou para Emmanuelle imediatamente. — Eu estive ansiosa para isto a semana toda.



— Rígina e Rosina estão lá embaixo na limusine. — Emmanuelle riu sua voz baixa e melodiosa. — Nós achamos que seria melhor ter um motorista já que todos nós estamos indo para a festa hoje à noite. — Ela passou o braço pelo de Francesca. — Stefano viu esse vestido?

Francesca alisou o vestido, se perguntando por que tanto Joanna quanto Emmanuelle tinham perguntado aquilo. Ela assentiu com a cabeça, cor subindo em seu rosto por ter de fazer a confissão. — Ele trouxe o vestido para mim.

O sorriso de Emmanuelle se arregalou. — Mas ele não viu você realmente com o vestido, certo? — Seus olhos encontraram Joanna e ambas começaram a rir.

Francesca não estava certa qual era a piada. — Há algo de errado com a maneira como estou? — Ela não podia evitar a ansiedade na voz. Ela queria estar bem para Stefano ou ela não teria aceitado a roupa dele. Custou mais que seu salário semanal e tinha sido um pouco desconcertante tê-lo saindo e comprando-lhe o vestido para o clube. Ela não sabia por que parecia pior do que fingir acreditar que ele ou seu irmão foram responsáveis pela perda de suas roupas e substituindo-as por outras muito mais caras.

— Não, Francesca. — Emmanuelle assegurou. — Nada está errado com a maneira como você está. Você está absolutamente bela e meu irmão vai pensar assim também. É que ele pode ser ... Possessivo com o que é dele.

Francesca sentiu um soco em seu estômago, com força suficiente para se curvar um pouco. O pensamento de Stefano sendo possessivo em relação a outras mulheres realmente a incomodava. Ela sabia que ele tinha uma história com as mulheres, belas mulheres, mas ele disse que ela era especial para ele. Ela realmente queria que sua autoestima não tivesse tomado tal surra e ela não se sentisse constantemente inadequada, se preocupando com Stefano e as mulheres bonitas que tinham estado na vida dele antes dela.

Uma limusine os esperava, em frente do hotel, as longas linhas elegantes que fizeram Joanna gritar de alegria. Francesca achou que era um pouco sobre o lado ostentação. Ela nunca iria se acostumar com a exibição casual



de riqueza e privilégio. Ela deslizou para o veículo depois de Joanna e Mario e descobriu que duas outras mulheres já ocupavam os assentos de couro. Elas estavam bebendo vinho tinto em copos elegantes. Ambas sorriram para ela, seus olhares correndo por seu vestido e sapatos automaticamente, como se fizessem uma varredura de todos eles.

— Rígina e Rosina Greco, minhas primas. — Emmanuelle apresentou. — Elas são irmãs de Renato e Romano. Eu acho que você se encontrou com eles.

Se encontrou Francesca sabia que não seria capaz de lembrar. Ela foi apresentada para muitas pessoas e algumas quando estava sendo carregada de cabeça para baixo em um saco de dormir de um apartamento obscuro. Ela sorriu e acenou com a cabeça. As mulheres pareciam Ferraro. Eles carregavam a mesma confiança invejável.

— Uau, Francesca, — disse Rígina. — Eu adorei seu vestido. É lindo. É um original de Sophia, não é?

Francesca tinha ouvido falar da designer Sophia. Ela era conhecida por seus vestidos de festa. Os originais dela eram disputados por sua clientela exclusiva. Francesca passou a mão pelo seu vestido, alisando rugas imaginárias, ao mesmo tempo seu coração acelerando. Se este era realmente um original de Sophia, que valia três meses ou mais de seu salário. Ela deveria aceitar.

— É lindo. — acrescentou Rosina. — Você está bonita. Eu não posso esperar para entrar no clube e ver Stefano ter sua primeira visão de você com esse vestido. Ele vai explodir.

Francesca franziu a testa. — Por que todos vocês ficam dizendo isso? Stefano queria que eu usasse este vestido. A última coisa que eu quero fazer é constrangê-lo porque não ficou bem em mim. Você tem que me dizer. — Seu olhar preocupado encontrou Joanna, sua única amiga real. Se os outros estavam tirando sarro sutil dela, ela estava certa que Joanna não faria isso. Ela nunca permitiria que ela saísse em público e fosse humilhada.



Emmanuelle estendeu a mão e pegou a mão dela, apertando-a em segurança. Joanna franziu a testa e balançou a cabeça. Rosina parecia chateada.

— Francesca, você está absolutamente linda com esse vestido, — Joanna disse firmemente. — Linda. Certo, Mario? — Francesca achou Joanna incrivelmente generosa para ter seu namorado, o homem que ela estava realmente interessada, cumprimentando Francesca.

— Eu tenho que concordar, — disse Mario. — Linda.

Emmanuelle assentiu. — Meu irmão foi escoltado por inúmeras mulheres a clubes e não poderia se importar menos o que parecia. Roupas elegantes ou de vagabunda não importavam muito, porque se ele estava com uma mulher, era para fins de publicidade, como um evento de caridade, ou uma conexão. Ele afirma que você é dele. Sua mulher. Ele deixou claro para a família e para nossa vizinhança. Ele vai deixar claro para o mundo muito em breve. É por isso que estamos todos rindo um pouco. Stefano não é como a maioria dos homens. Nenhum dos meus irmãos é. Você é dele e ele vai cuidar de você e protegê-la cada minuto de cada dia. Com você vestida como está, mais quente que o inferno, ele vai perder a cabeça, e todos nós vamos desfrutar assistindo.

Francesca gostou um pouco do que ela tinha dito, ficou confusa com outras coisas e realmente não gostou da referência a outras mulheres de Stefano. Ela ia ter de ganhar alguma confiança em si mesma rápido, se ela realmente fosse tentar ter qualquer tipo de relacionamento com Stefano Ferraro. Ele estava em um mundo onde confiança importava. Era necessária. Ela tinha sido derrubada até agora por Barry Anthon, ela mal conseguia andar com a cabeça erguida. Stefano merecia mais do que isso.

Francesca desejava ter conhecido Stefano antes de Cella ter sido assassinada. Ela tinha sido diferente, despreocupada e feliz. Confiante em si mesma. Ele teria gostado de Cella. Francesca esperava que ele tivesse gostado dela, porque essa era a verdadeira Francesca, não está mulher que



tinha uma baixa autoestima, pesadelos e estava com medo da própria sombra.

Ela deixou o fluxo de conversa em torno dela. Joanna e Mario aceitaram bebidas felizes, e ela deu um gole no champanhe. Ela adorava dançar. Amava. Dançar era uma de suas coisas favoritas a fazer. Os pais dela a tinham colocado em aulas de dança quando ela era muito jovem: Dança de salão, latina, swing, ela tinha aprendido todas. Para não mencionar a pole-dance que tinha feito como exercício na faculdade. Cella tinha insistido que era a única diversão que teriam após a morte dos pais.

Francesca amava que sua irmã fizesse o sacrifício. Não era como se ela fosse ser uma dançarina profissional, mas ainda assim, Cella considerou aquelas lições importantes e trabalhou horas extras para pagar por elas. Assim que Francesca teve idade suficiente, foi trabalhar, limpando casas, trabalhando na deli, tudo para ajudar Cella com as contas.

A limusine parou à frente do clube. Francesca ficou um pouco chocada quando viu a fila de pessoas que tentavam entrar. Parecia durar para sempre. Ela sabia que nunca teria tido paciência para esperar na fila por muito tempo, especialmente se, como Joanna tinha dito, havia uma possibilidade de ter acabado quando ela chegasse à frente.

— Isso é loucura, Jo, —ela murmurou.

Joanna apertou seu braço com força, quando todos saíram da limusine. — Eu não posso acreditar nisso. Eu me sinto como uma princesa chegando. Todo mundo está olhando, tentando pegar um vislumbre nosso. Eles pensam que somos celebridades, Francesca.

Emmanuelle de repente se mexeu, fluindo pela curta distância que a separava de Francesca. Ela era elegante, até o movimento de seu corpo, como uma bailarina. Quando ela chegou a Francesca, tomou seu braço, virando-a em direção ao clube. O corpo de Emmanuelle forneceu um escudo quando uma dúzia de flashes dispararam.

— Continue caminhando. Fique entre todos nós, no meio, — Emmanuelle ordenou, sua voz baixa.



A mão de Emmanuelle estava firme nas costas de Francesca, empurrando-a suavemente em direção à entrada. Enquanto eles passaram pela frente da fila para a entrada, os seguranças tiraram as cordas de veludo para permitir que entrassem.

Francesca notou que Emilio e Enzo estavam atrás deles. Ela não tinha ideia de onde vieram, mas de repente eles estavam andando com o pequeno grupo de mulheres, como se tivessem estado sempre com elas.

No momento em que as portas para o clube abriram, Francesca pôde ouvir a batida da música. Era alta, impossível de não querer dançar e muito na moda. O DJ era extremamente popular, aquele que ganhava rios de dinheiro, e ainda ficava em Chicago, em vez de se mudar para Nova York, onde ele teria status de estrela. Havia vários bares, cada um brilhando em uma cor diferente. Azuis suaves, vermelhos, roxos e verdes pulsavam com a música nas luzes secretas dos bares. Os *barmans* estavam se movendo rápido, garrafas girando no ar quando eles rapidamente faziam bebidas para os clientes prementes em torno dos balcões.

Francesca podia sentir a batida da música já aquecendo seu sangue. Moveram-se pelo canto inferior em um grupo apertado, Emilio e Enzo garantindo que a multidão se abrisse para eles quando eles andavam. Algumas escadas levavam a seção VIP, onde mesas e cabines garantiam privacidade. Mais acima estavam as mesas mais isoladas e cabines. Aquelas eram reservadas para a família e amigos.

Emmanuelle liderou o grupo com absoluta confiança. Ela claramente era a rainha do clube. Deferência era paga a ela por todos os lugares que se olhasse. Acenos. Sorrisos. Ela se manteve em movimento, mesmo quando algumas mulheres escassamente vestidas gritaram o nome dela e deram um passo em direção a ela. Ela foi gentil, sempre respondendo, mas deixou claro que estava indo em direção a sua própria mesa.

Uma garçonete seguiu-os, pronta para pegar seus pedidos de bebida. Não haveria fila no bar para eles. Francesca observou a sala abaixo dela. Era



emocionante, a música já tinha encontrado seu pulso e batia lá, chamando-a. Joanna já estava respondendo à chamada persistente do tambor.

Emmanuelle afundou em um dos assentos de luxo, indicando a cadeira ao lado dela para Francesca. — Eu tenho que me juntar aos meus irmãos para uma reunião em poucos minutos, mas tenho tempo para uma bebida. Temos primos de Nova York aqui. Quatro deles. Notei-os na pista de dança quando entramos. Eles já têm mulheres penduradas neles. Vê aquela loira lá embaixo? — Ela indicou uma mulher em um vestido de couro muito curto com recortes em ambos os lados. As aberturas iam dos quadris para debaixo dos braços. Seu cabelo platinado era curto e espetado.

— Eu a vejo. — Francesca franziu a testa. A mulher parecia muito familiar. — Onde eu a vi antes?

— Ela é uma estrela. Trabalha em um drama na televisão e pensa que cada homem de todos os estados quer dormir com ela. Ela é totalmente louca por meu primo.

— A chamamos de *barracuda*²⁹. — disse Rosina.

Joanna riu quando esticou o pescoço, tentando perscrutar a multidão escura de corpos em movimento. — Ela tem saltos de treze centímetros. Uau. Eu não sei se eu poderia realmente dançar em saltos de treze centímetros.

Francesca de repente a reconheceu. Não da televisão, mas de uma revista que Joanna tinha dado a ela. — Ela estava na página setenta e três. Pendurada no braço de Stefano. — Ela sussurrou antes de perceber o que sua admissão dizia. Cor subiu ao rosto dela.

A garçonete estava de volta, colocando as suas bebidas na frente deles, confirmando que os Ferraros não têm que esperar por nada, nem mesmo as



²⁹ É um peixe ósseo predador, aqui estão fazendo uma comparação ao peixe chamando-a de ‘barracuda’ uma ‘predadora.’ aquela que parte com tudo pra cima do Cara, sem pensar nas consequências.



suas bebidas. Francesca alcançou a dela e tomou uma bebida longa enquanto a mulher se apressava. O *Moscovo Mule*³⁰ desceu suavemente. Ela precisava do álcool para fortificá-la.

Emmanuelle inclinou-se e colocou a mão sobre Francesca, acalmando os dedos que tinham estado tamborilando na mesa. Francesca ainda não tinha percebido que estava tão inquieta. Nervosa. Ciumenta. Droga. Era embaraçoso na frente de sua irmã e primos.

— Stefano pode ter semeado sua *veia selvagem*³¹, mas ele parou com isso. Posso garantir que quando meu irmão escolher uma mulher, ele será fiel a ela. É para a vida.

Francesca mordeu o lábio para não rir. Não havia nada de humorístico na declaração de Emmanuelle, e ainda assim era risível. — Você não pode saber disso.

— Vivemos por um código. É estrito, mas nos apegamos a honra. É apenas quem e o que somos. Isso não pode ser alterado.

Francesca se recusou a olhar para ela. Em vez disso, ela olhou ao redor da enorme sala, onde muitas, muitas mulheres dançavam sugestivamente com os parceiros. — Então, com quantas mulheres aqui mesmo neste clube você acha que Stefano ficou? — O queixo dela subiu e ela finalmente forçou a cabeça a virar em direção Emmanuelle, ela encontrou os vívidos olhos azuis da irmã de Stefano. — Você diria que cerca de metade? Ou estou sendo conservadora?

Por que ela veio? Ela não pertencia a este mundo de conexões casuais. Não era ela. Ela não entendia isso e nunca ficaria confortável nele. Ela nunca o faria. Não era como se ela fosse uma puritana. Sempre que Stefano tocava-a ou a beijava, seu corpo ficava em chamas. Ela iria cair, assim como todas as mulheres antes dela, mas ela não iria persegui-lo. Uma vez que ele terminasse

³⁰ *The Moscow Mule*. Um clássico dos anos 50. Um drink feito a base de vodca, suco de limão e cerveja de gengibre.

³¹ *veia selvagem*. Termo de quem andou com muitas mulheres.



com ela, ela iria desaparecer de sua vida. Ela tinha orgulho. Ela não poderia julgar as outras mulheres, não quando ela estava indo ser tão ruim quanto.

Ainda assim, ela estava sendo uma cadela total. Não era culpa de Emmanuelle que Stefano fosse um cão de caça. Um lindo, mas ainda um cão de caça. Ela balançou a cabeça. — Eu me sinto fora de lugar aqui, e eu acho que eu estou descontando em Stefano.

— Ele não pode mudar seu passado, Francesca. — Emmanuelle declarou calmamente. — Por mais que ele gostasse, ele não pode mudar nada. Ele nunca esperou encontrar você. — Seus olhos procuraram o rosto de Francesca. — Ele tem você, não é?

Pela primeira vez Emmanuelle soou vulnerável. O coração de Francesca empurrou no peito. Ela não podia desviar o olhar dos olhos azuis de Emmanuelle. Ela tinha a mesma habilidade de Stefano, poderia capturar e segurar seu olhar. Ocorreu a Francesca que a irmã de Stefano era tão letal quanto os homens Ferraro.

— Eu nem sei o que ele faz para ganhar a vida. Eu não o conheço. Tudo está se movendo tão rápido que eu honestamente não posso recuperar o fôlego. — Ela tentou um sorriso hesitante. — Seu irmão tende a ser um rolo compressor. Ele é tão maravilhoso. Bonito. Tudo o que eu não sou.

Emmanuelle fez uma careta para ela. — Porque no mundo você diz isso, Francesca? Você, obviamente, não se vê da forma como o resto do mundo faz. — Ela olhou para cima, de repente, seu rosto instantaneamente sem expressão como o de Stefano muitas vezes ficava. Ela deu um sorriso breve em direção ao trio de mulheres que tinha subido as escadas e invadido seu espaço privado.

— Doreen. Stella. Janice. — Ela deu um pequeno aceno de cabeça, estilo princesa a camponesa. — Eu não tinha ideia de que vocês três estavam na cidade.

Francesca torceu os dedos no colo. Rígina e Rosina ambas tinham ficado em silêncio. Joanna olhou como se fosse desmaiar, e até mesmo Mario estava olhando com a boca aberta. As três mulheres eram uma famosa banda.



Extremamente famosa. Elas não eram o tipo de mulher que vem caminhando até eles em uma boate. Joanna claramente se beliscou, sorrindo de orelha a orelha e praticamente pulando sobre seu assento.

Francesca reconheceu cada uma das mulheres, as quais Stefano tinha saído brevemente. Houve vários artigos sobre o escândalo. Será que a banda se separaria? Manteriam tudo em família? Houve muitos, muitos mais. Stefano tinha saído publicamente com cada uma das mulheres em meio a uma enxurrada de manchetes tórridas.

— Emmanuelle. —Doreen assentiu, seu olhar ativo não tão bem feito como o de Emmanuelle. — Stefano deveria estar aqui esta noite, mas não o vi. —As três mulheres trocaram um longo olhar e, em seguida, riram juntas. — Nós pensamos em lhe dar um bom tempo real, —acrescentou ela, quase ronronando.

Francesca se encolheu. Isso era o que ela estaria enfrentando cada vez que ela entrasse em qualquer lugar do círculo de Stefano. Suas mulheres parecia ser uma legião e todas elas eram famosas.

— Por que lutar por ele e todas nós perder? —Acrescentou Janice. — Quando podemos compartilhar e todas nós o termos?

— Ele é homem o suficiente para isso. —Stella correu um dedo por seu vestido curto pegajoso. — Nós mandamos uma mensagem avisando que esta noite ficaríamos na cidade.

Francesca sentiu o calor das lágrimas. Ela tinha estado com Stefano e seu telefone tinha tocado tantas vezes. Nem uma vez ela prestou atenção. Nem uma vez ela suspeitou que essas mulheres tinham mandado mensagens ou chamado.

A risada de Doreen era um tilintar que irritou Francesca. — Enviamos-lhe algumas imagens do que ele poderia ter. —Mais uma vez as três mulheres trocaram um olhar longo sensual e, em seguida, caíram na gargalhada.

Isso significava que Stefano tinha suas imagens em seu telefone. Francesca podia muito bem imaginar o que essas imagens eram. O salão de



repente ficou muito quente. Seus pulmões doíam, queimavam, incapazes de puxar ar suficiente.

Seu estômago revirou e ela apertou as mãos firmemente nele, com medo que pudesse vomitar ali na frente das três.

O sorriso tinha morrido no rosto de Joanna. Ela olhou como se tivesse sido atingida. Ela tinha fantasias sobre os irmãos Ferraro e não incluíam descobrir que eles não eram materiais para marido.

Emmanuelle suspirou. — Quando as três vão ter algum orgulho? Stefano deixou muito claro que ele deixou vocês no ano passado. Ele não tem encontros. Ele não tem relações. Isso ficou claro para vocês. Estão *perseguindo-o*. Isso é como é chamado quando vocês não o deixam em paz.

— Como você sabe que não o vimos em um ano? — Stella zombou. — Ele não gostaria de contar a sua pequena irmã o que ele vem fazendo todo esse tempo.

Francesca queria cobrir seus ouvidos. Poderia a noite ficar pior? Ela não achou que sim. Ela precisava sair de lá. Agora. Olhou ao redor, tentando encontrar uma maneira de escapar. Por que ela acreditava que tinha uma chance com Stefano? Ela poderia ter sido mais ridícula? Ela queria se agarrar a ele, porque ele a fazia se sentir segura. Bonita. Sexy. Desejada. Senhor, ele podia fazê-la se sentir querida.

— Isso é tão nojento. Ele não quer vocês, qualquer uma de vocês, e certamente não vocês três juntas.

Emmanuelle derramou desprezo em sua voz. Ela tomou um gole de sua bebida, mais elegante do que nunca. De repente, as três mulheres não pareciam tão bonitas e sofisticadas quanto Francesca achou da primeira vez. Elas pareciam ... Baixas.

— Você não tem ideia de suas necessidades no quarto, — Doreen cuspiu, puro veneno em seus olhos. — Você pensa que é tão boa e poderosa, Emmanuelle. Nós sabemos o que Stefano gosta e nós damos a ele.



O suspiro de Joanna foi audível. Doreen girou para ela. — É isso mesmo, senhorita Rato. Stefano é um adulto, todo homem. Puro macho. Você nunca poderia esperar compreender um homem como esse. Nenhuma de vocês poderia. — Ela virou-se, chicoteando seu cabelo, e começou a descer os degraus, suas duas companheiras de banda a seguindo.

Emmanuelle deixou escapar o fôlego em um pequeno silvo de raiva. — Bem, isso foi desagradável. — Ela inclinou-se para Francesca novamente. — Você não pode acreditar nas coisas que elas estão dizendo sobre o meu irmão. Elas simplesmente não são verdadeiras.

— É claro que elas são verdadeiras, — disse Francesca. — Eu vi a foto dele com cada uma delas. Ele estava com elas. Ele teve relações sexuais com elas. Não há nenhum engano, e na noite passada quando eu estava com Stefano, seu telefone não parava de tocar. Ele olhava, por vezes, texto e outras vezes ele enfiava-o no bolso. Eu pensei que ele estava recebendo pedidos de ajuda como sempre faz, mas em vez disso ele estava recebendo fotos de sexo. — Ela estava envergonhada do pequeno soluço em sua voz. — Eu tenho que sair daqui.

Emmanuelle colocou a mão no braço de Francesca, segurando seu traço louco para a liberdade. — Não faça isso. Pelo menos converse com Stefano antes de fugir. Ele merece muito, não é?

Francesca tomou uma respiração profunda, seu instinto dizendo a ela para fugir enquanto pudesse. Uma vez que Stefano estivesse perto dela, cada célula do cérebro ela parecia entrar em curto-circuito. Ela balançou a cabeça e pegou sua bebida mais uma vez.

— Eu tenho que participar de uma reunião rápida. — disse Emmanuelle com uma pequena careta. — Vou mandar Stefano para você o mais rápido que possa. Esses encontros deveriam ser realizados fora do clube, — acrescentou ela, tentando colocar humor na situação. — Aqui dentro é para se divertir. Beber e dançar. Você sabe essas divertidas coisas. Eu não acho que os meus irmãos entendam o conceito. — Emmanuelle sacudiu a cabeça e se afastou.



Rigina jogou a cabeça para trás e riu. — Eles acham que a única forma de diversão é um corpo quente, disposto.

Francesca não pôde parar sua reação a observação casual, mas, obviamente verdadeira, de Rigina. Ela endureceu, os dedos enrolando em torno do copo que segurava.

— Francesca. — A voz de Rosina foi suave, com uma corrente de ansiedade. — Minha irmã não quis dizer nada com isso. Espero que não se sinta ofendida.

Francesca lançou um sorriso casual que ela sabia não alcançou seus olhos. Ela tomou um gole mais longo. A combinação dos ingredientes sempre aqueceu seu estômago e fez seu sangue cantar. Ela deixou a sensação varrer através dela, querendo ficar longe das primas de Stefano e da implicação na declaração de Rigina.

Elas poderiam tentar amenizar a situação como queriam, mas ela tinha lido os tabloides. Ela tinha visto todas as fotos com mulheres. Muitas delas. Altas. Bonitas. O pensamento de Stefano com elas a fez se sentir doente. Agora, ela se encontrou com elas, o que a deixou ainda mais doente, pensando nas coisas que as três mulheres implicavam.

Ela não era experiente ou sofisticada. Ela não pertencia ao seu meio. Ou a sua família. Ela virou-se para Joanna com um brilhante sorriso falso. — Você está pronta para dançar? A música me chama.

Joanna mal tinha tocado sua bebida e olhou para cima, pronta para protestar, mas deu uma olhada no rosto de Francesca e imediatamente se levantou. — Mal posso esperar. — Ela lançou seu sorriso brilhante para Mario. — Você vem ou quer beber um pouco primeiro?

— Eu vim para dançar, mulher. Estou com você todo o caminho, — disse Mario, agradando Francesca. Ele era o homem certo para Joanna.

— Francesca ... — Rigina protestou.

Francesca bebeu o resto do Moscow Mule, e desta vez o sorriso dela beirava o desespero, mas ela não poderia ajudá-la. — Não se preocupe, eu



sou adulta. Adoro dançar e a música está chamando. Se a garçonete voltar você me pede outro drinque por favor? — Ainda sorrindo brilhantemente ela abriu caminho para baixo para a pista de dança lotada.

Ela não queria pensar em nada. Ela encontrou o ritmo da música e a deixou transportá-la como sempre, para outro lugar. O álcool bateu em suas veias, aquecendo-a de dentro para fora. Havia apenas seu corpo e a música. Nada mais. Ninguém mais. Nem Stefano com seu lindo corpo e sensualidade latente que a deixava tão incrivelmente com fome por ele que ela não conseguia pensar direito quando ele estava ao seu redor.

Duas músicas depois, ela percebeu um homem se juntando a eles. Ele parecia conhecer tanto Joanna quanto Mario, batendo-lhe nas costas e cumprimentando Joanna com um beijo. Ele olhou para Francesca com expectativa.

— Meu amigo Dominic. — Mario disse em voz alta, tentando ser ouvido acima da música. — Dominic, nossa amiga Francesca.

Dominic sorriu para ela, seu corpo movendo-se junto, combinando o ritmo com o dela com facilidade. Ela reconhecia um dançarino treinado quando via um, provavelmente em dança latina e de salão como ela. Ele se debruçou para ela, uma mão deslizando sobre seu quadril. Apenas lá, mas conectando-os. — Você sabe como dançar.

Ela estava contente que alguém realmente reconheceu que ela podia. Ela assentiu com a cabeça, mal capaz de ouvi-lo sobre a música. Ele imediatamente pegou a mão dela e levou-a através de uma série de passos de salsa. A música era rápida, mas a batida era perfeita para uma salsa. Ela o acompanhou sem nenhum problema e ele instantaneamente levou-a para perto de seu corpo, movendo-a em passos mais complicados e muito sensuais. Ela se perdeu como sempre fazia, a música fluindo através dela, seu corpo, doando-se para a batida.

Dominic era confiante e forte, o tipo que preferia em um parceiro, e ela se mexeu com ele, mesmo quando a música diminuiu e ele a puxou para



perto em um quadro apertado. Ele era um par de polegadas mais alto que ela e inclinou a cabeça para falar diretamente em seu ouvido.

— Você é muito boa. Eu nunca tive uma parceira de dança como você. Onde no mundo Mario e Joanna a encontraram?

Ela tentou não endurecer. Ela não gostava de perguntas pessoais. — Joanna e eu fomos para a escola juntas. — Sua mão deslizou de sua cintura para a curva de seu quadril. Ela sentiu o movimento que soou o alarme quando ele apertou seu controle sobre ela.

— Minha noite de sorte, — observou ele a mão deslizando para baixo até descansar direto na bochecha de seu traseiro.

Ela deixou cair sua própria mão e afastou-se dele. — Você não me conhece muito bem.

Ele riu suavemente. — Ainda não, mas pretendo.

Emilio pairou sobre seu ombro, olhando triste. Enorme. Infeliz. Ele bateu no ombro de Dominic e apontou o polegar para o lado. Dominic instantaneamente pareceu zangado, mas se afastou de Emilio.

Francesca se voltou para os braços de Emilio, sorrindo para ele, aliviada, apesar do fato de que ela sabia o porquê dele estar lá. Mexeu o pé e deu um passo à direita para ela. Ela reprimiu um pequeno grito agudo de dor e fez uma careta para ele até que ele percebeu o que tinha feito e ergueu o pé grande. Ele não dançava, apenas balançava. Era muito diferente do homem que tinha os passos tão perfeitamente combinados com os dela.

— Existe uma razão para você interromper minha dança perfeitamente maravilhosa com aquele cavaleiro, ou você simplesmente quis pisar em meus pés? — Ela teve que olhar para ele e levantar sua voz sobre a música. O ritmo era mais lento, e um pouco mais antigo, mas ainda era alto.

Emilio se inclinou para baixo, muito perto, colocando a boca contra seu ouvido. Na verdade, ele vaiou sua desaprovação.



— Pelo amor de Deus, Francesca, você está tentando conseguir que alguém seja morto? O que está pensando, dançando com outro homem?

Francesca combinava com a sua carranca. — Que outro homem? Eu dancei com um homem e ele era um excelente dançarino. Você cortou e deu um *pisão* no meu pé. Eu não quero ferir seus sentimentos ou nada, mas eu prefiro o estilo de dança dele que o seu.

Sem aviso, uma mão dura algemou seu pulso e Stefano a puxou para longe de Emilio e para seus braços. — O que eu te disse sobre outros homens tocando em você? — Ele retrucou.

Ela olhou para ele, lutando para colocar uma ou duas polegadas entre seus corpos, mas foi impossível. Quanto mais ela lutava para se libertar mais apertado ele a segurava.

— Pare de lutar contra mim ou nós vamos fazer uma cena em público. Há paparazzis aqui e eu posso garantir que já estamos no seu radar.

Sua raiva era palatável. Intensa. Rodeando-a com calor e fogo. Ainda assim, chateada com ele como ela estava, seu corpo reagiu, inundando-a de necessidade. Ela manteve o rosto baixo, recusando-se a olhar para ele mesmo quando parou, forçando-se a relaxar no calor de seu corpo.

— Agora me diga o que diabos você pensou que estava fazendo.

Mesmo com ela dando-lhe o que ele queria e deixando-o abraçá-la, sua ira não tinha diminuído em nada. Isso inflamava seu próprio temperamento. — Eu não estava organizando sexo com três homens, se é isso que você está pensando. Seu pequeno harém está aqui, esperando por você.

— Droga, Francesca, nós conversamos sobre isso. Eu não posso mudar quem eu comi. Eu lhe disse que era passado e você tem que aceitar isso, porque tanto quanto eu gostaria que fosse diferente, eu não sou um mágico. Não há como voltar.

— É assim que você gosta? O que elas disseram? As três de uma vez? — Ela vaiou a pergunta através dos dentes cerrados, com o coração batendo fora de controle.



Capítulo Treze

Houve um longo silêncio enquanto a música martelava por eles.

Criando um casulo de calor puro. Sua raiva a inundou, mas só serviu para deixá-la mais quente. Sentia o corpo líquido, os seios doloridos por seu toque, os mamilos duros, empurrando contra o tecido do vestido em um esforço para se aproximar dele. A junção entre as pernas dela estava em chamas, o clitóris pulsava com a batida da música de absoluta fome. Ela sabia que seu fio dental já estava úmido com fome por ele. Ela odiava não poder controlar sua necessidade dele.

Ele estava com raiva, e acabou adicionando combustível ao fogo que crescia dentro dela.

— É isso que você pensa de mim? Que eu preciso de três mulheres ao mesmo tempo para me satisfazer? É isso mesmo que você pensa de mim, Francesca? — Sua voz era baixa. Furiosa. Um chicote que a atingiu com mais força do que um de couro faria.

Ela respirou fundo e puxou-o profundamente em seus pulmões, seu rosto permanecendo pressionado firmemente a sua jaqueta, direto sobre o coração dele.

A mão surgiu sob o queixo e levantou-o. — Foda, olhe para mim, *dolce cuore*. Agora. Eu não estou fodendo com você.

Dois palavrões em menos de um segundo. Ele estava mais que furioso. Ela não teve escolha senão levantar o queixo, mas ela manteve os olhos infantilmente fechados, com medo, que se olhasse para ele, estaria perdida. Ela estava mais ferida do que percebeu, odiando que outras mulheres o tiveram antes dela.



— Olhe para mim. — Com um esforço, ele suavizou sua voz, mas ainda imponente. Impossível desobedecer. — Abra os olhos e olhe para mim.

Ela mordeu o lábio inferior e levantou seus cílios até que seu olhar encontrou o dele um azul penetrante. Os olhos dele escureceram em uma cor vibrante, intensa que gritava perigo. Uma vez que ela olhou para ele, não conseguiu desviar o olhar. Seu coração batia mais forte do que nunca. Seu estômago deu uma cambalhota lenta. Lá no fundo seu núcleo, seus músculos espasmaram e depois apertaram duro em reação.

— Você realmente acha que eu transo com três mulheres ao mesmo tempo, Francesca?

Havia uma promessa de retaliação em sua voz. Em vez de assustá-la, como deveria, ela sentiu instável de necessidade, com uma fome que parecia estar fora de controle. Claro que ele iria forçá-la a responder. Cor lentamente manchou suas bochechas.

— Não. — Sua voz era baixa. Envergonhada. — Só que elas foram tão presunçosas. Elas disseram que enviaram imagens a última noite ... — Ela parou.

— Eu as excluí no momento em que entraram e eu não me preocupei em responder a elas. Eu não vi qualquer uma das três desde o ano passado nem tenho a intenção de fazê-lo. Se eu soubesse que tinham a intenção de aparecer aqui esta noite, eu teria proibido a entrada delas no clube. Elas me convidaram para ir para o Texas para encontrá-las e eu disse não.

Sua raiva não havia diminuído, ela podia dizer pelas linhas ao redor da boca e sua mandíbula. De repente, pegou sua mão e levou-a através da multidão, quase a arrastando, indiferente ao seu salto. Felizmente, a multidão se abriu para ele mesmo no escuro na pista de dança, permitindo-lhes através facilmente.

Stefano levou-a para a parte de trás do clube, entre duas paredes, para a alcova sombria onde uma porta levava aos escritórios. A alcova era muito escura e ela sabia que as sombras os fechava em seu próprio mundo privado.



Ela estremeceu, sabendo que não devia ficar sozinha com ele. Não agora. Não quando ele estava com tanta raiva e ela tão carente.

Ele empurrou-a para trás até que ela ficou contra a parede e não conseguia se mexer outra polegada. O corpo dele prensou o dela até que não havia espaço suficiente para deslizar um pedaço de papel entre eles, até que sentia a marca de seus músculos pesados em seus seios e quadris.

Ele inclinou seu queixo para cima, forçando os olhos dela a encontrar os dele. — Eu vou soletrar isso para você, Francesca, usando a porra do Inglês para que não haja qualquer mal-entendido. Eu não estou de brincadeira com você. Eu estou dizendo que eu quero um relacionamento com você, um permanente. *Exclusivo*. Você e eu. Ninguém mais. Sem outras mulheres para mim. Nenhum outro homem para você. Eu quero sossegar e ter uma família com você. Eu sei que você ainda está se acostumando com a ideia e está tudo bem. Vou lhe dar tempo. Mas isso não significa que outro homem coloca suas malditas mãos em você. Ele não vai segura-la em seus braços e sentir o seu corpo contra o dele. Não. Nunca.

— Eu dancei, Stefano. Eu gosto de dançar. Eu não entendo por que você ficou com raiva. Você estava ocupado, e eu dancei com ele. Eu não iria sair com ele. Eu não estou atraída por ele. Eu não sou trapaceira. Eu sabia que estávamos ambos considerando uma relação, embora, honestamente, esteja tão rápido para mim que é difícil acreditar que é real.

Ele se inclinou para baixo, com os braços de repente em volta dela, puxando-a com força contra seu corpo. — Você não está me escutando. Não vou tolerar outro homem colocando as mãos em você mais do que eu esperaria que você tolerasse outra mulher colocando as mãos em mim. É perigoso Francesca. Perigoso para qualquer um que seja um idiota fodido e ache que tem o direito de esfregar o corpo contra o seu. Eu vi a mão na sua bunda. Essa bunda pertence a mim. Nenhum outro homem coloca a mão. Quando eu vi isso, eu quis matá-lo. Eu precisava matá-lo. Eu vivo em um mundo de violência. Você não quer me colocar nessa posição mais do que eu iria colocá-la. Isso é tudo que vou dizer sobre isso. Eu não discuto. Esta é a sua primeira e única advertência.



Ela piscou para ele. — Você está falando sério.

— Mortalmente sério.

Ela se mexeu sutilmente, tentando se afastar dele sem parecer fazê-lo. Sutileza não funcionou. Os braços dele tornaram-se barras de aço, bloqueando-a nele, e ele inclinou seu peso contra ela para que fosse impossível se mover. O ar em torno deles estava pesado com sua raiva. Um arrepio de medo desceu pela espinha dela. Não apenas medo. Ainda assim, incrivelmente, ela se sentia segura em seus braços. Ela percebeu que junto com esse surto de medo, havia uma emoção escura, sensual, que ela não podia negar.

— Você não machuca as mulheres. — Ela fez essa declaração porque ela tinha que acreditar que era verdade. Ela reconhecia as mentiras quando as ouvia, também reconhecia a honestidade. Ele falou a verdade sobre querer matar Dominic, mas sua raiva era dirigida a ela. Ainda assim, suas mãos sobre ela não machucavam, nem um pouco. Ele poderia ser duro, mas ele não era violento com as mulheres.

— Não. Eu não. — Ele deixou por isso mesmo.

Ela poderia aceitá-lo do jeito que ele era? Assim? Sombriamente sensual? Um homem acostumado a violência? Um homem de quem ela realmente não sabia nada? Ela sabia que já estava perdida, muito longe, atraída por ele fisicamente, uma química tão intensa que ela mal podia pensar sem querê-lo. Seu senso de autopreservação tinha ido embora. Ela deveria fazer perguntas, exigir respostas.

Francesca umedeceu os lábios. — Tudo bem, Stefano.

— *Tudo bem?* Que porra isso significa?

— Isso significa que você pode parar de usar esse tipo de linguagem chula e tomar um fôlego. Eu não vou dançar com outro homem. Eu não vou deixar que outro homem me toque. Eu não gostaria que você estivesse dançando com outra mulher, por isso mesmo, embora fosse perfeitamente inocente, eu entendo o que você está dizendo. Por outro lado, não há



qualquer necessidade de ser *dramático* e falar sobre perigo, violência ou morte. Você realmente não iria ferir outro homem apenas porque ele dançou comigo. —Ela não estava certa de que fosse verdade, mas ela queria que fosse.

Ele balançou a cabeça, um pouco da raiva escura se dissipando. — *Bambina*, você é tão inocente. Ele não estava dançando com você. Ele estava tentando entrar em sua rendada e pequena calcinha fio dental. A mão dele estava em sua bunda.

— Eu levei a mão dele de volta para minha cintura imediatamente.

— É por isso que o filho da puta ainda está vivo. O único homem que toca o seu rabo ou sua calcinha sou eu. Sempre. —A mão dele deslizou por seu quadril até sua coxa nua, os dedos acariciando sua pele. — Este vestido não tem a mesma aparência em você que tinha naquele manequim.

Seus dedos começaram a fazer pequenos círculos em sua coxa. Quase lá. Queimando. Marcando-a. Era como se ele a tocasse com fogo. Ela estremeceu, inclinando seu peso na parede, esperando que ele a mantivesse na posição vertical.

— Suponho que o manequim era reto, e você tem todas essas curvas sensuais. —A outra mão encontrou seu seio direito, da curva suave até as pontas dos dedos estarem diretamente sobre o mamilo. — Eu deveria ter levado isso em consideração.

Os dedos avançaram até sua coxa, logo abaixo da bainha de seu vestido, se movendo para cima com suaves e deliberadas batidas. Ela colocou a mão em seu pulso para detê-lo, seu olhar se movendo em torno do clube. Estava escuro e Stefano a tinha levado bem fundo nas sombras para a sua pequena conversa, mas ainda assim, em um minuto ela sabia que estaria longe demais para se importar o que ele faria com ela. Ela queria as mãos dele sobre ela. A boca sobre ela. Ela precisava de seu toque mais do que ela precisava respirar.

Com a respiração queimando em seus pulmões e precisando um tempo, ela correu a palma da mão do peito ao ombro dele. Foi apertado, porque ele se recusou a se mover para trás, seu corpo muito maior diretamente na frente



dela. Se alguém viesse em cima deles, não seria capaz de vê-la pelo jeito que ele se posicionou. Ela percebeu que, mesmo quando estava zangado com ela, ele tinha a certeza de protegê-la.

— Então você não gosta do vestido? — Sua voz saiu abafada. Um sussurro de puro pecado.

Um gemido suave escapou. — *Dolce cuore*, você não pode usar esse tom quando estamos em público. — Seus dedos cavaram na parte interna da coxa dela por um breve momento e, em seguida, relaxaram, acariciando delicadamente a pele sobre a picada. — Eu nunca quis tanto uma mulher em toda a minha vida. Há meia dúzia de escritórios por perto em que eu poderia levá-la e fodê-la até que nenhum de nós pudesse se mover, mas não é isso o que quero para sua primeira vez comigo. Eu quero pelo menos tentar ser gentil com você. Agora não estou certo de que pudesse ser. Ajude-me um pouco, ok, *bella*?

Os dedos, deslizando sobre sua coxa nua, deixando a louca. Ela precisava dele agora, e os escritórios soavam bem para ela. Os dedos dele escovaram seu sexo e em seu interior seus músculos se contraíram deliciosamente. Ela engasgou e ele imediatamente abaixou a cabeça, os dentes encontrando o lóbulo de sua orelha e mordendo.

— Stefano. — Seu nome saiu como um gemido.

— Você já está molhada para mim, — ele sussurrou. — Tão pronta. Para mim, *bambina*, isso é meu. Tudo para mim.

Ela assentiu com a cabeça, impotente, agarrando-se a seus ombros largos para não cair aos seus pés. Sua mente ficou caótica, seu cérebro se recusando a trabalhar. Ela não conseguia pensar em mais nada, só em Stefano. Ela queria suas mãos nela. A boca dele. Ela precisava disso. — Por favor, — ela implorou baixinho, pedindo alguma coisa, mas o que ela não sabia.

Sua expressão mudou imediatamente. Suavizou. Amoleceu. Até seus olhos mudaram de cor, escurecendo atentamente. Sua voz acariciou sua pele, fazendo-a tremer. — Beije-me. Agora mesmo. Eu preciso de sua boca.



Ela teria dado a ele tudo o que ele pedisse. Ela ergueu o rosto para o dele, uma oferta, as mãos em seus ombros, segurando-se. A boca de Stefano instantaneamente assumiu o comando da dela. Tirou todo o controle como um trem desgovernado. No momento em que sua língua entrou, ele espalhou chamas através dela. Requentadas, perfeito fogo. Calor correu por suas veias direto para seu sexo, atíçando a bola de fogo que tinha estado ali a noite.

Os braços ao redor dela, arrastando-a para longe da parede e para seu corpo de modo que ela não teve dúvidas que ficaria impressa nos ossos dele, e ele nos dela.

— Eu quero você, —confessou ele, arrastando sua boca da dela, descansando sua testa contra a dela enquanto ambos tentavam puxar ar para os pulmões.

Seus cílios baixaram e uma cor fraca apareceu em suas bochechas. — Eu quero você, também, —ela sussurrou. — Muito, Stefano.

— Diga que você é minha. —Havia aço em sua voz.

Ela respirou. Deixou sair. Ele estava ordenando mais do que uma simples frase. Ambos sabiam disso. Ele estava pedindo compromisso. Não apenas uma noite. Uma semana. Um mês. Ele estava pedindo a ela para dizer que pertencia a ele para sempre.

Ela ouviu o sangue rugindo em seus ouvidos. Seu corpo estava em chamas. Em terrível necessidade. Querendo-o. Poderia ela se entregar a ele? Ela sabia duas coisas sobre ele. Ele era um homem com um estreito código de honra, e ele era um homem muito perigoso capaz de violência rápida.

— Dê a si mesmo para mim, —ele sussurrou sua voz uma carícia íntima, deslizando sobre sua pele como o toque de dedos. Sua boca estava tão perto. Ela podia sentir cada respiração que ele dava.

— Confie em mim com a sua vida, Francesca, e eu juro que você nunca terá que se preocupar com outra coisa. Eu posso mantê-la segura. Eu te farei feliz.



Ele era o diabo tentando-a. Tão lindo. Um homem incrível. Ela sabia que ele prestava atenção aos detalhes, aos menores. Era um traço nele que ela tanto amava quanto odiava. Ele sempre a fazia sentir importante, talvez a coisa mais importante do mundo dele, mas ele também iria tentar controlar todos os aspectos da vida dela. Não, ela sabia, ele iria controlá-la, mas porque sua necessidade de mantê-la segura o deixaria louco por segurança.

— Diga sim, Francesca. Eu não achava possível sentir algo real por uma mulher. Eu não podia. Eu tentei, mas não sentia nada. Eu sabia que era capaz de amar, porque eu amo minha irmã e meus irmãos ferozmente. Com tudo em mim. Mas o que um homem sente por uma mulher, a mulher, me iludiu até você. Até que eu vi você.

Ele cimentou sua decisão com cada palavra que disse. Não havia escoras para suas defesas, como duvidar da honestidade crua na voz dele.

— Eu sei que você não acredita em amor à primeira vista, porque eu sempre pensei que era impossível. Eu tentei dizer a mim mesmo que não era real, era apenas química entre nós. E a química era tão explosiva que eu sabia que tinha a chance de estar certo, mas então eu vi você. Eu escutei você. Eu vi o jeito com que tratava os outros e eu senti tudo o que um homem deve sentir por uma mulher e muito mais. Quando eu amo, Francesca é com tudo em mim. Eu sou leal mais sou um lutador, o que significa que eu vou lutar até o meu último suspiro para ter certeza que minha mulher é feliz. Espero que as pessoas da minha vida ajam da mesma maneira.

Suas mãos, por vontade própria, foram ao pescoço dele, os dedos prendendo-o. O calor em sua pele era escaldante, mas que só adicionava fogo a permanente queima por ele, dentro dela.

— Eu não me importo com qualquer outra mulher, Francesca. Nem uma única. Eu as usei. Elas me usaram. Eu tenho um forte impulso sexual. Estou sempre duro. Sempre. Eu preciso de uma mulher para me dar alívio, mas eu nunca quis uma para mim. As mulheres eram uma ferramenta, um corpo para me enterrar, nada mais. Eu não queria vê-las mais, porque eu simplesmente não conseguia sentir nada por elas, não importa o quanto eu



quisesse ou tentasse. Eu sei que me faz soar como um filho da puta, mas é a verdade e é isso que eu tenho que dar a você, a verdade.

Sentia-se perversa o suficiente para amar o que ele estava dizendo, amar que as mulheres que enviaram aquelas imagens não significavam absolutamente nada.

— Eu *comi* um monte de mulheres, Francesca.

Ela fez uma careta. Ela sabia que ele tinha. Ela tinha visto a prova nos tabloides. A maior parte dos artigos não era verdadeira, mas as imagens não mentem.

Seus braços se apertaram ao redor dela. — Eu não posso mentir sobre isso. Eu não posso ter isso de volta. Eu sei que o que você ver ou ler, as coisas que essas mulheres possam lhe dizer vai doer e eu odeio isso. Eu odeio que eu seja a causa disso. Que o que eu fiz de forma tão descuidada no passado possa ser perturbador para você. Só posso prometer-lhe o futuro.

— Isso está indo muito rápido, Stefano.

Seus dedos massageavam a nuca dela. — Para você, *bambina*, mas não para mim. O tempo parece ter abrandado até que eu queira xingar de frustração. Meu avô era apaixonado pela minha avó. Eles eram inseparáveis. Eles detestavam ficar separados. Eu vi o amor real. Eu senti isso quando estava com eles. Morreram com três horas de intervalo. Minha avó primeiro e, em seguida, meu avô a seguiu. O amor existe, e é o que eu estou lhe oferecendo.

Sua boca encontrou a dela novamente e ela imediatamente se perdeu nele. Tanto calor. Tanto prazer através dela, pequenas chamas, um raio por todo seu corpo. Dessa vez, quando ele levantou a cabeça, os dentes encontraram o lábio inferior, afundando, puxando, deixando-a selvagem.

Ouviu-se gritar, quase um soluço de fome pura.

— Dê-se para mim, Francesca. — Comando puro. Nada menos do que uma ordem, o que disse a ela alguma coisa. Ele era o diabo, mas ela não se importava. Em algum nível, ela sabia que ele estava usando seu próprio



corpo contra ela, colocando sua inocência contra a experiência dele, mas ela não se importava com isso, também. Ela queria pular no fogo com os dois pés, braços, olhos abertos. Ela sabia que seu mundo podia ser algo que ela teria dificuldade em aceitar, mas ele valia a pena.

— Sim. —Ele emitia um suave sussurro. Quase inexistente. Uma determinação estrangulada. Talvez fosse sua mente tentando salvá-la. A autopreservação tentando impedi-la de dar esse salto louco do penhasco. Ele ainda esperou. Absolutamente imóvel. Seus braços quase a esmagando. — Diga tudo. Eu preciso das palavras. Diga que você pertence a mim e que você está se comprometendo comigo. Olhe para mim, Francesca, e diga e sei que não vai desistir.

Ela umedeceu os lábios e levantou as pálpebras para olhar em seus olhos azuis penetrantes. Havia uma mistura. Posse. Desejo. Triunfo. Exigência.

— Não tem volta, Francesca, —alertou.

Ela lambeu os lábios de novo, no local onde os dentes a tinham mordido. — Eu não vou voltar atrás, Stefano, —ela disse suavemente. — Eu quero ser sua.

— E você está se comprometendo comigo? Você vai usar meu anel? Você vai entrar na minha família? Ser uma parte de nós, —ele perguntou.

Um anel? Ele não tinha dito nada sobre um anel. Isso ia ainda mais longe do que ela tinha antecipado que ele quisesse. Uma parte dela estava emocionada. A parte sã estava apavorada. Já se sentia como uma propriedade. Como se ele já a tivesse marcado em seus ossos. Em sua alma.

— Não. —Ele levantou seu rosto, forçando-a a ficar em contato com os olhos. — Eu entendo que você esteja com medo, *dolce cuore*. Você tem que confiar em mim. Confie em mim. Isso é o que eu preciso de você. Eu tenho você, Francesca. Tudo que você precisa fazer é deixar-me tê-la.

Ela tentou pensar direito, mas seu corpo já pertencia a ele, os seios estavam doloridos por seu toque, os mamilos empurrando com força contra o tecido de seu vestido. Entre as pernas, ela se sentia vazia e necessitada.



Queimando. A tensão tão forte que ela estava com medo, que se ela se mexesse, ela poderia quebrar se não o tivesse, não aguentaria a noite.

— Eu não consigo pensar direito quando você está tão perto de mim. — Ela mal podia falar. Sua pesada ereção pressionando contra ela, alta, em sua cintura e ela sentia cada polegada, a espessura dele como uma marca ardente. — Você está tirando vantagem.

— Vou levar qualquer vantagem que puder conseguir. Francesca estou sendo gentil. Empurre-me e eu vou fazer mais para ter o seu sim. Eu vou ter meus dedos enterrados em você e se isso não funcionar, será minha boca trabalhando entre suas pernas. Eu sou sem-vergonha quando se trata de você. Esta é uma batalha que não posso me dar ao luxo de perder, então sim, eu vou usar todos os meios necessários para ter certeza que sua resposta é a que eu quero.

Ela lambeu sobre o ponto latejante no lábio inferior novamente. — É isso que eu terei daqui para frente durante o tempo em que estivermos juntos? Você usando o sexo para conseguir o que quer?

— Absolutamente.

Ela o queria tanto. Ela poderia pensar tudo o que quisesse, mas no final, ela sabia que iria ceder a ele. — Eu disse que sim, —ela apontou. — Eu posso estar com medo, mas eu disse que sim.

Ele inclinou a cabeça para escovar beijos sobre suas pálpebras, quase como se estivesse fechando seus olhos para ela não ver a euforia que passava através dele. Mas ela o fez. Ela sentiu-a.

— Eu vou te beijar mais uma vez, Francesca, e então nós temos que parar, para que possamos ir para casa. Está muito perigoso ficar em público quando eu preciso estar dentro de você.

O desejo cru em sua voz correu por ela, agarrou sua barriga, combinando com o seu próprio. Ela queria ir para casa, também, tão rapidamente quanto possível.

— Dê-me sua boca, *Bella*.



Ela fez isso sem hesitação, precisando do fogo caindo em sua garganta e em seu corpo. Em torno do coração dela. As chamas já familiares correram sobre os seios, seus mamilos diretamente ligados com o clitóris, de modo que ela pulsava e latejava com desespero. A boca dele era pura sensualidade. Quente de paixão. Seu gosto era viciante e quando ele começou a levantar a cabeça para afastar-se, ela correu atrás dele com a boca.

Ele pegou o queixo dela com firmeza. — *Bambina*, não aqui. Eu não tenho autocontrole, tanto quanto eu gostaria, não quando se trata de você. Não vou te foder contra a parede onde alguém pode simplesmente andar para cima de nós, mas se continuar com isso, pode acontecer.

Era bom saber que não estava sozinha no que estava sentindo, mas naquele momento, a ideia dele “fodê-la” contra a parede era uma tentação flagrante.

Ele pegou sua mão e deu um passo atrás para permitir que ela se movesse para longe da parede. — Meus primos de Nova York estão aqui. Eu gostaria que você os encontrasse.

Ela piscou para ele, sentindo-se como se estivesse saindo de um nevoeiro, ou de um sonho erótico, e não conseguia esquecer. — Eu os conheci na outra noite, lembra? — Eles a deixavam nervosa. Ela não estava segura se queria vê-los novamente em seu presente estado do desejo absoluto. Eles viam muito.

Ele sorriu para ela. — Outros primos. Você conheceu Lanz e Deangelo Rossi. Eles são irmãos. Eles vieram com dois outros primos, Salvatore e Lucca. Seu último nome é Ferraro também. Salvatore e Lucca tem um outro irmão, Geno. Nenhuma irmã. As meninas não aparecem muito em nossa família.

— Sua família é tão grande, Stefano. Eu só tinha a minha irmã. Sem tias ou tios. Ninguém mais. Você tem primos suficientes para fazer uma pequena cidade.



Ele riu suavemente, puxando-a mais perto até que sua frente estava trancada ao seu lado e ela estava debaixo do braço dele.

Seu celular soou exatamente quando saíram das sombras para a luz por trás da barra vermelha. Ele parou abruptamente e puxou-o de dentro do paletó, recusando-se a lhe dar espaço, apertando-a firmemente a seu lado.

— Você é um escravo a essa coisa, —ressaltou.

— Verdade. —ele concordou e atendeu. — *Stefano.*

Ele era tão abrupto ao telefone quanto era em pessoa, ela decidiu, estudando seu rosto. Ele tinha um lindo rosto, que merecia uma capa de revista. Não era de admirar que os paparazzi estivessem obcecados com ele. Ela era um pouco obcecada por ele. Seu coração ainda estava batendo insanamente pelo passo gigante que ela tinha acabado de dar. Ela não podia nem culpar o álcool. Essa era ela, incapaz de resistir a ele.

Ela encostou-se em Stefano, principalmente porque ele não lhe deu nenhuma escolha com o braço travado em torno dela, direto sob seus seios. Ele cheirava muito bem, o cheiro dele envolvendo-a, rodeando-a com ele.

Ela estava ciente da pesada ereção pressionada firmemente contra ela. Ele sempre parecia estar duro ao redor dela. Ela tinha que admitir que gostava disso. Ela queria que ele a quisesse.

Ela havia desligado da sua conversa, ouvindo a música em vez disso, sentindo as constantes exigências feitas. Levou alguns momentos antes que a conversa a seu lado penetrasse. Essa não era uma chamada de alguém que precisava de ajuda. Ela respirou fundo e voltou sua atenção completamente para Stefano.

— *Não, Saldi, estou no clube com meus irmãos e primos. Estamos celebrando esta noite. Por que diabos você acha que eu iria me esgueirar em sua casa, porra, e matar aquele pedaço de merda do Tidwell bem debaixo do seu nariz? Eu não tinha ideia que o bastardo estava hospedado em sua casa.*



Silêncio e depois mais. — *Você está brincando comigo? Eu dei uma surra nesse merda e o enviei para você fazer o que quisesse com ele. Tomar seu prédio foi vingança suficiente para mim.*

Silêncio e, em seguida, Stefano explodiu com uma série de palavrões. — *Você está me irritando, Saldi. Eu não posso estar em dois lugares ao mesmo tempo. Venha e veja por si mesmo se você quiser, embora os malditos paparazzi conseguissem entrar e estão tirando fotos suficientes para uma revista inteira.* — A voz de Stefano estava recortada e com raiva.

Francesca ficou tensa. Tidwell era o dono de seu prédio e agora estava morto. Alguém o tinha assassinado? Era isso que Saldi estava dizendo para Stefano? Ela estremeceu. Ao mesmo tempo Stefano inclinou a cabeça e esfregou seu pescoço. Seus dentes a beliscaram e sua língua passava calor sobre a pequena mordida, fazendo-a intensamente consciente dele.

— Eu vou falar mais baixo, — ele sussurrou para ela e deu um beijo contra o ponto sensível logo atrás da orelha dela. Seu braço, uma barra em torno de sua caixa torácica, não relaxou. Ele manteve-a com força contra ele e retomou sua conversa com um dos Saldi. Francesca tinha ouvido falar sobre eles de várias fontes, mas mais, tinha lido sobre eles em artigos de notícias. Eles eram definitivamente considerados criminosos. Ela sabia que a família era do crime organizado, mas Stefano não parecia ter o menor receio. Ele xingou-os e, aparentemente, não tinha preocupações sobre retaliação.

— *Eu não dou a mínima, Giuseppi, para o que você pensa. O que eu acho é que é melhor você encontrar o responsável pela garganta cortada desse merda. Não estou chorando se é isso que você está procurando. Se isso aconteceu debaixo do seu nariz, olhe para o seu próprio povo e aperte a porra da sua segurança.* — Ele fechou o telefone com um clique irritado e empurrou-o no bolso.

Sua respiração ficou presa em seus pulmões. — Giuseppi Saldi é o chefe da maior família do crime aqui em Chicago, — ela sussurrou, aterrorizada por ele. Ninguém falava com Giuseppi Saldi assim, nem mesmo a polícia.



Ele tinha a fama de ser extremamente violento e muitas vezes retaliava se sentisse que foi menosprezado.

— Sim. —Ele esfregou seu pescoço novamente. — Seu cheiro é tão bom.

— Você não foi muito bom quando falou com ele, Stefano. E se ele ficar com raiva de você? —Um arrepio desceu por sua espinha. Stefano era imprudente quando perdia a paciência.

Ele parou de se mover para olhar para ela, seus braços a empurrando até que ela estava em frente a ele, apertada contra ele. Ela tinha que levantar a cabeça para trás para olhar para ele.

— Lá vai você, toda protetora sobre mim. Você está preocupada comigo, não é? —Sua voz praticamente ronronou para ela, uma mistura sensual de posse, desejo e algo mais, carinho. — *Dio, bambina*, eu amo isso.

— Ele é perigoso. Não é a segunda vez que você o xingou?

— Mais como a centésima. Eu não gosto dele e duvido que ele goste muito de mim. —Ele escovou a boca sobre a dela com deliciosa gentileza. — Não se preocupe com ele. Ele não quer vir a mim. Ele não ousaria.

Seu coração deu um puxão doloroso em seu peito. — Por que, Stefano? Por que ele não viria atrás de você? —A mão foi em torno de seu rosto, seu polegar traçando da alta maçã de seu rosto até a boca para ficar em seu lábio inferior. — Eu te disse, *dolce cuore*, ninguém fode comigo. Eu sou esse tipo de homem. Pare de se preocupar e venha conhecer meus primos. Você vai gostar deles.

Ela não estava tão segura de seus outros primos de Nova York, os que definitivamente a tinham interrogado. Ela virou a cabeça, quando Stefano, mais uma vez colocou-a sob seu ombro, travando o braço em volta dela para mantê-la perto. Ela colocou uma mão no tanquinho de seu abdômen quando seu olhar colidiu com Janice.

A mulher tinha parado de se mover bem no meio da pista de dança e estava olhando para ela com absoluto veneno. Francesca estremeceu com o



ódio concentrado no olhar da mulher. Os dançarinos se deslocaram e Janice foi engolida pela multidão girando.

— O que foi isso, Francesca?

Ele estava sintonizado com ela, mas ela não estava disposta a admitir que suas últimas mulheres estavam sendo desagradáveis e perturbando-a. Quão ciumenta e absurda ela iria parecer? Ela estava apenas nervosa. Ela estava a céu aberto e era impossível não ver os curiosos e especulativos olhar que a multidão lhes dava.

— Eu estive me escondendo de Barry Anthon por tanto tempo que fico um pouco nervosa. Eu me sinto muito exposta, —ela improvisou rapidamente.

Ele riu suavemente, o braço apertado em torno dela. — Você está exposta nesse pequeno vestido preto. Eu percebi que não posso apenas comprar para você, vou ter que ver você em alguma coisa antes de aprová-lo.

Isso a distraiu imediatamente. Ela deu a ele sua carranca mais escura. — Sêrio? Você pensa que vai realmente ter uma palavra a dizer no que eu visto?

— Claro que eu vou ter uma palavra a dizer. Eu sou mandão e controlador, lembra? Eu também sou ciumento, um traço que eu não tinha ideia de que eu possuía até que coloquei os olhos em você.

Sua voz tinha um ar risonho que ela não tinha certeza se ele estava falando sério, embora parecesse sério. Ela foi salva de ter que responder, porque quatro homens andaram até eles, dois vestidos em ternos risca de giz escuros. Ela reconheceu Lanz e Deangelo imediatamente e soube imediatamente que os outros dois eram primos de Stefano também. Os quatro homens eram extremamente bonitos e em forma, mas os dois novos realmente se destacavam.

Algo na maneira como eles se moviam a fez pensar em Stefano. Eles poderiam facilmente ser irmãos, não primos. Stefano parou na beira da pista de dança quando os outros vieram até eles. Francesca tentou dar um passo



para longe dele, para colocar um pouco de espaço entre eles, mas ele simplesmente deu um passo atrás dela e colocou seus braços em torno de sua caixa torácica, logo abaixo dos seios. A sensação de seus braços pressionando tão fortemente a parte inferior de seus seios a fez se sentir carente. Dolorida. Ele era muito potente e ela não podia estar tão perto, não com os holofotes de forma tão clara sobre eles. Ela não podia nem respirar sem respirá-lo.

— Você conhece Lanz e Deangelo, *bambina* certo? Estes são dois outros primos de Nova York.

— Salvatore e Lucca, esta é a minha Francesca.

Salvatore pegou sua mão e levou-a à boca. Antes que ele pudesse tocar os lábios nos nós de seus dedos, Stefano estendeu a mão e pegou seu pulso, puxando a mão. Imediatamente seus primos explodiram em risos.

— Porco imundo, —disse Stefano, sem o menor rancor. — Francesca, é melhor não olhar diretamente para estes nova-iorquinos. Eles podem ser meus primos, mas eles são realmente os melhores amigos do diabo. Fique muito perto de mim para que eu possa protegê-la.

Ela não pôde deixar de rir quando os primos pareceram satisfeitos com a avaliação de Stefano. Stefano acenou a mão em direção à seção VIP e sua mesa. Rodeada pelos homens, Francesca se sentiu incrivelmente protegida quando se moviam até as escadas para sua mesa. Os irmãos de Stefano já estavam lá, sentados com Emmanuelle, e eles realmente se levantaram quando Francesca se aproximou da mesa. Ela encontrou-se corando com a atenção que estava recebendo.

— Onde está Joanna? —Ela perguntou a Emmanuelle, um pouco preocupada que a sua amiga podia estar chateada que ela tinha desaparecido.

— Na pista de dança com Mario. Eles não podem tirar os olhos um do outro. —disse Giovanni. — Estou olhando o homem. É melhor ele não quebrar o coração dela.

Francesca gostou, embora ele realmente parecesse ameaçador e os acenos rápidos que os irmãos davam um ao outro também os fizessem



parecer ameaçadores. Ainda assim, era Joanna, e ela estava grata que os irmãos Ferraro levavam sua proteção a sério.

— Rigma e Rosina estão mantendo um olho nas coisas. —disse Emmanuelle. — Não deixaremos os homens das cavernas sobre a pobre Joanna. Ela realmente está em Mario, e ele parece genuíno o suficiente.

Stefano puxou a cadeira para Francesca e, quando ela escorregou para ela, puxou a dele para perto, assim suas coxas estavam se tocando e ele poderia facilmente envolver seu braço em volta de seus ombros. Ele pegou sua mão e colocou-a na coxa dele, pressionando a palma profundamente em seu calor.

A garçonete estava lá instantaneamente. Francesca sabia que era necessário manter seu juízo, mas ela pediu outro Moscow Mule com limão. O limão, vodka e cerveja de gengibre faziam uma bebida refrescante. Ela descia sem problemas, por vezes, muito bem, mas ela não se importava. Ela relaxou em Stefano e deixou o fluxo da conversa em torno dela, embora os primos, os irmãos e Emmanuelle fizessem questão de que ela fosse parte da conversa.

Houve um monte de risadas. A família Ferraro claramente era unida e eles gostavam um do outro o suficiente para dar um ao outro um momento difícil. O irmão de Salvatore e de Lucca, Geno não pode comparecer à festa da família, mas envia seus parabéns.

— O que exatamente a família está comemorando? —Francesca perguntou a Stefano, inclinando-se para ele, com a cabeça em seu ombro, seus lábios pressionados contra o ouvido dele para ser ouvida acima do barulho do clube.

Stefano jogou a cabeça para trás e riu. Ela adorava o som. Despreocupado. Masculino. Aproveitando a vida. Ele não ria muito. — Você, *bambina*, nós estamos comemorando eu ter te encontrado.

Ela ficou impressionada com a honestidade absoluta em sua voz. Pelo puro desejo tão claro em seus vibrantes olhos azuis, para qualquer um ver. Pela posse carimbada profundamente em sua expressão sombria. Ele quis



dizer isso. Seus primos e a família estavam celebrando Stefano encontrar Francesca. Reclamá-la. Esse conhecimento entrou fundo. Ela sentiu lágrimas queimando por trás de seus olhos. Antes que alguém pudesse vê-las, ela virou o rosto no pescoço dele.

Imediatamente ele passou os braços em volta dela. — Você é a melhor coisa que já me aconteceu, Francesca. É claro que vou compartilhar a mulher mais importante na minha vida com as pessoas que eu amo. Meus primos de San Francisco não puderam vir, mas eles queriam.

— Temos cuidado para não nos reunirmos todos em um só lugar, — explicou Taviano. — San Francisco tirou a palha curta.

A palha curta, ela tinha ouvido esse termo antes, quando Emmanuelle não tinha vindo para apoiá-la durante o que pensava como "o interrogatório." — Por que vocês não podem se reunir todos em um só lugar?

Ela franziu a testa para eles quando todos eles ficaram em silêncio.

Stefano deu de ombros casualmente, quando ela sabia que ele não estava se sentindo nada casual. Ela podia sentir a tensão em torno da mesa.

— Isso decorre de centenas de anos atrás, uma lei proferida em nossas antigas gerações. A família Saldi na Sicília assassinou a família Ferraro, matando muitos homens, mulheres e crianças, tantos como eles puderam. O decreto mandava que nem todos se reunissem em um só lugar e foi transmitido por aqueles que sobreviveram ao massacre. Foi há muito tempo, apenas história realmente, mas nós ainda respeitamos essa regra.

Stefano tinha xingado Giuseppi Saldi, deliberadamente incitando-o. Quando as duas famílias eram rivais há cem anos ou mais, por que ele achava era seguro falar com o chefe de uma família do crime como ele fez a menos que a família Ferraro também fosse uma família do crime como ela suspeitou pela primeira vez? Um pequeno dedo gelado de inquietação serpenteou por sua espinha.



— Estamos celebrando esta noite, —disse Ricco, erguendo o copo. — Nossa Francesca. Que ela possa ser seguida pelos justos de uma maneira muito oportuna.

— Ouçam, ouçam, —os outros em coro e brindaram.

Ela não tinha ideia do que eles estavam falando, mas todos eles pareciam felizes, então ela tomou um gole de sua bebida, sorridente. Deixando-se acreditar que poderia ter uma grande família. Que um homem iria amá-la do jeito que Stefano parecia fazer. Ela não merecia isso. Ela não o tinha ganho, mas estava determinada a fazê-lo.

A conversa fluíu em torno dela por mais uma hora. Ela queria dançar. Mais um *Moscow Mule* e ela não se importaria se Stefano se incomodava ou não. Ela inclinou-se para ele. — Eu já volto, Stefano, —ela disse. — Eu estou indo ao banheiro das mulheres e não, você não pode ir comigo, —ela rapidamente acrescentou enquanto ele se levantava com ela. Para seu horror todos eles estavam se levantando. Todos os homens na mesa. Para tentar parar o rubor furioso que subia, ela puxou a mão para escapar dele. — E eu vou querer dançar, por isso, se você não trouxe seus sapatos de dança, esteja preparado para me ver dançando com outro homem.

— Isso não vai acontecer, *dolce cuore*, a não ser que você queira ver um derramamento de sangue. Felizmente, eu sempre trago meus sapatos de dança. E eu estarei te escoltando, então não discuta mais comigo. Eu não gosto e não vai fazer nada de bom.

Ela piscou rapidamente, irritada. — Você realmente não pode dizer essas coisas para mim. Quero dizer isso, Stefano. Me desculpe se eu o irrito, mas se eu me opor a alguma coisa, eu vou expressar isso.

Ele colocou seu braço em volta da cintura, puxando-a para perto, de frente para seu lado quando se dirigiram para os banheiros na seção VIP. — Fale tudo que você queira, Francesca. Não significa que você não pode me dizer quando você não concordar, mas não há qualquer propósito em discutir quando se trata de sua segurança. Você não vai ganhar.



Capítulo Quatorze

Francesca foi para os banheiros sem olhar para Stefano. Foi fácil porque ela estava tão perto dele que podia sentir o calor através de seu imaculado e extremamente caro terno listrado. Ele era irritante com suas maneiras mandonas, mas não o suficiente para ela começar uma briga com ele. Ela estava muito suave com seus três *Moscow Mule*, a música, a sensação e o cheiro de Stefano Ferraro.

— O que há com os ternos? — Ela murmurou, passando a mão dentro do casaco para que ela pudesse sentir a qualidade da impressionante camisa escura. — Você e todos os seus irmãos usam, sua irmã e agora seus primos. Mas nem todos os seus primos. Todos eles usam ternos, ternos simplesmente, mas não risca de giz.

Stefano hesitou. Apenas um pouco, mas o suficiente de uma hesitação que ela percebesse isso e parou, forçando-o a parar junto com ela. Só então ela percebeu que metade deles os tinha acompanhado.

Eles foram cercados por seus irmãos e primos, incluindo Emilio e Enzo. Ela estava mais uma vez no centro, como se todos eles estivessem guardando-a.

— Stefano? — Sua voz tremeu um pouco. De repente, em vez de sentir-se segura e protegida, ela temia haver uma razão para eles estarem todos em torno dela. Era porque tinham confirmado que o homem que olhou para ela no deli tinha sido enviado por Barry Anthon? Ela tinha continuado a trabalhar e ele não tinha voltado, nem ninguém mais apareceu.

— Eu vou explicar sobre os ternos em casa, *bambina*. — Sua voz era suave, mais uma vez, obviamente, lendo seu humor, mas não o motivo.



Ela olhou ao redor para os rostos resistentes, bonitos e encontrou-se chegando mais perto de Stefano. — Algo errado? Barry ...

— Não. — Ele foi enfático. — Nós estamos apenas cuidando de você em sua primeira vez em um local público por que os paparazzi estão aqui. Tentamos mantê-los lá fora, mas as câmeras estão por toda parte.

Pela primeira vez, ela detectou uma mentira. Eles não tinham tentado manter os paparazzi fora. Por que seria? E por que Stefano mentira sobre isso quando ele claramente não tinha mentido sobre qualquer outra coisa? Ela não compreendia seu mundo. Ele era cheio de intrigas e perigo. Mais, ela temia que fosse cheio de violência.

Ela estudou seu rosto, tomando seu tempo. Deixou-o ver o tremor. Ele era tão bonito para ela. Os planos e ângulos de seu rosto, tão absolutamente masculinos. Ele parecia um homem, não um menino. Não havia suavidade em suas características, mas ele ainda parecia um modelo perfeito para ela. Seus cílios e o profundo azul de seus olhos, a sombra em sua forte mandíbula, o nariz aristocrático e, especialmente sua boca, aquela pecaminosa boca surpreendente que lhe deu tantas fantasias, tudo junto era a perfeição.

Os dedos dele se enrolaram em torno da nuca dela e ele inclinou a cabeça até que sua testa tocou a dela e ele estava olhando em seus olhos. — Você me deu você, Francesca. Dê-me sua confiança.

Ela subiu na ponta dos pés e colocou a boca em seu ouvido. — Você acabou de me dizer uma mentira sobre os paparazzi, Stefano. Você os queria aqui.

Ela esperava que ele ficasse chateado que ela detectou sua mentira, mas ao invés disso ele parecia inexplicavelmente satisfeito e orgulhoso dela. — Nós vamos responder as suas perguntas no tempo. Por enquanto, *bella*, basta confiar em mim.

Ela respirou. Inalou-o por seu nariz, sua boca, seus poros até que ela tomou-o profundamente em seu corpo. Ele tinha se enrolado com tanta força em torno de seus ossos e coração que ela sabia que nunca iria tirá-lo. Ela apenas balançou a cabeça, porque ela era incapaz de falar. Seu coração batia



estranhamente frenético e o sangue trovejava nos ouvidos tão alto que ela não conseguia ouvir nada, só sua própria necessidade.

Ela tocou a língua no lábio inferior. Seu rosto estava tão perto, a ponta de sua língua tocou o lábio.

— *Bambina*, agora, vá ao banheiro enquanto ainda pode. Quando você sair, vamos dançar e então eu vou levá-la para casa e fodê-la toda a noite. — Ele sussurrou a promessa contra seus lábios e parecia que ele já estava fazendo exatamente isso.

Seu sexo se apertou e ficou úmido. Seus mamilos apertaram. Sua respiração ficou irregular. Ele beijou a testa dela e a virou em direção ao banheiro. Ela não estava completamente certa de que poderia dar os últimos passos para a entrada com as pernas bambas, mas ela conseguiu, deslizando em um reservado e fechando os olhos, saboreando o que Stefano poderia fazê-la sentir com apenas algumas palavras.

Perversamente, ela ainda gostava dele mandão quando ele estava dizendo a ela o que fazer. Ela gostava que ele fosse decidido, confiante e disposto a assumir o comando. Ela supôs que quando estivesse pensando em outra coisa além de sexo, isso poderia torná-la um pouco louca, mas agora, isso era parte da química.

Para seu espanto, quando saiu para lavar as mãos, as três loiras estavam lá. Janice, em sua glória venenosa, estava se inclinando para cheirar uma linha de cocaína na pia. Francesca levantou uma sobrancelha, mas não disse nada, indo para o lado oposto da pia para a última cuba.

Doreen cutucou Stella. — A Pequena Miss Dois-Sapatos está nos dando um olhar chocado.

Francesca varreu seu olhar sobre as três mulheres friamente. — Não chocada, apenas um pouco horrorizada. Isso não pode ser muito higiênico.

— Higiênico? — Janice endireitou, esfregando o nariz para pegar o pó branco que ficou por fora. — Você vai para casa com Stefano Ferraro e quer falar de higiene? Você realmente acha que uma coisa pequena e virginal



como você vai segurar um homem como ele por mais de uma noite? Ele gosta de especiarias, mel. Ele gosta de uma mulher que sabe o que está fazendo em sua cama. Você não parece saber o caminho para um pau sem um diagrama.

As três mulheres irromperam em gargalhadas brutas. Francesca tomou a toalha quente da atendente, que encontrou seus olhos só por um momento, simpatia simples lá. Talvez até mesmo uma demonstração de apoio. Nesse rápido, breve momento em que tirou os olhos das outras mulheres, Doreen deu um passo atrás dela, seus braços chicoteando em torno de Francesca, segurando-a no lugar.

A empurraram para um dos reservados. Stella gritou, dando um passo para perto de Francesca. — Mantenha-se aí, cadela, a menos que queira se machucar. Você, —ela indicou a atendente, — vá encontrar outro lugar para ficar.

Francesca se obrigou a manter a calma, enquanto a raiva dela estava subindo a um ritmo alarmante. — Você está brincando comigo agora? Vocês são mulheres adultas. Vocês têm carreiras. Isto é absolutamente ridículo. Doreen, vamos me largue.

— Vamos ver o quanto Stefano gosta de sua pequena virgem quando ele ver que ela é realmente uma prostituta drogada.

Janice rosnou seus olhos tão estreitos que pareciam ser fendas brilhantes. Doreen tentou empurrar Francesca para a frente da pia e quando Francesca resistiu, Stella juntou forças, empurrando duro. Francesca ficou horrorizada. Nunca tinha ocorrido a ela que três mulheres bem sucedidas, crescidas e supostamente sofisticadas e elegantes iriam recorrer a tais agressões, infantis e criminais.

Ela percebeu que elas realmente queriam dizer isso, elas iam empurrar seu rosto na cocaína que Janice tinha espalhado em cima da pia. Ela bateu seu salto na canela de Doreen, rasgando as meias de Doreen e pisou duro em seu pé.



Doreen gritou uma série de palavrões feios e atirou Francesca na frente na pia. Francesca bateu com força contra o mármore, mas virou-se antes de Stella poder empurrar seu rosto no pó branco.

Janice empurrou a mão aberta na cara de Francesca em uma tentativa de esfregar a droga no nariz e boca de Francesca.

De repente Janice foi arrastada para trás e Emmanuelle estava ali, se movendo tão rápido que parecia um borrão em movimento, quase imperceptível pela forma harmoniosa e eficiente que despachou as três mulheres, usando as mãos e os pés. Em um momento elas estavam todas de pé e no seguinte, elas estavam no chão, os rostos inchados e sangrentos. As três choravam, maquiagem escorrendo pelo rosto. Emmanuelle estava sobre elas, o desprezo em seu rosto, sua postura corporal ameaçadora. Ela parecia em cada polegada um Ferraro, uma mulher com quem nunca ninguém iria querer mexer.

— Você está bem, Francesca? — Apesar de sua clara ameaça para as três mulheres que tentavam se levantar em suas mãos e joelhos, ela parecia mais calma e relaxada do que nunca.

— Sim. Elas não me machucaram.

— Fique quieta. — Emmanuelle sussurrou, cutucando Janice com o pé. — Você tentou drogar minha futura cunhada. Ela é noiva de Stefano. O que você acha que ele vai fazer quando descobrir o que você fez?

Os rostos que viraram em direção a elas ficaram muito pálidos. Doreen começou a chorar. As três não fizeram nenhum movimento para sair do chão, obedecendo a ordem de Emmanuelle.

Francesca olhou o rosto no espelho para ter certeza de que não havia vestígios de pó branco. — Eu estou bem. Nós não precisamos compartilhar isso com Stefano.

— Sim, nós temos. — Emmanuelle disse com firmeza. — Você nunca pode esconder nada de Stefano. Nunca, Francesca. Especialmente quando você receber ameaças. A menor ameaça precisa ser compartilhada com a



família. Francesca respirou. Emmanuelle estava dizendo muito mais do que aparecia na superfície de sua declaração, mas o que era, Francesca não tinha ideia. Ainda assim, apesar do fato de Emmanuelle ser muito pequena, ainda menor do que Francesca, ela parecia uma mulher de aço puro.

Lentamente, Francesca assentiu. — Deixe-me contar-lhe.

Emmanuelle deu-lhe um olhar. — Você vai dar-lhe uma versão coxa, o que não vai funcionar, Francesca. O que elas tentaram fazer com você foi criminoso. Você poderia ter ficado seriamente ferida. Tudo porque elas estavam com ciúmes. — Ela cutucou Janice com sua sandália *Jimmy Choo*³². — Você vai perder tudo, vagabunda. Seu dinheiro, sua carreira, seus amigos, tudo. Ele nunca teria um encontro com você, qualquer uma de vocês, nem em um milhão anos. — Ela derramou desprezo em sua voz. — Tentar prejudicar Francesca porque ela é tudo o que você não é foi simplesmente estúpido.

— Emmanuelle. — Francesca interveio suavemente. Emmanuelle tinha a característica Ferraro de ser intimidante. — Vamos.

Emmanuelle olhou como se quisesse começar a violência física de novo, mas ela caminhou até a pia e lavou as mãos, sorrindo docemente para a atendente e, em seguida, dando um grande aceno com as mãos.

Ela pegou o braço de Francesca e elas deixaram o banheiro, as três mulheres ainda no chão, com medo de se mover, com medo de ir contra as ordens de Emmanuelle antes que ela saísse da sala.

Intranquilidade penetrou na mente de Francesca. As três mulheres estavam aterrorizadas com Emmanuelle, ou pelo menos pelas ameaças que



JIMMY CHOO



ela fez. — Stefano não pode realmente arruinar suas carreiras, pode? — Ela perguntou, já com medo de saber a resposta.

Emmanuelle apenas nivelou um olhar para ela. O coração de Francesca deu uma guinada e, em seguida, começou a bater. Quando tinham dado quatro passos para fora do banheiro e Stefano olhou para ela, ele percebeu, pegando sua mão e puxando-a para o abrigo de seu corpo. A mão varreu seu cabelo em uma pequena carícia. — O que aconteceu?

Ele escolheu olhar para sua irmã por uma explicação em vez de Francesca. Seu temperamento queimava. — Sério, Stefano? Suas vadias tentaram a agredir, foi o que aconteceu.

Ela ficou bastante chocada com a reação instantânea. A multidão de irmãos e primos ficaram em silêncio. Ricco em particular parecia horrorizado. Seu olhar encontrou o de Stefano por cima da cabeça dela.

Todos eles refletiam as mesmas emoções. Todos eles. Os irmãos e primos. Choque. Raiva. A raiva coletiva era tão forte que era difícil respirar com a tensão violenta enchendo o ar. Stefano parecia um trovão, uma tempestade escura se reunindo em seus olhos azuis vívidos. Stefano realmente tentou acabar com seu passado, indo em direção aos banheiros, seu rosto refletindo sua raiva.

— Eu estou bem. — Francesca pegou seu braço, parando-o, apressando-se a reiterar. — Emmanuelle veio e foi a supermulher sobre elas.

— O que *exatamente* estas mulheres tentaram fazer com você? — Ele cuspiu cada palavra entre os dentes brancos cerrados, durante todo o tempo ardendo com fúria.

Ela engoliu a verdade e foi para uma versão menos dramática. — Elas tiveram a ideia de que se eu tivesse um pouco de sua cocaína no meu rosto você não iria me achar tão atraente.

Emmanuelle tossiu delicadamente atrás de sua mão. Francesca olhou para a irmã de Stefano, dando-lhe um aviso com olhos bem abertos. Francesca não podia acreditar no quão zangado o clã Ferraro estava sobre o



incidente, e ela temia pelas três mulheres, quando elas emergissem do banheiro. Emmanuelle já tinha batido nelas. Além de ameaçar com acusações criminais, o que Francesca não faria, ela nunca iria a polícia de novo, não havia muito mais a ser feito.

— Eu disse *exatamente*. — Stefano pegou seu queixo e levantou o rosto em direção ao seu olhar azul inspecionando cada polegada dela, à procura de danos. — Exatamente.

Não havia como contornar Stefano neste humor, ou os outros para nisto. Eles tinham sugado todo o ar respirável disponível e deixaram para trás uma pesada camada de raiva opressiva. — As três, Janice, Doreen e Stella, parecem muito chateadas que você não está continuando o seu relacionamento com elas. Elas estavam no banheiro fazendo uma pequena carreira de cocaína na pia, o que tem de ser totalmente anti-higiênico ...

— Francesca. *Dios*, mulher, você está me deixando louco. Apenas me diga.

Alguém riu. Ela pensou ser Vittorio e ficou grata a ele por aliviar o clima, porque o ar se tornou um pouco menos opressivo e ela sentiu como se realmente pudesse respirar.

— A ideia era esfregar meu rosto no pó. Doreen me agarrou por trás e Stella a ajudou. Janice tentou esfregar a coca no meu nariz e na boca. — Ela correu a história, na esperança de que sendo rápida, ninguém fosse realmente ouvir o pânico em sua voz, o pânico que ela tinha se recusado a se sentir quando as três mulheres tinham tentado atacá-la.

Stefano amaldiçoou alto e por um longo tempo, primeiro em italiano, e ele foi muito criativo e, em seguida, em Inglês, e foi muito expressivo. — Eu acredito que estas mulheres residem em Nova York, — Salvatore declarou sua voz implicando todos os tipos de coisas, o que assustou Francesca.

O olhar dela saltou para o seu rosto. — Emmanuelle cuidou delas. — ela lembrou suavemente. — Ela bateu muito nelas.



Stefano sacudiu a cabeça. — Ninguém toca em você, Francesca. Nunca. As três não terão porra nenhuma, quando eu acabar com elas. — Suas mãos corriam sobre ela, como se inspecionando por danos. — Cadelas do caralho. Elas conheciam o jogo. Elas queriam publicidade, e elas conseguiram. Elas vão ter mais do que podem lidar agora.

Ele olhou para seu primo Enzo e assentiu. Apenas uma vez, mas Francesca estava certa que Stefano estava dando uma ordem a seu primo. Enzo caminhou um pouco, socou um número e colocou o telefone celular no ouvido. Stefano enrolou a mão ao redor da nuca de Francesca. — Eu não estive com nenhuma delas há mais de um ano.

— Mas elas continuaram tentando. — Francesca apontou. — A primeira noite que eu estava em seu apartamento, elas chamaram. Enviaram fotos.

— Principalmente Janice. Ela era a pior delas. Eu deveria saber que era um erro ficar com ela.

Francesca fez uma careta e olhou para suas mãos. Isso tudo era demais para ela. A vida na pista rápida não era para ela. Ela não estava em sua liga com as suas conexões rápidas e sexo casual. Ela não funcionava assim. A música bateu em sua cabeça. As luzes se moviam em uma grande variedade de cores por toda a sala.

Corpos seduzindo ou dançando ao ritmo enquanto o som das conversas e o tilintar do gelo nos copos pareciam cacos de vidro pressionando sua cabeça. Por que ela pensou que tivesse uma chance com um homem como Stefano Ferraro? Doía pensar nele com mulheres como Doreen, Stella e Janice. Não diminuía a dor saber que os encontros foram casuais.

— *Il mio piccola bella amore*³³, eu não posso mudar o passado tanto quanto eu gostaria, — ele disse suavemente. — Eu posso apenas dizer-lhe que você tem o meu futuro. Só você.

³³ *Il mio piccola bella amore* – Minha pequena, bonito amor



Ele disse isso em voz alta. Bem na frente de sua família. Os olhos azuis presos aos dela e ela não podia ajudar só ler a sinceridade lá ou ouvir a honestidade em sua voz.

— Sinto muito que essas mulheres tentaram feri-la, *dolce cuore*. Eu cuidarei disso. Você precisa de uma escolta feminina para acompanhá-la a vestiários e banheiros, Francesca. Vou fazer isso imediatamente.

— Emilio e Enzo têm uma irmã, Enrica ...

— Não. —Ela balançou a cabeça. — Eu não vou ter um guarda-costas. Eu não vou, Stefano, e não há uma única coisa que você possa dizer que vá mudar minha mente.

Sua sobrancelha subiu e sua boca se estabeleceu em uma linha dura. — É uma questão de segurança, Francesca, —ele lembrou calmamente.

Ele não discutiu, ela lembrou. Ela suspirou. — Vamos apenas deixar assim, Stefano. As três estão se escondendo no banheiro e provavelmente permanecerão lá até sairmos.

Stefano sacudiu a cabeça, olhou para Emilio e Enzo, que estava de volta. — A polícia foi chamada.

Ela ficou branca. Ela sabia o que ele fez. Ela sentiu a cor drenar de seu rosto e ela balançou a cabeça inflexivelmente. — Não. Eu não quero fazer um relatório ou apresentar acusações contra elas. Eu não vou falar com a polícia, Stefano, nunca mais.

Os dentes brancos de Salvatore brilharam e ele acenou com a cabeça em aprovação. — Boa menina. Este é um assunto de família. Nós não falamos com a polícia, nunca.

Ela não entendeu o que ele quis dizer com isso, porque já podia ouvir sirenes acima da música, o que significava que a polícia estava lá fora. Enzo deve ter os chamado por ordens de Stefano.

— Você não vai prestar queixa, Francesca. —Stefano disse gentilmente. — A polícia foi notificada que a atendente no banheiro das mulheres



observou três mulheres usando e vendendo cocaína em grandes quantidades. A polícia vai encontrar muita evidência para endossar a denúncia. Ninguém vai falar do ataque, especialmente Janice, Stella ou Doreen. Elas podem dar adeus a suas carreiras.

Sua mão foi defensivamente a sua garganta quando seguranças escoltaram seis policiais ao longo da pista de dança para o banheiro das mulheres. Ricco, pelo aceno de Stefano, seguiu Emilio e Enzo, ela supôs para representar a família Ferraro como proprietários.

— Stefano, as atrizes, atores e cantores tendem a ficar melhor seja a publicidade negativa ou positiva.

— Não neste caso. Minha família tem investimentos em diversas áreas de entretenimento, incluindo os delas. Cada contrato tem uma cláusula para certos tipos de comportamento. Nunca exercido, mas está lá no caso de ser necessário.

Ela franziu o cenho, percebendo que ele estava falando sério. Ele teria as mulheres presas por porte de drogas. Ela sabia que elas eram culpadas de usar e se tivessem uma grande oferta, poderiam muito bem ser culpadas por vender. — Ser presas e ter que se defender em tribunal não seria *karma* suficiente para elas?

— Não.

Cada irmão e primo, bem como Emmanuelle responderam ao mesmo tempo. Ela podia ver que os paparazzi já estavam se movendo em posição para obter fotos de todo o escândalo que estava acontecendo no clube. O círculo de homens se apertou ao redor dela e Emmanuelle enquanto a polícia tirava as três cantoras e flashes estouravam como loucos. A maioria das pessoas que dançavam na pista viraram-se para assistir as três mulheres sendo escoltadas para fora.

Janice, Stella e Doreen pareciam terríveis. Sua maquiagem manchada em seus rostos e elas pareciam ter festejado por horas, vomitado e dormindo no chão do banheiro, e elas pareciam machucadas, com os rostos inchados



pela surra de Emmanuelle. As fotografias que apareceriam nas revistas não iriam ser lisonjeiras, no mínimo.

Francesca não poderia ajudar a pequena pontada de compaixão. — Talvez devêssemos ...

— Chega, *bambina*. Elas estão recebendo o que pediram. Elas teriam forçado drogas em você e a pintado em uma luz que estava longe de ser lisonjeira.

— Eu estou pintada nessa luz por um longo tempo, Stefano.

Ele pegou sua mão e puxou-a para perto dele. — Eu acredito que eu lhe devo uma dança ou duas.

— *Uh-oh*, Stefano, —disse Ricco. — As suas costas a cinco horas.

Ao lado dela, Francesca sentiu Emmanuelle endurecer. Ela estendeu a mão sem pensar e tomou a mão da irmã de Stefano. Ela não tinha ideia do porquê. Emmanuelle escorria confiança e equilíbrio. Nada parecia abalá-la até agora. A tensão em torno dos irmãos e primos voltou a subir até que se estendeu a um ponto de ruptura. Com cuidado, principalmente porque os dedos de Emmanuelle apertaram ao redor dela como se ela fosse uma tábua de salvação, Francesca virou a cabeça na direção das cinco horas.

Um homem alto, muito bonito emergiu da multidão, caminhando em direção a eles. Tinha os ombros largos e um cabelo muito escuro, quase preto que caía por sua testa até os vívidos olhos verdes. Ele usava uma camisa branca e caras calças escuras. Um segundo homem mantinha o ritmo com ele, um pouco mais baixo e claramente arrogante. Ele se mexia com o movimento fluido de um boxeador e a multidão se abriu para ele.

— Valentino Saldi e seu primo Dario Bosco. —Vittorio os identificou. — Filho da puta, o que eles estão fazendo aqui?

Stefano deu de ombros. — Aparentemente Tidwell teve a garganta cortada esta noite no meio da casa de Giuseppi. Giuseppi não deve ter acreditado em mim quando eu lhe disse que estávamos tendo uma festa hoje à noite e eu estava longe de sua casa.



Os irmãos sorriram um para o outro, trocando olhares presunçosos com os seus primos. O coração de Francesca deu outro empurrão duro. Ela estava perdendo algo importante, mas os homens tinham colocado em seus rostos suas máscaras inexpressivas.

— Quem diabos é Tidwell? — Perguntou Salvatore.

— Ele era o senhorio de Francesca, — explicou Emmanuelle. — Eu contei a você sobre o pervertido que ele era, lembra?

— Lodo puro. Ele estava hospedado na casa de Giuseppi Saldi. O sobrinho de Giuseppi é casado com a tia de Tidwell. Ambos estavam hospedados lá para se proteger, se você puder acreditar, de nós, — explicou Stefano. — Ela alegou que estava nadando na piscina e ele estava em uma espreguiçadeira ao seu lado. A piscina é interna e bem no centro da casa de Saldi. Quando a tia saiu da piscina, viu o sobrinho morto, garganta cortada e ninguém ouviu ou viu nada. Eu acho que ele enviou Valentino ao clube para verificar nossos álibis.

— Isso é horrível. — disse Francesca. Ela realmente não podia evocar muito sofrimento, não quando o homem tinha estuprado mulheres e planejava estuprá-la. Ainda assim, ela sentiu pena de sua tia. Stefano passou a mão pelas costas de Francesca em uma carícia destinada a conforto. — Se vocês preferirem não suportar o mau cheiro dos Saldi, — ele disse aos primos de Nova York, — não tem que ficar para as apresentações.

— Nós preferimos ficar, — Salvatore declarou.

Francesca esperou Emmanuelle soltar a mão dela, mas ela não o fez. Não sabendo como ela se moveu um pouco mais perto de Francesca como se para proteção. Francesca não entendeu, não com todos os irmãos e primos se elevando sobre elas, mas trocou seu corpo sutilmente para trazer-se apenas a frente de Emmanuelle, bloqueando-a parcialmente da vista do recém-chegado.

— Stefano, — Valentino disse, caminhando até o grupo, não mostrando nenhum medo ou hesitação. — Meu tio disse que estava tendo uma festa, mas ele não disse o que você estava comemorando esta noite. — Seu olhar



afiado foi aos estranhos de Nova York, assim como a Francesca, antes de descansar em Emmanuelle. — Vejo que você até trouxe a *pequena princesa* esta noite. Eu não achei que ela tinha idade suficiente para uma boate.

— Morda-me, Val. —Emmanuelle estalou.

— A qualquer hora, Emme. —Valentino ignorou a forma em que seus irmãos se aproximaram. — Basta dizer quando e onde. —Mesmo no escuro, era fácil ver a forma como o seu olhar mostrava insolência da cabeça aos dedos dos pés, em cada detalhe. — Eu posso ver que você está sofrendo por dinheiro, amor. Você não poderia ter um vestido inteiro esta noite? Stefano, você deve ajudar a pobre menina.

— Você é sempre tão rude? —Francesca exigiu, principalmente porque os dedos de Emmanuelle apertaram tão profundo em sua mão que ela estava com medo de seus ossos fossem quebrar. Ela nunca teria imaginado que alguém pudesse perturbar Emmanuelle com alguns comentários desagradáveis.

Stefano instantaneamente mudou seu corpo, empurrando Francesca para trás dele. Os irmãos fecharam todos os lados e atrás dela, formando uma parede sólida entre as duas mulheres e Valentino Saldi.

— Por que você faz isso, Val? —Perguntou Stefano. — Por que aborrecer uma mulher? Eu não entendo, mas eu nunca fiz.

Valentino deu de ombros. — Emme sempre me leva ao caminho errado. Eu não sei porque, mas eu vou pedir desculpas se for isso o que você quer.

— Não. —disse Emmanuelle. — Não seria sincero de qualquer maneira, então qual o ponto? Apenas vá embora. Estamos comemorando o noivado de meu irmão.

Uma pedra caiu no estômago de Francesca. Ela estava de repente em uma corrida sem nenhuma maneira de saltar fora. O olhar de Valentino saltou para seu rosto. Ele parecia genuinamente chocado.

— Noivado? Stefano? —Ele se recuperou com rapidez suficiente, sorrindo galantemente. — Parabéns, Stefano. Eu estou feliz por você.



Estranhamente, naquele momento, Valentino Saldi parecia sincero. Sua voz soava com honestidade. Não havia confusão.

— Francesca, Valentino Saldi e seu primo Dario Bosco. —Stefano introduziu com mais do que charme, mas não se mexeu, impedindo que os dois homens ficassem perto dela.

Dario assentiu abruptamente. O sorriso de Valentino penetrou em seus olhos. — Eu sinto muito que fiz você se sentir desconfortável, Francesca, e isso é um pedido de desculpas genuíno. Stefano é um homem de sorte. Emmanuelle, uma dança antes de eu ir. —Não era um pedido. Ele parecia tão arrogante e mandão como Stefano.

Francesca achou que Emmanuelle iria dizer-lhe para ir para o inferno. Seus irmãos e primos todos juntos, deixando claro pela onda de raiva vibrando em torno deles que não estavam satisfeitos com a ordem.

Emmanuelle hesitou, mas depois os dedos afrouxaram o aperto de morte em torno da mão de Francesca e ela saiu detrás de sua família.

Valentino estendeu a mão. Francesca respirou fundo quando Emmanuelle colocou a mão muito menor na dele e permitiu que ele a levasse para a pista de dança. Dario seguiu seu primo, mantendo o ritmo logo atrás dele, agindo com clareza no papel de um guarda-costas.

— Por que diabos ela faz isso? —Taviano exigiu. — Cada. Maldição. Ao. Seu. Tempo. Como ela aceita a ordem desse bastardo.

— Ela está desarmando a situação. —disse Vittorio. — Funciona.

— Só funciona porque ele tem nossa irmã em suas mãos e não podemos acabar com ele, —disse Giovanni.

Stefano puxou a mão de Francesca e ela foi com ele para a pista de dança. Os outros os seguiram, cada um pegando a mão de uma mulher enquanto passavam por ela. Francesca sentiu pena das mulheres dançando com a família Ferraro. As mulheres ficavam emocionadas, mas ela sabia que os irmãos e primos só as tinham levado para a pista de dança para cercar Emmanuelle e Valentino em uma demonstração de força. Emmanuelle tinha



a cabeça apoiada contra o peito largo de Valentino, os olhos fechados enquanto se moviam no perfeito ritmo da música.

Francesca adorava dançar. Ela sempre sentia a música intensamente, ouvia cada instrumento individualmente e depois em conjunto para formar, com o seu corpo, uma harmonia perfeita. Adicionar Stefano à equação única amplificava o sentimento. Ela dançou com vários parceiros, mas nenhum fazia um jogo perfeito da forma como ela se sentia com Stefano, como se os dois compartilhassem o mesmo sangue correndo em suas veias, partilhassem sua pele e ossos. O desejo aumentou, afiado e intenso, até que ela caiu presa em seu feitiço capturada pela crescente onda de luxúria e paixão que a rodeava, que a consumia.

Francesca acariciou o peito de Stefano, respirando-o, aquele cheiro exclusivo dele que enchia seus pulmões e rodeava seu coração. Ela não tinha certeza de como ele conseguiu penetrar sua armadura e ganhar a confiança dela, mas ele tinha. Ela tinha perguntas, mas as respostas não pareciam importar quando ela estava perto dele. Ela tinha que acreditar que ele era real, que ele era intrinsecamente bom, porque já era tarde demais para ela. Se ele não fosse o que parecia, se o que estavam construindo entre eles não fosse real para ele, ela não tinha certeza de como iria sobreviver.

A mão dele deslizou por suas costas, seguindo a curva de sua coluna ao longo da costura de seu vestido. Ela estava muito consciente do corpo dele, pressionado com tanta força contra o dela. Sua ereção era dura e sem vergonha, um longo lembrete espesso de sua necessidade de possuí-la, queimando uma marca contra suas costelas, quase aninhado entre seus seios. Ela estremeceu quando sua mão a acariciou através do tecido fino de seu vestido. Sentia cada pequeno movimento, os músculos ondulado sob as roupas elegantes, a respiração dele contra seu cabelo, quando virava a cabeça, a forma como seus lábios roçavam sua têmpora. A mão deslizou mais abaixo, por sua coxa e os dedos começaram a escrever o nome dele na sua pele nua, marcando-a.

Ela nunca se sentiu tão viva cada terminação nervosa de seu corpo em chamas. Seus seios doíam, seus mamilos duros em pequenos picos, se



esfregando contra ele enquanto se moviam em perfeita sincronização. Seu corpo apertando até que ela quis chorar de necessidade de liberação. Construindo um incêndio, que rugia agora, entre as pernas. A calcinha dela estava úmida e tudo o que podia pensar era em seus dedos tão perto de onde seu clitóris pulsava e queimava por seu toque.

Ela ouviu um pequeno, estrangulado gemido escapar. Ela precisava de alívio desesperadamente. Ela precisava da boca dele nela. Suas mãos sobre ela. Os dedos nela. E seu pênis, tão quente, tão espesso e exigindo acima de tudo.

— Stefano. — Ela sussurrou seu nome, sabendo que estava implorando, mas ela não se importava.

— Eu também, *amore*. Vamos sair daqui o mais rápido possível.

Ela amava que não era a única desejando. Que ele sentisse o mesmo desespero. Ela inclinou o rosto para cima para olhá-lo, necessitando ver o desejo cru estampado lá. Necessitando saber que a necessidade dele era tão grande quanto a dela. O que ela viu ali fez sua respiração parar na garganta. Suas feições duras estavam carimbadas com posse absoluta, com uma urgência e paixão que ela sabia que ainda não podia competir. Isso só trouxe uma nova inundação de calor.

Ele tomou sua boca. Abruptamente. Quase brutalmente. Sua língua era exigente, não dando a ela uma chance de escapar, ele simplesmente a levou nessa onda de puro sentimento. Ela não podia pensar e não queria. Havia apenas seu corpo e o dele. Movendo-se em conjunto com a música que fluía através deles, vinculando-os juntamente com fogo, necessidade e a sinfonia de sons.

Ele a beijou novamente e novamente até que ela pensou que fosse desmaiar de fome absoluta. Ela não sabia que a boca de um homem poderia ser tão voraz. Ela não sabia que seu pênis poderia ficar tão duro ou seus braços tão fortes, o seu corpo como aço. Ela não sabia que seu gosto seria tão viciante ou que ele poderia acabar com todos os pensamentos sãos e substituí-los por completa e absoluta necessidade.



O sangue dela trovejava em seus ouvidos, combinando com a batida do tambor na música. A batida pulsando em seu clitóris, o cerrando seu sexo após o aperto persistente de seus músculos internos e o espasmo que acompanhava cada toque dos dedos de Stefano.

— Eu tenho que ter você, Francesca. Estar dentro de você. Porra. Agora. — Ele soprou as palavras em sua boca. Sombriamente sensual. Os olhos velados. Com fome.

A terrível tensão apertou. — Vamos embora. Basta irmos, — ela sussurrou de volta. Envergonhada que a necessidade que tinha dele era tão forte que teria deixado tê-la ali mesmo naquele clube, em algum lugar escuro, contra a parede, no chão; não importava desde que ele estivesse enchendo-a, tirando a dor que tinha construído em uma conflagração terrível.

— Vamos, *dolce cuore*, em mais um minuto. Eu tenho que recuperar o controle.

Ela não tinha certeza de que o queria sob controle mas gostava que ele precisasse se controlar dessa forma. Isso significava que ele estava tão afetado quanto ela. Eles se moviam juntos na pista de dança, Stefano usando a música para guiá-la para mais perto de uma saída.

De repente, ela se sentiu desconfortável, saindo do casulo que Stefano tinha tecido ao seu redor. Ela piscou, mantendo seu rosto pressionado contra o peito dele, sobre o coração, mas ela olhou ao redor da sala escura.

A mão de Stefano acariciou a parte de trás da coxa, alto, por baixo do vestido, e ela estava ciente das almofadas de seus dedos contra sua pele nua. Ele traçou letras, o nome dele, lá também. Desta vez, as pontas dos dedos deslizaram ao longo da curva de sua bunda e coxa, exatamente onde elas se encontravam, fazendo carícias, continuando a construir essa terrível e doída necessidade.

Ela umedeceu os lábios, seu olhar movendo-se sobre os outros dançarinos, de repente consciente que não estavam sozinhos. Ela tinha estado tão profundamente imersa na rede sexual de Stefano que ela tinha esquecido onde eles estavam e que estavam cercados. As pessoas próximas



dançando eram membros da família, mantendo as costas para Stefano, mas tão perto que ninguém mais poderia penetrar esse círculo.

Valentino Saldi tinha desaparecido e Emmanuelle estava dançando com um homem que ela não conhecia. Joanna e Mario estavam juntos, Joanna parecendo corada e feliz a alguma distância. O estranho desconforto ficou mais forte em Francesca, apesar do fato de que ninguém parecia estar prestando a menor atenção a Stefano ou a ela. Ela estava grata, porque ela estava deixando-o tocá-la muito inadequadamente. Ela deveria tê-lo parado, mas ela precisava de seu toque em sua pele nua, para sobreviver.

Ela olhou cuidadosamente outra vez a multidão ao redor, e seu olhar encontrou um homem dançando muito perto da saída para a qual Stefano a guiava. Um calafrio desceu por sua espinha. Ele estava vestido com roupas muito bonitas, o cabelo caindo em torno de seu rosto. Ele segurava uma mulher em seus braços, mas ela poderia dizer que ele mal a notava. Era o mesmo homem que ela tinha visto na Pizzaria Petrov. Era o mesmo homem que estava do lado de fora da *Deli Masci's* e tinha passado um dedo pela garganta, num gesto destinado a assustá-la. Ele estava a alguma distância, mas ela sentiu a maldade nele. De repente, não estava tão certa que Barry Anthon o tinha enviado.

— O que há de errado? — Stefano parou na pista de dança, sua mão indo sob o queixo para levantar-lhe o rosto e ele poder olhar para ela.

Seu olhar deslizou para ele e, em seguida, ela virou a cabeça para olhar na direção do homem. A multidão de dançarinos tinha avançado entre eles quando a música mudou, proporcionando lacunas, ele não estava mais lá. Ela estremeceu mais uma vez. Se ela dissesse a Stefano ele viraria o lugar de cabeça para baixo procurando o homem.

Francesca apertou-se mais contra Stefano. — Tire-me daqui. Quero ficar sozinha com você. — Era a verdade. A honestidade crua seria impossível de perder. A necessidade e a crescente fome eram tão simples como a honestidade, mas ela não se importava se estava descaradamente se atirando para ele. Ela precisava de Stefano Ferraro, mesmo que só pudesse tê-lo por



um curto período de tempo antes de tudo de ruim em sua vida cair em cima dela, e que cairia. Ela queria tanto tempo com Stefano quanto possível antes que isso acontecesse.

Capítulo Quinze

Stefano manteve o corpo de Francesca muito perto dele enquanto eles subiam o elevador até o apartamento dele, tão perto que ela podia sentir o calor de seu corpo através de suas roupas. As pontas dos dedos continuaram a traçar o nome dele na parte de trás da sua coxa, perto das bochechas de sua bunda, as pontas dos dedos passando por sua parte inferior também. Ela usava um fio dental e ele tinha um monte de pele para explorar. Ele fazia isso distraidamente, enquanto ela estava uma pilha de nervos, o coração batendo descontroladamente e fora de controle.

Seu braço era uma banda de aço sob os seios, prendendo-a na frente dele. Sua ereção era longa, espessa e empurrava com força contra suas costas enquanto o elevador subia. Ele não falou, mas a mão traçando o nome em sua pele, de repente segurou sua bunda, os dedos apertando profundo, quase ao ponto de dor, mas era uma dor deliciosa, enviando dardos de fogo direto para o seu sexo.

O elevador parou e as portas se abriram. Ele a pegou sem preâmbulo, apenas balançou-a em seus braços como se ele não pudesse ficar outro momento sem ela. Ele entrou no apartamento direto para a superfície mais próxima, o longo e estreito aparador reluzente que se projetava decorativo para servir como um divisor parcial da sala. Varrendo os livros que estavam sobre o aparador, ele a deitou, seu corpo vindo sobre ela para fixá-la lá.



A boca de Stefano encontrou a dela, e o beijo foi diferente de tudo que já tinha conhecido. De devastadoramente doce, ficou instantaneamente quente, duro e exigente. O beijo continuou a evoluir, áspero e insistente antes de sua boca deixar a dela e começar a trilhar um caminho de beijos, mordidas e lambidas até o queixo. As mãos de Francesca agarraram ambos os lados da cabeça dele, segurando-se em um esforço para se ancorar enquanto ele continuava beijando o caminho para sua garganta.

Ele chupava suavemente sua pele e, em seguida, lambia o local antes de prosseguir para o próximo ponto como se planejasse cobrir cada polegada dela com os dentes, lábios e língua. A mão deslizou até o interior de sua coxa, as pontas de seus dedos como marcas quentes, traçando o seu nome em sua pele sensível lá. Ela se encolheu, empurrando os quadris, precisando de mais contato, sentindo um incêndio fora de controle entre as pernas.

Ele pegou a parte da frente do belo vestido, um vestido de grife requintado que ele tinha comprado para ela e rasgou o tecido fino, de modo que seus seios generosos se espalharam. Imediatamente a boca cobriu o seio direito, puxando profundamente seu mamilo. O prazer quase doloroso a deixou arqueando as costas, tentando sair do aparador estreito, um pequeno grito de pura necessidade escapando.

A mão em sua coxa pegou suas calcinhas úmidas, puxou duro e jogou-as para longe, no elegante chão do apartamento. Francesca podia sentir a superfície dura e fria do aparador de mármore contra sua bunda nua. Os dedos foram direto infalivelmente, ao seu clitóris, e outro som estrangulado escapou, este quase um soluço.

— Stefano. — O nome dele saiu baixo, necessitado, mais um sussurro que qualquer outra coisa. — Isso é ... Extraordinário.

A boca se moveu sobre a curva de seu seio, sugando suavemente, e então ele levantou a cabeça, os dedos ainda trabalhando entre suas pernas. Seu olhar era feroz, possessivo, o azul tão escuro de fome que seu ventre espasmou.



— Quantos homens foderam você?

Chocada, ela deixou seus olhos se abrirem e ambas as mãos foram para seu pulso, aquele entre suas pernas. Ela tentou puxar a mão dele, mas ele era muito forte. Ela não podia sentar-se, não podia se mover, ele tinha-a presa como uma borboleta estendida sobre uma esteira.

— Stefano.

— Responda-me. Quantos?

Ela corou. Seu corpo inteiro corou. Seu corpo se derreteu até que se sentiu desossada, incapaz de lutar contra a inundação de necessidade que seus dedos produziram. Ele não desviou o olhar dela, seus olhos azuis perfurando nela, hipnotizando, exigindo sua resposta.

— Isso não é da sua conta. — Sua voz era baixa e instável mesmo. Ele a estava assustando um pouco. Ela estava sozinha com ele e seu corpo a havia traído a muito tempo. Ela sabia que nunca iria deixar de querê-lo. A boca dele. Seu toque. Sentia-se vazia, e precisava dele para enchê-la.

— *Porra*, me responda agora, Francesca.

Até sua voz era assustadora. Ela não podia imaginar alguém desobedecê-lo. Ele não levantou a voz. Na verdade, até outra coisa ele baixou. Ela estava deitada ali, totalmente exposta, nua, com os dedos dele dentro dela, movendo-se num ritmo duro e acariciante que enviava seu cérebro ao caos total.

Ela umedeceu os lábios com a ponta da língua e rendeu-se. — Um. Eu tive um homem. Uma vez.

Ele se acalmou. Até mesmo os dedos. Ela se contorceu. Mexeu seus quadris. Precisando de mais. Ela tinha estado perto. Tão perto e agora tudo estava desaparecendo. Ele ainda estava em seu terno, até mesmo seu paletó, e ela estava nua, com a bunda nua sobre um aparador de mármore. Seus quadris se moviam involuntariamente, mas ele não entendeu a dica.



— Um? Uma vez? Será que o filho da puta te fez você gozar? —Ele parecia irritado. Como se sua admissão o tivesse enfurecido.

Agora mesmo o fato de que seu dedo ainda estava pressionado sobre seu clitóris e outro tinha trabalhado seu caminho dentro dela, esticando-a, causando uma queimadura lenta, não poderia manter esse sentimento de necessidade terrível ir. Ela puxou desesperadamente seu pulso, tentando remover sua mão para que ela pudesse sentar.

— Stefano, deixe-me.

— Não há uma porra de chance no inferno, Francesca. Agora me responda. Ele fez você vir? Foi, pelo menos, bom para você? Ele tomou seu tempo?

— Por que você está me perguntando isso? —Isso era tão humilhante. Ele era pedra pura, com a exceção de seus olhos. Ela não sabia que o azul poderia se transformar em chama. Que o desejo podia ser tão intenso que estava estampado em cada linha de seu rosto.

— *Bambina*. —Ele fez um esforço para suavizar sua voz. — Meu pau está tão duro como aço, caralho. Caso você não tenha notado, eu estou no limite do meu controle. Eu não quero feri-la e eu preciso saber o quanto você pode tomar. Estou me sentindo áspero, brutal mesmo. Eu quero te foder tão duro que você vai sentir meu pau em sua barriga. Em sua garganta. Então, por favor me responda, *dolce cuore*.

Uma mão possessiva varreu seu corpo, do pescoço até o 'v' na junção de suas pernas. O dedo pressionando o clitóris se moveu. Circulado. Ondas enviando relâmpagos através dela. Ela não podia ver direito. Não era possível mover. Ela pertencia a ele. Sempre pertenceria a ele.

Francesca sacudiu a cabeça. — Não, não foi bom. —A admissão saiu um sussurro. — Você me fez sentir mais agora do que eu senti com ele.

Houve um silêncio enquanto seu olhar azul se moveu sobre seu corpo. — Você é minha, Francesca. —Ele fez a declaração em voz baixa. O coração



dela acelerou. Pela maneira como ele disse. A forma como o seu olhar azul a marcou, cada polegada dela.

— Seu corpo é meu. Ninguém toca você. Ninguém nunca coloca suas mãos ou sua boca em você. Eu não sou fácil, *dolce cuore*, mas eu *sou* seu. Eu juro que para você. Eu sou seu, e eu vou fazer você se sentir muito bem. — Ele não esperou por uma resposta, inclinando-se para tomar sua boca.

O coração dela gaguejou com sua declaração e um beijo varreu cada pedaço de sanidade de sua cabeça. Ele beijou o caminho para o seu seio, sugando e beliscando com os dentes até que as pequenas mordidas e as calmantes carícias a deixaram ofegante e gemendo baixo. A boca e os dentes se arrastaram até o centro do seu corpo, o umbigo, onde ele fez uma pausa para girar e mergulhar sua língua, e então sua boca continuou a viagem, para reivindicar cada polegada de seu corpo. Ele chupou com força em alguns pontos, mordeu até que ela saltou ou gritou com a mordida chocante de dor e, em seguida, a carícia suave de sua língua. Desse jeito, ele a levou de volta para aquele lugar, cercada por ele, disposta a ser dele, precisando dele.

Ele arrastou seu corpo mais perto da borda, forçando as pernas sobre seus ombros enquanto ele continuava a agressão a seus sentidos, sua língua varrendo o clitóris até que ela quase saltou para fora de sua pele. Ela se ouvia chorar baixo, o lamento enchendo a sala enquanto a língua dele começava uma dança sobre o seu ponto mais sensível, sacudindo duro e, em seguida, suavemente acariciando até que ela pensou que ficaria louca de necessidade. Ele começou a mamar, uma tração dura, forte, enquanto sua língua continuou a apertar e provocar até que ela se debateu descontroladamente.

Nada a tinha preparado para o ataque sobre suas terminações nervosas. Não aquele menino desastrado que tinha vindo muito rápido e deixou-a com dor e envergonhada, jurando nunca mais tentar o sexo outra vez. Nem seus próprios dedos quando ela estava desesperada por algo que ela não entendia, perseguindo um sentimento de que nunca chegaria.

Stefano foi implacável, sem lhe dar tempo para pensar ou respirar. Ele apenas foi sobre seu corpo, seu dedo deslizando no aperto molhado,



curvando-se, achando o ponto perfeito no fundo dela que ela nem sequer sabia que existia. A tensão cresceu com tanta força que ela sabia que um tsunami estava chegando.

— Toque seus mamilos, Francesca, —ele ordenou. — Comprima e puxe, com força. Como eu fiz. Não tenha medo de ser áspera. Você gosta disso. Toda vez que eu mordi, eu pude sentir o quão molhada você ficou para mim. Tão quente. Tão lisa. Eu quero ver você.

Ela nunca tinha feito nada parecido, mas não pensou em desobedecer-lhe. Suas mãos deslizaram até seu corpo para pegar o peso de seus seios em suas mãos e, em seguida, brincou com os mamilos experimentalmente. Ela queria sua boca de volta. Ela estava pronta, bem ali. Ela podia sentir a respiração em seu clitóris, os lábios tão perto. Os olhos dele, aquelas chamas gêmeas azuis, queimando dentro dela, olhando para ela, esperando que ela fizesse o que ele disse a ela. Sabia que se não fizesse, ele não daria a ela o que ela queria.

Seus dedos beliscaram seus mamilos. Puxaram. Rolaram.

— Duro, *bella*. —Seus lábios, quando ele falou, brincaram com o clitóris. Um gemido escapou. A exigência só fez seu corpo subir mais alto com a necessidade. Ela fez o que ele disse, puxando mais duro. Beliscou e puxou. Raias do fogo correram diretas para o seu centro de modo que seus músculos internos se contraíram, tão perto, aumentando a terrível pressão ainda mais. Os ombros dele mantiveram suas pernas abertas, enquanto sua boca trabalhava nela e seu dedo continuava a empurrar essa necessidade ao ponto de ruptura.

Ela se contorceu e tentou empurrar contra ele. Ela precisava de um momento. Apenas um momento para recuperar o fôlego, voltar a sua sanidade mental, tentar acalmar sua mente selvagem o suficiente para pensar, mas ele pressionou uma mão sobre a barriga dela, dedos abertos, facilmente controlando-a, segurando-a no lugar para que ela não tivesse escolha a não ser implorar pela liberação. Ela pediu quando ele a levou perto várias vezes, mas parou ou diminuiu antes que ela pudesse chegar.



Ele mergulhou um segundo dedo dentro dela, sem qualquer aviso, ao mesmo tempo dando-lhe uma ordem. — Agora, bebê, vem para mim agora. — Ela o fez, gritando, enquanto seu corpo quebrava, fragmentava, ela arqueou para trás, seus quadris se agitando, um soluço brotando quando o tsunami rugiu através dela.

Os olhos azuis de Stefano estavam escuros de satisfação, a arrogância estampada em cada linha sensual. Ele lentamente se endireitou, levando suas pernas com ele quando fez isso. Ele passou as mãos sobre o corpo dela, seus seios, por seu estreito torso até a barriga e, em seguida, ao longo de suas coxas. Francesca não podia se mover, seu corpo tão desossado que ela achou que poderia ter derretido no mármore onde estava deitada.

Ele se abaixou e pegou ambos os pulsos dela em uma mão, puxando a gravata do pescoço com a outra. Ele envolveu-a rapidamente em torno de seus pulsos e, em seguida, puxou os braços dela acima da cabeça, prendendo-a em um gancho embutido na parede no final do aparador. Ele fez a coisa toda em uma velocidade vertiginosa. Ela realmente não compreendeu o que ele tinha feito até que ele deu um passo atrás, lentamente tirando o paletó, seus olhos nunca deixando seu rosto. Ele sorriu um feroz sorriso predatório quando lentamente desabotoou a camisa, enquanto lhe ocorria o fato de que ela era sua prisioneira.

Francesca puxou as mãos, ainda atordoada, observando-o enquanto sua mão lentamente abria a fivela do cinto e soltava o botão da calça.

— Stefano? — Sua voz era fraca de entusiasmo e tremida de medo.

— Você é toda minha, *amore*, e não vai ter nenhuma dúvida sobre isso até o final desta noite.

Ela já não tinha dúvidas e vê-lo remover as calças para revelar sua pesada ereção adicionava mais calor muito rápido dentro dela. Ele era impressionante e bonito para ela. Ela nunca pensou que um homem pudesse parecer tão quente como ele.



— Você está no controle de natalidade, Francesca? — Perguntou. Sua mão deslizou por sua barriga para a junção de suas pernas. Suas mãos ficaram ali, à espera de sua resposta.

Ela não conseguiu encontrar voz, então apenas balançou a cabeça.

— Eu estou limpo, *dolce cuore*. Eu nunca comi uma mulher sem camisinha. *Nunca*. — Ele mantinha suas pernas bem abertas, seu corpo abrindo as pernas dela ainda mais enquanto sua mão rodeava o perímetro de seu pênis. — Você vem quando eu lhe disser Francesca. Você me entende, *bambina*. Quando eu disser. Eu vou fazer isto ser bom para você, mas você me ouça e faça o que eu digo.

Ela estremeceu com a arrogância, a fome intensa em seu olhar velado. Ele se inclinou para apertar seu mamilo com a língua e, em seguida, usou seus dentes, mordendo enquanto ele esfregava a cabeça de seu pau no clitóris, e para trás. Ela quase explodiu de novo, a mordida de dor adicionando ao assalto de prazer através dela.

Francesca não tinha pensado que seria possível ficar tão carente de novo tão rápido, mas em momentos, ela estava se contorcendo, tentando se empalar sobre aquele provocante pico que se esfregava tão sedutoramente sobre seu muito sensível pau.

— Olhe para mim, Francesca. Mantenha os olhos abertos e continue olhando para mim enquanto eu a tomo.

A autoridade dura em sua voz enviou mais calor líquido para banhar sua entrada. Ele a hipnotizava, capturava-a com sua enorme personalidade. Ela não poderia olhar para o lado, mesmo que a sala estivesse cheia. Ela era total e verdadeiramente dele.

Stefano deslizou seu pau polegada por polegada, tão lentamente quanto pôde, no canal escaldante de Francesca, prolongando o momento pelo maior tempo possível, saboreando a sensação do canal apertado pra caralho, relutantemente ceder lugar para ele. Podia sentir todo o batimento cardíaco dela em seu pênis. Ele nunca tinha estado tão duro em sua vida. Tão perto da perda de controle quando controle era tudo para ele.



Pode ser o maior bastardo do mundo, mas gostava que ela fosse sua para ensinar todas as coisas que ele gostava, as coisas que ele precisava. Ele era um filho de uma cadela ciumento, embora essa característica fosse nova, apenas emergindo desde que a encontrou, mas o pensamento de outro homem com seu pênis dentro dela o deixava louco para matar. Ele podia entender por que tinha sido ensinado a ter disciplina em uma idade precoce. Não podia caçar o menino que tinha roubado a virgindade de sua mulher e matá-lo, embora tivesse reconhecido que o desejo de fazer isso estava lá. Ele não perguntou o nome dele porque não confiava em si mesmo totalmente para agir de uma maneira civilizada. Ele não se sentia civilizado quando estava em torno de Francesca. Ele se sentia primitivo, um bruto selvagem que manteria a sua mulher longe de outros homens por quaisquer meios ao seu dispor.

Ele adorava assistir seus olhos se arregalarem em choque quando ele empurrava através das suas apertadas e escaldantes paredes. Tão apertadas que o estavam estrangulando até a morte, mas ele ia morrer um homem feliz. Era uma forma de êxtase, prazer e dor misturados até que não estava certo onde se iniciava um e o outro acabava, mas não havia nenhuma maneira dele parar. Não. Nem fodendo.

Finalmente, ele chegou ao fundo do poço, forçando seu corpo a tirar tudo dele. Ele era longo e espesso e ela era tão apertada que por um momento ele teve que lutar por controle para não derramar sua semente. Foda Perfeita.

Ele olhou para ela, seu pênis inchando incrivelmente mais com a visão. Ela estava espalhada como um banquete, suas marcas sobre ela. Marcas de mordidas marcando-a como sua, círculos roxos aparecendo onde ele chupou a delicada pele, formando um bonito colar que declarava ao mundo que ela pertencia a um homem muito possessivo.

Observando seus olhos, ele se afastou devagar, saboreando a sensação dos músculos tensos se arrastando sobre seu latejante pau quando ele se retirava. Sangue bateu com o grosso pico, pesado no tempo para o seu batimento cardíaco, proclamando a sua fome, necessidade urgente. Seus olhos se arregalaram. Sua boca formou um perfeito 'O'. Ele amou a aparência



dela, seus seios se projetando para cima, mamilos apertados, os braços estendidos sobre a cabeça, as mãos amarradas juntas, as marcas em todo o pequeno corpo cheio de curvas, quente. Dele. Toda. Dele.

Ele tentou se controlar. Ser cuidadoso. Ciente de sua inocência. Consciente de que ela era nova nisso. Mas que o céu o ajudasse, ela começou a gemer. Choramingando. Como um pequeno gatinho. Seu corpo se contorcia e resistia, mas no fundo ele sentia os tremores, a forma que seus músculos tensos o ordenhavam e agarravam. Teria sido demais para um santo e ele era o próprio diabo, não havia nenhuma maneira de impedi-lo de se enterrar profundamente. Francesca deixou escapar um pequeno grito que vibrou através de seu pênis, destruindo completamente seu autocontrole.

Ele chegou em casa. Brutalmente. Áspero como pecado. Fogo correndo por ele. Raios riscando. Ela gritou quando seus dedos cavaram profundamente em seus quadris e puxaram-na para ele enquanto ele martelava nela. De novo e de novo. Não abrandando. Tomando-a. Sem piedade para qualquer um deles.

As mãos em concha em seu traseiro, a bela, deliciosa e comestível bunda que ele gostava de olhar enquanto ela andava. Ele sonhava com esse traseiro, teve várias fantasias com ele. Ele enfiou os dedos nela e segurou-a, completamente imóvel enquanto se perdia nela. Ele nunca tinha fodido tão duro em sua vida. Ela gritou quando ele pressionou com força seu clitóris. Felizmente não foi um grito de dor. Ele não estava certo de poder ter abrandado ou parado.

Francesca olhou para ele com olhos chocados atordoados. Obedeceu-o. Lembrando-se por conta própria de deixá-lo ver o que ele estava fazendo com ela. Como reagia. Ele estava fora de controle, mas ela lhe mostrou seus olhos para que ele pudesse ter certeza que ela estava gostando do que ele estava fazendo. Seus seios sacudiam convidativos com cada impulso brutal. A respiração vinha em farrapos, ofegante, somando-se a música de seus gemidos, gritos e o som do nome dele, de modo que ele queria dobrar seus esforços para ouvir mais. Ele nunca tinha visto nada tão bom em sua vida.



Stefano não poderia fingir que não tinha estado com muitas mulheres antes de Francesca. Ele sentia o prazer momentâneo, um monte de prazer. A verdade era que ele tinha um trabalho intenso, e a porra do sexo era a libertação para ele. Isso era bom e ele gostava, mas estar com Francesca apagou todas as outras vezes antes dela. Ele sabia que nunca esqueceria este momento enquanto vivesse. A aparência dela. A maneira como se sentia. Seu pênis estava na porra do céu, o prazer rasgando seu corpo, todas as terminações nervosas eram uma parte da bola de fogo cruzando-o.

Ele usou as mãos para controlar os quadris dela, para colocá-la na melhor posição, inclinando-a até que a ouviu ofegar quando seu pau esfregava o clitóris e batia no profundo ponto doce dentro dela uma e outra vez. As batidas trovejaram em seus ouvidos, vibravam através de seu corpo quando a sentiu estremecer com prazer que ele criou com o seu pau batendo no local exato. Ele queria sentir sua parte de dentro.

Ele observou seu rosto. Os olhos dela. Sua cabeça sacudia e ela gemia de forma contínua, a respiração sibilante. Ela estava perto. Tão perto. Ele queria tudo dela. O orgasmo, tão forte que ela convulsionasse, sua submissão, tão total que ela soubesse que pertencia a ele. Ele queria que ela soubesse que ele deu a ela, a eles, corrida para a porra do céu.

— Continue olhando para mim, *dolce cuore*, não desvie o olhar. Fique comigo.

Seus cílios tinham começado a descer, com o balançar da cabeça. Ao seu comando, ela lutou para obedecer.

— Francesca, venha agora para mim. Eu quero sentir. Deixe vir para mim. —Ele não estava pedindo. O aço estava em sua voz enquanto ele martelava profundo.

Ele bateu mais e mais, mais do que nunca, cada impulso sacudindo seu corpo. Ele foi impiedoso, implacável, batendo seu pênis em seu ponto G. — Agora, *baby*, reiterou. — Deixe ir.

O olhar de Francesca se agarrou ao seu, e ele soube o momento exato em que ela se entregou a ele. A submissão. A confiança. Ela se soltou e deu-



se em sua guarda. Ela gritou em alto e bom som, um gemido que encheu o quarto quando sua doce vagina queimou apertando seu pênis como um maldito torno, levando-o com ela. Seu corpo tremia, os seios dançavam, os quadris se moviam, as pernas o apertando quando ela gemeu, seus músculos internos convulsionando mais e mais, enquanto o clímax rasgava através dela. Um jato de sêmen quente correu para ela, enchendo-a, prolongando e aumentando a força de seu orgasmo.

Ele ficou travado nela, sentindo seu corpo convulsionar em torno dele, mais e mais, os tremores secundários quase tão fortes como se o clímax continuasse. Ele não tinha ideia até então de que realmente a perfeição podia ser alcançada, mas aquele momento era a perfeição absoluta. Olhar para ela. O olhar atordoado em seus olhos. Seu corpo corado coberto com suas marcas. Ele amava isso porra. Seu corpo se juntou ao dela até que eles compartilhavam a mesma pele. Sua vagina, tão escaldante em torno dele, ainda ordenhando seu pênis enquanto sua semente cozia dentro de dela.

Ele desejou ter gravado, para poder repetir sua reclamação mais e mais. Se pudesse, ele teria seu nome tatuado sobre os seios dela. Ele teria sua marca na bunda dela. Ele não queria que qualquer outro homem no mundo a visse assim, dele, em submissão completa e total. Ele tinha sido um bastardo egoísta em tomá-la assim, mas ele queria que ela soubesse quem ele era, o tipo de homem com quem ela estaria vivendo. Ele tinha ficado com medo dela não ser capaz de tomá-lo, mas ela amou cada coisa que ele tinha feito para ela. Sim. Ela era exatamente o que ele precisava em sua cama.

Sua mulher. A mulher que ele nunca acreditou que teria. Não. Porra. Nunca. Ele não acreditava que teria qualquer coisa ou pessoa que fosse totalmente dele, só dele. Ele viveu toda a vida sabendo que sua vida não era dele e nunca seria. Tinha nascido um cavaleiro de sombras o que significava que ele tinha responsabilidades, não só para sua família, mas para os outros. Ele não podia fugir dessas responsabilidades, nunca.

— Você é tão bonita, Francesca, — disse ele. — Eu não estou terminando com você. Eu vou tomá-la de tantas maneiras esta noite que você vai estar tão dolorida que não será capaz de se mover amanhã. — Ele queria gozar



sobre seus belos seios e esfregar sua semente na pele dela. Em seus poros. Sem sair de seu corpo, ele estendeu a mão e cuidadosamente tirou a gravata e gentilmente puxou os braços dela para baixo. O movimento causou outro tremor poderoso em sua vagina apertada novamente, mandando a vida de volta para seu pau.

Ela soltou um pequeno gemido e ele imediatamente correu uma mão por seu corpo, de sua garganta a barriga em uma carícia suave. — Relaxe, *amore*, deixe-me ajudar. — Ele desembrulhou seus pulsos e massageou seus braços, certificando-se que o fluxo de sangue não tivesse sido interrompido.

— Você faz muito isso? — A pergunta era hesitante. Sua voz tremia.

Seu olhar saltou para o dela, tentando avaliar exatamente o que ela queria dizer. Exatamente o que estava incomodando-a. — Fazer o que?

Ela fez um gesto com o queixo para a gravata. — Isso.

— Eu teria usado o meu cinto, mas o agarre foi mais suave.

Ela respirou, seu rosto ruborizou. — Você amarra todas as suas mulheres, Stefano?

— Eu nunca amarrei outra mulher. Nunca. Por que eu iria me preocupar? Elas não pertenciam a mim, *bambina*. Você pertence a mim. Só você.

Alívio penetrou seus olhos. Não era que ele tivesse amarrado suas mãos que a incomodava, apenas o pensamento de que ele poderia ter feito o mesmo com outra mulher. *Ele, porra, amou isso*. Relutantemente, ele permitiu que seu pênis escorregasse para fora dela. Por um breve momento estava saciado. Estava acabado. Bastou ver aquele corpo diante dele como um banquete e foi o suficiente para começar novamente. Apanhou os tornozelos, e baixou lentamente as pernas dela de seus ombros até o aparador e, em seguida, estendeu a mão para ela.

Ele a tomou em seus braços, embalando-a perto de seu corpo. — Coloque seus braços em volta do meu pescoço.



— Minhas roupas ... —Ela olhou em volta um pouco impotente.

— Desculpe, *Bella*. —Ele não conseguia evitar o riso em sua voz. — Eu as destruí. —Ele atravessou o apartamento até o quarto principal.

Seus dedos dela agarraram seu ombro. — Meu quarto é do outro lado.

— Este é o seu quarto. Você pertence a mim. —Não havia espaço para discussão. Ela iria dormir em sua cama para o resto de sua vida. — E você vai dormir nua ou em alguma pequena coisa quente que eu vou arrancar em três segundos. Eu quero sentir a sua pele macia ao meu lado, e saber que tudo o que tenho a fazer é chegar mais perto e empurrar meu pau dentro de você a qualquer momento que eu queira.

Ele a levou através do quarto principal para o banheiro e a colocou seus pés no chão. Com um braço prendendo-a a ele, ele molhou um pano com água quente, em seguida, se agachou na frente dela. — Abra para mim, Francesca.

Ela corou. Era bonita como o inferno, especialmente dada a forma como ele transou com ela. Ele bateu em sua coxa quando ela não lhe obedeceu. Ela colocou a mão em seu ombro para se firmar, mas obedientemente abriu suas pernas para ele.

— Eu prefiro fazer isso sozinha.

Ela tinha uma pequena mordida cortando sua voz o que o fez sorrir. — Você é minha, *bambina*, o que faz com que seja meu privilégio. —Ele cuidadosamente lavou suas coxas e, em seguida, pressionou o pano contra seu calor escorregadio. — Eu machuquei você?

Ela balançou a cabeça. — Você sabe que não. Isso foi ... Surpreendente.

Quando ele terminou, se inclinou e deu um beijo nos cachos escuros. — Vá deitar na cama, Francesca. Em seu estômago.

Seus pequenos dentes brancos afundaram em seu lábio inferior. — Stefano ... —Ela parou de falar quando ele lhe deu um olhar.



— Eu não estou de brincadeira, esta noite, *dolce cuore*. Eu esperei muito tempo por você. Vá deitar na cama.

Ela respirou enquanto ele estava, deliberadamente, elevando-se sobre ela, aglomerando seu espaço. — Você tem alguma ideia de quanto assustador isso pode ser?

Ele levantou o rosto dela para o dele e se inclinou para roçar um beijo em sua boca. — Infelizmente, Francesca, você vai superar isso muito em breve. — Ele virou-a, deu-lhe um tapa na bunda nua, ao mesmo tempo, dando-lhe um pequeno empurrão em direção ao quarto.

Francesca gritou e lançou-lhe um olhar ardente por cima do ombro, uma mão esfregando a marca em sua parte inferior quando fez seu caminho de volta para o quarto. Ele jogou a cabeça para trás e riu.

Ela era tudo. Para o mundo exterior, ele tinha tudo. Mas seus irmãos, sua irmã ... Ele balançou a cabeça, seu sorriso desaparecendo. Seus primos em Nova York, os de San Francisco e os estrangeiros, os cavaleiros de sombra, todos eles não tinham vida e nenhuma esperança de um. Não um que pertencia a eles. Até Francesca.

A palavra tinha se espalhado rapidamente pela família que Stefano tinha encontrado uma mulher e que não só ela era capaz de produzir cavaleiros de sombras, mas ele tinha caído por ela. Eles realmente tinham química real. Não seria um casamento de conveniência, mas uma verdadeira paixão amorosa se conseguisse fazê-la cair por ele. Se ele pudesse ficar com ela. Para ele, Stefano sabia que não era um caso. Ele iria mantê-la porque agora, para ele, não havia escolha. Ele não teria feito isso antes de fodê-la, mas agora, depois de ter seu pau dentro dela, depois de sentir seu corpo apertado, escaldante em torno dele, ele moveria céu e terra para fazê-la feliz. Para mantê-la.

Ela representava esperança para seus primos, para seus irmãos e irmã. Se Stefano pôde encontrar Francesca, eles tinham uma chance. Ele olhou através da porta aberta e seu coração quase parou. Sua mulher havia feito como ele pediu. Ela estava deitada no meio da cama, de barriga para baixo,



nada cobrindo seu corpo nu apenas estendida em cima do lençol, com o rosto enterrado na curva de seu braço.

Seu coração se encheu de orgulho. Ela era tímida com ele. Tinha um pouco de medo. Ela tinha coragem e tinha mostrado mais de uma vez que poderia enfrentá-lo, mas ela tinha escolhido obedecer a suas ordens. Ela tinha dado a ele a confiança dela novamente. Ele ficou ali por um longo tempo, um quadril contra o batente da porta, seu olhar devorando-a enquanto emoções que nunca tinha sentido antes ameaçavam dominá-lo.

Ele levou seu tempo para limpar seu pau e coxas antes de ir para ela. Ela não se moveu quando ele colocou um joelho na cama e, em seguida, montou suas coxas. — Você está dormindo Francesca?

— Ainda não. Apenas à deriva.

A nota sonolenta em sua voz deixou seu pênis em atenção. — Mantenha-se à deriva. — Ele se inclinou para pressionar um beijo entre as omoplatas e então estendeu a mão para correr os dedos por seu braço esquerdo. — Me dê sua mão, *dolce cuore*. — Ele prendeu seu pulso com os dedos e ela virou-o.

Stefano tirou o anel da caixa pousada na ponta da mesa, ao lado de sua cama e colocou-o no dedo dela. Ficava bem lá. Perfeito. A alegação para o mundo de que ela pertencia a ele. Se o mundo não podia ver o colar de mordidas de amor, ou as marcas que ele tinha colocado em sua pele com os dentes, o anel teria que fazer.

Ela puxou a mão ao rosto no momento em que a soltou. Ele sentiu a inspiração afiada quando ela viu o diamante requintado rodeado por menores reluzentes, menores, mas não menos belos.

— Stefano, não posso usar isso.

— Você vai usá-lo. — Ele começou a massagear seus ombros e costas, usando firmes e duros golpes para aliviar a tensão de seus músculos.

— É muito caro. E se eu perder isso?



Ele gostava disso. Ela não tinha medo de usá-lo para anunciar ao mundo que era sua, apenas que pudesse perdê-lo.

— Então eu vou comprar outro. Você é minha e é importante para mim que todo mundo saiba que pertence mim. Eu não quero que outras mulheres como Janice ou Doreen façam você duvidar do que eu sinto por você. Quando você não estiver ao meu lado, eu quero que você tenha absoluta confiança de que você é tudo em que eu estou pensando. Você é a mulher que me interessa.

Seu rosto estava virado para um lado, mas ele viu o pequeno sorriso se formando em seus lábios macios. Ele deslizou para fora dela, suas mãos segurando-a em torno de sua cintura, puxando-a para cima em seus joelhos e, em seguida, pressionando seu peito para o colchão com uma mão, deixando sua bunda no ar. Ele se ajoelhou atrás dela, suas mãos esfregando suas bochechas nuas. Ele gostava muito de sua bunda, aquela bunda firme, arredondada, quase em forma de coração com uma pequena covinha que ele não podia deixar de se inclinar para morder.

Ela gritou, mas não se moveu da posição em que ele a colocou, e quando ele empurrou seus dedos dentro dela, encontrou-a lisa com seu tipo especial de mel. — Eu amo que você esteja pronta para mim, Francesca, —confessou.

— Eu acho que sempre estarei pronta para você, Stefano. —ela admitiu. — Apenas o som de sua voz me faz ficar molhada.

Ela não podia dizer coisas como essas, para ele, sem seu pênis ficar tão duro que doía. Apertou a ampla cabeça chorosa de seu pênis em sua entrada quente e esperou um batimento cardíaco. Dois. Saboreando o momento. Amava olhar para ela. — Quero a minha semente em cima de você e em você, —declarou ele ferozmente. — Eu quero cobrir suas costas, seu traseiro e seus seios, Francesca, em seguida, esfregá-lo. Eu quero foder sua boca e gozar em sua garganta. Quero todas as maneiras que eu possa ter você. Isso assusta você?

Houve uma pausa. Um silêncio enquanto seu coração batia com força no peito e seu pau pulsava com a necessidade de estar dentro dela.



— Só porque eu ainda não sei o que estou fazendo e eu não quero desapontá-lo nunca, —ela respondeu suavemente.

Ele entrou nela. Profundo. Viu o pau desaparecer dentro dela e foi quente apenas segurar-se ali, imóvel, enquanto seu pênis pulsava profundamente dentro dela. Levá-la desta forma permitiu-lhe ir ainda mais fundo. Ela empurrou de volta. Mexeu. Lembrando-lhe que ela queria mais. Ele riu suavemente e golpeou a bunda em forma de coração apenas para ver sua marca lá, outra marca. — Coisinha esfomeada. Você pode esperar. Vou lhe dar tudo o que você quer quando eu estiver pronto.

— Muito *macho*? —Ela murmurou.

Ele flexionou os dedos nos quadris dela. Ele adorava quando ela o desafiava. Ou respondia. Ele adorava quando ela mostrava sua vontade a ele. Ele adorava seu corpo sexy e o fogo que o cercava. Ele realmente, realmente amava como ela estava fodidamente apertada e escaldante. Ele aliviou a pressão, tomando a decisão de levar seu tempo e fazer durar. Então ele ouviu seu suspiro afiado, o pequeno protesto irregular quando ela tentou persegui-lo com seus quadris e levou-a em outro ataque brutal e impiedoso. Ele não tinha a intenção, mas seus pequenos gemidos sensuais e os soluços moles roubava-lhe o controle sempre.

Stefano entrou nela, deixando o trovão rugir em seus ouvidos, ouvindo a música de seus gritos, sentindo o paraíso absoluto de sua bainha e simplesmente entregou-se ao êxtase. Ele a levou uma e outra vez, forçando-a a quebrar em volta dele três vezes, antes de finalmente se esvaziar nela. Antes que ele entrasse em colapso em cima dela, jogou seu peso no colchão.

Levou um longo tempo antes que pudesse recuperar o fôlego o suficiente para sair dela. Ela gemeu, mas não se moveu. Limpou-a então ele mesmo antes de cair na cama ao lado dela.

— Eu juro, *bella*, um par de vezes mais e vou ser capaz de encontrar minha gentileza e levá-la lento e doce do jeito que eu deveria ter feito da primeira vez, prometeu, enrolando seu corpo ao redor dela. Ele a prendeu colocando uma coxa sobre ambas as pernas dela e, em seguida, segurando-



lhe o peito com a mão, seu polegar preguiçosamente dedilhando o mamilo. Ele empurrou seu pênis semiduro no vinco doce entre suas bochechas, para que se aninhasse lá, todo quente e feliz.

— Um par de vezes mais e eu não serei capaz de me levantar e ir trabalhar amanhã, —ela apontou com um pequeno riso sussurrante que correu ao longo de suas terminações nervosas. Ela empurrou as nádegas de volta para o berço de seus quadris, dirigindo seu pênis mais fundo dentro dela.

Ele fodidamente amava isso. — Eu queria falar com você sobre isso, *dolce cuore*, não há necessidade de trabalhar, não mais. Pode ser uma coisa boa você me deixar dizer a Pietro que você não vai voltar.

Ela se inclinou e afundou os dentes em seu braço. Duro.

— *Dannazione donna!*³⁴

— Sério?

— Eu vou trabalhar, e não se atreva a falar com Pietro. Quero dizer isso, Stefano. Faça isso, e eu não vou dormir nesta cama ou neste apartamento. Você não vai mandar em mim.

Ela não levantou a cabeça do travesseiro de novo; seu tom de voz era suave, mas ela quis dizer isso. Isso não combinava com ele.

— Primeiro, Francesca, não ameace me deixar. Você não vai sair por essa porta. Quero ser muito, muito claro sobre isso. Em segundo lugar, algo importante para você, é importante para mim, então é só dizer, sem drama. A mordida, tudo bem, eu aceito isso, mas não a ameaça. Estamos entendidos?

— Sim, querido, nós fomos claros, —ela disse suavemente. — Agora eu realmente tenho que dormir.

³⁴ *Dannazione donna!* – Maldita mulher, um xingamento em italiano



— Eu ia deixá-la dormir, —ele apontou, — mas agora que você deixou a porra do meu pau duro novamente com essa mordida. Você tem que cuidar disso antes de dormir.

— Você vai ter que fazer esse trabalho.

— Por mim tudo bem. Eu queria foder seus seios e cobrir-te em mim. Tudo bem com você?

— Tudo o que você faz é bom para mim, —disse ela, e rolou de costas. — Eu posso ter um pouco de medo às vezes, Stefano, mas estou sempre disposta a tentar.

— *Dio, bambina*, você me faz quase humilde. Eu sou um fodido arrogante para ser realmente humilde, mas é assim

Ele foi recompensado com o riso. Ele montou seu corpo, esfregando as bolas ao longo de sua barriga. Ela parecia tão pouco com ele. Tão macia. Ele segurou os seios em suas mãos antes de se inclinar para dar-lhes atenção. — Vou ver se eu posso fazer você vir sem fazer nada, só usando minhas mãos e boca em seus seios e então eu vou foder você bem aqui. Eu não vou limpar você, Francesca. Você vai dormir comigo em cima de você.

— Por que eu acho isso tão quente? Você está me deixando molhada de novo, —ela acusou. — Você pode realmente fazer isso?

Ele começou a mostrar a ela que podia.

Capítulo Dezesseis

Felizmente, ou infelizmente—olhando para si mesma no espelho, Francesca não conseguia decidir qual—ela teve o fim de semana. Ela não podia se levantar e ir trabalhar depois que ela praticamente lançou



uma birra lutando pelo direito de fazê-lo. Isso significava que Stefano ficava em seu apartamento com ela e mal conseguiam sair da cama. Quando o fizeram, isso não parecia importar para ele. Ele a levou na cozinha sobre a mesa. Em cima do balcão. No chão no corredor. Contra a parede na sala de estar. Em cima de móveis. No banho.

Stefano foi criativo e parecia determinado a conhecer cada polegada de seu corpo e afirmar que era dele próprio. Ela estava bem com isso no momento. Agora, olhando para as marcas em seu corpo, as que ela tinha amado que ele tivesse colocado lá, ela pensou que talvez fosse um pouco louca. O colar arroxado em seu pescoço tinha quase desaparecido e ela duvidava que pudesse encontrar qualquer coisa para cobri-los quando fosse trabalhar.

Ela jurava que ainda podia senti-lo profundamente dentro dela. Ela tinha certeza que tinha marcas em seu bumbum e costas. Ela tocou uma das marcas de mordida em seu seio esquerdo. Só passar a ponta dos dedos, a fazia estremecer. Ela estava sensível. Ele tinha acordado seu corpo.

Não havia nenhum barulho, Stefano nunca fazia quando andava, mas ele estava lá, atrás dela no espelho, um braço serpentou ao redor da cintura e puxando-a de volta para ele e prendendo-a lá. Ele tinha acabado de tomá-la no chuveiro, depois que ela o chupou na cama. Seu corpo ainda tinha tremores secundários, o que ela não tinha pensado ser possível há apenas alguns dias atrás. Ele se aninhou em seu pescoço.

— Eu amo seu cheiro, —ele murmurou sua língua e os dentes já causando estragos.

Ela observou a maneira como seus mamilos se tornaram dois picos rígidos e seu corpo derretia direto no dele, pressionando de volta em sua pele nua. Ele estava sempre quente e duro. Perfeito. Ela se virou e lhe rodeou o pescoço de lado, a ação levantando os seios como em uma oferta. Imediatamente ele os segurou em suas mãos, e ela sentiu os dentes afundar no ponto entre o pescoço e os ombros. Essa mordida de dor juntamente com o escovar de seus polegares nos mamilos enviou um espasmo para seu sexo.



— Você é tão bonita, Francesca. — Seus olhos se encontraram no espelho. — Tem certeza que não quer que eu fale com Pietro? Eu poderia ficar mais alguns dias.

— Eu adoraria, —ela respondeu honestamente. — Mas eu mal consigo andar. Estou dolorida, Stefano. Sericamente ferida e não consigo resistir a você. Eu também não vou ser uma mulher mantida. Eu preciso ganhar o meu próprio dinheiro.

Sua cabeça levantou, o corpo endureceu. Seu braço apertou em uma faixa de ferro. — Você está ferida? Por que você não disse?

Ela virou-se em seus braços e envolveu as duas mãos ao redor da nuca. Ela o conhecia agora. Ele era totalmente protetor. Ele detestava que ela estivesse ferida e ele não tivesse percebido ou pensado nisso. Bem, ele tinha pensado nisso, ele lhe deu um banho quente inúmeras vezes, mas sempre acabava montando-a e eles faziam uma bagunça no chão do banheiro, água por toda parte espirrando da banheira. Ela não deveria ter dito nada a ele.

— Querido, eu amei o que estávamos fazendo. Eu não ia perder um momento. Não estou *tão* dolorida. — Isso era uma mentira. Ela estremeceu, porque ele sabia disso. Sua expressão lhe disse que sim. Isso e o súbito golpe em sua bunda nua. Ele bateu duro para ela. — *Ow*. Sério? — Ela tentou afastar-se dele, mas seu braço não se moveu. Ele nem sequer se comportou como se tivesse movido.

— Não minta para mim. Não. Nunca. Eu não gosto de ter te machucado, Francesca. Eu gosto de sexo violento. Eu gosto de saber que você é minha e eu posso colocar a minha marca em você e você ama isso. Mas não à custa de ferir você. Isso não é certo. — De repente, ele pegou ambos os pulsos dela, e puxou-a para que pudesse inspecioná-los. Ele a tinha amarrado mais de uma vez. Ela sabia que foi mais por diversão do que qualquer outra coisa, mas ele gostava. Gostava de tê-la à sua mercê e ela gostava disso, com ele especialmente.

— Não há contusões, —ressaltou apressadamente. — Stefano, eu não queria perder um momento com você. Foi o mais belo fim de semana que já



tive na minha vida. Eu tenho que me vestir para o trabalho, porém, e você também.

Ele suspirou, inclinando a cabeça para pressionar beijos na pulsação de seu pulso interno. — Você não tem que trabalhar. Isso não faz de você uma mulher mantida. Quando tivermos filhos, eu quero que você fique com eles, e não trabalhando em alguma fodida deli só para você poder dizer que é independente. Você nunca vai ser independente. Eu sou seu homem, *bambina*, e isso significa que você se apoia fodidamente em mim.

— Nós não temos filhos ainda, Stefano. E pare de dizer merda. Quero dizer. Você precisa limpar seu linguajar. Às vezes você usa essa palavra duas vezes na mesma frase. Quando tivermos filhos, não quero que, seja a primeira palavra de suas bocas.

Ele olhou nos olhos dela, segurando-a lá, apenas com seu olhar, hipnotizando-a.

Mantendo-a em cativeiro, sob seu feitiço. Um lento sorriso transformou as arestas de seu belo rosto. Ele era tão bonito para ela. Um homem lindo e ela estava se apaixonando mais por ele.

Ele passou todo o fim de semana adorando seu corpo. Reivindicando-a, tão possessivo. Insistindo sobre a alimentação dela. Lavando-a. Escovando seus cabelos. Ele a tratava como uma princesa quando não estava batendo nela. Ela gostava mais do batendo. E quando ele reduzia a velocidade e lhe tirava o fôlego, ele trouxe lágrimas aos olhos dela.

— Eu posso fazer isso por você, —ele concordou. — Mas quero que você faça algo para mim. Comece a pensar em nós juntos. O que eu tenho é seu. O que você tem é meu.

Ela engoliu em seco. Sacudiu a cabeça. Sentiu as lágrimas queimando por trás de seus olhos e piscou rapidamente em um esforço para mantê-los secos. — Eu não tenho nada para lhe dar, Stefano. Eu não estou trazendo nada para esse relacionamento, só problemas. Barry Anthon é um problema. Você sabe disso. De qualquer modo que você olhar para ele, ele é problema. Você tem tanto dinheiro, você é tão extraordinário. Você é. Eu estou ...



Ele tomou sua boca, cortando-a. Suas mãos deslizaram pelas costas, seguindo a curva de sua coluna para bunda, com as mãos à deriva e puxando-a firmemente para que seu pau ficasse pressionado duramente contra ela. — Você está molhada para mim, *dolce cuore*?

— Eu estou. —ela sussurrou. — Claro que estou. Como eu poderia estar outra coisa, quando você me toca, Stefano?

— Isso é o que você traz para mim, Francesca. Isso é o que você me dá. Você. Sua confiança. Seu corpo. Eu quero fazer todo tipo de coisas com você. Coisas que assustam você como o inferno, coisas em que você ainda é um pouco inocente, mas confia em mim e me deixa fazê-las de qualquer maneira. Você me dá isso, e é o maior presente que um homem pode ter. Quando você está embaixo de mim, você gosta. Você pensa em me dar prazer, não que você fique de fora. Você acha que um homem não ama isso? Precisa disso? Saber que você ama me dar tudo. Eu tenho tudo com você.

— Stefano, hesito em dizer isso, porque você pode ser apenas um pouquinho arrogante, mas qualquer mulher faria isso com você. Como não poderiam?

Ele balançou sua cabeça. — Eu tive mais mulheres do que gostaria de admitir para você, mas não quis fazer nada mais com elas. Apenas uma foda. Era isso. Eu queria foder seus miolos e levá-las bem longe de mim. Eu não sentia nada, só uma rapidinha, *dolce cuore*, só a liberação. Contigo ... —Ele parou, balançando a cabeça.

— Eu penso em você a cada caralho de minuto do dia. Eu acordo suado, querendo você, meu corpo duro e dolorido pra caralho. Eu me masturbei pensando em você vestindo meu casaco uma centena de vezes. É patético como estou obcecado por você.

Seu coração acelerou. Seu clitóris também. Lá no fundo ela sentiu um espasmo desesperado. Sua mão caiu no pau dele. — Eu acho que agora seria um bom momento para me levantar e colocar minhas pernas ao redor de sua cintura. Eu não importo se estou um pouco atrasada para o trabalho. Pietro não vai me demitir, vai? —Ela se inclinou para ele, fechando os dentes sobre



o lóbulo da orelha dele. — E apenas para registro, você disse 'porra' três vezes agora.

Havia pura sedução na voz sensual e nos dedos que o acariciavam. Ela estava ficando malditamente boa em aprender o que ele gostava. Ela prestava atenção, porque ele estava certo, o prazer dele lhe importava. Ela queria ver o prazer em seu rosto, senti-lo em seu corpo, no derramamento de sua semente quando ele a tomava. Ela amava a expressão que ele tinha quando estava dentro dela, quando seu corpo o agarrava e ordenhava. Só ela podia consegui-la. Isso era o que ela gostava.

— Vou levá-la com os dedos, Francesca, mas não com meu pau. Você está dolorida e eu não vou deixá-la pior.

Ela piscou para ele, chocada. — Você está me rejeitando? — Ela nunca tinha considerado que ele faria isso, nem por um momento. Doeu, embora intelectualmente, ela soubesse como ele era protetor. Ele estava duro como uma rocha, mas ainda assim, ele rejeitou a primeira vez que ela tinha iniciado uma relação sexual com ele. Isso parecia ... Horrível.

Ele a pegou em seus braços, da forma de sempre, rápido e de forma irrevogável, decisiva. Antes que ela pudesse protestar, ele largou-a na cama e caiu em cima dela, cobrindo seu corpo, o rosto enterrado entre suas pernas, seu pau sobre a boca dela, uma oferta. Já a língua e os dedos estavam brincando, trabalhando nela, dirigindo-a tão rápido que ela não conseguia recuperar fôlego para acariciar seu pênis, e em seguida, começou a lambê-lo como se fosse um sorvete de casquinha.

Sua mente tinha ido instantaneamente ao caos, o rugido em seus ouvidos expulsando tudo, menos ele. O corpo, quente e duro, prendendo-a embaixo dele. A forma como a cabeça de seu pau brincava ao longo da costura de seus lábios, para que ela pudesse saborear as pequenas gotas viciantes que a deixavam com fome de mais. Sua boca levando o fogo, a sua língua apunhalando profundo, se achatando contra seu clitóris enquanto ele a acariciava.



Ela quase o engoliu. Ela amou o arrepio que percorreu o corpo dele, a maneira como seus quadris estremeceram involuntariamente. Ela fez isso. *Francesca Capello*. O poder era incrível. Saber que ela o agradou, que poderia levá-lo ao limite do controle, era uma sensação inebriante, maravilhosa. E adicionava prazer ao que sua boca, dentes e dedos trouxeram.

Quanto mais seu pau inchava e subia, mais sua língua mergulhava e enviava fogo. Ela puxou-o para baixo, tentando tirar tudo dele, uma tarefa impossível, mas ela trabalhou em diligência, felizmente.

Ela usou sua língua e escavou suas bochechas, sugando fortemente. Sua mão deslizava sobre ele facilmente, bombeando, porque ela tinha deixado ele muito molhado com a boca.

Ele levantou a cabeça e rosnou. Rosnou. Ela adorava isso. — Duro, Francesca. — Era uma exigência, nada menos.

Ela obedeceu, apertando sua boca em torno dele, agarrando-o com seu punho mais apertado do que ela pensava possível. Ele era como ferro. Quente. Veludo macio. Aço perfeito. Ela estava perto. Tão perto. Ela queria que ele fosse com ela, porque sabia que quando ela explodisse, teria que parar e iria deixá-lo frustrado.

Seus quadris se moveram em um ritmo mais rápido, indo mais profundo do que ela já tinha levado anteriormente. Ela não tinha nenhum lugar para ir. Ela pensou que estava no controle, mas percebeu que ele estava. Ela estava debaixo dele, o seu peso imobilizando-a, seus quadris de repente no comando, não a mão dela. O que só adicionava à sua excitação. Ela confiava nele. Ela sabia que, mesmo quando ele mergulhasse fundo e se mantivesse lá, ela não entraria em pânico se não conseguisse respirar. Stefano nunca, nunca iria machucá-la.

Ela quase gritou quando seu pênis se retirou. Lembrando-se no último momento de tomar fôlego, ela amamentou duro, puxando-o, deleitando-se com a sua posse. Então fogo correu através dela. Isto aconteceu tão rápido, tão duro, que a pegou desprevenida. Ao mesmo tempo, o pau inchou aquecido, bombeado dentro dela, por sua garganta, forçando-a a engolir. Isso



desencadeou um terremoto ainda maior, toda a ondulação do corpo e um estremecimento de prazer.

Ele levantou o rosto de entre suas pernas, mas manteve seu pênis suavemente dentro de sua boca. — Gentilmente, *dolce cuore*, mas cuide de mim.

Ela adorava quando ele fazia isso, também, aquelas pequenas instruções sobre suas preferências, o que ele apreciava. Detestava sentir-se como se ela não estivesse vendo cada necessidade ou desejo dele. Ele via as dela e ela queria fazer o mesmo por ele, quando ele dizia a ela exatamente o que queria ou precisava, ele dava-lhe mais confiança. Para Francesca, saber que ela deu a ele o que ele precisava, era tão necessário como respirar. Ela levou seu tempo, consciente de quão sensível ele estava, sentindo cada reação, a forma como sua respiração assobiava fora de seus pulmões, o tremor de seu corpo, o involuntário movimento de seus quadris.

— *Dio*, Francesca, você é incrível. Eu poderia passar o dia com meu pau em sua boca e nunca seria o suficiente.

Ela riu suavemente quando ele se retirou. — Eu poderia gostar disso. Agora eu preciso escovar os dentes e me preparar para o trabalho. Isso foi espetacular.

Ele rolou para fora dela, todas as linhas em seu rosto estampadas com uma paixão escura sensual enquanto a observava de pé nua no banheiro. Ele tinha acabado de lhe dar um incrível clímax, poderoso, mas saber que ele a estava assistindo a fez quente mais uma vez. Ele estava transformando-a em uma viciada em sexo.

— A notícia do nosso noivado saiu, —anunciou ele, casualmente. Casualmente demais.

Ela fez uma pausa no ato de espalhar creme dental em sua escova, voltando para olhar através da porta para ele. — Como é? Como você sabe?



— Francesca. Sério? Você é minha. Eu quero que o mundo inteiro saiba. Eu tive o nosso pessoal de publicidade colocando um comunicado na imprensa.

Ela sorriu para ele, balançando a cabeça. — Você não faz nada de maneira lenta, não é? — Ela se virou para escovar os dentes.

— Não quando se trata de você. O que eu estou dizendo é que qualquer coisa que um Ferraro faz é notícia. É uma enorme coisa ter um de nós envolvido. Quando digo "grande", quero dizer que será relatado, não só neste país, mas em outros países também. O nosso banco é internacional e um dos maiores.

O coração de Francesca caiu. Deu cambalhotas. Bateu muito rápido. Ela tomou seu tempo, terminando seus dentes e, em seguida, enxaguando a boca várias vezes antes de se virar para ele. — O que exatamente isso significa?

— Isso significa, *bambina*, que os repórteres vão estar rastejando por todo o hotel. Nenhum membro do nosso bairro iria entregar você, então você deve estar segura no trabalho, mas não ande pelas ruas onde você possa ser reconhecida. Vou levá-la até lá embaixo pelo elevador privado para uma entrada que só minha família usa e ninguém conhece. Emilio e Enzo estarão esperando com um carro. Você vai fazer o que disserem quando eles disserem.

Ela caminhou descalça até o armário. De alguma forma, suas roupas tinham sido transferidas para o quarto principal em algum momento, enquanto ela estava no clube. Ela não tinha perguntado sobre isso, e agora parecia bobagem fazer. Tinha sido presunção dele, mas ela achava que Stefano era um homem confiante e decidido. Ela gostava de ter seus olhos nela quando subia o pequeno e sexy calcinha pelas pernas e arrumava-os sobre sua bunda.

— Venha aqui.

Francesca estremeceu com o comando em sua voz. Baixo. Sexy. Tão arrogante. Ela adorava isso também. Segurando o sutiã na mão, ela



atravessou a sala para ficar na frente dele. Ele balançou o dedo em um pequeno círculo e obedientemente ela virou de costas para ele.

Suas mãos deslizaram sobre as curvas de seu traseiro. — Deixei minha marca em sua bunda. Eu posso ver através das rendas. Isso é tão fodidamente *sexy*, Francesca, eu quero dar outra mordida em você. — Suas mãos acariciaram sua parte inferior e, em seguida, tocou vários pontos em suas nádegas com as pontas dos dedos. Quando ele apertava, ela sabia exatamente onde cada marca estava. — Eu gosto demais da minha marca em você, *Bella*.

Ela estremeceu, seus mamilos picaram quando ela deslizou o sutiã de cetim suave em torno de seus seios. A renda acariciava sua pele. Ela amava a sua marca em seu traseiro também, mas dizer-lhe só faria encorajá-lo. — Eu acho que você é um pouco primitivo.

— Eu estou bem com isso. — Ele pegou a mão dela quando ela se virou para pegar suas roupas. — Onde diabos está seu anel de noivado?

— Eu não posso usá-lo no trabalho. — Ela ficou horrorizada. — Vale um carro ou algo assim.

Ele em um instante pulou da cama, cada músculo apertado e pronto para atacar. Ele parecia perigoso. Intimidador. Ele se elevou sobre ela, e o próprio ar pulsava ao seu redor com sua raiva. — Pegue. Essa. Porra. De. Anel. Agora.

Ok foi má jogada tirar o anel. Ela nem sequer fingiu hesitar. Ela sabia que ele nunca iria golpeá-la, mas ela também sabia que quando ele ficava com muita raiva sobre algo, é porque significava muito para ele. Ela pegou o anel de sua gaveta e empurrou-o de volta em seu dedo.

— Você nunca vai tirar essa *porra* novamente. Você entendeu Francesca? Será que fui claro sobre isso? Diga-me que fui claro. Quero ouvir as palavras.

— Foi claro, Stefano.

Ela ouviu o tremor em sua voz e ficou instantaneamente com raiva de si mesma. Ela não queria que ele pensasse que era uma tarefa simples não enfrentá-lo. Ela colocou o anel não porque significava o suficiente para ele



estar irritado sobre isso, não porque ela tivesse medo dele. Bem. Não muito. Bem. Ok, talvez ela tivesse um pouco, ou muito, mas em sua defesa, ele podia ser muito assustador.

Sua mão levantou os dedos se enrolando em torno da nuca dela e ele puxou-a para ele, com a boca fixa na dela. Não foi um beijo suave. Foi brutal. Impiedoso. Selvagem mesmo. Ele estava reivindicando-a outra vez e ela sabia disso. Deleitava-se com isso. Se afogava nele. Ela amava sua boca e a maneira como ele podia usá-la.

Ela estava certa de que ninguém mais no mundo podia beijar como ele. Ela não se importava se ele a devorava.

Ela o queria. Ela adorava quando ele ficava todo macho e viril sobre ela. O medo recuou rapidamente quando a boca dele estava na dela, porque, inevitavelmente, não importava como o beijo começava, ele sempre terminava com o sentimento de que ele a amava. Queria. Até mesmo precisava dela.

Quando ele ergueu a boca da dela, empurrou sua testa contra a dela. — Você tem que saber como é importante para mim, Francesca. Meu anel em seu dedo, todo mundo sabendo que nós estamos noivos, estas são maneiras de protegê-la. Ninguém pode foder com você e continuar vivo. Isso não vai acontecer e quem me conhece sabe disso. Eu preciso saber que você está segura em todos os momentos.

— Emilio e Enzo vão cuidar de mim, —ela o acalmou, afastando-se dele para pegar suas roupas. Ela tinha que se vestir e começar a trabalhar antes que Pietro decidisse que ela seria demitida, noiva de Stefano Ferraro ou não.

— Eu não vou tirar o meu anel de noivado, eu prometo. Mas me incomoda que Emilio e Enzo estejam comigo em vez de com você. Eu sei que eles sempre cuidaram de você.

— Eu posso cuidar de mim, mas você não precisa se preocupar. Tenho mais dois primos que trabalham como guarda-costas. Tomas e Cosimo Abatangelo vão trabalhar comigo. Normalmente, eles mantêm os seus olhos



sobre Emmanuelle. Ela está sempre lhes dando trabalho e os deixa com raiva, mas por causa disso, eles são muito, muito observadores.

— Por que Emmanuelle precisa de um guarda-costas? — Ela colocou um jeans. Eles se encaixavam como uma luva e ainda eram muito confortáveis.

Stefano franziu a testa quando começou a vestir-se. — *Dolce cuore*, gostaria realmente que colocasse aquela saia linda para mim. Aquela com os babados que cai até seus tornozelos. Eu queria vê-la em você desde o momento em que o comprei.

Ela fez uma pausa no ato de fechar os jeans. Seus olhos se encontraram. O olhar dele tinha escurecido. Era sexy. Sensual. Encapuzado. Especulativo. Ele estava tramando algo. Ela olhou para o armário onde a saia estava pendurada. Ela sabia exatamente de qual ele estava falando. Ela adorava a saia, mas parecia demais vesti-la para trabalhar. Ainda assim, se isso significava algo para ele, e ela podia ver pela sua expressão que sim, então ela não se importava em vesti-la.

Ela deslizou o jeans de volta para baixo sobre seus quadris, observando seu rosto. Assistindo sua aprovação. Satisfação. O incêndio repentino em seus olhos.

— Você não vai precisar dessa calcinha sexy com essa saia, Francesca. — Sua voz foi baixa, quase um rosnado. Tão sexy que ela sentiu o calor úmido instantaneamente.

— Eu estou indo para o trabalho, Stefano. — Ela tentou ser firme. Ela não podia apenas dar-lhe cada pequena coisa que seu coração desejava, podia? Ele andaria sobre ela.

— Eu estava esperando sair do trabalho para ir vê-la, mas vou ter menos de uma hora. Sem calcinha economiza tempo.

Ela estremeceu. Seus seios doeram. O calor entre as pernas explodiu em uma queimadura completa. Deixando a calcinha no lugar, ela cruzou para o armário e puxou a saia. — Você poderia me chamar no telefone que você me deu e me avisar. Eu vou ao banheiro e tiro minha calcinha e deixarei tudo



pronto para você. Dessa forma, eu não ficarei pingando em antecipação durante todo o dia.

— Eu gosto da ideia de você pingando em antecipação durante todo o dia. Eu poderia lamber todo o mel de suas coxas quando eu for ver você.

Ela apertou suas coxas, tentando não se contorcer. — Eu vou ficar com minha calcinha, Stefano, assim chame quando você quiser. — Ela puxou uma blusa que combinava, e que não chegava a esconder o colar que ele tinha feito a ela. Ela tocou uma das manchas escuras com a ponta do dedo. — Eu pareço uma garota de escola.

Ele riu. — Eu vou ligar e mandar mensagens de texto, *bambina*, de modo que mantenha seu telefone perto e mande a porra da resposta.

— Que parte do 'Eu estou trabalhando' você não entendeu?

— Que parte do 'atenda a porra do telefone quando eu chamo' você não entendeu? — Ele respondeu. — Eu não gosto de você trabalhando, mas eu estou dando o que você quer então você me dá isso.

— Você é irritante, — informou ela, pegando botas até o joelho. Elas eram azul marinho com três babados de couro nas costas. Elas combinavam perfeitamente com a saia. — Eu estou saindo, mas vou manter o telefone ligado.

— Espere por Emilio e Enzo. Eles vão subir e pegar você e levá-la para o outro elevador. — Ele pegou seu queixo em sua palma e a beijou. Difícil. Perfeito. — Eu estou chamando-os para encontrá-la agora.

Francesca se sentiu um pouco tonta quando ele a soltou. Ela assentiu com a cabeça e se obrigou a sair do quarto. Ela estava no meio do corredor quando ele a chamou. Ela se virou e ele estava encostado no batente da porta, observando-a. *Nu*. Ele estava lindo. Resistente. Perigoso. Completamente quente. E ele era todo dela. Ela arqueou um olho para ele, desejando ter a sua confiança. Ele não se incomodou nada, de estar nu. Ela sabia que, se as portas do elevador se abrissem e uma multidão saísse, ele não se importaria.



— Que horas é a sua primeira pausa?

— Por volta das dez.

— Vá direto para o banheiro e tranque a porta.

Seu corpo inteiro se apertou. Pela maneira como ele falou. O olhar em seus olhos. Ela não podia imaginar alguém mais sexy. Ela não conseguia encontrar sua voz, sua boca ficou seca e o ar parecia ter deixado seus pulmões. Ela apenas balançou a cabeça e voltou para a sala grande, para aguardar Emilio e Enzo.

Ela estava grata pelos guarda-costas quando o carro em que ela estava passou pela entrada do hotel. Paparazzis estavam por toda parte, uma multidão fazia cerco em um esforço para obter fotos dela ou Stefano, de preferência de ambos. Apesar das janelas escurecidas, ela abaixou-se automaticamente.

— Sua vida é sempre assim? — Ela perguntou a Emilio. Ela estava se tornando bastante amiga de Emilio e Enzo. Ela sabia que eles eram dedicados a Stefano e gostava deles ainda mais por isso.

— Sim, — respondeu Emilio. — Não se preocupe, Francesca. Nós não vamos deixá-los chegar perto de você. Basta ficar longe das janelas e se nós a avisarmos, deixe o balcão e vá direto para a parte de trás. Pietro sabe que é para proteger você. Ele vai sair e lidar com os clientes. Ninguém vai falar sobre você ou deixá-los perceber de qualquer forma que você está trabalhando lá.

Ela balançou a cabeça. — Os paparazzi pagam um bom dinheiro as pessoas para obter informações. Não conte com isso, Emilio.

Enzo bufou. — Sério, Francesca? Você realmente acredita que alguém se atreveria a cruzar o caminho de Stefano Ferraro? Inferno não. Ninguém na vizinhança seria tão estúpido.

Ela franziu a testa. Estava de volta ao aviso do tipo "máfia". O que importava se Stefano estava chateado com alguém por ter cobrado uma taxa exorbitante pela venda de informações? O que ele faria com eles? Certamente



só o medo. Ela estremeceu, lembrando como ele podia parecer. Num momento ele era suave, olhando para ela tão doce e no próximo, ele era frio e distante, sem expressão. Assustador. O carro parou atrás da *Deli Masci's*. Ela estendeu a mão para a maçaneta da porta, mas Emilio a deteve. — Espere até que eu limpe a área. Vamos lhe dar o ok para sair, mas você não se move até então.

Ela cedeu contra o assento com um pequeno suspiro. Tornar-se noiva de Stefano tinha mudado seu mundo de novo. Ela tinha ido de sem-teto a noiva de um homem muito rico em um tempo muito curto, e sentia como se sua mente não conseguisse entender. Ela ficou muito contente em entrar na Deli, onde apenas Pietro a estava esperando. Juntos, eles colocaram tudo no lugar e esperaram a multidão do início da manhã.

Ela ficou tão ocupada que não conseguiu pensar muito, mas quando a primeira onda de clientes acabou ela descobriu que estava tendo que lutar para manter sua mente afastada de Stefano e do que ele tinha planejado para a pausa das dez horas.

Joanna chegou por volta das nove horas, e uma vez que havia apenas um par de pessoas para servir, Pietro disse a ela para tomar um café e descansar durante dez minutos. Ela o fez, escorregando na cadeira em frente de Joanna, sentindo um pouco de culpa por seu chefe permitir a ela um tempo de pausa extra, mas não muito, porque ela queria mostrar seu anel.

Joanna gritou em voz alta e de forma adequada. — Eu não posso acreditar nisso. Minha melhor amiga vai se casar com Stefano Ferraro. Essa pedra no seu dedo vale uma pequena casa, você sabe disso, não sabe? É bonita. Você é linda. Estou tão feliz por você, Francesca.

Francesca olhou para seu anel. — É bonito, não é? — Ela se encontrou sorrindo para Joanna, tão feliz que queria chorar. — Como vão as coisas com Mario?

Joanna colocou os braços ao seu redor. — Oh. Meu. Deus. Ele é tão bom na cama. Juro por Deus, Francesca, eu tenho um mini-orgasmo só de lembrar. Ele é um ótimo dançarino, e depois que você saiu, Emmanuelle e



seus primos não nos abandonaram ou nos fizeram sentir como se não pertencêssemos aquele lugar. Eles foram muito agradáveis. Eles pagaram todas as bebidas e nos convidaram a voltar com eles novamente. Foi uma noite incrível. Eu teria ficado extasiada durante meses só por isso, mas, em seguida, Mario me levou para o seu apartamento e eu fiquei lá com ele todo fim de semana. Ele me tratou como uma princesa. Eu poderia perfeitamente me apaixonar por ele.

Francesca estudou seu rosto. Joanna namorava o tempo todo e ficou com homens muitas vezes, mas Francesca nunca a tinha visto assim. Seu rosto estava brilhando, e ela não conseguia parar de sorrir.

— Então você tem outro encontro com ele marcado?

Joanna assentiu. — Ele fez questão de dizer que queria que fôssemos exclusivos. Ele disse que estava esperando uma oportunidade comigo e não ia perdê-la. Ele também disse que não estava disposto a deixar qualquer outro homem me abordar, agora que ele tinha conseguido.

Francesca estava feliz por ela. — Isso é incrível. Eu amo que isso tenha acontecido para você.

Joanna sorriu. — Eu também. É tudo o que eu pensei que seria e mais. — Sua cabeça levantou e ela arregalou os olhos. — Eu esqueci. Você ouviu as notícias esta manhã? As três mulheres presas no clube, aquelas cantoras que foram rudes quando vieram até nossa mesa?

— Stella, Janice e Doreen. *The Crystals*.

— Sim. Essa banda. Elas se declararam culpadas. Assim. E houve várias acusações. Ninguém faz isso. Eu nunca ouvi falar de alguém tão podre de rico que possa realmente pagar um grande advogado, se declarar culpado por esse tipo de coisa. Elas não vão para a reabilitação, elas vão para a prisão. Por que elas fariam isso? E o que no mundo fez seu advogado permitir isso? Não faz qualquer sentido.

— Eu não sabia que elas podiam ir a um juiz tão rápido para talvez definir a fiança. — Francesca murmurou, um mal-estar rastejando em sua



mente, apesar da felicidade que tinha estado em seu mundo a manhã toda. Seus dedos encontraram o anel de noivado e ela distraidamente brincou com ele, tentando não pensar o que poderia fazer as três mulheres vingativas e com o dinheiro para pagar por um grande advogado, se declararem culpadas e permitir que um juiz as sentenciasse sem julgamento.

— Elas estão realmente indo para a prisão. Não cadeia. Prisão. — Joanna continuou. — Você simplesmente nunca mexe com os Ferraro. Qualquer um estúpido o suficiente para atravessar a frente deles tem realmente mau *karma*.

Francesca não sabia o que dizer sobre isso. — Meu ex-senhorio foi assassinado, —ela desabafou. — Ele estava dentro de casa de Giuseppe Saldi quando foi assassinado.

— Eu li sobre isso. Estava no noticiário também. Isso foi estranho, também.

Francesca assentiu. — Sua tia foi, na verdade, nadar na piscina e quando ela saiu, ele estava morto na espreguiçadeira, com a garganta cortada.

— Vê? Ele mexeu com você e você vai ser uma Ferraro e agora ele está morto. Você acha que Saldi o matou porque não quer uma guerra com a família de Stefano?

Francesca inalou bruscamente. — Eu não acho que tenha alguma coisa a ver com Stefano. Ele e toda sua família estavam no clube, celebrando.

— O seu noivado? Eu nem sequer sabia que era uma festa de noivado. —disse Joanna, de mau humor.

Francesca começou a rir. — Nem eu.

Joanna olhou para ela por um momento, com os olhos arregalados e então ela fingiu desmaiar. — Isso é a coisa mais romântica que eu já ouvi falar.

Francesca revirou os olhos e voltou a trabalhar quando uma nova onda de clientes entrou na loja. Ela não podia deixar de olhar para o relógio



enquanto atendia as várias pessoas. Todos eles foram muito doces com ela e pareciam querer conversar um pouco antes de entregar o dinheiro ou os cartões de crédito, mas ela não se importava, com exceção de que precisava manter o movimento da fila.

Seu coração batia muito rápido quando Pietro veio do escritório para assumir e ela pudesse fazer sua pausa. Ela tirou o avental e correu para o banheiro. No momento em que tinha a porta fechada e trancada, ela tirou a calcinha, apertando-a em sua mão. Um braço veio por atrás dela e a apertou. Ela quase gritou com o choque, mas seu aroma lhe disse exatamente quem estava lá.

O banheiro era bastante grande, mas completamente aberto. Não havia nenhum lugar para se esconder. A pia, um vaso sanitário e um espelho eram realmente tudo o que havia, e ainda assim Stefano tinha que ter estado em algum lugar. Talvez estivesse tão ansiosa que não o tinha visto quando se apressou a entrar. Ela começou a girar.

— Fique parada.

Uma ordem clara. Ela estremeceu e ficou de costas para ele, umidade e necessidade crescendo sem qualquer outra coisa, só o som de sua voz. Ela viu pelo espelho quando ele pegou a calcinha da palma de sua mão e empurrou-a no bolso de seu terno.

Ele andou em torno dela e começou a abrir os pequenos botões de pérolas de sua blusa. As bordas se abriram para revelar seus seios aninhados no sutiã de cetim. Deixando o sutiã no lugar, ele estendeu a mão e puxou os seios para que eles se projetassem para cima e para fora do material, a blusa enquadrando-os. O fôlego de Francesca ficou preso na garganta quando ele estendeu a mão e tomou as dela, deslizando-as até sua caixa torácica para pressionar seus dedos em seus mamilos.

— Trabalhe-os para mim, *dolce cuore*. Você sabe como eu gosto. Áspero. Eu quero vê-la ofegante. Carente. Eu gosto de ver suas mãos em seu corpo.



Ela lambeu os lábios, a respiração já entrecortada. Ela não tinha certeza de como ele podia fazer isso, fazê-la se sentir tão sexy, reduzi-la a uma mulher carente, derretendo, querendo pedir-lhe para se apressar e tomá-la.

O fogo se construindo entre suas pernas, queimando, e para sua surpresa, ela podia sentir o líquido em suas coxas enquanto ela obedecia a ordem, puxando e rolando seus mamilos, observando-o vê-la pelo espelho.

Suas mãos foram para os lados de seus quadris, agarrando o tecido de sua saia. Muito lentamente, ele começou a puxá-lo, reunindo-o em suas mãos, enquanto a bainha subia acima de suas botas e, em seguida, das coxas e, finalmente, da cintura dela. Ele amarrou a saia nas costas, um toque rápido e, em seguida, um nó para mantê-la no lugar, seu olhar nunca deixando o dela.

— Duro *bella*, finja que suas mãos são as minhas. — Seu pé empurrou a perna esquerda para longe e, em seguida, a direita. — Eu mal consegui pensar direito, esta manhã. Tentei trabalhar, analisar os relatórios, quando tudo que eu queria fazer era voltar para você. Eu pensei em te comer na minha mesa de trabalho. Ou ter você sob ela, me chupando enquanto eu conduzia os negócios. — Sua mão se moveu sobre as bochechas arredondadas, demorando-se nas marcas que ele tinha deixado há mais cedo. Uma mão pressionou a cabeça dela em direção ao chão.

Ela começou a abaixar e ele parou. — Eu vou te abraçar. Confie em mim, Francesca. Continue trabalhando seus mamilos. — O braço dele travou em torno de sua cintura e, em seguida, a mão estava em sua entrada, escavando o mel e lambendo-o com os dedos. — Você tem um gosto bom pra caralho. Você acha que eu teria controle para falar ao telefone, ou ter alguém na sala enquanto você estivesse lá, debaixo da minha mesa, meu pau fundo em sua garganta? Eu poderia aguentar?

— Espero que não, — ela ofegava. — Eu espero que estivesse fazendo você se sentir tão bem que não poderia.

Ele já tinha aberto as calças. Quando ele tinha feito isso? Ela não tinha notado porque estava muito ocupada tentando evitar se derreter em um



pequeno monte no chão aos pés dele. Ele pressionou a cabeça larga de seu pênis em sua entrada e sua respiração ficou presa na garganta.

Parecia uma marca em brasa. Muito grosso para caber. Esticando-a. Ela empurrou de volta contra ele, precisando dele lá dentro. Ela prendeu a respiração. Seu coração acelerava. Um soluço escapou. — Stefano.

— Aí está, —disse ele suavemente. — Me diga o que você quer.

— Você. Agora.

— Eu o quê. Seja específica.

Ela corou, mas isso não importava. — Você dentro de mim.

— Mais específica.

Sua respiração vaiou em um gemido fino. — Stefano. Por favor. O seu pênis dentro de mim agora. Antes que eu arda em chamas.

— Desde que você pediu tão bem. Claro que da próxima vez, *bambina*, vou fazer você me implorar para te foder. Você vai ter que dizer *foda* apenas como uma menina má.

Ela não podia formar um pensamento coerente. Se isso é o que fosse preciso para levá-lo a um movimento, ela teria prazer em usar sua palavra favorita. Ele empurrou duro. Profundo. Enterrou-se até as bolas. Ela as sentia batendo contra ela. Ela soltou um peito e enfiou o punho na boca para não gritar.

Fogo correu por ela. Em seguida, ele estava se movendo, batendo nela mais e mais, uma britadeira, grossa e por muito tempo, através das dobras apertadas de seu corpo, até que ela se desfez mais e mais.

Ela achava que nunca iria parar, o envio de um orgasmo colidindo com o próximo, seu corpo se apertando em torno dele e ordenhando, estrangulando o pênis dele. Ele xingou em italiano, sua voz tão estrangulada quanto a dela quando ela finalmente levou-o sobre a borda de seu controle.

Ela fechou os olhos, saboreando os tremores fortes, as contrações e convulsões de seu sexo em torno dele. Ela não tinha ideia de quantas vezes



ele tinha forçado seu corpo ao clímax porque, eventualmente, ela não poderia dizer onde um acabava e o seguinte começava. Mas eles ficaram no banheiro tempo suficiente para Pietro bater na porta e perguntar-lhe quanto tempo de pausa ela iria fazer.

Ela começou a rir enquanto Stefano ajudou-a a ficar de pé. — Eu acho que você pode ter esse tipo de controle, mel. O tipo onde eu poderia envolver minha boca em torno de você, levá-lo a minha garganta e trabalhá-lo enquanto você trabalha. Poderíamos ter que fazer um teste. Talvez até mesmo uma aposta. — Ela disse apenas para ser má, mas seus olhos brilharam para ela quando ele pegou uma toalha molhada com água morna. Entregou a ela e tomou outra para si mesmo.

— Eu gosto da ideia. Nós vamos definir uma data para que você venha ao meu escritório.

Não era assim que devia acontecer, embora ela tivesse que admitir, que ela escondida sem ninguém poder vê-la, era uma ideia um pouco emocionante. Uma vez que ela estava limpa, Stefano desamarrou a saia para que ela caísse e a cobrisse. Ele se inclinou e tomou sua boca gentilmente.

— Vejo você em casa, *amore*. — Ele sorriu. — Eu adoro dizer isso. Agora que você está lá, eu tenho uma casa. Você sai primeiro. Não diga nada a Pietro. Ele não sabe que eu parei aqui e eu não tenho tempo para falar.

Ela concordou e permitiu-lhe empurrá-la para fora da porta. Ela se virou e correu pelo corredor. Somente antes de chegar ao salão principal, ela se lembrou que Stefano tinha sua calcinha. Ela correu de volta e abriu a porta. Ele tinha ido. Ela franziu a testa, olhando ao seu redor. A única coisa que viu foram as sombras dos edifícios da rua que entravam pelas janelas. Ela suspirou e balançou a cabeça enquanto voltava ao trabalho.



Capítulo Dezesseite

Os paparazzi foram implacáveis ao longo dos dias seguintes.

Francesca descobriu que ela não se importava em ter Emilio e Enzo entre ela e todos os outros. Os repórteres estavam por toda parte: Acampados no hotel, tentando obter um vislumbre dela, andando para cima e para baixo nas ruas, entrando em lojas para fazer o seu melhor em convencer os moradores locais a ajudá-los a obter uma imagem dela ou informações sobre ela. Ela era muito, muito grata pela relação dos Ferraro com as pessoas em sua vizinhança porque ninguém lhes deu nada.

Ela gostava do trabalho, especialmente antes do almoço ou a tarde porque ela nunca sabia quando Stefano ligaria ou mandaria uma mensagem para encontrá-la no banheiro dos funcionários. Ele era um homem interessante, criativo, muito sexual, e ele a fazia sentir como se fosse a mulher mais bonita do mundo. Ela pegava-se rindo mais. Relaxada. Feliz. Ela estava feliz.

Seus irmãos e irmã apareciam em seu apartamento com frequência. Eles treinavam juntos no grande salão de treinamento que Stefano tinha. Ela gostava de ver como eles brigavam pés e mãos em um borrão enquanto tentavam ser melhor que o outro. Todos eles eram muito rápidos e suaves, tanto que ela não podia realmente dizer com certeza qual dos irmãos ou mesmo Emmanuelle era melhor do que os outros.

Ela amava a camaradagem entre eles. Era evidente para ela que os irmãos vigiavam Emmanuelle, embora eles a considerassem tão boa quanto eles. Ela também percebia que eles não falavam sobre seus pais. Ela sabia que os pais de Stefano estavam vivos e trabalhavam na empresa da família, fosse lá qual fosse, mas eles nunca eram realmente mencionados. Era estranho quando os irmãos eram tão próximos.



Stefano era um homem que gostava de tocar. Quando estavam juntos, dentro do apartamento ou na rua, ele tinha as mãos sobre ela. Se estivessem a sós, ele iniciava o sexo. Ela não se importava. Sexo com Stefano era sempre incrível. Ela quase podia esquecer Barry Anthon e a ameaça que ele representava. *Quase*.

Ainda assim, ela estava inquieta, um pequeno sentimento persistia incomodando-a dizendo que seu mundo era perfeito demais, que tinha encontrado a felicidade e algo aconteceria para acabar com isso.

— Francesca. —Pietro a chamou. — Pare de sonhar acordada. É embaraçoso. —Ele jogou a cabeça para trás e riu da própria piada.

Ela olhou ao redor, encostada ao balcão, observando-o rir dela junto com seus clientes favoritos, Lúcia e Amo Fausti. Ela amava a boutique e as roupas que eles vendiam, bem como os outros tesouros que haviam adquirido por todo o mundo. Claro, ela não podia pagar por nada e aprendeu a não admirar muito de perto porquê de alguma forma isso chegaria a Stefano e ela teria o que quer que ela gostasse em sua cama quando chegasse do trabalho.

— Ha. *Ha*. Muito engraçado. Vou arruinar seu café, Amo. —ela ameaçou. — Eu vou acidentalmente colocar sal nele.

Amo estremeceu. — Isso seria maldade, Frankie, e você não tem um osso mau em seu corpo. Você é como minha bela Lúcia. —Esse foi o maior elogio que Amo poderia ter feito a ela. Adorava sua mulher, e Francesca queria abraçá-lo por tão grande louvor. Ele era a única pessoa que a chamava Frankie e ela gostava por que vinha dele. — Obrigado, Amo. Como Lúcia é incrível, eu vou simplesmente relaxar por um tempo.

— Enquanto você está relaxando, você poderia terminar esses sanduíches e pegar algo para o Sr. Ferraro comer ou beber? —perguntou Pietro.

Ricco encostou-se ao balcão, sensual, com o braço em torno de Lúcia, cutucando Amo com o cotovelo. — Eu não me importo em esperar, Pietro. Eu tenho a minha garota favorita aqui. Lúcia e eu estamos pensando em fugir juntos. Estamos discutindo para onde podemos ir.



— Você precisaria de uma vantagem grande. —disse Amo. — Eu tenho uma espingarda e iria atrás de você. Não posso viver sem a minha mulher. —Ele deu a volta em Ricco e puxou Lúcia para baixo de seu braço. — Eu teria que matar você, menino, e convencê-la de que ela não pode viver sem mim.

Ricco esfregou a testa com o polegar. — Eu não sei, Amo. Lúcia é extraordinária. Todos sabem disso. Espingarda ou não, eu poderia ter que lutar por ela. —Lúcia corou como uma colegial. — Meninos vocês são terríveis. O que o traz ao centro, Ricco? Eu não vejo você muitas vezes.

— Mantendo um olho em nossa menina. —disse Ricco dando os ombros. Mesmo o breve levantamento de ombros pareceu um poderoso movimento, fluido.

Francesca estudou-o enquanto fazia os sanduíches para os Faustis. Ele era muito bonito, tinha uma aura de poder e perigo, uma inebriante combinação, garantia para atrair qualquer mulher, mas como seus outros irmãos e irmã, ele não estava em um relacionamento. Ela sabia que Stefano estava preocupado com ele. De todos os irmãos, Ricco era o que parecia viver no limite máximo. Ele dirigia rápido demais, vivia a sua vida de forma um pouco imprudente, mas ele sempre era o primeiro a voltar para Stefano não importava o que acontecesse. Ela gostava dele, mas ela gostava de todos os irmãos de Stefano.

— Ricco, Emilio e Enzo estão por perto, —ela apontou suavemente. — Eu gosto de você me vigiando, mas estou bem.

— Os malditos repórteres estão rastejando para fora da toca. —Ele observou enquanto ela entregava os sanduíches para Lúcia e pegava o dinheiro de Amo. Quando o casal se retirou para as mesas do fundo da sala, Ricco se endireitou e indicou para Francesca sair de trás do balcão e se sentar em uma mesa com ele. Ele escolheu uma longe dos poucos clientes que comiam na deli.

Francesca se afundou na cadeira que ocupou e esperou até que ele trouxe o café que Pietro tinha feito para eles. — O que foi? Há algo de errado com



Stefano? —Ela não tinha percebido nada nele, mas agora que ele fez um esforço para ficar sozinho com ela, ficou assustada. Ricco não teria vindo se não fosse importante.

— Stefano está bem, *Cara*. Eu teria dito imediatamente se ele não estivesse. As coisas estão se aquecendo um pouco, e eu queria ter certeza de que estamos tomando precauções extras para protegê-la.

Seu estômago se revolveu e ela apertou a mão nele. — É Barry, não é? Você já ouviu falar dele.

Ele balançou sua cabeça. — Ainda não, mas nós o faremos. Histórias estão sendo escritas Francesca. Isso é o que acontece quando você se torna noiva de alguém como o meu irmão. Esses filhos da puta cavam fundo e escrevem qualquer merda que eles possam encontrar.

Ela ficou totalmente imóvel, o coração batendo forte, o sangue escorrendo de seu rosto, deixando-a artificialmente pálida. É claro que eles iriam encontrar todas as coisas terríveis sobre ela. Ela tinha estado em uma clínica psiquiátrica por setenta e duas horas. Ela tinha sido presa duas vezes. Houve tiros. Pior, eles iriam desenterrar o assassinato de sua irmã o que mais uma vez espirraría em todos os lugares, em todos os jornais e nas pequenas revistas que pareciam determinadas a arruinar a vida de todos. Ricco não estaria lá a menos que algo assim já tivesse sido impresso. Ela tinha medo de vomitar.

— Francesca, olhe para mim. — Sua voz era muito calma, mas ainda carregava um comando absoluto igual ao de Stefano.

Ela engoliu em seco e levantou seus cílios, obrigando-se a encontrar seus olhos. — Por que Stefano não veio me dizer?

— Ele não pôde sair. Ele estava em uma conferência com a filial de Nova York. Uma emergência que apareceu e ele teve que resolver. Você ficará bem, *Cara*. Não se preocupe.

Ela balançou a cabeça. — Você não estaria aqui, a menos que eles tivessem imprimido algo horrível. Eu não sei se sou forte o suficiente para



passar por isso novamente. — Barry faria seu povo alimentar o frenesi. Ele a faria perecer ser uma criminosa instável. Ela sabia que ele faria isso. Ele controlava a mídia quando precisava.

— Você é mais forte do que pensa, e não está sozinha neste momento. Você tem toda a família como suporte, e há meu irmão. Ele é ferozmente protetor com você. E, Francesca? — Ele estendeu a mão sobre a mesa e a colocou sobre a dela, acalmando-a. — Eu, meus irmãos e Emmanuelle também. As pessoas vão ler essa merda e mesmo aqui, na nossa vizinhança, alguns idiotas podem acreditar no que lerem, mas a maioria segue o nosso exemplo. Você mantenha a cabeça erguida e apenas sorria ou sacuda a cabeça como se você não pudesse ser incomodada com todo esse absurdo.

Ela respirou fundo e tentou acalmar os gritos em sua cabeça. Ela não tinha tido pesadelos desde que tinha ido dormir com Stefano, mas tinha medo que fosse começar de novo. Ela sentia como se tivesse acordado de um lindo sonho para encontrar-se em um filme de terror. Olhando ao redor da lanchonete, ela percebeu que estas pessoas, Pietro, os Faustis, todos os outros clientes de que ela gostava, iam ler coisas horríveis sobre ela. Eles não gostariam de acreditar em tudo, mas não teriam conhecimento suficiente da verdade para não olhar para ela de forma diferente.

— Não responda a nenhuma pergunta. Nós vamos deixar Emilio ou Enzo dentro da loja enquanto você trabalha. O outro estará lá fora na frente, assim que você será avisada se qualquer um dos paparazzi chegar perto da loja. Se isso acontecer, você vai para a parte de trás e deixa Pietro lidar com tudo.

Ela colocou as duas mãos no colo, enrolando seus dedos em punhos. Ela realmente, realmente gostava de Ricco, mas, ela precisava de Stefano. Sua primeira reação foi correr tão rápido e tão longe quanto possível da situação. Imagens dela estariam em toda parte. Ela não podia correr mais disso.

— Francesca, pare de olhar como se o mundo estivesse chegando ao fim.

— Ele está, — ela sussurrou, inclinando-se em direção a ele. — Você não tem ideia do que é ter pessoas acreditando em mentiras horríveis sobre você.



Ter que viver na rua, sem trabalho, sem dinheiro, sem saber quando vai ter outra refeição. Levaram tudo de mim, incluindo as pessoas que eu achava que eram meus amigos. Eles levaram a minha crença no sistema de justiça, mas acima de tudo, a minha sensação de segurança. Esqueci isso, até Stefano, como era se sentir segura. Você e eu sabemos, é da natureza humana a acreditar no pior.

Ela não percebeu que estava chorando até Ricco se deslocar para mais perto dela, jogar o braço em volta dos ombros e usar um lenço para enxugar suas lágrimas.

— Pare. — Ele quase rosnou o comando. — Você é uma Ferraro. Você nunca, nunca, *caralho*, os deixa ver que afetaram você. Mesmo aqui, Francesca, você mantém a cabeça erguida. Lembre-se de quem você é. Se você não pode fazer por si mesmo, faça isso por ele. Por Stefano. Eu sei que você o ama. Não estremeça. Não aja como se você não soubesse disso. Você pode não querer admitir para si mesmo ou para ele ainda, mas está lá. Eu posso ver isso em seu rosto e ouvir em sua voz. Nós temos dons e nós os usamos. É claro que eu iria verificar e ter a certeza de que você não queria só transar com ele. Ele está tão ligado em você que iria matá-lo.

A sinceridade na voz de Ricco correu por sua coluna. A pura honestidade. Ele acreditava que Stefano a amava. Precisava dela. E ele estava certo, por mais que ela estivesse com medo de admitir para si mesma ou para Stefano, ela estava totalmente apaixonada por ele.

— Stefano tem uma certa reputação, Francesca, e ele precisa ser respeitado. Isso é parte de como ele pode fazer o que faz. Você é a mulher dele. Você não pode permitir que alguém a derrube. Se eles conseguirem derrubar você, estão fazendo o mesmo com ele. Vocês são um casal. Isso significa que tudo o que acontece com você, acontece com ele. — Ele a soltou e se endireitou, os olhos na grande janela enquanto ele levantava a caneca de café e tomava um longo gole, lentamente.

Ela sabia que ele estava dando a ela uma chance de se recompor. Obrigou-se a sentar-se mais reto e tomar uma bebida de café também. Ela



nunca deixaria Stefano cair. Por ele, ela poderia resistir a qualquer tempestade. Se ele pudesse aceitar as coisas horríveis que diriam sobre ela, então ela também poderia. Ela sabia que os pesadelos iriam começar de novo, mas eles estariam na privacidade de sua casa, não em público.

A porta da deli foi aberta por um jovem em seus vinte e poucos anos, com cabelos longos, mau cuidados e óculos escuros que cobriam metade de seu rosto. Ele parou na porta quando viu Ricco, enrijeceu e, em seguida, tomou uma respiração profunda antes de entrar. Ele parecia ruim. Seu rosto estava inchado e coberto de contusões. Ele andava com cuidado, como se estivesse ferido. Ele mantinha seus braços perto de seu corpo para proteger a costela.

— Bruno. — Ricco cumprimentou, sentando-se para trás na cadeira. Relaxado. Casual. — Prazer em vê-lo em pé. Ouvi dizer que você teve um *pequeno* acidente. Está se sentindo melhor?

Imediatamente a atmosfera no deli mudou sutilmente. Havia uma sugestão de perigo, ainda que Francesca não pudesse ver ou ouvir qualquer razão pela qual devia se sentir assim.

O garoto balançou a cabeça várias vezes e se esgueirou mais perto do balcão.

— Sua avó está bem? — Ricco persistiu.

Francesca instantaneamente lembrou do nome de Bruno. Ela estava sentada na pizzeria com Stefano quando uma mulher, *Signora Theresa Vitale*, tinha chegado até a mesa e pediu a Stefano para ajudar com o seu neto rebelde, Bruno. Este tinha de ser o Bruno. É evidente que ele estava com problemas de algum tipo. Ele tinha estado em uma luta e parecia ter perdido.

Bruno balançou a cabeça novamente. — Sim. Sim, Sr. Ferraro, —ele se corrigiu, quando Ricco continuou a olhar para ele. — Ela está boa.

— Você está bem? Fique fora de problemas, porque você sabe, a vida pode ficar realmente difícil quando você é estúpido e esquece quem é a sua



família. *Famiglia* é tudo. Eu não quero que você esqueça isso. Nem por um momento. Poderia ter ... *Problemas*.

O menino realmente empalideceu. Ele continuou balançando a cabeça, até que Francesca temeu que ele pudesse realmente quebrar o pescoço. Ricco estava claramente dando um aviso e Bruno estava entendendo. Ela encontrou-se tremendo.

— Bruno. — Ricco disse que seu nome baixo — Quero ouvir a sua resposta. Alto. Você não vai esquecer a *famiglia*, certo? Você sabe que se precisar de um emprego, precisar de alguma coisa, sua família é aonde você vai. Não aos forasteiros. Sua avó o trouxe, criou-o bem, se sacrificou por você. Ela merece o maior respeito em todos os momentos. Estou certo?

O menino engoliu em seco. — Você está certo, Sr. Ferraro. Eu vou ao trabalho na próxima semana. Estou ainda um pouco dolorido de ... — Ele parou quando Ricco levantou uma sobrancelha, olhou ao redor e disse: — *Acidente*. Mas posso começar a trabalhar segunda-feira e eu vou levar meu salário para casa, para ajudar a Nonna.

Ricco enviou-lhe um pequeno sorriso. — Bom. Precisando de alguma coisa, você liga. Stefano lhe deu o número, certo?

Bruno estremeceu com o nome de Stefano, mas continuou balançando a cabeça. — Sim. Quero dizer, sim, Sr. Ferraro.

Ricco o dispensou, voltando-se para Francesca e inclinando-se para perto dela. O menino ficou sem jeito por um momento antes de se voltar para Pietro.

— Ele tem medo de você, — observou Francesca.

Ricco deu de ombros. — Não sei por que. Eu estou apenas sentado aqui com a mulher do meu irmão, dando-lhe alguns conselhos.

— Obrigado por isso, Ricco. Eu agradeço. Você me fez ver as coisas sob uma luz diferente. Eu provavelmente teria sido estúpida e corrido.



Seus olhos escureceram e outro arrepio passou por ela. Ricco Ferraro era tão assustador quanto seu irmão, talvez mais. Havia em seus olhos demônios que os de Stefano não tinham. Ela tinha a sensação de que algo terrível tinha acontecido com ele, algo que ele tinha enterrado, mas que ainda machucava. — Não, nunca mais faça isso, Francesca, — alertou. — Stefano iria atrás de você e não estaria sozinho. Todos nós o ajudaríamos a encontrá-la. Você é nossa, parte da nossa família e, assim como eu estava tentando dizer a Bruno, isso significa algo. Você não foge disso, pois fica difícil.

Ela assentiu com a cabeça, respirou fundo e tornou a mergulhar na cadeira. — Você pode falar comigo, Ricco. Eu sei que você não vai conversar com seus irmãos, mas eu quero que você saiba que pode falar comigo. O que aconteceu mesmo terrível, eu entenderia.

Ele se afastou. Imediatamente. Ela sabia que estava certa sobre Ricco e seu passado, mas ele não iria compartilhar. Em vez disso, ele deu o famoso sorriso Ferraro, aquele reservado para as máquinas fotográficas, entrevistas e estranhos.

— Obrigado, *Cara*, mas eu estou bem. — Ele se levantou abruptamente e empurrou a cadeira para trás. — Embora eu agradeça a oferta.

Ela forçou um pequeno aceno de cabeça e levantou-se, também. Era hora de voltar ao trabalho. A próxima onda de clientes estaria chegando muito em breve. O turno da tarde era sempre o mais difícil de acompanhar. A deli seria totalmente tomada, as mesas externas e todas as do interior. Gostava da mudança porque o tempo voava e era um desafio atender todos os pedidos, mas também era exaustivo.

Francesca foi capaz de conversar com a primeira onda de clientes, rindo um pouco com eles, observando de perto para ver se poderia detectar qualquer um que já tivesse lido as histórias sobre ela, mas até agora, Pietro e os clientes não pareciam ler as revistas de fofocas. Ao fim da tarde, ela estava começando a relaxar. A tarde estava quase no fim e nada tinha sido dito, sem sussurros invadindo a loja, nada de olhares estranhos. Ela estava começando



a pensar que iria escapar completamente hoje e ter tempo para preparar uma defesa.

Enzo de repente irrompeu pela porta da loja e apontou para ela. — Vá para a parte de trás, Francesca. Agora.

Pietro pegou-a pelos ombros, virando seu corpo com tudo, jogando-a para longe do balcão.

Não havia dúvida na urgência da voz de Enzo ou nas mãos de Pietro. Tirando seu avental, ela olhou as grandes janelas da loja. Na rua ela podia ver um frenesi de paparazzi na frente da deli. Alguém tinha finalmente a vendido. Ela se virou e correu pelo corredor até o quarto de descanso dos funcionários. Havia um monitor onde ela podia ver o que estava acontecendo. De pé ao lado da porta, ela olhou para o caos já reinante na frente da loja.

Paparazzis se empurravam para dentro e faziam perguntas a todos. Emilio veio por trás dela. — Fique bem aqui. Eu estou indo ajudar Enzo a jogar a bunda deles para fora. Não se mova.

— Eu não vou. — Ela não tinha a intenção de ser tão estúpida. Ela tinha lidado com tudo isso antes e tinha sido um dos piores momentos de sua vida.

Seu celular vibrou e ela puxou-o, ainda olhando para a tela. Emilio tinha entrado na multidão, tentando defender os clientes e Pietro e entrando em brigas com os fotógrafos desesperados para obter fotografias que iriam dar-lhes dinheiro.

— *Bambina.* — A voz de Stefano era uma tábua de salvação. — *Emilio disse que você está sob cerco.* — Tão calma. A voz forte. Um tom baixo e sexy que acalmava ao mesmo tempo que assumia o comando.

— *Você poderia dizer isso. Eu não acho que Pietro vá querer que eu trabalhe mais aqui. Que bagunça.*

— *Não é que ele não vá querer você aí, Francesca é questão de sua segurança. Ele já se afeioou a você e não quer que nada aconteça com você.*



— Eu espero não estar ouvindo uma satisfação presunçosa em sua voz. Acontece que eu sei que você não quer que eu trabalhe. Você não projetou de alguma forma essa invasão a loja, não é? —Ela tentou fazer uma piada quando realmente queria chorar.

— *Dolce cuore*, eu nunca iria enviar uma horda de paparazzi sobre você, mesmo que para obter o que quero, e eu sou implacável. —Sua voz se tornou sombria. — No entanto, vou descobrir quem fez. E você usou a palavra *presunçosa*? Eu não posso imaginar que alguém pense que eu sou *presunçoso*.

Ela riu suavemente e estremeceu um pouco quando Emilio, Enzo e Tito da pizzaria tiraram à força um homem corpulento. Quando ele cambaleou para trás na calçada, Agnese Moretti bateu na cabeça e ombros dele com sua bolsa. Ela parecia estar dando-lhe uma palestra enquanto o atacava.

Uma mão pesada caiu sobre seu ombro, os dedos afundando e ela foi puxada para trás, para fora da sala de descanso dos funcionários. Ela emitiu um assustado grito antes que a mão passasse de seu ombro para sua boca.

— Cale a boca, sua puta. Você está vindo comigo. —Uma faca cortou sua pele logo abaixo de sua garganta, sobre o local onde o colar de mordidas que Stefano lhe dera tinha quase desaparecido.

Ela não tinha escolha, só se mover para trás, perdendo o equilíbrio quando o intruso a arrastou pelo curto corredor para a saída de trás. Ela manteve o telefone na mão, esperando que Stefano pudesse ouvir cada palavra.

— Quem é você? O que você quer? —Perguntou-lhe mais pelo amor a Stefano do que a ela própria. Ela não se importava com quem ele era ou o que ele queria. A lâmina da faca cortou-a de novo, uma segunda laceração rasa. Ela sentiu o gotejar de sangue em sua pele na curva de seus seios.

— Eu sou um homem inteligente o bastante para levá-la para fora debaixo dos narizes da porra dos Ferraro. Uns poucos paparazzis descobrem onde você está e seus guarda-costas idiotas na pressa de levá-los para fora da loja e deixam você desprotegida.



— Diga-me o que você quer. —Ele arrastava-a para a rua agora. Francesca tremeu e, em seguida, deixou escapar um gritinho quando ele cortou sua pele novamente. — Pare de me cortar com a faca. Diga-me o que você quer.

— Eu quero saber onde meus amigos estão, é o que eu quero de você, cadela. Correu para o seu namorado, lamentando-se sobre um pequeno arranhão que eles colocaram em seu pescoço, e eles desaparecem. Onde diabos estão eles?

Ele a sacudiu, e desta vez o corte foi profundo e um pouco mais baixo, na curva superior de sua mama esquerda. Ela poderia dizer que era rasa provavelmente, um acidente, mas queimava como o inferno.

— Eu não sei de quem você está falando. —Mas ela tinha certeza que sabia.

— Eles assaltaram você e Emilio e Enzo os levaram. Ninguém os viu desde então e os Ferraro estão procurando por mim. —Ele abriu a porta de uma van velha e tentou empurrá-la para dentro. A fim de empurrá-la, ele teve que afastar a faca.

Francesca não ia entrar na van. Ela estava certa de que ele a mataria apenas para fazer um ponto em Stefano. Ela se virou para ele, balançando o punho. Ele resmungou, deu dois passos para trás e a chutou no estômago.

Francesca dobrou ao meio e viu-se sentada no chão. Ela tentou rolar, para levantar antes que ele pudesse vir novamente, mas ele estava enfurecido e estendeu a mão para agarrar seu cabelo.

— Eu vou cortar sua garganta. —ele rosnou, e a faca veio direta para sua garganta exposta quando ele puxou cabeça para trás.

Stefano apareceu por trás dele, um vulto escuro, sombrio que ela quase não conseguiu distinguir. Ele pareceu emergir do nada, da mais escura das sombras, chegando bem atrás de seu agressor e capturando a cabeça dele na dobra de seu braço, uma mão na parte de trás do crânio, forçando a cabeça para a frente.



O homem deixou cair a faca sem forças e caiu nos braços de Stefano. Stefano deixou-o cair como um pedaço de lixo no chão, sem sequer chutar a faca para fora de alcance. Ele pegou Francesca em seus braços, quando seus irmãos e Emmanuelle emergiram das sombras.

— Ela está sangrando. — Emmanuelle anunciou desnecessariamente. — Quão ruim é Stefano? Será que ela precisa de uma ambulância? Um médico?

Francesca sacudiu a cabeça. — Estou bem. Sério. Apenas com medo.

Emmanuelle ignorou a afirmação, claramente olhando para Stefano esperando instruções. Os irmãos formaram um círculo protetor em volta dela, enquanto Stefano inspecionava-a por danos.

— Ela tem vários cortes rasos, não deve precisar de pontos, mas o vi chutá-la. Ela vai ter um hematoma feio.

— Quem é ele? — Perguntou Francesca.

— Mais tarde, *amore*, — disse ele, com a voz entrecortada. — Nós temos que fazer o controle de danos.

— Leve-a para casa, — Ricco aconselhou. — Nós vamos fazer a limpeza e chamá-lo quando estiver feito.

Francesca não gostava do som daquilo, muito consciente de que o homem tinha dito que seus amigos tinham sido aqueles que tentaram roubá-la e que eles desapareceram. A última vez que ela os tinha visto, Emilio e Enzo estavam colocando-os em um carro e levando-os para algum lugar.

— Stefano. — ela tentou novamente.

Ele simplesmente puxou-a para seus braços, balançando-a para embalá-la, dando ordens. Um carro parou o homem dirigindo ela já tinha visto, mas não reconhecia. Era evidente que ele era familiar aos Ferraro, outro primo ela estava certa. Ele tinha que ser um dos guarda-costas que tinham tomado o lugar de Emilio.

Stefano levou-a para o carro, Ricco adiantou-se, abriu a porta do banco de trás e Stefano deslizou para dentro, mantendo Francesca em seus braços.



A porta se fechou e o carro estava em movimento. Stefano colocou o queixo no topo de sua cabeça. — Isso me assustou como inferno. Ouvi-lo ameaçando-a. Seu grito. Eu acho que perdi trinta anos da minha vida.

Ela fechou os olhos e caiu contra seu peito. — Ele parecia pensar que você tinha algo a ver com o desaparecimento de seus amigos. Você não tem, não é, Stefano? — Ela não abriu os olhos, mas ouviu, porque era muito importante para ela ouvir sua voz, para ouvir uma verdade ou uma mentira.

— Eu sei que eles não estão mais vivos. — admitiu ele com cuidado. — Mas eu não os matei.

Isso era estritamente a verdade, mas só a admissão foi o suficiente para acelerar o seu coração. Tentou empurrar para longe o pensamento que Stefano e sua família faziam parte do crime organizado, mas não importa o que ela fizesse, ela não poderia evitar. Havia muitas coincidências, no que lhe dizia respeito. Ela tentou sair de seu colo, mas os braços de Stefano se apertaram ao redor dela.

— Quieta, *dolce cuore*. Vamos falar sobre isso em casa.

— Stefano ... — O que ela iria dizer? Ela não podia deixá-lo. O pensamento de ficar sem ele a fazia doente. Ela não iria sobreviver. De alguma forma, e ela ainda não tinha determinado quando tinha acontecido, ela caiu duro e rápido. Ela estava tão envolvida que mesmo sabendo que ele era um criminoso, ela poderia não ser forte o suficiente para se afastar dele.

Ele aninhou seu pescoço. — Vamos para casa, limpá-la e eu vou fazer o jantar para nós enquanto você descansa. Depois, quando você estiver se sentindo melhor, vamos esclarecer tudo.

Ela ouviu o anel de verdade nisso também. Ele não estava evitando conversar com ela. Ele só queria que ela estivesse quente, segura e confortável. Isso ajudou a aliviar sua mente. Certamente, se ele fosse um criminoso, estaria muito mais hesitante em falar sobre os assaltantes e como ele sabia que eles estavam mortos.

— O que vai acontecer com esse homem? A pessoa que me atacou?



O silêncio encheu o carro. O ar ficou muito pesado com a raiva. Calor vibrava no ar, e outra vez, o temor a encheu. Stefano não respondeu e ela não perguntou novamente. O carro parou na entrada privada ao lado do hotel, no que parecia ser somente uma porta de funcionários, mas só a família tinha o código. O guarda-costas saiu primeiro, deu um olhar cuidadoso ao redor, abriu a porta e fez sinal para Stefano.

Stefano recusou-se a colocá-la no chão, mesmo no elevador privado ou quando chegaram ao apartamento. Ele levou-a até o quarto principal e colocou-a na cama, antes de ir buscar panos quentes e um kit de primeiros socorros. Francesca detestava o quanto se sentia segura com ele. A aparência suave e amorosa em seu rosto. O toque dele quando limpou as lacerações superficiais. Não havia nenhuma dúvida em sua mente de que ele se importava com ela. Ela era importante para ele, talvez demasiado importante.

— Você vai matá-lo, Stefano? — Francesca tinha que perguntar. Ela já sabia a resposta, mas tinha que perguntar. Ela tinha olhado para o rosto dele, ali mesmo, quando ele tinha seu braço em volta do pescoço de seu agressor e ela sabia que ele era capaz de matar aquele homem. Seus olhos tinham estado planos e frios. Como gelo.

— Ele vai morrer, mas não vou ser eu a matá-lo. — Não havia inflexão em sua voz. Nenhuma. — Eu nunca vou mentir para você, Francesca. Você vai ser minha esposa. Eu não vou fazer isso com você, mas se você for me fazer perguntas esteja absolutamente certa de que você *quer e pode* viver com as respostas.

— E se eu não puder viver com as respostas? — Ela perguntou em voz baixa. Ela ouviu o tremor. Ela estava assustada. Não com Stefano, mas do que ele era. Do que ele poderia dizer e ela perdê-lo. Ela não podia perdê-lo.

— Então não pergunte até que você possa. — Suas mãos foram para a blusa. Ele puxou-a pela cabeça e jogou-a longe dele. Ela estava coberta de sangue e ele, obviamente, não sentia necessidade de tentar salvá-la. O sutiã



foi o próximo e, em seguida, ele estava examinando o corte em seu seio esquerdo.

— Fudido. —ele sussurrou, e se inclinou para dar o mais leve dos beijos em toda a laceração. — Eu não entendo como um homem pode fazer esse tipo de coisa a uma mulher ou a uma criança. O que há de errado com eles, Francesca?

Ela não podia deixar de puxar a cabeça dele para ela. Ele parecia cansado. Triste. — Isto não é apenas por mim, Stefano. Me diga o que está errado.

— É o trabalho, *bambina*. Às vezes eu vejo e ouço coisas terríveis, e eu simplesmente não consigo compreender. Isso funciona embora.

— Entendi. Você não tem que ser específico, mas precisa falar comigo sobre isso. Talvez *você* deva ir relaxar e eu vou preparar o jantar.

Ele levantou a cabeça, seus olhos azuis encontrando os dela. — Você faria isso por mim depois de ser atacada, não é? Você pensaria em mim, não em si mesmo. —Havia maravilha em sua voz. Admiração. Respeito. Principalmente, ela ouviu o que soou suspeitamente como amor. Seu coração acelerou, porque sim, ele parecia cansado e chateado e ela raramente o via assim. Ela duvidava que alguém já tivesse.

— Recebi um relatório hoje sobre uma jovem. Uma adolescente, de dezessete anos. Ela perdeu a mãe a dois anos e foi levada para os tios adotivos cuidarem dela. Infelizmente, os três tios estão envolvidos em uma gangue muito violenta. A mãe se casou com o irmão deles, e viveram longe do grupo, mas ninguém levou isso em consideração quando colocaram a menina com os tios. Ela não os conhecia, ela não os amava e agora ela está em uma situação terrível.

— Aos dezessete anos, ela não pode pedir para ser removida? — Francesca perguntou cuidadosamente.

Stefano passou seus dedos sobre os seios, sua barriga e sua calça jeans. Ele cuidadosamente a puxou até que ela ficou entre suas coxas. Ele abriu o



zíper do jeans e puxou-os de seus quadris, levando suas calcinhas rendadas com eles.

— Uma assistente social tentou. A menina estava sendo abusada em todos os sentidos. *Sexualmente. Fisicamente. Emocionalmente.* Ela não foi retirada da casa e sua turma ameaçou a assistente social e sua família. Ela prometeu a adolescente que iria tirá-la de lá, e não podia seguir adiante, não sem arriscar a vida de seu marido e filhos.

— A polícia ...

— Não é possível impedir os membros da gangue de chegar a assistente social e sua família. Então ela pediu ajuda de nossa família. — Ele guiou-a de volta a cama. — Deite-se, *dolce cuore*. Quero verificar seu estômago. Eu preciso ter certeza de que não há qualquer dano interno.

— Você vai ser capaz de ajudá-la? — Francesca se estendeu. Ela tinha estado nua em torno dele por uma semana agora, no entanto, ela se sentia tímida.

— Espero que sim. Veremos. Eu só não entendo essa mentalidade. Eu posso entender pertencer a uma gangue. Eu não posso entender abusar de uma mulher dessa maneira. Especialmente quando ela é sua família. Eu só não consigo resolver isso em minha cabeça.

Seus dedos sondaram todo seu estômago. Ela estremeceu algumas vezes, mas, surpreendentemente, não doeu muito profundamente.

— Você vai ter uma contusão ou duas, mas felizmente, ele não conseguiu causar qualquer dano real. Eu vou preparar-lhe um banho quente e você pode aproveitar enquanto eu faço o jantar.

Ela pegou sua mão. — Vamos tomar um banho, Stefano, e então nós podemos compartilhar o jantar. Você disse que não é bom, mas, querido, eu sou. Eu gosto de cozinhar. Você tem uma grande cozinha. Você teve um dia difícil, também. Eu prefiro compartilhar o banho e jantar.



Ele olhou para ela por um longo tempo. Assim por muito tempo ela pensou que ele não iria responder. A expressão em seu rosto era difícil de ler. Finalmente, ele escovou os cabelos com os dedos suaves e sacudiu a cabeça.

— Eu estou tão apaixonado por você, Francesca. Você me dá tantos milagres e você não tem um indício de que faz. Ninguém cuida de mim. Ninguém. Não quando eu era um menino e certamente não agora. Eu acho que você é a mulher mais bonita que eu já vi. Eu amo o som da sua risada e seu sorriso acende um quarto. Eu a vi com as pessoas do bairro e você é tão gentil com todos. Todos eles gravitam em direção a você, e você trata cada um deles com genuíno interesse e carinho. Eu acho que isso é suficiente motivo para te amar, mas aí você faz mais. —Ele balançou a cabeça.

Francesca não estava certa de como responder. Ele parecia abalado e ela realmente não entendia o que tinha feito. — Querido, você é tão importante para mim como eu sou para você. Eu quero cuidar de você. Não, isso não está certo. *Eu preciso cuidar de você.* Você é importante, Stefano. —Ela sentou-se e estendeu a mão para ele.

Ele olhou para a mão dela por um longo tempo. — Você me fez um par de perguntas assustadoras, Francesca. Eu dei-lhe um par de respostas assustadoras. Você não vacilou, mas eu vi nos seus olhos que você pensou que talvez não fosse ser capaz de viver com essas respostas. Eu não estou completamente certo de que eu poderia dar-lhe agora, mas eu tentaria se você precisar me deixar. Eu não posso me afastar do que eu faço, é muito importante. Mas você deve ter uma escolha, portanto, vou tentar ser um homem melhor e dar isso a você. A oferta vale uma única vez.

Ela podia ver que o matou fazer essa oferta. Matou-o. Ela manteve a mão estendida em direção ele. — Eu não poderia deixá-lo mesmo que eu quisesse. Eu não sei como iria sobreviver sem você.

Ele olhou para ela por mais um batimento cardíaco e, em seguida, ignorou a mão e levou-a de volta para a cama. Passou muito tempo antes que eles tivessem seu banho ou comida.



Capítulo Dezoito

Francesca acordou com o coração acelerado, a boca seca, e o gosto de sangue na boca. Sua língua encontrou o pequeno rasgo nos lábios onde ela mordeu para não gritar como queria. Imediatamente ela sentiu os braços dele. Sua coxa entre as dela. Seu corpo enrolado em torno dela, mantendo-a segura. *Stefano*. Ela puxou a respiração e levou o cheiro dele até seus pulmões.

— *Bambina*.

Sua voz era suave. Calorosa. Tão suave que virou seu coração. Uma de suas coisas favoritas com ele era apenas deitar na cama e ouvi-lo falar, especialmente sobre o bairro e as pessoas. A afeição em sua voz sempre era gritante e real. Ela amava especialmente estes momentos no escuro, rodeada por seu corpo, protegida, e a voz dele deslizando sobre ela como o toque de seus dedos. Fazendo um carinho. Calmante. Afastando os restos de seus pesadelos.

Stefano sempre era gentil com ela no meio da noite, quando ela acordava, a boca suave contra sua pele, suas necessidades em cheque, enquanto ele a consolava.

— O que foi isso?

— Ele está vindo por mim. — Seu coração ainda batia rápido. Seu estômago estava enjoado. Ela sabia que não havia maneira de Barry Anthon ter perdido a notícia de que Francesca Capello estava para se casar com Stefano Ferraro. O anúncio estava em todas as notícias. Nas revistas. Televisão. O agente de Stefano tratou de tudo e deu algumas informações que foram se espalhando.



— Essa é a ideia, *dolce cuore*. Queremos que ele venha até nós. O queremos fora de sua vida de uma vez por todas. Isso significa descobri-lo. Deixá-lo cometer um erro.

— Você não pode subestimá-lo, Stefano. — alertou um calafrio rastejando por sua espinha.

Ele acariciou sua caixa torácica com as pontas dos dedos. Traçou seu nome, escorregando até que ele terminasse na parte de baixo de seus seios. Ele mandou pequenas faíscas de eletricidade com suaves toques sem pressa. Sua mão se moveu de volta a sua caixa torácica e ele a puxou até que ela rolou de costas.

Ele beijou as marcas em sua garganta e sobre o peito, beijos leves para remover todos os vestígios da picada da faca.

O coração de Francesca puxou com força em seu peito com a visão do rosto tão perto dela. Deus, ele era lindo. Impossível de resistir. — Eu caí tão duro por você, Stefano, — ela sussurrou. — Por favor, seja real. Por favor, não me machuque. Eu acho que não iria sobreviver. — A admissão saiu antes que ela pudesse detê-la.

Ela sabia o que estava revelando a ele. Os frágeis sentimentos que ela não podia evitar. Stefano era maior que a vida. Um retrocesso há uma era passada quando os homens eram ferozmente protetores das mulheres e crianças. Onde ter um código significava algo. Dar sua palavra e mantê-la era uma questão de honra.

Seus olhos azuis queimaram como chamas gêmeas, levando sua respiração. Tão intensos. Desejo queimando. Fome e posse estampada nas linhas sensuais de seu rosto. — Não existe nada mais real do que o que eu sinto por você, Francesca, — ele disse suavemente. Sua mão se moveu de sua garganta até a junção de suas pernas, seu toque suave, sem pressa, ao contrário de sua habitual posse áspera, selvagem. — O que temos juntos. Isso me preenche, *bella*, até que eu estou quase estourando. Eu sempre fui vazio, e agora você me faz completo. Não há como voltar a ser só.



Stefano moveu seu corpo, rolando até que sua grossa ereção, pesada, se acomodasse no berço de seus quadris. Um joelho empurrou as pernas dela. Uma mão agarrou sua perna esquerda, dobrou-a e colocou-a em torno dele, abrindo-a para ele. Cada ordem silenciosa era gentil. Insistente, mas suave.

Seu coração saltou e, em seguida, começou a martelar, cada batida um trovão em seus ouvidos, correndo através dela veias e batendo em seu clitóris. Ela passou as mãos pelo peito dele. Ela adorava a maneira como seus músculos eram definidos, a forma como eles ondulavam sugestivamente sob sua pele quando se movia. Como um tigre. Ela estremeceu. Só o tocá-lo enviou uma onda de calor através de seu corpo e um líquido úmido fez seu liso corpo com boas-vindas.

— Não há como ficar sem você, Francesca. Aconteça o que acontecer, vamos enfrentar juntos. — Ele inclinou a cabeça e beijou-lhe o queixo. Mordiscou o caminho sob o queixo em sua garganta. Ele pontuou cada beijo com uma mordida. Cada mordida fez seus quadris remexerem em necessidade. Esta era uma queimação lenta, e não o incêndio fora de controle que ele criava. A queimadura tomou-a, célula por célula, estabelecendo-se antes que ela tivesse plena consciência do que estava acontecendo.

— Eu me reservo o direito de protegê-lo, Stefano.

Seu olhar se moveu sobre o rosto dela, fundindo-a com as chamas azuis gêmeas. — Eu amo como você realmente acredita que eu preciso de proteção e que você esteja tão disposta a tentar. — Ele inclinou a cabeça em seu peito, seu cabelo escuro sobre a pele nua dela. — A cada momento que eu estou com você, *bambina*, eu caio mais duro. É difícil para eu acreditar que você é real. Você não é a única um pouco aterrorizada.

Sua boca a fez se contorcer. Perder o fôlego. Ele sabia exatamente o que estava fazendo com ela, aumentando a combustão lenta para uma queimação forte. As mãos se moveram sobre sua pele. Possessivas. Amorosas. Suaves. Um carinho que trouxe lágrimas a seus olhos. Sua admissão tocou com a verdade e isso trouxe um nó na garganta. *Seu Stefano.*



Ele beijou o corpo dela, mantendo um ritmo lento, sem pressa, mas que era mais intenso do que ela pensou ser possível. Era como se ele estivesse adorando-a. Mostrando com a boca e as mãos o quanto ele a amava.

Stefano levou seu tempo, saboreando o gosto e a textura de Francesca. Era impossível colocar em palavras o que ele sentia por ela. Ele não tinha ideia do que poderia sentir por uma mulher cada vez que a tocava. Inferno. Essa não era exatamente a verdade. Acontecia cada vez que pensava nela, o que era cada minuto todo dia. Ela estava se tornando rapidamente a sua obsessão.

Ele não podia esperar para estar nela. Casa. Isso era o que ela era para ele. A mulher que o viu. Ele beijou seu caminho até a parte interna da coxa, sentindo-a tremer. Ele amava sua reação toda vez que ele a tocava. A seda da pele. O calor. Ele sabia que não deveria estar feliz por todas as mulheres que teve antes dela. Ele não conseguia lembrá-las e elas se tornaram insignificantes, mas ele estava grato pela experiência, por ser capaz de dar a sua mulher tanto prazer.

Os gemidos suaves soavam como música para ele. Ele esperou o engate sem fôlego em sua voz antes de baixar a cabeça novamente e se aninhar naquele doce tesouro entre as pernas dela. Os quadris empurraram e ele a prendeu, forçando suas coxas mais abertas enquanto inalava seu aroma.

Ela era uma sereia chamando por ele. Seu olhar deslizou por seu corpo, bebendo dela, devorando-a. Poderia uma mulher ser mais bonita, preparada para ele, seu corpo molhado, os seios balançando com cada ondulação e movimento que ela fazia? Seu cabelo estava em toda parte, assim como ele amava, aquela nuvem de seda escura parecia como o céu contra a sua pele. Ele sonhava com o cabelo dela deslizando sobre ele enquanto ele a fodia lentamente. Rápido. De qualquer forma que quisesse.

— A quem você pertence, *bambina*? — Ele lambeu as gotas perfumadas de mel de laranja e canela que derramavam dela. Tudo para ele. Cada pedaço, apenas para ele. Ela não sabia ainda. Ela ainda estava desconfiada do relacionamento, não confiava em qualquer coisa que acontecesse tão



rápido. Sabendo que sua família era muito mais do que ele estava dizendo a ela. Ainda assim, ela estava lá. Com ele. Comprometendo-se com ele, apesar de seu medo.

Ele precisava dela para seguir. Para ajudá-lo, ela não podia ir embora. Ele queria que suas sombras se fundissem, uma coisa perigosa para se fazer se ela não fosse totalmente dele. Era um risco que ele sabia que poderia fazê-lo perder tudo. Ele ia se tornar uma sombra, não mais um cavaleiro, algo que ele nasceu para fazer. Todos os dias eles estariam juntos assim, tão íntimos, suas sombras ligadas, começando a vedação entre eles.

— Responda-me, Francesca. — Ele usou sua voz de veludo. Aquela que ninguém nunca ousou desobedecer. Comandando. — A quem você pertence? — Ele enfiou a língua profundamente, porque não podia resistir ao perfume mais um momento. As mãos em seus quadris, nas coxas. Deslizando sobre os cachos escuros no vale entre as pernas dela. Possessivo. Ele sabia exatamente a quem ela pertencia.

— *Stefano.*

Ela disse seu nome em um suspiro, suas mãos encontrando o cabelo dele, agarrando, puxando. Ele amava a mordida de dor. Seu pênis, também.

— Eu pertenço a você.

Quatro palavras bonitas. Ele acrescentou um dedo em sua entrada apertada e os músculos se contraíram em torno dele, o banhando em um líquido quente. Ele se maravilhou de que ela poderia levá-lo. Ela sempre foi muito apertada, mas ela era perfeita para ele.

— Isso é certo, Francesca. Você é minha. — Porque ele não podia viver sem ela. Ele nunca mais poderia voltar para uma de suas casas sem ela nela.

Ele subiu por seu corpo, mantendo suas coxas largas, dobrando uma perna no joelho para curvá-la ao redor de seu corpo, querendo que ela o trancasse com força. Ele fez o mesmo com a outra perna, de modo que seu corpo embalou o dele e suas pernas rodearam suas coxas, os tornozelos cruzados para prendê-lo para ela.



Ele afastou os cabelos, e tomou sua boca novamente. Ele nunca seria capaz de resistir aquela boca. Ele amava tudo sobre ela. A maciez, como veludo. Os lábios carnudos. O sorriso que tomava sua respiração todas as vezes. Ela tinha a mais bonita covinha, mal lá, que entrava e saía quando ela sorria. O sabor requintado. Viciante.

Ele beijou o seu caminho até o queixo e deu uma pequena mordida. Sentiu o corpo estremecer em reação debaixo do seu. Seu pescoço estava próximo. Ele adorava a maneira como ela se arqueava, dando-lhe acesso, mesmo quando ele mordia um pouco mais duro. Era impossível não cravar os dentes nela. Ela era perfeita. Demais. Dele. Tudo o que ele podia imaginar querer em uma mulher e muito mais.

As mãos acariciaram suas costas, as unhas se enterraram profundamente em seus ombros. Seu pênis sacudiu, suas bolas se apertaram. Ela era perfeita. Perfeita, *porra*. Ele adorava os seios, tomando seu tempo, mesmo quando ela tentava se empalar sobre ele. Ele adorava isso. Adorava a forma como ela precisava dele. Seus olhos tinham o olhar vítreo que ele tinha fome de ver. O olhar que dizia que ela estava tão longe que ele podia fazer qualquer coisa com ela que ela deixaria, porque estava tão selvagem por ele como ele por ela.

Ele elevou as pernas mais alto, de modo que elas se enrolaram na cintura, expondo o centro macio dela. Uma flor. Ele colocou a cabeça de seu pau ali, sentindo o calor. Tão liso em boas-vindas. Ele adorava isso também. Como ela ficava molhada para ele. Como o corpo dela respondia a ele. Ela era tudo. Quando um homem não teve nada em toda sua maldita vida, não duvidava da coisa real quando ela entrava inesperadamente em seu mundo.

Ele empurrou lentamente dentro dela. Polegada por polegada no calor escaldante. Vendo como ela o levava para dentro. Observando como o corpo dela engolia o seu. Era bonito. Uma perfeição do caralho. Seu olhar sobre o dela, ele enfiou os dedos nos dela e apertou suas mãos unidas contra o colchão.



Ele nunca tinha sentido nada tão intenso como naquele momento. O aperto da buceta estrangulando seu pau, um torno de seda, o canal tão quente e apertado que tirava o fôlego. Moveu-se lentamente. Ele não queria. Ele queria foder com ela duro, mas naquele momento, não podia. Ele estava impotente, preso em seu corpo. Hipnotizado por sua beleza, pela beleza do corpo dela e o que ele poderia fazer ao seu. Hipnotizado pelo coração dela, o coração que lhe pertencia.

Ele se viu hipnotizado pelos pequenos ruídos que Francesca fazia com a garganta sempre que ficava selvagem. A forma como seus olhos escureciam quando a luxúria a alcançava. Ele estava ciente de cada detalhe, cada movimento. A maneira como ela inclinava sua pélvis para levá-lo mais profundo. A maneira como ela se levantava ao encontro dele, igualando seu ritmo. Aceitando qualquer ritmo que ele estabelecesse. Duro. Lento. Suave. Rápido. Ela se dava completamente sob sua guarda.

— É isso mesmo, *dolce cuore*, — ele sussurrou, sentindo o clímax se construir nela, enrolando e queimando. Ela estava perto. O engate em sua respiração, a necessidade carnal gravada em seu rosto. Tão bonita. Toda dele. — Me dê agora. — Ele empurrou o comando em sua voz, querendo sentir o pulsar de seu corpo, o aperto ordenhando-o. O calor e o atrito dela rodeando-o. Ele ainda não estava pronto para deixá-la assumir o limite. Ele queria mais. Muito, muito mais.

Ela engasgou quando o clímax chegou o olhar nunca oscilando do seu. Seus olhos se abriram em um tipo de choque atordoado e seu corpo estremeceu e ondulou com um poderoso orgasmo. Ele continuou se movendo dentro dela, pegando o ritmo, batendo através de seu clímax, prolongando-o.

Ele não se conteve. Ele foi mais fundo, levantando os quadris dela para ele, os dedos cavando em seu pequeno perfeito traseiro em forma de coração. Fodendo-a com força. Muito duro. Ela pertencia a ele. Cada polegada dela. Seus orgasmos pertenciam a ele. Suas dobras de seda, tão apertadas que ele achava que poderia não sobreviver cada vez que ela o rodeava lhe pertencia. Ele se enterrou nela uma e outra vez. Levando ela. Possuindo ela.



Saboreando-a. Seu perfume. A sensação dela. Dio. Seu gosto, tão requintado que ele era viciado e acordou cada manhã com ela na sua língua.

Ele envolveu seu cabelo com o punho, só porque ele, *porra*, era dono de seu cabelo também. Ela deixou, mesmo quando ele empurrou, puxando forte, virando a cabeça para obrigá-la a continuar a olhar seu rosto. Ele se deleitava com a visão dela debaixo dele, preso ali, incapaz de se mover, suas pernas enroladas em torno de sua cintura, prendendo-as enquanto ele a montava com força.

Ele pertencia aquele lugar dentro dela. Ela era ... Sua casa. *Sua Casa*. Casa não era um lugar com quatro paredes. Era, uma buceta apertada esquentante, macia, feita de seda. Eram os olhos azuis em que ele pudesse se afogar. Eram a pele macia e uma boca ávida, mãos que acariciavam, com profunda paixão. Ela era sua casa. *Francesca*.

Ele estava perto, muito perto do fim de seu controle. Ele sentiu o calor deslizando por sua coluna vertebral. Suas coxas. Suas bolas apertando. Ela estava linda, seu corpo inteiro corado, a boca aberta, ofegante, cantando um canto áspero, uma chamada ofegante do seu nome. — Minha. — Ele quase cuspiu a palavra. Dizendo a ela. Querendo essa palavra marcada em seus ossos. Querendo seu nome gravado no fundo de sua alma. *Ela. Era. Sua. Seu tudo*.

Seus músculos se apertaram, apertando novamente, aquele torno ardente que ele nunca iria se acostumar, aquele que se sentiu tão foddidamente bom. Paraíso. Dor e prazer requintados unidos em perfeita harmonia. Forçando sua explosão de modo que seu corpo inteiro parecia se despedaçar. Ordenando-o seco.

— Francesca. — Ele respirou seu nome em reverência. Sua mulher. Ele esperava que ela sentisse o que ele estava tentando mostrar com seu corpo. Amor não era a palavra certa, não quando ela era tudo. Não quando era tão intenso.

Ela acariciou seus cabelos, seus olhos sonolentos. Saciada. Olhar fixamente nos olhos dela o sacudiu porque ele se viu afogando em seu olhar



azul, experimentando a emoção mais poderosa que ele já sentiu. Ela sacudiu as fundações de seu mundo.

Ele se permitiu cair sobre ela, enterrando seu rosto contra seu pescoço. Ele se aninhou lá. Beijou-a. Abaixou-se o mais suavemente que pôde, sentindo seu corpo tremer e tremer ao redor dele enquanto deslizava para dentro dela mais e mais. Lento novamente. Trazendo os dois para baixo daquela corrida emocionante.

Quando ele finalmente encontrou forças para se retirar, rolou para o lado, de costas, enrolando o seu corpo em torno dela.

— Eu tenho que me limpar.

— Não. —Ele fez uma ordem. —Esta noite você dorme comigo dentro de você. —Ele tinha um desejo primitivo de possuir seu corpo a noite toda. Ele esperou que ela protestasse. Que mulher não protestaria? Sua semente correria por suas coxas. Fazendo uma bagunça pegajosa. Ela tinha todo o direito de protestar. Ele fechou os olhos e pressionou a testa na parte de trás da cabeça, na luxuosa massa de cabelos escuros. Esperando.

Francesca riu suavemente, e o som provocou cada um de seus sentidos. Fez dele indescritivelmente feliz. Ele levantou a cabeça porque tinha que vê-la. Uma mão moveu o manto de cabelo, expondo a inclinação de sua boca. Essa doce e doce curva.

— Você é uma espécie de homem das cavernas, às vezes, Stefano. Mas é sexy. Realmente, *realmente* sexy.

A voz dela correu como dedos sobre sua barriga, fazendo seu pênis ficar semiduro quando ele tinha acabado de se sentir saciado. Ela poderia fazê-lo insaciável. Ela já fazia. Ele estava acostumado a ter um forte impulso sexual, principalmente quando usava os portais de sombra, a adrenalina correndo através de suas veias, mas agora, ele pensava sobre sexo a cada três segundos. Sexo com sua mulher. Francesca.

— Ainda bem que você pensa assim, *amore*. Você precisa voltar a dormir. Você tem trabalho de manhã. A menos que ... Ele fez uma pausa



esperançosa. Quando ela não pegou a isca, ele suspirou. — Você poderia parar.

— Eu não vou ser uma mulher mantida, Stefano.

Ele ficou em silêncio. Queria mantê-la. Era necessário para ele. — Você sabe que eu sou podre de rico, certo? Minha família tem dinheiro. Eu tenho dinheiro. Eu ficaria muito melhor em gastá-lo com você do que em qualquer coisa ou qualquer outra pessoa. — Ele sabia que o dinheiro ia ser um assunto dolorido com ela. Ela tinha sido desabrigada. E ela tinha uma raia de orgulho de uma milha de largura.

— Você me comprou um guarda-roupa inteiro, querido, — disse ela.

Sua voz era tranquila. Quase gentil. Ele poderia dizer que ela estava tentando não pisar em seu orgulho. — É sobre minha necessidade de fazer coisas para você, Francesca. Isto me faz feliz. Você não tem ideia de quão feliz. Eu nunca tive isso antes. — Foi difícil fazer a admissão, não com suas emoções sufocando-o. Ele estava grato de estar atrás dela, seu corpo fechado ao redor dela. Ele apertou o braço em torno de seu peito, e empurrou os quadris mais fundo nela. Ela era tão suave. Incrivelmente macia. E quente. Sua pequena bunda perfeita empurrou de volta contra ele, e ele fechou os olhos contra o relâmpago branco através de seu pênis e barriga.

— Eu vou manter o meu trabalho no momento, Stefano. Isso me ajuda a conhecer todas as pessoas na vizinhança. Você cresceu com eles. Gostaria de conhecê-los. Posso dizer que eles são importantes para você—você os ajuda muito. Se eu vou ser sua esposa, então eles devem ser capazes de vir até mim para que eu possa tirar um pouco da carga de você.

Seu coração se sacudiu com força no peito. A pressão foi forte, uma dor real. Ela ia ser sua esposa. Ele não aceitaria nada menos, mas tê-la querendo ficar e conhecer as pessoas de seu mundo para poder ajudá-lo reduziu-o o peso da sua carga. Ela não sabia, e graças a Deus ela não o fazia, mas ela o tinha na palma da sua mão. Ela tinha todo o poder em seu relacionamento. Ela provavelmente sempre o teria.



— Você está me matando, mulher. Vá dormir. — Porque ele não poderia aguentar muito mais.

— Ainda não.

— *Bambina*, —ele disse suavemente, varrendo o cabelo do pescoço por cima do ombro. Ele apertou seus lábios contra sua nuca nua. — Vá dormir. Se não o fizer, vou saber que não fiz meu trabalho. — Ele murmurou as palavras contra sua pele macia, seus dentes raspando para frente e para trás suavemente, o desejo de dar uma mordida ficando forte nele. — Isso significa que eu vou começar tudo de novo, o que não me importo, mas eu vou deixá-la dolorida. Então feche seus belos olhos para mim e vá dormir.

Ela suspirou. — Gostaria de poder, mas continuo a pensar na pobre menina, Stefano. De quem você me falou.

Ele fechou os olhos. Ele não tinha o direito de deixar escapar detalhes de suas atribuições, não importava quanto perturbador fosse. — Francesca, eu nunca deveria ter lhe contado sobre ela. Eu não sei por que eu fiz. Você não precisa ouvir coisas assim. Não. — Ele acariciou seu cabelo. Ele adorava tocá-la. Ele fodidamente precisava tocá-la.

— Claro que sim. — Francesca protestou, aconchegando-se mais profundamente no seu travesseiro.

Ele adorava o modo como sua pele nua deslizava sobre a dele. Como seda. Ou cetim. Tão pecaminoso que a queria de novo. Seu pênis continuou latejando. Exigente. Ele pressionou mais fundo contra seu traseiro, achando o vinco lá. Ele usou uma mão para fechar o eixo, fechando os olhos contra o prazer que o atravessava.

— Qualquer coisa que o perturbar, eu quero compartilhar. Eu quero que você seja capaz de falar comigo sobre seu trabalho. Eu devo não ser capaz de fazer qualquer coisa, só ouvir, mas pelo menos eu posso fazer isso. A coisa é, se você está lendo relatórios sobre esta menina, isso significa que você está pensando em alguma maneira de ajudá-la.



Ele recebeu sua declaração com o silêncio. Ela virou a cabeça para olhar por cima do ombro para ele. *Dio*. Era tão bonita, porra. Os olhos dela. O jeito que ela olhava para ele como se ele fosse o único homem no mundo. Enterrou o rosto em seu cabelo, escapando do grande olhar azul.

— Você é muito inteligente para seu próprio bem, Francesca. Estamos entrando em coisas que eu não posso lhe falar até que meu anel esteja em seu dedo.

Ela piscou para ele e, virou-se para apoiar a cabeça em seu travesseiro, seus dedos enrolando em um punho ao lado de seu queixo. — Seu anel está no meu dedo, —ela apontou, em voz baixa.

Ele estendeu a mão sobre o corpo dela para levantar sua mão esquerda, seu polegar deslizando sobre o anel de noivado. Ele amou vê-lo em seu dedo. Senti-lo lá. — Você tem que ter a minha aliança de casamento aqui também. É como funciona em minha família, *amore*.

Francesca ficou em silêncio por um longo tempo, e seu coração batia forte. Ela não podia escapar. Ela simplesmente não podia. Agora não. Ele não permitiria isso. Ele ficou em silêncio, com medo de dizer qualquer coisa. Medo de não.

— Stefano, eu sei que seu negócio não é legal. Eu suspeitei o tempo todo, mas você me disse que sua família não vende drogas ou armas e eu acredito em você. Eu não posso imaginar você envolvido em prostituição ou, pior, tráfico humano.

Seu coração continuou a bater. O sangue trovejava em seus ouvidos. Ela estava dando um salto de fé ou em vias de dizer-lhe para se foder? Manteve-se muito quieto, esperando que ela o quebrasse.

— Sua família não é como a família Saldi, nas notícias, suspeitos de todos os tipos de crimes hediondos. Apesar de seus bancos, hotéis, discotecas e até mesmo os cassinos, estou bastante certa de que sua família tem um lado ilegal em algumas das coisas que você faz.



Não *toda* sua família. Apenas os que importam nela. Ele queria beijá-la, cobrir a boca com a dele. Pará-la. Naquele momento, ele sabia que ela poderia quebrá-lo. Quebrá-lo em milhões de pedaços e ele nunca se recuperaria. Não nesta vida. Ele percebeu que tudo que diziam em sua família era verdade. Os homens Ferraro, quando encontravam a mulher certa, amavam com tudo neles e faziam isso apenas uma vez. Francesca era sua única vez.

— Para estar com você, posso aceitar um monte de coisas, Stefano, mas não o silêncio. Não ser mantida no escuro. Eu sei que nem sempre há justiça no mundo. Acredite em mim, eu sou a prova viva disso. Não é como se fosse correndo a polícia e acreditar que eles vão me ajudar. Eu fiz isso muitas vezes.

Ela fez um movimento, como se pudesse pôr distância entre eles. Ele não iria deixar. Ele se recusou. Ele apertou seu braço sob seus seios e colocou-a a seu lado, empurrando seu pau na fenda de suas bochechas arredondadas, profundas, alegando que era para o seu próprio bem. Fazendo uma declaração. Ela diminuiu, mas isso não impediu que a tensão enrolasse mais apertada em seu intestino.

— Esta menina. A que você se informou. Eu não sei por que as pessoas vêm lhe pedir ajuda, mas se você pode tirá-la dessa situação, eu estou 100% com você.

Ela virou a cabeça novamente para olhar para ele por cima do ombro. Seus olhos azuis estavam escuros. Bonitos. Cheios de posse e orgulho. Por ele. *Porra*. Ela estava matando-o, levando uma fatia de sua alma de cada vez. Seu pênis endureceu até que ele pensou que poderia quebrar. Ou talvez o seu coração fosse se fragmentar em um milhão de peças.

— E, Stefano, eu não me importo como você tem que fazê-lo, legal ou não. Apenas ajude-a, se puder. — Uma ordem suave. Uma aceitação.

Seu coração quase explodiu. Ele se abaixou, pegou seus quadris, puxando-a para a posição, de lado deslizando entre suas pernas. Ela estava cheia com ele. Lisa para ele. Lisa para ambos. Levantou uma de suas pernas



e apenas deslizou para casa. Enterrou-se profundamente. Ficou plantado tão profundo quanto humanamente possível enquanto a abraçava. Enquanto enterrava seu rosto no luxo de seu cabelo espesso e escuro. Ele não fez um movimento, só ficou travado nela. Enterrado nela, exatamente onde ele queria viver. Em casa.

— Stefano? — A voz dela acariciou sua pele. Derreteu seus ossos. — Querido, você tem que se mover. Você não pode me provocar assim.

Encontrou-se sorrindo como um idiota. Se seus irmãos o vissem agora o chamariam de idiota, e ele não se importaria. Ela estava exausta, tinha que se levantar cedo e fez um pedido com sua voz que era sexy como o inferno. Tão quente, sua mulher. Tão gostosa. Ele obedeceu e deu-lhe exatamente o que ela queria. Ele lhe daria o mundo o tempo todo.



Francesca acordou com os primeiros raios de luz que invadiam o quarto. Ela soube imediatamente que estava sozinha e por um momento seu coração bateu em protesto. Ela escondeu o rosto no travesseiro. O cheiro de Stefano ainda pairava no quarto. Nela. Sobre ela. Ela se esticou e os músculos protestaram deliciosamente. Ela gostava disso. Ela gostava de lhe pertencer. Saber que sua marca estava sobre ela e que cada vez que ela dava um passo, sentia-o dentro dela.

Ela sentou-se, puxando o lençol com ela quando percebeu que ela não tinha nada. Piscando, ela empurrou o cabelo caindo em torno de seu rosto e descendo pelas costas. O quarto estava impecável. Stefano tinha pegado as roupas espalhadas. Ela encontrou-se rindo quando foi para o banheiro.

Ela estava feliz. Ela não esperava ser feliz novamente. Não depois de perder seus pais. Não depois de perder sua irmã. Não depois que Barry Anthon tinha começado sua campanha para tirar tudo dela.



A água estava quente, do jeito que ela gostava. Se espalhou sobre ela, acalmando a dor de seus músculos.

Stefano sempre, sempre se assegurava que ela encontrasse o prazer absoluto em seus braços, mas ele não era um amante gentil. Ele poderia ser, as vezes, mas era raro. Suave normalmente se transformava em bruto. Duro. Ela amava áspero e duro com ele, qualquer coisa que ele quisesse fazer, ela estava totalmente dentro. Ele gostava de colocar a sua marca nela. Ela adorava essas marcas de posse, mas seu corpo, por vezes, protestava. A água quente cuidou disso, deixando-a feliz.

Vestiu-se com cuidado em uma das muitas saias que Stefano tinha comprado para ela. Ele tinha bom gosto para roupas. Ela estava certa de que tinha visto esta saia em especial na janela da *'Tesouros de Lúcia'*. Era um azul real bonito, um tecido requintado. Delicado. Um tipo de lenço. A saia montou baixo nos quadris e o top correspondente, do mesmo material, era um espartilho com um cordão azul-real em ziguezague através dos ilhoses na frente. Ela adorava a maneira como ele estreitava sua caixa torácica e enfatizava sua cintura pequena.

Ela tinha curvas nos quadris e seios e, no que lhe dizia respeito, muito grande, mas o corte da saia e blusa correspondente era lisonjeiro. Ela adorava a maneira como o tecido fluía em torno de suas pernas e caía sobre seus quadris em um balanço sexy. Ela acrescentou botas macias de camurça e secou o cabelo em uma nuvem solta de ondas escuras. Na deli ela teria que prendê-los por causa dos alimentos, mas ela queria ter uma boa aparência quando desse o beijo de até logo em Stefano. Sua camiseta era um intrincado padrão, suave e quente, com pequenos botões na frente.

Dando-se uma última olhada no espelho, Francesca saiu para o corredor e se dirigiu a sala de estar. Imediatamente ela ouviu uma voz de mulher. Baixa. Furiosa. Cheia de desprezo e raiva reprimida. Não uma raiva quente, mas fria, como uma cobra viciosa, enrolada e pronta para atacar.

— Você *tem* alguma ideia de quem é esta mulher? Você deveria ter investigado antes de permitir que a mídia tirasse fotos de você com ela. Meu



Deus, Stefano, ela esteve em uma instituição para doentes mentais. Ela vai arrastar o nosso bom nome pela lama, e você vai deixar.

Francesca parou de se mover instantaneamente, uma mão indo protetora para sua garganta, suas pernas moles como borracha. Aquela voz fria estava falando sobre ela. Não havia dúvida disso. Ela tinha estado presa por setenta e duas horas.

— Eles dizem que os mentalmente desequilibrados são uma boa trepada, — continuou a voz, o desprezo se aprofundando. — Mas eu não *permito* isso. Nosso nome significa muita coisa, e só porque você não pode manter o seu pau nas suas calças ...

— Eloisa, é o suficiente.

Francesca se encolheu com o tom de voz de Stefano. Ele estava com raiva. Não a sua raiva habitual enfurecida, mas controlada. Esta era uma assustadora muito baixa voz fumegante, que indicava que ele era extremamente perigoso.

— Eu sou sua mãe ...

— Não. — Sua voz era um chicote, atacando com uma crueldade que Francesca não sabia que ele fosse capaz. — Você perdeu o direito de se chamar de minha mãe há muito tempo. Você nunca fez esse papel, e agora não é o momento de começar. Você não sabe nada sobre o meu relacionamento com Francesca.

Ele chamava sua mãe pelo seu primeiro nome? *Eloisa*? Claramente havia uma enorme fenda entre mãe e filho.

Stefano era um homem que acreditava em proteger as mulheres. Estava entranhado nele. Na sua essência. Chocou-lhe que algo tinha dado tão errado em seu relacionamento que Stefano era desrespeitoso com sua mãe. Ela tinha algumas pistas. Ele não tinha incluído a ela ou ao pai na reunião com seus primos quando que tinha perguntado a ela sobre Barry.

— Eu sei que você está correndo contra o tempo e você viu uma mulher que era compatível com você e o que você é. Você sabe que em um par de



anos vai ter que fazer um casamento de conveniência, então pegou a primeira coisa que apareceu em seu caminho, porque você tem que *estar* no controle. —A voz de Eloisa destilava sarcasmo. Ela também continha honestidade.

Francesca colocou uma mão na parede para se firmar. O que isso significava? *Um casamento de conveniência?* Por que Stefano teria que se casar com alguém? Isso não faz sentido. Ele poderia escolher qualquer mulher. Ele era lindo, tinha toneladas de dinheiro, assim como um milhão de outras razões pelas quais uma mulher iria querer ele. O que Eloisa disse? *Compatível com você e o que você é?* O que Stefano era que uma mulher não seria compatível com ele?

— O que eu opto fazer ou com quem eu faço não é da sua conta.

Nós se apertavam na barriga de Francesca. Stefano não tinha negado qualquer coisa que sua mãe tinha dito. Ele estava protestando o seu direito de dizer isso a ele.

— Esta família é meu negócio. Eu *dei* a minha a vida toda por ela, e não vou deixar o seu desejo sexual ou sua necessidade de provar para mim ou seu pai que você é o único no controle, e não *nós*, estragar tudo.

— *Eu dei minha vida a esta família,* —disse Stefano, sua voz ainda mais baixa.

Seu tom fez Francesca se arrepiar. Ela podia sentir o calor de seu temperamento enchendo a sala e vagando pelo corredor em direção a ela. Ela não teria ficado surpresa ao ver as paredes se contraírem em um esforço para conter seu temperamento. Ela nunca, nunca queria vê-lo zangado com ela.

— Meu desejo sexual não é da sua conta e nunca será. Eu sou o único no controle da família, não você e não seja estúpida o suficiente para me testar, Eloisa. Você não me escutou quando eu lhe disse o que aconteceria se você enviasse Ettore para os tubos. Eu disse que ele era muito jovem e muito sensível para este tipo de trabalho, mas você *tinha* que saber mais que eu, porque você não queria que a família soubesse que você não sabia nada sobre seus filhos e todos sabiam. Os outros lhe disseram. Ricco, Giovanni, Vittorio,



inferno, mesmo Taviano e Emmanuelle. Todos nós. Mas você só tinha que provar seu ponto.

— Meu irmãozinho. Fui o único que o segurou nos braços. Eu era o único que se levantava durante a noite para lhe alimentar e trocá-lo. Você não. Eu o peguei quando ele chorava e balançava-o para voltar a dormir.

— Ele era fraco, —disse Eloisa em voz baixa. — Ele precisava ser um homem. Eu tentei fazer dele um homem. Você o mimou demais. Você sempre fez.

— Ele era diferente, Eloisa, mas você se recusou a ver porque, Deus me livre, você e seu marido não poderiam produzir uma criança menos que perfeita. Agora Ettore está morto.

O coração de Francesca se partiu por Stefano. Havia uma genuína tristeza em sua voz. A tristeza que um pai sentiria com a perda de um filho. Ela deu um passo em direção à sala de estar, necessitando confortá-lo.

— Eu conheço os pais de Barry Anthon há algum tempo, Stefano. Eles são boas pessoas, —Eloisa continuou, como se eles simplesmente não tivessem discutido a perda de seu filho. — Esta mulher perturbada que você chama de *noiva* acusou Barry de assassinar sua irmã, você sabia? É absolutamente absurdo. Ela tem um registro policial. Ela é uma criminosa, além de uma doente mental. Dê-lhe dinheiro para ir embora. Ela não é a única *cavaleira* no mundo. Elas estão lá fora. Você apenas tem que olhar em volta. *Dio*, Stefano, pelo menos, admita que você não teria olhado para ela duas vezes se ela não fosse uma *cavaleira*. Seja honesto consigo mesmo e comigo.

— Isso pode ser verdade, Eloisa. —disse Stefano. — Mas eu *olhei* para ela.

Francesca fechou os olhos. Ela tinha ouvido o suficiente, muito mais do que ela queria ouvir. A razão para Stefano procurá-la não tinha sido compaixão, porque ela não tinha um casaco. Não tinha sido porque ele



estava atraído por ela. Fosse o que fosse ser uma "cavaleira" essa era a verdadeira razão para ele ir atrás dela. Para pedir a ela para casar com ele.

Ela fechou os olhos contra as lágrimas queimando em sua garganta e atrás de seus olhos. Ela tinha que sair de lá com um pouco de dignidade e, ela poderia resolver as coisas.

Francesca respirou, caminhando pelo corredor. — Querido, tenho que ir. Estou atrasada. Vou mandar uma mensagem quando chegar lá. — Ela explodiu no salão e fez quase todo o caminho até o elevador antes que se permitisse "ver" que Stefano tinha companhia. — Oh. Lamento interrompê-lo. — Ela deu um sorriso falso a Eloisa e deu quatro passos até o elevador e chamou-o com a ponta de seu dedo.

— Francesca. — Stefano chamou, e deu um passo em direção a ela.

Felizmente, as portas se abriram e ela entrou no elevador rapidamente, e fechou as portas em seu rosto. Ele sabia. Ele sabia que ela tinha ouvido tudo. Estava escrito em seu rosto. Ela não se importou. Ela praticamente correu para fora do hotel. Para seu espanto Emilio e Enzo estavam esperando por ela. Emilio abriu a porta do carro e ela deslizou para dentro, rezando para Stefano não chamá-los até depois que ela tinha chegado ao trabalho. Seu noivo ainda tinha sua mãe para lidar, e ela esperava que levasse um tempo muito longo.

Capítulo Dezenove

Francesca resolveu não fazer nada precipitado. Stefano tinha sido bom para ela. Havia sempre honestidade em seu toque. Em sua voz. Ela enfiou a unha do polegar entre os dentes e mordeu-o, tentando fazer passar a dor. Ela nunca se sentiu boa o suficiente para Stefano. Isso não era



por ele, era sobre ela. Lágrimas queimaram perto, mas ela não se atrevia a solta-las. A qualquer momento o telefone de Emilio ou Enzo tocaria e Stefano diria para eles virarem e levá-la de volta. Um pouco histericamente, ela se programou para saltar do carro se isso acontecesse. Ela não ia voltar ... Não até que ela tivesse tido tempo para pensar nisso.

Ela poderia ir passar a noite com Joanna. Bastava sentar-se calmamente, sem Stefano a esmagando, intimidando com presença, não a deixando pensar. O dedo dela caiu no anel que ele lhe dera. Tão bonito, como ele.

O carro parou no meio-fio e ela desceu antes que qualquer um de seus guarda-costas pudesse sair. Ela não olhou para qualquer um deles, mas correu para a segurança da deli. Pietro esperava atrás do balcão. Ele a olhou quando ela entrou um olhar estranho em seu rosto. Ele já estava enchendo as prateleiras.

— Me desculpe eu estou atrasada, —ela pediu desculpas às pressas, passando o balcão, mais para evitar que Emilio e Enzo fossem ser capazes de levá-la de volta ao carro. Ela olhou para fora pela janela. Com certeza, Emilio estava no celular, os olhos sobre ela através do vidro. Seu coração começou a bater. Ela apertou os dentes. Ela não ia a ser empurrada.

— Você tem o dia de folga hoje, Francesca. —Pietro anunciou inesperadamente. — Eu não preciso de você. —Ela congelou sua mão indo para a garganta, num gesto defensivo. Barry Anthon tinha feito sua jogada.

— Pietro. —ela começou. — Tudo o que ele lhe disse, simplesmente não é verdade. Você chegou a me conhecer ... —Ela não iria implorar. Ela só não esperava que o tio de Joanna acreditasse nas palavras de Barry, sem, pelo menos, dar-lhe uma chance de defender.

— Menina, o que você está falando? Seu homem chamou, ele precisa de você hoje. Não tenho nenhum problema em chamar Aria ou qualquer outra pessoa, se Stefano precisa de você. Você trabalha duro, Francesca. Eu não esperava que você se mantivesse ativa depois que ficou noiva e eu realmente aprecio o que você faz, então um ou dois dias fora, aqui ou ali não é um problema.



Stefano tinha chamado. O alívio que não fosse Barry era enorme, mas ela ainda não ia deixar Stefano empurrar ao seu redor. A porta abriu e Emilio e Enzo entraram ambos de pé no interior, os braços cruzados sobre o peito.

— Vamos, Francesca. —disse Emilio. — Stefano quer você em casa.

Seu queixo subiu. Como ele se atrevia a chamá-la para sua casa. — Eu particularmente não ligo para o que Stefano quer agora, Emilio. Eu estou trabalhando. —Ela se virou para Pietro. — Se você não me quer trabalhando agora, tudo bem. Eu tenho outras coisas para fazer. —Ela não tinha ideia do que essas outras coisas eram, mas ela iria pensar em algo.

— Francesca. —Emilio se endireitou, cada polegada parecendo um verdadeiro Ferraro. Ele podia não ter o mesmo sobrenome, mas ele podia ser intimidante quando queria. Havia um aviso em sua voz.

— Não. —Ela foi inflexível. — Eu não vou voltar. Pietro? Você precisa de mim hoje ou não?

Pietro hesitou, olhando inquieto para Emilio e Enzo. Ela imediatamente desejou não o ter colocado em tal posição. Ela colocou a mão conciliadora em seu braço. — Eu esqueci que você disse que já tinha chamado Aria. Isso é ótimo. Eu tinha algumas coisas que queria fazer de qualquer maneira. Isso me dará tempo para fazê-las.

Pietro pareceu aliviado e ele afagou-a. — Fale com Stefano primeiro, Francesca. O que quer que esteja acontecendo entre vocês, confie nele para esclarecê-lo.

Confiar nele. Realmente se resumia a confiar. Isso e suas inseguranças. Ainda assim, ela queria algum tempo para pensar nas coisas durante um tempo. Isso não deveria ser pedir demais, até mesmo para um homem muito decisivo como Stefano.

Ela acenou para Pietro, deu-lhe um pequeno aceno alegre e marchou entre Emilio e Enzo.

Enzo abriu a porta para ela e ela se afastou do carro, em direção a Tesouros de Lúcia. Ela realmente gostava de Lúcia e Amo. Ela adorava as



roupas que eles vendiam. Era muito além de sua bolsa, mas olhar era sempre divertido. Enzo entrou na frente dela e Emilio veio por trás dela, prendendo-a, perto do prédio.

— Francesca, entre no carro, —disse Emilio.

— Isso não vai acontecer. —Ela encontrou-se fervendo, grato por um alvo. — Stefano Ferraro não me diz o que fazer. Ele não me possui.

Enzo sacudiu a cabeça. — *Baby*, não lute batalhas que você não pode ganhar. Lute com ele. O que quer que tenha acontecido esta manhã para incomodá-la tanto necessita ser trabalhado.

Ela olhou para ele. — Em primeiro lugar, não é da conta de ninguém o que aconteceu esta manhã. Em segundo lugar, eu tenho todo o direito de resolver as coisas à minha maneira. E eu vou fazer isso. —Ela deu um passo para se locomover e ele bloqueou com seu corpo muito maior, cortando-a de modo que ela foi empurrada quase inteiramente contra a parede. — Um passo para trás. Você não pode me forçar a ir com você.

Enzo olhou para Emilio e depois para a rua. Francesca seguiu seu olhar e seu coração afundou. É claro que eles estavam apenas ganhando tempo, discutindo com ela, e ela caiu direto em sua armadilha. Stefano seguia para eles, um predador perigoso em cada polegada. Ele caminhou até Francesca, perto, aglomerando seu corpo, um braço se envolvendo possessivamente ao redor de sua cintura e puxando-a firmemente para seu lado. Prendendo-a com uma força enorme, então não havia dúvida em sua mente que, se ela lutasse, ele a dominaria imediatamente e facilmente.

— Obrigado Emilio, Enzo. —Stefano acenou para eles e virou-a para longe do carro e começou a caminhar na direção que ela tinha escolhido ir, levando-a com ele. — Você não ficou para me deixar explicar. Você estava fugindo de mim?

Ela não podia dizer se havia uma nota de dor em sua voz ou não. Seu tom estava perturbado, e ela olhou para o rosto dele. Sua máscara estava no local. Assustadora. — Não. Eu estava tentando resolver as coisas na minha cabeça.



Ele parou abruptamente e pegou seu queixo na mão. — Você quer resolver um problema comigo, *dolce cuore*, você faz comigo.

— Eu tinha que ir para o trabalho, —ela murmurou, porque ele podia ter um ponto.

— Besteira, Francesca. Você ouviu a porcaria que a porra da minha mãe jorrou, você ficou ferida, não entendeu metade do que ela disse e correu como um coelho.

Ela olhou para ele. — Não. Fiquei magoada, sim. E você está certo. Eu não tive ideia do que ela estava falando quando ela disse que eu era uma "cavaleira" e que você pegou a primeira que viu. Ou que você teria que se contentar com um casamento de conveniência, se você não se casasse comigo. Nada disso fez sentido. —A única coisa que ela realmente entendeu foi que Stefano tinha perdido um irmão—alguém que ele amou—e culpou sua mãe.

— Conte-me sobre o seu irmão, —ela perguntou.

Ele respirou, sua face escureceu. Sua mandíbula endureceu. Seus olhos ficaram cheios de dor, mas suas feições mantiveram a máscara inexpressiva. Ele começou a andar de novo, Francesca presa firmemente ao seu lado. Por um longo tempo ela teve certeza de que ele não iria responder. Tinham andado por um quarteirão inteiro, passado os Tesouros de Lúcia e a Pizzaria de Petrove depois a meio caminho de outro quarteirão antes que ele limpasse a garganta.

O braço de Stefano a apertou até que ela quase não conseguia respirar, mas ela não protestou. Em vez disso, ela descansou a palma da mão sobre o estômago dele. Sob seu terno listrado de três peças, ela sentiu os músculos ondulando.

Emilio e Enzo os seguiam, perto o suficiente para ajudar se um problema se apresentasse, e longe o suficiente para que Stefano e Francesca pudessem falar em privado. Eles também eram capazes de desencorajar os outros de ir até Stefano e Francesca apenas balançando a cabeça. Ela estava vagamente



consciente deles e o que estavam fazendo, mas na maior parte, ela se concentrou em Stefano, desejando que ele falasse com ela.

— Ettore nasceu onze meses depois de Emmanuelle. Em nossa família, é necessário ter várias crianças. A mãe não era—não é—do tipo maternal. Ela não queria filhos, e ela certamente não queria se casar com um homem que ela não amava. Seu casamento foi arranjado. O pai é um homem muito difícil de explicar. Ele tem um ego muito grande. Ele é bonito e sabe disso. Eventualmente ele começou a ter casos. Ele foi discreto, mas ele os tinha. Ele não prestava atenção a qualquer um de nós. Eu acho que ter filhos estragava seu estilo. Se uma mulher ficava muito pegajosa, a mãe ia ter uma conversa com ela. Seu estilo de vida estranho não deixou muito espaço para nenhum de nós.

Ela não cometeu o erro de lhe dar simpatia. Ela não podia imaginar crescer dessa forma. Os pais dela amavam sua irmã e ela. Quando eles morreram, Cella tinha dado e intensificado esse mesmo amor incondicional.

— Eu via o que os meus primos tinham. Tias e tios que amam um ao outro e seus filhos. Eles tentaram tornar melhor para mim—para nós—mas eles não podiam estar em nossa casa 24/7. Então eu decidi que eu faria uma casa para nós.

Ela sabia que ele tinha. Mostrava-se na forma como seus irmãos e irmã reagiam a ele. Amavam-se um ao outro. Eles eram uma família muito unida com Stefano no comando.

— Ettore teve problemas respiratórios desde o momento em que nasceu. Ele era pequeno e seus pulmões não foram desenvolvidos. Ele esteve no hospital por duas semanas. Os pais foram vê-lo duas vezes. Tia Rachele e tia Perla—você ainda não as conheceu, só seus filhos—me levavam todos os dias para vê-lo. As enfermeiras me deixaram colocar as mãos nas luvas e tocá-lo. Eventualmente eu poderia segurá-lo. —Ele engoliu em seco e olhou para longe dela.

Francesca pressionou a mão com mais força contra seu abdômen, combinando seus passos aos dele porque ele tinha começado a andar mais



rápido. Ela podia ver que eles estavam indo para um pequeno parque no meio do bairro.

— Ele simplesmente nunca foi forte. Os pais foram muito duros com ele. Eu te disse, que fomos obrigados a treinar desde os dois anos de idade. Eles se recusaram a dar-lhe mais tempo. Não passavam nenhum tempo com ele, e se entravam em contato com ele, ficavam irritados com ele. Ele aprendeu muito rápido a manter-se fora de seu caminho e meus irmãos e Emmanuelle tentávamos desviar sua atenção imediatamente se o vissem.

— Eu não entendo. — Francesca não podia deixar de quebrar o silêncio. — Por que eles iriam se irritar com uma criança? — Havia uma verdadeira confusão em sua voz, porque não fazia sentido para ela. O menino, obviamente necessitava de amor e atenção, não de aborrecimento ou raiva.

— Ele não era perfeito, Francesca. Na minha casa, onde crescemos só a perfeição era permitida. Nosso treinamento. Nossa educação. A nossa capacidade de falar várias línguas. Nós tivemos de ser não só bons em tudo, mas os melhores. Ettore tentou, mas não conseguiu acompanhar. Todos nós tentamos ajudá-lo, ensinamos, trabalhamos com ele na formação física, mas ele estava sempre para trás. E as artes marciais e o boxe cobraram um pedágio de seu corpo.

— Como? Isso não o fortaleceria?

Ele balançou sua cabeça. — Ele não se curava dos inevitáveis hematomas e lesões que recebíamos. Ele era lento nas outras coisas, também, coisas que eram necessárias no nosso trabalho. Eu tentei falar com os pais sobre ele, mas eles não quiseram me ouvir. Ele era muito sensível para o nosso tipo de trabalho.

Ela ainda não sabia qual tipo de trabalho era, mas se ajudar uma menina de dezessete anos de idade, que estava sendo terrivelmente abusada era mais ou menos esse trabalho, ela tinha certeza que Stefano achava que só ler os relatórios sobre tais coisas machucariam o coração de Ettore.

— Isso é tão terrível, Stefano. Ele deveria ter sido protegido. — Ela queria envolver os braços ao redor dele e segura-lo apertado. Ela sabia o que



era a experiência da perda. Stefano obviamente amou muito seu irmão. Mais como um pai com uma criança, do que um irmão.

— Ele deveria ter sido, mas quando tinha dezesseis anos, os pais insistiram para ele se tornar ativo. Tivemos uma luta terrível, mas eles ganharam. Ettore morreu. Eu fui buscar seu corpo e eu o levei para casa sozinho. Eu nunca mais permiti que tomassem uma decisão em relação a qualquer um dos meus irmãos depois disso. —Havia aço em sua voz.

Os pais. Foi assim que ele se referiu ao homem e mulher que lhe haviam dado vida. Stefano amava a família. Seus dedos se enroscaram no colete dele, e ela virou a cabeça para pressionar um beijo na sua lateral, independentemente do fato de que eles tinham muito mais coisas para trabalhar. Seu coração doeu por ele. Ela teve que piscar as lágrimas de simpatia e engolir o terrível nó que se formou em sua garganta.

Ele olhou para a cabeça inclinada. — *Amore mio*, você é mole demais para ficar sem a minha proteção. Quando você está chateada ou magoada, ou não entender, confie em mim. Fale comigo. Nós vamos ficar juntos a vida toda, e não quero que você tenha medo ou esteja ferida e não venha para mim. Você vai ouvir um monte de coisas feias.

Eles tinham entrado no parque e ele guiou-a para um banco. A chuva tinha deixado tudo parecendo novo e brilhante. Ele parou, dando um passo à frente dela, inclinando o rosto para o dela. — Nós vivemos nossas vidas nos holofotes um pouco de tempo e é necessário. As pessoas podem ser muito feias. Você tem que confiar em mim para cuidar de você e protegê-la. Você tem que deixar. —Seu polegar deslizou sobre o lábio inferior e, em seguida escovou para trás sobre o queixo.

— Eu não fugi, Stefano, —ela negou suavemente. — Eu só precisava de tempo para processar.

Ele balançou a cabeça como se estivesse entendendo. — Você não pode processar sem ter os fatos, Francesca.

Seus dedos se fecharam ao redor da nuca dela, seu polegar varrendo o rosto como se ele não pudesse obter o suficiente de sua pele.



— Foi um choque ouvir as coisas que ela disse.

— Estou certo de que é verdade, *bambina*, ela é muito crítica e exigente. Acima de tudo, ela quer que o nome Ferraro seja puro.

Seu coração se apertou duro no peito. Tão duro que era doloroso. Ela tinha escândalos suficientes amarrados a seu nome para afundar um continente inteiro de Ferraro. Stefano segurou seu rosto delicadamente nas mãos, inclinando-se para que sua testa tocasse a dela, respirando por ambos. — Nós administramos para criar escândalos suficientes nós mesmos sem que nossas mulheres se preocuparem que podem não ser boas o suficiente. Eu te amo. Eu amo tudo em você. Você me faz feliz. Não é porque você é uma cavaleira—é porque você é você.

Ela engoliu em seco. Lá estava. O negócio de "cavaleira". Tudo que sua mãe disse era verdade, embora ela ouvisse o anel de honestidade em sua voz.

— Eu notei você porque você é uma cavaleira. —Ele continuou. — É claro que sim, *dolce cuore*—como não poderia quando tão poucos surgem em nosso caminho? Mas uma vez que nos conectamos, uma vez que eu cheguei tão perto de você eu sabia.

Ela aproximou-se dele, suas mãos indo dentro de sua jaqueta e sob seu colete para agarrar sua camisa. Ela queria tocar a pele nua, ser absorvida por ele. Derreter nele. Desde que não era uma opção, ela resolveu enrolar os dedos em sua camisa e sentir o calor saindo dele. Havia uma grande quantidade de calor.

— Você vai me explicar o que é *um cavaleiro*?

Stefano levantou a cabeça, as mãos deslizando do rosto dela com relutância. Ele a virou na direção do banco, e Francesca afundou no ferro forjado. Estava frio, até que ele se sentou ao lado dela e puxou-a para seus braços. Ele gostava de estar perto dela. Ele insistia em tocá-la quando estava perto. Ela gostava disso. Muito.

— Uma vez que eu te diga, não há como voltar atrás. Eloisa foi ... Indiscreta. Você nunca deveria ter ouvido esse termo.



— Você tem muitos segredos, —observou Francesca.

Ele ficou em silêncio, algo de assustador nas profundezas de seus olhos.
— Isso te assusta?

— Tudo sobre você me assusta, Stefano, mas isso não parece importar. Eu ainda estou aqui. Eu teria trabalhado isso comigo mesmo.

— Você resolve as coisas comigo. —Stefano disse com firmeza. — Tem que ser assim, —acrescentou apressadamente quando ela agitou-se em protesto. — Uma vez que você saiba todos os nossos segredos, eles têm que permanecer segredos. Não pode falar com Joanna ou qualquer outra pessoa com exceção da família. Estamos juntos por uma razão. Nós dependemos uns dos outros. Nós precisamos. Você pode aceitar isso, Francesca?

— Eu quero uma família, Stefano, e eu gosto de como a sua é tão próxima, então sim, isso é fácil de aceitar.

A tensão não tinha deixado seu corpo. Podia senti-la lá, enrolada e pronta para atacar para protegê-lo. Mas de que? Dela? Stefano de repente se deslocou, um braço indo sob seus joelhos, o outro em torno dela. Ele a levantou facilmente e a sentou em seu colo, seus braços rodeando-a. Ela reconheceu o movimento como agressividade, em vez de doce. Seu coração acelerou.

— Em nossa família é necessário alguém como eu produza crianças, se possível. Essas crianças têm de ser feitas com outra pessoa como eu.

— Um cavaleiro. —Ela forneceu o termo que ele estava tão relutante em usar.

Ele assentiu. — Sim. Outro cavaleiro. Quando eu disse *crianças* no plural, quero dizer que teria que tentar uma grande família. —Ele suspirou. — Eu não sei com quem estou brincando. Eu quero uma grande família, e eu quero que minha esposa fique em casa e cuide deles. Eu quero que ela se levante comigo no meio da noite e troque suas fraldas e alimente-os. Eu quero que ela cubra nossos filhos com amor a cada minuto do dia. Eu quero que ela



seja forte o suficiente para me enfrentar e equilibrar minha necessidade de mantê-los a salvo.

Ela entendeu a tensão nele. Ele nunca tinha tido isso—não o que ele queria para seus filhos.

Francesca deslizou a mão pelo peito dele para acariciar a tensão de sua mandíbula dura. — Querido, eu cresci em uma casa cheia de amor. Eu não quero nada menos para os nossos filhos. Eu não quero outra pessoa criando-os. Eu quero piqueniques em família, risos e viagens para a praia, que cubram todos nós na areia, que se arrastam de volta ao nosso carro.

— Você vai ficar em casa com eles?

Ela riu suavemente. — E ser uma mulher mantida? Sério, Stefano.

— Você vai ser minha esposa. A mãe de meus filhos. Isso significa que você vai ser o coração de nossa casa. Não mantida, Francesca, importante. O mais importante de tudo. Eu cresci sendo mãe e pai para os meus irmãos. Eu vi o que eu queria para eles e para os meus próprios filhos quando visitei meus tios e tias. Havia amor em suas casas. Nossos filhos vão ter que treinar como eu fiz, mas isso deve ser equilibrado com amor e aceitação. Com a capacidade de reconhecer cada criança como um indivíduo com necessidades diferentes.

Ela se apaixonou um pouco mais. Como não poderia? Ela ouviu o anseio e a necessidade em sua voz. Ele estava desnudando sua alma para ela. Colocando-se na linha. Fosse o que fosse que um "cavaleiro" era, não tinha importância perto do que ele estava revelando a ela. Isso era trabalho; Isto era sobre seu coração e alma. Ele estava dando isso a ela. Despojando-se nu para ela saber exatamente o que ele queria e precisava em sua vida.

— Eu tenho que saber se isso agrada a você, Francesca. Eu não quero perder você. Eu quero dar-lhe o mundo, o que quiser. Ao mesmo tempo, você precisa saber das coisas mais importantes para mim. Nossa família. Você. Eu. Nossos filhos, meus irmãos. Você vai ser o coração deles também. Você pode fazer isso? Estou pedindo muito de você?



Ela ouviu incerteza, pela primeira vez em sua voz. Seu homem. Forte. Invencível. Arrogante mesmo. No entanto, ele estava incerto quando veio para ela. Ele estava pedindo um lar cheio de amor para seus filhos. Por ele. Por sua irmã e irmãos. Perguntando se ela ficaria bem no centro disso. Ela sabia que a posição também a colocaria no comando do bairro, as pessoas que ele obviamente amava e considerava sob sua proteção. Ele lhe daria essas pessoas também.

— Eu te amo, Stefano. Eu quero ser a mãe de seus filhos. Eu não conheço nenhuma outra maneira de ser mãe do que mostrar-lhes tanto amor quanto possível. Eu certamente vou insistir em criá-los com você. Eu tenho trabalhado desde que tinha treze anos de idade. Eu não estou certa que saberia como ficar em casa, mas eu imagino que ter vários filhos é um trabalho em si. Então, sim, eu amo a sua ideia de um lar e de família, e estou certamente a bordo com ele. No entanto, —ela virou o rosto dele para o dela e olhou-o nos olhos, — nunca mais diga ao meu chefe que eu não vou trabalhar, ou diga a Emilio e Enzo para me levar para casa.

Inclinou-se até que dois centímetros os separavam e escovou beijos em sua maçã do rosto até o queixo. — Não é possível prometer isso, *amore*. Você foge de mim e eu perco a cabeça. Eu esqueço tudo, menos a necessidade de levá-la de volta.

Ela começou a rir, ela não podia evitar. Ela não queria encorajá-lo, mas ele era demasiado engraçado. — Você é impossível.

— Mas muito apaixonado por você, Francesca, —disse ele, emoldurando seu rosto com as mãos, olhando para os olhos dela. — Eu estou tão apaixonado por você que não posso sequer respirar sem você. Eu sei absolutamente, eu nasci para ser seu homem. Nossas sombras se conectaram e a verdade estava lá para nós dois vermos.

Foi uma bela declaração e seus olhos queimaram em reação. Forte. Cru. Ele quis dizer cada palavra.

Ela nem sabia o que ele queria dizer com suas sombras se conectando. Ela sentiu a sacudida da química urgente e a retidão de Stefano Ferraro. Ela



muitas vezes sentia as emoções quando sua sombra se conectava com outra pessoa, mas ela nunca sentiu uma conexão tão física e emocional como quando sua sombra o tocou.

Embora ele fosse incrivelmente possessivo e sempre afirmasse em termos inequívocos que ela pertencia a ele, não tinha dito que ela nasceu para ser sua mulher. Ele tinha dito que ele nasceu para ser seu homem. Por alguma razão essas palavras a tocaram como nada mais poderia ter. Ela respirou fundo e deixou escapar. Ela queria tudo o que ele estava oferecendo, não importava o quanto controlador e obsessivo que ele fosse. Não qual segredo sua vida familiar teria ou o que um "cavaleiro" seria.

— Eu posso viver com tudo isso, Stefano, porque eu suspeito que eu só poderia ter nascido para você.

Ele deixou cair o queixo no topo de sua cabeça e a segurou em seus braços por um longo tempo. Ela viu as pessoas que se deslocavam pelo parque. Alguns corredores. Um casal passeando de mãos dadas. Estava frio e quando ela estremeceu, Stefano colocou-a de pé.

— Vamos para casa, *bella*. Podemos passar o dia juntos. Talvez convidar meus irmãos para jantar hoje à noite. Mas eu só quero um dia de descanso. Eloisa sempre me desgasta. — Ele se levantou, colocando seu braço em volta da cintura dela e começou a caminhar de volta para a entrada. Emilio os seguiu. Enzo estava longe de ser encontrado.

Francesca deu um suspiro exagerado. — Eu tenho dúvidas sobre essa mulher como sogra, Stefano. Ela não gosta de mim. Nada. Na verdade, ela disse que era amiga dos pais de Barry Anthon. — Ela tentou esconder a ansiedade na voz, mas estava certa de que ele a ouviu de qualquer maneira.

— Não se preocupe com Eloisa, — assegurou. — Primeiro, ela não é amiga de ninguém fora da família. Ela é próxima de seus irmãos e irmãs, mas de ninguém mais. Ela não gosta de ninguém. Ela pode conhecer a mãe de Barry, mas não gosta dela. Margaret Anthon é uma rainha da sociedade. Eloisa, com todos os seus defeitos, não tolera esse tipo de esnobismo.



Margaret não toca em uma instituição de caridade a menos que haja algo grande nela para ela.

— Isso é um pouco triste. Sobre sua mãe, quero dizer, —Francesca apontou. — Que ela não tenha amigos. E Emmanuelle? Certamente ela é amiga de sua filha?

Ele balançou sua cabeça. O carro esperava na entrada do parque, com Enzo no assento do motorista. Stefano abriu a porta do passageiro para ela. Francesca deslizou para o assento de couro fresco, se afastando para abrir espaço para seu noivo. Emilio entrou no banco da frente.

Stefano sacudiu a cabeça. — Não Emmanuelle. Ela era quase tão ruim com Emme como com Ettore. Ela foi incrivelmente dura com ambos. Todos nós tentamos protegê-los, mas durante o treinamento, nós não tínhamos autoridade nenhuma. Emme nunca fala sobre isso, mas mantém distância de Eloisa e Phillip da maneira como todos nós fazemos.

Havia dor em sua voz, e Francesca imediatamente enfiou os dedos nos dele e trouxe a mão para sua boca, beijando os nós dos dedos. — Querido, você fez o seu melhor. Emmanuelle é feliz. Ela ama você, seus irmãos e primos. Eu acho que ela é incrível. Você fez um bom trabalho com ela.

— Ela é bastante surpreendente, —Stefano concordou, colocando a mão dela na coxa e segurando-a lá em seu sólido músculo. — Estou muito orgulhoso dela. Ela não tem um osso duro em seu corpo, mas ela pode ser de aço quando precisa.

— Ela pode lutar, também, —disse Francesca. — Você vai ter que me ensinar. Ela limpou o chão com as três *bimbos*³⁵.

Ele levantou a sobrancelha.

³⁵ **Bimbo** – Uma menina estúpida que usa muita maquiagem e é obcecada com meninos e roupas. Geralmente loira, mas há exceções. Normalmente anda com outras bimbos. Você pode reconhecê-las, porque serão um grande grupo de meninas em que todas parecem as mesmas e estão rindo histericamente. (Urban Dictionary). Deixei assim porque achei o termo engraçado.



Ela fez uma careta para ele. — Não finja que não se lembra das suas 3 exs. Janice. Doreen. Stella. O trio horrível com propensão a puxar uma carreira no banheiro.

— Ah. Elas.

— Elas se confessaram culpadas de posse com intenção de venda. Elas têm acesso a advogados caros e ainda negaram um acordo judicial. Isso não faz sentido. Elas têm uma boa carreira ...

Ele balançou sua cabeça. — Elas estavam fazendo mais festas do que gravações, e sua última turnê foi um desastre. Stella estava tão bêbada que caiu do palco, e Janice teve uma overdose logo após um show. O pessoal do evento teve um pesadelo tentando cobrir isso. Seus excessos fizeram um mal terrível para a carreira delas. Este último escândalo foi o fim do contrato. A carreira delas acabou.

— Você tem algo a ver com elas perderem o contrato?

Ele encolheu os ombros. — Ninguém fode com a minha mulher.

Ela estreitou os olhos para ele. — Elas foram presas e receberam uma sentença pesada.

Ele deu de ombros novamente e ela suspirou. Ela não podia realmente sentir pena das três mulheres, especialmente desde que elas tentaram empurrar cocaína em seu rosto.

— Emmanuelle bateu muito nelas e nem sequer quebrou uma unha, e fez isso quando estava de salto alto.

Ele começou a rir. — Você fala com admiração. Eu vou te ensinar alguns movimentos, *bambina*, mas você vai ter um guarda-costas de agora em diante, mesmo quando for a um banheiro. Eu tenho uma prima ou duas treinadas em segurança.

— Claro que sim. — Ela revirou os olhos. — Emilio e Enzo tem uma irmã, não é?

Ele assentiu. — Enrica. Já pedi a ela para vir a bordo.



— Você pensou que você poderia querer me consultar primeiro?

— Eu te disse, eu não discuto. Você goste dessa merda ou não e eu não vou discutir com você quando algo necessita ser feito, como a contratação de um guarda-costas do sexo feminino para estar com você em todos os lugares.

— Então, Emilio e Enzo podem voltar a olhar por você? — Seu tom era de desafio um pouco tímido, mas confiava em Emilio e Enzo e os queria olhando por Stefano, não por ela.

Stefano riu de novo, as notas quentes e sedutoras. O som tomou conta dela como o sol, brilhante e caloroso. Ela não o ouvia rir o suficiente e isso a desarmava. No hotel, Emilio abriu a porta para eles e Stefano deslizou para fora, mantendo a posse de sua mão para que ela o seguisse para fora do veículo e ficasse perto. Ela percebeu que Stefano sempre fazia isso. Ele gostava dela por perto. Ela se encontrou sorrindo apesar do fato dele não ter respondido.

Na privacidade do elevador, ela se apoiou nele. — Será que a sua mãe ligou para Barry Anthon e disse-lhe onde estou? Ou lhe fez perguntas sobre mim?

A sobrancelha dele se elevou. — Você é minha noiva. Você tem meu anel em seu dedo e eu disse a ela, em termos *inequívocos* que iríamos nos casar o mais rápido possível. Ela entendeu gostando ou não. Isso faz de você família.

— Eu estou confusa, Stefano. Ela realmente não gostou de mim. Ela não vai tentar encontrar uma forma de impedir de nos casarmos? Barry seria a solução perfeita.

As portas se abriram e eles entraram no apartamento. — Não é assim que funciona, Francesca. Não em nossa família. Família é família. Nós protegemos a família. Cerramos fileiras em torno dela. Minha mãe é tudo sobre a família acima de todo o resto. Ela nunca trairia você com Barry Anthon ou qualquer outra pessoa. Ela não faria.



Ela tentou entender o que aquilo significava. A enormidade disso. A mãe dele tinha sido inflexível. Claramente, mãe e filho tinham grandes problemas. Ainda assim, ele estava absolutamente certo de que ela não iria ligar para Barry ou a sua mãe. — Eu não ... — Ela parou, balançando a cabeça.

Stefano parou abruptamente e inclinou o queixo para o dele. — Ela iria protegê-la. Protegê-la fisicamente. Passar na sua frente, se uma bala vier em sua direção. Enquanto o meu pedido estiver com você, qualquer um da minha família iria fazê-lo.

Ela teria feito isso por Cella, ou por um dos filhos de Cella. Ela não queria pensar que Cella nunca teria um filho para proteger.

— Você tem a todos nós. E Emmanuelle. Ela vai ter filhos. Todos eles pertencem a você agora, Francesca. Você não pode sentir quando está com eles?

— Isto é tudo tão novo para mim, Stefano. — Ela tinha sido tão derrubada por Barry Anthon e seus homens que tinha perdido a si mesma. Sua força. Sua crença em alguém. A família dele era tão diferente de tudo o que tinha passado a acreditar que era difícil compreender que eles poderiam ser reais. — Às vezes sinto que estou no meio de um conto de fadas e a qualquer minuto vou acordar e você terá sumido.

Ele a beijou suavemente. Um breve toque de sua boca sobre a dela. — Isso nunca vai acontecer, *amore mio*.

Ela adorava a sensação de seus lábios. Suaves, mas firmes. Exigentes e comandando. Mornos e depois quentes. Se ela pudesse o beijava para sempre.

— Pare ou vamos voltar para a cama.

Ela não pôde deixar de rir baixinho. — Isso é uma coisa ruim?

Ele balançou sua cabeça. — Nunca, mas eu fui um pouco áspero ontem à noite. E na noite anterior e em todas as noites antes disso. Eu acho que seu corpo precisa de um pouco de tempo. Além disso, quero passar um tempo



com você fora da cama, e você precisa comer. Você não tomou café da manhã. —Isso era uma acusação.

Ela encolheu os ombros. — Eu trabalho em uma delicatessen. Eu sempre posso comer lá.

— Eu vou me trocar. Uma vez que vamos ficar em casa, eu vou colocar algo confortável. E não pense que eu não percebi que você disse que sempre pode comer lá, não que você faça.

Ela riu e entrou na cozinha. Ela gostava de cozinhar e poderia facilmente fritar uns ovos em vez de dar uma ordem para a cozinha do hotel. Ela tinha duas omeletes quase prontas quando ele entrou na sala em um jeans azul suave e uma camiseta que esticava sobre seu peito. Ela prendeu a respiração, permitindo seu olhar passear possessivo.

— O que você está fazendo?

— Admirando à vista impressionante que é minha. —Ela colocou as omeletes em um prato e levou-as a mesa pequena, muito mais íntima que a da sala de jantar. Ela já tinha arrumado com utensílios e guardanapos.

Eles tomaram o café da manhã juntos e ela se viu desfrutando de cada momento com ele. Era fácil ficar com Stefano. Longe dos olhos do público, ele era diferente. Ele perdia o distante comportamento arrogante e parecia mais suave e descontraído. Ele sorriu, muitas vezes e riu ocasionalmente. Ele sempre a fazia se sentir como se ela fosse todo seu foco. Eles jogavam xadrez, ele ganhou os três jogos. Ele trabalhou com ela em seu quarto de treinamento, ensinando-a a sair de um estrangulamento e escapar quando um homem muito forte agarrasse seu pulso. Eles praticaram por uma hora, e então ele fez amor com ela ali mesmo no chão.

Eles passaram um tempo apenas conversando e, em seguida, ouviram música, dançaram juntos na sala de estar. Os irmãos dele vieram e treinaram com ela observando, chocada com a violência e velocidade, bem como a boa forma que todos eles tinham. Ela achou o treinamento em artes marciais fascinante e bonito de ver. Gostava que Emmanuelle igualava-se a seus irmãos.



Eles comeram juntos antes de sua família ir, o que foi divertido. Emmanuelle e Ricco a ajudaram a fazer massas e saladas. Foi divertido e fácil, muito mais do que Francesca pensou que fosse. Houve um monte de risadas e provocações, principalmente entre os irmãos, mas eles não foram tímidos incluindo-a.

Depois que sua família se foi, Stefano fez amor com ela mais duas vezes, ambas com muito cuidado, uma vez no chão, na frente da lareira e a segunda vez no sofá na sala de estar. No final, ela encontrou-se jogada sobre ele, saia e blusa vestidas mas a calcinha e sutiã longe de serem encontradas.

Ela começou a se mover, para procurar sua roupa de baixo, mas Stefano puxou para cima dele, para que ela se esparramasse em seu peito e rolou ligeiramente, prendendo os dois contra a parte de trás do longo e largo sofá.

Ele pegou o controle remoto e ligou a televisão. Ela não era muito fã de televisão, mas decidiu que não importava. Deitada em cima de Stefano, cercada por sua fragrância masculina única e seus incríveis músculos, muito duros, seus dedos tocando o cabelo dele, ela decidiu, era perfeito.

Francesca fechou os olhos e deixou-se a deriva. Sua orelha estava sobre o coração dele. Ele estava quente e as mãos em seu cabelo eram calmantes. Ela podia ter cochilado, mas acordou quando ouviu o a voz do locutor na televisão. Não, não tinha sido a voz que a acordou. Os músculos de Stefano tinham se contraído, ondulado abaixo dela em reação, apenas por um momento, mas ela estava tão em sintonia com ele, que sentiu a diferença, o alerta imediato.

— Nas notícias locais, um grupo de crianças em idade escolar em uma viagem de campo se deparou com uma cena horrível. O corpo de Scott Bowen trinta e quatro anos de idade, jogado na terra. Seu pescoço estava quebrado. De acordo com o legista-chefe, Dr. Aaron Pines, Bowen pode ter quebrado o pescoço ao cair dentro do rio.

A voz calou, mas Francesca estava voltada para a fotografia que apareceu na tela. O reconheceu imediatamente. Era o homem que tinha



colocado uma faca em sua garganta. Ela o teria reconhecido em qualquer lugar.

— Stefano? — Sua mão se arrastou defensivamente para a garganta. Ela não sabia o que estava perguntando. Os dois assaltantes tinham desaparecido, o homem disse isso, e a última que ela os tinha visto, Emilio e Enzo estavam colocando-os em um carro. Eles haviam feito o mesmo com Bowen. Agora que ele estava morto, com o pescoço quebrado. Ela não podia deixar de pensar, ela mudou seu peso corporal, com a intenção de levantar de cima de Stefano. Os braços dele a apertaram. — Não faça isso. Não tenha medo de mim, Francesca. Nunca.

— Você o matou? Emilio ou Enzo o fizeram?

— Não. — Ele ficou em silêncio por um momento, acariciando suavemente a espinha dela. — Deixe-me contar um pouco sobre Bowen e seus amigos antes de derramar alguma lágrima por ele. Eles roubaram inúmeras pessoas e a cada roubo tornaram-se mais violentos. Eles mandaram várias pessoas para o hospital, pessoas que colaboraram com eles. Era apenas uma questão de tempo antes que eles matassem alguém. Ninguém teria sido capaz de detê-los, não a polícia, nem mesmo nós, e nós os avisamos. Eles continuaram a piorar.

— Então você sabia sobre eles antes que eles tentassem me roubar. — Ela levantou a cabeça para olhar em seus olhos. Lá não havia culpa. Nem remorso. Nenhuma expressão de qualquer tipo. Honestidade apenas.

— Sim. Mas, Francesca, mais cedo ou mais tarde, teríamos de lidar com eles. Alguém precisava pará-los. Eles colocaram as mãos em você. Eles colocaram uma faca na sua garganta. Isso só acelerou as coisas.

Seu coração falhou uma batida e, em seguida, começou a bater descontroladamente. Ela virou a declaração em sua mente. Ele tinha feito algo a Bowen. Aos amigos de Bowen.

— A linha inferior, *dolce cuore*, é quem eu sou. Quando os policiais não podem fazer alguma coisa para proteger os cidadãos, é minha vez. Você tem que decidir se você pode viver com quem eu sou. O meu verdadeiro eu. —



Seu braço era uma barra de ferro em volta da cintura dela, mas sua mão era gentil quando continuava as carícias ao longo de sua espinha.

Ela ouviu a nota em sua voz. Incerta. Ele não iria mudar por ela. Ele não podia. E estava pedindo-lhe para aceitá-lo. Cada parte dele. Ela fechou os olhos e pressionou mais profundo em seu peito. Em algum nível ela sabia o tempo todo, mas ainda assim a admissão a pegou de surpresa. Ela poderia viver com isso?

Com um homem que tomava a lei em suas próprias mãos? Ele sempre foi amoroso com a família, com ela, com seus vizinhos. Protetor demais até. Um pouco assustador. Arrogante. Ele queria uma casa, uma esposa e filhos, e ela sabia que absolutamente seria o centro de seu universo. Ela não tinha dúvidas disso nem por um minuto.

— Você me pediu para ajudar uma menina de dezessete anos de idade na noite passada. Você sabia o que isso significaria. Você sabia o que estava me pedindo para fazer.

Ela começou a protestar, mas depois permaneceu em silêncio. Ela o fez. Ela sabia. Ela tinha sido vítima de um homem, o mesmo homem que havia assassinado sua irmã. Ela não tinha nenhuma dúvida de que Barry Anthon a teria assassinado se Cella não tivesse deixado seu telefone celular no correio antes de voltar para casa. Ela queria justiça para Cella e os policiais jamais dariam isso a ela. Só um homem como Stefano Ferraro.

Ela respirou fundo e virou a cabeça para pressionar um beijo em sua garganta, fechando os olhos. Ela já tinha se comprometido a ele. Em seu coração, em sua alma. Quase desde o primeiro momento em que ela o conheceu, tinha ficado hipnotizada por ele. Uma vez que ela chegou a vê-lo, que ele a deixou entrar em seu mundo, ela tinha caído duro e veloz. Ela tinha acabado de conhecê-lo.

Desde aquele primeiro momento ela estava ciente do toque das sombras. Parecia loucura, mas, desde que ela era uma criança, se sua sombra tocasse a sombra de outra pessoa, ela "a sentia". Com Stefano esse conhecimento tinha sido profundo e instantâneo. A química tinha sido astronômica. Acima



de tudo, ela sabia que ele era um homem bom, apesar de todas as evidências em contrário. Ela tinha caído e não havia volta.

— Eu estou apaixonada por você, Stefano. —ela disse suavemente, — assim eu viverei com o que tem que fazer. —Esta declaração lhe rendeu seu corpo novamente. Desta vez, ele começou lento e acabou rápido e áspero. Foi a perfeição.

Capítulo Vinte

As próximas duas semanas se passaram em uma enxurrada de atividades. Francesca se sentia como se tivesse sido arrastada por um vento selvagem. De alguma forma, Stefano tinha colocado na cabeça que sua aceitação significava que eles iriam se casar imediatamente. Para ele, "imediatamente" significava, logo que a papelada estivesse pronta. Ela não tinha ideia como tudo aconteceu, apenas que todo dia que ela ia trabalhar, em alguma hora no meio da tarde e às vezes até de manhã, Pietro recebia uma chamada e ela se encontrava no carro com Emilio, Enzo e sua irmã, Enrica, indo para algum compromisso ou consulta louca.

Emmanuelle e seus primos, junto com Eloisa, pareciam estar planejando o evento do século, algo com que Francesca não ficava nada confortável. Ela tentou falar com Stefano, mas ele balançou a cabeça e apenas a beijou sem sentido. Finalmente, percebendo que não ia ser capaz de manter seu emprego e deixar o pobre Pietro chamando substitutos, todas as manhãs, ela cedeu ao inevitável, dando-lhe o aviso, dizendo a si própria que Stefano não tinha realmente ganhado esse *round*, mesmo sabendo que ele tinha.

À noite, depois de um dia particularmente cansativo olhando flores e falando de cores e esculturas de gelo, ela ficou grata por trabalhar na cozinha,



preparando a massa de camarão que Stefano pediu. Ela não o tinha visto a maior parte do dia. Ele estava no trabalho e quando ele entrou, ele parecia cansado e inquieto—algo que ela estava começando a reconhecer quando não gostava de um relatório específico sobre alguma coisa. Sentou-se à mesa, tomando a cadeira perto da dela, algo que sempre fazia, porque seu joelho podia tocá-la na coxa e ela estava de fácil acesso.

— Você percebe que nós estamos sendo empurrados para um casamento na igreja e eles estão planejando fazê-lo em um par de semanas, —ela começou. — Sua irmã e Eloisa estão juntas tão rápidas que minha cabeça está girando.

— Deixe, *dolce cuore* não há nenhuma maneira no inferno de detê-las. Basta deixá-las fazer as coisas. Vamos aparecer, nos casar, ir a festa e todos serão felizes. Elas não se importam de fazer o trabalho. Na verdade elas querem fazê-lo, por isso, se nós não nos importamos, deixe-as.

Ela não tinha pensado nisso dessa forma. Ainda. — Eu pensei em ir ao cartório ou algo assim.

Ele beijou seus dedos e, em seguida, pegou o garfo para comer a massa de camarão. — Não é o caso. Não em nossa família. Por que você está nervosa, Francesca? Eu estarei esperando por você no final do corredor.

Ela abaixou a cabeça, incapaz de encontrar seus olhos, dividida entre o sorriso por sua arrogância, e o choro porque ele não tinha entendido. Ele tinha uma enorme família. Não haveria ninguém sentado de seu lado da igreja. — Eu vou andar pelo corredor sozinha e provavelmente vou cair de cara, especialmente se Emmanuelle me arrumar e eu tiver que andar em saltos de dez centímetros.

A cabeça dele levantou alerta. Seu olhar deslizou sobre seu rosto como o toque de dedos. Amoroso. Suave. Tenro até. — O vestido é longo, *bambina*, isso significa que você pode usar qualquer *porra* de coisa que você queira em seus pés. Ou vá descalça. Quanto a levar você até o altar, Emilio pediu por esse privilégio. Se você não o quiser, qualquer um dos meus primos ficará



feliz em ir. Enzo e Emilio brigaram ou algo assim e o vencedor pediu para mim. Se preferir Pietro ou outro é só dizer.

A ideia de Emilio e Enzo brigarem pelo dever de levá-la até o altar, de repente lhe deu vontade de chorar. Ela tinha aprendido a gostar muito de ambos. Para encobrir a emoção que ameaçava sufocá-la, ela mudou para o assunto que mais a preocupava.

— O que aconteceu no trabalho? Há sombras em seus olhos, Stefano. — Ela quis que ele respondesse. Ela já tinha aceitado o que ele fazia para proteger os outros e ela não queria que ele deixasse-a de fora.

Stefano suspirou e esfregou seu pescoço. — A garota sobre quem eu contei a você a algumas semanas atrás.

— A adolescente? — Francesca pousou o garfo e pegou o guardanapo, de repente com medo. *Por favor, por favor, não o deixe dizer que ela estava morta.*

Ele assentiu. — O nome dela é Nicoletta Gomez. As investigações foram concluídas e é muito pior do que eu pensava inicialmente. Eu vou ter que ir amanhã, Francesca. Se eu esperar muito mais tempo, ela pode não sobreviver ao próximo ataque.

— Então vá. Claro que você tem que ir. — Ela se levantou e foi para trás da cadeira dele, afundando os dedos nos músculos do pescoço em um esforço para aliviar a tensão dele. — Eu quero que você vá.

— *Dio, bella*, como isso é bom. Mas você deve saber ... — Ele parou quando a porta do elevador apitou.

Ricco e Taviano entraram um par de momentos mais tarde. Ricco cheirou o ar e foi direto para a cozinha, serviu a ele e Taviano uma grande tigela de macarrão e arrastou as cadeiras mais perto da mesa. — Coma antes que os outros cheguem. Podemos ter a vantagem de segundos. — Ele sorriu



para ela. — *Hey, Francesca, parece bem para uma bridezilla*³⁶. Imaginei que sua cabeça estaria girando neste momento.

Ela continuou amassando os músculos tensos do pescoço e dos ombros de Stefano. — Eu me sinto como uma bridezilla. Eu realmente entendo o conceito de fugir, mas Stefano não.

— Eu sempre achei que a mulher queria um casamento grande de branco e o homem era quem queria fugir, —Taviano disse, jogando uma garfada enorme de massa em sua boca.

O elevador apitou novamente, e desta vez eram Giovanni, Emmanuelle e Vittorio. Francesca tinha percebido que quando um irmão vinha, os outros estavam por perto. Ela estava feliz de ter feito uma quantidade de massa considerável, embora não restassem sobras para almoço do dia seguinte.

Uma vez que todos estavam sentados ao redor da mesa e comendo, enchendo copos de vinho, ela olhou atentamente para seus rostos. — Então, o que há de errado?

Giovanni ergueu uma sobrancelha. — Por que você acha que algo está errado? Além do gosto muito ruim de Emmanuelle com encontros para almoço.

— Eu não almocei com ele e certamente não fui a um encontro. — Emmanuelle estalou, olhando para o irmão. — Eu fui até ele e fui educada em lhe falar, isso é tudo. Pare com a provocação. Ele me irrita profundamente.



³⁶ **Bridezilla** – é uma junção da palavra “*bride*” (“noiva”, em inglês) com “*Godzilla*”, o dinossauro lendário que devastou o Japão nos cinemas. Acredita-se que a expressão foi utilizada pela primeira vez em um artigo de 1995 do jornal The Boston Globe. Trata-se daquela noiva compulsiva que, na tentativa de realizar o casamento “mais perfeito do mundo” acaba por atormentar a vida de familiares, madrinhas, fornecedores e, claro, do noivo.



Francesca soube imediatamente que estavam falando de *Valentino Saldi*. Os irmãos não gostavam dele por princípio, e Emmanuelle não gostava dele porque ele sempre era sarcástico com ela. Ela realmente odiava ser chamada de *princesa* e Valentino, aparentemente, fazia isso em todas as oportunidades. Emmanuelle parecia aborrecida, mas um leve rubor rondava suas bochechas e quando seus olhos encontraram os de Francesca havia um pedido lá.

— Pare de importunar Emme. Não está me distraindo. Sei que todos não apareceram aqui pela massa, de modo que outra coisa aconteceu, —disse Francesca. — Apenas diga.

Houve um pequeno silêncio. Seus dedos se fecharam nos ombros de Stefano, segurando-se para o inevitável, pois pelo silêncio, ela sabia o que estava chegando.

— Barry Anthon está na cidade e está a caminho daqui, —Ricco anunciou a voz calma e confiante.

O coração de Francesca gaguejou. Instantaneamente seu estômago virou. Ela apertou uma mão em seu estômago e a outra na boca, com medo de vomitar ali com a família de Stefano sentada em torno da mesa, fingindo que não estavam observando-a de perto. Por um momento, sua visão, começou a desaparecer e as pernas ficaram fracas.

Ricco levantou instantaneamente, quase derrubando sua cadeira, os dedos fortes foram a parte de trás do pescoço dela, empurrando a cabeça para baixo. — Apenas respire. Não entre em pânico. Não dê isso ao bastardo.

A cadeira de Stefano raspou e ele se agachou ao lado dela, tirando o longo cabelo de seus olhos, enquanto examinava o rosto pálido. — Ele não pode machucar você, *bambina*, nunca mais. Tudo o que ele disser, ele vai ter muito, muito cuidado, sabendo que você é minha noiva. Ele sabe que eu não sou o tipo de homem que permito implicações ou insinuações sobre minha mulher. Ele vai ter seu melhor comportamento. Assim como nós. Nós vamos ser todos sorrisos e cortesia.

Ela forçou o ar através de seus pulmões, envergonhada de sua fraqueza. Os irmãos e irmã de Stefano tinham deixado o que estavam fazendo para



apoiá-la. — Eu estou bem agora. Eu sinto Muito. Eu só ... Ele é ... —Ela suspirou enquanto se endireitava lentamente.

Ricco e Stefano mantiveram uma mão sobre ela enquanto ela se levantava. De todos os irmãos, Ricco era o que parecia mais duro, com os olhos permanentemente sombreados, como se algo terrível tivesse acontecido com ele, mas ele se recusava a compartilhar, para aliviar o seu fardo. Ele era muito parecido com Stefano, ele era assustador, talvez mais ainda. Um homem escuro, perigoso buscando uma descarga de adrenalina o tempo todo. Ele era o mais imprevisível e, no entanto, o mais cuidadoso com ela. Gentil mesmo. Todos os Ferraro eram muito agradáveis com ela.

— Ele a matou. Todas aquelas facadas. O sangue. Eu vejo isso quase toda vez que fecho meus olhos. Ele feriria qualquer um de vocês só porque acha que pode. Ele se acha intocável. Eu não sei se eu posso sentar na frente de seu rosto sorridente e não pegar uma faca e esfaqueá-lo muitas vezes. — Ela fez a confissão ligeira, precisando que eles entendessem que ela tinha medo de Barry tanto por todos eles, ou pelo que ela poderia fazer.

— Mas você não vai, —disse Stefano. — Porque você acredita em mim quando digo que vamos lidar com isso. Barry Anthon vai pagar o preço por assassinar sua irmã e destruir a vida que você tinha.

— Eu posso te dar o telefone de Cella, —ela ofereceu. — Eu não sei por que eu não fiz isso antes.

Taviano riu. — A irmãzinha, isso é lindo. Você não precisa dar a nós. Nós já o vimos.

— Isso é impossível. Está em um cofre sob o nome de Joanna. Você precisaria da chave.

— Que ela mantém em sua gaveta superior a esquerda. —disse Vittorio. — Fiz uma cópia quando eu tive uma pequena conversa com ela, e, em seguida, Salvatore foi ao banco e recuperou-o. Não se preocupe. Está de volta na caixa. Ele retornou uma vez que fizemos uma cópia. Precisávamos de provas para a investigação.



Francesca não sabia se ficava irritada ou impressionada. — Que investigação?

— Nós sempre temos certeza de todos os fatos, irmãzinha, —disse Ricco, sentando-se para comer mais massa. — Nós não cometemos erros.

— Completa. —Giovanni acrescentou. — Pode levar um tempo, mas sabemos que estamos certos antes de fazer um movimento.

Francesca enfiou os dedos em Stefano. — Foi por isso que você esperou no caso da menina, não é? Você tinha que ter certeza.

Stefano assentiu. — Nossas soluções tendem a ser permanentes. Não podemos permitir erros.

Ela gostava disso. O fato de que eles levavam o seu tempo para ter certeza absoluta, mesmo que quisessem fazer algo, como Stefano claramente fazia com Nicoletta Gomez, lhe deu certeza de que ela estava certa de confiar Stefano.

— Eu estava prestes a lhe dizer que eu tenho que sair da cidade amanhã. Giovanni e Taviano vão comigo. Vai parecer que só os dois vão embarcar no avião e eu fiquei aqui com você. Emmanuelle, Ricco e Vittorio estarão com você em todos os momentos. Barry Anthon não vai chegar perto de você, mas se você precisar de mim aqui, Francesca, agora que você sabe que Anthon está perto, eu vou adiar a viagem.

— Não. Claro que não. Eu vi Emme em ação, e se eu decidir ficar louca e ir atrás de Barry, não tenho dúvidas que ela pode me parar.

— Você tem certeza.

Ela olhou-o nos olhos. — Você vai tirá-la dessa situação. Mais do que qualquer outra coisa, eu quero isso. Eu tive medo das pessoas ao meu redor, Stefano. Barry destruiu minha vida e me derrubou. Eu vim para Chicago com a ideia de me levantar. Eu planejei encontrar uma maneira de ir atrás dele. Acredite em mim, eu não teria lhe permitido escapar do assassinato de minha irmã. Ele vai pagar.



Stefano levou a mão dela à boca e suavemente raspou os dentes sobre as almofadas de seus dedos. — Essa é a minha mulher. — Havia orgulho em sua voz.

O telefone do hotel tocou. A sala ficou quieta. Stefano manteve a posse de sua mão, puxou até que ela foi com ele pelo quarto para responder. Era a recepção dizendo que ele tinha um visitante, um amigo de fora da cidade, Barry Anthon. Ele poderia subir um pouco? Sim, ele estava sozinho. Stefano respondia facilmente. — Claro, diga a ele que nós estamos terminando o jantar e Emilio e Enzo vão buscá-lo.

O tempo desacelerou instantaneamente para Francesca. Havia um estranho zumbido em sua cabeça. Ela podia ver o balcão da cozinha de onde ela estava e seu olhar fixo no bloco de açougueiro de facas. Não eram apenas facas. Eram as armas de um chef de cozinha, precisas e nítidas além da medida.

Os dedos de Stefano se fecharam em torno de seu braço como um torno. Ela não tinha percebido que tinha dado um passo para a cozinha quando ele puxou-a perto de seu corpo. Sua mão se estendeu para sua garganta, empurrando a cabeça para trás, forçando os olhos a encontrar os dele.

— Você confia em seu homem, Francesca. Você se coloca em minhas mãos. Você se prometeu a mim. Isso significa que tenho sua confiança. Pode não ser a tendência mais recente, ou o conceito moderno do que é uma parceria, mas você me escolheu e eu escolhi você. Eu nunca vou ser nada menos do que o homem em nosso relacionamento. Confie em mim para cuidar de você devidamente. Eu sempre vou fazer o meu melhor para você. Você faz o que eu digo nisto. Você me entende?

Ela umedeceu os lábios secos com a ponta da língua. — O que você está dizendo?

— Você nunca usa a violência, Francesca, não a menos que seja autodefesa ou na defesa da nossa família. Eu não vou ter isso na sua alma. Você vai ser minha esposa. A mãe de meus filhos. Você é amor e suavidade. Não mata. Nunca. Este homem prejudicou você. Ele assassinou uma mulher



que teria sido minha irmã. Quando estiver pronta, a família vai atacar. Até então, você faz exatamente o que eu digo. —Ele se virou e fez um gesto em direção aos seus irmãos silenciosos. — O que eles disserem. Este é o nosso campo de especialização.

Ela fechou os olhos, não querendo ver o assassino nele, porque ele estava bem ali, exposto, os olhos planos e frios. Impessoais, quando ela nunca poderia ser. Ela poderia matar Barry Anthon, mas poderia não ser objetiva ou individual sobre isso. Ela pode se arrepender de ter tirado uma vida depois. Ela não sabia, mas temia que pudesse.

Houve um silêncio na sala. Esperando. Stefano foi paciente. Sua revelação veio sem nenhuma surpresa. Ela sabia o tempo todo que tipo de homem que ele era. Ele controlava seu mundo e seria de esperar que controlasse sua família, especialmente sua esposa. Um milhão de objeções correram através de sua mente, mas ela realmente não as sentia. Ela conhecia Stefano agora e sabia que ele era um homem justo. Ele não seria um tirano ou ditador, mas iria esperar que ela seguisse sua liderança no casamento.

Seus olhos procuraram os dele. Seu olhar era firme. Ele nem sequer piscava. Ela não tinha nenhuma dúvida de que ele iria cuidar de Barry Anthon, mas iria fazê-lo com segurança. Muito mais seguro do que ela jamais poderia gerenciar.

— Eu ouvi você, querido, —ela disse suavemente. — Diga-me o que você quer que eu faça.

— Sente-se entre Ricco e eu. Mantenha sua mão na minha. Não importa o que ele diga ou o que qualquer um de nós diga, você fica quieta. Tente não olhar para ele, triunfante, ou com raiva. Se você não puder fazer isso, e eu não espero que seja uma grande atriz, então apenas mantenha seus olhos baixos. Barry nunca acreditaria em uma mudança sua, mas não vai tão longe com hostilidade aberta. Nós não estamos prontos para derrubá-lo. Se as coisas ficarem muito difíceis, olhe para Emmanuelle. Ela vai tirá-la daqui.

Francesca tomou uma respiração profunda. Inalou Stefano. Ela temia que uma vez que Barry entrasse na sala ela não seria capaz de respirar



corretamente. Ela não queria ter a chance de atraí-lo para seus pulmões. Ele estava em seus pesadelos; ele não conseguiria qualquer outra coisa dela.

Ela deu uma olhada lenta em torno dela para os irmãos de Stefano. Todos eles estavam imóveis como estátuas. Bonitos, espécimes deslumbrantes de seres humanos, difíceis e perigosos, esperando por seu sinal, completamente preparados para protegê-la a qualquer custo. Seu olhar se voltou para o rosto de Stefano. Os ângulos planos poderiam ter sido imortalizados em pedra. Ela viu tudo lá, tudo o que ela sempre quis.

— Ok. — Ela hesitou e depois foi obrigada a emitir um aviso. — Barry Anthon é um monstro. O inferno lhe deu um rosto inocente e todo o plano de apunhalá-lo pelas costas.

— Nós temos muita prática nisso, Francesca. — Emmanuelle a tranquilizou. — Nós temos brincado em público há anos. Cultivamos os paparazzi, alimentando as histórias que queremos que eles publiquem, dando-lhes as fotos e imagens assim estamos controlando tudo para os nossos próprios fins. Nós temos isso.

— Barry está na pista, tentando jogar com frequência, — Ricco acrescentou, com a voz baixa, desdenhosa. — Ele gosta de ser o grande homem, mas deixe-me dizer isto, irmãzinha, aquela pobre desculpa de ser humano não sabe nada comparado com a gente quando se trata de manipulação ou jogando para a câmera. Ele vai acreditar em nós. Basta seguir nosso exemplo e olhar para nós se ficar em apuros. Você é *famiglia*. Sagrada para nós.

Ela finalmente conseguiu entender que toda a família Ferraro realmente se sentia assim e isso lhe deu uma sensação de calor muito necessária. Ela sorriu para todos eles, esfregando as mãos para cima e para baixo nos braços, grato a eles. — Eu realmente aprecio todos vocês.

O lugar frio e congelado dentro dela que sabia Barry Anthon iria tentar destruí-la novamente estava começando a descongelar um pouco. — Eu realmente não acredito que ele tenha medo de mim ou das provas que tenho contra ele. Essa é uma das razões por que não levei o telefone de Cella ao



FBI ou a outra agência de aplicação da lei. Há evidências de má conduta, mas nada realmente o conecta diferente de sua caligrafia. Qualquer advogado competente iria tirá-lo se isso fosse tudo o que tinham contra ele.

Ela passou a mão pelo cabelo. — Eu acho que Barry gosta de aterrorizar as pessoas. Dá-lhe uma sensação de poder. Ele gosta de destruir vidas só porque ele pode. Assim como ele quer que as mulheres se apaixonem por ele, para que ele possa destruí-las dessa forma.

Ricco e Stefano trocaram um longo olhar. Ricco sorriu. — Você está correto, Stefano. Ela é não só bonita, ela é um presente. — Francesca não tinha ideia do que isso significava, mas foi sincero e a fez corar.

— Isto é exatamente correto, Francesca, — Stefano concordou. — Ele é um *sociopata*. Ele pode ser encantador a sua maneira, mas qualquer um que cruze com ele vai ser *ceifado* de uma forma ou de outra. Ele está destruindo os outros, desde que era um menino. Eu acho que sua própria mãe tem medo dele. Se ele não tivesse nascido na família Anthon e com o seu dinheiro, ele já estaria na cadeia.

O elevador apitou e o braço de Stefano correu em torno dela, trazendo-a da frente para o seu lado, trancando-a sob a proteção de seu ombro. Francesca apertou a mão em seu duro abdômen. Ela podia sentir seu calor e os músculos tranquilizadores debaixo da camiseta fina. Sua garganta ficou seca e seu coração bateu descompassado quando ouviu a voz de Emilio anunciando Barry Anthon. Ela não podia olhar. Ela não ousava. Ela confiava em Stefano e os outros para cuidar de Barry eventualmente. Isso não significava que ela não tinha a compulsão de saltar sobre ele e vencê-lo com os punhos. Seria doído como o inferno, mas seria satisfatório.

— Barry. — Stefano cumprimentou. — Que surpresa. Eu não tinha ideia que estava na cidade.

A voz de Stefano estava calma, a confiante, como se poucos minutos antes, ele não houvesse assegurando a Francesca que ele estaria cuidando desse assassino de uma forma muito permanente. Mantendo o seu braço com força em torno dela, ele entrou no *foyer* para cumprimentar seu convidado.



— Hora exata. —acrescentou. — A família está aqui esta noite.

— Eu não queria interromper o seu jantar. —disse Barry.

Seu estômago embrulhou. Ela conheceria essa voz em qualquer lugar. Ela parecia tão normal. Bonita mesmo. Ela sabia que o mal se escondia sob essa primeira camada de seu tom, porque ela o ouvia. O desprezo sarcástico com todos em volta dele. Perguntou-se se os outros podiam ouvi-lo também. Cella não tinha sido capaz, e no final ela pagou o preço.

Os dedos de Stefano apertaram sua cintura com força suficiente para machucar. Ela forçou os cílios a levantar e encontrou-se olhando diretamente nos olhos de Barry. Havia especulação lá. Um sorriso sardônico vigilante só para ela. Ela recusou-se a morder a isca. Ela não sorriu em boas-vindas, ela não conseguiria sequer um sorriso sarcástico e ele nunca iria acreditar de qualquer maneira.

— Eu acredito que você conhece minha noiva. —disse Stefano.

Barry inclinou a cabeça. — Eu conheço. Eu estava apaixonado por sua irmã, Cella, uma bela mulher. Tenho medo que Francesca não aprovava o romance. Eu esperava que, ao longo do tempo, eu a conquistasse, mas, infelizmente Cella foi assassinada e Francesca teve que colocar a culpa em alguém. Ela caiu diretamente sobre os meus ombros. Admito que fiquei surpreso que vocês dois se conhecessem, e mais ainda que ficassem noivos. Francesca e sua irmã não circulavam exatamente em nosso círculo.

Não havia falha em qualquer coisa do que ele disse, ou mesmo em seu tom de voz, mas ele ainda conseguiu reduzi-la a ter inveja da irmã, a mais jovem que se recusou a aprovar do relacionamento da irmã mais velha por razões mesquinhas. Ele também sutilmente tinha apontado que Francesca e Cella não eram membros do escalão de elite superior e que ela não tinha o seu dinheiro ou educação. Ela não pertencia aquele lugar.

O que a fez sorrir. Ela pertencia a Stefano. Com Stefano. Ela sentiu os outros se aproximando, levando-a de volta. Ela pertencia à família Ferraro, e ninguém fodia com um Ferraro. Ela ergueu o queixo. — Há alguma verdade nisso. Minha irmã e eu certamente nunca frequentamos seu círculo,



Barry. Quanto a culpar você, eu culpo o homem que matou minha irmã tão violentamente e eu sempre culparei.

Os dedos de Stefano apertaram novamente. Ele acenou em direção à sala grande. — Vamos sentar e saber o que você está fazendo na cidade.

Barry seguiu Stefano e Francesca até a sala espaçosa e, depois de cumprimentar os outros Ferraro, tomou a poltrona mais próxima de Emmanuelle. Claro que ele iria escolher a mulher Ferraro. Barry acreditava ser irresistível para as mulheres. Ele iria flertar com Emmanuelle e tentar obter um aliado na campanha contra o inimigo. Francesca se perguntou se era isso o que Valentino Saldi estava fazendo e se era por isso que Emmanuelle ficava tão zangada com ele sempre que se encontravam. Ninguém queria ser usado.

Stefano se dirigiu ao longo sofá. Ele sentou-se perto dela, mantendo-a firmemente contra ele, com a mão pressionando sua coxa. Ricco sentou-se do outro lado dela, quase tão perto quanto Stefano. Ela podia sentir seu corpo, o calor e a onda ameaçadora derramando dele. Era tangível o suficiente para que Stefano enviasse-lhe um olhar de repressão. Secretamente, Francesca queria abraçar Ricco. Ele não gostava do ataque sutil de Barry sobre ela.

— O que o traz para a cidade? — Perguntou Ricco, soando tão agradável quanto Stefano. Ele deu a Barry um sorriso de tubarão, todo dentes brancos e polidez.

— Há uma empresa na cidade que eu estava olhando, — Barry admitiu. — Pode valer a pena o meu tempo para trabalhá-la ou vendê-la parte por parte. Eu ouvi sobre o noivado e vi alguns dos realmente desagradáveis artigos escritos sobre Francesca. E pensei que poderia falar em seu nome para que nenhum de vocês tirasse conclusões erradas sobre ela. Afinal, ela poderia ter sido minha irmã.

Tomou cada gota de disciplina que ela tinha para não se lançar em Barry. Seus dedos se curvaram em garras, as unhas cravadas na coxa de Stefano. Ele não estremeceu, mas fez carícias suaves sobre o dorso da mão.



Barry Anthon, agindo como se ele fosse ou pudesse "falar em seu nome."

Vittorio riu suavemente. — Ninguém tem que falar em nome de Francesca, Barry. Estamos todos apaixonados por ela. Como alguém poderia evitar ser outra coisa senão apaixonado por ela? As coisas que os paparazzi desenterraram estão todas no passado. É apenas o suficiente para alimentar o frenesi e ser interessante, mas não o suficiente para ser um enorme escândalo, embora nunca tenhamos nos esquivado disso.

Os irmãos todos riram. Francesca conseguiu um leve sorriso. Stefano aterrava-a com sua absoluta confiança. A família ajudava com o seu apoio incondicional.

— Isso é bom então. Ótimo. — disse Barry. — Um sossego. Francesca é uma ótima garota. Eu esperava que fôssemos nos tornar bons amigos já que nós dividimos o amor de sua irmã. — Ele ergueu a sobrancelha para Francesca. — Talvez um dia. Você definiu uma data para o casamento, Stefano? — Claramente ele não acreditou por um momento que Stefano fosse realmente se casar com ela. Lá estava o desprezo sutil.

Emmanuelle bateu palmas. — Eu tenho visto todos os detalhes. Francesca se sente um pouco atropelada, tenho a certeza, mas minha mãe e eu estamos seguindo as ordens de Stefano ao pé da letra. Ele quer se casar com sua dama imediatamente e uma vez que estamos todos de total acordo, não podemos acelerar esse casamento o suficiente.

— Você se sente atropelada, Francesca? — Stefano perguntou seus olhos encontrando os dela. A voz suave. Baixa. Íntima. Ele trouxe a ponta dos dedos à boca e mordiscou, olhando como se pudesse devorá-la ali mesmo na frente de todos.

Ela balançou a cabeça, permitindo que Barry visse a verdade, que ela estava absolutamente fascinada por Stefano, completamente apaixonada por ele. Barry nunca iria ter esse tipo de devoção e amor de ninguém, porque ele não podia sentir. Ele nunca poderia sustentar o interesse tempo suficiente para uma mulher encontrar-se completamente e totalmente apaixonada. Ele



precisava do poder e, em seguida, a destruição de seus bonitos brinquedos, antes que a verdadeira devoção acontecesse.

— Você vai ficar em Chicago por muito tempo, Barry? — Perguntou Tavano.

— Eu aluguei um imóvel para o mês. Eu gostaria de fechar esse negócio. — Ele piscou para Emmanuelle. — Tempo para visitar os clubes e talvez ter um jantar ou dois com sua irmã. — Sua voz mostrava completa confiança.

— Barry, você é um bajulador. — Emmanuelle bateu os cílios para ele. — E tão corajoso com todos os meus irmãos sentando-se em torno de você como um bando de falcões. O último homem que tentou me convidar terminou no hospital por duas semanas. Ele levou trinta e sete pontos na cabeça e ninguém estava completamente certo se ele seria capaz de funcionar corretamente de novo, se você entende o que quero dizer.

O sorriso de Barry escorregou. Sua voz era muito brilhante, quase como se ela estivesse brincando com ele, mas ela soava sério o suficiente. Francesca olhou para Stefano. Ele sorria, como se a memória fosse feliz. Ricco estalou os dedos.

Giovanni suspirou. — Nós não vamos levar a culpa por isso, Emmanuelle. — Ele balançou a cabeça para Barry. — Ela fez tudo por conta própria.

— Sério? — Barry olhou Emmanuelle de cima a baixo. Ela era pequena, quase etérea. Ela tinha uma boa figura, mas era muito menor do que seus irmãos. — Eu não consigo ver isso acontecendo.

— É verdade. — disse Emmanuelle com um encolher de ombros casual.

— Ele a atacou ou algo assim?

— Se ele fizesse isso, ele estaria morto, — disse Stefano.

— Então o quê? — Barry insistiu.



Emmanuelle revirou os olhos. — Eu estava na TPM, ok? Nada demais. Disse-lhe para se afastar um par de vezes e ele não o fez. Ele deveria ter escutado. Eu avisei-o duas vezes.

Barry olhou para todos os seus irmãos e então ele riu nervosamente. — Boa, Emmanuelle. Eu quase acreditei em você.

— Onde você está hospedado, Barry? — Perguntou Giovanni.

— A propriedade *Mardsten*. É muito isolada. Eu trouxe a minha própria segurança comigo. Eu recebi algumas ameaças recentemente. Alguém foi atrás do meu projeto para um novo motor de corrida.

— É isso mesmo. — disse Stefano. — Sua empresa tem estado no estágio de desenvolvimento por alguns anos para um novo motor. Finalmente terminou? Você está pronto para estrear na pista?

— Ainda não, mas estamos perto.

— Você roubou Martin Estee da Aeronáutica, não foi? Esse foi um bom golpe. Como designer, ele é top no negócio, — afirmou Ricco. — Você teve sorte, especialmente se ele conseguir projetar algo novo. Temos trabalhado por conta própria a algum tempo.

Vittorio assentiu. — Nós daríamos qualquer coisa para ser capaz de tirar Martin de você.

— Embora você, Taviano e Emme estejam fazendo um bom trabalho para nós, — Stefano apontou para o irmão. — Nossos últimos carros têm arrebitado.

Barry se deslocou para a frente, as sobrancelhas se unindo. — Vocês três projetaram seu motor?

— Principalmente Taviano, — disse Ricco. — Ele é o nosso ás na manga.

Francesca observou o rosto de Barry de perto. Sua expressão facial havia congelado, seus olhos mostrando um assassino frio. Ela tremeu e quis protestar, fazer qualquer coisa para tirar a atenção de Taviano. Será que eles não percebiam que estavam pintando um alvo no meio da testa de Taviano?



Barry não gostava de ser superado, e os Ferraro estavam vencendo as corridas. Ricco era um excelente piloto. Ele ganhava corrida após corrida e mais de uma vez ele tinha deixado o carro de Barry na poeira.

Giovanni olhou para o relógio e desculpou-se, dirigindo-se para o elevador depois de escovar um beijo na testa primeiro de Emmanuelle e, em seguida, de Francesca. Seus irmãos lhe deram um breve aceno. Barry não pareceu nem mesmo notar. Ele estava franzindo a testa para Stefano.

— Eu não tinha ideia que Taviano gostava de desenhar e construir motores, — disse Barry.

Stefano deu de ombros. — Ele não gosta muito dos holofotes.

— Não sou apenas eu, — Taviano opôs modestamente. — Vittorio e Emme resolveram alguns problemas para mim. Ricco conseguiu acrescentar mais poder quando pensamos que já estávamos no máximo. Portanto, é um esforço de grupo.

Francesca permitiu que a conversa sobre a pista e os carros fluíssem em torno dela. Stefano e Ricco ficaram encarregados da conversa, habilmente escorregavam uma pergunta de vez em quando e evitavam que Barry mirasse Francesca. Seus irmãos seguiam a liderança, proporcionando uma conversa interessante e fazendo perguntas que se seguiam naturalmente. Nenhum deles parecia estar realizando um interrogatório, mas Francesca estava certa de que eles estavam estudando Barry e ele não tinha nenhuma pista do que eles estavam fazendo, fora sua conversa casual.

Taviano serviu as bebidas que Vittorio fez, e eles continuaram fazendo Barry fluir, enquanto eles só pareciam acompanhá-lo. Francesca cuidou da bebida que Stefano tinha insistido que ela tomasse. Ela estava com medo que, se ficasse tonta, diria a Barry exatamente o que pensava dele e, em seguida, iria atrás dele com dentes e unhas.

Barry gostou de sua bebida e Vittorio foi generoso em misturar o seu gin-tônica favorito. Em uma hora e meia, ele estava balbuciando suas palavras e ficando um pouco beligerante com Stefano e, especialmente, ela. Ele foi aumentando as pequenas provocações. De repente, ele ficou em silêncio por



alguns minutos, enquanto a conversa entre os irmãos e Emmanuelle giravam em torno dele e, em seguida, apontou um dedo para Francesca.

— O quê? — Ela não pôde evitar a beligerância de sua voz.

— Você gostou de ficar presa no hospital psiquiátrico? — Ele desafiou com um sorriso de escárnio. — Será que eles a colocaram em uma camisa de força? Eu teria dado qualquer coisa para ver isso. A linda, pequena perfeita Francesca, toda embrulhada como um presente. Eu ouvi que alguns desses enfermeiros gostam de foder os pacientes quando eles estão todos amarrados naquilo. Isso aconteceu com você? Será que um deles se esgueirou em seu quarto à noite? Talvez você tenha gostado ...

Stefano bateu nele, ao mesmo tempo que Ricco. Duro. Os sons tão altos que Francesca gritou. Ela não tinha visto Ricco ou Stefano se movimentarem, mas eles estavam do outro lado da sala e ambos simultaneamente acertavam Barry em ambos os lados de seu rosto. Ela jurou que houve um estalo audível e, em seguida, Barry estava gritando e dando socos selvagens.

Emmanuelle levantou-se calmamente e estendeu a mão para Francesca. — Vamos para a outra sala, enquanto os meninos estão *brincando*.

Ela puxou Francesca de seu assento enquanto Francesca olhou horrorizada para os dois irmãos deixando Barry em uma polpa sangrenta.

— Você tem que detê-los, Emmanuelle.

— Por que no mundo que eu faria isso? — Ela continuou puxando determinadamente a mão de Francesca até que elas estavam na cozinha. — Bêbado ou não, o idiota é responsável pelo que diz. Insultar você é totalmente *inaceitável*, e fazê-lo na frente dos meus irmãos é como agitar uma capa vermelha em um touro. A sério, é estúpido. Ele merece tudo o que ele vai ganhar.

— Eu não quero ter que visitar meu marido na cadeia. Ou qualquer um dos seus irmãos. Eu não dou a mínima para o que Barry diz. Ele levou a minha irmã. Dizer merda para mim não é nada. Stefano só vai deixá-lo mais



irritado. Realmente, realmente com raiva. Barry Anthon é todo sobre ser superior, e orgulho é tudo para ele. Inferno ele vai retaliar ... —Ela parou, com a mão à boca. — Oh. Meu. Deus. Eles estão batendo nele, cutucando a cascavel com vara curta para provocá-lo.

Emmanuelle sorriu para ela. — Eles nunca fazem esse tipo de coisa, sem uma boa razão. Nesse caso, eles tinham duas razões muito boas, além do fato de que ele vai fazer todos se sentirem felizes, em bater num monstro como esse. Barry não vai à polícia porque vai querer *retaliar* e não vai querer um registro disso. —Ela olhou para o relógio. — Giovanni deve estar de volta a qualquer momento com um relatório completo sobre o lugar que Barry alugou no Estado. Nós vamos ter o layout e talvez até mesmo uma ideia de seus planos.

— Giovanni entrou no lugar onde Barry vai ficar?

— Você acha que nós o deixamos falar sobre onde estava hospedado porque estávamos interessados? —Ela deslizou sobre uma das cadeiras altas no balcão e apoiou a cabeça na mão. — Vamos falar de casamentos. Isso é muito mais interessante do que Barry Anthon.

Capítulo Vinte e Um

Stefano ficou entre seus irmãos, procurando as melhores sombras para o levarem a seu destino, o *Bronx*. Ele tinha um pressentimento muito ruim sobre este trabalho especificamente. Algo nele o incitava a se mover mais rápido, incitando-o. Um cavaleiro de sombra não podia se dar ao luxo de cometer um erro. Ele era o protetor de sua família—a família *inteira* em cada cidade ou vila em torno do mundo. Ele era a chave para a sobrevivência.



Cada movimento era planejado com cuidado e meticulosamente. Eles nunca cortavam arestas e nunca corriam. Eles nunca deixavam nada se tornar pessoal. Se alguma coisa acontecesse a um membro da sua família, chamavam os primos—pesquisadores e cavaleiros—de outra cidade. Dessa forma, nunca havia qualquer contragolpe ou suspeita. Ainda assim, se ele não fosse tão disciplinado, se não estivesse tão entranhado nele verificar e reavaliar cada fato antes de entrar em um tubo para o passeio ao destino final, ele teria cedido à urgência que gritava nele tão duro.

— Eu não estou me sentindo bem sobre isto, —ele confessou a seus irmãos. Ele ficou atrás de Giovanni e Taviano quando eles o bloquearam da possibilidade de ser visto, bem como de qualquer câmera que os paparazzi pudessem ter sobre eles.

Abaixo deles, seus primos de Nova York haviam chegado, com a música aos berros, prontos para levar os dois irmãos mais novos de Stefano para vários clubes, onde os membros da família de Salvatore estariam reunidos publicamente para que não houvessem suspeitas, na manhã seguinte, ninguém poderia suspeitar que tivessem qualquer coisa a ver com qualquer morte na cidade. Ninguém jamais seria capaz de conectar a família de Nova York, mesmo a assistente social que inicialmente tinha ido procurar os Ferraro em Nova York e tinha contado o problema da menina de dezessete anos de idade, mudou de idéia e foi a polícia. As chances de isso acontecer eram pequenas, mas ainda assim, os Ferraro prestavam atenção a todas as possibilidades e planejavam sobre elas.

— Eu posso ficar "doente" ou beber demais e ter que ir para o meu quarto de hotel, ou de volta com o Salvatore, —ofereceu Taviano, franzindo o cenho. Eles não cometiam erros amadores como olhar por cima do ombro enquanto falava com seu irmão. — Eu vou te encontrar lá e apoiá-lo. A gangue a que pertencem seus tios é uma das mais sangrentas de Nova York.

Havia preocupação em sua voz e Stefano não poderia culpá-lo. Nunca ele tinha admitido o sentimento de urgência e que algo podia estar errado, porque nunca tinha acontecido antes. Ele hesitou, perguntando se ele deveria levar seu irmão. O nó em seu intestino estava muito, muito forte. Ele nunca



ignorou seu sistema de alerta embutido. Ainda assim, a alta visibilidade de sua família festejando com os membros da família local era o que mantinha sua família a salvo de qualquer suspeita.

— Nós manteremos o plano. —disse Stefano depois de um momento de pausa. — Vou entrar em contato com você na hora que tiver saído e esteja de volta ao avião.

— Nós vamos estar esperando, —murmurou Taviano. — Já escolheu o seu passeio?

— Está em movimento. Eu vou escorregar para fora logo atrás de você. Franco vai cuidar do avião, então estaremos prontos para voltar para casa o mais rápido possível. Eu não gosto de deixar Francesca com Anthon na cidade.

Giovanni sorriu para seus primos enquanto se apressavam em direção ao avião, agitando os braços e gritando para se apressassem. — Anthon mordeu mais do que podia mastigar. Ele não vai a lugar nenhum por alguns dias.

— Ricco, Vittorio e Emmanuelle terão certeza de que ela esteja segura, —acrescentou Taviano.

Stefano sabia disso, mas eles não iam para a cama com ela, quando os pesadelos viessem. Ele não gostava dela estar sozinha. Ele também não gostava de estar longe dela, estivesse Anthon na cidade ou não. Ele não estava disposto a admitir isso a seus irmãos. Ele nunca ouviria o fim disso.

— Vamos terminar isso, —disse ele, sinalizando para seus irmãos descerem as escadas para a pista. Ele tinha escolhido sua sombra. Ele era um dos que viajava mais rápido. Ele iria começar a viagem para a cidade, indo para o Bronx tão rapidamente quanto possível. Os nós em seu intestino sempre tinham provado ser verdade e ele não estava disposto a ignorá-los. Ele tinha um senso de urgência que lhe dizia que algo não estava certo e ele precisava se mover.



Ele ficou atrás de Giovanni até que a sua sombra se conectasse com o que ele precisava. As listras de seus ternos, tão finas que pareciam ser quase imperceptíveis, ajudavam a camuflar os irmãos quando eles andaram para as escadas. Os ternos eram feitos especialmente misturados com cada sombra de modo que os cavaleiros Ferraro desapareciam, o que os tornava indistintos.

Stefano entrou na boca do tubo e permitiu-se ser absorvido. A atração foi imensa, um terrível puxar e torcer quando seu corpo foi literalmente puxado para a sombra. Em seguida, ele estava se movendo, deslizando rápido, pensando em Francesca. Ele não queria isso para ela. Ela era capaz. Sua sombra provou que era, mas ele não queria que ela fosse um cavaleiro. Ele queria que ela estivesse segura. Ele queria uma vida para ela. Acima de tudo, ele queria que ela fizesse um lar para ele e seus filhos.

Nova York voou. Ele não tentou ver o que acontecia em torno dele enquanto ele se movia de sombra em sombra. Ele não poderia salvar o mundo. Esse não era seu trabalho. Ele só poderia ajudar a um grupo seletivo. Apenas quando solicitado. Só quando tinham certeza. Ele tinha certeza sobre essa garota, e em algum nível, Francesca tinha reconhecido que a situação era terrível. Ela não vacilou quando ele a beijou em adeus e a deixou, sabendo que Barry Anthon estava na cidade.

Sua mãe tinha nascido uma Ferraro, um cavaleiro de sombra. Ela foi treinada desde que tinha dois anos, exatamente como tinha sido com seus filhos. Ela não tinha encontrado o homem que ela poderia amar e seu casamento tinha sido arranjado. Seu parceiro também era um cavaleiro de sombra da Sicília, mas nunca fora treinado. No momento em que descobriu o legado de sua esposa, ele achou que montar as sombras era fascinante, uma poderosa habilidade que ele estava determinado a adquirir.

Phillip adotou o nome Ferraro, mas não o rigoroso código que eles foram ensinados a cuidar. Ele não tinha a intenção de construir uma casa com Eloisa. Ele se casou com ela pensando em adquirir poder e dinheiro. Eventualmente, ele veio a entender o que era a família, mas isso não o fez querer ficar em casa com seus filhos ou participar de suas vidas ou formação



de qualquer forma. As sombras lhe permitiram manter seus assuntos discretos, embora Eloisa soubesse o que ele fazia.

Seu casamento se deteriorou ainda mais depois que seu filho mais novo, Ettore, morreu ao montar uma sombra. Phillip começou a passar cada vez menos tempo em casa, e Eloisa envolveu-se em eventos de caridade e se afastou de todos, menos de suas irmãs e irmãos.

Stefano não conseguia entender por que seus filhos nunca lhe interessaram. Ela sempre exigia um relatório no instante em que voltavam de um trabalho. Ela queria ter certeza de que estava envolvida em todos os aspectos dos negócios da família, ela e Phillip tinham assumido a tarefa de *receptionistas* depois que seus pais morreram.

Nem Eloisa nem Phillip queriam o divórcio. Em seu mundo, uma vez que duas sombras estavam ligadas e totalmente entrelaçadas, separar essas sombras era uma perspectiva assustadora. Os cavaleiros perderiam sua capacidade de montar as sombras e o parceiro não Ferraro perderia toda a memória da família e do que eles fizeram.

Era imperativo que Stefano tivesse o total comprometimento de Francesca. Se ela o deixasse depois de descobrir o que eles faziam, se eles já estivessem conectados, suas sombras fortemente entrelaçadas, ela não iria sofrer por que não se lembraria de amá-lo. Mas ele o faria. Ele nunca mais montaria novamente—algo que ele nasceu para fazer—e não iria esquecê-la nem ao amor que tinha por ela. Ele não iria esquecer o que era montar dentro de um portal. Sombras entrelaçadas não podiam simplesmente ser separadas sem consequências, uma vez que elas se uniam. Stefano nasceu um cavaleiro. Era uma vida dura, mas era quem ele era. O que ele era. Ele não poderia imaginar viver uma meia-vida, lembrando, mas sem a capacidade. Ele sabia que os poucos cavaleiros que perderam os seus parceiros dessa forma tinham se suicidado ou desaparecido, incapazes de permanecer em torno da família.

Stefano mudou de tubos novamente, desta vez no Bronx, encontrando o que iria levá-lo mais próximo da casa de Diego, Alejo e Cruz Gomez, os tios de Nicoletta. A mãe e o pai de Nicoletta eram ambos da Sicília. O pai de



Nicoletta morreu quando ela tinha dois anos e sua mãe se casou de novo quando ela tinha quatro anos. O marido dela, Desi Gomez, adotou Nicoletta. Quando ela tinha quinze anos, seus pais foram mortos em um acidente de carro e ela foi enviada para viver com seus três tios. Sua vida tinha se transformado em um pesadelo.

Diego, Alejo e Cruz eram todos membros de uma gangue muito violenta. O grupo era notório na lei por distribuição de drogas, prostituição e tráfico humano. Eles faziam guerras territoriais de forma contínua, sempre querendo se expandir e engolir outras gangues. Uma jovem, inocente, de um modo de vida completamente diferente não tinha nada que ser jogada aos lobos.

A parte triste era que ele sabia que provavelmente era demasiado tarde para realmente salvá-la. Nicoletta tinha vivido um pesadelo por dois anos. Isso iria cobrar seu preço e não havia volta para esses tipos de cicatrizes. O relatório dos investigadores tinha abrangido muito tempo, listando os vários espancamentos, estupros e suspeitas de abusos que a menina tinha recebido das mãos de seus três tios adotivos. Como ela poderia se recuperar disso?

O tubo levou-o quase até o lado da casa, onde uma estreita faixa de ervas daninhas separava a casa de Gomez para casa de um vizinho. As casas ao longo de toda a rua eram quebradas, a pintura desbotada e lascada. Os degraus da frente eram frouxos. Havia *tapumes*³⁷ em todos os buracos das janelas e de bala no tapume.

A varanda frontal era antiga, móveis velhos cobertos por lençóis e cobertores. Um sofá. Duas cadeiras. Uma cadeira no gramado.

Stefano deu um olhar cuidadoso ao redor, subindo e descendo as ruas. Os postes há muito haviam sido baleados. Nenhum policial ia patrulhar a



³⁷ **Tapumes** ou Cerca, vedação, geralmente de madeira, usada para fechar ou limitar uma área, um terreno. Parede fina que, normalmente feita com tábuas, marca as divisões de uma casa.



rua. Detritos rodavam nas sarjetas e corriam pela rua em pequenos turbilhões. Vários homens estavam reunidos em vários alpendres, falando, bebendo, e em um caso, picando-se com uma agulha.

Ele podia ouvi-los falar, e um deles disse o nome de *Nicoletta*. Ele escolheu uma sombra que o levaria mais perto do grupo de homens que ele sabia eram membros da gangue dos irmãos Gomez.

Ele reconheceu o grande homem sentado na escada, com a mão enrolada em torno do gargalo de uma garrafa de uísque, seus olhos sobre a casa de Gomez.

— É melhor, *porra*, eles trazerem-na para fora logo, ou eu vou atrás dela, — ele rosnou, limpando a boca com as costas da mão. — Eu disse a Diego para entregá-la a mim ou os três estão mortos.

O homem era Benito Valdez. Ele era todo músculos e cicatrizes, dos anos que ele passou dentro e fora da prisão. Um homem grande e bruto, ele assustava a maioria das pessoas só de olhar para elas. Mesmo na prisão, ele era o líder da gangue notória, mandando de sua cela na prisão. Ninguém cruzava Benito Valdez e permanecia vivo. Ele tinha quatro irmãos que eram tão brutais como ele.

Não surpreendeu a Stefano que Nicoletta tinha chamado a atenção de Benito. Mesmo aos dezessete anos ela era bonita. Cada imagem mostrava claramente sua beleza física, as cheias e exuberantes curvas de uma mulher e não de uma menina. Cada relatório tinha incluído a palavra *bonita* na frente da menina. Evidentemente Benito tinha esperado tempo suficiente, ou estava preocupado que os irmãos Gomez acabariam por matá-la. Não havia dúvida de que Benito queria a menina para si mesmo. Não era de admirar que ele tivesse um sentimento de urgência.

Stefano montou o tubo de volta para a casa Gomez e estudou o layout na frente dele. Ele não podia correr, não importava o crescente sentimento de apreensão. Ele escorregou do tubo para as profundezas sombrias entre as duas casas e usou o telefone descartável. — *Na posição.* — Seu estômago revirou. Ansiedade queimava através de suas terminações nervosas, o senso



de urgência cada vez maior. Pela primeira vez, ele teve que tomar algumas respirações profundas para restaurar sua calma normal. Enquanto esperava parecia minutos que passavam lentamente, enquanto, na realidade, não eram mais do que alguns segundos.

— *Você tem uma chance.*

Ele fechou o telefone, sabendo que teria entrado na casa para verificar a menina, mesmo que a resposta fosse outra. Não havia pagamento em um dom. Um favor em troca, mas nenhum pagamento. A assistente social não tinha dinheiro, mas estava disposta a fornecer informações quando fosse necessário para a família.

Stefano conhecia a família de Nova York e provavelmente nunca teriam que cobrar, mas isso não importava. O problema tinha sido trazido para eles e eles tinham o tomado, investigado e enviado para os cavaleiros de Chicago. A família cobrava de seus clientes criminosos o suficiente para compensar todos aqueles que não podiam pagar em dinheiro.

Stefano olhou as sombras e encontrou uma que subia os degraus da frente, passava por baixo da porta e entrava na casa. Havia luzes acesas, mas não muitas, sem despesas gerais, o que significava que haveria sombras dentro da casa. Um movimento chamou sua atenção e ele virou-se para enfrentar a ameaça. Taviano estava dentro das sombras ao lado dele.

— O que diabos você está fazendo aqui? — Stefano não sabia se estava aliviado ou com raiva. Ninguém ia contra suas decisões, nem mesmo seu irmão mais novo.

— Eu tive a mesma sensação ruim, Stefano. — disse Taviano. — Está ficando pior e não há como ignorá-la. Não se preocupe. Eu cobri minhas faixas. Eu vou te contar sobre isso no avião quando tivermos terminado.

Stefano assentiu. Ele não estava disposto a perder tempo discutindo. Ele descobriu que estava grato pela presença de Taviano. Se seu irmão mais novo tinha o mesmo sentimento ruim, algo estava definitivamente esquisito. Stefano já tinha escolhido seu tubo e entrou na sombra, permitindo que ela o levasse para dentro.



Taviano montou a sombra próxima a que ele estava montando. No momento em que chegaram, sabiam que poderia ser muito tarde. Eles ouviram vozes. Três homens, muito distintos. Provocando. Divertido. Os gatos brincando com um rato.

— Abaixе-a, Nic. Se você acenar essa coisa para mim, eu vou cortar sua garganta com ela. — Baixa. Furiosa. Não o que ele disse, mas capaz de grande violência. Stefano estava certo de que era o tal Diego. Ele tinha a reputação de desfrutar de uma morte.

— Fique longe de mim. — Um soluço. Nicoletta soou jovem e com muito medo.

— Eu disse a você, *puta*, se você não cooperar com Benito, ele vai vender você. Você vai acabar vivendo o resto da sua vida deitada em suas costas, acorrentada a uma cama, fodida por cada homem enviado até você. Melhor Benito do que isso. Você escolhe. — Essa voz soava com honestidade. Com autoridade. Ele era o líder dos três. Tinha que ser Cruz. Cruz sabia se ele não levasse a menina para o líder, ele era um homem morto.

— Nicoletta, coloque a faca para baixo, — a terceira voz, provavelmente Alejo, disse. Persuadindo. Divertido que ela pensasse que poderia desafiá-los. Um tom preocupado de que Benito fosse ficar com raiva porque eles não tinham levado Nicoletta para ele imediatamente.

— Eu não posso mais fazer isso. — O desespero na voz da moça chegou até ele.

Stefano tomou a sombra a direita através da casa diretamente para a sala onde os quatro Gomez estavam. Taviano montou sua sombra para o outro lado da sala. Ambas as sombras instantaneamente se ligaram as sombras por toda a sala. Os homens sentiram o choque da conexão. Tubos pequenos corriam da sombra de Nicoletta para se fundir com a deles. Eles podiam sentir cada emoção. Seu terror. Sua determinação.

Nicoletta apertou-se contra a janela. Suas roupas estavam rasgadas. Seu rosto estava inchado e machucado. O sangue escorria pelo rosto de um corte sobre o olho e mais escorria de seu lábio cortado. Lá estavam contusões em



ambos os braços. Impressões digitais no pescoço. Ela tinha sido espancada várias vezes, mas ela lutou. Ele podia ver as feridas defensivas nos braços e mãos. Mesmo os nós dos dedos estavam machucados. Ela lutou duramente.

— Nicoletta. —Cruz se aproximou. Ele estava preocupado, com os olhos na faca. — Você não pode *foder* com Benito. Coloque a faca para baixo e apenas venha com a gente. Alejo embalou algumas de suas roupas favoritas. Em poucos dias, Benito vai deixar você vir buscar o resto de suas coisas. Coloque a faca para baixo.

Ela fez um som único. Desespero. Horror. Stefano sabia que era tarde demais para impedi-la. Ele não estava perto o suficiente dela. Ela levantou a faca, levou-a em direção a seu próprio corpo, pronto para mergulhá-la em seu peito. A respiração de Stefano engatou. Ele leu determinação no rosto. Os três homens devem ter visto também. Alejo virou para ela suplicante, como se pudesse impedi-la dessa forma. Cruz, o líder, saltou para ela. Diego permaneceu absolutamente imóvel, um olhar de fascínio horrorizado em seu rosto. Se ela morresse, os três irmãos sabiam que Benito iria matá-los.

Taviano chegou a ela primeiro. Sua sombra estava atrás dela e ele saiu, puxando o pulso dela para trás, os dedos impiedosamente encontrando pontos de pressão para que ela não tivesse escolha senão deixar cair a faca. Ela chorou, lutando desesperadamente quando Taviano a subjugou, tentando não machucá-la. Ele estava completamente exposto, fora da sombra e os três irmãos viram-no claramente.

Stefano explodiu do tubo atrás de Diego, pegando a cabeça entre as duas mãos e girando, no movimento básico para matar que tinha sido ensinado a ele desde que era uma criança. Ele largou o corpo no chão e entrou no tubo para deslizar para trás de Alejo. Ele matou-o da mesma maneira. Rápido. Sem piedade.

Completamente impessoal, embora ele tivesse trabalho para manter-se sob controle.

Cruz ouviu os corpos caírem. Levou apenas alguns segundos para matar os dois homens enquanto a atenção da Cruz estava centrada em Nicoletta e



Taviano. Ele sacou uma arma e apontou-a para a cabeça de Nicoletta enquanto olhava freneticamente ao redor da sala. Ele tinha pego flashes do intruso, mas só isso, uma figura sombria que se movia muito rápido para ver.

— Vou matá-la, *porra*, —ele rosnou.

Taviano empurrou Nicoletta para trás dele, usando seu corpo como escudo. Ela soltou um pequeno grito, um protesto, talvez um suspiro chocado que alguém fosse se levantar contra seus tios e deliberadamente colocar seu corpo na frente de uma arma por ela.

— Quem diabos é você? Como você entrou aqui? —Cruz exigiu, a arma estável. Seus olhos se mantinham correndo para os dois corpos no chão. Sem movimento. Nem um som. Eles pareciam mortos, mas ninguém parecia estar no quarto. Ele viu Taviano lutando para evitar que Nicoletta matasse a ela mesma. Ambos estavam bem na frente dele, então tinha matado seus irmãos?

Stefano veio por trás dele, saindo do tubo e travou sua cabeça. No momento em que as mãos prenderam o crânio de Cruz, o homem puxou o gatilho, mas Taviano já tinha mergulhado para o chão, tendo Nicoletta com ele, cobrindo seu corpo com o dele.

Cruz tentou lutar, virar a arma contra o adversário que não podia ver, mas Stefano vinha praticando o movimento desde que tinha dois anos de idade. Foi tão fácil como respirar. Ele quebrou o pescoço do homem e deixou cair o corpo. — Justiça foi feita, —ele murmurou.

Fez-se silêncio, quebrado apenas pela respiração irregular de Nicoletta. Taviano rolou dela e levantou-se. Ela se encolheu longe dele, erguendo as mãos defensivamente. Ele pegou seus pulsos em um aperto suave e puxou-a para seus pés. O olhar horrorizado dela foi para os corpos no chão.

— Não olhe para eles, —ele ordenou suavemente. — Olhe apenas para mim.

Seus olhos saltaram para o rosto dele. Ela se levantou, seu corpo tremia, a respiração ofegante, seu olhar travado no dele. A luz de uma lâmpada antiga fazia sombras. Ele podia ver a dela, um vulto escuro na parede e chão,



tubos saindo dela para se conectar com cada sombra no quarto, incluindo a deles.

Seu coração bateu com força no peito. Podia sentir cada emoção. O medo era grande, mas havia alívio. Principalmente, ela estava confusa. Desorientada. Em choque. Com muita, muita dor.

— Ela é um cavaleiro. — Taviano sussurrou em voz alta.

Ela era um cavaleiro, uma mulher capaz de andar nas sombras, de gerar crianças que poderiam montar sombras.

— Isso muda tudo, — disse Stefano. O plano tinha sido deixá-la sem ela os visse. Ela chamaria a assistente social e a responsabilidade da família estaria terminada.

— Nós não podemos deixá-la para trás. — A voz de Taviano era firme. Absoluta. Stefano franziu a testa para ele. — Droga, o que diabos vamos fazer com ela?

— Ela tem que vir conosco. Precisamos ter a certeza de que nunca poderão encontrá-la.

Nicoletta começou a escorregar em direção à porta, contra a parede. Obrigou-se a ser tão pequena quanto possível, como se pressionada contra a parede eles não seriam capazes de vê-la. *Ela não era uma cavaleira, não podia ser.* O movimento da parte dela foi instintivo. Ela tornava-se parte das sombras.

Taviano entrou na frente dela, bloqueando seu caminho. — Nós vamos tirar você daqui, *angioletto*³⁸, — disse ele suavemente. Falando como se ela fosse um animal selvagem, preso em um canto e assustado—e talvez ela fosse.

— Benito e sua turma estão por perto. Basta nos dar um minuto e a teremos segura.

³⁸ *Angioletto* – significa anjo em italiano



Ela balançou a cabeça, mas parou, claramente aterrorizado. Não iam deixá-la. Olhando para ela, Stefano tirou o telefone e socou um número.

— *Ela é uma de nós. Ferida. Vamos levá-la para casa. L e A vão levá-la para dentro. Façam os preparativos hoje à noite.* —Ele deu uma ordem, sem espaço para argumentos. — *Doutor. Conselheiro. Eles vão precisar de dinheiro para suas necessidades. Arranje isso também. Eu vou assumir a responsabilidade por ela.*

Nicoletta sacudiu a cabeça, sua língua tocando o lábio inchado para aliviar a dor. — Não para mim. Eu tenho que ir antes que os outros venham. —Ela deu um passo para trás, longe de Taviano quando Stefano desligou o telefone.

— Nós não vamos te machucar, —Taviano disse suavemente. — Fomos enviados para tirá-la deles. —Ele indicou os corpos.

Ela suspirou e balançou a cabeça. — Eles pertencem a uma gangue. Eles nunca vão parar de procurar qualquer um de vocês ... Ou eu.

— Eles não encontrarão qualquer um de nós. —Stefano assegurou.

Ninguém poderia ser trazido para dentro do tubo, a menos que fosse um cavaleiro. Nicoletta não precisa saber como montar, e se um deles estivesse carregando-a, ela não poderia estar consciente. Ela não era uma Ferraro. Ninguém tinha requisitado. Ele estava fazendo algo completamente sem precedentes, mas isso não importava. Ela tinha que ser salva.

Em algum lugar em sua cabeça, ele sabia, que a menos que eles sumissem com ela, o grupo de seus tios a localizaria e mataria. Para salvar sua vida, esta era a única maneira.

Ele sinalizou para Taviano e se mexeu para verificar a janela. Ele sabia que estavam com problemas o tempo todo. Benito estava em movimento. Ele atirou a garrafa de uísque de encontro ao lado da casa e se levantou, olhando para a casa dos Gomez, os outros ficaram em pé imediatamente para se juntar a ele.



— Eles estão vindo, —Tav anunciou.

— Eu sei que você não me conhece, —Taviano disse suavemente, pisando perto de Nicoletta. — Mas eu também sei que você é capaz de sentir a verdade quando você a ouve. Se você ficar aqui, ou mesmo entrar em contato com sua assistente social para se mudar, você vai morrer. Se ela a ajudar a tentar desaparecer, ela e sua família vão morrer. Isso é um fato. Você sabe e eu sei disso. Você tem uma chance e tomando essa chance, você estará dando a sua assistente social uma chance de vida também. Ela nos contatou para ajudá-la. Esta é minha ajuda.

Lágrimas corriam pelo rosto de Nicoletta, mas Stefano estava bastante certo de que ela não estava ciente do fato de que chorava. Ela só ficava balançando a cabeça. Ainda assim, ela não tirou os olhos de Taviano.

— Nós não podemos levá-la conosco sem o seu consentimento, mas se você quer viver, diga a palavra e nós vamos tirar você daqui. Eles nunca vão encontrá-la, ou a nós. Você vai ter uma nova vida com um maravilhoso casal que vai tratá-la como uma princesa. Minha família vai cuidar de você e protegê-la para o resto de sua vida. Mas você tem que escolher agora. Neste exato minuto. Eu posso ouvir os amigos de seus tios subindo os degraus da varanda da frente.

Seu rosto visivelmente empalideceu. Ela enfiou a mão em sua boca, seu olhar correndo dos corpos para o rosto dele e depois para Stefano. Ela assentiu com a cabeça. De leve. Um movimento quase imperceptível. Taviano se moveu rápido, não dando a ela alguns segundos para pensar. Ela tinha que estar apavorada. Stefano tinha acabado de matar três pessoas na frente dela. Eles eram totalmente estranhos. Ainda assim, ela tinha que perceber que eles eram uma aposta melhor do que os amigos de seus tios. Ele pegou a seringa que todos os cavaleiros levavam para o caso de ter que lidar com um civil inocente e tirá-los de seu caminho. Ele colocou a agulha no pescoço dela em segundos, colocando o braço em volta da cintura dela para evitar que ela caísse quando a droga entrasse em seu sistema.



Os dedos agarraram seu paletó, o terror em seu rosto, mas a droga estava agindo rápido, o que era uma coisa boa, quando as vozes e a batida da porta da frente anunciaram que iriam ficar sem tempo. — Ok, *angioletto*, vamos tirar-lhe daqui.

Stefano tirou-a de seu irmão mais novo, levantando seu corpo leve, embalando-a com força contra seu peito, encolhendo-se um pouco quando olhou para o rosto machucado e inchado dela.

— Vou levá-la, Stefano.

Stefano sacudiu a cabeça. Não era tão fácil passear com outra pessoa, no desconhecido. Ele não ia dar chance com Taviano ou a menina. A primeira e única vez que ele tinha montado uma sombra com outro cavaleiro em seus braços, tinha sido com seu irmão Ettore, já perdido para eles, tão longe não havia volta. Seu peito apertou. Ele não podia ir lá.

Ele segurou a jovem. Uma criança na verdade. Ela era importante para todos os Ferraro e ela tinha sido horivelmente violada. Só isso já ia contra tudo que acreditava. Ele a estava levando para casa para os melhores pais que conhecia. Os mais amorosos. Os que precisavam de uma filha quando tinham perdido tanto. Eles lhe dariam a compreensão e compaixão que ela precisava para superar o que os monstros tinham feito a ela.

— Vamos dar o fora daqui, Tav. —ele retrucou.

Stefano segurou Nicoletta mais apertado. Ele não a iria perder. Não nas sombras, não para os membros da gangue que entrava pela porta da frente e não para vergonha e desespero que ela sentia. Ele entrou no portal e deixou-o levá-los. Ele passou voando pelos homens correndo pela casa em direção ao quarto, e para céu aberto pela porta da frente. Ele havia escolhido um tubo maior, um que se relacionava com as sombras nas ruas e montou-o já que o levaria a quarteirões de distância da casa dos Gomez e a multidão enfurecida reunida lá. Ele sentiu Taviano se movendo nos tubos sombrios paralelo a ele.

Eles pulavam facilmente de um portal para o outro, voltando para o aeroporto e para a segurança do jato particular. Franco tinha a porta aberta, luzes derramando pelas escadas de modo que tivessem sombras para fazer o



caminho para o interior do jato. No momento em que surgiram das sombras, Franco fechou a porta e virou-se para eles.

— Emmanuelle chamou e me disse que está preparada. Ela alertou Giovanni. Ele vai voltar logo que possível. Ele tem de desempenhar o seu papel lá fora, porém, apenas até ser seguro. — Franco puxou o kit médico e entregou a Taviano. — Eu tenho o quarto pronto.

No jato particular, havia um pequeno quarto para os membros da família que precisavam dormir. Os bancos eram confortáveis e em círculo para proporcionar mais espaço, se necessário, mas o quarto tinha uma cama de casal. Ele era mantido arrumado e pronto para as escapadas de fim de noite.

Stefano entrou com Nicoletta no quarto e a deitou na cama. — Ela vai acordar em breve. Temos de limpá-la antes que isso aconteça. Ela não vai querer um bando de homens estranhos tocando nela depois de seu calvário.

— Eu vou fazer isso. — Taviano comunicou. — Franco, eu vou precisar de água morna. Panos e toalhas. Sabe se Emme deixou alguma roupa no avião? Se não, eu tenho uma calça de flanela no meu saco de viagem. Traga-me um deles.

— Tav. — disse Stefano. — Você não pode investir muito nela. Estamos levando-a para Lúcia e Amo. Nossa família vai cuidar dela, e nós vamos fornecer por ela, mas não podemos nos envolver com ela. Você sabe disso. É muito perigoso. Especialmente *você*. Ela conhece nossos rostos. Ela me viu sair da sombra e matar seus tios. Ela poderia nos queimar. Nos enterrar. Se ela for a polícia ...

— Ela não vai. — disse Taviano. — Você tem medo por mim, não por você. — Ele pegou a tigela de água que Franco entregou a ele, molhou um pano nela e deixou-se cair na cama ao lado de Nicoletta. — Você se conectou com ela. Ela tem muito medo de Benito Valdez para fazer algo tão tolo quanto ir à polícia. Ela pode receber o nome dos Fausti e ser uma sobrinha de Amo que veio viver com eles. Nós podemos dar-lhe uma nova identidade. Ela não vai se virar contra nós.



Stefano assistiu Taviano umedecer um pano na água e passar suavemente no sangue do rosto de Nicoletta. Seu irmão mais novo não era tão descontraído como gostava de parecer para o mundo. Apesar de tentar trazer a seus irmãos e irmã um pouco de alegria na infância, todos eles suportavam as cicatrizes de pais ausentes bem como todo o manuseio vicioso que tinha ocorrido durante o treinamento no exterior. Seu pai estava ausente da maior parte de suas vidas, fazendo o que escolheu fazer, enquanto a mãe se tornou uma brutal treinadora, dando ordens, exigindo perfeição e rosnando friamente para eles quando não eram perfeitos.

Cada um deles tinha sido enviado para longe por um ano para treinar em outras partes do mundo. Ricco havia voltado marcado, resistente e frio como gelo. Ele vivia na borda todo o tempo e Stefano considerava-o como uma bomba-relógio. Vittorio era um pacificador, mas algo queimava brilhante e selvagem sob toda aquela calma.

Giovanni era o mais volátil. Num momento ele era racional e no próximo o seu temperamento queimava fora de controle. Taviano parecia ser gentil. Ele tinha senso de humor. Mas ele não tinha nenhuma dessas coisas como regra. Stefano tinha tentado descobrir o que tinha acontecido a cada um deles nesses anos que passaram com outros treinadores, mas nenhum de seus irmãos lhe respondia.

Ele conseguiu manter Emmanuelle em casa, insistindo em treiná-la ele mesmo. Quando sua mãe insistiu para ela ir para o estrangeiro, ele foi com ela. Ele ficou colado a ela. Era tarde demais para parar o que estava acontecendo na formação de seus irmãos, mas não o que poderia acontecer com ela.

Stefano tinha sido muito forte, muito cruel, mesmo quando um adolescente, para qualquer um dos formadores colocarem suas mãos sobre ele. Ele ganhou a reputação de ser perigoso antes de ter quinze anos. Seus irmãos eram tão perigosos como ele era agora, mas tinham tomado esses anos afastados para moldá-los em assassinos escondidos atrás de seus rostos bonitos.



— Ela nos pertence, —disse Stefano. — Nós vamos cuidar dela, Tav. — Foi uma concessão a seu irmão, e ambos sabiam que Taviano teria desafiado a autoridade de Stefano e apenas feito o que achava ser certo. — Eu não a teria colocado com Lucia e Amo se não tivesse a intenção de colocá-la sob nossa proteção direta.

— Eu sei, —disse Taviano. — Eu vou livrá-la de suas roupas e eu apreciaria muito que você saísse da sala.

— Você quer que eu faça isso? Eu tenho Francesca e não vou olhar para ela como uma mulher, —disse Stefano. — Ela é uma criança que precisa de ajuda.

— Eu sei que ela é. Basta ir.

Stefano sacudiu a cabeça, mas não protestou. Ele precisava ouvir a voz de Francesca, mas ele não poderia chamá-la. Ele havia se livrado do telefone. Eles nunca os mantinham uma vez que chegassem ao aeroporto. Ficaria sem falar com ela, nem mesmo do telefone de Franco. Ele precisava dela esta noite. As coisas feitas para aquela criança. Ela era uma menina bonita que levaria para sempre as cicatrizes de três homens doentes, muito brutais. Se eles não tivessem chegado lá a tempo, ela estaria nas mãos de Benito Valdez. A assistente social que tinha os contatado achava que lhes devia, mas na verdade, Stefano sabia que era o contrário. Eles estariam para sempre em dívida. Nicoletta era um cavaleiro de sombra assim como Francesca. Ela era inestimável para a sua família. Incluindo os vários ramos afastados que a família tinha.

Pareceu demorar uma eternidade para Giovanni voltar ao jato particular. Nesse tempo, a menina tinha despertado e estava muito assustada. Ele tentou entrar na cabine para ajudar Taviano com ela, mas só a agitou mais. Ele não podia culpá-la. A gangue de seus tios tinha redes de prostituição, e havia rumores de que eles estavam envolvidos no tráfico humano. Ela claramente achou que estava sendo transportada para algum país estrangeiro, que ela nunca ouviu falar.



Taviano foi paciente com ela, com a voz baixa e gentil, ele continuamente tranquilizou-a. Ele estava claramente com medo de deixá-la sozinha, com medo do que ela poderia fazer para si mesma.

— Vamos precisar de um médico, —disse Stefano.

— Está feito. Emme já conversou com Lúcia e Amo e explicou as coisas. Eles estão dispostos a levá-la para viver com eles e vão partilhar o seu último nome. Emme disse que Vittorio está trabalhando nos papéis esta noite. Nós vamos ter uma nova identidade para ela e ninguém será capaz de bisbilhotar dentro de poucos dias. Benito Valdez nunca vai encontrá-la.

— Ele vai continuar procurando. —disse Taviano, olhando para Nicoletta. Ela era exótica de olhar, com grosso cabelo e olhos muito grandes, fortemente apertados e uma boca generosa. Ela iria assombrar Valdez. Ele a tinha visto observou-a florescer em uma mulher. Ele tinha adquirido um gosto por ela, e iria continuar procurando.

— Deixe-o procurar. Ela vai estar segura, Tav. Ninguém vai encontrá-la em nosso bairro, especialmente Benito Valdez.

Esta pequena troca de ideias pareceu confortar Nicoletta. Stefano não podia imaginar o que ela ia passar. Eles eram perfeitos estranhos para ela. Ela os tinha visto emergir das sombras e matar seus tios. Tinham sido rápidos e tão brutais quanto a gangue que tinham matado, não importava que eles estivessem elegantemente vestidos. Ela não tinha ideia do que eles iam fazer com ela.

— Você vai ficar bem. —Stefano assegurou-lhe da porta, quando o olhar saltou para o seu rosto. Ela parecia pálida e derrotada, e tão machucada que doía olhar para ela. — Você nunca vai ter uma vida normal, não com o que você passou, mas você vai conhecer o amor. Lúcia e Amo são duas das melhores pessoas que conheço. Eu sei que você está com medo, mas vamos resolver isso. E nós vamos cuidar de você. Isso eu posso prometer a você.



Capítulo Vinte e Dois

Stefano saiu do elevador do apartamento, exausto, depois de quase 48 horas sem dormir. Esse foi o tempo para resolver os problemas com Nicoletta. O médico a examinou cuidadosamente e, em seguida, a sedou.

Ela ficaria bem fisicamente em mais ou menos um mês de descanso e cura, mas as cicatrizes emocionais não seriam tão fáceis de corrigir.

Ele tinha feito o melhor que podia para a jovem adolescente. Ela estava segura na casa de Lúcia e Amo, sem tanto medo, mas definitivamente apreensiva. Ele tinha certeza de que ela iria dar-lhes uma chance em vez de tentar fugir. Vittorio estava mantendo um olho nela enquanto Tavianio e Giovanni dormiam.

Stefano desejava ter ligado para ter certeza de que Francesca estaria em casa. Ele precisava dela. Sério, precisava dela, quando nunca precisou de ninguém. Havia algo incrivelmente suave nela. Ela parecia ... Casa.

Ele inalou o cheiro dela e tudo nele se acalmou. Ele não sabia que seu estômago estava em nós ou que o alívio poderia deixá-lo fraco. Ele não estava conscientemente preocupado que ela poderia tê-lo deixado, mas estava pedindo muito dela. Ela tinha aprendido coisas sobre sua vida—deles. Ela tinha ouvido sua mãe dizer coisas feias, e Barry Anthon estava na cidade. Ela tinha o visto se tornar violento e, em seguida, ele a deixou e saiu da cidade.

Ela saiu da cozinha, o olhar movendo-se sobre seu rosto em uma leitura lenta, cuidadosa. Em seguida, correu pelo corpo, procurando ferimentos. Ela se aproximou. — Querido. — Só isso. Uma palavra. Suas mãos deslizaram até seu peito e em torno de seu pescoço para que ela entrelaçasse os dedos em sua nuca. — Obrigado. Ela está segura. Nicoletta. Emme disse que a salvou.



Ela agradeceu a ele. Por fazer o seu trabalho. Ela olhou para ele com estrelas nos olhos e um macio sorriso assassino que ia ser o fim dele, *caralho*. Ela olhou para ele como se ele pudesse resolver os problemas do mundo em algumas horas, lutar contra os maus e ainda estar em casa a tempo para o jantar. Ele gostava muito desse olhar.

Ele emoldurou o rosto com as duas mãos e trouxe sua boca até a dela. Ela tinha gosto de amor. Gosto de sexo. Uma perfeição. Uma vez que ele começou a beijá-la, ele não pôde parar. Ele encontrou-se devorando-a.

A mudança de respiração. Dizendo-lhe sem palavras que as quarenta e oito horas sem ela foram condenadamente muito longas. Pela primeira vez que ele podia lembrar, ele se permitiu se afundar na força de outra pessoa. Ver uma menina de dezessete anos de idade, espancada e abusada física, sexual e emocionalmente tinha machucado-o muito mais do que ele queria admitir para si mesmo. Ele se segurou, se mantendo sob controle, usando sua disciplina rígida para evitar ver o olhar em seus olhos quando ela colocou a faca em si mesma. Se Taviano não estivesse lá, ela estaria morta.

Seus olhos ardiam e ele não conseguia respirar por causa do nó bloqueado em sua garganta. Ele levantou a cabeça, olhando para ela, para seus olhos. Só viu amor lá.

— Foi ruim? — Ela perguntou, chegando mais perto.

— Foi ruim, — ele concordou. — Eu não entendo, *porra*. Eu nunca vou entender como é que alguém pode fazer isso com uma criança. Qualquer criança. Qualquer mulher. — Ele tocou a testa dela. — Eu estou quebrado, *dolce cuore*, absolutamente exausto.

— Vá tomar um banho, — ela sussurrou. — Vou preparar algo leve e então você pode ir para a cama. Você precisa dormir.

Agitação correu sobre ele. Ela estava cuidando dele. Stefano envolveu-a em seus braços, mantendo-a perto de seu coração. Enterrando seu rosto no seu cabelo espesso, sedoso, ele apenas segurou-a lá, precisando sentir o corpo suave no seu.



Francesca não se afastou ou tentou apressá-lo. Ela o segurou. Apertado. Respirando-o da forma como ele estava respirando-a.

— Eu senti sua falta, Stefano, —ela disse suavemente, o murmúrio quase se perdeu contra o paletó. — Eu não consegui dormir à noite sem você.

— Fiquei preocupado com você, —ele admitiu uma mão deslizando pela curva de sua espinha para enterrar os dedos na riqueza de seu cabelo. — Eu sabia que você não seria capaz de dormir, ou se conseguisse, teria pesadelos. Desculpe-me, não ligar. —Ele nunca tinha pensado muito sobre sua ordem até que quis ligar para sua mulher.

— Não. —Ela inclinou a cabeça para trás para olhar para ele. — Emme explicou como era importante que todos pensassem que você estava aqui, comigo. —Ela subiu na ponta dos pés e pressionou beijos ao longo da linha de sua mandíbula. — Sua segurança é a coisa mais importante. Estou tão agradecida por você fazer o que você faz, assim a menina está segura.

Seu coração se apertou com força no peito. — *Amore mio*, esta é a primeira vez em toda a minha carreira que eu fiz algo assim. Principalmente, o que faço é *eliminar* alguém como Barry Anthon. Alguém intocável pela lei. Ou recupero a bolsa de uma mulher idosa com seus últimos dólares nela. Eu não sou um herói. Não pense que eu sou, —alertou.

Ela riu suavemente e saiu de seus braços. — Você é *meu* herói, Stefano e você sempre será. Vá para o chuveiro. Podemos falar quando você estiver deitado na cama quase dormindo.

— Quando você ficou tão mandona? —Ele queria abraçá-la para sempre. Levá-la para o chuveiro com ele, o que levaria a coisas interessantes. Seu pênis empurrou com o pensamento.

Ela se esquivou de sua mão estendida. — Alguém tem que cuidar de você. —Ela estendeu a mão e arrastou a pontas dos dedos sobre a crescente protuberância em sua calça. — Eu sou um tipo de mulher que faz serviço completo. Vá para o chuveiro, querido, e deixe-me cuidar de você. —Seus olhos se encontraram. — Eu preciso. Você sempre cuida de mim. É a minha vez.



Porra, ele *amou* isso. Viu-a ir para a cozinha antes de se virar para o quarto principal. Ele quis um lar por toda a sua vida. Ele não tinha conhecido o amor ou o riso até que visitou seus tios e tias e viu que seus primos tinham algo importante e valioso em suas vidas que seus irmãos e ele não tinham.

Até que ele tinha ido à casa de Cencio e conheceu seus pais. Lúcia e Amo eram amorosos e carinhosos o tempo todo. Stefano queria isso, para seus irmãos e irmã. Ele queria isso para si mesmo.

— Francesca. — Ele murmurou o nome dela em voz alta quando entrou debaixo da calmante água quente. Ela caiu sobre ele e bateu em seus músculos doloridos. Ele não sabia o que tinha feito para merecer Francesca, mas ele tinha ela e isso era tudo que importava para ele.

Ele levou o seu tempo porque a água estava boa, lavando seus pecados junto com a exaustão. Ele vestiu folgadas calças com cordão de seda e uma regata apertada com nervuras, e entrou descalço na cozinha.

Francesca estava cantarolando baixinho, de costas para ele, os cabelos longos fluindo quase até a cintura, como ela misturando a massa. Sua sombra se conectou com a dela e ela olhou para cima instantaneamente com um sorriso. — Ei, querido. Sente-se melhor?

Ele balançou a cabeça e continuou indo direto para ela. — Você comprou mantimentos. — Ela tinha feito massas com camarões tigre grelhados e queijo parmesão fresco. Uma salada estava na mesa de jantar menor entre os pratos já colocados. Havia uma garrafa de vinho tinto aberta sobre a mesa juntamente com dois copos de vinho.

— Eu tinha que ter mantimentos se eu vou cozinhar para nós. Eu realmente gosto de cozinhar, Stefano. — Ela piscou um sorriso. — Isso me dá a chance de me exibir.

Ele varreu seu cabelo de seu pescoço e sobre um ombro para que ele pudesse se abaixar e beijar seu pescoço, enviando um arrepio na espinha. — Eu gosto da ideia de você cozinhar para nós. Se está em casa. — Ele tomou a tigela de macarrão dela e levou-a para a mesa. — O que você fez enquanto



eu estive fora, além de compras de supermercado? —Ele estreitou os olhos. — E você levou Emilio e Enzo é claro.

— Na verdade, Emmanuelle e Enrica foram comigo, —corrigiu ela, deslizando na cadeira em frente a dele. — Enrica é toda séria quando estamos ou vamos a algum lugar, mas tão engraçada quando estamos sozinhas. Eu realmente gosto dela.

Ele balançou a cabeça enquanto servia a ambos. — Emilio, Enzo e Enrica estavam sempre se metendo em problemas quando eram adolescentes. Enrica usava sua janela para escapar e ir a um encontro, porque se seus irmãos ou primos soubessem, ela sempre tinha uma escolta barulhenta com ela.

Francesca riu. — Eu não posso imaginar o quão terrível vocês todos foram. Vocês meninos parecem ser em maior número que as meninas.

— Agradecidamente. Nós gostamos de manter um olho sobre nossas mulheres e não poderíamos fazer isso se houvessem muitas delas.

— Machista. Emmanuelle estava me ajudando a conhecer o que você faz pela vizinhança.

Sua cabeça se ergueu, o sorriso desaparecendo. Ele iria estrangular a irmã com as próprias mãos. — E que *porra* isso quer dizer?

Ela fez uma careta. — Sério, Stefano, você vai ter que limpar sua boca antes que nós tenhamos filhos. Nós apenas respondemos algumas das ligações e visitamos umas pessoas. Há uma gripe por aí e pegou alguns idosos. Fomos as suas casas e levamos remédios, ou qualquer outra coisa que necessitavam. Não me diga que você não faz isso, porque Emme já te entregou. O meu ‘grande macho mauzão’ leva sopa para Agnese Moretti, a professora, a mulher sem-teto, Dina, bem como o Sr. Lozzi e Theresa Vitale. Sentei-me com cada um deles e ouvi tudo sobre o meu homem e o *santo* que ele é. —Ela sorriu para ele. — Na verdade, Agnese não mencionou a palavra *santo*—essa foi a Signora Vitale. Acredito que Agnese disse que ainda havia esperança para você.



Ele não pôde ajudar a si mesmo, ele se recostou na cadeira e riu. Isso era exatamente o que sua velha professora diria sobre ele. E ela diria em sua voz de rígida professora que dizia a todos que era melhor não contradizê-la porque ela estava sempre certa. *Dio*, ele estava feliz por estar em casa.

— Aquela mulher. Ela está muito doente? —Ele não poderia evitar a preocupação. Ele tinha um lugar especial em seu coração para Agnese. A maior parte da vizinhança o fazia. Especialmente aqueles a quem ela tinha ensinado com tanta compaixão.

— Não tão doente quanto Signora Vitale. Eu fiz Enrica chamar um médico apenas por segurança. Ela está na casa dos oitenta e gripe pode ser difícil para idosos. O médico disse que com um pouco de cuidado ela deve ficar bem. Seu neto ficou com ela. Ele prometeu aquecer a sopa e alimentá-la a cada duas horas, mesmo se ela tomar apenas algumas colheradas.

Stefano sacudiu a cabeça. — Então você conheceu Bruno. Ele foi desrespeitoso? Você teve a impressão de que ele realmente ia cuidar de sua avó?

Francesca assentiu. — Absolutamente. Seu "*falar*" com ele deve ter ajudado, porque ele realmente ouviu o médico e parecia realmente preocupado. Eu não tenho nenhuma dúvida de que ele a ama.

— Nunca houve dúvida sobre isso, apenas era um pirralho egoísta. Maldição, ela deu-lhe todas as coisas que ele sempre quis, mesmo quando não podia pagar e teve que se sacrificar. Ele nunca pareceu notar. Eu só apontei isso para ele, e expliquei as consequências do tráfico de drogas em nosso bairro ou em qualquer outro lugar. Eu também contei a ele que se ele fosse para a prisão sob a acusação de venda de drogas—eu ainda poderia alcançá-lo lá.

— Você poderia fazer isso?

— Eu sou um cavaleiro de sombra, *bambina*—claro que eu poderia encontrá-lo na prisão. —Ele se serviu de uma segunda porção de massa. — Isso é bom, Francesca, muito bom.



— Então explique a mim sobre montar sombras. O que isso significa. Sei que você não pode dizer nada até que estejamos casados. Mas claramente nós vamos nos casar.

Ele largou o garfo e estudou seu rosto. Ela não estava olhando amedrontada. Ela não tinha medo e já tinha aceitado. Ela já tinha uma ideia do que ele fazia e ela não só aceitou, ela deixou claro com ele. Ele confiava nela ou não. Ele havia pedido a ela para confiar nele cegamente e ela tinha feito isso.

— Você tem que ter certeza, *bella*. Não há como voltar atrás com isso. Haveria ... consequências.

— Eu tenho Stefano. — Ela pousou seu garfo também. — Você já terminou? Se você quiser, podemos ir para a cama e você pode me dizer.

Ele tinha o início de uma dor de cabeça, principalmente por estar cansado. Ele geralmente tinha se ficasse quarenta e oito horas sem dormir, além do que seu corpo poderia começar a cobrar pedágio, especialmente se ele tinha feito passeios nas sombras. — Obrigado, *dolce cuore*, a cama parece ótima.

— Eu só vou lavar esses pratos. Não vai me levar muito tempo.

— Deixe-os. O serviço faz.

Ela sorriu e balançou a cabeça. Stefano sabia que ela não estava confortável com o seu dinheiro ou alguém fazendo as coisas por ela. O elevador *apitou* um único aviso. Ele agarrou a arma presa embaixo da mesa e ficou de pé. — Você está esperando alguém?

Ela balançou a cabeça, o medo rastejando em seus olhos. Ele odiava isso. Odiava que ela precisasse sentir medo. Ela era sua. Sua mulher tinha um monte de coisas para enfrentar, mas o medo não devia ser um deles.

— Vá para trás do balcão e fique lá até que eu diga que é seguro.

Francesca não discutiu com ele. Ela assentiu com a cabeça, o rosto pálido, os olhos assombrados. A raiva bateu em seu intestino quando saiu de



trás da mesa e moveu-se nas sombras pela sala de jantar para a entrada. Se Barry Anthon ou qualquer um dos seus homens tivesse conseguido penetrar sua segurança, ele ficaria chocado. O hotel era uma fortaleza. Chegar ao seu apartamento sem ser detectado era quase impossível, a menos que você fosse da família e tivesse os códigos para os elevadores.

Sua respiração assobiou saindo de seus pulmões, e sua raiva subiu a superfície. Ele entrou na sala grande, travando a arma no alvo, sem se importar que sua mãe se engasgou e deu um passo atrás.

— Que porra é essa? — Perguntou ele. — Você nem tem sequer a cortesia comum de ligar primeiro? — Ele levantou a voz. — É Eloisa, Francesca. — Ele não lhe disse para se juntar a ele porque podia ver a agitação de sua mãe. Se ela foi até lá para uma de suas palestras *hipócritas*, ele estava totalmente preparado para dar um corte, rude e feio, como tinha feito sobre sua futura esposa. Francesca não precisava ouvir mais nada.

— Como você se atreve, Stefano? — Eloisa estalou. — Agora eu entendo por que você e Taviano ignoraram o resumo completo. Você colocou em perigo *todos* nós, toda a família, com sua imprudência, e agora você está se escondendo aqui no seu ninho de amor, com medo de me enfrentar, porque você sabe que o que você fez foi descuidado e estúpido.

— Como se atreve *você*? — A voz de Francesca veio de trás deles. Ela entrou logo atrás de Stefano e passou o braço em torno de sua cintura. — Stefano não é imprudente e você sabe disso. Ele não está se escondendo aqui com medo de enfrentá-la e acho que você sabe disso também.

— Fique fora disso. — Eloisa estalou. — Você não tem o direito de interferir em assuntos de família. Você não tem ideia do que estamos falando.

— Tenha muito cuidado com como você fala com a minha mulher, Eloisa. — Stefano avisou, o gelo pingando de sua voz, mas seu coração tinha virado com a demonstração de apoio absoluto de Francesca. Mesmo seus irmãos não interferiam quando Eloisa ralhava com ele por alguma infração. Ele sempre tinha sido o chefe da família para seus irmãos e irmã. Ele brigava por eles com Eloisa, e não o contrário. Era bom ter alguém com ele, mesmo



que ele não precisasse disso. Ele tinha estado discutindo com sua volátil mãe desde que ele pôde falar. — Vamos nos casar, apesar de suas *objeções*, e em duas semanas. Ela será minha esposa e comigo, a chefe da *famiglia*.

— Talvez fosse melhor começar de novo. — Francesca sugeriu. — Gostaria de se sentar, Eloisa? Sou Francesca Capello. Nós não fomos formalmente apresentadas.

Eloisa parou por um momento, obviamente lutando com seu temperamento, mas para surpresa de Stefano ela acenou com a cabeça. — É um prazer conhecê-la, Francesca. Por favor, desculpe minha grosseria no outro dia. Eu não tinha idéia de que você estava na casa e ouviria as coisas que eu disse ao meu filho, coisas que eu acreditava na época. Desde então, eu li os numerosos relatos recolhidos sobre Barry Anthon e eu sei que eu estava enganada. Eu deveria ter feito o que sempre fazemos e reunido os fatos em primeiro lugar.

Stefano abriu a boca para concordar com ela, mas Francesca enterrou os dedos na sua lateral e ele absteve-se de explodir com sua mãe com normalmente faria. Ele olhou para sua mulher. Ele, *porra*, amava pensar nela dessa maneira. Ela era ... Magnífica. A cabeça erguida. O braço em torno de sua cintura. Seus olhos claros. Não havia medo agora, apenas uma mulher confiante em pé ao lado de seu homem. Sim. Ele.

Francesca apontou para a poltrona em frente ao sofá. — Obrigado por isso, Eloisa. Eu aprecio. Emmanuelle me disse que você está ajudando com alguns dos detalhes do casamento. Tudo está acontecendo tão rápido que eu estou um pouco sobrecarregada, então eu sou grata por qualquer ajuda.

Eloisa tomou a cadeira em frente a eles. Stefano puxou Francesca para perto dele, sua coxa pressionada contra a dela. Ele tinha perdido isso. Realmente sentiu falta dela. Era estranho pensar em uma mulher noite e dia, se preocupar com ela e ficar ansioso para estar com ela. Inalar o cheiro dela e saber que você está em casa. Ansiar seu corpo como um vício e precisar do som de sua risada e da visão de seu sorriso. Ele tinha nunca teve isso antes e agora parecia tão natural para ele como respirar.



— Nós realmente temos que discutir esta confusão, Francesca, —disse Eloisa. — Eu não quero que se aflija, mas Stefano fez algo que não é protocolo em nosso negócio e que poderia ter feito alguém ser morto. Eu não posso deixar passar sem dizer alguma coisa.

— Se você está falando sobre Nicoletta, estou plenamente consciente da situação, —disse Francesca. — Antes de conversar com Stefano sobre isso, conheça todos os *fatos* antes de ficar chateada. Ele teve uma boa razão para fazer o que fez.

O rosto de Eloisa ficou vermelho de raiva. Seus olhos ficaram duros. Stefano tinha visto aquele olhar um milhão de vezes. Ele poderia ter dito a Francesca que Eloisa não era razoável quando ela estava com raiva. Seu temperamento era lendário na família. Até mesmo seus irmãos pisavam levemente quando ela estava chateada.

— Primeiro, Stefano, Francesca não deve ser sobrecarregada com o conhecimento do nosso trabalho até depois do casamento. —Ela mordeu cada palavra, seus dentes apertados, como se ela pudesse dar uma mordida se os abrisse, se ela não se controlasse.

— Eloisa, você não tem que me dizer como lidar com meu negócio pessoal, e não quando se trata de minha mulher. —Stefano manteve sua voz tão suave quanto possível. Sua família podia falar alto em seus desacordos, mas com sua mãe, isso passava de mal a pior muito rapidamente.

A respiração de Eloisa vaiou em uma longa corrente de desaprovação. — Quando se trata de você ser descuidado sobre negócios da família, Stefano, alguém tem, e não há ninguém além de mim. Todo mundo tem *medo* de você. —Ela inclinou-se para ele, estreitando os olhos, seu dedo apontou em direção a ele. — Eu não tenho. Você não tinha o direito de trazer a menina para o nosso bairro. Ela deveria ter sido deixada lá. E Taviano não tinha nada que fazer lá. Seu trabalho era ser visto. Ser fotografado. Ambos deixaram a *famiglia* vulnerável.

Stefano deu de ombros. — Felizmente, Eloisa, *eu* sou o chefe da *famiglia* , e *eu* faço as regras, *não* você. Esta foi a minha escolha. Taviano estava lá



quando foi necessário, graças a ele agir com seus instintos, que é o que nós somos treinados para fazer. Eu não sei por que você está chateada quando fizemos o nosso trabalho.

Eloisa se inclinou ainda mais perto, seus olhos vivos com raiva. — Porque se desviar do protocolo, algo que existe há cem anos sem um bom motivo, no último minuto, vai te matar. Vai fazer seu irmão ser morto. Você é mais importante do que está menina, seja ela um cavaleiro confirmado ou não.

Houve um silêncio chocado. Stefano, contou as batidas do coração, tentando controlar seu temperamento. — Por que, Eloisa? Por que você acha que Taviano e eu somos mais importantes do que uma menina de dezessete anos de idade? Uma que foi brutalizada, estuprada e espancada quase todos os dias, *porra*, desde que tinha quinze anos? Se isso não é motivo o suficiente para você, esta menina pode fornecer crianças—cavaleiros—para a nossa família. Ela poderia ser a muito amada esposa de um de seus filhos. Porque ela não é tão importante, se não mais, por isso?

O rosto de Eloisa ficou vermelho. Ela piscou rapidamente, repetidamente, como se tivesse algo em seus olhos. Seus punhos se cerraram. — Porque, —ela assobiou, ambos os punhos cerrados. — Ela não é meu filho. Ela não é Taviano. Ela não é você. Eu não me importo se você, seus irmãos e Emmanuelle me odeiam enquanto vocês estiverem vivos. Enquanto eu souber que fiz tudo o que pude para fazer os melhores cavaleiros. Eu sacrifiquei minha vida inteira, minha felicidade, tudo, para que você e os outros pudessem viver. Para estarem preparados para a vida que você nasceu. Eu não a teria escolhido para você, mas eu não *tive* escolha, assim como *você* não tem escolha. Eu não te verei morto, Stefano. Nenhum outro de meus filhos antes de mim. Eu não vou.

Os dedos de Francesca apertaram sua coxa em sinal de advertência. Seu olhar foi para o rosto dela. Ele podia ver que ela estava desesperadamente tentando dizer-lhe para ter cuidado, para ouvir o que sua mãe estava dizendo, a mensagem subjacente. Para ouvir o desespero e fúria nela. Ele tinha visto



isso uma ou duas vezes em outras mães. Tigresas quando se tratava de defender seus filhos. Ele simplesmente nunca tinha visto isso *em* sua mãe.

Ela sempre foi fria como gelo. Ela supervisionou todos os aspectos da sua formação nos Estados Unidos, mesmo quando eles iam para outras famílias para treinar. Ela fazia visitas surpresas frequentes para garantir que eles estavam trabalhando tão duro quanto ela considerava necessário. Ela não podia ir para o estrangeiro com eles, mas ela mantinha contato, era muito exigente. Seu pai nunca tinha mostrado qualquer interesse em sua formação. Ele nunca tinha mostrado qualquer interesse neles.

— Por que você não se divorcia dele, Eloisa? Você está aposentada. Não importa se você pode ou não montar uma sombra. Não lhe importará se ele não se lembrar de nenhum de nós. — Ele falou o mais suavemente possível. — Ele nunca foi nada além de, prejudicial para você.

Eloisa levantou a mão. Estava tremendo, mas ela manteve-a lá, uma barreira entre eles. — Se eu não puder montar nas sombras, eu não posso chegar a um de vocês quando você precisar de ajuda. Eu não ligo para o que Phillip faz. Não é como se eu fosse encontrar o amor da minha vida agora, mas eu posso continuar a ter certeza que meus filhos estão tão seguros como posso fazê-los.

Stefano olhou sua mãe, perguntando-se o porquê a sua reação estranha. Ela parecia ... afetuosa. — Será que você quis ter filhos, Eloisa?

Houve um silêncio. Os dedos de Francesca cavaram mais fundo em seu músculo. Ele acariciou as costas de sua mão com o polegar, precisando tocá-la. Graças a Deus ela estava tão perto dele, apoiando-se nele, ficando a seu lado, apesar do que Eloisa tinha falado dela mais cedo. Ela mantinha seu temperamento sob controle e permitiu que ele ouvisse a voz de sua mãe, e julgasse-o pela honestidade. Ele nunca teria feito essa pergunta a sua mãe, nunca teria ido longe o suficiente em uma conversa com ela para sequer considerar descobrir mais sobre ela.

Eloisa era uma pessoa disciplinada muito controlada, muito parecida com ele. Ela também foi extremamente reservada. Ela escondia todas as



emoções—dos outros—menos a raiva. Agora, ela só parecia vulnerável. Ele quase desejava não ter perguntado. Eloisa nunca pareceu vulnerável ou frágil. Parecia quase como se pudesse quebrar.

Duas vezes ela lambeu os lábios e o olhar se desviou para longe do seu, mas não antes que ele achasse ter visto o brilho de lágrimas. Ela balançou a cabeça duas vezes. — Eu queria um marido e filhos, assim como a maioria das mulheres, mas não era a minha realidade. Minha realidade era lhes passar um legado em que não tinham escolha, só o cumprir. Eu dei através do treinamento.

Um sorriso amargo torceu a boca dele, um sorriso difícil de testemunhar. A palma da mão de Francesca acariciou-lhe a coxa suavemente, como se ela pudesse sentir sua reação e, ao mesmo tempo, mantê-lo aterrado e equilibrado.

— Eu sei que você acha que tua *nonna* e *il nonno* eram pessoas amorosas, maravilhosas, mas eles aderiram as velhas maneiras. Eles eram capatazes, muito pior do que eu jamais poderia ser. Os mestres a quem fomos enviados eram brutais, eu sei que você acha que o treinamento foi muito duro para seus irmãos e irmã, mas era o que foi perfurado em nós, que o treinamento era tudo. — Ela balançou a cabeça, um pequeno tremor passando por seu corpo. — Alguns dos treinadores eram cruéis, mas um mal necessário.

— É isso que você acha? — Stefano estalou, visões de Ettore levantando-se, afiadas e assassinas em sua mente. Seu intestino deu um nó e só a mão restritiva de Francesca o impediu de saltar e andar com energia incansável para evitar gritar insultos contra sua mãe. — Você sabia que os treinadores eram cruéis e ainda assim você enviou os meus irmãos a eles de qualquer maneira. Você me enviou, mas isso não resultou tão bem para a família, não é?

— Stefano, você não pode ignorar o fato de que o treinamento é necessário. Sem ele, nenhum de vocês poderia fazer o que faz. É difícil, sim, mas todos os outros cavaleiros passaram por isso.



— É necessário Eloisa, mas não tem que ser nas mãos de treinadores brutais. A crueldade não tem lugar no que fazemos, aqueles de nós que andam nas sombras não devem ser submetidos a treinadores viciosos apenas por uma questão de infligir dor para o seu prazer.

Eloisa engasgou. Sua mão se arrastou na defensiva até sua garganta. — É isso que você acha? Que enviei todos vocês para eles, para que pudessem ser cruéis com vocês?

— Você e nosso pai. Era seu trabalho nos proteger. — Stefano fez uma acusação.

Francesca se pressionou mais a ele, sob seu ombro, seu corpo quente e macio. Reconfortando-o quando ele não sabia que era o que mais precisava. As memórias de sua infância estavam perto—muito perto. De sua irmã gritando noite após noite com pesadelos. De seus irmãos retornando de outros países frios e endurecidos, com o inferno em seus olhos. De carregar o corpo de Ettore através das sombras. Raiva moveu-se nele, e ele apertou seu braço em torno de Francesca para ajudar a mantê-lo a baía.

— Eu segui a tradição, Stefano, como qualquer outro pai de um cavaleiro. Mande todos vocês para os melhores treinadores do mundo. Eu fui, e cada outro cavaleiro vai. Quando vocês estavam longe de mim aqui nos Estados Unidos, fui para me assegurar que não havia crueldade, mas eu não poderia ir para a Europa com todos vocês. —A voz de Eloisa era baixa. Sufocada. Estrangulada.

— Você *sabia* o que iria acontecer Eloisa, ou você não teria ido aos treinadores aqui nos Estados Unidos.

— É *tradição*. —Eloisa, gritou, mas havia lágrimas em sua voz.

— Anos atrás, as mulheres não eram nada, Eloisa. Elas não tinham direitos. Elas não podiam possuir propriedades. Elas *eram* propriedades. Isso mudou, porque não estava certo. As crianças eram espancadas regularmente pelos pais. Isso mudou porque não estava certo. Só porque algo é uma tradição, transmitida de uma geração para a outra, não faz com que seja a coisa certa.



— Você não acha que eu sei disso? Você não acha que eu aprendi isso quando Ricco voltou do Japão e ele estava tão mudado? Há morte em seus olhos. Há um vazio quando antes havia um tipo de vida. Todos eles voltaram mudados. Até você, e você é tão forte Stefano. — Sua voz quebrou.

— Todos eles são fortes, Eloisa. Cada um deles. Se livre de Phillip. Podemos cuidar um do outro nas sombras. Deixe-se viver. Deixe-se desfrutar de seus filhos em vez de ficar louca, tentando nos proteger quando não precisamos mais disso.

Eloisa respirou fundo para se firmar. — Vou pensar sobre isso. Eu posso ver que você está cansado, Stefano, então eu vou agora e deixarei você dormir um pouco. — Ela balançou a cabeça e levantou-se, levantando a mão para evitar que qualquer um deles lhe desse simpatia de qualquer tipo.

Stefano também se levantou, levando Francesca com ele, prendendo-a com força ao seu lado. Ela imediatamente apertou a palma da mão em seu abdômen para que seu calor queimasse direto através de sua camisa fina para sua pele. Isto foi ainda mais profundo, de modo que o calor se espalhou por seu corpo, tornando-o muito consciente do quanto ele era sortudo por tê-la. Por tê-la encontrado.

Sua mãe era uma concha. Ela se apresentou como uma mulher fria e calculista com pouca emoção para resto do mundo e mesmo ele tinha acreditado. Em vez disso, ela era uma mulher com sonhos de ser amada. Ela tinha sido forçada a um casamento sem amor com um homem que se preocupava apenas com o poder de passear nas sombras. Da capacidade que ela lhe deu para continuar seus negócios. Ela tinha sacrificado o amor de seus filhos a fim de continuar as tradições que seus pais haviam forçado sobre ela.

Stefano olhou para Francesca quando as portas do elevador se fecharam. — Nossos filhos vão conhecer o amor, *dolce cuore*. Se eu me tornar muito duro na formação deles, eu preciso de sua palavra de que você vai me parar.

Ela sorriu para ele. — Eu iria bater-lhe na cabeça e colocar juízo em você se você se atrevesse a ser muito duro com nossos filhos. — Ela estava sorrindo



para ele, mas havia verdade em seus olhos, honestidade em sua voz e aço em sua espinha. Ele não tinha dúvidas de que ela queria dizer o que disse.

— Vamos para a cama, —disse ele, virando-a para o quarto. Ele queria deitar e apenas segurá-la. — Isso foi uma surpresa. Eloisa nunca falou sobre seus sentimentos. Nem uma única vez. Ela nunca mostrou emoção, nem mesmo quando Ettore morreu. — Sua morte estava muito perto. Demasiado perto. Ele sentia como se as paredes estivessem se fechando sobre ele.

— O que ela disse sobre Ricco. O treinamento. O que é que foi isso?

Ele se despiu, jogando as roupas de lado e, em seguida, estendendo-se na parte superior dos lençóis, as mãos atrás da cabeça enquanto a observava tirar a roupa. Quando ela estendeu a mão para uma das muitas camisolas sensuais que ele tinha comprado, ele sacudiu a cabeça. — Não esta noite, Francesca. Eu não quero nada entre nós. Nem mesmo algo que me dá grande prazer em tirar. Apenas venha para a cama.

Ela era bonita. Mais que bonita. Seu corpo era exuberante e convidativo, apenas como ela era. — Você deu a todos nós esperança. Você sabia disso? Você tem alguma ideia de como você é importante para meus irmãos e irmã? Não é porque você vai me dar bebês, mas porque você representa algo bonito e surpreendente. Nenhum de nós acreditava que teria a chance de amar alguém. Ou que poderíamos ser amados.

Francesca se estendeu ao lado dele, o corpo dela virado para o dele, com um braço em sua cintura, a cabeça em seu ombro, uma perna jogada sobre suas coxas. Ela fazia muito isso, ele percebeu. Virava seu corpo em direção a ele. Ela nunca protestou quando ele a prendia ao seu lado, ou à noite, quando ele se envolvia todo nela. Ela apenas se aconchegava mais perto dele.

— Você precisa explicar tudo isso para mim, Stefano, —ela insistiu. Seus dedos se moviam sobre o peito dele, traçando seus músculos pesados. — Eu preciso saber. Eu quero entender.

Ele se moveu apenas o suficiente para que pudesse envolver um braço em torno dela. As luzes estavam apagadas, mas ele podia vê-la facilmente através das janelas nuas que estavam na parede de seu quarto. No alto de



tantos andares, não havia ninguém para ver, mas ele poderia olhar por sobre a cidade com todas as luzes. Ele amava sua cidade. Ele amava seu bairro. Mais do que qualquer coisa ele amava sua família.

— Eu já lhe disse alguma coisa. Nós voltaremos centenas de anos. A família Ferraro sempre teve cavaleiros nascidos nele. Homens e mulheres capazes de se conectar com as sombras e usá-las, como um tubo, uma via expressa. Quando estamos dentro da sombra, ninguém pode nos ver. Nos velhos tempos, nossos antepassados assumiram a tarefa de proteger a família e amigos e, em seguida, eventualmente, outros no nosso bairro.

Ela assentiu com a cabeça e virou a cabeça ligeiramente para pressionar um beijo em seu peito. Ele já tinha dito a ela isso antes, mas ele precisava começar de algum lugar confortável. Ela era paciente com ele, mas então ele sabia que ela iria ser—assim paciente com seus filhos.

— Quando os Ferraro se recusaram a se juntar à família Saldi ou revelar a eles como eram capazes de proteger tantos, o chefe da família Saldi emitiu ordens para eliminá-los. Cada homem, mulher e criança. Apenas os cavaleiros escaparam. Alguns primos estavam fora em um feriado. Aqueles que permaneceram vivos passaram a se esconder. Como os cavaleiros foram capazes de fugir, a família começou a se reconstruir em segredo.

O dedo dela traçou suas costelas. — Eu sei de onde você obtém sua tenacidade.

Ele capturou a mão e trouxe a ponta dos dedos à boca, seus dentes raspando sedutoramente ao longo das almofadas. — Eles passaram anos construindo um império. Ramos de cavaleiros foram colocados em grandes cidades em todo o mundo. Cada cavaleiro tinha que estar familiarizado com a língua e geografia por isso eles eram enviados a todas as cidades para treinar enquanto adolescentes. Os outros membros da família começaram as empresas legítimas. Os negócios sólidos que traziam prosperidade para a família. Bancos, hotéis, cassinos, discotecas. Cada empresa foi construída cuidadosamente antes que outra fosse adicionada.



— Todos eles são capazes de lidar com o dinheiro que um cavaleiro de sombra recebe por seus serviços que não são de todo legítimos, —ela murmurou. — Como o resgate de uma menina de dezessete anos de idade.

— Não há dinheiro para esse trabalho. Alguns trabalhos são trocados por favores. Ou outras coisas pequenas. Assumir um trabalho envolve a *execução* de alguém, —ele deliberadamente utilizou a expressão para ver a reação, — requer uma grande quantidade de dinheiro a menos que, como no caso de uma criança brutalizada, o peticionário não possa pagar isso, e não seja um criminoso com a necessidade de se justificar.

— É por isso que você tem esse processo. Os recepcionistas e, em seguida os investigadores.

— Sim. —Ele mordeu seu dedo de novo, querendo beijá-la, o calor espalhando por ele, porque ela nem sequer pestanejou quando ele usou a palavra execução. — Nós temos que ter certeza antes de aceitar um trabalho. Não pode haver erros. Ambos os lados são investigados, o peticionário, bem como o alvo e o incidente em si. Nós protegemos a família a qualquer custo. Nós temos certeza que nossos próprios cavaleiros não derrubam qualquer um que possa atrair atenção para nós em nossa própria cidade. Nós não fazemos nosso próprio trabalho pessoal. Nada perto de nós. Nós usamos os paparazzi para álibis. Porque nós vivemos tão publicamente, poucas pessoas acham que faríamos qualquer coisa que eles não possam ver.

— E você é cuidadoso. —Ela fez uma declaração.

— E nós somos cuidadosos, —ele confirmou. Ele ficou em silêncio por um momento antes de prosseguir, seus dedos se afundando na seda de seu cabelo. — É difícil encontrar outros fora da família com a capacidade de montar as sombras. Existem, apenas não são muitos. Os homens têm um pouco mais de tempo para encontrar alguém que eles realmente querem, do que uma mulher, porque no final, nós servimos a família e isso significa produzir cavaleiros. Os cavaleiros nos mantêm a salvo. Se os Saldi ou qualquer outra pessoa tentar nos extinguir de novo, a retaliação seria rápida



e brutal. Eles sabem disso. Eles não sabem como vamos fazer isso, mas eles sabem que podemos chegar até eles.

Ele tinha que fazê-la entender. — Os cavaleiros são importantes para a família, Francesca. O nosso treinamento, treinar as crianças, é necessário para que possamos continuar. É difícil, mas muito gratificante. Mas ... —Ele parou.

— Conte-me.

Ele podia porque era Francesca. Sua mulher. Ela parecia compreender tudo o que precisava ou procurava. — Vou treinar nossos filhos e eles vão para outros treinadores de confiança, mas Francesca, se esta vida não for para eles, eu quero que eles tenham uma escolha. Eu não quero casamentos arranjados, sem amor para eles. Vou ensiná-la a andar na sombra porque eu quero você segura, mas eu não quero nunca que você faça o trabalho ou use a violência. Eu não quero isso te tocando. Eu preciso que você entenda isso. Não é porque eu não quero compartilhar poder com você. É porque ...

Ela rolou, se jogando sobre o corpo dele, as mãos emoldurando seu rosto. — Você não tem que explicar. Eu sei que você me quer em casa, para equilibrar o treinamento. Não há nada de errado com isso.

— Eu quero voltar para casa para algo limpo. Para algo maravilhoso e acolhedor. Amor. Eu quero isso para as minhas crianças. Eu preciso disso.

— Eu sei que sim, —ela murmurou, e deu um beijo em sua garganta.

— Você tem que saber que há consequências em estar comigo, Francesca. Eu não estava exagerando quando avisei que tipo de homem que eu sou. Espero liderar. Eu espero que você siga. Vou te dar tudo que posso. Eu quero você feliz. Mas eu preciso de você segura. Isso é algo em mim que não posso mudar. Haverá um monte de ordens. Que você me deixe saber onde você está a cada minuto. Isso não tem nada a ver com confiança e tudo a ver com o meu problema de saber que você está segura.

— Eu sei Stefano.



Ele respirou. Ele tinha que deixá-la saber tudo. Ele tinha que saber se ela poderia viver com as consequências reais de ser casada com um cavaleiro da sombra. — Isso não é nem de longe o pior. — Ele respirou.

Enquadrou o rosto dela para olhar em seus olhos. — A verdade é, Francesca, uma vez que estejamos casados e nossas sombras completamente fundidas, se as coisas não derem certo e nós nos divorciarmos, as sombras iriam se rasgar e não há como repará-las. Eu iria perder a minha capacidade de montar as sombras. Disso é que minha mãe estava falando esta noite. Você perderia toda a memória de mim, de nossa vida e até mesmo de nossos filhos. Você não iria lembrar de nada a ver com andar na sombra. Você não iria sofrer, porque você não teria nenhuma lembrança, mas você perderia seus filhos. É por isso que é importante saber ao certo antes de nos casarmos, que esta vida é para você.

Ele sentiu sua repentina quietude. A inalação rápida. Ela começou a rolar dele, sua primeira retirada. Ele não iria permitir seus braços a prenderem a ele. — Não, *bambina*, não me deixe. Apenas ouça. Ouça a verdade em minha voz. Eu te amo com tudo em mim. Nunca haverá um tempo que eu não vá. Sou incapaz de mentir para você. Sou muito leal, e eu sei que você tem isso em você também. Vamos resolver as coisas. Eu sei que sou difícil, mas juro, com cada respiração de meu corpo, Francesca, eu vou trabalhar em nosso casamento.

— É um preço enorme, Stefano, se algo der errado.

— Eu sei disso. Eu sei o que você está arriscando. Parece que eu tenho menos a perder, mas não é assim. Eu seria metade de um homem sem você, e eu não saberia quem eu sou sem a capacidade de andar nas sombras. Case-se comigo, seja minha esposa. Seja minha parceira. Assuma o risco comigo. Eu preciso de você de uma maneira que eu nunca precisei de nada nem de ninguém. — Ele estava se dando a ela. Ele nunca se sentiu tão vulnerável. Nunca sentiu com tanto medo. — Cada palavra, *porra*, que eu disse a você é verdade.



Ela escovou sua boca na dele. Olhou em seus olhos, procurando por algo. Ela deve ter encontrado porque ela concordou. Demorou a chegar, mas no final, ela não acenou em aceitação. — Sim. A resposta ainda é sim.



Stefano acordou Francesca três horas depois que ele adormeceu e fez amor com ela. Suavemente. Tão suavemente como era possível para ele. Ele teve certeza de que ela estava ofegante e pronta antes de a tomar deixando-a ir novamente e, novamente, dando-lhe três orgasmos antes de se esvaziar nela. Ele voltou a dormir ao som dela tomando um banho. A mulher amava a *porra* da banheira.

Capítulo Vinte e Três

Stefano acordou com o amanhecer rastejando para seu quarto e uma necessidade urgente arranhando sua barriga. Seu pênis estava duro e grosso, desesperado para estar dentro do canal quente e molhado de Francesca. Os cabelos longos de Francesca moveram-se em um slide sensual sobre suas coxas e barriga, parecendo seda, construindo uma urgência selvagem quanto sua boca brincava entre suas pernas. Até suas coxas, espalhando beijos e mordidas pequenas até suas bolas doerem. Ela lambeu seu saco e seu pau empurrou duro. Seus dedos o encontraram rolando e acariciando suas bolas apertadas, com sua língua lentamente banhando-as em calor. Ela fez pequenos sons de gemidos que se adicionaram a escura fantasia.



— *Dolce cuore*. — Foi tudo o que conseguiu dizer quando ela lambeu seu eixo. Ávida. Com fome. Ele pegou seu cabelo sedoso em seu punho. A boca deslizou sobre a cabeça larga, queimando seu pênis e o tragando. Completamente. Tomando-o profundamente. Inesperadamente. O interior de sua boca estava molhado, escorregadio, mais quente do que inferno. — Paraíso fodido. — Ele gemeu. Puxou seu cabelo para levantar a cabeça. Ele queria ver seus olhos. Ele amava sustentar seu olhar enquanto ela caía sobre ele.

— Tem que olhar para mim, *bambina*. Eu tenho que ver seus olhos. — Ele amava quando ela estava faminta por ele da mesma maneira que ele sempre se sentia insaciável por ela. Quando seus olhos transmitiram seu entusiasmo e seu amor pelo que ela estava fazendo. Ela precisava quase tanto quanto ele precisava de sua boca sobre ele. O cabelo dela, movendo-se sobre suas coxas e barriga, o deixava ultra sensível de modo que cada terminação nervosa em seu corpo saltava para a vida. Fogo dançava sobre sua pele, somando-se as sensações que a boca e as mãos criavam.

Ele esperou o impacto, prendendo a respiração. Quando chegou, quando ela ergueu os cílios e os olhos encontraram os dele, seu coração se contraiu no peito e no fundo, onde ninguém podia ver, ela o quebrou. O olhar. Tão cheio de amor. Tão cheio de luxúria. Por ele. O homem. Não o nome. Não o dinheiro. Não por qualquer outra razão. Só por ele. Seus punhos se apertaram no cabelo dela. Ele queria empurrá-la nele, mas ela escolheu esse momento para levá-lo a boca.

Vendo-o olhá-la, ela abriu os lábios e lentamente, centímetro por centímetro, levou-o profundamente. Foi a coisa mais quente que ele já tinha visto. Ela manteve o olhar no dele, deixando a fome queimar em seus olhos enquanto ela cavou suas bochechas o chupando duro, sua língua chicoteando-o com toques que pareciam relâmpagos brancos.

Sua boca parecia um punho de veludo escaldante envolvido em torno de seu pênis. Quente. Apertado. Molhado. Perfeito. Ele conheceu o paraíso, bem ali na boca de sua mulher. Ela deslizou a boca saindo de seu eixo e, em seguida, afundou novamente em um punho apertado, molhado que o abalou.



— Foda-se. —Ele explodiu. Bruto. Ele não podia pensar com o sangue trovejando em seus ouvidos e rugindo através de seu eixo. Suas mãos estavam fazendo coisas pecaminosas em suas bolas, enquanto sua boca fazia-as em seu pau. Ele agarrou seu cabelo mais forte e começou a puxar. — Você tem que parar, *bella*. Agora. *Porra*. Agora. —Porque se não o fizesse, ele ia derramar tudo o que tinha direto em sua garganta, e ele não queria que isso acabasse.

Francesca não mostrou sinais de parar. Sua boca se apertou ainda mais, a sucção mais forte do que nunca, enviando ondas de calor através dele. Desejo apertou os músculos das coxas, apertou suas bolas e dançou em sua barriga. Ele manteve a cabeça no lugar por seu cabelo, seus punhos em ambos os lados da cabeça dela, guiando-a agora, seus quadris empurrando naquele túnel quente e úmido.

Stefano olhou em seus olhos, afundando ali, deixando-a levá-lo, o fogo consumindo-o. Ele empurrou profundo e se manteve ali, trancado no paraíso, a boca fechando em torno dele como um torno. Ele não o puxou para trás até que viu o primeiro sinal de pânico em seus olhos. Ele a deixou tomar um fôlego e empurrou novamente e não pôde acreditar quando sua língua atacou-o como relâmpago, ela amamentou duro e mais uma vez levou-o profundamente, ao mesmo tempo seu olhar agarrado ao dele.

Sua respiração ficou presa na garganta. Não só ela estava dando a ele uma foda paradisíaca, mas olhava para ele com adoração, como se ele fosse o único homem em seu mundo. Manteve-se lá uma batida ou duas mais, observando-a levá-lo, vendo confiança em seus olhos. Com um xingamento bruto, retirou-se, transferiu a sua mão para os braços e puxou-a para cima.

— Fique de joelhos—em frente a cabeceira da cama, —ele ordenou.

Ele já estava de joelhos, seu pau na mão, dando golpes ásperos para manter o fogo queimando. Não foi difícil, quando ela virou de barriga para baixo e se arrastou até a cabeceira da cama. Ela parecia a epítome do sensual, seu belo rabo no ar para ele, com a cabeça sobre o colchão.

— Coloque as mãos para trás.



Ela o fez, virando a cabeça para espia-lo através da massa de cabelos caindo sobre os lençóis. Ele pegou o cinto e o usou para prender as mãos atrás das costas. — Eu amo o jeito que você parece agora. Isso não está muito apertado?

— Não, — excitação ou medo fez tremer a voz dela, ele não estava certo do que era, mas ela empurrou seus quadris para trás em um convite.

Ele esperou alguns momentos, levantando seu pênis enquanto observava em silêncio, permitindo que a antecipação crescesse. Ele adorava que sua mulher desse-lhe tudo o que ele pedia e muito mais. Sua respiração ficou irregular e ele deslizou a palma da mão até o interior das coxas dela e, em seguida, abriu-a mais com os joelhos.

Ela estremeceu. Ele a alcançou entre as pernas e encontrou-a molhada e quente. Ele sabia que ela estaria. Ela gostava de ficar embaixo dele.

Ela deu um gemido baixo quando a palma da sua mão bateu sobre a entrada escorregadia, mas ela não se moveu. Ela só esperou. Dando-se a ele. Ele deu um tapa em seu traseiro duro, uma picada afiada e depois esfregou a mancha vermelha suavemente. Ele se curvou e deu um beijo bem no meio da impressão da palma. Sua língua encontrou a entrada e ele lambeu tudo, um longo golpe de calor que a acendeu.

Francesca gritou, e ele repetiu a sequência completa em sua bochecha esquerda. Ele passou um tempo lá, construindo o calor dentro dela, usando as mãos, sua língua, variando o ritmo e força, certificando-se de acalmá-la e manter o mel derramando em sua boca, em sua língua, por suas coxas para que ele pudesse lambê-lo.

Ela soluçou seu nome, repetidas vezes, sua respiração falhava em cada gemido ou grito que provocava nela. Ele tomou seu tempo, desfrutando da construção do calor em seu corpo. Seu pênis pulsava com cada batida e carícia na bela bunda arredondada. Ele não pôde resistir a dar uma mordida nela, seus dentes encontraram o centro de sua palma impressa em sua bochecha direita e, em seguida, acariciou sua marca com a língua.



Ela explodiu, gritando seu nome, todo o seu corpo estremecendo. Ele entrou nela, usando seus quadris como guia, arrastando-a de volta para ele para que pudesse bater profundo e duro, sentindo o aperto certo de seu corpo quando ela apertou contra ele, acariciando e estrangulando-o com seus músculos internos enquanto ela convulsionava em torno seu pênis.

Ele não fez amor com ela como sempre fazia. Ele fodeu com ela. Duro. Profundo. Áspero. Ele estendeu a mão e pegou seu cabelo, arrastando a cabeça para cima e para trás, enquanto ele martelava dentro dela duro. Tudo enquanto o fogo estriava através dele, corria por sua espinha e fervia como fúria em suas bolas. Foi requintado. Perfeição do caralho. O corpo respondeu ao seu tratamento áspero com outro forte tremor, ondulando com choques, agarrando e provocando seu pênis enquanto ele entrava nela mais e mais.

Ele a levantou mais, usando o cabelo dela, para que pudesse ver seus seios balançando através de cada choque duro de seu corpo. Ele desejou ter dois paus para que pudesse estar em sua boca, enquanto fodia o doce túnel escaldante. Ele não parou um minuto, uma espécie de fúria sexual montando-o com força. Ele ia de novo e de novo, quase a levantando fora de seus joelhos com cada investida.

— Você quer mais?

Ela assentiu com a cabeça.

— Mais duro? Áspero?

Ela assentiu com a cabeça novamente. Gritou quando ele obedeceu.

— Você vai se dar outra vez, Francesca. —Ele deu um comando. — Venha para mim agora.

Ela o fez no momento em que ele pediu, seu corpo já dele, explodindo em torno dele, apertando até que o atrito era quase insuportável. Montou nele, os dentes cerrados, construindo o fogo até que ele pensou que era impossível ficar mais quente. — Mais uma vez, —ele exigiu, sem parar. Não parou.

Foi o mais profundamente, mais rápido e duro possível.



— Eu não posso, —ela engasgou.

— Você vai. —Ele deu uma ordem, uma vez mais, sabendo que ela iria cumprir. — Agora.

Ele sentiu suas bolas apertarem a ponto de dor. O fogo correu de sua espinha pelos quadris e nádegas, até os dedos dos pés, voltando a suas coxas. Os dois vieram juntos, coroando em seu pênis enquanto o corpo dela de repente agarrou-o com força. Ela estava escaldante, queimando-o com um estrangulamento de fogo. Ela gritou quando seu corpo ordenhou o dele, e seu orgasmo a atravessou e a ele em um cruel e brutal clímax que abalou os dois. Sua semente foi profunda enchendo-a, se derramando dentro dela, provocando tremores secundários quase tão brutais como o orgasmo original.

Ele afrouxou o aperto em seu cabelo, bloqueando seu braço em volta da cintura dela e ambos caíram no colchão. Ele respirou fundo, tentando se recuperar, flutuando em uma espécie de felicidade, seu coração bombeando descontroladamente e seu pênis ainda empurrando profundamente dentro dela. — Dê-me um minuto, —ele conseguiu sussurrar. — Eu vou liberar suas mãos.

Ele não podia se mover por um tempo, um brilho de suor cobria seu corpo e amortecia em seu cabelo. Ele sentiu grande. Mais do que ótimo. Depois de alguns minutos, ele escorregou do corpo dela, a sensação enviando outra onda de calor em suas veias.

— Você ainda está comigo, *bella*? —Ele deu um beijo em suas costas. Ela não se moveu, não tinha feito um som, não desde aquele grito irregular que rasgou por ela juntamente com a fúria de seu orgasmo.

Ela assentiu com a cabeça, mas não falou. Ele reuniu seus cabelos e torceu-o, tirando-o das costas para que ele pudesse varrer a palma da mão pela a curva de sua coluna vertebral e sobre suas nádegas. Ele gostava de ver suas marcas lá.

Ele pressionou beijos ao longo de toda sua espinha, até abaixo de suas costas e, em seguida, sobre ambas as bochechas de sua bunda. Quando



desatou a fivela do cinto, libertou seus pulsos e esfregou-os suavemente, inspecionando-os procurando por marcas antes de rolar de costas, levando-a com ele.

Francesca estabelecer-se contra o seu lado, enrolada nele, uma mão em sua barriga, dedos abertos. — Eu não acho que possa me mover.

— Nem eu, —admitiu.

— Estou feliz que você esteja em casa.

— Percebi. Você pode me acordar a qualquer momento, —acrescentou.

— Você realmente nunca atou as mãos de qualquer outra mulher?

— Não. Eu não iria partilhar minhas fantasias com qualquer mulher que não fosse a minha. Elas não pertencem a outra mulher, só a você.

Ela virou-se ainda mais em direção a ele. Seu seio deslizou ao longo da caixa torácica dele, enviando uma onda de calor através dele. — E se você nunca encontrasse a mulher certa?

— Então minhas fantasias iriam para o túmulo comigo.

— Estou feliz que você me encontrou. Eu gosto de tudo que você faz comigo.

— Hoje à noite, —ele declarou: — Eu vou te foder com um vibrador enquanto você me chupa. Se eu não fizer isso, vou acordar todas as noites com essa fantasia em particular. Vou usar algemas neste momento. Aquelas que prendem de forma que não há contusões. Quando eu estava fodendo você, tudo o que eu pude pensar durante alguns minutos era como eu gostaria de ter dois paus em vez de apenas um.

— Eu não acho que poderia lidar com dois. Quanto a suas intenções para esta noite, eu não tenho nenhuma objeção, —ela disse, lambendo ao longo de sua caixa torácica. — Não que eu me importe que você acorde todas as noites com uma fantasia. Estou mais do que feliz em ajudá-lo com todas elas. E não me importo com as algemas, mas estou bem ciente que minha bunda está machucada, mesmo que soe tão hipócrita.



Ele riu e sacudiu seu mamilo com a língua. — Eu quero a minha marca em você. Não a marca de algum objeto. — Sua mão encontrou a parte inferior dela e a acariciou com a palma da mão. — Você está ferida?

— Um pouco.

— Bom. — Havia uma riqueza de satisfação em sua voz que ele não tentou esconder. — Eu quero que você pense em mim cada vez que você se sentar hoje.

— Eu acho que você está impresso tão profundamente dentro de mim, Stefano, que eu vou sentir você por semanas.

Ele usou o braço para puxá-la para mais perto dele para que pudesse se debruçar sobre ela e olhar em seus olhos. — Diga-me se eu for muito áspero ou se nosso jogo ficar muito forte para você.

— Eu vou. Você não foi muito áspero. Eu amei. Meu corpo adorou. Você não percebeu?

— Foi por isso que eu continuei. Mas me pare se você não gostar de alguma coisa que eu estou fazendo com você.

— Eu vou. Eu prometo. — Ela deu um beijo em sua garganta. — Eu preciso de um banho. Você também. E comida. Desta vez, eu poderia até pedir alguma coisa.

— Eu vou levar você, se você não puder andar, — ele ofereceu.

— Nós vamos tomar banho juntos?

— Sim. Eu sou conservacionista. Conservação da água está no topo da minha lista de prioridades.

— Eu vou apostar que é. Se você tomar banho comigo, nós nunca vamos tomar café da manhã, — ela ressaltou.

— Você vai. Você começou algo mais cedo que eu quero que você termine.

Ela riu os olhos brilhando. — Eu sou tudo para isso. Me carregue.



Ela era tudo para ele, também. Ela o levou de volta para o paraíso com a água quente caindo sobre ele, ela se agarrou a seus olhos quando o tomou em sua boca. Ele achava que estava saciado depois foder tão ferozmente, mas no momento em que ela começou a mamar, ele estava perdido novamente. Duro e grosso e necessitado novamente. Desta vez, ela terminou o que ela tinha começado.



Eles pediram o café e comeram-no na sala que Stefano gostava de chamar de "marquise". Era toda de vidro de um lado, as portas de correr se abrindo para uma varanda que era larga e comprinda. As paredes se projetavam para fora em ambos os lados para evitar o vento e havia uma pequena mesa e duas cadeiras confortáveis, para onde eles levaram a comida e comeram. Ele tinha sexo no cérebro, porque ele tinha decidido que iria tê-la na varanda e dentro da marquise, pressionada contra o vidro.

Ela tomou um gole de café e brincou com ele sobre ser um exibicionista. Ele acabou enviando-lhe um sorriso e começou a pesquisar seus relatórios da manhã, enquanto ela abriu o tablet que tinha comprado para ler o noticiário local. Ela gostava de sentar ao lado dele, ler juntos, tomar café e bloquear o resto do mundo. Ele estendeu a mão e pegou a mão dela, levando os nós dos dedos dela à boca.

— Eu não posso esperar pelo nosso casamento.

O telefone soou antes que ela pudesse responder. Ele sabia pelo toque que era Lúcia ou Amo. Ele podia sentir os olhos de Francesca sobre ele enquanto falava ao telefone, tranquilizando Lúcia que ele iria. Isso era o que ele fazia não o que ele queria. Quando ele fechou o telefone, ela deixou escapar um pequeno suspiro e balançou a cabeça.



— Eu estava esperando que você pudesse ficar em casa hoje, Stefano. Eu sinto que não temos sido capazes de falar ou passar tempo juntos, e este casamento ... —Ela parou de falar, e seu coração deu um pulso.

— Eu quero ficar em casa com você, *bambina*, —disse Stefano, — mais do que qualquer coisa. Gostaria de um dia para nós, também. Apenas nós. —Ele se levantou e puxou-a em seus pés, deixando os pratos para as empregadas domésticas. Ela teria que se acostumar com isso, se ele não estava enganado, ela provavelmente os recolheria no momento em que ele saísse.

Ela sorriu para ele, aquele sorriso que sempre lhe tirava o fôlego. E que ele sempre esperaria. — Eu também. Mas eu posso dizer por seu tom que não vai ser hoje.

Ele balançou a cabeça, levando-os para a sala grande. — Não. Infelizmente. Lúcia chamou e precisa de mim lá. Nicoletta está tendo um tempo difícil em acreditar que não somos uma quadrilha de tráfico humano, ou pior ainda, que Lúcia e Amo são realmente pessoas maravilhosas boas, e ela vai conseguir que sejam mortos por ficar com eles.

— Ah não. Eu sei como ela se sente. É o pior sentimento que se tem. Claro que você tem que ir. —Ela lambeu o lábio inferior por um momento e, em seguida, ergueu o queixo. — Eu poderia ir com você. Quero conhecê-la. Não acha que se ela tivesse uma amiga ajudaria?

Ele detestava decepcioná-la. E ela estava ficando nervosa? Era isso que se tratava? Ele afundou na ampla poltrona e acenou com o dedo. — Vem cá, *dolce cuore*. —Ela hesitou, apenas por um segundo, mas estava lá. Ele era muito bom em ver cada detalhe. Ele tinha sido treinado desde que tinha dois anos. Todos esses anos descrevendo tudo o que via em quartos ou lado de fora. Todos esses anos olhando as pessoas e ter que descrevê-los e cada emoção que atravessava a face deles. Não havia nenhuma maneira dele perder a hesitação de sua mulher.

Ele a puxou para seu colo e cruzou os braços em torno dela. — Relaxe, Francesca. Você está chateada com alguma coisa e você precisa me dizer.



— Eu não estou chateada. Eu realmente não estou.

Era uma negação, mas seus olhos não encontraram o dele. Ela encostou-se a ele, relaxou o suficiente para que ele deslizasse um dedo das costas até a nuca dela. Ele adorava segurá-la assim. Perto. Sentindo a fusão de seus corpos como se compartilhassem uma pele.

— Diga-me, Francesca. — Isso era uma ordem, se ela não falasse não ia ser responsável por quaisquer palavras escorregando de sua boca, ela não gostava. Ele tinha feito um esforço por ela, embora, tivesse que admitir, ele nem sempre bem-sucedido.

— Estou nervosa, isso é tudo. Nós não nós conhecemos há muito tempo, e a vida que você leva é muito esmagadora.

Ele suspirou. Ele sabia que uma vez que ela pensasse sobre isso, a ideia de viver fora da lei iria deixá-la apreensiva. — Ser um cavaleiro de sombra é uma responsabilidade que eu não posso ... — Ele parou quando ela balançou a cabeça.

— Não é isso, Stefano. É o dinheiro. — Ela fez a confissão com um pouco de pressa. — Todo esse dinheiro. Viver em um hotel. Tendo guardacostas. As roupas. Eu não sei como agir da maneira que você e Emme agem. Eu não sou sofisticada e não posso lidar com paparazzi em cada esquina esperando para tirar fotos minhas. Faz mal ao meu estômago pensar que eu vou envergonhar você ou sua família.

— Fodida Eloisa. — Ele explodiu fúria movendo-se através dele. — Você ouviu a merda que ela estava dizendo para mim e isso ficou com você. — Apesar de sua decisão de não usar linguagem chula, mas realmente que *Porra?* Por que diabos sua própria mãe minaria a confiança da sua mulher? Ele queria estrangular Eloisa.

— Stefano. Sério. — Essa era sua voz de pequena professora e ele adorava. Ele achou melhor manter esse conhecimento para si mesmo.

— Não realmente, *bella*. Você sabe muito bem que ela colocou essa merda na sua cabeça. Você nunca poderia constranger a minha família ou a



mim. Vou me casar com você, porque para mim você é tão perfeita como uma mulher poderia ser. Eu não dou a mínima se o resto do mundo não a ver da maneira que eu faço. E nem a minha família. Você parece não entender isso, Francesca, mas você é quase tão importante para os meus irmãos como é para mim.

Ela levantou o rosto e apertou-o em sua garganta. — Vê? É por isso que é importante passar um tempo contigo. Você tem uma maneira de me fazer sentir bonita e confiante.

— Deixe-me cuidar dessa coisa com Nicoletta. Eu quero que você se torne sua amiga. Inferno, *amore mio*, você é mais próxima de sua idade que eu, mas não agora. Ela está sobrecarregada e precisa se entender com apenas Lúcia e Amo agora. Eu chamei Taviano—ele ficou com ela no jato. Acho que ela está sentindo vergonha de tudo que aconteceu com ela. Aparentemente Benito Valdez realmente a estuprou em mais de uma ocasião. Ele era muito brutal e ele teve certeza de que ela soubesse que ele iria tê-la permanentemente. Sua obsessão por ela era pior do que se pensava. Ela está apavorada que ele vá encontrá-la e que Lúcia e Amo sejam feridos ou mortos. Eu tenho um conselheiro e um médico que vão olhar por ela diariamente.

— Aquela pobre menina. Graças a Deus você e Taviano a tiraram de lá.

— Você entende por que estamos limitando as pessoas que estão por perto agora. Ela está sobrecarregada. Eu prometo que vamos apresentá-la a você e Emme. Mas não muitas pessoas ao mesmo tempo.

Francesca suspirou e balançou de acordo. — Isso faz todo o sentido, Stefano. Na verdade, é melhor de qualquer maneira. Eu teria ido pelas razões erradas. Eu quero conhecê-la e espero me tornar amiga dela, mas eu realmente queria ir para estar com você.

— Sinto muito, Francesca. —Ele a estava decepcionando e era a última coisa que ele queria.



— Não, não sinta. Vou ficar em casa hoje, então volte assim que puder. Leve Emilio e Enzo com você. Eles vêm fazendo coisas de mulher nos últimos dias e estão fazendo beicinho. Eu estarei segura aqui na cobertura.

Ele jogou a cabeça para trás e riu. Ela podia fazer isso tão facilmente, fazê-lo sorrir. Fazê-lo rir. Os braços dele apertaram ao redor dela e ele esfregou seu pescoço. — A ideia de Emilio em uma loja de roupas ou de compras de porcelana é histórica. Eu deveria ter pedido a você ou Emme para tirar fotos ou fazer um vídeo de seus rostos.

A risada dela se juntou a dele. — A expressão em seu rosto era impagável. Com toda a honestidade, Emme e eu trabalhamos realmente duro para descobrir uma dúzia de lugares que os meninos teriam que ir com a gente, apenas para que pudéssemos ver esse olhar em seus rostos. Enzo estava ruim, se não pior. Eles pareciam um par de touros indo para o abate.

— Eu posso imaginar os lugares que Emme decidiu fazê-los acompanhá-la.

— Nós entramos em cada loja de lingerie sexy perto de nós. Emilio e Enzo deram um monte de gemidos. Eles fizeram bastante sucesso em um par de lojas. Em uma delas, duas mulheres insistiram em sair do camarim em seus trajes sexy e pedir aos meninos suas opiniões. Eu juro que não as pagamos para fazer isso, mas Emilio e Enzo acham que fizemos.

— Emme provavelmente fez pelas suas costas. É algo que ela faria. Ela estava sempre se metendo com os dois. Ela gosta de se vingar de todos nós, por sermos o que ela chama de "super-protetor."

Francesca riu dele, seus braços rodeando o pescoço. — Stefano, você sabe muito bem que todos vocês são super-protetores com Emme. Você provavelmente fez de sua adolescência um pesadelo.

— Há. Ela fez da nossa vida um pesadelo quando ela era adolescente. Ela é uma cavaleira, *bambina*. Isso significa que ela podia sair de seu quarto sempre que queria. Além disso, acho que ela é um pouco selvagem.



Sua sobancelha se elevou. — Emmanuelle selvagem? Acho que não. Você não vê fotos dela em todas as revistas com duas mulheres penduradas no braço. Esse é Ricco e seus irmãos.

— Se ela tivesse dois homens pendurados em seu braço, —Stefano não pôde evitar a ameaça ou a expressão sombria de sua voz, — eles encontrariam esses mesmos homens no necrotério no dia seguinte.

— Isso não é justo, —declarou ela. — Você realmente é chauvinista.

— É isso mesmo, —disse ele, sem desculpas. — Tenha isso em mente quando tivermos uma filha. Você pode querer avisá-la.

Ela revirou os olhos para ele. — Tenho certeza que ela vai descobrir isso muito rapidamente. Com você como pai e seus quatro tios, bem como primos em toda parte, ela provavelmente vai saber disso quando ela fizer três anos.

— Você tem certeza que não vai a lugar nenhum hoje? Nenhum acessório para seu vestido de noiva? Sem olhar bolos ou flores?

— Não.

Francesca foi decisiva sobre isso, tanto que ele teve dificuldade em não rir. Ela não estava emocionada com todos os planos que o casamento implicava, especialmente na escala que Eloisa e Emmanuelle o estavam fazendo. Não havia nenhuma vantagem em ir contra sua mãe e irmã pelo controle do casamento, nem mesmo por sua mulher.

— Emmanuelle disse que iria aparecer por lá e ia verificar Theresa Vitale hoje, ver se ela precisa de mais sopa, ou mais algum medicamento. Acho que ela está se recuperando, mas mesmo com seu neto a vigiando, decidimos não arriscar. Com Emme cuidando disso, eu não tenho mais nada para fazer, só vegetar.

— Tudo bem, *dolce cuore*, não vou ficar fora muito tempo. Vou levar Emilio e Enzo comigo e na volta vamos passar pelo escritório para recolher tudo o que preciso para trabalhar aqui por uns dias.

— Eu adoraria isso, —ela concordou imediatamente.



Stefano tinha vestido um terno de três peças, como era normal quando estava fora de sua casa. As vezes era uma desvantagem ser um cavaleiro e estar sempre vestindo um terno, mesmo elegante como esse. Vesti-lo significava que poderia desaparecer a qualquer momento nas sombras, mas também significava que ele estava agasalhado em qualquer ocasião.

— Leve-me até o elevador, Francesca.

Francesca estendeu a mão para arrumar a gravata dele, inclinando seu corpo no dele. — Não demore muito, mas tenha a certeza que Nicoletta se sinta segura, Stefano. Você fez isso por mim—mesmo quando eu tinha um pouco de medo de você, você conseguiu me fazer sentir segura.

Ele a beijou duro. — Eu realmente sinto muito por ter que ir, —repetiu ele.

— É por uma boa causa. —Ela colocou o braço em volta dele enquanto caminhavam juntos em direção ao elevador. — Você tem Emilio e Enzo esperando por você lá embaixo?

— Sim, eu mandei uma mensagem para eles. Eu estarei seguro. Não se preocupe.

Francesca respirou fundo e balançou a cabeça, observando enquanto as portas do elevador se fechavam e ela estava sozinha mais uma vez. Ela realmente não queria que ele fosse embora. Ela se sentiu estranha nos últimos dias sem ele. Os preparativos para o casamento tornaram-se extravagantes, no que lhe dizia respeito. Nem Eloisa nem Emmanuelle pareciam saber como parar quando o assunto era o casamento, nem mesmo quando ela se opôs a alguma coisa. Ela tinha imaginado um casamento muito pequeno, com apenas sua família. Ela não tinha uma família própria, mas de repente havia toneladas de tias e tios que tinham que ser convidados, bem como primos. Primos de primeiro grau. Primos de segundo grau. E depois havia as pessoas do bairro. Ela queria ter falado com Stefano sobre isso, mas ele estava tão exausto quando chegou pela primeira vez em casa e, logo, ficaram juntos. Agora ele tinha saído novamente.



Ela suspirou novamente e voltou para a marquise para recolher os pratos da varanda. Ela gostava da cobertura, mas viver em um hotel não era realmente sua ideia de uma casa. Ela tinha visto o seu "escritório". Era dentro da casa da família. A casa de sua família era extremamente intimidante. Era uma enorme propriedade, até mesmo pelos padrões de elite de Chicago. Só a porta da frente era intimidante. Era grossa, larga e pintada de um violento vermelho. Deveria ter parecido feia, mas em vez disso, ela conseguiu ser elegante, assim como a família Ferraro.

Ela ficou um longo tempo olhando para fora sobre a cidade. A família como um todo tinha muitas empresas respeitadas. Cada empresa era legítima e fez milhões, pouco mais do que milhões. Ainda assim, um pequeno ramo da família—os cavaleiros de sombras—não eram de todo legítimos, na verdade, suas atividades seriam consideradas criminosas. Dentro da família eram quase reverenciados. Fora da família muitas pessoas, assim como ela, achavam que eram parte de uma família do crime. Ela era um deles. Ou seria em um par de semanas.

Seu telefone tocou, uma melodia musical que lhe disse que Emmanuelle estava chamando. Ela suspirou, considerando não responder. Ela não queria mais uma discussão sobre flores ou bolo. Ainda assim, ela gostava muito da irmã de Stefano, e sinceramente, era bom ter alguém animado sobre o casamento e vendo todos os detalhes.

– *Ei, menina, o que está acontecendo?* —Ela cumprimentou.

– *Eu estou indo ver a Signora Vitale. Depois vou para a casa da família. Fui convocada por Eloisa.* —Sua voz mudou de aborrecimento para especulação. — *Ela soou ... chateada. Ela nunca soou dessa forma. Em todo caso, eu tinha planejado ir vê-la hoje para discutir a música, mas Stefano ligou e disse que você precisava de um dia de folga.*

Francesca percebeu que havia uma pergunta ali. — *Sim. Eu sinto Muito. Eu preciso. Eu vou só descansar, ler e tentar não pensar muito sobre tudo isso acontecendo tão rápido.*



— Nervosismo nupcial. Eles dizem que acontece com todos. —Emmanuelle ria quando desligou.

Talvez ela estivesse errada e o sentimento de inquietação que não a deixava era apenas isso—frio nos pés. Afinal de contas, comprometer toda sua vida com um homem como Stefano era um pouco assustador. Ela sempre tinha que trabalhar para enfrentá-lo. O lado protetor louco dele seria difícil. Ele iria construir uma fortaleza em torno dela e de seus filhos. Ela sabia muito bem que teria que moderar essa qualidade dele e todas as suas causas.

Francesca tomou uma respiração profunda e deixou-a sair, tirando seu cabelo do rosto. Ela tinha vestido um jeans azul vintage. Eles eram suaves, moldavam seu corpo muito bem, e eram muito confortáveis.

Eles não eram de um brechó e ela não queria saber quanto Stefano tinha pago por eles. Parecia que suas roupas se multiplicavam em uma base diária. Ela nunca via-o colocar as coisas em suas gavetas ou pendurá-las em seu armário, mas ela estava certa de que Stefano tinha alguém para fazer compras para ela.

Ela passou a mão por sua coxa. Os jeans eram perfeitos. Ela usava uma camiseta igualmente macia, que era mais justa do que ela teria escolhido para si mesma. Sua roupa de baixo era a melhor parte das compras que pareciam nunca acabar. A lingerie era absolutamente bela e ela adorava a maneira como ela a fazia se sentir sexy, mesmo em um jeans e uma camiseta.

Obrigou-se a tomar uma xícara de chá, inundou a casa com música suave e afundou em uma das luxuosas cadeiras estofadas para ler. Ela se perdeu em um livro por um longo tempo, grata pela chance de apenas ficar quieta.

Foi o telefone que a trouxe de volta da grande aventura em que ela estava junto com os personagens do livro. Desta vez era da casa Vitale.

Bruno, neto de Theresa, disse a ela que Emme tinha acabado de sair e Theresa tinha levado um tombo. Ela estava no banheiro e se recusava a sair. Ele tinha ouvido a sua queda, mas ela o botou para fora e estava chamando



Francesca. Sua avó estava chorando chateada e nada que ele dissesse ou fizesse iria fazê-la ceder.

Francesca lhe assegurou que iria imediatamente.

Francesca imediatamente mandou uma mensagem para Enrica e deixou-a saber que ela seria necessária depois de tudo, para levá-la. Então chamou Stefano e disse-lhe o que tinha acontecido. Ele ficou muito orgulhoso do fato dela se lembrar de chamar seu guarda-costas para que seu homem não enlouquecesse. Ela prometeu que mandaria uma mensagem para ele no momento que chegasse aos "Vitales" e contaria o que estava acontecendo.

Enrica estava esperando no elevador e acompanhou-a até o carro. — Eu não gosto de dirigir e proteger você. Devemos ter uma equipe de dois homens com você, —ela disse enquanto escorregava no banco do motorista.

— Eu poderia dirigir, —Francesca ofereceu. Ela não tinha dirigido a muito tempo e o tráfego em Chicago era intimidador.

Enrica enviou-lhe um olhar e Francesca sorriu para ela quando sua guarda-costas ligou o carro. — Nós poderíamos ter caminhado. A casa não é tão longe.

— Há uma grande tempestade se aproximando. —Enrica indicou o céu. — Supõe-se que vai ser ruim. Trovões e relâmpagos. Uma chuva torrencial. Eu não quero ser pega nela, mas mais, eu não quero que meu primo me mate, o que ele faria se eu deixasse-a andar por aí com apenas um guarda-costas. Acredite em mim, Francesca, eu não faria isso.

Francesca revirou os olhos. — Ele tem um problema sério e precisa de ajuda. Eu acho que para o seu aniversário vou lhe dar umas consultas com um conselheiro.

Enrica riu. — Você é boa para ele. Ele não sorria muito antes de encontrar você. Agora ele está mais relaxado e ri muito. Eu amo isso nele. Eu amo que ele tenha você. Nós estamos esperando que os outros achem alguém para amá-los.



Francesca pensou que era uma maneira muito estranha de colocá-lo. — Por que vocês todos os guardam com tanto cuidado? Eles são tão bem treinados.

— Assim somos nós, — disse Enrica. — Você não entende como eles são importantes? Não apenas para a nossa família, mas para o mundo? As coisas mudaram muito, e as leis permitem que criminosos deslizem através de rachaduras todo o tempo. As gangues continuam ficando mais violentas e reivindicando mais território. Os cartéis estão recrutando as nossas jovens crianças e usam-nas para assassinar qualquer pessoa em seu caminho. Os cavaleiros podem entrar e sair de qualquer lugar sem serem detectado. Ninguém sabe como eles entram ou quem são. Eles podem chegar a qualquer pessoa a qualquer hora. Isso é importante. É importante para alguém cuja família foi exterminada pelo cartel e tão importante para alguém como *Signora Vitale*. Nós reverenciamos os cavaleiros.

— Toda vida é importante, Enrica, incluindo a sua. Fico desconfortável em ter um guarda-costas. Eu não sou um cavaleiro, você sabe, e nunca serei.

Enrica colocou o carro na garagem dos Vitales. — Você não é um cavaleiro, mas vai se casar com um. Você completa a sua vida e pode lhe dar filhos. Eles sacrificam todas as opções quando nascem. A vida deles não é como a nossa. Eu tenho uma escolha no que eu faço. Posso casar com quem eu quiser. Se não encontrar o caminho do amor eles são forçados, por dever, a estar com alguém que não amam. Eles não têm uma infância normal. Stefano e os outros tiveram uma porcaria de infância. Muito ruim. Você não pode imaginar.

Ela saiu do carro e deu a volta até a porta do passageiro antes de Francesca poder responder.

Francesca sabia o suficiente para ficar no carro até Enrica decidir abrir a porta. Ela esperou, contemplando a ideia de ter filhos e ter certeza que suas vidas eram felizes e cheias de amor. Ela estava começando a perceber que não tinha conhecimento real do que Stefano e seus irmãos tinham passado, mas ela sabia que Stefano estava absolutamente determinado a que seus



filhos não sofressem o mesmo destino. Ela o amava mais por isso e pelo fato de que ele confiava nela para fazer sua vida e as vidas de seus filhos maravilhosos.

Ela sabia que ele estava contando com ela.

Eles correram até a porta da frente, Enrica um passo atrás dela, seu olhar sobre os telhados, a garagem e a própria rua. Francesca não podia imaginar o que era ser um guarda-costas responsável pela segurança de outro ser humano. Bruno abriu a porta e parecia ... Terrível. Ele estava pálido e suando. Havia uma contusão em seu olho e seu lábio estava inchado e cortado. Ele afastou-se para deixá-las entrar.

— O que aconteceu com você agora, Bruno? — Perguntou Francesca. — Onde está Teresa?

Bruno fechou a porta e virou-se para enfrentá-las. — Sinto muito, Francesca. Sinto muito mesmo. Eu tentei recusar e me bateram muito, colocaram uma arma na cabeça da minha avó, e Emmanuelle me disse para cooperar com eles.

Enrica girou a mão indo para a arma aninhada sob seu ombro em um coldre, mas era muito tarde. Um homem saiu do armário atrás dela e atingiu-a na cabeça com a coronha de sua arma.

Ela caiu no chão como um peso morto. Francesca correu para ela, mas o homem a agarrou pelo braço em um aperto.

— O Sr. Anthon solicita a sua presença em um evento muito especial, Francesca, — ele cumprimentou.

Ela o reconheceu imediatamente e seu coração começou a bater. Ela sabia que empalideceu porque o sangue fugiu de seu rosto. — Harold McFarland. Parece que Barry não podia vir a Chicago sem trazer toda a sua comitiva. Onde está Teresa?

— A velha senhora? Não se preocupe com ela. Você deve estar preocupada com você mesmo e seus novos amigos.



Ele cuspiu no chão. — Eu vou desfrutar em queimar aquela deli idiota em que você trabalhou. Seu chefe parecia pensar que você é uma espécie de santa. E a velha senhora pensa o mesmo. Eles não viram o estrago que você cria ainda. — Ele riu. — Eu vou desfrutar em mostrar-lhes o quanto você é famosa.

Ele colocou uma mão em suas costas e empurrou-a para o quarto. Outro homem, que ela reconheceu da equipe de Barry, Arnold Sumi, empurrou Bruno na frente dele. Quando passou o corpo de Enrica, ele a chutou com força nas costelas.

Harold riu. — Você é um idiota, Arnold. Chame Jimmy para amarrar a cadela.

Francesca tinha visto o cabelo escuro e elegante de Enrica cheio de sangue e estava preocupada que tivessem a atingido duro e a matado, mas eles não iriam amarrá-la se ela estivesse morta.

— Não há qualquer necessidade de machucar ninguém, Harold. Eu irei com você.

— Maldição claro que você vai comigo, — disse Harold. — Você não tem escolha, não com uma arma na cabeça da vovó. E depois há sua amiga. Eu tive um tempo difícil em manter os meninos afastados. Você não vê cadelas como ela todo dia. Vamos levá-la junto. Ela vai ser o principal entretenimento para nós enquanto você entretém o chefe.

Francesca virou a cabeça para ver Emmanuelle caída em uma cadeira, com as mãos amarradas atrás das costas e sangue escorrendo pelo rosto de uma laceração em sua têmpora. Havia um hematoma no lado do rosto e sua camisa cinza escuro estava rasgada debaixo de sua jaqueta risca de giz, revelando a elevação de seus seios.

No chão, gemendo, estava outro dos ajudantes de Barry, Marc Jonsen. Ele estava sentado e segurando seu rosto. O sangue jorrava de seu nariz e os dois olhos estavam inchados.



É evidente que tinha sido ele a rasgar a blusa de Emmanuelle e ela quebrou-lhe o nariz.

— Você está ferida? — Francesca perguntou a Theresa. A mulher idosa estava chorando e segurando o rosário. O cobertor puxado quase até o pescoço.

Ela balançou a cabeça. — Bruno ... — Ela parou de falar com um pequeno soluço.

Francesca se virou para Harold. — O que você vai fazer com eles?

— Sorte deles que o chefe quer uma mensagem entregue ao seu namorado. Você e a outra cadela vêm com a gente.

Francesca olhou para Emmanuelle. Seu aceno foi quase imperceptível, mas não havia nenhuma dúvida na piscadela que ela deu a Francesca. Ela parecia quase morta para seus captores, mas era evidente que ela não estava tão mal como estava se fazendo passar o que fez alguns dos nós no estômago de Francesca se soltarem um pouco.

Capítulo Vinte e Quatro

 **vento** sacudia os carros enquanto iam em direção a propriedade que Barry Anthon tinha alugado.

Emmanuelle estava no carro atrás do de Francesca o que a deixava muito desconfortável. Ela sabia que a irmã de Stefano poderia cuidar de si mesma muito melhor do que ela nessa situação, mas Barry não iria querer Francesca morta, não até que ele tivesse o telefone celular de Cella com segurança em suas mãos. Mas Emme era vulnerável.



Stefano e seus irmãos haviam humilhado Barry na frente de Francesca e Emmanuelle. Ele não era um homem que perdoaria tal insulto. Ele acreditava ser superior a todos os outros. Sentia-se no direito de tomar toda e qualquer coisa que queria. Barry iria retaliar contra a família Ferraro, e que melhor maneira do que humilhar Emme? Seus homens eram animais. Monstros. Eles destruíam vidas ao capricho de Barry e se divertiam imensamente ao fazê-lo. Francesca não tinha dúvida de que aqueles homens estavam atormentando Emme no carro, especialmente Marc. Ele iria querer retribuição por Emmanuelle ter se defendido.

Quando os carros entraram pelos portões fortemente vigiados, Francesca viu pelo menos mais dez guardas em torno da propriedade. Aqueles eram os que ela podia ver. Seu coração se afundou. Quatro guardas no portão e mais dez rodando na frente, quantos mais estava lá? Mesmo que Stefano trouxesse seus irmãos com ele, as chances deles serem capaz de deslizar ilesos por tantos guardas parecia quase impossível.

Eles dirigiram até a porta da frente. O dedo de Harold apertou profundamente o braço de Francesca quando ele a puxou para fora do carro. Quando ela tropeçou, as nuvens escuras acima de suas cabeças se abriram e acertou-os com chuva. Ela caía em longas estrias prateadas, caindo do céu para atingir o chão em grandes salpicos. Harold xingou e a arrastou pelas duas portas para a ampla varanda com suas colunas de mármore e teto alto.

Apenas aqueles poucos passos em aberto os tinha encharcado de chuva.

Francesca olhou para trás na direção do outro carro. Emmanuelle foi puxada para fora do carro e empurrada com força contra o capô, Marc atrás dela. Suas mãos estavam amarradas na frente e claramente ele pensou que ela estava desamparada. Ele chegou perto e pegou seu seio, apertando forte através da camisa aberta, fingindo foder com ela por trás, enquanto os outros observavam e riam.

Harold parou para observar, sorrindo e esfregando sua virilha. — Eu vou ter minha vez, —ele anunciou a Francesca. — E se Barry não matá-la primeiro, eu vou ter a minha vez com você, também.



Emmanuelle chutou com força entre as pernas de Marc, dirigindo o calcanhar da bota em suas bolas e depois batendo a cabeça para trás para esmagar o nariz. Ele gritou um estridente grito que deixou seus amigos uivando de alegria quando ele caiu. Arnold, o homem que tinha dirigido o carro em que estava Francesca, se curvou sobre Marc para tentar ajudá-lo a se levantar. Marc empurrou a mão e continuou a contorcer-se no chão.

Jimmy passou por cima dele e agarrou o braço de Emmanuelle. — Vamos lá, gata selvagem. Vamos tirá-la daqui antes que ele possa se mover. Ele vai atirar em você, e nós temos planos.

A chuva caiu com mais força, tornando difícil ver através das faixas prateadas. O vento uivou sinistro, enviando a chuva em linha reta para a casa. Ele soprava tão duro que as janelas se agitaram e a própria varanda ficou imediatamente encharcada de chuva.

Harold amaldiçoou de novo e empurrou a porta, quase passando por ela e arrastando Francesca com ele. — Eu odeio essa porra de lugar, —ele rosnou. Ele não tinha tido tempo para limpar as solas de suas botas e quase escorregou no piso de mármore. Ele teve que soltar Francesca, para não cair.

Ela parou onde estava, perto da porta, mantendo-a aberta para que pudesse manter um olho em Emme. Jimmy estava subindo os degraus correndo, de cabeça baixa para evitar a chuva em seus óculos. Francesca não tinha as mãos livres, mas esticou o pé e Jimmy tropeçou enquanto entrava. Aproximando-se de Emme, ela olhou-a cuidadosamente procurando sinais de abuso.

Stefano perderia sua mente se pudesse ver sua irmã. Emme era muito pequena, e os homens claramente tinham batido nela. Um olho estava fechado mostrando sinais de inchaço e havia mais dois cortes em seu rosto, um em sua bochecha direita, onde alguém tinha batido com o punho e outro no queixo.

— Eu estou bem, —Emmanuelle assegurou. — Precisava conhecê-los. —Ela deu um sorriso pálido. Suas mãos amarradas subiram aos seios dela e



sua jaqueta estava mais uma vez no lugar, cobrindo sua camisa esfarrapada e o que estava por baixo. — Ele virá, Francesca.

— É disso que eu tenho medo. — Porque Stefano ia a pé na cova de um leão pelas pessoas que amava, ou pelos que necessitavam de sua proteção— ou justiça.

Elas foram levadas através da grande sala, e era enorme. Com pisos de mármore e lustres de cristal pendurados. O mobiliário era de veludo, e um piano de cauda reluzente estava assentado em um ângulo, dominando um lado da sala. Um homem tocava, a música inundava a casa, uma melodia assombrosa que parecia obscena como pano de fundo para o que Barry e seus homens haviam planejado. O pianista olhou para cima e piscou quando eram empurradas por ele. Seu sorriso malicioso revelou dois dentes de metal em forma de presas. Francesca o reconheceu como um dos assessores imediatos de Barry que destruíram seu apartamento quando ela morava na Califórnia.

Todos chamavam-no de *Fang*³⁹ por razões óbvias.

Moveram-se através de um amplo corredor com lambris e portas em arco se abrindo para outros vários quartos. Dois homens jogaram bilhar e ambos endireitaram-se de onde estavam inclinados sobre a mesa e sorriram para as mulheres, enquanto esfregavam as virilhas grotescamente, mostrando deliberadamente a Francesca e Emmanuelle o que lhes aguardava. Ela os reconheceu de San Francisco quando eles ajudaram a destruir seus apartamentos. Denny e Si eram irmãos e notoriamente desagradáveis.

Francesca olhou para a irmã de Stefano. Ela parecia completamente calma e não fez nenhum movimento para limpar o sangue em seu rosto ou boca. Ela manteve a cabeça erguida, mas seu olhar captou cada detalhe da casa e dos homens quando elas passaram. Francesca seguiu seu exemplo, embora seu coração batesse como louco. Barry tinha uma equipe de dez homens que mantinha com ele. Ela tinha reconhecido sete deles até agora. Isso significava que os outros três tinham de estar perto. Se assim fosse, eram os dez homens que costumavam matar por Barry. Havia muitos guardas para

³⁹ **Fang** – significa presas.



contar lá fora e ela assumiu que eram músculos locais que Barry tinha contratado.

O braço direito de Barry, Del Travers, saiu de um quarto enquanto elas passavam. Ele estava vestido com seu terno e gravata. Francesca sabia que ele era advogado e que tinha ido para a escola com Barry. Ele olhou para Francesca sem expressão. Essa era uma das coisas que ela sempre detestou sobre ele. Ele era frio, como um peixe. Ela sempre se perguntou se sob esse terno perfeito ele tinha sentimentos.

Harold a empurrou com força nas costas, fazendo-a ciente quando ela tropeçou para frente que tinha parado por um momento para olhar para Del. Uma queimadura lenta de raiva começou a subir nela. Ela estava cansada de Barry tirando sua vida pedaço por pedaço. Ela não os queria tocando em Emmanuelle. Eles eram doentes, homens pervertidos e não tinham nada que estar perto de uma mulher como Emme. Ela odiava que eles tivessem colocado suas mãos sujas sobre ela, que eles tivessem dado tapas e socos nela.

Barry Anthon havia se cercado com homens como ele. Ele atropelava as pessoas, um monstro, encantador com aqueles que ele queria manipular e prejudicando aqueles que ele achava que podia. E ele fazia isso para se divertir.

Emmanuelle bateu ligeiramente nela e ela olhou para a irmã de Stefano. Emme balançou a cabeça, como se estivesse lendo seus pensamentos de rebelião aberta.

— Não os provoque, —ela sussurrou.

Francesca manteve a boca fechada e continuou pelo corredor até uma sala grande, onde Barry estava sentado em um bar, esperando por elas. Os dois últimos da equipe de Barry estavam com ele. Os dez homens. Stefano teria que enfrentar todos eles, se viesse por sua irmã e ela. E ele viria.

Larry Fort estava atrás do bar. Ele era um dos piores. Ele tinha rido quando a empurrou para o chão e arrancado a pia da parede para que a água pulverizasse todo o apartamento dela. Em seguida, ele quebrou o banheiro e sistematicamente tudo o que possuía. Seu parceiro, George Hanson,



levantou-se da parte de trás da sala, seu olhar imediatamente foi para Emmanuelle. Ele olhou para Francesca e depois para seu chefe.

Barry estava sentado numa cadeira de espaldar alto, semelhante a um trono, um copo de uísque na mão. Ele estava terrível, com o rosto inchado e distorcido de modo que sua *'habitual boa aparência'* era impossível de ver. Ele tinha pontos em três lugares. Em sua maçã do rosto, acima do olho e ao longo de sua mandíbula, todos no lado direito de seu rosto. Seus lábios estavam grotescos, o triplo de seu tamanho normal. Ambos os olhos estavam negros e seu nariz tinha uma fita sobre onde tinha sido quebrado.

Levantou-se lentamente, cada movimento rígido. — Coloque-as nessas cadeiras. — Ele indicou duas cadeiras de madeira. Uma colocada na frente de seu "trono" e a outra no final do quarto, envolta nas sombras. O quarto era bem iluminado com teto de lustres brilhantes, assim como a grande sala.

Os pisos eram do mesmo mármore, mas esse quarto era um pouco menor em tamanho.

As luzes piscaram várias vezes enquanto a tempestade rugia lá fora. A chuva batia continuamente na janela e o vento gritava de fúria. Harold arrastou Francesca até a cadeira, empurrando-a quase de encontro a Barry, que estava muito perto—de propósito, ela tinha certeza—olhando para ela através das fendas dos olhos.

Uma cor amarelada agarrava-se aos cantos dos olhos e de perto, ele parecia ainda mais medonho do que de longe. Harold a empurrou com força e ela caiu na cadeira, que quase caiu para trás e o homem nem ergueu a mão para mantê-la em pé. Foi apenas a sorte que a cadeira não escorregou.

— Bem-vinda à minha casa longe de casa, Francesca, —disse Barry. Ele colocou as mãos sobre os braços da cadeira, inclinando-se para olhá-la de perto. — É muito mais do que você está acostumada. Aquele idiota do Stefano não sabe viver com todo o dinheiro que tem. Você não deveria ter atravessado meu caminho e nem a cadela da sua irmã. Eu teria me divertido mais com ela, lhe mostrado a boa vida antes de jogá-la para os meus meninos.



Eles são pacientes não é, rapazes? —Ele levantou a cabeça para olhar os homens na sala.

Seis deles. Os quatro que as tinham trazido da casa de Theresa Vitale e os outros dois que esperavam com Barry. Seus outros homens ainda estavam espalhados pela casa. Francesca manteve a contagem, na esperança de um número menor, mas de qualquer jeito que ela olhasse, Stefano estaria em apuros porque ele não iria trazer seus primos para essa luta. Apenas seus irmãos. Ela sabia instintivamente.

Ela não desviou o olhar de Barry ou reagiu a sua declaração vil. Ela não duvidou por um momento que Cella teria sido entregue a seus homens depois que Barry tivesse acabado com ela. Ela estava certa que isso tinha sido feito para inúmeras outras mulheres. Elas o temiam demais para testemunhar contra ele.

— Eu teria pegado você na frente dela. A irmã bebê, tão sagrada, mas você deu a si mesma para o lance mais alto na primeira oportunidade. Eu deveria ter oferecido dinheiro. Você é uma vagabunda como todo o resto delas, não é? Você faria qualquer coisa por dinheiro.

Ela ergueu o queixo. — Você sabe mais do que isso, não é, Barry? Você sabe que Stefano virá por mim porque ele me ama, é com isso que você está contando. O fato de que ele me ama. E ele ama Emme. Você não tem isso e há uma parte de você que odeia todo mundo, porque você não tem. Você não é capaz do verdadeiro amor, Barry. Não você. Você nunca saberá o que Stefano tem. Eu o amo incondicionalmente. Com tudo o que sou e faria qualquer coisa por ele. Que mulher vai dar isso a você? Você paga esses homens para que sejam leais. Eles não são leais por amor. Você engana as mulheres e depois as joga fora porque você não pode sentir nada. Nunca. Sinto pena por você.

Enquanto ela falava o rosto se avermelhava, a mancha se espalhando por todos os hematomas inchados. — Eu não sou o único sentado em uma cadeira, amarrada como uma porra de um peru, sobremesa para os homens depois que eles matarem Stefano Ferraro.



— Ele é difícil de matar, —ela disse suavemente. — Isso é o que você está preocupado, não é? Tem dez homens dentro desta casa, talvez mais. Você tem outra dúzia lá fora. O que isso diz para sua equipe e para mim? Você está apavorado com Stefano. —Ela se inclinou mais perto dele, seu olhar fixo sobre o dele. — E você deveria estar.

— Ele vai encontrar sua irmã e você o centro das atenções. Isso deve distraí-lo um pouco se ele tem tanto amor por ambas. —Ele zombou da palavra *amor*.

Ela não lhe respondeu. Apenas o observava e rezava para Emmanuelle não chamar a atenção para si mesma. Se ela o fizesse, Barry faria algo terrível. Ela sentia o ódio derramando dele a cada vez que fazia uma referência a Stefano. Mais, ele estava um pouco insano. Havia algo muito assustador em seus olhos.

Um trovão rugiu fora, perto, balançando a casa, sacudindo as janelas. As luzes piscaram novamente e apagaram, a sala escurecendo. Barry xingou. — Que diabos?

— O gerador vai ligar, chefe, —George assegurou. — Dê-lhe um minuto.

Houve um curto silêncio. Francesca podia ouvir a respiração ofegante de Barry. Ele estava muito mais com medo de Stefano do que queria que alguém percebesse. Quando as luzes piscaram de volta, fracas e amareladas, espalharam sombras por toda a sala, ela podia ver gotas de suor no rosto de Barry.

— Eu quero vocês dois guardando a porta, —Barry instruiu, acenando com a mão para Marc e Jimmy.

— Eu tenho contas a acertar com a pequena cadela, —disse Marc, indicando Emmanuelle com uma elevação do queixo.

— Sim, chefe, suas bolas estão inchadas, —Harold disse alegremente. — Ela chutou-o duas vezes. Esmagou seu rosto.



Pequena coisa assim e ele não é homem o suficiente para lidar com ela. —Arnold retomou a provocação.

— Feche a porra da boca, —Marc se enfureceu. — Eu vou te mostrar que eu posso lidar com ela.

— Saia e vigie a porta. Faça-o agora antes de eu coloque uma bala em sua cabeça. Eu disse que iria ter sua oportunidade com ela, todos vocês, e eu quis dizer isso. Seu irmão fodido virá. Ele vai querer parecer o herói corajoso para sua noiva. Eu quero você esperando por ele. Mate-o á vista. —Enquanto emitia a ordem, Barry manteve seu olhar fixo no rosto de Francesca.

Ela não piscou. Não desviou o olhar. Dentro, seu coração gaguejou perigosamente, mas ela não deu nenhum sinal visível de que estava de forma alguma preocupada. Ela não estava disposta a dar-lhe esse tipo de satisfação.

— Você está tão certa de que ele vai te salvar, —Barry disse amargamente. — Talvez seja tarde demais e ele chegue aqui e encontre sua garganta cortada. —Ele se aproximou dela e empurrou uma faca contra sua garganta, a lâmina cortando-a.

Ela não se afastou. — Como se isso não tivesse sido feito um milhão de vezes para mim já, Barry. Você precisa de material novo. —Francesca forçou o tédio em sua voz. Ela até deu um leve bocejo. — Na minha primeira ou segunda semana aqui em Chicago, isso aconteceu comigo duas vezes.

— Você quer material novo? —Barry rosnou. Ele puxou a lâmina para longe de sua garganta, as fendas amarelas dos olhos avermelhando juntamente com seu rosto. — Você quer ver material novo? —Ele repetiu, sua voz fora de controle. Alto. Insana mesmo. Ele agarrou a faca pelo cabo e a desceu com força em sua coxa.

Ela gritou quando a lâmina atravessou sua coxa e saiu do outro lado. A dor queimava através dela, deixando-a sem fôlego, seu coração batendo forte o suficiente para quem quisesse ouvir. O sangue rugiu em seus ouvidos. Ela tinha ouvido falar de homens sendo torturados, estoicamente sem fazer barulho e não pôde imaginar como eles fizeram isso. Ela não podia recuperar o fôlego, ou tirar os olhos do cabo da faca que saía de sua coxa.



Barry puxou a faca e limpou o sangue em sua calça jeans, sorrindo para ela. — Isso é novo o suficiente para você, *puta*? Você quer mais? Posso lhe mostrar mais. —O ódio queimava em seus olhos. Alegria maníaca. Ele gostou de seu medo. Sua dor. Ela viu a verdade em seus olhos. Ele precisava ver essas coisas. Ela tinha estado muito calma e não lhe tinha dado a atenção, ou o respeito que ele sentia que merecia.

Hipnotizada pelo olhar em seu rosto grotescamente inchado, e o vermelho amarelado dos seus olhos, Francesca o observou tocar a ponta da lâmina em seu ombro esquerdo. Ele colocou uma mão no cabo da faca, pronto para enfiá-lo em sua carne ali. Durante todo o tempo ele sorria para ela. George riu. Harold segurava sua garganta. Ninguém mais fazia um som, apenas esperando. Todos eles observando hipnotizados como ela, ao mesmo tempo desfrutando do tormento de Barry, forçando-a a esperar.

— Por que é que quando um homem não gosta de algo que uma mulher faz, algo que ele mesmo faria, ele a chama de cadela? —Emmanuelle perguntou, a voz calma como sempre. — Eu sempre me perguntei sobre isso. É porque você é uma cadela, Barry? Lamentando-se sempre com a mamãe quando as coisas não saem do seu jeito? Eu vi você na pista quando seu carro não ganhou e você teve aquele ataque. Esse foi o comportamento de uma cadela.

— Será que alguém o chamou de cadela, então? Porque eu pensei que você era uma cadela total. Você gemeu, gemeu e reclamou, agiu como uma menina má no ensino médio. Mimada e cruel só porque você era uma das crianças populares. Mas você realmente só era popular porque mamãe e papai tinham dinheiro.

Francesca arriscou um olhar ao redor da sala, sua respiração engatando na garganta. Emmanuelle estava brincando com fogo. Barry iria matá-la por isso. Um duro golpe em seu orgulho seria pior para ele do que uma surra física. Os homens estavam todos rindo, sem se atrever a olhar para seu chefe, mas, obviamente, apreciando o fato de que Emmanuelle tinha insultado Barry.



Barry virou a cabeça lentamente em direção as sombras onde Emme estava sentada na cadeira, com as mãos amarradas na frente dela. Ele lembrou a Francesca uma cobra com suas fendas vermelhas nos olhos e sua expressão fria. Ela umedeceu os lábios, aterrorizada por Emmanuelle. Barry se afastou de Francesca, sem tirar os olhos de Emme.

Francesca cronometrou o momento, esperando até que Barry estava a um metro e meio de Emmanuelle. — Na realidade, Emme, —disse ela. — Ele não é uma cadela—ele é um *maricas*. Você é realmente uma mulherzinha, não é, Barry? Você sempre tem que ter os seus grandes homens maus ao redor, porque você não consegue fazer sozinho, você precisa deles para cuidar de uma mulher enquanto você só pode assistir. —Ela nunca disse algo assim em sua vida. Nem uma única vez. Mas ela teve que pensar em alguma coisa para tirar sua atenção de Emme.

Sua perna queimava e manchava de sangue suas calças jeans favoritas, mas ela tinha quase esquecido a facada em seu medo pela irmã de Stefano. Barry a mataria com certeza.

Barry fez um som em sua garganta. Um grunhido. Como um cão rosnando para algo ou alguém que o provoca. Ele se virou, movendo-se em direção a Francesca. Relâmpagos ziguezaguearam pelo céu, iluminando o espaço uma segunda vez, lançando suas sombras sobre o chão e ao longo das paredes. As luzes amarelas maçantes piscaram. Toda a atenção estava em Barry. Ninguém conseguia desviar o olhar, hipnotizados pela expressão enlouquecida na cara dele. Duas linhas de saliva brilhante penduradas de cada lado de sua boca. Parecia como se estivesse espumando pela boca, como um animal raivoso.

— Você está morta. Aquele filho da puta hipócrita vai encontrar sua irmã e sua noiva mortas. E então eu vou matá-lo. —Ele correu em direção a Francesca.

— Você não pode matar Stefano, seu idiota, —Emmanuelle provocou. — Eu estou amarrada, e você não pode me matar. Como você acha que alguém tão *inepto* como você poderia ser melhor que meu irmão?



Barry virou-se, desta vez, a poucos metros de Francesca. Ela podia sentir o cheiro de suor que exalava de seu corpo. Sentir o calor da sua ira. Ela olhou na direção das sombras onde Emme estava, assim como todos na sala. Na fraca iluminação Francesca já não podia ver nada a não ser as pernas da cadeira. O resto da cadeira e as pernas de Emmanuelle tinham desaparecido nas sombras. Barry deu três passos em direção ao outro lado da sala, procurando desesperadamente encontrar a irmã de Stefano.

Francesca sentiu mãos em seus braços. Emmanuelle a ajudou a levantar-se, forçando-a a dar um passo a frente para a direita na boca de uma das sombras. Houve uma terrível sensação de dor em seu corpo, como se ela estivesse fragmentando, e, em seguida, Emme ficou imóvel, com os braços ao redor dela.

— Não se mova, —Emmanuelle disse baixinho em seu ouvido. — Eles não podem te ver. Não faça um som e não se mova.

Francesca assentiu, agarrando-se a ela, com medo de cair, sabendo que Emmanuelle a tinha levado para dentro de um portal. Sua perna latejava e ardia. Sentia-se como borracha, mas ela estava determinada a ficar de pé. As amarras das mãos de Emme se foram, embora as de Francesca ainda estava amarradas, unindo os pulsos, então ela teve que enrolar os dedos na jaqueta de Emmanuelle.

Barry correu para a cadeira para onde seus homens tinham empurrado Emmanuelle Ferraro. As cordas estavam no chão e ela não estava mais lá.

— Patrão ... —Disse Harold. Com cautela em sua voz.

Barry se virou e, para seu horror, Francesca tinha sumido também. — Onde elas estão? —Ele perguntou, segurando o punho da faca, segurando-o na frente dele como se pudesse se defender contra um atacante invisível. — Onde diabos estão elas?

Seus homens balançaram a cabeça.



— Bem, encontre-as, —ele gritou. — Encontre-as agora porra. Se vocês não trouxerem elas de volta em cinco minutos, eu juro que vou cortar suas cabeças.

Harold, Arnold e George correram para a porta. Larry permaneceu apoiando seu peso contra o bar, sorrindo como um maníaco, não obedecendo a uma ordem direta. Isso foi bom para Barry. Ele precisava de um alvo para descarregar sua ira.

— Eu vou esculpir a porra do meu nome em sua garganta. —ele prometeu, e caminhou pela sala. O desejo de matar era forte. Ninguém o humilhou e viveu para contar sobre isso. Ele iria cortar as mulheres em pequenos pedaços, mas primeiro cada um de seus homens iria tê-las de tantas maneiras quanto possível, ele filmaria tudo e faria Stefano Ferraro assistir ao filme antes de morrer.

Os Ferraro sempre agiram tão superiores e poderosos, todo mundo tinha medo deles. Bem, todos temiam o homem errado. Ele chegou ao bar e deu a volta em torno dele, aproximando-se do lado esquerdo de Larry. O homem não tinha movido um músculo. Não tinha olhado para ele, quando estava olhando tão intensamente momentos antes. Larry estava muito quieto. Um calafrio percorreu a espinha de Barry e ele recuou. Ele podia ver que a cabeça de Larry estava em um ângulo peculiar, como se seu pescoço estivesse quebrado. Barry se afastou do bar. O homem estava definitivamente morto.

Mas como? Ninguém tinha entrado na sala. Ninguém tinha estado perto de Larry.

Ele tinha ouvido rumores sobre a família Ferraro. Estúpidos, ridículos, impossíveis rumores, sobre como eles poderiam fazer as coisas acontecerem às pessoas sem nunca deixar suas casas. Que seus inimigos acabavam morrendo ou desaparecido. Era um absurdo. Eles não eram parte de qualquer família do crime. Ele checkou suas conexões várias vezes, só para ter certeza de que não ia dar um tiro no pé quando abusou de um par de condutores na pista. Ele tinha se assegurado que não estavam no crime organizado, embora os rumores persistissem.



Um relâmpago iluminou o quarto e quase simultaneamente um trovão explodiu, sacudindo a casa novamente. Era uma enorme casa bem construída e não deveria estar tremendo. A chuva judiava dela e o vento gritava e uivava.

Sombras alongadas cresciam, saindo de tubos de aparência estranha de todas as direções. Os tubos pareciam braços chegando a ele. Fora da sombra uma faca apareceu, a ponta entrando profundamente em seu antebraço.

Ele gritou. Eloisa Ferraro estava ali de repente. — Você não deveria ter esfaqueado ela, Barry. — ela disse, e então se foi de novo, como se nunca tivesse estado lá. Como se ela fosse um fantasma. A porra de um fantasma.

Com um xingamento, ele se virou e correu em direção a porta, em direção a segurança de seus homens. Abrindo a porta, tropeçou em algo pesado no chão. Ele caiu com força. Muito duro. Seu corpo rolou e com um soluço de frustração ele empurrou-se para suas mãos e joelhos, olhando rapidamente ao redor para ver onde sua equipe estava, para ver se algum deles tinha testemunhado mais essa humilhação.

Marc estava no chão do outro lado da porta, seu corpo amarrado em uma teia de nós intrincados, com a cabeça para trás em um ângulo impossível. Parecia que tinha lutado e as cordas em volta do pescoço tinham apertado até que ele tinha se estrangulado. Os nós formavam um estranho e elaborado arnês. A vários metros dele, suspenso do teto pelos pulsos, estava Jimmy. Os nós formavam o que pareciam ser mangas compridas que iam pelos braços até os ombros e formavam um círculo em torno de sua garganta. Olhando com horror, Barry podia ver onde Jimmy tinha se agarrado o maior tempo possível, mas, sua força cedeu e ele se enforcou.

Barry xingou e se arrastou para trás, subindo rápido. Ele tinha ouvido falar de tais nós, mas ele sempre os associou com *bondage* ‘escravidão erótica’. Ele tinha ido a uma demonstração uma vez, mas era uma arte para a qual não tinha paciência para aprender. Durante a demonstração, tinha ouvido um pouco de história e sabia que os nós tinham sido usados originalmente



para conter os prisioneiros e às vezes torturá-los. Ele não tinha escutado muito porque só estava interessado em olhar a mulher nua amarrada.

Uma sombra se moveu no chão onde o corpo balançava e mais uma vez aqueles tubos estranhos se aproximaram dele como braços. Uma faca mergulhou em sua coxa, uma mão ao redor do cabo. Ela emergiu das sombras como a anterior.

Em seguida, Ricco estava lá, balançando a cabeça. — Não deveria tê-la tocado com uma faca, Barry. Você não vai estar inteiro até o final disto. — Em seguida, ele se foi. Foi. Desapareceu. A faca ainda estava em sua perna, o sangue borbulhando em torno da lâmina. Barry estava com medo de puxá-la, mas era grotesca lá. Ele estava perdendo sua mente. Não havia outra explicação. Ainda assim, ele estava sangrando de dois ferimentos de faca, mas sombras não eram vivas. Isso não poderia acontecer. Não na vida real. Ele estava tendo alucinações?

— George! Arnold! — Ele gritou para os dois homens que estavam com ele a mais tempo antes de Del. Del era um grande advogado e gostava de brincar com as mulheres, mas não era tão bom em brigas como George e Arnold.

Ninguém lhe respondeu. Diferente do vento uivante e do som do piano, ele não podia ouvir um som vindo de qualquer quarto. Ninguém estava vindo para ajudá-lo. Ele teve que tirar a faca de sua perna ele próprio. Respirando fundo, ele passou os dedos firmemente ao redor do cabo e puxou com força. Por um momento o mundo girou e ficou preto. A dor era insuportável, pior do que quando a lâmina tinha entrado.

Barry largou a faca e rasgou sua camisa para envolver a ferida. Doía demais, mas não havia sinais de hemorragia arterial. O estúpido filho da puta não conseguia nem encontrar uma artéria. O quão estúpido eram os irmãos Ferraro de qualquer maneira? Trazendo uma faca para um tiroteio? Ele atirou a faca de Ricco para longe e então a sua própria, para tirar a arma do coldre sob o braço. Ele tinha quase esquecido. Ele geralmente não fazia nenhuma dessas coisas pesadas—esse era o trabalho de seus homens—mas



ele podia se tivesse que fazê-lo. Este era um caso de se ele quisesse o trabalho feito certo, ele teria que fazer isso sozinho.

Del. Del estava perto, na sala ao lado. Seu advogado não queria saber de nada do que ia acontecer com Stefano. Ele não gostava de sujar as mãos. Ele alegou que era a lei e precisava da negação, mas ele era um covarde. Ele gostava de participar com as mulheres. Na verdade, ele era um dos piores, espancando-as enquanto as fodia antes de ir para casa com sua esposa e filhos. Ele gostava especialmente das mais jovens. Adolescentes. Mais de uma vez os homens de Barry tiveram que limpar suas merdas, mas ele era um maldito de bom advogado assim Barry o mantinha ao redor. Desta vez, o bastardo usaria uma arma.

Barry obrigou-se a se mover. Ele estava tremendo o que só o irritou mais. A porta do quarto de Del estava aberta e ele entrou. O próprio Del estava jogado na cama, com as mãos atrás da cabeça, olhando fixamente para o teto. A chuva batia contra a janela com tanta força que a janela chacoalhou. Sombras corriam ao longo das paredes e do outro lado da cama.

— Levante-se, seu fodido preguiçoso, — Barry retrucou impaciente com a maneira que Del sempre escolheu para ficar fora da sujeira com o resto deles.

— Ele não pode, Barry. — A voz suave de Emmanuelle disse em seu ouvido. Ela estava bem atrás dele. Grudada. Ele podia sentir sua respiração contra seu pescoço. — Ele está morto. Sinto muito. Seu pescoço quebrou quando ele tentou me estuprar.

Antes que ele pudesse se virar, antes que ele pudesse fazer um movimento, uma lâmina quente afundou em seu lado. Baixo. Entre suas costelas. Fogo correu através dele. Sua respiração deixou seu corpo em uma corrida concentrada ou ele teria gritado a casa para baixo.

— Você não deveria ter esfaqueado Francesca, Barry. Foi muito estúpido de sua parte.

A faca recuou e ele girou uma mão presa à ferida, a outra segurando a arma. Ele girou, xingando. Lágrimas escorrendo de seus olhos inchados.



Não havia ninguém lá. Somente sombra. Respirando pesadamente, ele se encostou na parede, tentando pensar. O ferimento na perna foi o pior. Ricco realmente o havia pregado. Eloisa mal o arranhou. A faca de Emme doía, mas realmente, quão ruim era?

Ele ainda conseguia respirar. Ele tinha a arma. Foda-se a maldita família Ferraro. Ele só precisava reunir seus homens. Denny e Si estavam na sala de bilhar. Bastardos preguiçosos. Eles estavam sempre fazendo palhaçadas, alheio ao que se passava à sua volta. Ele tinha que chacoalhá-los. Ele pagava um maldito bom dinheiro para fazerem o que ele dissesse. Ele correu pelo corredor, arrastando a perna, xingando a cada passo. Ele bateu o punho na porta da sala de bilhar e ela se abriu.

Denny estava no chão. Ele tinha marcas em seu rosto, como se tivesse sido surrado. Seu taco ainda estava agarrado como uma arma em sua mão. Si estava sobre a mesa, as mesmas marcas nele, o taco quebrado. O coração de Barry acelerou. Duro. Ele provou o terror pela primeira vez em sua vida. O vento levantou-se e dirigiu a chuva para as janelas. Do lado de fora, as árvores balançavam macabramente, as sombras dançando através da janela sobre as paredes e pisos, até mesmo no rosto de Denny como se rindo dele.

— Não deveria ter enfiado aquela faca nela, você se fodeu. —disse Giovanni, e enfiou uma faca na perna boa de Barry.

No alto. Em sua coxa. Uma ferida quase idêntica à que seu irmão Ricco tinha feito. Barry gritou. Ele não conseguia parar de gritar quando disparava a arma repetidamente em Giovanni. Mas Giovanni tinha desaparecido como se nunca tivesse estado ali. Como se ele não fosse humano. Um espectro. Um fantasma. Barry enxugou os olhos com sua arma da mão e caiu contra a parede. Ele tinha que sair de lá. Ele poderia contratar alguém para matar Stefano e toda sua família. Exterminá-los. Ele ficaria satisfeito com isso. Ele não tinha necessidade de vê-lo ser feito, contanto que fosse feito.

Ele envolveu o ferimento de sua perna e foi para a cozinha, com a intenção de sair pelo caminho de trás. Tinha um carro esperando lá fora. Sempre havia um carro. Ele enviou Arnold e Harold para caçar as mulheres.



Se tivesse sorte, eles ainda estavam vivos e poderiam sair com ele. Ele parou em frente a cozinha. Não havia porta, apenas um arco. O lugar parecia calmo—tão quieto que podia ouvir o piano.

Fang se acalmava tocando. Ele ainda estava vivo. A música soou melhor do que nunca—mas bizarra, como se o drama que se desenrolava na casa fosse nada mais do que uma peça de teatro em que ele estava preso no meio.

Arnold estava sentado no bar da cozinha, um sanduíche na frente dele. Havia presunto inteiro em fatias finas sobre o balcão ao lado do prato com o sanduíche. Harold estava encostado na parede atrás do bar. Barry entrou e correu para eles. — Levantem-se. Nós temos que sair daqui. Os irmãos Ferraro são todos ... —A voz dele sumiu.

Arnold estava preso à cadeira por uma série de facas, seus olhos bem abertos e olhando horrorizado. Harold estava preso a parede por facas que iam de sua barriga ao peito. Barry cambaleou para trás, alcançando o arco para apoiar seu corpo tremendo. Ele olhou descontroladamente ao redor. Não havia ninguém. Só o silêncio. As sombras brilharam pela porta dos fundos como se o desafiasse a entrar nelas. Ele balançou a cabeça, soluçando. De jeito nenhum. De jeito nenhum ele estava saindo por aquela porta, não com as sombras se movendo através dela.

— Eu gosto de facas, Barry. Aprendi a cozinhar na Europa quando eu estava treinando lá, — disse Taviano, sua voz perto do pescoço de Barry. — E usar facas para todos os tipos de propósitos.

Barry levantou a arma e Taviano a esbofeteou. Facilmente. Tão facilmente. Barry fechou os olhos, sabendo o que estava por vir, tentando endurecer a si mesmo.

— Eu lhes dei uma pequena demonstração, mas eles não ficaram impressionados, ou pelo menos não disseram isso. Você sabe que não deveria ter esfaqueado ela. Ela é nossa. Estúpido, Barry, mas, você sempre foi um idiota burro.



A faca entrou do outro lado, no mesmo ponto em que Emmanuelle o tinha furado. Ele sabia que não havia sentido em procurar Taviano. Ele tinha desaparecido, assim como todos os outros Ferraro tinham desaparecido.

Como fantasmas. Barry ficou muito quieto, encostado na arcada, soluçando. Ele não tinha ideia de quanto tempo ele ficou lá, sangue escorrendo em suas roupas, sua mente sem compreender.

Isso não poderia estar realmente acontecendo com ele. Ele sempre ganhava. Ele estava sempre no controle. Agora ele estava cambaleando neste mausoléu, sangrando de múltiplas facadas, seus homens mortos lá dentro. O som do piano penetrando o barulho da chuva e do grito do vento. Relâmpagos ainda iluminavam o céu, como se a tempestade estivesse parada sobre a propriedade que tinha alugado. *Fodida família Ferraro. Achavam que eram a própria Chicago.* Ele se afastou da parede e tropeçou pelo corredor em direção à sala grande e ao som do piano. Fang ainda estava tocando, aparentemente inconsciente das mortes que ocorriam ao seu redor. Mais, o concerto que ele tocava era complicado, difícil, algo que Barry não teria pensado encontrar no repertório de Fang.

Barry tinha ido a vários concertos com sua mãe e ouviu os maiores pianistas do mundo tocar. Fang não era um deles, mas sua forma de tocar agora era excelente. A bela música soava tão incongruente, como um pano de fundo para a feiura acontecendo dentro da casa.

Barry irrompeu na grande sala e a primeira coisa que viu foi George. O homem estava deitado ao lado do banco do piano, seu pescoço em um ângulo estranho, com os olhos abertos e olhando horrorizado. Fang estava de barriga para baixo, do outro lado do piano. O homem que tocava era Vittorio Ferraro. Ele virou-se de repente, uma mão levantando do teclado. Em um movimento ele pegou a pequena faca de arremesso, virou-se e atirou-a em Barry, o tempo todo, a outra mão ainda tocava. Então, a segunda mão se juntou, mesmo antes que a faca afundasse no ombro de Barry.

— Não devia ter esfaqueado ela, Anthon, — Vittorio disse, e dispensou-o, mantendo-se de costas para ele enquanto tocava o concerto.



Dispensou-o. Como se ele não fosse nada. Foi humilhante. Se ele ainda tivesse sua arma, mataria o filho da puta. A faca mal o feriu, não mais que as feridas em suas coxas latejantes e queimando. Nenhuma faca tinha tocado um ponto vital. Nenhuma ...

Barry olhou em volta, com o coração batendo forte. Ele sentiu as mãos em ambos os lados de sua cabeça. Quase suaves.

— Você está morto, Barry. A justiça foi feita. —Stefano quebrou o pescoço de Barry Anthon.

Ele deu um passo para trás, soltando o corpo para o chão. — Você ligou para Sal? Ele realmente vai precisar limpar este lugar.

— Está feito. Pegue sua mulher e vamos para casa.

Stefano acenou com a cabeça e voltou para pegar Francesca. Ele entrou no portal onde ela estava esperando por ele com Emme. Emme havia embrulhado a ferida na coxa de Francesca, mas Stefano a levantou em seus braços. — Coloque seus braços ao redor do meu pescoço e seu rosto no meu ombro, *bambina*. Mantenha os olhos fechados. Eu não quero que você veja nada disso.

— Ok, —ela concordou suavemente.

— Acabou, Francesca—ele está morto. Ele nunca machucará outra mulher.

— Obrigado, Stefano. A todos vocês. Vamos para casa.

Stefano entrou na sombra seguinte e levou sua mulher para casa.



Epílogo

Stefano estava de pé junto ao altar, com o coração acelerado.

Ele nunca tinha realmente acreditado que esse dia chegaria. Ele olhou para seus irmãos ... e viu o mesmo olhar em seus rostos, e eles sabiam que estavam sozinhos. Descrença. Temor. Esperança crua. Eles eram cavaleiros de sombra, homens e mulheres com responsabilidades que não lhes permitiam escolher o que queriam. Encontrar alguém que pudesse amá-los, alguém disposto a partilhar as suas vidas, era raro e quase impossível de acreditar que poderia ser verdade.

Mas lá estava ela. *Francesca*. Sua mulher. Caminhando em direção a ele, parecendo uma visão, muito bonita e etérea para ser real. Vestida de renda branca, seu vestido agarrado ao seu corpo, mostrando suas curvas e a ridiculamente pequena cintura que ele gostava de abraçar. Seu cabelo estava solto, exatamente como ele tinha pedido, quando sua mãe e sua irmã insistiram em prendê-lo no alto. Ela tinha feito isso por ele, discutido e ganhado apenas para agradá-lo. Seu véu era intrincado em torno de sua face. Ela estava de braço dado com Pietro.

Emilio e Enzo tinham disputado o privilégio de levá-la até o altar para ele, mas Pietro tinha pedido, e, no final, eles decidiram que ela precisava de uma espécie de família. Joanna levantou-se por ela. Enrica e Emme estavam bem. A concussão de Enrica não a tinha mantido fora da festa de casamento. Stefano não podia vê-las. Somente Francesca. Apenas sua mulher, caminhando em direção a ele, dando não só a ele, mas a seus irmãos e irmã a promessa de um futuro.

A igreja estava transbordando. Família. Primos de Nova York e San Francisco. O ramo em Los Angeles tinha tirado a palha curta e teve que ficar longe. O bairro inteiro, todos na vila, tinham sido convidados, e a maioria



veio. Ele até mesmo viu Dina, vestindo o casaco de Francesca, sentada lá atrás na igreja.

Nicoletta fez sua primeira aparição pública com Lúcia e Amo, sentada entre eles, parecendo pálida e um pouco assustada, mas ela estava lá. Mesmo assim, Stefano só conseguia ver sua mulher. Ele desceu para encontrá-la, tomou sua mão da de Pietro e puxou-a até que ela estava ao lado dele, exatamente onde estava destinada a ficar.

Eles se voltaram para o sacerdote juntos, o coração cheio de alegria quando ele disse seus votos de amor e estima. Ele faria isso ... por todos os tempos.

 **FIM** 



Próximo Lançamento



LIVRO 02 – CEIFADOR DE SOMBRA, TRAZ A HISTÓRIA DO RICCO, O MAIS VOLÁTIL DOS IRMÃOS FERRARO.

Bilionário playboy Ricco Ferraro não conhece outra vida. Ser um cavaleiro de sombra está em seu sangue? Mas assim que um desespero assombroso emana dos segredos de seu passado escuro. Sua imprudência não só põe sua vida em risco, mas o futuro de toda a sua família. Para salvá-los todos, ele deve encontrar uma mulher que possa satisfazer todos os seus desejos com um calor todo seu próprio ...

Apenas quando Ricco perdeu a esperança, a encontra!

Uma mulher misteriosa cuja a sombra conecta com ele. Ela é alguém que procura um refúgio seguro contra o perigo que a perseguiu nos últimos meses. No abraço de Ricco, ela encontra um. Mas a escuridão em que eles muitas vezes encontram santuário também pode consumi-los ...

